



JESU-CHRISTO

Typographia Firmin-Didot. — Mesnil (Eure).



Werner lith. — Imp. F. Didot Paris

O TRIUMPHO ETERNO DE JESUS CHRISTO



JESU-CHRISTO

PÔR

LUIZ VEUILLOT

OBRA SEGUIDA DE

UMA TENTATIVA ACERCA DA ARTE CHRISTÃ

POR E. CARTIER

1 VOL. IN-4°

ILLUSTRADO COM 180 GRAVURAS EXECUTADAS POR HUYOT & FILHO
E 16 CHROMO-LITHOGRAPHIAS

SEGUNDO

Os monumentos artisticos desde as Catacumbas
até aos nossos tempos

TRADUCÇÃO PELO EXMO SR

VISCONDE DE CASTILHO



PARIS

PLANO D'ESTA OBRA

Parte I. — Jesu-Christo annunciado, *esperado, e necessario á regeneração do homem.* — *Parte II.* — Vida de Jesu-Christo. — *Parte III.* — Jesu-Christo continuado no mundo. *A idéa principal da terceira parte d'esta obra é a emancipação e augmento da humanidade pelas nações christãs sob a influencia da Igreja.*

Nao é este livro obra de polemica. O autor nao refuta; expôe, e dirige-se não só aos crentes, mas tambem a todos os homens de vontade sã.

Quando se trata dos grandes personagens que figuraram na scena do mundo, é uso, ao traçar-lhes a historia, traçar tambem a do seculo que elles repassaram do seu espirito. O seculo de Jesu-Christo dezoito vezes renovado não deixa de proseguir. Se Christo podesse, lá para o futuro, ser apenas um assumpto historico, sob esse ponto de vista continuaria a ser digno das nossas meditações. Ora, passados dezoito seculos, ainda elle se ergue vivo.

O capitulo intitulado Jesu-Christo na arte *é devido a um escriptor especial e competente, o senhor E. Cartier, já de muito conhecido pelas suas producções acerca da arte christã.*

A parte illustrativa abrange a pintura, a esculptura, e a architectura. Timbrou-se em não omittir cousa alguma entre as obras que mais cabalmente expressaram a idéa christã; rebuscou-se em todas as escolas, em todos os mestres. Desde o tempo das Catacumbas até hoje, passaram-se em revista as obras todas, onde Christo foi glorificado, e apresentaram-se as melhores aos olhos do leitor. Não houve receio das comparações; não se temeu mostrar o mesmo assumpto tratado successivamente

por algum artista christão, e por algum pincel ou escopro realista. Por isso é que á esculptura da Creação do homem por João de Pisa, no XIII° seculo, se contrapoz o mesmo assumpto pelo genio possânte de Miguel Angelo; ao par da agitada e pittoresca scena das bodas de Caná, pelo Veronez, vão as scenas singelinhas dos nossos manuscritos medievicos. De tal comparação brota doutrina; e n'essas reproducções de obras de mestres vai, por que assim o digamos, uma viva abreviação da historia da Arte. Não podia aspirar a mais sumptuoso commentario a obra do senhor Veuillot. É a acção de graças que todas as nações e todos os tempos tributaram nas artes bellas a Jesu-Christo preparado, vivo, e continuado no mundo.

* * *



PRIMEIRA PARTE



JESU-CHRISTO ESPERADO

I

DEUS E O HOMEM



No evangelho ha duas entidades : Deus, e o homem. O logar adscripto ao homem não é menor que o de Deus. É pelo homem que Deus baixou dos ceos; é por elle que o Espirito increado assume o peso da carne; por elle, que o Infinito se circumscreve n'esta prisão, e que o Todo Poderoso acceita as nossas enfermidades; é por elle, que a pureza suprema assume a ignominia do peccado; por elle, que o Immortal vem experimentar a morte, e morte em cruz! E o motivo de todo esse affecto inconcebivel é o homem. Logo olharemos para Deus; mas o homem que é?

Segundo o que diz a *sciencia* mais recente, é o homem um animal que inventou a Deus : « Tanto que o homem *se differençou do animal*, tor« nou-se religioso. » Denuncia esta phrase scientifica a idéa primaria de certos livros, escriptos no intuito de alluirem a fé em Jesu-Christo-Deus, maneira certa de alluir a religião e a razão, e rebaixar o homem ao que se affirma ter elle sido : um animal.

Não custou ao homem o tornar-se religioso. Foi-o desde a sua origem, por ter conhecido antes de cousa alguma o Deus que o havia creado. Mais acertado portanto seria dizer-se, que, ao deixar de ser religioso, então é que o homem se não differença já do animal. O caracter distinctivo do homem rebaixado a bruto é não discernir as cousas divinas.

Essa alta qualidade, de ser por indole religioso, não nos dá porém a conhecer sufficientemente o homem. Porque é o homem religioso? Que sabe elle de Deus? Mais ainda : que sabe elle de si proprio? Todas as noções que d'isso adquire, a poder de se considerar em si mesmo e no mundo externo, não passam de trevas, duvida, vergonha, desespero. É o homem apenas um atomo nos abysmos do espaço; terá em si a plena consciencia do seu ser? E comtudo sente-se grande, e é justo esse sentimento; mas d'onde lhe vem a consciencia de que é grande?

Conhece o individuo o dia da sua entrada na vida. Conhece por acaso o dia em que realmente começou a viver? tanto como conhece o da sua morte; e morre, sem saber em que momento viveu. Entre essas duas datas, a do nascimento e a da morte, n'esse lapso brevissimo, nasceu varias vezes, viveu vidas diversas; e pergunta a si proprio, se por ventura existiu.

Caminha, falla, pensa, e tem uma acção no mundo. Entretanto morreu, e muitas vezes, e de differentes mortes; e sente-o mui bem; e tambem sente que nunca ha de morrer.

O homem é finito; reconhece-o logo que lança um olhar sobre si mesmo; e finito por tal forma, e a tal ponto limitado, que nem já sabe se existe. A sua intelligencia, instrumento que o serve sempre, até mesmo quando os orgãos se lhe recusam, furta-se-lhe n'esse ponto, amedronta-se, dissipa-se, duvída de si propria, e fal-o duvidar a elle de si mesmo. Não é mais a intelligencia humana do que um nada no nada. E essa evidencia do nada humano é que é o refugio derradeiro onde o pensamento reconhece bem ao certo a sua existencia. Existe, sim, porque não pôde inventar-se a si propria, e porque tem alto custo em conhecer-se.

Comtudo é obra do Ser infinito esse finito miseravel; e na obra transparece o que quer que seja do obreiro, o que quer que seja do Infinito. Eis ahi assumpto maior que um mundo! O homem, limitado por toda a parte, existe porém em toda a parte. O pêso, a fraqueza do corpo não lhe acorrentam o pensamento. O pensamento acompanha-o por onde quer que elle ande; e elle gira por todo o universo. Estão-lhe patentes os espaços; são seus os tempos; e ainda o homem se arroja para alêm dos limites dos tempos e dos espaços. Este ente, que a muito custo se vê a si proprio no presente, este ser collocado entre dois minutos, um que já passou, e outro que ainda não existe, vivia comtudo, desde antes do seu nascimento; vivia nos avós; e depois de morto, ha de viver nos

descendentes, ha de viver nas suas obras, filhas innumeraveis, nascidas de um instante, para nunca mais haverem de perecer. Antes d'elle, tudo foi feito para elle, tudo contribuiu para formar o meio em que havia de viver; e elle proprio toma parte no que depois d'elle tem de vir. É captivo, e tem azas de liberdade; é cego, e alcança para lá do sol, da banda

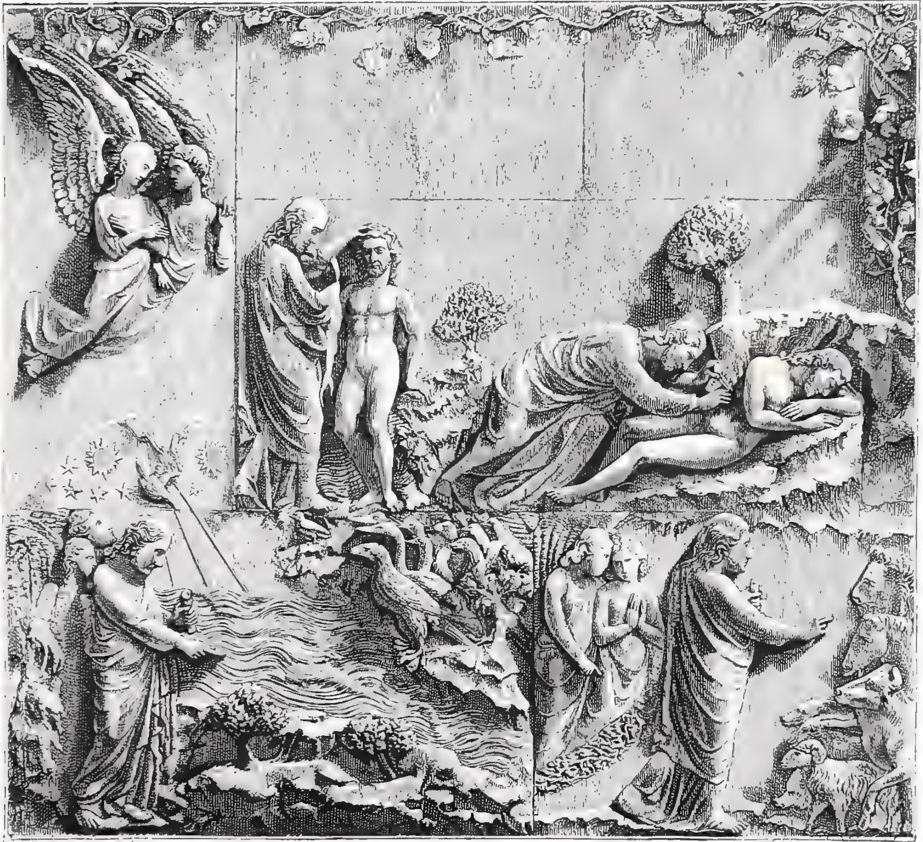


Fig. 1. — Creação do homem e da mulher; baixo relevo por João de Pisa na cathedral de Orvieto. Seculo XIII. Empenhou-se o artista em expressar o respeito e o affecto do Creador pela sua creatura.

do dia; e da banda da noite, para lá das sombras. O seu olhar perscruta mais longe que os mais apartados horizontes. Foi pó sem nome, hontem; será pó sem memoria, amanhã; imperceptivel n'este planeta perdido na poeira luminosa dos astros; só lhe cabe um relampago no decurso do tempo; e não obstante, vivo no primeiro homem, pleiteia antiguidade com o tempo, e ha de continuar a existir quando o tempo houver cessado de existir. Quando Deus bradou : « Façâmos o homem á nossa imagem, » nasci eu. Foi esse o meu nascimento verdadeiro? Ainda não.

Proferiu Deus essa phrase, e cumpriu-a no momento marcado em seus designios; mas esses designios moram n'elle desde toda a eternidade.

Fui creado no tempo, concebido na eternidade, e sou creado para a eternidade. Não tenho de morrer, porque as obras de Deus não fôram feitas para morrerem. A materia a que se não junta a alma, nada é. É para a creação o que o meu vestido é para o meu corpo; e esse corpo isolado não sou eu; é apenas o trajo, que se gasta, e se muda. Varias vezes tenho trocado o vestuario; varias o corpo. Onde jaz o meu corpo infantil? onde se sumiu a flôr e a força da minha juventude? Tudo isso pereceu, como pereceram os sons e os perfumes que passaram no ar; tudo isso deixou o residuo que deixam as mortas hervinhas de um telhado. A creação verdadeira, a immorredoura creação, é o que foi feito *á imagem de Deus*. Isso constituiu-se perfeito desde a origem, e não ha de morrer nunca.

Como se vê, pôz Deus, pelo seu poder immenso, na morte a eternidade, no mutavel a immutabilidade, e no finito um vislumbre do Infinito.

Isso é o homem, não o homem todo, nem sequer o homem no limite em que lhe é dado conhecer-se, visto que não fallo aqui nos thesouros e nas ardencias do seu coração. E um tal ser nada mais foi no seu principio, do que um animal, como os outros que fôram creados para o servirem, e não pensam!? E permaneceu entre essas greis sem vida, até ao ponto em que soube « distinguir-se » por se tornar religioso, isto é por inventar o pensamento, e crear Deus!?

É embuste já antigo na « sciencia » este de rebaixar o homem, até ao ponto de lhe collocar a origem na linha do animal, e até mesmo mais abaixo. Depois enfuna a sciencia as vaidades humanas, fazendo entrever aos homens o que lhes custou de esforços saírem-se da sua fraqueza nativa; e por ahi persuade-lhes que só a si mesmos são devedores dos seus augmentos. « Vê — diz a sciencia — onde já conseguiste subir! não pares; desliga-te a mais e mais das tuas faixas infantís, e vae subindo sempre! has de vir a ser um Deus; has de vir a ser o Deus unico! »

A isso é que se chama « espirito moderno. » Moderno? não; esse arrasoado, inscripto já na pagina primeira da historia humana, foi a primeira blandicia que o homem escutou a Satanaz.

Bom é lembrar ao homem que a mão de Deus lhe formou o corpo, assim como o sopro de Deus lhe influiu o espirito.

A julgar pela apparencia, é o homem um animal, e um miseravel ani-

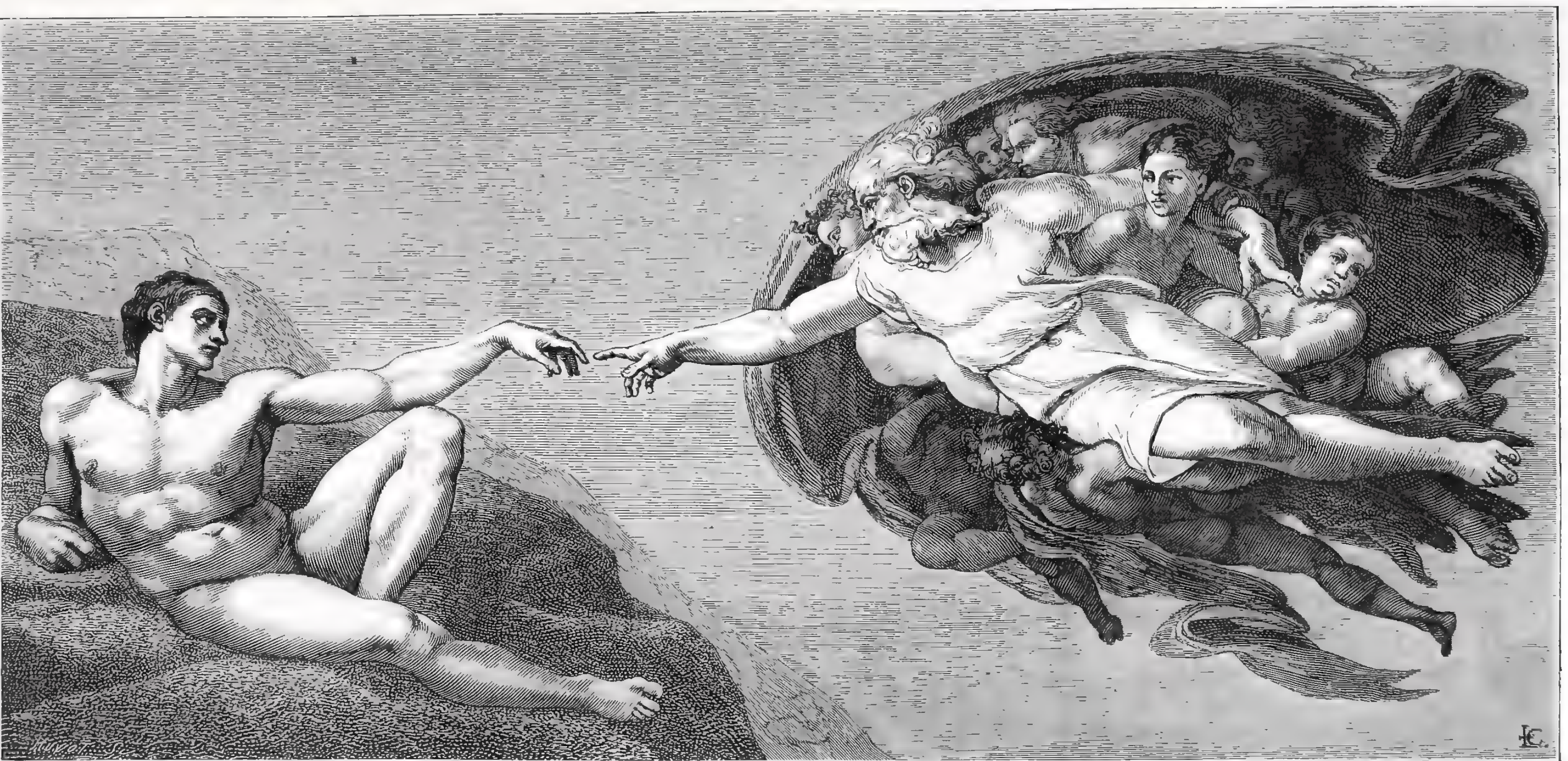


Fig. 2. — Creação do homem. Fresco de Miguel-Angelo, na capella Sistina. Seculo XVI. Obedecendo a um gesto do Todo Poderoso, desperta o homem para a vida. Esta composição em que tão poderosamente se resume a arte plastica da renascença contrasta com a de João de Pisa, onde vemos o typo mais acabado do idealismo artistico da idade-media.

mal, segundo a materia; e apesar da sua demorada fraqueza nas faixas infantís, da sua longa impotencia em se transportar para onde o convocam as suas urgencias, de avaliar perigos que o ameaçam, de evitar perigos que avalia, é o homem, logo desde a nascença, o mais bem constituido dos animaes; tem mais resguardo que os rhinocerontes; mais força que os leões; mais presteza que os cervos corredores, que as aguias voadoras, que os nadadores tubarões. Dae a esse animal o seu nome verdadeiro : é a sociedade. Tal é elle desde o berço, e no berço mais que em qualquer outra parte. Só se individualisa, quando póde aventar o risco, precaver-se d'elle, dominal-o. Junto ao berço encontra o pai, e toda a vigilancia, todo o poderio, todo o saber da sociedade. Não se trata de averiguar o que lhe seria dado executar, no caso de se achar só; nunca está só; pelas proprias leis da natureza, não lhe é concedido estar só. Vem ao mundo, trazendo já em si o poder social, que vale mais que os musculos para o leão, ou as garras para a aguia. Até no seu proprio estado silvestre se revela n'elle o rei da creação; e o estado silvestre não é o normal do homem. O homem tem por nome a sociedade; e é o seu estado normal essa tentativa de ordem chamada civilisação. Leva tempo a constituir-se; e que monta? Todas as forças da sociedade se desvelam em o formarem. É a sociedade quem ha de ensinar-lhe a domar o ar e o fogo, a sujeitar a agua, e até o raio, a fabricar vestidos mais quentes que o vello das ovelhas, mais impermeaveis que a penugem das aves; a levantar edificios que resistam á tormenta; a sacar o pão de uma herva do campo; a rodear-se de maravilhas. Tal é o desvalido animal; e ha de ser muito mais ainda; ha de aprender a viver no passado, e no futuro, a demorar-se na terra, mesmo depois de ter deixado de existir.

Para não ter a velleidade de se eximir ás magnificencias da vida mortal, obriga-o a necessidade a habitar na sociedade, isto é n'um estado, que lhe assegura primazia sobre todas as creaturas. Só a morte lhe arranca a realeza. A morte? sim, isso que elle appellida morte, visto que, não tendo nascido para a morte, não pode morrer. Tanto para bem como para mal, cifra-se-lhe o poder em mudar de vida.

E no emtanto, é ardua a educação do homem. Convêm isso ao interesse geral, e ao bem d'elle proprio. Lucra este rei do mundo em conhecer a sua fraqueza e a sua dependencia; admiremos pois a sabedoria e bondade de Deus. Na infancia e na adolescencia, tem o homem uma como

mola interior, que lhe permitte supportar, sem succumbir, e até sem lhe ficarem mostras d'elles, todos os jugos por que lhe convêm passar. É a mocidade para elle uma alegria intima, que lhe faz amar o trabalho, soffrer a sujeição, a dôr, os desenganos, as espectativas, tudo isso, n'uma palavra, que tão aspero se lhe torna depois, e que o havia de esmagar,

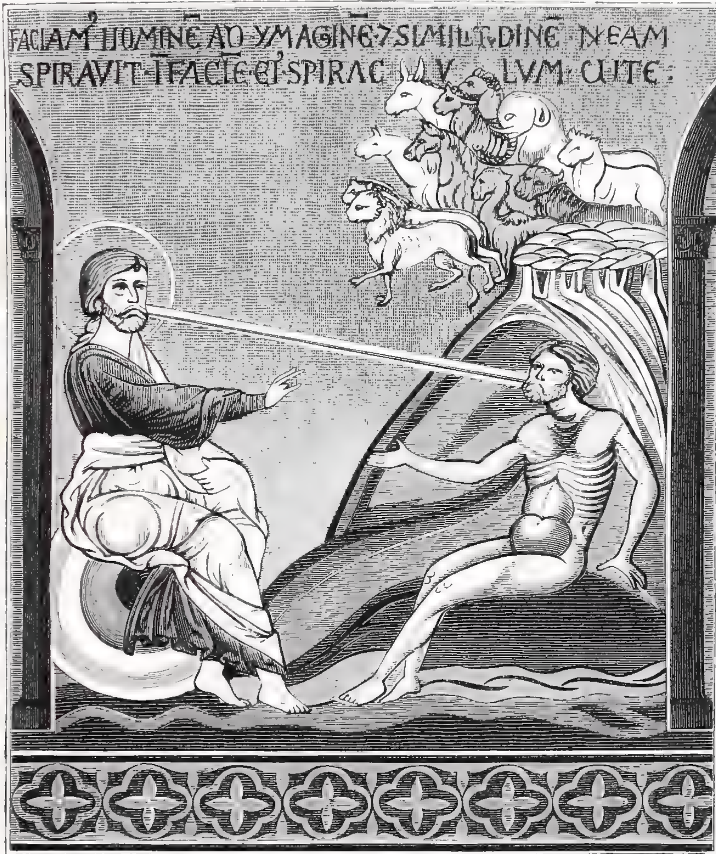


Fig. 3. — Creação do homem; mosaico da cathedral de Monreal, na Sicilia. Seculo VII. Depois de haver fabricado o homem do limo da terra, aníma-o Deus, insufflando-lhe a vida.

se todo esse pêso fosse igual desde o principio. Absorve o adolescente os elementos de tudo; para elle o passado é cousa nenhuma; leva-se para futuros, onde tem a certeza de vir a reinar. Erguem-se-lhe tumulos ao longo do caminho; detem-se um instante, passa, e nem mais n'elles pensou. A morte! e que é para elle a morte? nada póde n'elle; não conseguirá roubar-lhe o porvir; impedil-o de ser, de executar, de possuir, o que elle bem quizer. Se por acaso ella se apresenta, e lhe estende a mão, admira-se o homem; e diz-lhe : — Toma. — E morre, como se

fizesse qualquer outra cousa. Para elle não é a vida mais que um brinquedo; perde-o sem pena.

Mas que de lacunas inexplicaveis n'este ser maravilhoso! que de inexplicaveis miserias! Dois segredos ha, que elle não decifra, nem póde decifrar; carece de que lh'os revele o proprio Deus. Entregue a si proprio, sente uma incapacidade horrorosa de conhecer e amar. Envolve-se-lhe o espirito em densas trevas; vae-lhe o coração de encontro a um muro de bronze. D'onde veio o homem? Para onde se leva? Que poder o arrojou a esta vida, para o manter em luta perpetua com o seu semelhante? De balde o educa a sociedade, de balde procura elle tornar-se-lhe util, a ella que tão indispensavel se lhe tornou; não existe affeição entre a sociedade e o homem. Ella, não lhe quer, nem o estima; elle não a estima, nem lhe quer. Não vê em toda a parte senão serviços impostos pela violencia; nenhum respeito, nenhum amor. E o seu maior desejo é o amor!

Eis ahi toda a extensa miseria d'essa creatura, aliás tão bella, e com tanto carinho afeiçoada. O homem não conhece a Deus, e não ama o homem. Que digo? não só não o ama, detesta-o, sente prazer em o opprimir. Por isso se lhe trocam em amargura todos os encantos sociaes, e todas as vantagens do viver sociallhe são tormento; não lhe trazem senão odios e tyrannia. O rei da creação, o vencedor de todos os seres terrestres, o que sabe resistir a todos os flagellos, o que monteia as féras, e reedifica cidades sobre volcões, encontra um inimigo que o humilha, o acorrenta, e o derruba; esse inimigo é o homem. E será essa a obra primitiva? e d'esse feitio é que foi creado o homem? Não; certamente não. Ha em volta de nós um grande destroço, immenso, irreparavel para as nossas posses; e isso é que nos demonstra que o homem nada mais é que uma ruina.

D'onde provêm tal destroço? porque é o homem uma ruina? Que respondem esses que affirmam que o homem, ao differençar-se do animal, se tornou religioso, isto é inventou a Deus? ou (mais claro) que affirmam ser Deus uma chimera do homem, e que não existe creadôr, nem Deus?

O que elles respondem importa pouco. A maior prova, a decisiva, da existencia de Deus, é a existencia do homem. O homem não se creou a si mesmo. Quem o creou portanto, a não ser Deus? E, a querer-se uma definição de Deus, é buscal-a no symbolo dos Apóstolos, desenvolvido a despeito da insensatez dos negadores, pelo *Credo* de Nicêa : *Padre omnipo-*

tente, Creadôr do céo e da terra, do visivel e do invisivel. Eil-a ahi, em poucas palavras, a concepção clara de um poder infinito, e de uma sapiencia sem limites. Porque (perguntaremos) d'onde extraiu Deus a creação de todas as cousas? Do nada, a não se querer suppôr a materia preexistente a Deus, ou coeterna com elle. Os que alardeiam não saberem comprehender esse Deus creando tudo de nada, podem acaso jactar-se de comprehenderem a materia, a inerte materia, já eterna, já creadôra de si mesma, e depois creadôra da ordem e da intelligencia?

Se é impossivel comprehender que a materia haja creado a ordem e a intelligencia, é tambem impossivel comprehender que Deus, a Intelligencia soberana e perfeita, haja creado o homem por outro motivo que não seja o amor, e para exigir d'elle outra cousa que não seja o amor. Qualquer outra solução amesquinha Deus, torna-o inferior ao homem em justiça e bondade, e revela-o impotente no seio d'esta creação que é obra sua. Ora amesquinhar a Deus é aniquilal-o no pensamento do homem, que cessa então de o adorar, isto é de o conhecer; e por essa privação de Deus, o pensamento, o proprio homem, se aniquila. Que resta? resta o animal; intelligente, e cortado de deconsolo; odiando, e odiado; herdando o odio, e testando-o; gerando a morte, e padecendo-a.

Deus é o Amor; o amor é a vida. De uma continua expansão do amor de Deus, Vida increada, brota perpetuamente a vida. Cada vida emanada de Deus é bôa e perfeita na sua ordem; é dotada de belleza, e transmitte alguma cousa, que vem a ser o alimento de outra existencia. Quanto mais elevado é o ser, tanto mais recebe e espalha a vida. A perfeição da vida é o conhecer e amar o Creadôr; a perfeição do amor é a adoração.

Creado pelo amor, afim de conhecer perfeitamente, e perfeitamente amar, segundo a hierarchia da sua natureza; creado pelo Summo Bem, afim de se elevar até áquella abundancia da vida, que é a adoração, o homem, obra sublime, recebeu o complemento sublime da liberdade. Com a liberdade combate, merece, tem em si mesmo com que se elevar até ao amor de Deus, para compensar a Deus o ter-lhe dado a existencia. Póde não menos, pela liberdade, afastar-se de Deus, separar-se d'elle, negal-o. A escolha é sua. Como ultima prova da sua omnipotencia, outorgou Deus ao homem a faculdade de o negar.

Amante, ha de por força obedecer, porque é a obediencia a lei e forma do amor; livre, pode desobedecer, violar a lei, recusar o amor.

Já Deus tinha visto recusarem-lhe a sujeição. Anteriormente á creação do mundo visivel, travára-se nos céos uma peleja. Entre o sem numero dos Anjos, cohortes houvêra accêsas em criminosa rebeldia. Uma parte d'aquelles espiritos puros, creados para adorarem, deixaram nascer em si o orgulho, apartaram-se de Deus, perderam o amor e a luz; converteram-se nos demonios, incapazes de arrependimento. Segundo uma alta crênça, foi causa da rebellião a revelação anticipada da Encarnação do Verbo, pelo qual aquelles Anjos haviam sido creados (fig. 4). Tinham-se primeiramente recusado a adorar aquelle Verbo de Deus, Verbo-Deus quando fosse Jesus, isto é quando se achasse revestido da inferioridade de uma carne mortal. Aquelle mysterio do amor divino excedia a intelligencia d'elles; o estado do homem, creatura nova, e inferior a elles por tantos lados, excitava-lhes a inveja, muito mais quando reconheciam haver elle de ser adorado na pessoa de Jesus. Fôram precipitados os Anjos rebeldes; e o mal existiu : na qualidade de mal, para sempre; na qualidade de potencia, por um determinado tempo. Potencia de seducção temivel para o homem, porém menos válida, quando se elle dedica a obedecer a Deus.

Tentado do demonio, desobedeceu o homem. Violou a lei do amor, recusou o amor, antepôz-lhe os desmandos e a morte. E se o homem começou, não já a irmanar-se com o animal, mas a differençar-se menos d'elle, e a assumir d'esse modo alguns d'aquelles medonhos caracteristicos do bruto, que a philosophia reconhece (feições que lhe não déra Deus), foi isso d'aquelle dia em diante. N'aquelle dia correu-se da sua nudez, e cingiu-se, para a esconder, na sua tunica de pelles de animaes, symbolos da mortalidade.

Segundo a sciencia, que nega a Deus e nega ao homem, haveria aquella data funesta sido o primeiro marco do progresso, o passo primeiro do homem para a creação do seu *senso* religioso. Ai d'elle! o que elle creou n'aquelle dia foi a morte. Expulso da presença luminosa do seu Creadôr, embrenhou-se nas trevas humanas. Não começou então a tornar-se religioso; senão que, por um effeito da divina misericordia, não pôde deixar de o ser. Assim como se crê, que os derradeiros objectos que se nos pintam na retina á hora do passamento, nos ficam lá impressos e indeleveis, assim tambem, no limiar das longas escuridões, onde ia sumir-se por seu alvedrio, o que o homem levava indelevel na alma era a visão do Paraizo; e n'essa alma não cessaram mais de resoar em



Fig. 4. — Revela Deus aos anjos a futura incarnação do verbo : pretexto da rebellião dos anjos máos que se negaram a reconhecer a Deus na inferioridade da especie humana. Desenho de Wohlgemuth n'um compendio da Biblia (*der Schatzbehalter*), Nuremberg, 1491.

echo disfarçado as grandes cousas que o homem soubera, e as promessas que lhe davam a esperar um redemptor (fig. 5). Já aqui, n'esta apartada origem, vislumbrâmos a graça do Christo; vel-a-hemos renovada em symbolos innumeraveis até ao dia da ineffavel realidade.

Tornemos a atar o fio do discurso.

A não ter a sua liberdade, não haveria peccado o homem, e Deus não se haveria dado por offendido. De uma creatura sem liberdade não haveria o Todo-Poderoso exigido a plenitude do amor. O poder da recusa é que faz a dadiva. Não podia Deus, nem enganar-se a ponto de exigir da sua creatura o que lhe não concedêra que offerecesse livremente, nem punir n'essa creatura um vicio da organisação, provindo d'elle. Erro e injustiça em Deus? Deus imprevidente? Deus impotente em executar a sua vontade? Deus, não só sem misericordia, mas injusto? palpaveis absurdos!!

Se Deus tivesse amado menos o homem depois do peccado, não tendo que destruil-o como obra mal feita, tel-o-hia aniquilado como obra rebelde.

Visto que é bôa a sua obra, e conforme aos seus intuitos, conservou-a; visto ser ella intelligente e livre, e haver prevaricado por sua espontanea vontade, castigou-a; e como lhe queria com eterno affecto, reparou-lhe o mal.

No sacrificio do altar, quando o sacerdote lançou no calix o vinho que tem de trocar-se no sangue precioso de Jesu-Christo, mistura-lhe algumas gôtas de agua, que representam a humanidade em que o Senhor se revestiu; e pronuncia estas palavras assombrosas : « Ó Deus, vós que « em tão alta dignidade creastes com tanta maravilha a entidade hu- « mana, e, com maior maravilha ainda, a reformastes, concedei-nos « pelo mysterio d'esta agua e d'este vinho, o participarmos algum dia « da divindade d'Aquelle que se dignou de revestir-se da nossa humani- « dade, vosso Filho, Jesu Christo nosso Senhor! »

Reparou Deus portanto a sua creatura decahida, e entregou essa reparação áquelle Verbo por intermedio do qual elle a tinha creado; aquelle Verbo, que « existe em Deus desde todo o principio, gerado, não feito, « e pelo qual foi feito tudo que existe, e sem o qual nada do que existe « foi creado. » E aquella reparação foi uma creação nova. Encarnou-se o Verbo, assumiu a figura e o pêso do peccado, tomou aos hombros a morte, que era a pena do peccado; e pelo seu sacrificio satisfez a um tempo a justiça e o amor, restaurando a vida, e abolindo a morte. « E o « Verbo era Deus, » pois que, a não ser Deus, quem poderia reparar a obra divina, supprir a justiça divina, e attingir soberanamente o alvo do amor de Deus?

Conheceu o homem essas cousas que lhe esclarecem a razão, e lhe dão a chave do seu proprio mysterio. Conheceu-as, não pelas haver descoberto, mas por lhe haverem sido reveladas pelo Verbo divino, e explicadas depois, e dictadas por esse Verbo, cuja voz nunca cessa de ouvir-se. Eis o que ha mil e oitocentos annos, pelos fins do primeiro seculo de Christo, escrevia, já como propheta, já como testemunha e historiador, um homem



Fig. 5. — Exprobra Deus a Adão e Eva o seu peccado e promette-lhes o Redemptor. Fresco de Flandrin na igreja de Saint-Germain des Prés, em Paris. Seculo XIX.

que não fôra mais que pobre pescador no lago de Tiberiade, mas cuja fronte pousára no seio de Jesus :

« No principio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo « era Deus (1).

« Elle estava no principio com Deus.

« Todas as cousas foram feitas por elle, e nada do que foi feito, foi « feito sem elle.

(1) Traducção do Padre Antonio Pereira de Figueiredo.

« N'elle estava a vida; e a vida era a luz dos homens.

« E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a comprehenderam.

« Era a luz verdadeira que allumia a todo o homem que vem a este « mundo.

« Estava no mundo, e o mundo foi feito por elle, e o mundo não o « conheceu.

« Veio para o que era seu, e os seus o não receberam.

« Mas a todos que o receberam deu elle poder de se fazerem filhos « de Deus aos que crêem no seu nome;

« Que não nasceram do sangue, nem da vontade da carne nem da « vontade do varão, mas de Deus.

« E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós. E nós vimos a sua « gloria, como de Filho unigenito do Pai, cheio de graça e de verdade. »

Que pagina! que porta luminosa para penetrar na luz de Deus! Diz Bossuet acerca de outro passo do mesmo Evangelho : « Ahi encontrareis profundezas de estremecer! Aqui é a evidencia á jorrar do seio das profundezas, e a devorar o enigma do homem e de Deus, como o sol devora a noite. Não se enganou aqui a humanidade. Ao clarear d'esse dia divinal, não tardou que em seu olhar mortiço sentisse renascer a visão do Paraizo; reconheçeu quasi toda, se não foi toda, o Deus que lhe fallara nos dias da sua innocencia, quando ella habitava ainda o seu berço de flores, e conheceu que chegara o Redemptor, e concedêra aos homens « a faculdade de serem feitos filhos de Deus. »

Mas a luz rebrilha nas trevas, e as trevas não a comprehenderam; e Aquelle por quem o mundo foi creado baixou ao mundo, e o mundo não o conheceu. E carece o mundo de que lhe combatam a loucura homicida, que aconselha aos homens que refujam a serem feitos filhos de Deus, e lhes brada que Jesu-Christo não é Filho de Deus, nem Redemptor do mundo, e que Deus não tem Filho, e que o mundo não carece de Redemptor!



II

ANTES DE CHRISTO



NTRETANTO o mundo esperava; e em que estado! O moderno escriptor, segundo o qual o homem « se tornou religioso, » pinta-nos a humanidade entregue ás suas proprias concepções em assumpto religioso. Fetiches em vez de deuses; por sacerdotes, feiticeiros e estranguladores; e a creatura humana, por victima. Taes são as religiões inventadas pelo homem. « Aquella *divina* faculdade da religião « pôde por muitos tempos parecer um « cancro que era mister extirpar da es- « pecie humana, uma fonte de erro e « crimes, que os sabios deviam buscar supprimir. »

Exceptuada a religião judaica, fôram todas as religiões anteriores a Jesu-Christo satanicas, anti-sociaes, òpprobriosas para o homem, e para Deus. Confessa-o um inimigo da Igreja catholica. Não pôde eximir-se a reconhecer o facto, e a asserção derruba-lhe todo o systema. Com a supremacia do seu genio, que muita vez é apenas a supremacia da fé, exclamou Bossuet : « Éram as nações mais esclarecidas as mais cegas « quanto a religião; tanto é verdade que só uma graça particular, e « uma sapiencia mais que humana, podem elevar os animos para ella. »

Qual é a religião da antiguidade, que não pullule de sortilegios grosseirissimos, de fetichismo, de abominaveis sacrificios humanos? E éram taes horrores coetaneos com as magnificas florescencias de Grecia e

Roma. Lá mesmo, n'aquelles centros da civilisação, nunca a immolação ritual conseguiu ver-se abolida. Para multiplicar os supplicios, não é mister que uma religião amontôe cadaveres aos pés dos seus idolos, como em Carthago, ou no Dahomey. No circo de Roma era a religião que immolava os homens, pelo ferro e pelo dente das feras; e por todo o imperio, e por toda a superficie do orbe, immolava-os, com maior dôr da alma, pela corrupção.

Nós outros, filhos, esposos, pais pela graça de Christo, figuremos na mente aquella chamada « civilisação, » onde apenas uma quarta parte da humanidade sabia o que era ter familia, mas onde ninguem lograva desfrutar em cheio essa sagrada instituição. Ser pai de familias, o mesmo valia que ser senhor de escravos. Na Grecia inteira, votada ao culto do amor impudico, nem um templo campeava ao amor conjugal.

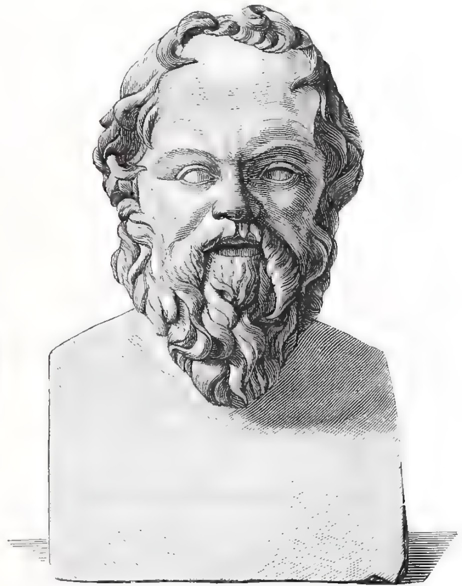
Eil-o ahi pois, esse preconisado progresso do homem tornado religioso! A religião d'elle era um « cancro, » e o cancro devorava-lhe a carne. Os « sabios, » que se propunham extirpar o cancro, onde os avistamos? Foi só depois de Jesu-Christo, e foi contra elle, que a terra viu esses sabios. A antiguidade ignorou-lhes a casta, e não a haveria certamente supportado. Quando Satanaz consegue fazer-se adorar, não suscita nem permitte o livre exame. Como não possue a verdade, não possue tambem aquella paciencia, que é a tolerancia de Deus. Discutia-se tanto Minerva em Athenas, e Jupiter em Roma, como se discutiu Calvino em Genebra, e se discutem Mafoma em Mequinez, Luthero em Copenhague, Joë Smith entre os Mormons. Recusaram publicamente os christãos o incenso aos idolos. D'entre os pagãos mais cultos, os que timbraram em se conservar sabios, pediram que os idolos fossem encarnados de novo, e os christãos lançados aos leões.

Que podiam os sabios antes do Christianismo? Que teriam sabido substituir aos deuses? Entregue a si propria na procura de um Deus, correu a razão até ao polytheismo, pelo mesmo declivio precípite, que hoje arrasta para o pantheismo todos os que se desviam de Jesu-Christo. O polytheismo leva de caminho aos idolos; ha de chegar lá o pantheismo. Hão de resistir pouco os sabios! o homem foi feito para adorar; é mister que adore. Por toda a parte onde não appareceu Christo, reinam os fetiches; e em se expulsando a Christo, eil-os que se reerguem. Existem paixões, ha senhores, acharam-se os deuses.

Apartada da revelação divina, já a sciencia não inscreve senão phenomenos terriveis, perante os quaes a faculdade da adoração se transvia logo. Apparece o homem como joguete de potencias contrarias, crueis na sua maioria, todas inexoravelmente desconhecidas; não póde dobrar-lhes a vontade; e tem de recear-lhes de continuo a veleidade maligna. Terrores perpetuos, d'onde brotam os delirios da superstição : tudo como no paganismo.



Fig. 6. — Platão.


Fig. 7. — Socrates.

Segundo a *Iconographia grega* de Visconti.

Ha, diz Bossuet, um christianismo da natureza. Ha tambem um paganismo da natureza, patente sob os passos do homem; e quantos lá se afundam cada dia, em plena luz de Deus! afundou-se n'elle o mundo todo.

Se os sabios da antiguidade podiam furtar-se-lhe, certo é que o não tentaram. A sabedoria natural despreza o erro commum, e acompanha-o aos seus mais vis altares. Moisés, animado do espirito de Deus, é d'entre os legisladores da antiguidade o unico que se atreve a espedaçar um idolo popular; só tem imitadores entre o seu povo. Solon ergue o templo a Venus prostituida. Socrates, Platão, Cicero, Séneca, todos acreditavam na immaterialidade de Deus; mas ao morrer sacrifica Socrates a Esculapio; Platão refoge a incorrer no labéo de impiedade; Cicero, já sacerdote do templo da Terra, empenha-se e obtem o cargo de augur; Séneca observa os ritos do paganismo.

Para derribar os simulacros eram mister os braços dos martyres; para curar o « cancro » era mister o generoso sangue d'elles tornado em sangue de Christo. Fizeram os philosophos e livres pensadores pagãos, o que podiam fazer aquelles bem-fallantes, que o discipulo de Socrates nos mostra no banquete do poeta Agathão. Discreteando acerca da virtude e da verdade, e ás vezes admiravelmente, tornaram a corromper a terra. Abalado por longinquas vibrações do Sinaï, soltou o genio de Platão algumas vibrações sonoras. Mas importou-lhe acaso que expressassem a verdade?

N'aquelle dialogo do *Festim*, onde Socrates se nos afigura a espaços todo cheio do pensamento christão, glorifica-se como o principio mais activo da virtude a mais abominavel das paixões; e alardeia Socrates haver recebido de uma cortesã as bellas idéas com que maravilha o auditorio. Todas as perversidades que hoje se encontrariam nos ergastulos, não dariam idéa bastante de uma tamanha corrupção. Requintar na infamia era o que faziam e sabiam aquelles « sabios. » Reprehende a si proprio santo Agostinho o ter louvado aquelles impios : « Platão e os seus » — diz elle — « não tinham nascido para allumiar as turbas, e enca-
« minhal-as desde a universal insensatez dos idolos ao culto verdadeiro
« do verdadeiro Deus. »

Citam-se admiraveis maximas dos pagãos. Entre elles abundavam as maximas, como os templos. Os templos só fôram santos, as maximas só fôram efficazes, quando n'elles e n'ellas penetrou Christo. Observae os pagãos nos seus altos proloquios, e vereis que os não percebem. Nada mais admiravel que o apologo socratico acerca do caracter e do destino do verdadeiro justo : « Ha de o seu afferro á justiça attrahir-lhe apódos
« de infamia; sempre virtuoso, e havido sempre por máo, perseverará
« até á morte. O justo ha de ser açoutado, carregado de ferros, posto a
« tratos; hão de queimar-lhe os olhos, *hão de pregal-o n'uma cruz*. »
Maravilha-se o espirito christão com tal inspiração de prophecia. Mas que deixou ella no coração de Socrates, e que entendia d'ella o mundo, antes do mundo ter avistado a arvore do Calvario, e provado o fruto d'ella? A conclusão pagã é que ha de ser necessario que na sua cruz reconheça o justo que se não trata de ser justo, mas de o parecer; e tudo acaba por esta vileza : que é mais feliz o destino do não justo.

Abundam em moralidades rigidissimas os poetas pagãos. Ha muitas

sentenças devotas em Ovidio. Revela isso o proveito que d'ellas se tirava. Ha-as em Horacio, tão persistente em desprezar o que não fosse voluptuosidade. Horacio, duro como um phariseu, não receia de exclamar : *Para a vestal impura é pouco uma morte só!* Mas ao mesmo passo, aquelle rigido devoto brada em todos os tons : *Aceita o momento fugaz de prazer que te concedem os deuses!* Havia tambem por lá o célebre *Conhece-te a ti mesmo,* sentença tão gabada, que a insculpiram no templo de Delphos, e que Juvenal dizia ter *baixado dos céos.* Restava saber a arte de cada um se conhecer a sí, e logo depois a arte de se vencer. Poucos heroes experimentavam; e menos ainda, depois de experimentarem, perseveravam. Havemos de ouvir Pilatos dizer, encolhendo os hombros : *Que cousa é a verdade?* E esse mesmo Pilatos, que manda açoutar o Justo para lhe salvar a vida, e que ha de mandal-o crucificar para poupar a si mesmo complicações, esse mesmo Pilatos que ha de bradar *Ecce Homo,* não desconhecia, é certo, o *Homo sum* de Terencio. Talvez o murmurasse ao encarar pela primeira vez o homem das amarguras.

Não desprezamos esses brados, embora estereis. São testemunhos de animos nativamente christãos; lembram as hervas bravas, que attestam a uberdade de um sólo ao desamparo.

Depois da vinda de Christo, torna-se mais abundante essa vegetação moral, e assume um caracter mais augusto. Já Persio, Séneca, e Juvenal, se ressentem do sopro dos Apóstolos. Entre Caligula e Néro solta Séneca estas palavras memoraveis : *O infeliz é sagrado!* Séneca porém, o cortezão de Caligula e Néro, renunciára ao fôro para não ferir as vaidades do primeiro, que blasonava de orador; e tornava á eloquencia, para desculpar o segundo por ter morto a mãi.

Para mais a fundo conhecermos aquelle mundo antigo, onde, segundo se affirma, não era necessario Jesu-Christo, escutemos o que lá se ajuizava da alma, questão agitadissima pelos philosophos, que vale tanto como dizer pelos que formavam a vanguarda da sociedade pagã; porque Athenas e Roma eram governos de philosophos e lettrados.

Segundo um academico do nosso tempo, manteve-se a Judêa « *estranha* « á theoria das recompensas individuaes, propagada pela Grecia *sob o* « *nome* de immortalidade da alma. » Por esse modo de expressão, confessa o academico citado, que, a seu ver, a immortalidade da alma, e

talvez a alma tambem, não passam de concepções philosophicas muito contestaveis. Até esse ponto subira já a antiguidade. Mas os esforços que ella honradamente envidara para chegar ahi, é mister hoje realisal-os para descer de maior altura. Alguem os fará. A questão da alma liga-se com a de Jesu-Christo; para que Jesu-Christo deixe de ser Deus, é essencialmente importante que a alma, ou não seja responsavel, ou não seja immortal.

Observemos primeiramente que a Judêa não era tal « estranha » a essa « theoria. » Nos livros de Moisés, anteriores a todas as litteraturas, e a todas as philosophias, Deus é chamado « o Deus unico, senhor de « tudo, que fere e sana, que fulmina e *ressuscita.* » Vinte passos da Escriptura estabelecem a mesma verdade. « Os Judeus » — diz Tacito, pintando ao mesmo tempo os Romanos — « *julgam as almas immortaes.* « Alegram-se de se verem pais, e não julgam ser-lhes licito arrancar « a vida a filho algum que lhes nasça. » Tudo isso é tão sabido, que é mister uma especie de valor para ostentar ignoral-o.

Os muitos systemas dos philosophos antigos a respeito da alma, ou substancia pensante, pertencem á um certo numero de cousas que bem a fundo estão revelando a fraqueza humana. Lá se acha exarado que a alma é o proprio coração; — uma determinada secção do cerebro; — um ar subtil; — uma harmonia resultante da concordancia das diversas partes do corpo; — um numero que por si mesmo se move; — uma porção de materia distribuida no corpo humano, onde recebe caracter particular segundo os varios sitios. Para outros não existe a alma; ha um « principio activo, » resultante das combinações da materia, o qual dá origem ao phenomeno chamado vida e movimento. Aristoteles imagina a *entelechia*, ou motu continuo; e de lá vem a alma. Com que fim? não o sabe Aristoteles. E a alma é acaso immortal? Pherecydes, mestre de Pythagoras, foi o primeiro que o affirmou, segundo conta Cicero, o qual se nos figura um tanto desgostoso de o não acreditar, e bastante alegre de o não ter em grande certeza. Sustentam muitos, que a alma perece com o corpo. Pensam os estoicos que vive tanto como as gralhas. Pythagoras não considera a alma immortal nem mortal; passado um numero indeterminado de transmigrações, aquelle não sei quê indefinivel, emanado da divindade, depois de ter habitado em homens, irracionaes, e até vegetaes, vai reunir-se á alma universal, e perder-se no grande

todo. Aristoteles é inintelligivel, por não dizer mudo; Platão, sempre brilhante e engenhoso, contradiz-se; Panecio observa que a alma é sujeita



Fig. 8. — Os Cesares divinisados. No alto, a apotheose de Druso (o velho), de Julio Cesar e de Augusto no Olympo; no centro Tiberio e Livia, presidindo ao culto de Augusto e rodeados de Druso (o moço), de Germanico, Agrippina e Caligula ainda menino; na parte inferior as nações vencidas no tempo de Tiberio escravisadas. — Camafêo contemporaneo de Tiberio, conservado na Bibl. N^al de Paris.

ás dôres, d'onde conclue que não pode ser immortal. Parece a Plinio conto pueril essa idéa da immortalidade da alma, intoleravel jactancia do orgulho humano, e cumulo da demencia. Affirma Séneca : « O dia « derradeiro da vida é o dia do nosso nascimento para a vida eterna »;

e n'outra parte : « *Se é verdade* que a alma sobrevive ao corpo, afim de « existir sem o corpo, a vida futura é deveras preferivel á vida actual. »

Vale bem mais que todas as especulações dos outros pensadores uma humilde phrase de Socrates, e desbanca a todas as suas outras palavras. A braços com o problema da união da alma e do corpo, confessa a impotencia do espirito humano, e implora REVELAÇÃO DIVINA. Brilha o relampago, e depois condensa-se mais a escuridão da noite. Espera Socrates encontrar-se, além da morte, com a gente de bem; no entretanto vacilla em affirmar que da gente de bem, ou da outra, sobreviva alguma cousa. É esse o espirito de todos os arrasoados de Socrates sobre o assumpto; e por si não se expressa Platão de outra maneira. Como o do vulgo intelligente é o pensar de Cicero. Ainda duvída : « A ser a alma aniqui-« lada, que maior vantagem do que forrarmo-nos por ahi ao sem numero « das nossas miserias, afundando-nos nas doçuras do eterno somno! Em « quanto existir, nada padecerei, *visto nada ter que exprobrar-me*. De-« pois de aniquilado, acabaram-se-me as dôres. » Aquelles pagãos, não os avergava o pêso das responsabilidades futuras. Se assim fosse, não dariam com tamanho desplante a si proprios o nome de justos; e certo é que, se acreditassem com sinceridade na idéa da sua justiça, menos acceita lhes seria a idéa do nada, idéa horrorosa para o pensamento nobilitado pelo Christianismo. No seu intimo não se sentiam justos, não o queriam ser, e não eram felizes. É frequente no epicureo Horacio o tom amargo do desespero e do descontentamento proprio. Segundo os estoicos é dever, e quasi direito humano o suicidio; e todos encaram como ventura certissima o total aniquilamento. « Dormir, e não sonhar! » exclama Socrates; « se é isso a morte, chamo-lhe eu um lucro immenso. » O lucro da não existencia! Taes gritos da misera humanidade são o melhor commentario á palavra do Apóstolo, quando proclamava a um tempo Christo, e a revelação aguardada por Socrates : N'ELLE RESIDIA A VIDA, E AQUELLA VIDA ERA A LUZ DOS HOMENS. Visto que os homens não possuiam a Christo, não possuiam a vida.

« Tem a sabedoria dos pagãos » — diz Lactancio — « doutores que « não ensinam o meio de convisinhar com os deuses; e a religião d'elles « tem ministros que não ensinam a sabedoria; d'onde é facil inferir-se « que não é aquella a sabedoria verdadeira, nem a verdadeira religião. » De tamanhas aberrações de religião e sabedoria descendia uma moral que

nada mais era que o desprezo de tudo. Esforçaram-se os sophistas mais logicos em sustentar que nada é intrinsecamente justo ou injusto, senão pela vontade do legislador. Outros houve que o não disseram, mas deixaram entrever que assim pensavam.

Da nobre escola dos Socrates e dos Platões saíram os pyrrhonicos e os cynicos; e tudo que d'ella ficou fôram essas seitas loucas e impuras. Medeia entre as doutrinações de Platão e as de Cicero decurso egual de tempo ao que separa a doutrinação dos Apóstolos e o primeiro concilio de Nicêa. Ora, quanto a Cicero, que verdade essencial adquiríra e fixara elle para o genero humano? Falla aquelle philosopho na « obscuridade » das altas questões que tinham obrigado um Socrates a confessar a sua ignorancia, e antes de Socrates todos (ou quasi) os philosophos antigos, cuja opinião era que nada se pode conhecer, destrinçar, saber; que são limitados os sentidos, debil o espirito, e curta demais a existencia; que a verdade jaz profundamente sotterrada; que para ella já não resta logar no sólo social, obstruido de convenções e opiniões; que em summa : tudo obumbram as mais caliginosas trevas. « E por isso — acrescenta elle — « por isso é que Arcesiláo sustentava, contra o parecer de Zenão, que « nada nos é dado saber; e não já que nada se sabe, como Socrates se « limitava a affirmar. Nada se vê; nada se comprehende; logo, nada « certo. » N'isto desfechou toda a sabedoria antiga, seculos depois que Platão a erguera á sua mór altura. Em lapso egual de tempo, atravez das heresias e dos supplicios, no esfacellamento geral do mundo pagão, canta a doutrina dos Apostolos o *Credo* universal de Nicêa, manifesto soberano das verdades que salvam a alma, e hão de reconstruir o mundo. Tendo os Athenienses antigos ficado livres do flagello da peste, ergueram um altar ao Deus desconhecido, « para experimentarem, se no procurarem « ás cegas a Divindade, lograriam encontral-a, » — dizia S. Paulo aos descendentes d'elles. Mas quando Paulo, pregoando o mesmo Deus na presença do Areopago, fallou do que era resurreição, e do que era justiça, riram-se os sabios do povo de Platão. Nem já se lhes dava de procurar. Todo o paganismo intelligente é consentaneo com a desdenhosa duvida de Pilatos : *Quid est veritas?*

Pasma santo Agostinho de que haja, depois da era de Christo, quem, ao doutrinar a humanidade, tenha nos labios a Platão, em vez de ter no coração a Christo. Ha sempre retardatarios d'aquelle jaez. Concedamos-

lhes o poderem interpretar-se á bôa parte varios passos duvidosos da doutrina de Socrates e Platão; descarreguemos a esses sabios da culpa de terem positivamente acreditado na metempsycose, na preexistencia e eternidade da materia, na destruição da alma; e nem tentemos cohonestar-lhes a moral e os costumes. Não éram os costumes d'aquelles homens apenas máos costumes, na accepção hodierna; não se limitavam em ceder á natureza : violavam-n'a. Nem d'isso buscam illibar-se; nem coram de tal. Socrates é de todo cynico. Nos Dialogos de Platão vêm as ultimas depravações exaradas como cousas tão naturaes em si, tanto em uso a despeito das leis, que é bem duvidoso se aquelles mundanos, aquelles sabios, aquelles theósophos, viram n'ellas mal algum. Quantas vezes se não confessa vencida a moral christã na lucta contra as tendencias do homem! mas então mesmo acorda ella o arrependimento, e accende o remorso intoleravel. O primeiro que a si proprio argue e condemna é o peccador. Mais ainda : se teima em justificar o seu crime, não fica só peccador, torna-se apóstata; a defensa a que se atreve é uma confissão, sobre a qual a consciencia publica ratifica a justa condemnação que o excommunga.

Pense-se o que se quizer do genio de Platão; ha de sempre reconhecer-se que a verdade se lhe derrete entre as mãos; e elle ri-se d'ella, como se ri do vicio. Pense-se o que se quizer dos altos pressentimentos de Socrates, das suas qualidades pessoaes, da sua admiravel morte; ha de sempre sobresaír o ter Socrates desconhecido os seus erros, ou não ter querido condemnal-os. Costumava Platão ter em menos conta aos philosophos que logravam tornar-se tão singelos ou tão claros, que os podessem entender as turbas; Socrates, ao chegar ao termo da sua vida de livre pensador, acabava sem instinctos nem mostras de arrependimento. Fallei do maior, e fallei do melhor d'entre os philosophos; por aqui se vê que genero de precursores eram esses taes ao Christianismo.

Nada do espirito christão possue a antiguidade; nada. As doutrinas d'ella, as suas leis, os seus habitos, todos os dictames da sua sabedoria, conspiravam para apesinhar fracos e humildes, a creança, a mulher, o pobre, o escravo, o povo. Reside a melhor prova d'isso nas suas célebres legislações, onde com tamanha evidencia reluz a inspiração d'aquelle que foi « homicida desde o principio. » Não são (é certo) as leis espartanas as mais diabolicas e impuras; as leis imaginarias de Platão revelam o

desvalimento profundo do mortal que per si só busca a sabedoria, e aquilatam-lhe o orgulho indomavel ao julgar tel-a encontrado. Para elle nada mais é a humanidade, do que materia inerte, na qual o espirito d'elle póde ousar tudo. Endireita-a a golpes de machado, afeiçôa, corta, desbasta á seu talânte, e, ao seu chamado, até a morte vem servil-o. O que só almeja o legislador Platão são corpos formosos, e almas bellas; hão de portanto os medicos deixar morrer os individuos mal conformados; hão de os tribunaes mandar matar os máos incorrigiveis; e hão de ser desamparados os rachiticos de nascença, e os filhos dos criminosos. Leva Platão sempre em mira a belleza, e o vigor do

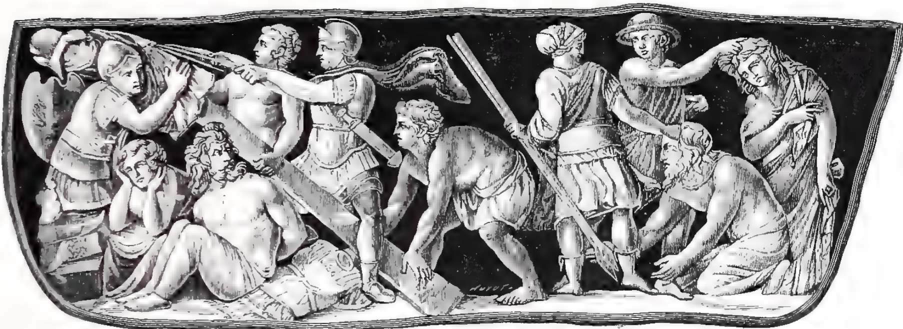


Fig. 9. — Barbaros agrilhoados, e mulheres arrastadas pelos cabellos, aos pés de um tropheo, monumento do seu desbarate e captiveiro. — Fragmento de um camafêo do tempo de Tiberio, conservado no Gabinete de Vienna.

sangue; delimita pois a idade em que é licito ser pai e mãi; e, transposto esse limite, commina o desamparo das crias. Pode todo o homem livre matar o seu escravo; o que ha de é purificar-se depois; mas se *em defensa propria* o escravo matar o livre, ser-lhe-ha imposta pena como a parricida. E d'esta arte é que o philosopho maior da antiguidade, julgando-se arbitro de um povo inteiro, se empenhava em penetral-o de belleza e virtude! Erguia-se, nos seus devaneios, a cima das fragilidades antigas, expulsava os poetas, e derramava sangue. Pede Horacio que duas vezes morra a vestal perjura; determina o voluptuoso Platão supprimir o coração da mãi e o coração da esposa; supplicia o escravo, e atira para esgotos escusos os partos defeituosos. Ó Christo! ó pureza! ó amor! apressae-vos! vinde ensinar a Samaritana, e erguer do chão a peccadora arrependida! vinde, Senhor, impôr as vossas mãos bemditas na fronte da creança!

E não tentem objectar-nos que essas leis todas de Platão eram apenas um exercicio do seu espirito. Já a Grecia tinha visto n'aquelle genero tentames e resultados que auctorisavam tudo. Não inventava Platão o infanticidio; as circumstancias do ilota em Sparta eram peores ainda que essas que elle talhava para o escravo; o destino do escravo e da creança em Roma não lhe levava consideravel vantagem. Bradava Tertulliano aos magistrados do imperio : « Quem ha hi d'entre vós, que não ma-« tasse já alguma vez filho seu? » No seculo terceiro, tentou Plotino, philosopho ciumento dos progressos do Christianismo, fundar uma cidade, em que se observassem as leis de Platão. Os philosophos, a quem o Christianismo não logrou esclarecer, tornaram-se por isso ainda mais cegos. Todas essas miserias pertencem á natureza humana; e hoje mesmo, ninguem se atreveria a affirmar que já lá não residam.

« Toda a crênça opposta á razão » — diz Bonald — « produz inevita-« velmente acções oppostas á natureza. » A despeito dos gemidos intimos da natureza, que não podia desapparecer de todo, era o mundo pagão, segundo a razão dos seus sabios, constituido á imagem dos seus deuses. Como os entendimentos nadavam em sombras, era forçoso que as acções saissem desregradas. Na sociedade domestica e na sociedade civil, vai profundando a ulcera, e crescendo; o divorcio e a dissolução devoram a familia; as ambições devoram o direito. Torna-se a propriedade mais precaria, mais feroz a usura, mais desgraçados os devedores, mais barbaramente opprimida a escravaria, ao passo que os costumes se relaxam, e que nas lettras e nas artes pullulam maravilhas. Em tudo a crueldade, a venalidade, a captação; em tudo a mentira, e o cynismo da mentira. Mentira cynica na palavra; mentira cynica nos juizos e juramentos; mentira cynica nos tratados. Seja com quem fôr travada a guerra, com estrangeiros ou patricios, é guerra sempre deshumana; são as allianças sem firmeza; sem amenidade a paz. Tal é o maior d'aquelles povos antigos, povos a quem uma preconcebida pertinacia litteraria quer pintar-nos como tão livres e tão soberanos! A nada pode equiparar-se a corrupção d'elles, senão á sua vileza. O caracter predominante na Roma antiga é um profundo olvidar a Deus, um completo desprezar ao homem; duas cousas que se não separam, e das quaes uma gera a outra.

Antes de Christo, jaz o homem em poder do homem. A hora do alvorecer de Christo, a preza foi dominada, e não ha já resistir. Não é

porque o homem perdesse o seu genio antigo; é porque, ao embrenhar-se no caminho das trevas, perseverou em conservar esse fanal de vanidades. Mas nem por isso deixou de seguir fatalmente o caminho da escravidão! Chegaram ao apogeu a politica, a sciencia, a litteratura, o commercio, as artes. Está-se opulento de obras primas humanas. Sem fallarmos de Ninive, Tyro, Babylonia sumida, e Memphis que se allue, raiaram n'aquelle mundo as deslumbrantes democracias gregas, e o grande senado romano, e Homero, e Platão, e Phydias, e Aristoteles, e Cicero, e Virgilio, e Alexandre, e César. Não escassearam legisladores, conquistadores, artistas, poetas; nada porém ensinou ao homem o amor de Deus ou o respeito do homem; cifra-se tudo em collocar o mundo sob as garras de Roma, e Roma aos pés de Tiberio, em quanto não chegam Caligula e Néro. Eis ahi o resultado supremo; eis ahi os nomes que em si resumem todo o vasto labutar do genero humano e do tempo antigo : um homem-deus, que se chama Tiberio, e que dentro em pouco ha de chamar-se Néro! Tudo acceito em geral, tudo definitivo. Vede-o encerrado em Caprea, o deus Tiberio, a inventar volupias e supplicios, já todo elle sustos, já entrado de esfacellamento, e indeciso no restringir o numero dos seus templos e a turma dos seus sacerdotes! Não pede Tiberio incensos; refusa-os. No demais, receia-se da morte, receia-se da Roma que lhe jaz ajoelhada aos pés, receia-se dos seus ilhargas, seus complices tambem nos morticinios e nas orgias; e mais que tudo lhe põe medo o seu herdeiro, aquelle Caligula que elle proprio educa para desenfado das horas pesadas em que faz de deus, e para poder legar aos seus adoradores um monstro que os obrigue a saudades. No emtanto, bastam a Sejano dez mil pretorianos para conter em respeito a grande Roma, que estremece sob o *estylo* dos delatores; e não tardará em chegar Caligula, o louco; depois Claudio, o imbecil, governados por Messalina e Agrippina; e por fim Domicio-Néro, cabeça politica, concordia, e descanço da raça humana.

Que les dieux conjurés redoublent nos misères!
Que Leucas sous les flots abîme nos galères!
Que Pharsale revoie encor nos bataillons....
Destins, Néron gouverne, et Rome est consolée (1)!

Eil-a a mais elevada palavra do polytheismo; o supra-summum da

(1) *Pharsalia*, traducção de Brébeuf, livro I.

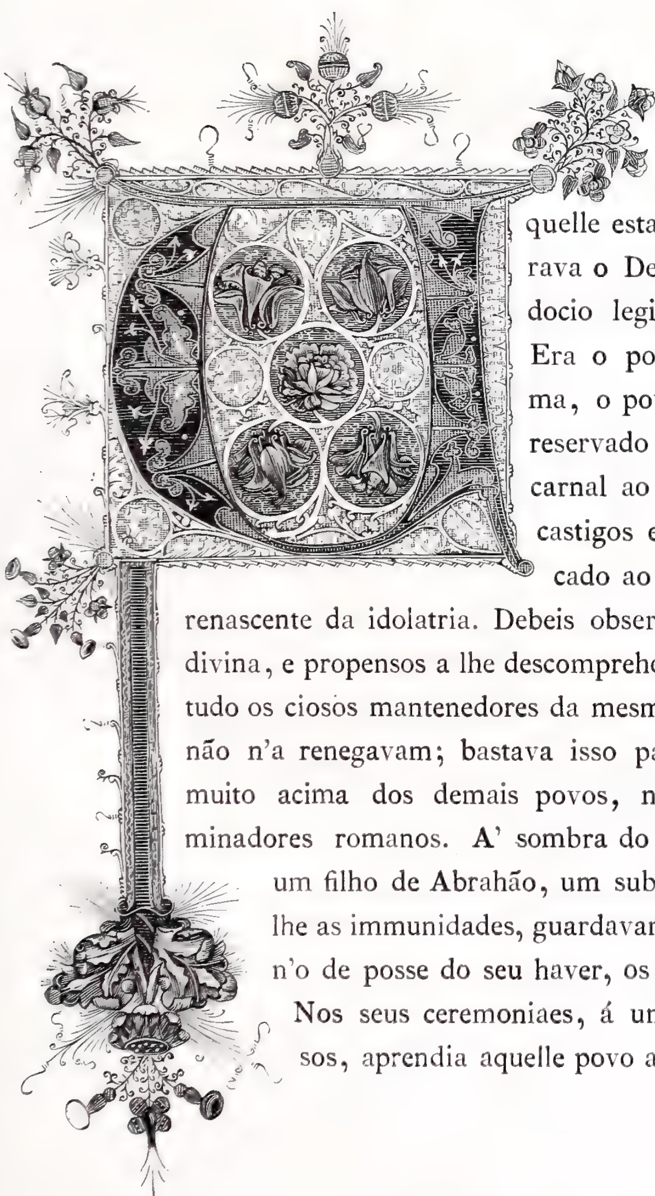
sua expressão religiosa e civil. Tiberio, Caligula, Néro, Heliogabalo, senhores e deuses a quem de direito pertence o mundo! Como opposição ao dogma da unidade de Deus, tinha Satanaz, o negador, suscitado a heresia do polytheismo. No momento de se revestir Deus da humana natureza para revelar toda a verdade, e instaurar a liberdade, Satanaz, o parodiador, quer ter como Deus a sua encarnação; e ha de então lançar Tertulliano em rosto aos pagãos, que melhor lhes sabe um perjurio depois de terem jurado pelos deuses todos, do que depois de só jurarem pelo genio de César. Tão de molde se adapta aquelle mando á degradação da humanidade, que tres seculos inteiros se conserva, transmittido dos máos aos loucos, dos loucos aos bestiaes, dos bestiaes aos infames, sem conseguir irritar a féra covarde cujas veias o imperial dominio vai sugando, e que toda se vê polluida de monstruosidades sem nome. Aos imperadores matam-n'os os pagãos, sim; mas ao imperio, só os christãos o hão de aniquilar. Hão de aniquilal-o dando por elle a sua propria vida, e morrendo para resgate do mundo. Porém aquelles soberbos romanos, que assim se furtam á verdade, hão de recusar não menos a liberdade. Matam o imperador, não para libertação do imperio, mas só para roubarem ou venderem o imperio. « A nossa gloria actual é a obediencia! » Cumprem aquelle juramento dado defronte de Tiberio. Sob os pés de César brotam os legistas, genero de theologos do culto imperial; os legistas attribuem áquelle pastor a inteira propriedade da grei humana. César que mate e saqueie; está no seu direito. *Quidquid principi placuit, legis habet rigorem.* Pois bem : apesar de tudo, antes nos queremos com as veleidades de César, que não com as leis platonianas.

E o mundo, erguendo ao maior auge o seu desconhecimento de Deus e o seu odio á humanidade, adora abjectamente o idolo de carne que o devora, e vai-se finando comido de abjecções.



III

AS PROPHECIAS



M unico povo, escapo áquelle estado geral de ignominia, adorava o Deus verdadeiro, possuia sacerdocio legitimo, praticava culto santo. Era o povo da immortalidade da alma, o povo judaico, esse a quem fôra reservado o aperceber de revestimento carnal ao eterno Verbo. A poder de castigos e milagres, tinha Deus arrancado ao coração dos Judeus o germen renascente da idolatria. Debeis observadores eram elles da sua lei divina, e propensos a lhe descomprehenderem o espirito; eram comtudo os ciosos mantenedores da mesma lei. Transgrediam-n'a; mas não n'a renegavam; bastava isso para lhes subir o nivel moral muito acima dos demais povos, não exceptuando os seus dominadores romanos. A' sombra do Templo, todo o homem era um filho de Abrahão, um subdito do Altissimo. Protegiam-lhe as immunidades, guardavam-lhe a dignidade, mantinham-n'o de posse do seu haver, os regulamentos mais equitativos. Nos seus ceremoniaes, á um tempo nacionaes e religiosos, aprendia aquelle povo a historia de seus maiores, e a

do seu culto. Quando queria seguir a estrada que lhe impunham os mandamentos divinos, de continuo lhe esforçavam orações a vontade; offerecia sacrificios puros, fazia actos de penitencia, de justiça; aguardava o cumprimento de promessas sagradas, pois lhe era fé, que um redemptor havia de nascer-lhe na raça de David, e que tinha de ver baixar á terra dos vivos o Deus de seus avós.

O Deus de Abrahão, o que devia enviar o Redemptor, denominava-se por nomes magnificos, que irradiavam luz; já os ouvimos : AQUELLE QUE É; o Senhor dos Senhores; o Omnipotente; o Justo, protector do fraco e do orphão; o Creadôr do mundo; o que nos confere a existencia, e nos arranca da morte. Mais sabia era a humillima Palestina, que a doutissima Athenas; mais opulenta que Roma, porque já, no seu tanto, conhecia e possuia a Deus.

A despeito de vicissitudes terriveis, causadas todas pelas suas transgressões, e todas annunciadas pelos Prophetas, gosára dilatados periodos de repouso Israel, *o povo de Deus*. Tradições da edade de ouro, que tão vagamente iniciavam as historias dos outros povos, constituiam na historia judaica epocas certas, e até recentes. Desde a sua tornada do captiveiro de Babylonia, até á dominação romana, decorreram quatro seculos de paz na Judêa, mais protegida do que dominada, senhora da sua legislação propria, e do seu culto, de todo descrènte dos idolos, e preservada dos falsos prophetas. No discurso d'aquellas quatro centenas de annos, passára a Grecia desde a guerra da Persia, e do desbarate de Xerxes, á victoria do consul romano Mummio, a cujas mãos expirou; viu Carthago o seu dia ultimo; e a historia de Roma toda escorre com o sangue que se verteu desde Tarquinio até Mario. Pois aquella suave paz de Israel, onde, segundo a engraçada expressão do Escriptura, cada qual vivia muito em paz á sombra da sua parreira ou da sua figueira, nada veio quebral-a senão a curta e gloriosa campanha dos Machabeus, ultimos heroes, e, por que assim o digamos, ultimos sacerdotes, d'aquelle povo, que ainda não acabou de cumprir os seus destinos incomparaveis.

Povo singular, e em verdade immorredouro! doutrinado por Deus, recebendo como que directamente de Deus todas as suas leis e todos os seus grandes homens, e que, ao apartar-se de Deus, pereceu sem morrer! Opprime-o uma culpa tão inaudita como o fôram os seus privilegios; vê-se alvo de castigo estupendo; arrasta-se, morto-vivo, sob os braços

da cruz onde pregou o Deus vivo; gira errante em meio da luz, como outros em meio das trevas; e cega-o o proprio fanal que devia encaminhal-o. Mas as promessas fieis que o Judeu porfia em rejeitar, perseguem-n'o; hão de alcançal-o, e aquelle pôvo ha de morrer, para renascer accrescido com a humanidade inteira.

No seio d'esse pôvo é que tem de cumprir-se, no proprio momento annunciado cinco seculos antes por um dos ultimos Prophetas, o successo mais consideravel, que jamais viram terra e céo. Na terra, trata-se de uma restauração da creatura primitiva; e ha de essa restauração equivaler a uma creação nova e mais perfeita, visto que a creatura decahida, restituida ao seu primeiro estado, ha de ser honrada com uma participação na divindade. No céo, trata-se de assumpto, a que ousariamos chamar uma modificação no que de si é Immutavel, um augmento no que de sí é Infinito. « O mysterio, que desde toda a eternidade jazêra occulto em « Deus, creadôr de todas as cousas, » vai patentear-se aos Anjos e aos homens, afim de se tornar fé e salvação do genero humano, pasmo das cohortes angelicas, e perfeição da gloria divina. Pelo intermedio d'esse mysterio, ha de a terra, a que vai baixar o proprio Deus, constituir-se um como acrescentamento do céo, um novo céo onde Deus resida por um modo mais divino do que até alí residia no pincaro dos céos; e o céo, a que vai remontar-se a natureza humana, casada indissoluvelmente com a natureza divina, vai locupletar-se com uma adoração desconhecida até alí. Possuia o céo um Deus adorado; vai possuir um Deus adorador, revestido da humanidade como se fôra ella o mais insigne dos divinos attributos; vai ver em volta d'esse Deus o cortejo das almas santas, messe terrena que o Filho do homem levou comsigo para despojo eterno da sua victoria, e pompa triumphal do seu amor.

Esse acontecimento supremo é nada menos que a fundação da religião definitiva, o resgate da humanidade. Com quanto aprouvesse a Deus operar essas maravilhas, por forma que excede de todo o ponto o mais que á humanidade era dado esperar, e até comprehender, já comtudo no mundo exterior, já na gentilidade inteira, lavrava desde muito o claro pressentimento do que ía dar-se. Rastreia-se no amago de todas as tradições o typo mais ou menos alterado do Messias, o dogma do resgate necessario, só realisavel por meio de um homem innocente. Era um genero de homenagem tributada, á falta de outras, pela consciencia humana á innocencia,

tanta vez desprezada, e odiada tanta vez. Todos á uma aguardam o soccorro divino; todos têm fé nos merecimentos exuberantes da innocencia.



Fig. 11. — Os Patriarchas: Noé com a arca, personifica a Igreja; Melchisedec, com o pão e o vinho, symbolisa o sacrificio incruento da Missa. Fresco de H. Flandrin, em Saint-Germain des Prés, em Paris. Seculo XIX. Segundo a gravura de J. B. Poncet.

Eis ahi as crênças que de páis a filhos vão passando. Eis ahi a prova admiravel da unidade originaria da familia humana!

Sobre tal base de verdade haviam-se no decurso dos seculos desman-



VOCAÇÃO DE ABRAHÃO

Senhor disse a Abrahão: "Todos os povos serão abençoados em ti" A vocação de Abrahão a figura da Egreja onde está realisada a união de todos os povos. Gravura de Marco Antonio copiada d'un fresco de Raphael que existe no Vaticano.

dado as imaginações. A saudade dos bens perdidos, a tristêza das invasões e das dispersões, tinham dado n'um sem numero de lendas. Via-se



Fig. 12. — As Patriarchas: Abrahão e Isac, symbolos do sacrificio cruento da cruz. Fresco de H. Flandrin, em Saint-Germain des Prés, em Paris. — Seculo XIX, segundo a gravura de J. B. Poncet.

o verdadeiro Messias obumbrado e desfigurado pelo Messias legendario; e a este coloria-o a indole peculiar de cada raça, nacionalisava-o, materialisava-o, por que assim o digamos. Ressoava no intimo dos animos um

echo das palavras de Moisés, que disiam : « Escuta, Israel, é UNO o Senhor teu Deus. » E como a idéa da unidade de Deus, viva sempre, jazia afogada e deturpada pelas fabulas polytheisticas, envolvia-se não menos em trevas densissimas a idéa do Messias. Era mister que chegasse o Messias, e que o não reconhecessem; era mister que a redempção fosse um commettimento grande, uma conquista; era mister que Jesu-Christo padecesse, e que o innocente pagasse pelos peccadores. Era tudo isso mister afim de que o homem fosse *resgatado,* afim de que justiça fosse feita no Principe d'este mundo, a quem a divina misericordia arrancava a sua prêsa; tudo isso estava escripto.

O que parecia, é que entre os Judeus nada do que ao Messias se referisse devia poder tornar-se escuro. Elles, os depositarios da promessa, não a insultavam duvidando ou esquecendo. Acreditavam na voz dos seus maiores, e acreditavam em Moisés, a quem Deus fallára entre milagres. Desde Moisés, versado em tudo, nunca mais, nem o espirito divino, nem os milagres, tenham cessado de bradar. Reboava na voz de todos os Prophetas, vivia em todos os grandes homens, o grande promettimento, renovado, affirmado, desenvolvido quasi sem cessar. Toda a Escriptura é cheia do Messias. Annunciam-n'o as revelações, figuram-n'o os successos e personagens historicos, prophetisados elles tambem; acham-se descriptas as suas feições, acha-se marcado o dia da chegada d'elle, e marcados não menos, em todo o pormenor, as circumstancias do seu nascimento, da sua vida, e da sua morte. Os signaes d'elle, ponto por ponto os possuiam os Judeus, diz um escriptor ecclesiastico; quatro mil annos gastára Deus em os escrever. E por fim, ao apparecer o Messias, « Eil-o! eil-o! » bradaram todas as vozes do céo, da terra, e do inferno, bradaram João Baptista e Pilatos, Anjos e demonios, e bradaram os trovões e os milagres. « Eil-o! eil-o! » Pois desconheceram-n'o os Judeus; não todos, verdade seja: e ainda hoje o desconhecem. Porém n'esse mesmo desconhecel-o, attestam que o esperavam; e na sua estranhissima queda e dispersão, que não sabem remediar, e que o mundo não logrou consumar (dispersão aliás prophetisada tambem), n'isso tudo estão elles demonstrando que chegou Quem tinha de chegar. Os incredulos da nação nova, tão ingratos como os Judeus, e menos obcecados, forcejam por arredar tão evidente demonstração da sua estulticia. Receosos da prova testimunhal dos Prophetas e da historia hebraica, uma hora furtam-se

áquelles magnos documentos, outra hora acoimam-n'os miseravelmente de devanéios interpretados pela fraude. A existencia de um pôvo inteiro é tida por suspeita, máo grado aos documentos mais certeiros do mundo todo; e isto para qué? para tentar supprimir a pagina primeira á propria historia que se pretende escrever. Não será um solemne reconhecimento d'essa divindade, sobre quem se lançam tantos véos, e que de todos os véos se desoffusca?



Fig. 13. — Tres Anjos, figurando a Trindade, visitam a Abrahão; annunciam-lhe que Sara, sua mulher, ha de ter um filho, de cuja raça tem de saïr o Messias. — Fresco de Raphaël, nas *Loggie* do Vaticano.

Em bôa verdade, a historia de Jesus não tem começo, e não ha de findar. *No principio existia o Verbo. O seu reino não ha de ter fim.* Mas, na ordem mesma da sua manifestação temporal, nem Jesus nasce no presepe, nem fenece na cruz. Segue desde a creação do homem até á consummação dos destinos humanos, ao juizo final. Christo foi, é, ha de ser. No instante em que o barro, amassado nas mãos de Deus, recebeu o sopro, e se transformou em carne vivaz casada com uma alma immorredoura, dá principio a vida temporal de Jesus, mais a vida da sua Igreja,

segundo reza Santo Epiphanio : « O começo de todas as cousas é a santa « Igreja catholica. » É áquelle instante pois que deve remontar-se o historiador, a não querer atraiçoar a Deus, que é a verdade summa, e aos homens que tanto almejam pela verdade! Em todas as demonstrações do Evangelho se encerra, e com razão, a historia do Christianismo anterior a Christo. Escutemos agora um cúrto summario d'ella.



Fig. 14. — Jacob vê em sonhos a escada celeste; Diz-lhe o Senhor : « Todas as nações hão de ser abençoadas em ti, e n'Aquelle que de ti ha de saïr. » (Genesis, XXVIII, 14.) — Fresco de Raphaël nas *Loggie* do Vaticano.

Caíram; vão ser expulsos do paraïso Adão e Eva; vão castigados, porém não malditos; escutam a falla que Deus dirigiu á serpente, instrumento do Espirito das trevas, que veio aconselhar a desobediencia, e venceu : « Hei de inimisar-vos, á ti e á mulher, á sua raça e á tua; e ha de a raça d'ella esmagar-te a cabeça. » Isso applicaram-n'o sempre ao Messias os antigos Judeus. « Tinha, diz Bossuet, tinha a perda do ge- « nero humano de ser resgatada por aquelle germen divino, ou pela « mulher que o havia de produzir; por ella havia de perder o sceptro o « dominador d'este mundo. »

Obedeceu Abrahão humilde e fielmente a Deus. Disse-lhe Deus : « Hei de fazer descender de ti um pôvo grande; hei de tornar celebre « o teu nome; has de ser abençoado, e todas as nações o hão de ser em « ti. » Não tardou que Deus o experimentasse outra vez. Pede-lhe o sacrificio de seu filho unico. E ainda d'esta feita obedece Abrahão. Jaz amarrada a victima; vai feril-a. Suspende-o Deus. « Por mim juro, ex-



Fig. 15. — Escreve Deus o Decalogo perante Moisés; segundo um desenho á penna por Prudhon. Seculo XIX. Collecção do Sr. Joliet, ex-maire de Dijon.

« clama o Senhor, que visto haveres praticado esta acção, e só por obe-« diencia a mim estado prestes a sacrificar teu proprio filho, teu filho « unico, hei de abençoar-te, hei de multiplicar a tua geração como estrel-« las no céo, ou como areia em ribas de mar; e *todas as gentes da « terra serão abençoadas n'Aquelle que de ti ha de saïr algum dia.* »

Foi pelos mesmos termos renovada a promessa a Isaac filho de Abrahão.

Em sonhos vê Jacob, filho de Isaac, a escada mysteriosa, cuja base pousa na terra, e que pelo seu vertice entra no céo; « e subiam e desciam os Anjos de Deus, » figurando a reconciliação do céo com a terra pela

encarnação do Verbo. E disse o Senhor a Jacob : « Sou o Deus de Abra-« hão teu pái e o Deus de Isaac; hei de dar-te, a ti mais á tua estirpe, « a terra sobre que estás dormindo. E todas as nações do mundo serão « abençoadas em ti, e *n'Aquelle que de ti ha de descender.* »

Ao morrer, predisse Jacob o destino de seus filhos.

Ao nome de Judá exclama : « Não ha de saïr de Judá o sceptro; nem « da sua descendencia o principe, até chegar *Aquelle que ha de ser en-« viado; elle é quem tem de reunir todos os povos.* »

Relata Moisés esses promettimentos, que lhe era dado conhecer, não só por via da tradição, então recente, mas tambem por inspiração divina; anima-o o Espirito Santo, e, por sua vez prophetisa elle o Libertador, de quem é, elle proprio, verdadeira e solemne representação. Disse-me o Senhor : « Hei de chamar para elles, do gremio de seus irmãos um Pro-« pheta *igual a ti.* Nos labios d'elle hei de pôr as minhas palavras, e ha de « communicar-lhes tudo que eu ordenar. E se houver quem refuja a es-« cutar as palavras que tal Propheta soltar em meu nome, a vingança eu « saberei tomal-a. » D'entre todos os Prophetas que se seguiram depois de Moisés, nenhum se lhe assemelhou, a não ser Jesu-Christo, que em tudo houve de avantajar-se-lhe.

Succedem-se os Prophetas; signaes cada vez mais certos vão annunciando « Aquelle que está para vir. » Michèas sauda a humilde Bethlem, onde o Messias ha de ver a luz; David falla-lhe como se já o tivesse presente, ou falla d'elle, e não cessa um instante de o contemplar; regosija-se Habacuc em Jesus, Deus Salvador; annuncia Isaïas que ha de saïr da estirpe de Jessé (pái de David), nascer de uma virgem, ter nome de Manuel (que significa Deus comnosco); chama-lhe Christo, rei de Israel. Dão-lhe Jeremias e Ezechiel o titulo de filho de David. Declara Isaïas o assumpto da missão d'elle, pinta-lhe a doçura e a bondade, enumera-lhe os milagres, vê-os nas tribulações, alvo do desdem e dos desprêzos humanos.

Varios ha, que até a Paixão lhe descrevem, tal como a narraram ao diante os Evangelistas. Lá se nos depara o conselho dos Judeus, a traição de Judas, a agonia no horto das oliveiras, a fuga dos Discipulos, os vilipendios no paço do sacerdote magno, os trinta dinheiros contados ao Iscariotes, o caminho do Calvario, a crucifixão, a tunica jogada aos dados, o fel e vinagre, os insultos padecidos até na propria cruz, a oração em favor dos algozes, e o suspiro final.

Annunciam tambem a reprovação dos Judeus, a resurreição, o triumpho. Lá diz Daniel : « Ha de Christo ser morto, e o povo que o houver desamparado deixará de ser o povo d'elle. » Diz David : « Dormitei, e



Fig. 16. — O propheta Isaïas segurando na mão o instrumento do seu supplicio. Prophetiza o nascimento do Messias : « Uma Virgem ha de conceber, e dar á luz um filho, que ha de chamar-se Emmanuel » (*Isaïas*, VII, 14.) — Gravura em cobre, por um artista italiano anonymo do seculo XV.

« ergui-me. » Diz Isaïas : « N'esse tempo ha de o descendente de Jessé, « alçado em signal de salvação perante a humanidade toda, ser adorado « por todas as nações, e a sepultura d'elle ha de ser gloriosa. » Diz

David : « Por toda a extensão da terra hão de ser lembrados os milagres « d'elle; ha de o mundo converter-se ao Senhor, e a innumeravel fa- « milia das nações adoral-o. » Diz Malachias : « Desde a aurora até ao « poênte é grande o meu nome entre os pôvos; por toda a parte me sa- « crificam, e offerecem ao meu nome uma oblação purissima, porque o « meu nome é grande entre as gentes. » Ahi emmudecem os Prophetas até á chegada de João Baptista, o Precursor, que mostra vivo o assumpto de tão demorada espectativa : « Eis aqui o Cordeiro de Deus! »

E que outra cousa é, senão uma como geral prophecia, e não a menos notavel, aquelle enthusiasmo com que os Prophetas á uma almejam pelo Messias? Núnca o amor encontrou expressões mais ardentes : « Senhor, « diz Jacob, toda a minha vida levarei esperando pela vossa salvação. » E diz Moisés : « Senhor, supplico-vol-o eu, enviae aquelle que deveis enviar-nos. » E diz David : « Desperte o vosso poder, Senhor! vinde, e « salvae-nos. Inclinae o vosso céo, descei. » « Apressae o tempo, e lembrae- « vos do fim, diz o Ecclesiastico, para que os homens publiquem as vossas « maravilhas. » Até nos proprios nomes que lhe dão, nas imagens de que o revestem, se revela amor, e se descobrem prophecias. Chama-lhe o Patriarcha Jacob *o Desejo dos outeiros eternaes ;* o Propheta Aggeu : *o Desejado de todas as nações;* o Propheta Isaïas : *Deus comnosco, Pái do seculo vindouro, Principe da paz*. Compara-o com o rócio, que é benigno e fecundante, que participa da terra e sobe para o céo. Osèas affirma que o seu alvorecer se vai manso e manso preparando, como o da aurora.

Eis ahí ficam, entre outros, alguns dos innumeraveis signaes do Messias, dictados por Deus aos Prophetas, afim de que o houvessem de reconhecer Israel e o mundo. Certo é, que tudo quanto o respeita não era igualmente claro, e só d'elle é que podia vir a receber inteira e clara a explicação; e certo é não menos, que nem todos os Judeus, disseminados em larga copia em Roma e por todo o imperio, percebiam de igual forma o que era então ainda incomprehensivel. D'elles havia comtudo, que íam nas suas praticas aviventando as tradições, que dormiam por longe no fundo semi-apagado da historia, e tentavam, a despeito dos sabios gentilicos, ir diffundindo os clarões da suprema verdade. Claro fica portanto, d'onde pôde Sócrates haurir a estranhissima idéa do justo perseguido e crucificado; d'onde chegou a Platão e a Cicero tudo que havia puro no seu modo de pensar acerca da divindade, e acerca da immortalidade da alma;

conhecem-se as vozes a que formavam echo os pôvos com o seu pressentimento geral, e os poetas com as suas prophecias estupendas, annunciando o rei que havia de erguer-se na Judêa, a maravilhosa Creança que tinha de mudar o curso dos acontecimentos, e fundar nova ordem de successos.

Nós outros, nascidos em tempos subsequentes, recebemos de Deus a plena intuição de tamanhas maravilhas; é nós dado comparar o original ao retrato executado de antemão; e parece-nós o retrato perfeitissimo. Foi lobrigada essa semelhança; e para a illudirem houve « sabios » que atrevidamente se lançaram em pleno absurdo. Affirmaram que varias prophecias eram suppositicias, ou interpoladas; e como por essa invenção lhes não era dado adiantarem-se muito, visto como já a traducção do Velho Testamento tem uma data certa anterior muitos seculos a Christo, quiseram outros explicar o mysterio, addusindo que o Evangelho fôra engendrado copiando as prophecias. Estes ultimos historiadores giram quanto podem em volta do eixo d'este systema; e n'isso estaca a sciencia dos negadores. O que é certo porém é que tal systema lhes não colhe muito. Como um grande numero das prophecias do Velho e Novo Testamento, só se chegaram a cumprir largo tempo depois do prazo mais proximo, em que é possivel collocar a redacção dos Evangelhos, forçoso é reconhecer que esses taes falsarios, tão sabios que souberam compôr o seu Christo segundo as prophecias, fôram, além do mais, tambem prophetas.

Ennojam de veras essas disputações; deixemol-as, e recordemos uma prophecia adrede inspirada do Alto, para coagir incredulos a entrincheirarem-se na simples negação.

« Quando tem de chegar esse tão suspirado Christo, e o como ha de « elle cumprir a missão que lhe foi commettida, a saber : a redempção « do genero humano, Deus o revela claramente a Daniel. Ao tempo em « que elle se acha cogitando no captiveiro do seu pôvo em Babylonia, e « nos setenta annos a que prouvêra a Deus limitar esse captiveiro; ao « tempo em que todo elle é votos pela libertação de seus irmãos; concitam-lhe de repente o espirito mysterios bem mais augustos. Vê na « mente outro numero de annos, e outra libertação de bem maior valía. « Em vez dos setenta annos predictos por Jeremias, vê setenta semanas, « a principiar no decreto de Artaxerxes Longimano, no vigesimo anno « do seu reinado, mandando reedificar Jerusalem. Ahí se nota em termos « claros, no fim d'essas semanas, *a remissão dos peccados, o reinado*

« *eterno da justiça, o cabal cumprimento das prophecias,* e a uncção « *do Santo dos Santos.* Deve o *Christo* cumprir a sua missão, e apparecer « como *guia* do pôvo *passadas sessenta e nove semanas. Passadas sessenta « e nove semanas* (note-se que ainda o propheta repete essa conta) *ha de « Christo ser morto;* ha de padecer morte violenta; é mister que seja im- « molado para que se cumpram os mysterios. Ha uma semana assignalada « entre as demais : é a ultima, a septuagesima, aquella em que ha de o « Christo ser immolado, em que ha de *a alliança ser confirmada, e no « correr da qual hão de as victimas e os sacrificios ser abolidos,* sem dú- « vida pela morte de Christo, pois em consequencia da morte de Christo « é que essa mudança é assignalada. *Depois d'essa morte de Christo, e da « abolição dos sacrificios,* o que se nota é horror e confusão; dá-se *a « ruina da cidade santa e do sanctuario;* um pôvo e *um general,* que « chega *para derrubar tudo; a abominação no templo, a ultima e irreme- « diavel assolação* de um pôvo cheio de ingratidões para com o seu Salvador.

« Traduzidas em semanas de annos, conforme o uso da Escriptura, « perfazem aquellas semanas o computo de quatrocentos e noventa annos, « e conduzem-nós, com a maxima certeza, desde o vigesimo anno de « Artaxerxes até á ultima semana, semana cheia de mysterios, em que « Jesu-Christo immolado põe termo com a sua morte aos sacrificios da « Lei, e cumpre o figurado nas prophecias.

« Embrenham-se os doutos em calculos diversos para lograrem a exacta « cifra d'esses annos. Nada haveria para notar-se, ainda mesmo quando « se desse alguma incerteza n'essas datas; e os poucos annos discutiveis « n'uma totalidade de quatro centos e noventa annos nunca hão de ter « valia grande. Cortou Deus a difficuldade, a haver alguma, por uma « decisão que não padece replica. Derruba todas as subtilezas dos chro- « nologistas um acontecimento bem claro; e a total ruina dos Judeus, « que seguiu tão de perto a morte de Nosso-Senhor, demonstra aos « menos perspicazes o cumprimento da prophecia (1). »

Chegavam ao seu termo as semanas de Daniel, e já avultava para todos o signal indicado por Jacob. Saïra o sceptro das mãos de Judá. No throno de David reinava como tyrano, pelo favor de Roma, Herodes, alheio a sangue realengo, alheio ao proprio sangue de Israel. Adornava o templo, e deshonrava o sacerdocio, a politica de Herodes. Posêra em almoeda

(1) Bossuet, *Discurso acerca da Historia universal.*



Fig. 17. — Visão de Ezechiel. O verbo trazido ao mundo pelos quatro evangelistas representados nos seus respectivos symbolos. (*Ezechiel*, cap. 1.) Quadro de Raphael na galeria de Florença.

o summo pontificado. Alternativamente se via o summo sacerdote mudado, nomeado, exonerado pelo imperante ou pelo governador romano; não passava de ephemera creatura e joguete d'aquelles intrusos potentados.

Declinava a olhos a religião, entre o esplendôr do ritual. Multiplicavam-se as seitas, atroando com suas acres disputações a cidade; as escolas, a propria abobada do Templo. Os Sadduceus, opulentos, incredulos, zombeteiros, propalavam o desprêzo da Lei; no seu orgulho e fereza insultavam-n'a de outra forma os Phariseus, carregando-a de praticas insupportaveis, que desanimavam os fracos, e eram odiosas á razão; a si proprios impunham os Essenos regras austeras de viver, agrilhoando a legitima liberdade, mas em compensação libertavam-se dos preceitos, refusavam as tradições, e pretendiam honrar a Deus sem lhe offerecerem sacrificios. Quantos desmandos não acompanhavam este desregramento dos animos! novo signal evidente, que os sabios não desconheciam. No coração dos justos e dos doutos, mesclava-se com a espectativa o pressentimento de alguma grande catastrophe.

Todos aguardavam. Com respeito ao Messias não havia incredulos; mas em todos cada vez mais se esvanecia a noção verdadeira do Enviado divino. Para isso contribuia tanto a vangloria nacional, como o espirito de seita. Offendiam-se com a dominação romana, se bem que fôsse relativamente moderada, os brios de um pôvo, a quem não faltavam razões para se reputar superior a esses arrogantes oppressores. Além da rapacidade e crueldade d'estes, era-lhes lançado em rosto o espirito sacrilego. Mil vezes tinham na sua insolencia violado usos religiosos da Judêa. Era pois mais que tudo como vingador que alí se almejava pelo Messias. Tinham-se os Judeus affeito a crêr que o Desejado das Nações havia de vir armado, terrivel e triumphante, para lhes dar pasto a todas as cubiças, e substituil-os aos senhores do mundo. E assim foi, que n'aquelles corações inclinados para a terra, se íam condensando trevas mais lôbregas que a noite, no momento mesmo em que entrava a alvorecer o dia novo. Ha de dizer o Messias : *Bemaventurados os corações puros !* E hão de lograr vel-o aquelles somente que aspirarem, não ao reino d'elles, mas ao d'elle.

Reinava comtudo a paz na Judêa, como em toda a parte. Conseguira Augusto domar em Roma todas as sedições, e todas as rebelliões no mundo. As turbulencias doutrinaes de Jerusalem, sopeadas pela geral espectativa, em nada turbavam aquella quietação geral. Nenhuma parcialidade era politicamente receavel. Momento raro na historia! Possuia Roma um templo mais hypocrita que todos os que erigira : o templo da Paz. No escancarar d'aquelles portões durante a guerra, havia como que uma ora-

ção permanente em favôr da paz exilada. Desde Numa porém, até a Augusto, no correr de sete seculos, nunca o templo da Paz se fechára senão duas vezes : a primeira, segundo affirmam, por annos ; a segunda, por mezes. No emtanto, quizera Augusto mostrar ao mundo por que preço póde a força impôr a paz; e outras duas vezes quizêra cerrar as



Fig. 18. — O Antigo e o Novo Testamento, pintura allegorica por fra Angelico (segundo uma visão de Ezechiel, cap. X, na Academia das Bellas Artes de Florença, seculo XV. A circumferencia exterior contem os prophetas da antiga Lei; a interior os quatro evangelistas, e os apóstolos Paulo, Thiago, Judas, e Pedro, todos mensageiros da Lei nova. Á esquerda Ezechiel tendo a visão d'esses circulos symbolicos, á direita o papa Gregorio Magno commentando a visão do propheta.

portas do templo com as suas mãos homicidas; ou por melhor dizer : tinha-as entulhado de cadaveres de cidadãos. Tinham-se tornado as portas a abrir, e elle acabava de as fechar outra vez, tendo empregado a espada de Tiberio. Pelas suas victorias na Germania, constitue-se Tiberio o executante do que bem póde ser chamado o primeiro facto evangelico;

isto é, promove a quietação das armas, em meio da qual quer Deus lançar baixinho a palavra da verdadeira e eterna paz. Começa o Imperio a desempenhar os designios de Deus; de ora em diante, queira ou não, já lhe não cabe outro papel. Os feitos marciaes, unicos successos que sabem acordar os echos na antiguidade, emmudecem por toda a parte, porque foi determinado que haveria paz na terra n'esta hora de que fallamos. Hora dos canticos, hora dos triumphos! Em Roma cantam Virgilio e Horacio aos pés de Augusto e Tiberio victoriosos; na Judêa, por sobre uma arribana onde descança uma pobre creança recemnascida, entôam vozes celestiaes, só de alguns pastores escutadas, a súmmula do eterno Evangelho: Gloria a Deus nas alturas! e na terra paz aos homens de bôa vontade!

Hora solemne para toda a natureza! No firmamento não se alterara o curso dos astros, nenhuma perturbação espantava aquelles reinos inviolaveis da regularidade. No emtanto uma circumstancia tinha lá de assignalar o nascimento do novo Adão, do novo Moisés, do novo Josué, do Homem a quem os demonios, os Anjos, e os ventos, e o mar, e as plantas, e todas as cousas creadas, íam obedecer. Foi essa circumstancia o jubilêo universal dos planetas. Todos a esse momento haviam cumprido as suas revoluções, e se achavam prestes para a lida ou para o repouso; todos se abalaram obedientes para uma carreira nova, como no dia em que, evocadas do nada pelo mesmo Verbo de Deus, cada qual ao chamamento do seu nome respondeu: Eis-me! e seguiu na vereda que lhe era imposta.

Vae pois apparecer-nós o Creadôr do mundo! vae viver a nossa vida! vae enfermar na nossa carne! Buscamos a Deus, patenteia-se-nós o homem; para depois nos entregar o proprio Deus.

Jesus agora já se não esconde nem disfarça. Passou para a enfermidade carnal, e permanece na gloria. Mas o que é certo é que desde dezanove seculos aquelle sol, cada vez mais rutilante, encontra cada vez mais a teimosia das cegueiras. Tal é o mysterio da liberdade humana; até na presença da evidencia, conserva o merecimento de acreditar, e possue o formidavel poder da negação. Se, com quanto não jurassemos empedrenir no erro, não temos tambem o proposito de saïr d'elle, invoquemos o soccorro da graça. Acha-se a nossa razão sujeita a perturbações, que á intelligencia não é dado formular, nem adivinhar, nem attingir. Da oração provêm a graça; da graça nasce a luz. Pronunciemos



Fig. 19. — A Sibylla de Tibur annuncia ao imperador Augusto a vinda de Jesu-Christo. Fresco de Balthazar Peruzzi, na igreja de Fonte-Giusta em Sienna. Seculo XVI.

aquellas palavras poderosas, que nos suggeriu o Espirito Santo para nós vencermos a nós proprios, e vencermos a Deus, como as que a mãi ensina ao filho que diga ao pái para ser perdoado. Não teimemos contra a misericordia, não recusemos a salvação. É sempre tempo de dizermos : « Senhor, permitti que eu veja ! » A crênça que temos é comtudo tão tibia, ainda assim, que nos permitte o repetirmos aquell'outra phrase endereçada a Jesus : « Acredito, Senhor ! ajudae a minha incredulidade ! »



Fig. 20. — A resurreição da carne. « Hei de ressuscitar, e ver o meu Deus na minha carne. » (Job, XIX, 26.) — Miniatura de uma Biblia ms. do seculo XIV, N° 9561 da Biblioth. Nac. de Paris.

SEGUNDA PARTE



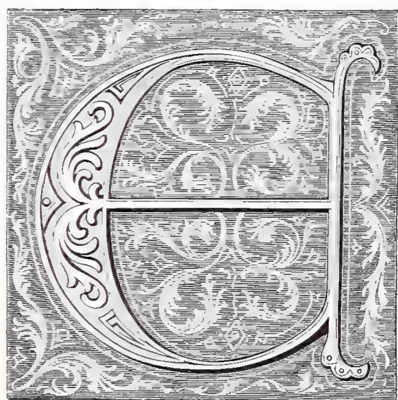
JESU-CHRISTO VIVO

I

O PROLOGO DO EVANGELHO

Nazareth, Bethlem, o Jordão. — Zacharias, Isabel, Maria, João, José, Herodes. — Antepassados de Jesus, a Tentação no deserto, os primeiros Discipulos.

NAZARETH, BETHLEM, O JORDÃO.



RAM justos e irreprehensiveis diante de Deus o sacerdote Zacharias e sua mulher Isabel; não tinham filhos, nem já esperavam tel-os, em vista da muita edade de ambos, e por ser Isabel estéril de natureza.

Um dia, em que a Zacharias coubêra serviço no Templo, eis que lhe apparece um Anjo, a annunciar-lhe que iam ser despachadas as suas orações, e que ao filho que Isabel ia dar-lhe, havia elle de pôr o nome de João. Acrescentou o Anjo que este filho, cheio do Espirito Santo desde o ventre materno, havia de apparecer antes do Senhor, com a virtude do propheta Elias, afim de preparar os homens a receberem a salvação.

Limitara-se Zacharias até então a fazer préces pela chegada do Messias. Não chegou a perceber a palavra do Anjo; não lhe deu credito. Annunciou-lhe o Anjo que, afim de lhe castigar tanta incredulidade, lhe ordenava o Senhor que emmudecesse até ver cumpridos os annunciados successos. De feito, saiu Zacharias do Templo, desfeito e sem o uso da falla. Só por esses signaes se conheceu ter elle tido uma visão. N'estes entremen-

tes concebeu Isabel. Recolhida em sua humildade rendeu graças a Deus, por lhe quitar o opprobrio de infecunda.

Passados seis mezes, foi o Anjo Gabriel, o mesmo que apparecêra a Zacharias, enviado por Deus a uma virgem da raça de David, e que habitava Nazareth, na Galilêa. Maria era o nome d'ella. Era orphã; tinham-n'a educado no Templo. Não havia muito que o gran-sacerdote, ou, a crêrmos outros, os parentes que ainda a ella lhe restavam, a tinham promettido por mulher à José, homem bom e recto, muito mais velho que a noiva, e tambem do sangue de David. Tinha José o officio de carpinteiro, e trabalhava para viver. Não passava Maria dos seus quatorze annos.

Appareceu o Anjo ante esta virgem, e bradou-lhe : « Salve, ó cheia de « graça. Bemdita sois vós entre todas as mulheres. O Senhor é comvosco. Annunciou-lhe depois Quem d'ella havia de nascer, e disse-lhe que lhe pozesse o nome de Jesus, isto é *Salvador*.

Já, segundo é fama, andava Maria afeita á presença dos Anjos: mas como não se achava preparada para a solemnidade d'esta missão, toda se perturbou. Não duvidou, como fizèra Zacharias. O que em resposta revelou foi o seu firme proposito de virgindade. Disse-lhe o Anjo então, que havia ella de conceber por obra e graça do Espirito Santo, e que por isso o Santo que lhe nascesse tinha de chamar-se o Filho de Deus. Annunciou-lhe que a sua parenta Isabel, « aquella a quem todos chamavam infecunda, » ía já no seu sexto mez; importava que fosse Maria quem primeiro conhecesse o segredo do milagroso concebimento do Precursor.

Como ouvisse o que lhe o Anjo dissèra, exclamou logo Maria : « Eis « aquí a serva do Senhor; seja feita a vossa vontade. » E logo o Anjo se apartava.

Ao pronunciar a humilde phrase que nos segurou a salvação, era Maria o echo do Verbo. Pelas proprias expressões de David, quando annunciava a descida de Jesus á terra, se tinha este nomeado, não já o Filho da virgem, senão o filho da serva : *Ego servus tuus, et filius ancillæ tuæ*. Ao annuir Maria aos designios de Deus, compriu-se o mysterio da Encarnação. « E o Verbo se encarnou, e habitou entre nós. »

Doutrinada pelas revelações de Anjo, e levada de inspirações d'Aquelle que já existia n'ella, apressou-se Maria em ir-se á região montanhosa, ao Hebron, onde morava Isabel. Queria Jesus santificar, com a sua presença occulta, ao seu Precursor. Ao entrar na casa de Zacharias, saudou Maria



Fig. 21. — A Annunciação: o Anjo Gabriel e a virgem. Esculptura da cathedral de Amiens. Seculo XIII.

á sua parenta. Para logo entremeceu o filho de Isabel, e ella propria se encheu da graça do Espirito Santo.

E erguendo a voz exclamou : « Bemdita sois vós entre todas as mu-
« lheres; bemdito é o fructo do vosso ventre. A que posso eu dever a
« ventura de me visitar a mãi do meu Senhor ? Porque heis de saber,
« que desde que ouvi a vossa voz, todo estremeceu de jubilo o meu filho
« dentro em mim. Bemaventurada sois, por haverdes acreditado; e tudo
« quanto da parte do Senhor se vos annunciou, tem de cumprir-se. »

Disse Maria então :

« Glorifica minha alma ao Senhor, alegra-se o espirito em Deus sal-
« vação minha.

« Lançou Deus os olhos até á humildade da sua serva, e todas as ge-
« rações hão de chamar-me a bemaventurada.

« Cumpriu em mim grandes designios o Todopoderoso. E santo é o
« nome d'elle; e por sobre os que o temem se estende, de geração em
« geração, a sua misericordia.

« Expandiu a força do seu braço, e destruiu os intentos dos soberbos.

« Derrubou os altivos; e os humildes, elevou-os.

« Encheu de venturas os indigentes famintos, e despediu os que na-
« davam na abundancia.

« Elevou Israel, seu servo, por se lembrar da misericordia que promet-
« tera a nossos páis, a Abrahão, e á sua posteridade para todo sempre. »

Chegado o termo, deu Isabel um filho á luz. Ao oitavo dia, que era o da circumcisão, queriam os parentes que pozessem ao menino o nome de seu pái. Rogou Isabel que lhe chamassem João, o que Zacharias, mudo como até alí, corroborou escrevendo : « É João o seu nome. » No mesmo instante desligou-se a lingua a Zacharias, e foi ouvido prophetisar, abençoando o Deus de Israel por se ter recordado da sua misericordia para com o seu pôvo, e por lhe haver concedido um Salvador oriundo da casa de David. E dirigindo-se a seu filho, disse-lhe que havia de caminhar a diante do Senhor para lhe aplanar a estrada, afim de que a remissão dos peccados, nol-a obtivesse aquelle sol nascente, que vinha allumiar as trevas e sombras da morte, e dirigir os nossos passos na senda da paz.

Rumores de todo o succedido correram as serras da Judêa; e perguntava cada qual : Que ha de vir a ser aquella creança?



A VISITAÇÃO

A' direita vê-se Maria Salomé, á esquerda Maria, mai de Thiago, parentas da Virgem.
Quadro de Domingos Ghirlandajo no Museu do Louvre. Seculo XV

De volta a Nazareth, ficou-se Maria em profundo recolhimento, confiando de todo em Deus. E José, prevenido em sonhos por um Anjo do Senhor, não despediu de casa sua esposa como primeiro resolvêra. Por



Fig. 22. — A Natividade. Adoração dos pastores. Quadro de Lorenzo di Credi na Galeria de Florença. Seculo XV. O sentimento religioso d'este quadro contrasta com a composição de Alberto Durer, que só procurou o pittoresco.

ahí soube que devia o filho da Virgem chamar-se Jesus, pois havia de vir a ser o Salvador de Israël. Conheceu então José, homem justo e piedoso, versado nas sagradas Escripturas, que tudo quanto ía acontecer seria o cumprimento da prophecia de Isaïas : « Ha de uma virgem conceber, e « dar á luz um Filho. »

Outra prophecia ficava ainda para cumprir. Estava escripto que havia o Messias de nascer em Bethlem da Judêa. Negocio urgente constrangiu a José a lá ir com Maria, posto se achasse esta no termo já da gravidez. Como era Bethlem a cidade de David, antepassado de ambos os esposos, lá é que tinham de dar os seus nomes para o recenseamento geral mandado fazer pelo imperador Augusto. Saïram pois da Galilêa, e apresentaram-se em Bethlem, ao tempo em que um sem numero de forasteiros para alí confluia, vindos de Jerusalem, onde se então celebrava a festa das Luminarias. E como não achassem lugar na estalágem, acolheram-se a uma gruta no campo.

Alí foi, que alta noite, e sem dôr, deu Maria ao mundo o seu primogenito, o seu filho unico, á maneira do sol que expande a sua luz, ou da flôr que solta ao ar os seus effluvios. Alí nasceu Aquelle, a quem S. João appellida « o Filho unico do Pái », e S. Paulo « o Primogenito de Deus. »

Ora aquelles campos onde nascia Jesus, eram pertença do Templo; n'elles se apascentavam reses para os sacrificios. Velavam-n'as os pastores durante a noite. Senão quando, viram estes apparecer-lhes um Anjo envolto em luz, que lhes bradou se não assustassem, antes se enchessem de alegria. « Hoje, acrescentou o Anjo, na cidade de David, nasceu para vós « um Salvador; é o Christo, Senhor nosso. Os signaes por que o heis de « reconhecer, são estes : é uma creança, envolta nas suas faixas, e dei- « tada n'um presepe. » De repente uma numerosa cohorte da milicia celestial uniu-se ao Anjo, e entoou estes cantares : « Gloria a Deus no « mais alto do céo! paz na terra aos homens de bôa vontade. »

E disseram entre si os pastores : « Vamo-nós a Bethlem! »

Encontraram Maria, e José, e viram a creança deitadinha no presepe; e reconheceram quanto era verdade o que lhes fôra annunciado. D'ahí, depois de darem muitas graças a Deus, tornaram-se para os seus rebanhos, e espalharam o que tinham presenceado.

Nada d'isto que passava se esvanecia no coração da Mãi celeste. Pouco tardou que uns homens que vinham lá das partes do Oriente, e a quem chamavam Magos, por causa do muito que sabiam, entrassem em Jerusalem. Disseram ter nascido o Rei dos Judeus, pois tinham visto luzir a sua estrella; e perguntaram onde acaso o encontrariam, que para o adorarem é que alí eram. Alvoroçou-se a tal nova a cidade inteira. Ouviu



A NATIVIDADE

Copia da gravura de Alberto Durer. 1471-1528



Fig. 23 — Adoração dos tres Reis Magos representando os povos da gentilidade submettidos ao sceptro de Christo. Gaspar offerece o ouro symbolo da realeza de Jesus. Balthasar offerece o incenso, symbolo sacerdotal; Melchior offerece a myrrha (que servia para a embalsamação dos cadaveres) symbolo da morte. Mosaico da igreja de San-Vitale em Ravenna. Seculo VII

fallar nos Magos o proprio Herodes, Rei de Judêa. Principe era este desconfiado, cruel, e astuto. Percebeu que nascêra um seu rival; turbou-se, e inquiriu em que lugar havia o Christo de nascer. Grandes, escribas, e



Fig. 24. — A Presentação no Templo. A direita, a prophetiza Anna; á esquerda, S. Pedro martyr. Fresco de fra Angelico no convento de S. Marcos em Florença Seculo XV.

sacerdotes, á uma lhe responderam : Em Bethleem. Para lá dirigiu Herodes aos Magos, depois de lhes haver pedido que o informassem, assim que tivessem avistado o menino, para que podesse abalar-se em sua busca, e (dizia elle) adoral-o tambem. Partiram-se os Magos alegres e crêntes. Rutilou novamente a estrella que os havia guiado até Jerusalem, e foi-os



Fig. 25. — A fugida para o Egypto, gravura de Martim Schœn. Seculo X. Segundo uma tradição, quando a familia sagrada atravessou o deserto, por onde tinham peregrinado os Hebreus, adornaram-se de repente aquellas solidões aridas com flores e frutos.

levando até ao sitio onde era Jesus. Deparou-se-lhes o Menino com sua Mãi; adoraram-n'o, offereceram-lhe ouro, incenso, e myrrha; e como em

sonho fossem avisados de que se não volvessem a avistar com Herodes, tornaram-se para a sua terra por desviado caminho.

Oito dias além do nascimento, fôra a ceremonia da circumcisão judaica; o dia quadragesimo estava marcado para a ceremonia duplice da purificação da mãi, e da apresentação do Menino. Como todo o primogenito masculino se consagrava a Deus, era uso resgatarem-n'o a dinheiro, em memoria da libertação do Egypto. Em cumprimento da lei, foi Jesus levado ao Templo por seus páis. Ía lá chegando na mesma occasião, levado de inspiração do Espirito Santo, um homem justo, que estava aguardando a consolação de Israel. Chamavam-lhe Simeão. Fôra revelado a Simeão que não havia de morrer sem ter saudado a Christo.

Mal Simeão avistou o Menino Jesus, tomou-o ao collo, e rompeu em graças a Deus : « Agora, agora sim, que, segundo a vossa promessa, po-« deis, Senhor, deixar finar-se em paz o vosso servo, pois viram estes « meus olhos a salvação que de vós vem, a luz que ha de allumiar as « gentes, a redempção d'Israel, vosso pôvo! »

Abençoou o santo velho a Maria e a José, e illuminado pelo céo, prophetizou.

Dirigiu-se a Maria sómente, e disse-lhe : « A Creança que ahí vemos « veio ao mundo para perda de muitos, e salvação de muitos em Israel; « será posta como um symbolo de contradicção afim de patentear o que « jaz no fundo do coração de muitos homens; e vós mesma, que sois « sua mãi, heis de ter a alma traspassada por um gladio. »

Tambem alí se achava uma prophetiza por nome Anna, filha de Phanuel, viuva, e com oitenta e quatro annos. Desde que enviuvára, nunca mais saía do Templo, onde passava os dias e as noites em jejuns e orações. Tambem viu a Jesus, e tambem louvou a Deus, e fallava n'aquella Creança a todos os que ainda aguardavam a redempção d'Israel.

Depois d'estes successos, estando preenchido o que mandava a Lei, appareceu em sonhos o Anjo de Deus a José, a ordenar-lhe que fugisse para o Egypto, pois havia Herodes de mandar procurar o Menino para acabar com elle. Obedeceu José sem mais detença; e ao passo que escapava Jesus por este meio, Herodes, depois de saber da fuga dos Magos, mandava assassinar todas as creanças do sexo masculino, e de menos de dous annos, que houvesse na região de Bethlem.

Poucos mais annos durou Herodes depois d'este crime. Só então é que

avisado em sonhos, trouxe José o Menino outra vez para Israel. Mas como na Judêa reinava Archelau, filho de Herodes, não se atreveu a entrar lá; e obediente aos avisos celestes, estabeleceu-se em Nazareth de Galilêa. Tal era a vontade de Deus, afim de que se cumprisse aquella



Fig. 26. — A degolação dos innocentes. Quadro de Guido, no museu de Bolonha. Seculo XVII.

phrase : « Chamei do Egypto o meu filho; » e aquell' outra : « Hão de « chamar-lhe o Nazareno. »

Um só caso relata o Evangelho acerca da meninice de Jesus. Aos doze annos, edade em que as prescripções mosaicas começavam a ser obrigatorias, levaram-n'o seus páis a Jérusalem para a paschoa. Ao tornarem-se, ficou elle na cidade. Durante o dia inteiro, nem José nem Maria deram

por aquella ausencia, porque os homens e as mulheres caminhavam em duas turmas separadas; e cada um dos dous pensava que Jesus estaria com o outro. Deram pela falta, tornaram-se atraz, e de balde procuraram tres dias. Acharam-n'o, a final, onde devia estar, no Templo, sentado entre os doutores, a quem escutava e inquiria, e a quem maravilhava pelo muito saber que lhe elles percebiam. Disse-lhe a mãi : « Meu « filho, porque nos fizestes isto ? que afflictos temos andado, *vosso pái* « e eu, em vossa busca ! » Tornou elle : E porque me procuraveis ? Não « sabeis que é força que todo eu me entregue a assumptos do serviço do « MEU PÁI ? » Não perceberam os mais, de que serviço elle queria fallar; mas a mãi lembrou-se de tudo. D'ahí acompanhou-os a Nazareth, e obedecia-lhes.

E ía crescendo na edade e na graça perante Deus e perante os homens.

No entretanto, apartara-se desde menino para o deserto o filho de Zacharias e Isabel. Vivia uma vida de mortificações; vestia um cilicio, orava e jejuava; desconhecido n'aquelles ermos, como o era Jesus no seu retiro de Nazareth. Assim esperou até aos trinta annos que lhe Deus mandasse ordem para o dia em que havia de declarar-se.

Por fim, quando se contavam quinze de mando a Tiberio Cesar, ouviu João a palavra do Senhor, segundo o que o Propheta annunciára : « Envio « o meu Anjo á vossa presença, para aplanar o caminho ante vós. » E n'outra parte : « Ó voz de quem no ermo está clamando, prepara o « caminho do Senhor, aplana-lhe as veredas. »

Entrou por tanto João a prégar nos desertos da Judèa e nas regiões do Jordão. Baptisava e prégava o baptismo da penitencia, que tinha de predispôr a humanidade para receber a remissão dos peccados. E bradava : « Penitenciae-vós, que está proximo o reino dos céos ! » Tratava asperamente a hypocrisia dos Phariseus e a impiedade dos Sadduceus, que íam mesclar-se por entre as turbas que em volta d'elle concorriam. « Raça « de viboras, lhes dizia-elle, quem vos ensinou a fugir á ira que já lá vem « tão proxima ? Cumpri dignamente a penitencia ! Não blasoneis que « tendes por pái a Abrahão, porque (affirmo-vol-o eu) dos proprios pe- « nedos póde Deus fazer que nasçam filhos de Abrahão. Já o machado per- « cute a raiz das arvores; e toda a arvore que não dá bom fructo tem de « ser arrazada e queimada. »

Taes exhortações, corroboradas por um viver todo de santidade, e pelo sobrenatural do nascimento de João, abalavam a Judêa. De todas as bandas chegavam mós de pôvo a escutarem o prégador da penitencia. Toda



Fig. 27. — Jesus entre os doutores. Fresco de Giotto na galeria de Florença. Seculo XIV.

aquella gente confessava commovida os seus peccados, e inquiria de João o que era mistér para o recebimento do baptismo. A todos dava elle como preceito a esmola : « Aquelle que dous vestidos possua, vista com « um o pobre que não tiver que vestir; e aquelle que tiver que comer « sustente a quem nada tiver. » Aos publicanos, collectores do imposto, dizia : « Nada exijais além do que estiver estatuido. » E dizia aos sol-

dados : « Não perpetreis violencias; não accuseis falsamente a ninguem; « dae-vos por satisfeitos do vosso soldo. »

Persuadiu-se para logo o pôvo, de que João era realmente Christo. Disse-lhes elle então : « Baptismo de agua vos dou eu, para que hajais « de fazer penitencia. Aquelle porém que apoz mim tem de chegar, póde « mais do que eu; nem eu sou digno de me prostrar ante elle, a desatar-« lhe a correia do calçado. Elle é que ha de conferir-vos o baptismo do « Espirito-Santo e do fogo. Traz a joeira nas mãos; ha de alimpar a sua « eira, juntar o trigo no seu celleiro, e deitar a palha no lume que se « não apaga. »

Saíu Jesus de Nazareth a fim de ser baptizado, e appareceu á vista de João nas ribas do Jordão, por entre a turba multa dos peccadores que procuravam a lei de Deus. Em parte nenhuma está escripto que João, vivendo, como vivia, desde menino no deserto, se tivesse nunca avistado antes d'esse momento com o filho de Maria. Com tudo reconheceu-o por inspiração, que ía para logo ser confirmada por signal visivel. Todo se excusava de baptizar a Jesus, e dizia-lhe : « Cabia-me antes a mim receber de vossas mãos o baptismo; e vós é que vindes para mim! » Respondeu-lhe Jesus : « Não importa; baptizae-me; é mistér que assim cum-« pramos toda a justiça. » E João baptizou-o.

E em quanto Jesus, ao sair da agua, orava, abriram-se de repente os céos, e o Espirito-Santo, em forma de pomba, desceu, e pairou sobre Jesus; e dos céos saíu esta voz : « Tu és o meu Filho bem-amado. »

E logo se apartou Jesus para o ermo. Lá ficou quarenta dias e quarenta noites, vivendo entre os animaes silvestres, e ahí consentiu em ser tentado de Satanaz. Quer tivesse a tentação durado os quarenta dias, quer a tivesse permittido o Filho de Deus só depois d'aquelle demorado jejum, tres assaltos lhe menciona o Evangelho.

Quando aprouve a Jesus o padecer os tormentos da fome, disse-lhe Satanaz : « Se sois o Filho de Deus, ordenae a essas pedras que se con-« vertam em pão. » Tornou-lhe Jesus : « Escripto está : *Não só com pão « vive o homen; tambem vive com a palavra que sáe da bòcca de Deus.* » Repellido por essa expressão da confiança absoluta que a Providencia espera do homem, quiz por sua vez o inimigo engenhar da Escriptura e da confiança em Deus uma arma para si. Levou Jesus ao pinaculo do Templo, e disse-lhe : « Se sois o Filho de Deus, arrojae-vos d'essa altura a

« baixo, porque está prophetizado na Escriptura : Encarregou Deus aos « seus Anjos que tomassem conta em vós, e hão de tomar-vos em suas « mãos, por medo de que o vosso pé não vá dar de encontro ás pedras. » Respondeu Jesus : « Tambem a Escriptura manda : *Não tentareis ao « Senhor vosso Deus.* »



Fig. 28. — Baptizado de Jesu-Christo no Jordão. Fresco de André del Sarto, no antigo claustro do Scalzo, em Florença. Seculo XVI.

Outra vez vencido, tentou Satanaz um derradeiro impulso. Levou Jesus ao cume de um elevado monte, e mostrou-lhe, n'uma visão prestigiosa e repentina, todos os reinos do mundo resplandecendo de gloria : « Tudo que vedes vos darei, lhe disse elle, todo o poderio e toda a gloria « dos imperios, visto que tudo isso me pertence, e que o dou a quem me « apraz. Adorae-me, e tudo é vosso. » Tornou-lhe Jesus : « Vae-te,

« porque está escripto : *Adorareis o Senhor vosso Deus, e servil-o-heis a elle tam só.* »

Depois de haver assim experimentado de balde todas as tentações, afastou-se Satanaz, e os Anjos se acercaram de Jesus, e o serviram (fig. 29).

No emtanto, com a fama de João subia de ponto o odio dos Escribas e dos Phariseus. Mandaram ao deserto alguns emissarios, encarregados de lhe perguntarem a elle mesmo quem era, esperando certamente que as respostas lhes dessem ázo para o perseguirem. Asseverou João claramente que não era elle Christo. Perguntaram-lhe se era acaso Elias, ou algum outro Propheta. Redarguiu elle : « Não. » — « Quem sois então? — lhe tornaram os emissarios; que dizeis de vós proprio? » Respondeu-lhes João, como já respondêra : « Sou a voz a que se refere Isaías; sou a voz « que no deserto clama : *Aplanae o caminho ao Senhor.* » Insistiram elles : « Se pois não sois vós Christo, nem sois Elias, nem propheta sois, « porquê baptizaes? » E João respondeu novamente : « Baptismo de agua « dou eu; mas vive por entre vós um homem que não conheceis. Elle é « quem deve apparecer depois de mim, mas precede-me; nem eu sou « digno de lhe desatar o calçado. »

Nada mais inquiriram os enviados; nada mais acrescentou João; mas ao outro dia, vendo passar Jesus, exclamou : « Eis o Cordeiro de Deus; « eis Aquelle que apaga os peccados do mundo. D'elle é que eu disse : « ha um homem que deve apparecer depois de mim, mas que me precede, « porque é mais antigo do que eu. Não o conhecia eu; mas venho dar « um baptismo de agua, afim de que o conheçam em Israel. » E acrescentou : « Vi o Espirito-Santo baixar do céo na figura de uma pomba, « e pairar sobre Elle. Não o conhecia eu, mas Aquelle que me enviou « para dar um baptismo de agua disse-me : Aquelle sobre quem virdes « baixar e pairar o Espirito, é Quem baptiza no Espirito-Santo. E vi, e « attesto que é o Filho de Deus. »

No dia seguinte, estando João com dous dos seus discipulos, viu outra vez passar Jesus, e tornou a dizer : « Eis o Cordeiro de Deus! » Logo seguiram a Jesus os dous discipulos de João. Volveu Jesus, e perguntou : « Que procuraes? » — « Mestre, perguntaram elles, onde habitaes! » Tornou Jesus : « Vinde, e sabel-o-heis. » Fôram, e lá ficaram. Um era João, filho de Zebedeu; era o outro André, irmão de Simão. Disse André



Fig. 29. — As tres tentações de Christo. Acercam-se de Jesus uns Anjos para o servirem.
Mosaico da cathedral de Monreale na Sicilia. Seculo VIII.

a seu irmão : « Encontrámos o Messias. » Levou a Simão á presença de Jesus; e este, depois que o viu, exclamou : « Tu és Simão, filho de Jona; « ficar-te-has chamando *Cephas.* »

Tal é o prologo do Evangelho. Nada se lhe póde comparar em humildade, e em magnificencia. Não podia Deus conceder menos ao homem, nem mais a Deus.

Conforme observa um Padre da Igreja, seria crime para o homem attribuir a si a essencia divina; ao passo que Deus pratica as cousas mais humildes sem offender a sua natureza. É proprio de um monarcha o fazer de soldado, quando n'isso vai a salvação geral; e assim tambem são obra de Deus as cousas minimas que vêm salvar o mundo.

Um deus mundanal, segundo o espirito mundano, esse triumphava em Roma; chamava-se Augusto; possuia templos e sacerdotes. A pezar de conhecer a Herodes, consentia-lhe que reinasse; e preparava Tiberio, de quem já formára o seu juizo. Vão assombrar a historia os nomes mais horriveis. As Messalinas, as Herodias, as Drusillas, as Agrippinas, as Poppêas, são as naturaes companheiras d'aquelles deuses da terra; e os ministros d'elles são os Narcisos e os Sejanos.

Compõe-se de personagens bem mais raros a côrte do Deus humanado. Uns, taes como Zacharias e Isabel, Simeão e Anna, pareciam haver sido preservados da geral corrupção para reclamarem a entrada do Deus na vida humana. Chegou elle, para augmentar o numero da especie, ou antes, para a crear outra vez, pela encontrar exhausta. É essa a sua obra, unica obra digna d'elle. Antes do seu apparecimento, e em quanto se esconde ainda no seio de Maria, identifica João santamente ás entranhas da mãi. Saudam-n'o palavras immortaes, dialogos sublimes entre os santos da antiga e da nova lei, todos igualmente muito seus; prophecias do seu reinado, que vieram realisar as prophecias dos passados tempos (fig. 30). Torna-se a ligar a cadeia de amôr entre o céo e a terra; Bethlem reabriu a porta do Paraïzo; os cantos celestiaes annunciam o perdão; abundam os milagres, e da natureza coagida de divina violencia brotam inauditas maravilhas; tudo é resurreição e misericordia, todas as figuras se tornam realidades, e todas essas realidades immortaes são outros tantos typos da humanidade reflorescente, outros tantos faróes que hão de encaminhal-a ao reino de Deus.

Depois de lermos os santos Padres, leiamos o Evangelho, mas de modo

diverso d'aquelle com que o perscrutam uns certos; lembram esses os Judeus ao interrogarem o Precursor, e ao interrogarem a Jesus, com o fito unico de encontrarem motivo de condemnação. O Jesus que elles mataram não morreu; e o Evangelho de que elles blasphemam ha de matal-os. Deixemol-os muito embora realisar o seu prodigio d'elles, que é encontrarem a morte n'uma fonte toda ella vida; e nós outros, acceitemos o que nos é offerecido; bebamos a vida da alma.



Fig. 30. — Maria, mãi de Jesu-Christo, rainha dos Patriarchas. Moisés, Noé com a pomba da arca, e Abrahão. Fresco pintado por Orsel na igreja de Nossa-Senhora-do-Loureto, em Paris. Seculo XIX.

ZACHARIAS, ISABEL, MARIA, JOÃO, JOSÉ, HERODES.

Abre S. Lucas o seu livro por estas palavras, que podem parecer indifferentes : *No tempo de Herodes rei da Judêa.* Confirmam ellas ter-se cumprido a prophecia de Jacob. Perdeu Judá a sua realeza marcial e temporal; chegaram os dias do Principe da paz; vai assomar o *Desejado das gentes,* aguardado pelo ultimo resquicio de instincto divino que resta

na humanidade. São os Anjos enviados aos homens. Quem personifica a sua nação exhausta, e o seu culto infecundo, é Zacharias, em certos pontos incredulo e desconfiado, se bem que justo. A sua justiça é abençoada muito além do que elle esperava; a sua descrênça, pune-a o silencio. Já não tem Prophetas Israel; nem já ha de ter sacerdocio, senão no dia em que, regenerada pela fé, se tornar essa terra digna do sacerdocio verdadeiro, e recobrar a palavra para louvar a Deus.

É Zacharias filho de Abia, e Isabel é filha de Aarão, a nata das estirpes sacerdotaes. Convêm que d'essa estirpe brote João Baptista, para annunciar com mais efficacia o novo sacerdocio. João, ramo sacerdotal de Israel, e Jesus, ramo real, oriundo de David, unem-se ambos na mesma obra, no mesmo empenho.

Foi esteril Isabel, para demonstrar que é Deus senhor de tudo; e visto que uma dona infecunda logrou conceber, ha de uma virgem dar á luz.

Liberta do desdouro da sua longa esterilidade, rende Isabel acções de graças. No seu legitimo alvoroço revela Maria o seu caracter sagrado; é ella a cabal prophetisa dos merecimentos da virgindade, e para continuar virgem não duvída sacrificar a mais subida honra a que poderia aspirar qualquer mulher em Israel.

É enviado á Virgem o Anjo Gabriel (*Força de Deus*). Assim devia ser o introito da reparação : um Anjo enviado á Virgem pela bondade de Deus, visto que o introito da perdição se dêra no momento, em que a serpente fallou á mulher pela malicia do demonio. E visto que da nossa carne tinha de nascer o Reparadôr divino, diz Santo Agostinho, só da virgindade devia brotar, afim de não ter igual no nascimento. Devia nascer de uma Virgem, segundo o corpo, aquelle Chefe cujos membros haviam de nascer da Igreja, virgem segundo o espirito.

É Maria a um tempo virgem, e esposa; virgem para receber a graça, esposa para não incorrer em suspeitas odiosas. Não consentiu o Senhor que podesse alguem duvidar da honra de sua Mãi. Eram condemnados pela lei os partos illegitimos; se parecesse illegitimo o nascimento de Jesus, como poderia elle dizer : « Eu não vim derribar a Lei, vim cumpril-a? Essa qualidade de esposa havia de facilitar a fé nas palavras de Maria. Sendo mãi, e não casada, poder-se-hia suspeitar-lhe o escondimento de uma falta; mas como é esposa, não ha n'ella razão para mentir, visto que é a maternidade o privilegio e a graça do matrimonio.

Disse o Anjo a Maria, que o Filho que ha de nascer d'ella tem de chamar-se o Filho do Altissimo, e que o Senhor ha de conferir-lhe o throno de David, seu antepassado. Quando o Espirito-Santo recordava aquellas palavras, e as dictava ao Evangelista para serem espalhadas no mundo, o throno unico de Jesu-Christo era a cruz. Disse tambem o Anjo : « Ha de « reinar para todo sempre na casa de Jacob, e não ha de ter fim o seu rei- « nado. » E de feito, reina Jesu-Christo na casa de Jacob. O seu reino

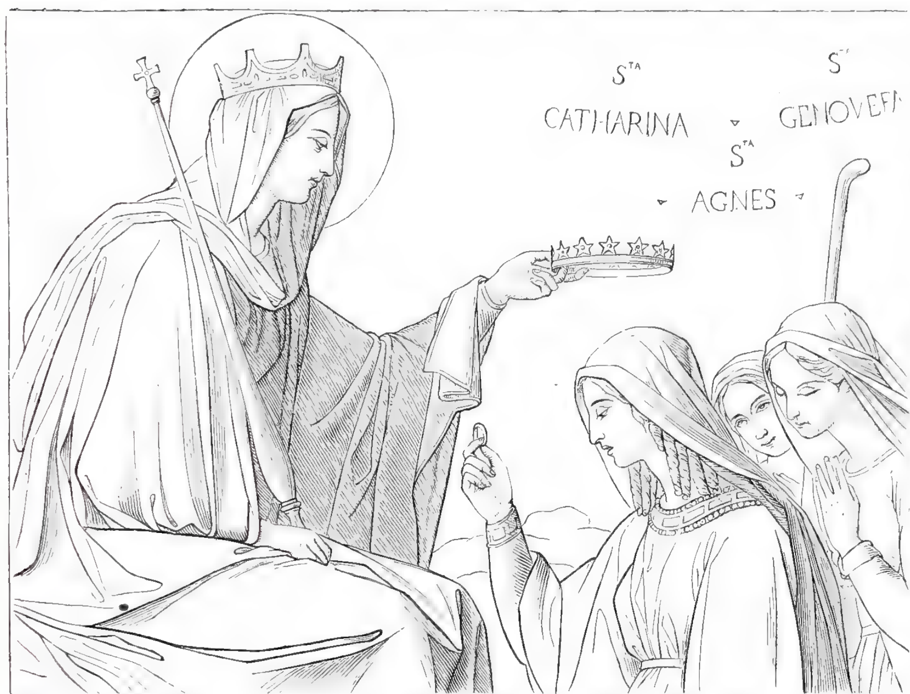


Fig. 31. — Maria, Mãi de Jesu-Christo, rainha das Virgens, Santa Catharina apresenta o anel do seu casamento mystico; seguem-n'a santa Genoveva e Santa Ignez. Fresco pintado por Orsel na igreja de Nossa-Senhora-do-Loureto, em Paris. Seculo XIX.

sobre a terra é a Igreja visivel; ha de durar tanto como o proprio mundo; foi constituido no principio por aquelles d'entre os filhos de Jacob que acceitaram a lei de Christo. Os outros ao repulsarem-n'a sequestraram-se a si mesmos; nem já são a Israel verdadeira. Os gentios chamados para o lugar d'elles formam um pôvo só com a posteridade fiel. É Jacob o tronco commum dos ramos naturaes e dos enxertados. Figura S. Paulo o pôvo de Deus uma como grande arvore, cujo tronco, sempre vivaz, vai perdendo umas ramadas, e adquirindo novas.

Ao annunciar a encarnação do Verbo, exclamára Isaïas : « Quem poderá « enumerar-nos a sua geração? » Fallando com Maria, que lhe oppõe o seu desejo de permanecer virgem, diz-lhe o Anjo : « O Espirito-Santo « descerá sobre vós, e a virtude do Altissimo ha de proteger vos com a « sua sombra; e por isso é que o ente sagrado que de vós tem de nas- « cer ha de chamar-se o Filho de Deus. » Conforme commenta Bossuet, o que é de si purissimo só á pureza mesma póde unir-se. Concebe Deus o seu Filho só, sem fazer participar a outrem da sua concepção; ao fazel-o nascer no tempo, só com uma virgem consente em repartil-o. O Pái celeste ha de estender em Maria a sua geração eterna; do sangue da Virgem ha de engendrar um corpo de tamanha pureza, que só o Esprito-Santo será capaz de o formar. Ao mesmo tempo esse divino Espirito ha de insuflar n'esse corpo uma alma, que, pelo ter a elle como autor, sem outro concurso algum, só póde ser santissima. *Cousa santa* por sua propria essencia, santa, não de uma santidade derivada e accidental, mas por sua mesma substancia, SANCTUM; o que só a Deus póde applicar-se, que é santo por natureza. Eis ahí está pois uma dignidade nova creada na terra : a de mãi de Deus. E é tal a valia da virgindade, que só a ella coube o constituir a mãi de Deus.

Com Maria uma beldade nova raiou para o mundo; é a Virgem, a Mãi, a Santa, a Martyr; é a Amiga; é o que quer que seja de maior ainda, a perfeição da humildade. Todas as virtudes concorriam n'ella, em perfeita harmonia; a lindeza do seu rosto nada mais era que a expressão visivel da sua santidade. Por toda a parte a prophetiza nas Escripturas santas o Espirito de Deus. É ella o templo de Salomão, adornado por fóra com o marmore rutilante da pureza, e por dentro com o ouro finissimo da caridade; é a vara de Aarão, que deposta no tabernaculo se cobriu milagrosamente de flôres e frutos; é o véllo de Gedeão, borrifado dos orvalhos do céo, ao passo que o sólo em volta fica secco; é o vaso de ouro do manná; é a Arca da alliança, que encerra não já as taboas da Lei, senão ao proprio Autor da Lei. Ella é que foi annunciada á serpente, e que ha de esmagar-lhe a cabeça; é a nova Eva, pura e invencivel, preservada do peccado, e do peccado vencedôra. Na nossa salvação toma tanta parte, quanta coube a Eva para nossa perdição. Por ella vai o novo Adão, Jesu-Christo, receber uma geração semelhante á do primeiro, que outra cousa não foi senão o seu transumpto. Abrigando em suas entranhas o Verbo di-

vino, ha de ser Maria o mais sagrado dos templos que a terra viu jamais. Mas o templo é o lugar do sacrificio! Disse o Anjo a Maria que ella « achou » a graça; ella só a achou para a communicar ao mundo. O que Eva perdeu, achou-o Maria; exigem-n'o os filhos de Eva; a cruz lh'o dará.

Aquella scena tão suave da Visitação, em que Isabel, João Baptista, e Maria prophetizam sob o impulso de um Deus occulto, contêm, segundo observa Bossuet, uma revelação profunda da economia da graça, e da



Fig. 32. — Maria, mãi de Deus, rainha do céo. S. Miguel embainha a espada da Justica divina, em presença do anjo Gabriel, que annuncia o mysterio da Redempção. Fresco pintado por Orsel na igreja de Nossa-Senhora-do-Loureto, em Paris. Seculo XIX.

maneira por que Jesus actua diversamente nas almas. Jaz ainda occulto, e opera tudo. Vêmos em Isabel o humilde espanto de uma alma que a Jesus se avizinha; em João Baptista o enthusiasmo ardente de uma alma a quem elle attrae; em Maria a paz ineffavel de uma alma que o está possuindo.

Sob o influxo da graça, João é já o Precursôr. « O menino que trago no « ventre estremeceu de alegria. » *De alegria,* isto é, conhecendo. Tal é o brilho da luz, que Santa Isabel repete a Maria as phrases do Anjo :

« Bemdita sois vós entre todas as mulheres! » Ainda mais : chama-lhe *mãi de Deus.* E depois faz a glorificação da fé, e nos mesmos termos que Jesus ha de empregar : « Bemaventurada sois por haverdes acreditado! » Isso dirá Jesus a Pedro, e depois da sua resurreição a Thomé. O Evangelho falla de um modo só : tanto na vespera de Bethlem, como no dia seguinte ao Calvario.

Disse tambem Isabel a Maria : « Bemdito é o *fruto* do vosso ventre. » D'esse fruto de suavidade é que se escreveram estas palavras : « A fra-« grancia que o meu filho exhala lembra a de um campo de trigo; » é elle o fruto destinado a sustentar as almas, e destruir n'ellas os effeitos do pernicioso fruto colhido pela desobediencia da primeira Eva.

Não mais de sete phrases de Maria, e todas ellas curtas, e impostas pelas circumstancias, se nos deparam no Evangelho todo. Não solta uma palavra unica na occasião em que José se vê abalado a suspeital-a, nem durando as scenas do Calvario. Ha uma só occasião em que sae do seu retrahimento, e entôa a gloriosa *Magnificat,* que Santo Ambrosio cognominava o extase da sua humildade. Lembremo-nos sómente d'esta phrase prophetica : *Todas as gerações hão de chamar-me bemaventurada!* E inclinaram-se já dezanove seculos, e hão de todos os seculos vindouros inclinar-se, bradando : *Amen!*

E hão de tambem algum dia inclinar-se os Judeus. Fôram elles, desde o principio até hoje, os unicos que no mundo têm odiado a mãi de Jesus. É essa uma das maldições que os assoberbam, uma das mais pesadas e sangrentas. Attribue Mafoma a Deus estas palavras : « Como os Judeus « não acreditaram em Jesus, *e como proferiram grandes blasphemias « contra Maria, amaldiçoámol-os.* » O bastão musulmano executa a sentença.

Oh! como é reconhecivel no cantico de Zacharias o estylo do Espirito-Santo! Louvando ao Senhor por ter visitado o seu pôvo, assignala aquelle santo sacerdote a realisação das prophecias da antiga Lei, e prophetiza as graças da Lei futura. Por entre os assumptos da misericordia do Salvador, menciona a Abrahão e a David, e aos antepassados d'Israel que se finaram; porque Jesu-Christo prometteu cumprir as promessas que elles receberam; a sua benção, remontando-se ao longo da cadeia dos tempos preteritos, ao passo que vae alcançar não menos as idades por vir, ha de ir libertar os que a esperam no limbo, e saciar de luz os que a estão aguardando no si-



PREGAÇÃO DE S. JOÃO-BAPTISTA

Fresco de André del Sarto, no Scalzo, casa da confraria de S. João em Florença. Seculo XVI. — « Sou eu, diz S. João, a voz de que falla Isaias, que préga no deserto: Aplanae o Caminho do Senhor. »

lencio e nas sombras da morte. Chama Zacharias a Jesus *o Oriente;* assim o designara um dos ultimos prophetas : « É seu nome o Oriente. » E d'este modo é que, junto ao berço do Precursor, esse homem do Templo attesta que Deus enviou Aquelle que devia chegar. Vê com o seu olhar inspirado o papel que ha de caber ao seu proprio filho na obra grande da salvação. Nenhuma voz humana soltou jamais palavras de maior solemnidade, que estas que Zacharias dirigiu a seu filho quando apenas contava oito dias : « E tu, menino, hão de appellidar-te o Propheta do Altissimo, porque « has de preceder ao Senhor, e aplanar-lhe o caminho, afim de que elle « consiga ensinar aos seus pôvos a salvação, para remissão dos seus « peccados. »

« Que julgaes vós que ha de vir a ser esta creança? » perguntam entre si os que assistiram ao nascimento de João. Trinta annos depois ha de Christo responder-lhes : « Ninguem sobre a face da terra logrou elevar-se « mais alto que João. » A humanidade christã, que tanto, e com tamanha certeza, aprecia a valia moral, honra a belleza heroica d'aquelle caracter, que faz de S. João Baptista não só o precursor, mas tambem o imitador de Jesus. O seu concebimento e a sua vinda á luz, o seu espantoso viver no deserto, as suas prégações e o seu baptismo, a sua perseguição, o seu captiveiro, e a sua morte, predizem Jesu-Christo.

Graças a essa augusta semelhança, é elle o typo admiravel de todos os santos. A ousadia salutar da sua virtude coage os mesmos orgulhosos a virem escutar as duras phrases que os fulminam; o que elle impõe á purpura que se lhe inclina ante os andrajos, é só a penitencia. Eguala ao seu valor a sua humildade. Melhor que outro algum mortal, diz Bossuet, soube elle sacrificar ao Filho de Deus a sua gloria. Quando todos o acclamam senhor, elle declara-se mero escravo. Não logra embahil-o a gloria; não logra amedrontal-o a morte. Ha de ousar dizer a Herodes : *Non licet;* e aos seus discipulos, ao apontar-lhes Jesus : *Ecce Agnus.* É mister que esse se acrescente, e que eu mingúe. João ha de ser a primeira voz do Verbo. Fenece com elle a linhagem dos Patriarchas, e começa n'elle a dos Apóstolos. Ha de ser elle o primeiro que annuncie o reino dos céos; o primeiro que presenceie a Trindade santa a manifestar-se aos homens nas aguas do Jordão; ha de elle revelar Aquelle a quem os prophetas annunciaram; ha de ser elle a um tempo martyr, propheta, patriarcha, eremita, e testemunha de Jesu-Christo.

Ao volver-se Maria a Nazareth, outro personagem se revela : é José, obra não menos assombrôsa da graça de Jesus. Com uma só phrase o caracterisa o Evangelho : « Era um Justo. » No encargo de que o vemos honrado, e no modo como o cumpre, transparece o quanto era justo. De Deus houve para com Maria e Jesus todo o affecto, toda a vigilancia, e toda a auctoridade, de esposo e de pái. Em tudo se assemelha com Maria : é como ella descendente de David; virgem como ella; como ella humilde, obediente, prudente, e animoso. Lembra o patriarcha José, mas desbanca-o, já na perfeição de seus merecimentos, já no caracter da sua missão; não é só casto : é virgem; não é só douto : é inspirado e dirigido por Deus. Encelleira José, filho de Jacob, o fromento necessario para si e para o seu pôvo; recebe José, esposo de Maria, o pão vivo, e guarda-o para si e para todo o genero humano. Disse-lhe Deus : « Acceita esse Menino, » como se lhe dissêra o que ao mesmo Deus disse o Propheta : « Pertence-te o « cuidar no pobre. » É José o typo dos Apóstolos que hão de espalhar a Christo pelo universo inteiro. Assim se exprimem S. João Damasceno, Santo Hilario de Poitiers, e S. Bernardo. Um notavel servo de Deus, que viveu no nosso tempo, ainda penetra mais no âmago d'esse mysterio bellissimo. Quando José, depois de Maria, se aproxima do presepe a adorar Jesus, avistamos (diz o Padre Faber) *a sombra do Padre Eterno* a pairar sobre o Menino. Para com Jesus estava José visivelmente no lugar do Eterno Padre. Não foi só com o affecto mais carinhoso, que a alma humana de Jesus encarou a José; foi tambem com um profundissimo respeito, e uma ineffavel submissão. Por isso é que em José, no doce e humilde José, o que mais nos senhoreia é o respeito, por causa d'esse vislumbre de identidade com o Pái supremo. Não se lhe póde descrever a santidade; escasseia o termo de comparação. É mais alta que a dos demais Santos de Deus, e é além d'isso de genero mui outro. Foi José uma apparição do Padre, não engendrado e eterno. É brando, e é clemente; é pobre, e é obscuro; é passivo, e é docil : e é mais : é a fortaleza inexpugnavel onde se abrigam a honra de Maria e a vida de Jesus. Occulto como Deus, cheio de tranquilidade divinal, e de justiça temperada de misericordia, como a de Deus, tem, em quanto dorme, communicação com o Senhor, como se o dormir de José fosse apenas o descanço mysterioso da contemplação. Foi elle, depois de Maria, o primeiro que adorou a Jesus; e o Menino santificou-o de novo, erguendo-o a espheras ainda mais altas



Fig. 33. — S. João Baptista, precursôr de Jesus-Christo discorre acerca do Cordeiro de Deus com os Santos do Novo Testamento. Vê-se á direita S. Damião, Santo Antonio e S. Pedro martyr; á esquerda S. Cosme, S. Lourenço, e S. Francisco. Quadro de Filippe Lippi na Galeria nacional de Londres. Seculo XV.

de santidade, afim de que elle podesse ser officialmente o superior do seu Deus.

Quem pintaria jamais aquelle momento, em que o recemnascido Jesus contemplou pela vez primeira, com os seus olhos humanos, o rosto de Maria? Quem expressaria jamais o jubilo respeitoso dos seus olhares encarando a S. José, o escolhido para ser seu pái, o que ha de merecer uma tal gloria, e não menos a de conviver mais que ninguem na intimidade de Jesus, aquelle, n'uma palavra, que (segundo nos é dado acreditar) mais tem de amal-o n'este mundo? Jesus! Maria! José! tres reinos de Deus, onde só Deus era rei! tres creações, das quaes era uma o Creadôr! tres, e comtudo, das tres faz o amor uma unidade portentosa; uma trindade terrestre!

N'aquelle misero albergue, relusente de incomparavel e incomprehensivel esplendôr, Jesus recemnascido offerece ao mundo, a quem vem doutrinar, uma das lições em que mais affincadamente ha de empenhar-se. É elle o *pobre;* é o rei que algum dia ha de carregar ao hombro, signal da sua realeza, a cruz; é o homem, « que desde pequenino conheceu de perto o « trabalho e a dôr. » É elle tambem aquella creança, a quem se refere Isaïas, que sabe rejeitar o mal, escolher o bem. O bem que elle escolhe é nascer n'aquella arribana. Primeira condemnação dos mimos que nos escravisam; primeiro signal do poder que intenta senhorear-nos pelo desprêzo e pela recusa do que ambicionamos. Eis ahí para logo o incomparavel milagre do Homem-Deus : vae subjugar o homem, restituindo-lhe forças, que elle lamentava não ter, mas que já não queria. Mostra-se Jesus na desprezada fraqueza, na odiada pobreza; e assim é que havemos de amal-o; e assim, « distrahidos das cubiças terrenas, sentir-nos-hemos attrahidos para o amôr ás cousas invisiveis. »

Comtudo, não jaz a divindade tão occulta, que não possamos vel-a. Aquelle lugar não é indifferente; aquella noite, não a escolheu o simples acaso.

Antes que fosse revelado o mysterio do seu nome, já Bethlem *a casa do pão,* se ufanava de recordações avitas. Foi alí que, ao tornar-se da Mesopotamia, se detivera Jacob para sepultar a sua tão estremecida Rachel; fòra alí que David erguêra a torre symbolica, tão querida ao seu coração, e até esculpida nas suas moedas. Vinha o rei de Israël a nascer d'este modo no dominio dos seus avoengos. Um tumulo! uma ruina! um

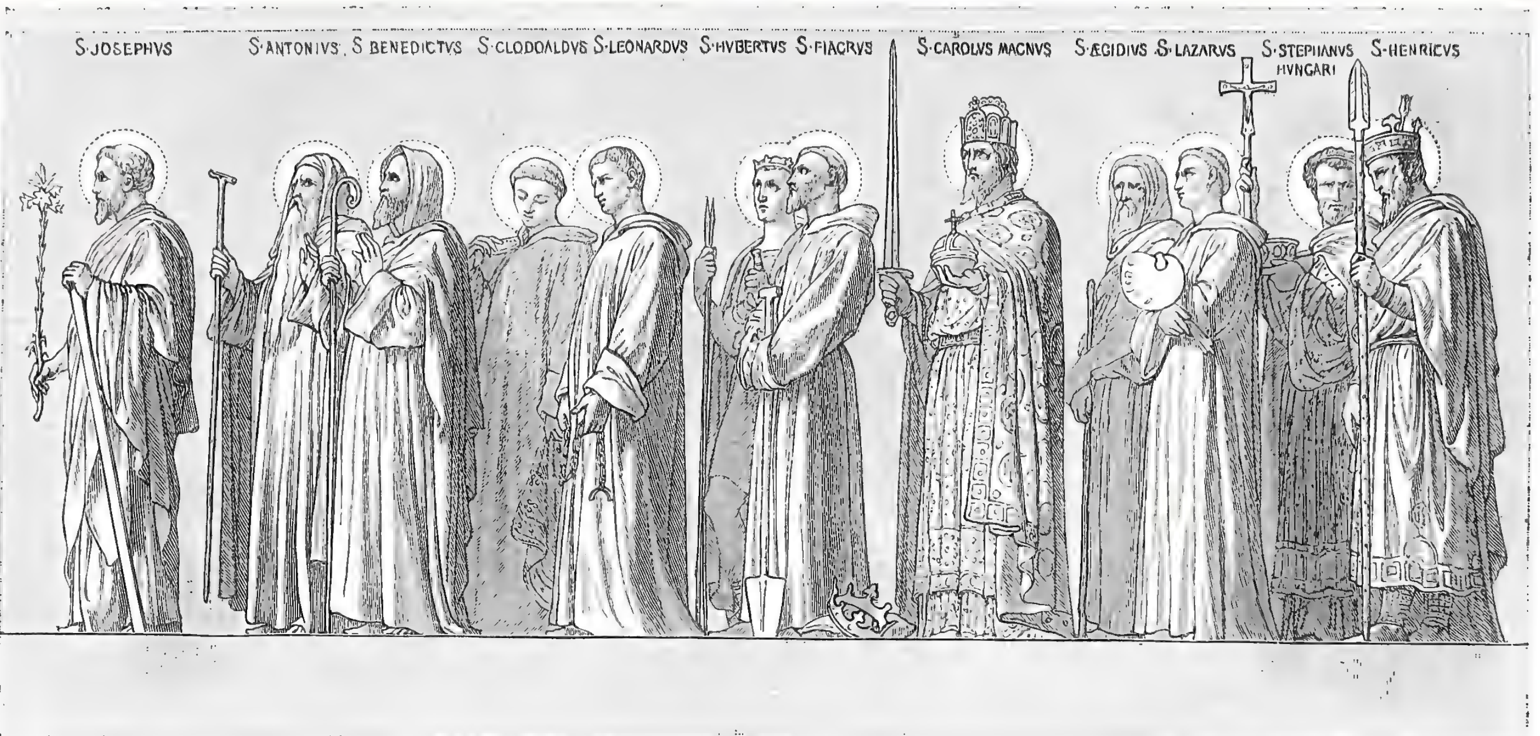


Fig. 34. — S. José, pai adoptivo de Nosso Senhor, primeiro Santo da Nova Lei. Fresco de H. Flandrin na igreja de S. Vicente de Paulo, em Paris. Seculo XIX.

presepe! Mas elle vinha restaurar tudo isso que perecêra, ressuscitar o que era morto, incutir dignidade e vida divina a um mundo, em que os sabios tinham profunda inveja da sorte dos animaes!

Apenas nado, pergunta o rei pelo seu pôvo. Vem um Anjo do céo convidar os pastores a irem ao presepe. São elles os primeiros chamados, porque o Senhor veio a este mundo « aos gritos do padecimento dos pôvos, « e aos gemidos dos desgraçados », e porque os pastores eram homens singélos. Motejava Platão dos sabios a quem as turbas somenos entendiam; mas « ao Senhor apraz o trato dos humildes. » Disse o Anjo aos pastores : « Nasceu hoje para vós um Salvadôr. » *Vobis*, para vós! « Ha- « veis de encontral-o n'uma arribana. » Chegam, e contemplam a sua gloriosa pequenez. Adoram-n'o, e saem glorificando a Deus. Paz aos homens de bôa vontade!

Aguarda Simeão a salvação de Israel. Conheciam os doutos ter chegado o tempo; não duvidavam d'ella os Santos. Avista Simeão Aquelle por quem tanto d'alma estava esperando; encontra-o entre pobres. Que importa? O seu saber é conforme com Deus; possue a singeleza dos pegureiros. Toma a Creança nos braços, com a dôce familiaridade que Deus vem inaugurar entre si e o justo, e como antegosto da Eucharistia. E eil-o a cantar o seu cantico sublime, que ha de ressoar até ao fim dos seculos : « Deixae-me ora, Senhor, morrer em paz; viram meus olhos a salvação « que de vós provém! » Em Simeão transluz a figura de Job : « Sei que « é vivo o meu Redemptor. » Acrescenta o santo velho, que veio Jesus para ser a luz das gentes. Como Zacharias e Isabel, prophetiza a vocação dos gentios, porque o beneficio da Redempção tem de abranger o genero humano. Vai João Baptista fallar nas *pedras* que Deus póde transformar em filhos de Abrahão. Já aquelles eleitos de Israel, rompendo as angustias judaicas, se tornam catholicos.

Cabe a vez á prophetisa Anna. Prophetizaram já Zacharias, o sacerdote; Simeão, o justo e o sabio; Isabel, a esposa; Maria, a Virgem. Chega a viuva santa, animada do mesmo espirito divino. Estava escripto : « Hei « de derramar o meu espirito por todas as carnes, e os vossos filhos hão de « prophetizar. » Pois todas aquellas grandêzas, todas aquellas purezas, todas aquellas virtudes, unidas no mesmo enthusiasmo, e todas aquellas vózes inspiradas, bradam com os Anjos : « Gloria a Deus, paz aos ho- « mens de bôa vontade! »

Agora temos os Magos. Segundo resa a tradição, eram sacerdotes e monarchas, ou principes do seu pôvo, descendentes das trez grandes raças provindas de Noé. No seu saber, no seu poder, e no seu numero, repre-



Fig. 35. — A Sagrada Familia, segundo uma gravura de Goltzius chamada a *Sagrada Familia com o gato*. Seculo XVI. Livraria do Sr. Ambrosio Firmin-Didot.

sentam o genero humano; levam a Jesu-Christo o preito do sacerdocio, do mando, e do saber das nações. Ha quem diga que vinham da terra de Balaão, onde se arraigára a lembrança da prophecia d'elle : « Uma

« estrella ha de sair de Jacob, e o Homem ha de nascer em Israel. » A estrella tinham-n'a elles visto; buscavam o Homem, o Homem-Deus, o Homem-Rei. São elles as primicias da gentilidade.

« Onde nasceu o Rei? » Ao ouvirem essa pergunta, turba-se Herodes e todos os doutos de Israel. Turbam-se, porquê se sentem iniquos. Não entram na lettra dos Prophetas : « Alegra-te, Jerusalem. Ahí vem para ti, « cheio de doçura, o teu Rei; *Venit tibi mansuetus.* » Respondem elles : « O Rei ha de nascer em Bethleem. » E nenhum lá vai; são como os operarios que edificaram a arca, e não entraram n'ella. São-lhes inuteis as Escripturas sagradas, e mostram aos gentios o que elles proprios recusam ver.

Não eram rebeldes ao milagre os Magos. Possuiam a fé, que sabe ver, e o amôr que ainda alcança melhor; como procuravam, haviam de encontrar. E em summa : lá estava Maria, a misericordiosa introductôra : « Encontraram o Menino com sua Mãi. » Ha nas palavras dos Magos tres confissões : « Onde nasceu o Rei dos Judeus? viemos para o « adorar. » Confessam que é homem, que é rei, e que é Deus; homem, visto que nasceu; rei, visto que assim o denominam; Deus,visto que o adoram. Tambem dizem o mesmo os presentes que lhe trazem : para Deus, o incenso; para rei, o ouro; e a myrrha, perfume dos sepulchros, para o homem, que é mortal. Consagra esses bellos symbolos a Igreja, e nos ordena que offereçamos a Jesus o ouro da caridade, o incenso das orações, e a myrrha da compaixão.

A compaixão! sim que é devída ao Filho, e á Mãi. Aquí dão fim para Jesus os triumphos sem amargura, e para Maria as alegrias sem sobresaltos. Já começa a transparecer a ponta da espada de que fallou Simeão, da espada que ha de traspassar-lhe o peito. É José avisado por um sonho, de que Herodes anda em busca do Menino para o matar. Não pergunta porque é que essa Creança maravilhosa, a quem tão grandes destinos fòram promettidos, ha de fugir para se furtar á morte. Que outra cousa é o Evangelho, senão uma lição de obediencia? Maria é mãi por obediencia; Jesus nasceu para ser obediente até á cruz; José obedece. Nada revela que elle haja rastreado o mysterio d'essa fuga; obedecer, é saber. Levanta-se. « Submette- « se, sem se queixar. Abala, e vae para o Egypto, onde nada tem, e nem « sabe quando se tornará á sua terra, á sua officina, á sua pobre cabana. « Quanto custa de amargores o ter a Jesus por filho! é mistér ter parte

« nas suas cruzes. » Mas cruzes? porquê? « Não havia outro meio de o
« salvar, senão uma fuga tanto á pressa? Deus nem tudo quer operar por
« milagre; e é proprio da sua Providencia seguir algumas vezes o curso
« ordinario e natural, que é seu como o são os caminhos extraordinarios.
« O Filho de Deus nasceu desvalído. Para de todo se conformar com
« esse estado, de bôamênte se sujeita ás vicissitudes usuaes ao ser humano;
« e a mesma ordenação que durante o seu ministerio o fez sumir-se para
« evitar as interprezas occultas dos seus inimigos, obrigou-o a ir pro-
« curar asylo ao Egypto (1). »

Nada conta a Escriptura acerca d'essa viagem, e da estada no Egypto. Resa uma antiga tradição, que ao atravessar a Sagrada Familia pelo deserto, por onde haviam peregrinado os Hebreus, brotavam a subitas flôres e frutos n'aquelles páramos desconsolados. Se assim não foi, podemos ter como certo que a semente das flôres e dos frutos admiraveis, que algum dia lá haviam de brotar, quando os eremitas habitassem o deserto, era Jesus.

Mandou Herodes matar todas as creanças da região de Bethleem que tivessem menos de dous annos. Herodes era o rei do mundo. Varios passos da sua crueldade e da sua politica podem correr parelhas com este. Sempre que temem, vingam-se os tirannos; e quem tudo póde, de tudo deve temer-se. Escrevera Jeremias : « Em Rama se ouviram prantos, « ais, alaridos sem fim. Chora Rachel os seus filhos; e não quer conso- « lações, visto havel-os perdido. » A sepultura de Rachel era em Bethlem. Attribue-lhe o Espirito Santo aquelles gemidos maternaes, que ainda echoavam nos primitivos tempos da Igreja, quando S. Matheus publicava o seu Evangelho. É cheio de razão que Bossuet se afasta desdenhoso de uns certos criticos, que para consolidarem a sua crênça, quereriam ver mencionada aquella entre outras crueldades de Herodes, nas historias profanas. Não depende a nossa fé do que, por negligencia, ou por motivos politicos, é dito, ou deixa de o ser, pelos historiadores. Bastava o ponto de vista humano, e nada mais, para que S. Matheus não fosse deturpar o seu Evangelho intercalando-lhe um facto de tal genero, a não ser geralmente sabido. Felizes creanças, cuja existencia foi immolada para conservar a do seu Salvador! Jesus ha de dizer um dia : « Deixae vir para mim os pequeninos. » Oh! quantas mãis não tem consolado essa phrase! Se as mãis de Bethlem tivessem conhecido aquelle mysterio, em vez de tantos gritos e pran-

(1) Bossuet.

tos o que se ouviria eram bençãos e louvores. Ficariam sabendo que os seus filhinhos não eram mortos; que pelo contrario, o baptismo do sangue lhes tinha conferido a vida eterna; e que lá para onde Christo chamou as creanças, quer, pela sua misericordia, encaminhar-lhes as mãis.

Fallecido Herodes, volveu José, sempre guiado e sempre docil, do Egypto a Nazareth. « Hão de chamar-lhe o Nazareno. » Na denominação de Nazareno encerrava-se um grande mysterio. Nazareno quer dizer separado, votado a Deus, entregue á penitencia. Ha de Pilatos cumprir prophecias, quando inscrever na Cruz aquelle lettreiro. Mas ao passo que é Jesus o inteiro cumprimento das prophecias antigas, toda a vida d'elle n'este mundo, todas as palavras d'elle são prophecia de futuros. Porque o perseguem desde o principio? como admoestação á Igreja, responde Bossuet. « Aquelle Rei, *cujo reino não é d'este mundo*, é, desde que « nasce, odiado por Herodes, que testa o seu odio á sua raça. Assim « foi que de principe a principe se perpetuou a aversão á nascente Igre« ja. Assim foi que uma duplice perseguição surgiu contra ella : a pri« meira, de sangue; a segunda mais a occultas, mas comtudo oppressora. » O faro de Herodes não tem de perdel-o a tirannia.

É aos seus doze annos, que Jesus profere a primeira phrase, que o Evangelho commemora. Profere-a no Templo, e com ella confirma a sua divindade.

Para isso nos prepara o Evangelho, quando diz que o Menino, sentado entre os doutores, os escutava e os inquiria. Vemol-o *sentado* entre os mestres, a despeito dos seus verdes annos. Provavelmente foi depois de o haverem escutado e de se haverem abysmado de tamanho saber, que elles proprios o collocaram em tal proeminencia. Para mostrar a sua humanidade, escuta Jesus humildemente; para mostrar a sua divindade interroga com intelligencia, e nas respostas ás perguntas que lhe fazem, ou ás que elle proprio faz, move a admiração do auditorio.

Ao dar com elle, depois de ter penado trez dias de incertezas, diz-lhe commovida sua mãi : « Filho meu, andámos afflictissimos em vossa busca, « *vosso pái* e eu. » Torna o filho com um longe de severidade : « E por « ventura não sabieis que é mistér que me eu empregue nos negocios que « respeitam a MEU PAI? » Ella fallava de José; elle falla de Deus. Maria mesma não lhe atinou com o sentido. Se elles tivessem comprehendido, se tivessem sabido tudo que era o Filho de Deus, como sustentariam uma

tal magestade? Era portanto preciso que duas vezes se occultasse a divina essencia, até á propria Maria. Comtudo, no respeito de José bem se dá a conhecer o que atravez da natureza humana transverberava do divino; e



Fig. 36. — A Virgem, e Jesus menino, com duas santas, uma das quáes sustenta a palma do martyrio. Quadro de Perugino, no museu de Vienna. Seculo XV.

Maria « de tudo se recordava; » e (como tambem está escripto) « meditava-o de si para comsigo. » Era já um aprendisado de angustias; era já o seu noviciado para o dia da Cruz. Assim o conta S. Lucas. Apraz-se o

coração em figurar S. Lucas recebendo esses pormenores da propria bôcca da Virgem Santa.

Acrescenta o Evangelho : « Desceu Jesus com Maria e José, cheio de « submissão para com elles. » Eis ahí uma das palavras sobre que assenta a sociedade humana. Submisso á auctoridade paterna! submisso nos trabalhos mais humildes! submisso com trinta annos!

Até chegar o tempo da prégação do filho de Zacharias, nada mais sabemos do viver de Jesus, a não ser que permaneceu em casa de seus páis, e que lhes era sujeito, ganhando a vida com o trabalho de suas mãos. Não viajou, para se instruir nas famosas sciencias dos Egypcios e dos Gregos. Pasmados do seu muito saber, hão de os Judeus perguntar a si proprios, se era acaso elle, a quem viam por entre si, na humilde classe de artifice, carpinteiro, filho de carpinteiro. Segundo relata S. Justino, empregava-se Jesus em fabricar timões de arados. O seu pão celeste era o cumprimento da vontade de seu Pái; o pão terrestre, ganhava-o com o suôr do seu rosto. Prégação de obediencia, de humildade, e de trabalho; durou trinta annos.

Outra palavra nos assombra. *Jesus autem proficiebat;* Jesus ía *crescendo.* Como é que o eterno Verbo, principio de toda a graça e de toda a sapiencia, podia crescer em sapiencia e em graça perante Deus e perante os homens? Varios Santos Padres examinaram essa questão. As altas escabrosidades do Evangelho, viram-n'as elles. A crêrmos S. Gregorio, podem aquellas palavras significar que a sabedoria, de que Jesus era fonte, se derramava cada dia em maior abundancia sobre aquelles que o rodeavam, preparando-os aos clarões da sua doutrina. No dizer de S. Thomaz, não quiz Christo deixar brilhar desde a meninice em toda a sua plenitude a divindade que n'elle residia, afim de mostrar que não era simples apparencia, mas realidade, a natureza humana que o revestira, visto que a essas condições de fraqueza e desabrochamento progressivo se sujeitava.

Não teme S. Boaventura lançar um olhar para dentro d'aquella humilde pousada de Nazareth, onde habitava Jesus, tão sujeito a sua mãi, e a seu pái adoptivo. Para o orgulho humano, que baixeza alí se encontra! O viver do desvalido, com todas as suas minguas, com toda a sua odiada mesquinhez. Nem prédica, nem lucta, nem milagres; nada n'aquella sombra. Cada dia, ganha cada um dos tres, o seu jornal. José, diz o santo doutor, labutava no seu officio; Nossa Senhora, com a agulha ou com o fuso, suppria no seu tanto ás urgencias domesticas. Dava conta das de-

mais tarefas que tocam á mulher, tratava do aceio da casa, amanhava as refeições, e servia-as ao marido e ao filho, sem ter ninguem que a ajudasse. Ninguem? quê! pois não estava alí Aquelle que (segundo a expressão d'elle proprio) veio ao mundo *para servir?* Sim, Jesus servia



Fig. 37. — Meninice de Jesus Nazareno. Fresco do Sr. Savinien Petit, na Capella de S. José, na sé de Bordeos. Seculo XIX.

a ella, e servia a José. Não ha dúvida de que o Filho de Deus ajudou sua mãi, tomou parte nos misteres humillimos da officina e do trato caseiro. E por esse modo é que a inveja logrou extinguir-se no coração do pobre, e a sapiencia entrar n'elle; por esse modo é que aos olhos do christão avulta grande e gloriosa a humildade.

ANTEPASSADOS DE JESUS; TENTAÇÃO NO ERMO; PRIMEIROS DISCIPULOS.

Vão proseguindo até ao baptizado de Jesus estas lições de humildade. Jesus pede a João o baptismo; hesita João na presença de Jesus; e diz-lhe este : *Cumpre.* Quer em tudo sujeitar-se á penitencia como um simples peccador; e n'isso está o cumulo da justiça. Executa Nosso Senhor « toda « a justiça » realisando o que tem de vir a ser para o christão a fonte de toda a justiça, isto é recebendo o baptismo, cuja necessidade ninguem mais ha de atrever-se a contestar. Ao descer ao meio das aguas, purifica-as, expulsa d'ellas o demonio, santifica-as pelo contacto da sua sagrada carne; communica-lhes o dom da regeneração, o « direito de baptismo », na phrase de S. Bernardo. Confere-lhes o privilegio que tivera o seio de Maria, de só engendrar purezas. Faz do baptismo o que lá para o diante ha de fazer da Paschoa. Assim como ha de comer o cordeiro paschal, symbolo e recordação, e nos ha de dar a sua carne, penhor das eternas venturas; assim tambem recebe o baptismo judaico, ceremonia improcedente, e nos dá o baptismo christão, fonte verdadeira da graça. N'uma palavra : acceitando a lei, e outorgando o Evangelho, recebe a sombra, e transmitte a verdade.

Apparece o Espirito-Santo em figura de pomba. Era necessario que João o visse. Invisivel, como era, na sua substancia divina, assumiu aquella fórma, porque o baptismo quer que sejamos singelos e dôces como a pomba, e ha de tornar-nos pacificos como ella. É a pomba o symbolo da reconciliação, do perdão, e da paz.

Urge fazer aquí uma observação acerca das duas genealogias de Nosso-Senhor apresentadas diversamente por S. Matheus e por S. Lucas. Não podem ser da indole d'este livro as divergencias entre ambas, e os varios systemas propostos para as fazer concordar. Basta notar que a genealogia apresentada par S. Matheus, é propriamente a de S. José, e é ao mesmo tempo a da Santa Virgem, a qual, segundo a Lei, só podia receber-se com homem do seu sangue. Além d'isto a genealogia de Maria, descripta por S. Lucas, dá-a (como a outra tambem) descendente de David. Das circumstancias e do lugar de cada uma d'essas arvores de geração decorre um importante ensino.



Fig. 38. — A arvore de Jessé, custodia de ouro massisso, executada em Augsburgo em 1610, hoje destruida, segundo o desenho conservado em Eichstadt, e o livro *Mélanges d'archéologie*, dos Padres Cahier e Martin. Jessé, está repousando logo acima do tronco da arvore. A sua direita está David; á esquerda Salomão. Para cima seguem dez monarchas de Judá, formando com os dous o numero mysterioso de doze. O Padre Eterno abençôa a virgem privilegiada.

Principia S. Matheus pela genealogia antes de narrar o nascimento carnal; segue a ordem historica, e passa desde os antepassados aos descendentes, como o Verbo desceu ao encarnar-se; começa em Abrahão, tendo porém nomeado primeiro a David. É isso um echo do capitulo IV do *Genesis,* intitulado « Livro da geração de Adão; » e uma contraposição da nova geração, que vem restabelecer tudo, á antiga, que tudo destruiu. O titulo menciona David e Abrahão, porque um e outro receberam uma promessa especial. Tinha Deus dito a Abrahão : *Todas as nações da terra hão de ser abençoadas na tua raça;* e a David : *Hei de assentar n'um throno Aquelle que de ti nascer.* De mais a mais, aquelles dous avoengos reunem as tres dignidades do Messias : Abrahão é sacerdote e é propheta; David é propheta, e é monarcha.

Ora depois do baptizado é que S. Lucas põe a genealogia; e começando n'esse acto de regeneração, remonta dos filhos para os páis, omittindo os peccadores, que vem nomeados em S. Matheus; porque todo aquelle que renasce para Deus torna-se alheio aos seus avós delinquentes, por isso que é constituido filho de Deus.

Nas duas genealogias a significação dos nomes prophetisa o Salvadôr, expressando algum toque, já do seu caracter, já da sua vida, já dos seus mysterios; e varios personagens são tambem a figuração de Christo : táes como Abrahão, *pái de muitos pôvos;* Isaac, *sorriso.* « Porquê, assim como « para alegria da ultima velhice de seus páis lhes foi concedido Isaac, não « tanto como filho da natureza, quanto como dadiva e beneficio; assim « tambem foi Christo, nos dias derradeiros, dado por sua mãi purissima « para alegria do universo. Um nasceu de uma virgem; o outro, de uma « mulher esteril e anciã; ambos contrariaram as leis da natureza. Abrahão « gerou a Isaac do mesmo modo que a fé gera a esperança; Jacob, filho « de Isaac, expressa a caridade, que abarca a duas diversas vidas : a vida « activa por amôr do proximo, a vida contemplativa por amôr de Deus. « Nasce Jacob de Abrahão e de Isaac, como da fé e da esperança brota « a caridade. » É assim que interpreta e explica S. João Chrisostomo. Muitos outros Padres da Igreja meditaram n'esta feição prophetica da genealogia de Christo, e d'ella desentranharam magnificos arcanos. « Tudo, « diz S. Paulo, chegava aos Judeus por figuras e allegorias. » E acrescenta Bossuet : « Não ha pagina, não ha palavra sequer na Sagrada Es- « criptura, que não esteja comprenetrada de Jesus. »

II

O ANNO TRANQUILLO.

As bodas de Caná; pesca milagrosa. — Nicodemus; a Samaritana. — Cura de enfermos, tormenta applacada, demonios vencidos. — A Hemorrhoïssa, a filha de Jairo. — O paralytico da piscina, Magdaléna.



AS BODAS DE CANA, E A PESCA MILAGROSA.



TRES dias depois da promessa feita a Nathanaél, dá principio aquelle viver de publica doutrinação, cuja fecundidade seria inexplicavel para quem não visse n'ella a mão da divindade.

A primeira scena passa-se em Caná, villa da Galilêa, n'uma casa onde se celebravam bodas. A ellas comparecêra, certamente como parenta, a Virgem Santa; e é provavel que presidisse ao banquete. Lá foi Jesus, acompanhado dos seus discipulos primeiros. A rogos de Maria praticou elle um milagre, cujo sentido profundo logo veremos; mas já a sua presença n'aquellas bodas encerra outro ensinamento, que é mistér conhecer agora. Vem Jesus renovar o homem. Assim como entrou no rio da penitencia para santificar as aguas, que haviam de vir a ser materia do sacramento da regeneração espiritual, assim tambem atravessa este festejo de nupcias, e glorifica-o por um milagre, afim de honrar para todo sempre o matrimonio, futuro sacramento purificador das fontes da vida.

Era então o casamento, até para os Judeus, o mais despresado dos contratos. O historiador Flavio José, homem grave, conta que por tres vezes se divorciou. Extenuava-se a sociedade romana n'aquelle excesso de divorcio e de celibato. Buscava remedios ao mal o imperadôr Augusto. Encommendava leis ao seu senado, e versos aos seus poetas; mas, por desventura, a lei que impunha o matrimonio tinha o nome de dous consules solteiros; e os melhores versos eram de Horacio, o mais convicto dos solteirões. Havia para o imperadôr difficuldade quasi identica em encontrar donzella que acceitasse o ir ser vestal, matrona que se não divorciasse, e ricasso que annuisse a casamento. Ha de caber a Jesu-Christo o conferir ao matrimonio a duplice magestade de sacramento indissoluvel. Se alguem houver, inimigo do matrimonio, que pretenda lançal-o no seu antigo aviltamento, ha de Christo oppôr-lhe como barreira a sua presença, para que, entre os fieis ao menos, possa prevalecer sobre toda a corrupção das doutrinas, dos usos, e das leis, a indissolubilidade conjugal. É portanto o matrimonio, isto é a familia christã, que elle começa a fundar alí. No alicerce, colloca uma recordação sua; uma sua palavra porá o ultimo remate no edificio.

Notemos, de uma vez para sempre, que muitos dos actos de Jesus deixaram de ser para logo comprehendidos, dos discipulos e Apóstolos até. Tinham já os milagres, e haviam de ter o Espirito-Santo; todas essas cousas eram ditas e feitas para o mundo vindouro, para nós, para nós que só haviamos de entendel-as pelo correr das edades, ora pelos seus frutos, ora pelas interpretações da Igreja. É esse o milagre perenne que nos alegra os corações, os animos, e os olhos, e ha de continuar a alegral-os até ao fim de toda a posteridade de Christo. O manná caía do céo; era sempre o mesmo, e era comtudo sempre vario, conforme aos paladares; assim produz o Evangelho a sua messe de verdade, sempre a mesma, e sempre nova, conforme ás necessidades do mundo e dos tempos. Raiam no thesouro da fé os clarões anteriores; os novos clarões trazem já respostas de antemão feitas a objecções ainda não formuladas, mas já previstas pelo Espirito-Santo! É por isso que o Evangelho, onde todas as prophecias antigas recebem cumprimento, é em si mesmo uma prophecia permanente.

O milagre de Caná foi um d'aquelles actos propheticos, pelos quaes Jesu-Christo, manifestando o seu poder, quiz prophetizar a sua Igreja.

Corria o banquete nupcial; e, como viesse a escassear o vinho, Maria,



Evalon, lith. Imp. F. Didot, Paris

AS BODAS DE CANÁ

«Maneira como o Senhor, na occasião das Bodas de Caná (Galiléa), transformou a agoa em vinho, segundo está dito no Evangelho de S. João.» — Copia d'uma miniatura d'um manuscripto do século XIV.

por ceder a um impulso natural da sua bondade, e sem dúvida tambem a inspiração divina, voltou-se para Jesus, e dirigiu-lhe estas palavras, ou antes esta oração mysteriosa : « Faltou-lhes o vinho; vês? » Pareceu Jesus recusar o que sua mãi tacitamente lhe pedia; e tornou-lhe : « Senhora, « que temos de commum vós e eu? Ainda não chegou a minha hora. » Mas disse Maria aos servos : « O que elle ordenar, cumpri-o. »

Havia alí seis hydrias, ou amphoras de pedra, que serviam para as purificações. Ordenou Jesus aos servos que as enchessem de agua; e logo que as tiveram cheias, disse-lhes : « Agora podeis tirar. » Encontraram-se as seis urnas, cada uma das quaes continha duas a trez metretas, cheias de vinho de optimo sabor; do que pasmaram os convidados. O evangelista S. João, testemunha ocular, acrescenta : « Foi d'este modo que Jesus « operou em Caná de Galilêa o seu primeiro milagre, e crêram n'elle os « seus discipulos. »

Este acrescentamento de fé nos discipulos era a razão immediata do milagre; razão bem sufficiente, visto que dependia da sua fé a salvação d'elles, mais a nossa. Jesus porém nada faz que deixe de ter consequencia. No que fica narrado, nada ha que não contenha mysterio, e doutrinação. Na sua resposta á Santa Virgem vai uma declaração nova da sua divindade; opportuna por certo, na estreia da sua carreira publica.

Ao dizer-lhe que aos convidados falta o vinho, Maria, segundo se viu depois, implora um milagre. É pois á natureza divina que ella se dirige; e é essa natureza que lhe responde : « Que temos de commum vós e eu? » Porque, com quanto seja Maria a mãi do Homem-Deus, e, pela indissolubilidade das duas naturezas, a mãi de Deus, não é comtudo a mãi da divindade; e nada ha de commum entre ella, e o Deus cuja hora ainda não chegou. Muita gente, por mingua de reflexão, se admira da supposta aspereza d'aquellas palavras. É que Jesus devia antes luz ao mundo, do que vãs caricias a sua mãi. Mas quem os persuade de que, ao expressar os seus soberanos pensamentos, falhasse Jesus á doçura e ao respeito?

Maria nemhum espanto deixa entrever, nem sequer o minimo receio de não ser despachado o seu pedido. Diz aos servos que executem o que Jesus ordenar. Conhece o poder da oração. E com effeito, Jesus submette-se-lhe logo, realisando o milagre que ella tinha desejado. Commenta d'est'arte, elle proprio, e de antemão; no seu primeiro acto publico, aquelle dito profundo que ha de vir a proferir no alto da cruz, ao terminar a sua

missão : « Homem, alí tens a tua mãi; » alí tens aquella que sem cessar ha de orar-me por ti, aquella a quem hei de obedecer sempre, a ponto de alterar o curso natural das cousas.

Por uma total metamorphose de substancias, torna-se a agua vinho precioso. Depende esse milagre apenas da vontade de Deus, da sua palavra interior não formulada. A palavra humana só tem *significação;* a de Deus *opera* ao passo que *significa;* o que diz, cria-o. Não existia a terra; não existia o céo; não existia o mar. Deus profere uma palavra, e tudo existe. A mesma palavra, que fez que existisse o que não existia, faz que permaneça, ou cáia, ou se transforme, isso que existe; póde conseguir que, sem queda nem transformação, o existente se altere. Segundo a vontade de Deus, toda a materia, ou qualquer fracção da materia, póde, já recaír no nada, já baixar a um grau qualquer de inconsistencia, já elevar-se ao grau de consistencia que Deus lhe quer dar. Suspende-a, penetra-a, muda-lhe as qualidades; em summa : faz d'ella o que lhe parece, e ella torna-se no que elle determina. Tem Deus por habito, diz Santo Ambrosio, operar mudança de natureza quando pretende mostrar que é elle o autor da natureza : a vara é mudada em serpente; o ramo secco refloresce; torna-se em sangue a agua dos rios; os mares separados ao meio erguem duas muralhas liquidas; o ferro sobrenada á face das fontes; o punhado de farinha e a gotta de azeite são inesgotaveis; tornam-se potaveis as ondas amargosas. Abunda a Escriptura em semelhantes maravilhas, que nos dão a conhecer que tudo provêm da mão de Deus, e que tudo lhe obedece.

Renovando em Caná aquella mostra da sua soberania, realisa Jesus do modo mais rapido o que aliás se está presenceando todos os dias tão maravilhosamente, sem que n'isso reparemos. O que vem encher a uva? são as aguas do céo, distilladas nas entranhas da terra, e sugadas pelas raizes do vinhedo. Não é mais difficil, nem mais assombrosa a transformação instantanea. Aquelle que do nada creou as substancias, e creou a ferramenta que as transforma, póde tambem transformal-as sem carecer da ferramenta.

Por outra parte aquella metamorphose que Jesus realisa na natureza da agua é a prophecia figurada da metamorphose que elle vem realisar na natureza humana. As seis talhas destinadas á agua das purificações, representam os seis periodos, em que se divide o tempo que precedeu a chegada do



Messias : de Adão a Noé; de Noé a Abrahão; de Abrahão a Moisés; de Moisés a David; de David ao captiveiro; e do captiveiro a Jesu-Christo. N'aquellas seis épocas se conteve a revelação do futuro Messias, expressa pela agua na linguagem da Escriptura; e se não fosse aquella revelação, necessaria para a purificação dos Judeus, teriam permanecido estereis e vacuos os tempos anteriores. Lá estava portanto contido Christo, mas occulto; até certo ponto á maneira da agua que em si mesma contem o vinho, sem que olhos humanos lh'o possam lobrigar. Ordena Jesus que até ás bordas sejam cheias aquellas seis talhas, por se haverem já cumprido n'elle as prophecias. Por forma que, esta troca da agua em vinho representa os mysterios todos da Redempção; annunciaram-n'os os Prophetas; realisou-os Christo.

Possuiram os Judeus aquella agua, e para elles não foi senão agua, instrumento da incompleta purificação material, vanissima, que lembra as abluções frequentes dos Phariseus. Lavavam as mãos, sim, e faziam obras estereis ou impuras; bebiam, e não lhes entrava no coração calor, nem força, nem alegria. São os livros dos Prophetas (é Santo Agostinho quem o diz) insipidos e fastidiosos, para quem os não sabe penetrar; e para lhes entrar no âmago é mister ver lá a Jesu-Christo. Como os Judeus não vêem lá a Jesu-Christo, lêem-n'os sem os comprehenderem, e só os interpretam para os desfigurarem; mas nós, para quem Jesu-Christo rutila em cada uma d'aquellas paginas, que suave embriaguez nos senhoreia! Agora sim, que apreciâmos a misericordia do coração de Maria quando dizia para o Filho : « O vinho acabou-se-lhes. » Queria dizer : Senhor, falta-lhes a força, falta-lhes o contentamento d'alma, falta-lhes a luz; amerceae-vos d'elles; apressae o vosso dia; dae-lhes o vinho da verdade!

E trocando em vinho a agua, depois que ouviu aquella exoração, promette Jesus substituir o sentido litteral pelo espiritual; a lettra que mata, pelo espirito que aviventa; o figurado, pelo real. Ha de trocar a agua em vinho, quando explicar aos discipulos a intelligencia verdadeira da Escriptura, embriagando-os de Deus, por intermedio d'aquellas mesmas phrases que ao principio os deixavam indifferentes e frios. « Agora, podeis tirar á « vontade » dizia elle. Esse vinho de milagre ha de trazer outra mudança, outro milagre; graças a elle, os impudicos hão de tornar-se castos; os soberbos, humildes e manços; os que tremem do mundo hão de encher-se de valor para confessar a Deus. Ha de dar-se uma bem maior maravilha; e

o vinho de Caná é apenas por ora o symbolo da bebida verdadeira. Rasguemos o ultimo véo : apparece-nos o mysterio dos mysterios, a Eucharistia. O primeiro acto pois da vida publica de Jesus é prophetizar o assumpto mesmo da sua missão; preparar a fé ao Sacramento que ha de vir a ser o ultimo remate d'essa missão, e o milagre incomprehensivel e immortal. Quiz Jesus d'essa maneira, diz um Santo Padre, dar nos uma antecipada prova do poder com que havia, lá para o diante, ao instituir a Eucharistia, trocar o vinho no seu sangue, porque em realidade o vinho depois de consagrado é sangue verdadeiro, assim como a agua de Caná se trocou em verdadeiro vinho.

Já se escreveu que o vinho do calix tem virtude de fazer « desabrochar « as virgens »; porque ao passo que extingue toda a chamma terrena, accende nas almas a ardencia immorredoura do soberano amôr. Com quanto o vinho de Caná fosse apenas a representação do vinho do calix, não deixou Jesus de lhe incutir a sua graça. Não só acreditaram em Jesus os que libaram esse vinho, mas tambem, segundo a tradição, muitos seguiram a Jesus. O esposo veio a tornar-se no apóstolo S. Simão; a esposa conservou-se sempre ao pé da Santa Virgem; ambos sentiram que a presença de Jesus e Maria ás suas bodas glorificára o affecto que os unira; e na pureza de seus corações recompensou-os a graça e castidade virginal. Amaram-se com o amôr mais santo, o amôr que sacrificando tudo ao Senhor, recebe d'elle por troca um encanto sagrado e eterno.

Taes fôram as obras d'aquelle grande dia em Caná, o primeiro em que o Senhor se manifestou. Representam essas obras o que Jesu-Christo veio realisar no mundo : a fé dos discipulos, o principio da Igreja, a intervenção de Maria, a communicação dos Santos. Vinho mais generoso para o postre do banquete; doutrina perfeita para as derradeiras edades do mundo, inauguradas n'aquella hora. Agua trocada em vinho, Lei trocada em Evangelho, figura em verdade, lettra em espirito, terrores em amôr. Assim condensa Bossuet toda a doutrina dos Santos Padres. Pelo que fica enunciado se rastreia o quanto Jesus se occulta no proprio Evangelho, a todo aquelle que intenta encontral-o sem o facho da Igreja; e pode avaliar-se o respeito que a si proprio consagram os « historiadores » que se limitam a dizer, a proposito de Caná, que se aprasia Jesus no bulicio das festas intimas, e que um dos seus milagres foi feito para alegrar umas bodas de aldeia.

De Caná transportou-se Jesus a Capharnaú, onde prégou. Era Capharnaú uma abastada villa, sita nos confins de Zabulon e Nephtali, na paragem onde o Jordão desagôa no lago de Genezareth. Chamava-se aquella região Galilêa dos gentios, por causa dos pagãos a quem os Galileus consentiam que alí habitassem, o que os tinha rebaixado a tal ponto, no espiritual, que os Judeus os haviam por gente impura : *Terra de Zabulon e de Nephtali, que banham as ondas do mar, ó terra de além-Jordão, ó Galilêa das nações! O pôvo que em trevas jazia avistou um grande luzeiro; e ergueu-se aquelle luzeiro por sobre os que jaziam na região das sombras e da morte.* Era Jesus o luzeiro, e raiou n'aquella escuridão. E dizia-lhe : « Chegou o tempo; avisinha-se o reino de Deus; penitenciae-« vos, e crêde no Evangelho. »

Ia uma obra notavel assignalar a sua primeira estada entre os habitantes de Capharnaú. Com a sua presença nas bodas, e a manifestação publica do seu poder, honrou o casamento, base da familia; vai dar-se outro milagre para assellar a fundação da Igreja e accentuar a sua missão.

Passava Jesus pelo rez do mar. Avistou Simão e André a deitarem a rêde; porque é de saber que eram pescadores, e depois da primeira conferencia, referida acima, tinham retomado a sua arte, d'onde viviam. Bradou-lhes Jesus : « Vinde comigo. » Poucos passos andados, viu n'uma barca a Thiago filho de Zebedeu, e a João seu irmão, pescadores tambem, e que lidavam no trabalho da rêde. Chamou por elles. A esse tempo já o pôvo se apinhava em roda de Jesus, para o escutar. Entrou Jesus n'uma das barcas, que era a de Simão-Pedro, e depois de ordenar a Simão-Pedro que se afastasse algum tanto da praia, sentou-se, e doutrinou. Quando acabou de fallar, disse a Simão-Pedro : « Vamos, ao mar! e « larga a rêde, » Mestre, volveu Simão, toda a noite labutámos e nada podémos apanhar; mas, como creio em vós, vou largar a rêde. E tanto peixe lhe saíu d'essa feita, que a rêde queria romper-se. Deram signal aos da companha que iam na outra barca, para virem ajudal-os; e por tal forma se avergaram ambas com pescaria, que pouco lhes faltou para se irem a pique. Então, atirando-se aos pés de Jesus, disse-lhe Simão-Pedro : « Senhor, afastae-vos do pé de mim, que peccador sou eu! » Tanto elle como os companheiros estavam attonitos do milagre. Tornou Jesus a Simão : « Não temais, que d'ora avante sereis pescadores de homens. » E tendo varado na praia as barcas, largaram tudo por mão, e com elle se fôram.

Está fundada e prophetizada a Igreja.

São os Apóstolos gente de trabalho; vivem do trabalho de suas mãos, e não dos frutos da iniquidade; isso é que os torna dignos da sua vocação. São gente simples, e sem lettras; a sciencia, hão de recebel-a lá para o diante; mas o que primeiro importa é que a fé lhes seja effeito do poder divino, que não de humanas eloquencias. Chamados, obedecem logo; os filhos de Zebedeu deixam o pai; nada deve impedir que se siga a Christo. São duas as barcas : a barca onde Christo entra é a de Pedro; n'ella se proferem as palavras que geram a fé. D'essa barca doutrina Jesus as turbas; d'essa barca ha de ensinar as nações. Afasta-se a barca para longe da praia; é mister prégar aos pôvos em certa conta, e nem, por uma parte, affeiçoal-os de mais ás cousas terrenas, nem, por outra, embrenhal-os demasiado nas regiões do mysterio; é mister condescender com a fraqueza de cada qual, para atrahir á paz o homem, que vai como que nadando nas incertezas e amarguras d'esta vida.

NICODEMUS, A SAMARITANA.

Depois de passar uns dias em Capharnaú, foi Jesus para Jerusalem. Fez por lá outros milagres, e celebrou a Paschoa.

Costume inveterado, e connivencia dos sacerdotes, tinham consentido o irem-se os vendilhões estabelecer com suas tendas pelos porticos do Templo. Expulsou-os Christo uma vez, bradando : Assim converteis em antro de ladrões a casa de meu Pai?! Veio com o andar dos tempos a lembrar que fôra prophetizado isto : *Ardo no zelo da vossa casa.* Não resistiram os vendilhões, com quanto a mão de Jesus estivesse armada apenas com umas disciplinas, nem se queixaram aos sacerdotes que lhes toleravam a mercancia. Foi (não ha duvidar) susto que os tomou á vista da magestosa irritação do rosto d'elle. Comtudo entre os doutores houve quem lhe perguntasse com que direito procedia assim, e o intimasse a fazer algum milagre para comprovar a sua missão. Respondeu elle : « Arrasae vós o Templo, que eu em tres dias o levantarei. » Ouviram elles lá no Templo esta resposta, no Templo, d'onde Jesus expulsára pouco havia aos mercadores, no Templo, cuja ruina havia de em



A PESCA MILAGROSA

Copia dos cartões de Hampton-Court (Inglaterra) — Jesus diz a Pedro: «Has de ser algum dia pescador d'homens.» André levanta-se surprehendido. Na segunda barca João e Thiago recolhem as redes, em quanto um quinto apostolo dirige a barca.

breve prophetizar, e que nunca mais se ha de ver erguido outra vez; mas elle fallava-lhes do templo do seu corpo, onde habitava em cheio a sua divindade, e do milagre da sua resurreição, tres dias depois da morte. Porque o Messias era o templo vivo de Deus, e os proprios Judeus



Fig. 39. — Jesus expulsa os vendilhões do templo e diz : « Da casa de meu Pai fazeis vós uma caverna de ladrões. » Gravura de Alberto Durer, seculo XVI. Livraria do Sr. Ambrosio Firmin-Didot.

o diziam. Depois, crêram muitos que nascêra o Messias em quanto os Romanos destruiam o Templo. Segundo S. Marcos, proferiu Jesus aquellas palavras no dia em que todos deviam resgatar o cordeiro Pascal; e a ser certo o computo de alguns historiadores, no mesmo dia, com differença de tres annos, resurgiu dos mortos.

Quando o interrogam, ou sollicitam, por incredulidade, curiosidade vã, ou orgulho, tem respostas quasi enigmaticas, e recusas frequentes. Aos de coração singelo falla claramente, e concede-lhes as mercês que imploram. Seja qual fôr a palavra que assome aos labios alheios, a intenção que lá jaz no intimo é que elle adivinha; os proprios que se callam ouvem-n'o responder-lhes aos pensamentos. Conhece até ao fundo cada homem; na sua muita misericordia, amolda o seu fallar á fé e intelligencia de cada qual, e este só recebe o de que as suas forças são capazes. Concorriam para a beira de Jesus muitos, ainda só admirados dos milagres d'elle. Retinha-os, mais ou menos, ou expulsava-os. Outros chamava, e não vinham. Estava sentado ao seu telonio o publicano Levi. Pàssa Jesus, e diz-lhe : « Segue-me. » Ergue-se logo o publicano, desampara o telonio, como Pedro e João desampararam as rêdes, e torna-se no apóstolo Matheus. Passado algum tempo, apresenta-se-lhe um doutor, e diz : « Mes-« tre, seguir-vos-hei para onde quer que hajais de ir. » Observa Jesus o coração d'esse sabio, e responde-lhe : « As raposas têm tocas; os pas-« saros têm ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde repouse « a cabeça. » Afasta-se o sabio. O que elle só queria era adiantar-se na sciencia; não lhe convinham os trabalhos rudes e desinteressados do Evangelho. Ficou sendo o perfeito exemplar de uns ratoneiros, que só pretendem atravessar a Igreja para sacarem d'ella conhecimentos, de que hão de usar em mero proveito seu! Outro porêm, ao ser chamado, implora uma espera, para se ir fechar os olhos a seu pai. Retorquiu-lhe Jesus : « Deixae que os mortos enterrem os mortos. Vinde para a tarefa dos vi-« vos; sabei que o primeiro dos deveres para com os homens é prégar-« lhes o Evangelho; sabei que o de que mais precisa vosso pái é que de-« sampareis tudo para só obedecerdes á voz de Deus. » Eterna resposta ás objecções da falsa caridade. Jesus não impõe aos mais um fardo a que se esquive; elle ha de saír do mundo antes de poder cerrar os olhos a sua Mãi.

Em Jerusalem, d'entre a gente que logo desde o principio se lhe aproximou, estremou-se um conselheiro da grande synagoga, por nome Nicodemus. Veio de noite, cheio de rectas intenções, e tambem de receios. Temia os Judeus; temia-lhes talvez a ira, e os motejos, que elles não desfarçavam já. No Calvario é que havemos de encontral-o mais animoso. Declara-lhe Jesus implicitamente a sua divindade; nas palavras que lhe

dirige desnuda-lhe o traçado inteiro do Christianismo. N'ellas falla da sua morte em cruz; profere esta phrase, que é o motivo adoravel da Encarnação : « A tal ponto quiz Deus ao mundo, que chegou a dar-« lhe seu unico Filho. » Explica depois a causa da incredulidade. « Veio « a luz ao mundo, e os homens preferiram-lhe as trevas, porque as ac-« ções d'elles eram más. Quem quer que pratíca o mal, odeia a luz. » É já o juiz a annunciar para o dia derradeiro.



Fig. 40. — Vocação de Levi. Ao passar viu Jesus a Levi sentado no seu telonio, ou escriptorio, e disse-lhe : « Segue me » Levantou-se logo o publicano, e seguiu-o. Overbeck, *O Evangelho illustrado*, Paris, Schulgen.

Depois de acolher d'este modo ao Judeo receoso, vai elle proprio ter com os Samaritanos.

Eram os Samaritanos um resto das colonias de pôvos diversos fundadas pelos Assyrios. Jactavam-se de descender da raça de Abrahão, e acceitavam os livros de Moysés mesclando-lhes porém muito das suas antigas idolatrias. Tinham-n'os os Judeus por estrangeiros, e odios reciprocos os desuniam. Prohibia a synagoga todo o genero de relação com os scismaticos, a não ser em compras e vendas. Vai Jesus ter elle proprio com os Samaritanos. Torna-se superior ás inimizades nacionaes e politicas,

como dentro em pouco ha de tambem mostrar-se superior ás prescripções pharisaicas com respeito ao Sabbado. Eis ahi a primeira missão no exterior.

Ao atravessar as terras de Samaria para se tornar á Galilêa, como se achasse ás portas de uma cidade chamada Sichem, deteve-se Jesus, cançado da jornada. Aquelle cançasso, diz Santo Agostinho, era a carne que o sentia; e por elle rastreamos as fadigas pesadissimas do seu apóstolado. Entraram-se os discipulos á cidade, para comprarem de comer; porque elle, tanto esquecia os commodos da vida, que não usava levar comsigo mantimento algum. Falla-se algures, nos livros sagrados, de um só pão que havia para todos, e que assim mesmo os discipulos esqueceram.

Não era a cidade de Sichem paragem a que se não ligassem antigas recordações. Tornando-se da Mesopotamia, lá erguêra Abrahão um altar; e fez-lhe Deus conhecer que o sitio havia de vir a pertencer-lhe. Lá mataram Simeão e Levi, filhos de Jacob, a um numero grande de Amorrheus, por vingarem o ultrage perpetrado em sua irmã Dinah. Lá comprára Jacob uma herdade a troco de um rebanho de cem carneiros, e a deixára em herança a Jacob, abrindo-lhe um pôço, a que ainda então se chamava o *pôço de Jacob*. N'aquella terra estrangeira, estava pois Jesus, o Filho de Deus, o Filho dos Patriarchas, por dois motivos em paragem muito sua. Ali vinha elle revelar o Deus verdadeiro, trazer o perdão em vez da vingança, fazer rebentar a fonte das aguas da verdadeira vida, que resaltam até á vida eterna.

Ficára Jesus sosinho uma occasião, e descançava sentado na beira do tal pôço de Jacob. Chega uma mulher de Sichem para tirar agua. Era pessôa de maus costumes e máu nome; figura a Igreja, ainda não purificada, mas que o vai ser. A mulher chega d'entre estranhos; a Igreja ha de chegar do meio das nações. Está escripto que Jesus se detivéra ahí á hora sexta, ao meio dia; o sol material tocára o seu zenith, e ia declinar; o sol prophetizado por Zacharias, o verdadeiro Oriente, surge para allumiar a todos os que jazem entre as sombras da morte, e vem dirigir-lhes os passos na senda da paz. A hora sexta ha de ser tambem a do sacrificio, aquella em que, exhausto e ensanguentado, ha de o Senhor descançar das suas fadigas estendendo-se na cruz; e n'essa hora hão de das suas feridas rebentar as fontes da salvação.

Disse Jesus á Samaritana: « Dá-me de beber. » No Calvario ha de

dizer : « Tenho sêde. » É o mesmo genero de sêde o de que elle se queixa de ambas as vezes; mas a forasteira é que o não podia saber. Respondeu no tom de mofa, de que usavam muito as suas eguaes : « Quê! « pois vós, que sois Judeu, pedis-me de beber a mim, que sou Sama- « ritana? » Porque os Judeus até refugiam de servir-se com os utensis dos Samaritanos.

Replicou Jesus com suavidade : « Se conhecêras os dons de Deus, « e souberas quem te está pedindo agua, talvez, tu mesma l'h'a pediras « a elle, e elle te déra agua viva. »

Motejando outra vez, mas admirada, e já respeitosa, volveu a Samaritana : « Senhor, não trazeis com que tirar a agua; e a demais, o pôço « é fundo. Onde tendes logo essa tal agua viva? Sois acaso maior que « nosso pai Jacob, que nos legou este pôço? » Não conhece ella outra agua viva senão a que apaga a sêde carnal; e, posto que senhoreada de respeito, trata desdenhosa o estrangeiro que falla em lhe dar agua a ella, que tem balde onde a tome. D'esse feitio ha de fallar por muito tempo o orgulho dos racionalistas.

Respondeu-lhe Jesus : « Todo aquelle que beber d'essa agua ha de « continuar a ter sêde; mas quem beber da agua que lhe eu der nunca « ha de tel-a, porque da agua que lhe eu der ha de formar-se n'elle uma « fonte, que ha de espadanar até á vida eterna. » A agua do pôço representa as voluptuosidades, que habitam nas profundezas tenebrosas. Quem logra as voluptuosidades mundanas, isto é, quem bebe d'essa agua, ha de ter sempre sêde. A agua viva de Jesus, é o Espirito Santo; preenche todas as aspirações da alma, e eleva o homem á vida eterna, por ser o principio da resurreição. Quem tem uma fonte dentro em si nunca tem sêde.

Ainda não abrangia todo o sentido a Samaritana. Preoccupada da sêde carnal, mas cada vez crescendo no respeito a Jesus, supplicou-lhe : « Se- « nhor, dae-me d'essa tal agua, para que eu nunca mais venha a ter sêde, « e não precise vir tirar agua a este pôço. » Habitava aquella mulher na região onde Elias, o grande propheta, tinha (entre outros prodigios) vivido quarenta dias sem beber nem comer. Recordando-se d'essa historia, pensou que este homem, que lhe fallava, lhe poderia ensinar o segredo de Elias. Quiz Jesus dar-lhe um presente bem mais valioso. Disse lhe : « Vai chamar o teu marido, e torna. »

Foi (quem sabe?) a primeira vez na sua vida, segundo se póde conjecturar do que vai ser revelado, que a Samaritana receou a um tempo o mentir, e o ser sincera. Respondeu : « Marido ? não tenho. » Atalhou Jesus : « Dizes bem que o não tens, porque tens tido cinco; e o ho- « mem com quem habitas agora não é teu marido. » Successivamente despedida por cinco esposos, vivia aquella peccadora vida má com um adultero. Sob o véo do figurado, vê aqui um Santo Padre os cinco sentidos, e o predominio da carne que assoberba todo o homem antes que elle possa fazer uso da razão. Segue o erro á paixão dos sentidos; esse erro não é o marido, guia legitimo; é o amante adultero. Dissipae o vosso erro, despedi esse adultero que vos inquina, e invocae o vosso entendimento para comprehenderdes a verdade.

Teve a Samaritana esse nobre impulso. Curvou-se perante a luz que lhe alvorecia, e confessou o seu peccado. « Senhor, balbuciou ella, bem « reconheço agora que sois propheta. » E para logo, pondo de lado qualquer questão de interesse temporal, pediu mais luz, propondo claramente o ponto de doutrina que separava Samaritanos e Judeus. A despeito dos seus erros, não se tinha aquella mulher desleixado de pensar uma ou outra vez nos assumptos da salvação; sabia-o o Filho de Deus. Disse-lhe ella pois : « Foi sempre usança de nossos páis o fazerem os sacrifi- « cios do seu culto n'este monte; e vós dizeis (vós, os Judeus) que é Je- « rusalem o sitio onde se deve adorar ao Senhor. »

Não respondeu Jesus directamente a este ponto, que d'ora em diante já pouca valia poderia ter para os Samaritanos ou para os Judeus; elevou o espirito da sua interlocutora mais alto do que ella nunca pensára subir. « Mulher, lhe disse elle, crê no que te digo : vai chegar « breve o tempo, em que não adorareis o Padre, nem n'esta mon- « tanha nem em Jerusalem » (porque os sacrificios dos Samaritanos, assim como os dos Judeus, hão de ser abolidos). « Quanto a vós, adoraes « o que não conheceis; e nós adoramos o que conhecemos, porque a sal- « vação vem dos Judeus. Mas está a chegar a hora, e já chegou, em « que os verdadeiros adoradores hão de adorar o Padre em espirito e « em verdade; esses é que são os adoradores que o Padre deseja. Deus « é Espirito; e os que o adoram devem adoral-o em espirito e em ver- « dade. »

Com esta phrase caem por terra as figuras dos Judeus, e os idolos dos

Samaritanos. Uns e outros desleixavam a alma, buscando por todos os meios purificar o corpo. Declara Jesu-Christo que Deus, que é espirito, se honra pela pureza do que em nós existe incorporeo, a pureza da intelligencia, a que elle chama espirito. A Igreja adora em espirito, porque offerece uma victima espiritual; adora em verdade, porque o seu sacrificio não é simplesmente figurativo, mas exhibe a verdade dos sacrificios da antiga Lei, e do que os seus proprios signaes representam.



Fig. 41. — Jesus e a Samaritana. « Se tu soubesses, disse elle qual é a dadiva de Deus, e quem é que te está dizendo « Dá-me agua » talvez tu propria lh'a houvesses pedido, e elle ter-te-hia dado agua viva. » Quadro de Filippe de Champagne, gravado por Edelink. Seculo XVII.

Volveu a Samaritana a Jesus : « Sei que o Messias, a quem chamam Christo, ha de vir. Quando vier ha de ensinar-nos tudo. » Para aguardarem o Messias bastava aos Samaritanos o lerem os cinco livros de Moisés; tanto é Christo o assumpto da Escriptura antiga, que a chegada d'elle lá está ponto por ponto prophetizada.

E disse então Jesus : « Esse Messias por quem vós esperaes, está a fallar agora comtigo; sou eu. » Revela-se o Filho de Deus ao coração

simples que lhe confessou a sua miseria. Só na presença da cruz hão de os Judeus alcançar aquella palavra explicita que d'elle desejam ouvir, não para n'elle acreditarem, mas para o negarem e insultarem.

N'este comênos tornaram-se os Discipulos. Admiraram-se de verem o Mestre praticando com aquella estrangeira, por ser isso para elles transgressão á Lei, e não menos condescendencia muito diversa da altivez judaica. Mas não o interrogaram. Tinham aprendido, diz um Padre da Igreja, a manterem-se na sua esteira de Discipulos : respeitavam-n'o, e temiam-n'o.

Por sua parte a Samaritana, deixando o vaso que levára, tinha tornado para a cidade, e publicava o que vira. Bradava a todos : « Vinde, « vinde ver um homem que além está, e que me contou a minha vida « inteira. Não será elle por ventura Christo? » Admiravel exemplo da influencia de Deus nos corações! é por assim dizer momentanea a conversão d'aquella peccadôra, e comtudo, que bem que estão demarcados todos os passos d'essa conversão! Da indifferença motejadôra, passa ao respeito; do respeito, ao desejo dos bens que lhe são promettidos, e que ella propria ignora; reconhece a Jesus por propheta, e confessa-lhe que prevaricou; instrue-se; é docil; e apenas se apodéra da luz, emprega-se em divulgal-a. Pondo de parte a sua urna, como tambem os pescadores desamparam as rêdes, cumpre o papel de evangelizadôra, espalhando em honra de quem a allumiou as palavras mesmas que a humilharam a ella. Não córa de revelar essa prova; depois que se lhe aqueceu a alma ás chammas divinaes, de nada cura do que é terreno; não se lhe dá da gloria nem do opprobrio; toda ella pertence, diz S. João Chrysostomo, ao lume que a está repassando de vida. Desampára a urna, acrescenta Santo Agostinho; a urna é o amôr mundanal, a cubiça que instiga os homens a haurir a volupia do fundo das tenebrosas profundezas do viver terrestre, cuja imagem é o pôço.

Em quanto assim se empenhava a Samaritana em dar a conhecer o dom de Deus, instavam os Discipulos com Jesus para que tomasse alimento. Respondeu-lhes o Senhor que outra casta de alimento tinha elle que tomar; do que elles inferiram ter-lhe alguem n'esse intervallo trazido de comer. Não recusava Jesus, segundo se vê, receber o pão da mão de estranhos, como homem que nada possuia de seu; era para que aos que assim o amparavam coubesse o merecimento da bôa acção, e

para que os discipulos se affeiçoassem a honrar a pobreza. Mas distrahiu-lhes em breve os pensamentos para outra parte : « O meu alimento « respondeu elle, é cumprir a vontade d'Aquelle que me enviou, e pôr o « remate na sua obra. »

Pôr-lhe o remate é lidar para realisar os designios de Quem a concebeu e ordena. Se Christo é que vem pôr o remate na obra de Deus, signal é de que a obra não estava perfeita antes da vinda d'elle. Mas que faltava á obra de Deus? Responde Origenes : A perfeição da creatura racional constitue a de toda a natureza; ora para alcançar essa perfeição é que o Verbo se encarnou. Até certo ponto estava perfeito o homem; mas a transgressão tornou-o imperfeito; e foi mandado o Salvador; primeiramente, para cumprir a ordem de Quem o tinha enviado; em segundo lugar, para concluir a obra de Deus, não só restituindo o homem ao seu estado primeiro, mas tambem elevando-o até á sua perfeição, que é o alimentar-se do conhecimento de Deus. Por dois modos cumpre e conclue o Filho de Deus a obra de seu Paí : no homem, fazendo-nos ver em sua pessoa a natureza humana impeccavel, incorrupta, digna do amôr divino; na Lei, por ser Christo *o fim da Lei;* leva á madureza tudo que n'ella se continha, e eleva o mundo desde o culto corporal ao culto espiritual.

Foi essa a lição que Jesus deu aos Discipulos, quando lhes disse que haviam de colher o que outros tinham semeado, e que essa colheita, que o seria de frutos para a vida eterna, alegraria aos que a tinham encetado, que vinham a ser os Prophetas. Era outro modo de aconselhar o cumprimento da Lei, e mostrar que a obra da salvação é obra de Deus emprehendida desde todo o principio. Não o perceberam desde logo os discipulos, mas lembrou-lhes depois o que ouviram. Elles tambem, além de colher, semeavam. O missionario christão colhe e semeia; tem a duplice tarefa, de propheta, e de apóstolo. E como a Igreja é Una na extensão do tempo, ao contrario do que succede no mundo, vem a fartissima colheita de um encher de alegrias a outro, que semeou em dôr e esterilidade, e que nem sequer logrou ver verdegar as suas leiras.

Tinha a Samaritana dito ao pôvo : « Vinde ver, não será elle por « ventura Christo? » Ouviram-n'a muitos; saíram da cidade, e buscaram a Jesus; viram-n'o, e rogaram-lhe que alí se deixasse ficar. Ficou dous dias e depois que o ouviram fallar, muita mais gente houve que lhe

deu credito. Diziam então áquella mulher : « Já não é pelo que tu dis-« seste, que nós acreditâmos; ouvimol-o nós proprios, e ficámos sabendo « que é elle em bôa verdade o Salvadôr do mundo. » Já affirmavam o que só lhes fôra apresentado em dúvida. Comtudo, ainda não tinham presenceado milagres; o que os converteu foi só a palavra. Assim como saíram da sua cidade para ouvir a falla de Christo, assim tambem, ao escutarem essa falla sincera, desamparam outra qualquer doutrina. Segundo observa Origenes, o que o Evangelista diz é que elles supplicavam a Jesus, não já que entrasse na cidade, mas « que se deixasse ficar com « elles. » Jesus deixa-se ficar com quem lh'o roga, muito mais com aquelles que para virem ter com elle desamparam os lares, e a si proprios se despojam.

O episodio da Samaritana demarca a entrada e o caracter da religião definitiva, e como que nos põe ante os olhos a forma e o milagre da parenése de Jesus. Tudo alí possue a singeleza dos actos mais vulgares da vida, e tudo é divino; parece que tudo foi mero effeito do acaso; mas quanto mais se observa, mais se descobrem profundezas eternas, já no preparo, já no facto em si, já nas suas consequencias, que duram e hão de durar sempre.

Notemos que esta sua prégação em Samaria era o acto que mais podia prejudicar a Jesus no conceito dos Judeus, se elle (como querem alguns) buscasse popularidade. Era universal a aversão aos Samaritanos, e tornava a opinião publica ainda mais para temer que as prescripções legaes. Aquella cidade de Sichem, onde elle se atrevia a demorar-se, appellidavam-n'a os Judeus *Sichar*, quer dizer, *Incontinencia*, *Embriaguez*. Nada se lhe deu d'isso. A sua infinda condescendencia com as miserias humanas nunca o levou a lisongear um erro. Dobrada prova da sua divindade : não o haver feito, e haver podido deixar de o fazer.

CURA DE ENFERMOS, TORMENTA APPLACADA, DEMONIOS VENCIDOS.

A bem dizer, era como profugo que Jesus ia passando pelas regiões de Samaria. Acabava João Baptista de ser mandado prender por Herodes Antipas, rei da Judêa. Pelo energico das suas predicas, onde continuava a concorrer muito pôvo, irritava o Precursor aos Phariseus. Herodes, esse tinha-lhe respeito, e de bôamènte o haveria deixado prégar a peniten-

cia; exprobrava-lhe outra cousa. Tinha aquelle tiranno desposado Herodias, sua cunhada. Dissêra-lhe João em nome de Deus : « Não te é « licito casar com a mulher de teu irmão. » *Non licet!* Coube a João a gloria de ser o primeiro que pronunciasse aquella palavra salutar, que a Igreja tanta vez houve de repetir, e quasi sempre como elle, a troco da sua liberdade civil e do seu sangue. Pedem certos principes á Igreja que ensine o respeito ás leis; mas sempre que lhes contesta a elles o direito de as infringir, acoimam-n'a de sediciosa, e algemam-n'a. Encerra o Evangelho o quadro completo de toda a historia humana.

No parecer dos Phariseus estava Jesus já culpado nos crimes de João Baptista. Bem sabiam aquelles hypocritas o que d'elle dizia a Voz do deserto, e não podiam demorar-se em o tornar tambem suspeito. Não chegára a sua hora; homisiou-se, dando á Igreja o exemplo de fuga quando assim o manda a occasião. Lá virá tempo em que a precise!

Como chegasse Jesus á Galilêa, continuou a instruir e a fazer milagres. « Todos pasmavam d'aquella doutrinação, porque elle ensinava como « homem investido de auctoridade, e não como o faziam os escribas. » A auctoridade é tambem o caracter dos seus milagres. Na sua estada em Caná, veio um ministro, ou régulo, pedir-lhe que lhe curasse um filho, que estava a beira da morte em Capharnaú. Reconhecendo Jesus que ainda a sua fé não estava perfeita, disse-lhe : « Se bem que presenceeis milagres « e cousas extraordinarias, não acreditaes. » O ministro, todo preoccupado com o perigo em que tinha o filho, não intentou justificar-se. « Vinde, « vinde, Senhor, antes que morra o meu filho! » Tornou-lhe Jesus : « Ide-vos em paz; o vosso filho está já vivo e são. » Acrescenta o Evangelho : « Creu o ministro no que Jesus lhe dizia, e abalou. » *Creu!* A palavra divina fez a um tempo dous milagres, operou duas graças : curou o corpo do filho, e mudou o coração do pai; um alcançou a saude; o outro, a fé.

Em todas as obras de Jesus transluz a mesma soberana auctoridade. Por uma só palavra cura os cegos, os surdos, os paralyticos, e do corpo dos possessos rechaça o demonio. Ás vezes emprega comtudo certos signaes : toca nos enfermos, ou impõe sobre elles as mãos. É que então quer dar um ensino especial, como a seu tempo havemos de ver, ou (como diz Santo Agostinho) quer que o seu corpo se torne orgão da Divindade.

Em Capharnaú, onde se albergava na pobre morada de Simão-Pedro

(circumstancia significativa) levaram-lhe todos os enfermos e possessos. Curou-os, como viram todos os cidadãos apinhados á sua porta; cumpriu a phrase do Propheta : *Tomou a seu cargo as nossas enfermidades.* E os demonios, ao saírem do corpo dos possessos, uivavam : « Sois vós o Filho de Deus! » Mas Jesus mandava-os calar, porque bem sabiam que elle era Christo.

Não póde deixar de ser aqui relatada uma de taes curas, que foi antes promessa para os Judeus, tantas vezes e tão terrivelmente castigados. Jazia em artigos de morte a sogra de Simão-Pedro, enfraquecida dos annos, e prostrada por violenta febre. Rogaram os Discipulos a Jesus, que lhe valesse. Dominou elle a febre, e logo a enferma, não só curada mas cheia de vigor, se levantou e os serviu. Para attingir o sentido espiritual d'este milagre, dizem os interpretes, e comprehender o que ali representa a sogra de Pedro, é mistér que nos lembremos de que a esposa do Principe dos Apóstolos é a Igreja. A sogra é portanto a Synagoga, d'onde a Igreja proveio; é aquella pobre agonisante, trabalhada de inveja, de avareza, de odio, decrepita, e cheia do cuidado das cousas profanas. Não ha de morrer, e comtudo ha de ser resuscitada, posta na posse de uma vida que nunca lhe foi dado conhecer. O Salvador, que mora em casa de Simão-Pedro, ha de estender para ella a mão. e ella ha de erguer-se para o abençoar e servil-o.

Uma vez, tendo Jesus embarcado no lago, para se ir á cata de algum descanço a uns ermos proximos, ergueu-se uma tormenta enorme. As ondas que invadiam as barcas ameaçavam sossobral-as em breve. Jesus no emtanto parecia dormitar. Acordaram-n'o a grandes vozes os Discipulos : « Senhor, salvae-nos, que nos vamos a pique! » Mas lá dizem mui bem os Santos Padres, estar escripto que nunca o velador de Israel ha de dormir nem sequer dormitar. Dormia quando se encostou ao pôço de Jacob, para nos mostrar que tinha corpo igual ao nosso; velava porém n'elle a Divindade; e a Divindade ordenára que se desencadeasse o temporal, afim de que tivessemos uma prova do poder de Jesus, que tanto vale para com os homens como para com os elementos. Despertou pois, e perguntou aos Discipulos : « De que vos temeis, homens de fé « tibia? » Depois ergueu-se, estendeu imperioso a mão ao vento, e bradou ao mar : « Acalma-te. » E abonançou. Cantara David : *Viram-vos as aguas, Senhor, viram-vos as aguas, e houveram-vos medo. Vós sois quem*



Imp. F. Didot, Paris

A TEMPESTADE APPLACADA

Jesus, cercado dos seus discipulos no auge do terror, estende a mão para o vento, e diz ao mar: « Accalma-te. » e subitamente acalmou tudo. — Quadro do Sr. Raimundo Balze na Egreja de Yssingeaux. Seculo XIX.

impéra na força do mar, quem modera as suas vagas, e lhe acalma os escarcéos!

Quer S. Jeronymo que por este milagre fiquêmos entendendo, que todas as creaturas têm a Jesus por seu autor, e se lhe acurvam ao mando. Não é dizer que os objectos materiaes tenham alma, e sentidos, como devanearam alguns hereges; mas certo é que é tamanha a magestade de Deus, que tudo que é para nós insensivel o sente a elle. E os que fôram testemunhos d'aquelle prodigio, os Discipulos e os mais, que tinham julgado tão perto a morte, diziam entre si : « Quem é este, que dá ordens ao « vento e ao mar, e a quem mar e vento obedecem? »

Pedro já não sabe temer. A Igreja, em cujo favôr foi operado este milagre, attesta que o milagre se renova, ou antes se mantem; d'ahi tira a Igreja uma invencivel segurança. Quantas vezes não presenceou ella o mar balouçado pelos ventos! sim, mas conhece o poder d'Aquelle que está de vigia, ainda mesmo quando parece que dorme. Implora-o; e, quer elle applaque de subito o temporal, quer lhe deixe seguir o seu curso, nunca sossobra a ameaçada barquinha. Pelo contrario : a propria tormenta é que a protege, pelos muitos naufragios que em volta multiplica, ao intentar infamal-a. E lá está Pedro, de pé no lugar do Mestre, regendo o timão com incontrastavel firmeza.

No correr d'aquella viagem evangelica, mostrou Jesus de novo, e em publico, o seu poder contra o demonio. Chegou-se a elle um possesso furioso, e adorou-o, ao passo que os demonios, que atormentavam aquelle homem, bradavam por sua bôcca : « Que temos nós que ver comvosco, « ó Jesus, Filho do Altissimo? » Constrangidos a desafferrarem a preza, supplicaram a Jesus que lhes não ordenasse o tornarem-se para o abysmo, mas que lhes concedesse o passarem para uma vára de gado suino que ali pastava. Annuiu Jesus, a quem tudo pertence, porque os donos dos ditos animaes causavam escandalo, e porque pretendeu demonstrar, que em nós, e no que é nosso, nada póde o demonio senão até ao ponto em que Deus o permitta. Não tardou que o possesso se curasse, e os animaes immundos atiraram-se ao lago, onde se afogaram.

Tornado Jesus para Capharnaú, levaram-lhe um paralytico para elle o curar. Como não conseguiam romper a mó do pôvo, os homens bemfasejos que levavam o enfermo issaram-n'o até ao terrado da casa, e depois desceram-n'o até ao Salvador. Condoído Jesus da perseverança d'elles,

disse affectuosamente ao paralytico : « Filho, cobra animo, que os teus « peccados estão perdoados. »

Havia na turba alguns Escribas e Phariseus, certamente em bôa saude, e convictos da sua justiça, como sempre. Pensaram de si para comsigo : « Aquelle homem está blasphemando! Quem é que póde, a não ser Deus, « perdoar peccados? » Lendo-lhes nos pensamentos, disse-lhes Jesus : « Qual é mais facil de dizer a um paralytico? *Perdoados estão os teus « peccados;* ou *Levanta-te, pega no teu catre, e caminha?* Para que « fiqueis sabendo que o Filho do homem tem n'este mundo o poder de « perdoar peccados, ordeno-te (e voltou-se para o paralytico) ordeno-te « que te ergas, pegues no teu catre, e tornes para tua casa. » O homem ergueu-se, agarrou no catre, e saíu, pregoando as grandezas de Deus.

Por entre esses taes Phariseus dicazes, alguns havia, que eram mandados desde Jerusalem para espionarem Jesus. D'esse momento em diante, acirra-se, envenena-se, e multiplica as suas ciladas, o odio pharisaico.

Estava Jesus á mesa em casa do publicano Levi, que se tornára o discipulo Matheus. Como era de uso, achava-se o Mestre entre publicanos e peccadores, que em grande copia iam traz elle. Escandalizou isso aos Phariseus. Respondeu-lhes Jesus : « Não é para os sãos que serve o « medico; é para os enfermos. Ficae sabendo o que significa esta phrase « do propheta Oseas : *Quero a misericordia, e não o sacrificio.* Porque « eu vim cá chamar á penitencia, não os justos mas sim os peccadores. »

Na ironia d'estas phrases, bem viram os Phariseus que os não tinha Christo na mesma conta em que se elles tinham a si proprios. Para o colherem n'um laço, induziram alguns discipulos de João Baptista a dizeremlhe : « Porque é que os discipulos de João, e os dos Phariseus, jejuam « a miude, e oram, em quanto os vossos comem, bebem, e não jejuam? » Respondeu Jesus : « Os amigos do esposo não andam de lucto nem je- « juam, em quanto o esposo andar com elles; dia virá em que o esposo « lhes ha de ser roubado, e então hão de jejuar. » Acrescentou uma comparação, que é lição admiravel de brandura para com os principiantes, a quem é preciso não desanimar as poucas forças, nem querer elevar de repente á perfeição. Ao passo que funda a sua Igreja, doutrina-a para sempre, visto que ha de ser sempre a missão d'ella curar enfermos, e converter peccadores. Mas os Phariseus não podiam alcançar de tão longe,

e nada enxergavam ainda. Quanto ao proprio Jesus, eram seu principal alimento orações, jejuns, e as lidas do apostolado, segundo o que acima lhe ouvimos declarar : « O meu alimento é a execução dos mandados de « quem me enviou ao mundo. »

A HEMORRHOÍSSA, A FILHA DE JAIRO.

Comtudo até mesmo os Phariseus recorriam, quando era mistér, ao poder e á bondade d'Aquelle que se empenhavam em censurar. É provavel que Jairo, principe da synagoga de Capharnaú, pertencesse a esse grupo; mas tinha uma filha, de doze annos, que enfermou gravemente. Vendo-a em risco de morrer, correu Jairo para Jesus, que andava a prégar pelas ribas do mar de Tiberiades. Atirou-se-lhe aos pés, e cheio de fé sincera, supplicou-lhe que fosse salvar a triste moribunda: persuadia-se de que elle o podia, e de que annuiria a isso: e por outra parte, julgava grosseiramente que era necessaria a presença e a imposição das mãos de Jesus. Sem lh'o levar a mal, ergueu-se este, e foi com elle.

No meio d'aquella turba-multa achava-se uma mulher da cidade de Cesarèa, chegada sem dúvida para ver a Jesus, e attrahida da sua fama. Doze annos havia que a achacava um fluxo de sangue: com os medicos se lhe fôra a fazenda, sem lhe ficar melhora. Seguia pois a Jesus aquella mulher, e nem se atrevia a encontrar-se frente a frente com elle, nem sequer a pedir-lhe cousa alguma. Mas cheia de fé, e allumiada, mais ainda que por qualquer outra prova, pelo luzeiro sobrenatural, dizia comsigo mesma : « Se eu chegar a tocar na orla da capa do Senhor, estou curada! » Conseguiu-o, e sentiu-se logo bôa. Mas tambem o Senhor, voltando a cabeça, perguntou logo quem lhe tocára no vestido.

E como todos se desculpavam (o que prova quanto respeito elle inspirava sempre, até mesmo quando o pôvo o rodeava), disse-lhe Pedro : « Mestre, todo opprimido de chusma ainda perguntaes quem vos to- « cou? » Mas Jesus, continuando a lançar os olhos a um lado e a outro, « replicou : Bem sinto que alguem me tocou, porque uma potencia saiu « de mim. »

As influencias de Christo são incorporeas, e não saem d'elle materialmente para passarem a outrem, como se o desamparassem; do mesmo

modo que o saber não desampara a quem ensina, para passar á pessoa ensinada. Volta-se Jesus, e inquire, a fim de mostrar que sabe estar curada aquella mulher, e de que feitio, e a fim de lhe honrar por esse modo a fé que a animava. « Quem me tocou? isto é : pela fé e pelo pensamento; « esse povoléo que me circumda não me toca, porque não se aproxima « de mim pela fé nem pelo pensamento. »

A Hemorrhiossa (1) aterrada prostrou-se, confessando o que fizéra. Disse-lhe Jesus : « Filha, toma animo; curou-te a tua fé; vae-te em paz. » Tornou-se filha de Jesus quando entrou com ella a fé; a sua fé curou-a, e não, diz Tertulliano, o ter-se exercitado nas Escripturas. É lição aos Escribas. Pediu-lhe Jesus tal confissão, para poder soltar aquella phrase, e para que o escutasse a nossa alma. *Confide, filia; fides tua te salvam fecit. Vade in pace.* Para quantas almas não tem aquellas palavras sido paz, força, e salvação! (fig. 42).

O primeiro a quem certamente acrescentou na fé foi Jairo, cuja filha n'esse momento lhe vieram dizer que era já fallecida. Com quanto lhe aconselhassem que não importunasse mais ao divino Mestre, elle sempre lhe disse : « Senhor, morreu a minha filha! vinde porém, ponde sobre « ella a mão, e tenho fé que ha de viver. » Feliz pai! feliz principalmente por ter fallado n'esses termos. Com uma palavra de Jesus encheu-se todo elle de esperança. Chegaram. Estrugia a casa inteira com alaridos e prantos. Disse Jesus aos circumstantes : « Porque choraes? a menina não morreu; « está a dormir. »

Escarneceram-n'o, porque bem tinham visto finar-se a enferma. Mandou Jesus que se afastassem, mais os flauteiros que alí estavam, segundo a usança dos funeraes. Conservando junto a si o pái, a mãi, e tres discipulos sómente, Pedro, Thiago e João, tomou a mão da morta, e disse : « Menina, levanta-te (fig. 43). » Ergueu-se a donzella, e andou. Determinou Jesus que lhe trouxessem de comer. Prohibiu expressamente aos páis que divulgassem o que tinham presenceado; elles porém desobedeceram, como fizeram muitos outros, a quem fizéra igual prohibição. Umas vezes ordenou, outras prohibiu, que lhe narrassem os milagres; varios motivos teve, que nem todos poderam ainda ser explicados, porque as razões

(1) É a denominação que nos livros sagrados se dá a esta mulher. Segundo uma tradição digna de respeito, é a mesma Veronica, que no caminho do Calvario limpou o suor e sangue de Jesus com uma toalha de linho onde ficou impresso o rosto d'elle.

apresentadas nem sempre satisfazem. O mais verosimil é querer elle que os Discipulos aprendessem, quanto possivel, a esconder as mercês que lhes elle fisesse, para se furtar ao perigo dos applausos. Mas porque mandou esconder tal milagre em vez de tal outro? não ha dúvida de que o fez, e por motívos dignos d'elle; quanto a nós, devemos abster-nos de inquirir o que elle quiz que não soubessemos. O que entendemos nos basta; fiquemos por ahi.



Fig. 42. — Cura da Hemorrhoissa. « Filha, disse Jesus anima-te, salvou-te a tua fé; vae-te em paz. » Sarcophago das Catatumbas conservado no Museu do Vaticano.

Ao sair de casa de Jairo, encontrou Jesus dois cegos, que lhe bradaram : « Tende compaixão de nós, ó filho de David! » Pareceu não attentar n'elles; mas foram-n'o os cegos seguindo até á sua pousada. Ahí perguntou-lhes Jesus, se elles em verdade o julgavam capaz do que tanto desejavam. Responderam : « Senhor, sim. » Então, tocou-lhes nos olhos, dizendo : « Faça-se em vós segundo a vossa fé; » e os olhos abriram-se-lhes. Logo depois trouxeram-lhe um homem endemoninhado, e que por isso emmudecêra. Como esse doente não tinha já a sua liberdade, curou-o sem o consultar, como quem baptíza uma creança. Tomado de espanto, bradava o pôvo : « Nunca em Israel se viu cousa assim! » Reconhecendo-lhe os milagres, que não podiam negar, diziam os Phariseus : « Pelo poder « do primaz dos demonios é que elle expulsa os demonios. »

Vencêra n'um só dia as enfermidades, os demonios, e a morte. Pois a despeito de tudo, ainda a impiedade do orgulho se não rendia.

O PARALYTICO DA PISCINA.

Curando e doutrinando ao longo do seu caminho, foi Jesus ter a Jerusalem para assistir a uma solemnidade dos Judeus, que alguns querem que fosse a Paschoa. Bem sabia que lá tinha de encontrar, tão malévolos e bem mais poderosos do que na Galilêa, os Phariseus. Desde o caso dos milagres de Capharnaú, conspiravam contra elle; não por que os elle houvesse ainda atacado muito, senão porque prégava uma penitencia diversa da d'elles, fazia outras obras, e levava outro viver. Accusavam-n'o de blasphemador. A sua caridade ministrou-lhes meio de ainda lhe assacarem outro crime. O milagre que vai referir-se é dos mais notaveis, já pela sua influencia na vida do Senhor, já pela significação vasta e profunda das circumstancias de que se revestiu.

Existia em Jerusalem uma piscina de grande nomeada, pelas graças n'ella concedidas por Deus. Chamavam-lhe *Bethsaida,* isto é, *casa da misericordia;* e em grego *probatica,* isto é, *das ovelhas,* em razão de que ahí eram purificadas as ovelhas dos sacrificios. Era uma cisterna rodeada de cinco porticos, á sombra dos quaes se reunia grande numero de enfermos, cegos, aleijados, ethicos, á espera do movimento das aguas. É de saber que em certos prasos do anno se via a agua revolvida a subitas pela acção invisivel de um Anjo; e o doente que primeiro descia á piscina, depois da convulsão das aguas, se curava logo, fosse qual fosse o seu achaque.

Jazia sob os porticos da piscina um homem, que andava doente havia trinta e oito annos. Conhecendo Jesus a persistencia do mal, perguntou ao enfermo : « Queres curar-te? » Respondeu elle : « Senhor, se não tenho « quem me ajude a descer á piscina durante o estremecer das aguas! em « quanto forcejo por descer por meu pé, já outro se me antecipa. » Disse-lhe então Jesus : « Pois bem; levanta-te, leva d'ahi o teu catre, e vai-te « embora. » No mesmo instante se curou o paralytico. Agarrou no grabato, e caminhou. Vendo isto os Judeus, bradaram-lhe : « Repara que

« é hoje Sabbado; não te é licito carregar com o catre. » Tornou-lhes o homem : « Aquelle que me curou disse-me : leva d'ahí o teu catre, e « vae-te embora. » Atalharam elles : « Mas quem foi que te disse : leva « d'ahí o teu catre e vae-te embora? » O homem nem já sabia quem era o seu bemfeitor, nem conseguiu mostral-o, porque Jesus desapparecêra, occulto entre a muita gente.



Fig. 43. — Resurreição da filha de Jairo. Jesus triumphando da morte. Quadro de Rembrandt, gravado por Smith.

Soube comtudo o enfermo quem o pozera são. Encontrou-o Jesus no Templo. Quando se achou senhor das suas recobradas posses, não foi entregar-se ao vai-vem dos negocios, nem aos praseres do mundo : encaminhou-se para o Templo. Por isso mereceu ver a Jesus. Disse-lhe Jesus : « Não peques mais de ora avante, por que não venha a succeder-te « peor. »

Fôra o mal d'aquelle homem consequencia dos seus peccados. Com quanto não provenham do peccado todos os males do corpo, segundo ob-

serva S. João Chrysostomo, é comtudo o peccado a causa d'elles mais geral. No corpo costuma Deus pagar os erros da alma, a fim de que a enfermidade physica nos obrigue a pensar na enfermidade moral, acerca da qual muito nos lisonjeamos sempre. Pela sua clemencia, converte-se a afflicção carnal em remedio espiritual. Só adoecemos por um designio da Providencia, muita vez occulto, proveitoso sempre, e nunca injusto. Mais depressa nos curâmos pela oração, que não pelo receituario dos medicos, cujo fim é, ainda assim, submetter-nos, materialmente ao menos, ao respeito da lei de Deus. A lei de Deus, tanto rege o corpo, como a alma; cumpril-a é tão util para a alma como para o corpo; o que se furta ao corpo é em beneficio da vida.

Ao passo que no paralytico avulta a graça do arrependimento, e o bello caracter do peccador penitente e perdoado, transparece nos Judeus que o circumdam o caracter da reprovação. O paralytico foi humilde; lá está elle outra vez no Templo; e, segundo alguns interpretes, Jesus que tão desvelado se mostrava em não ferir o peccador, só lhe deu aquella severa lição por ter reconhecido n'elle uma alma deveras paciente e cheia de vontade. É com respeito que elle escuta o que lhe diz Christo, e com gratidão que lhe paga. Perguntaram-lhe os Judeus quem lhe dera ordem de carregar com o catre em dia de Sabbado, isto é, de transgredir a Lei d'elles. Só isso lhes importava saber. E elle, apenas reconhece a Jesus, vai dizer-lhes, não já quem lhe mandou carregar com o catre, mas só : « Quem « me sarou foi Jesus. » N'outros termos, segundo a significação do nome divino : « Quem me salvou foi o *Salvador*. » Pediam-lhe uma denuncia, fez uma confissão. Não se demorou, diz Santo Agostinho, em evangelizar o que viu. Mas os Judeus continuavam a não se importar com o milagre nem com o beneficio, e só insistiam no que tomavam por transgressão do Sabbado.

Viam que em tudo timbrava Jesus em mostrar-se o mais rigoroso observante da religião; não porém da religião d'elles, da que elles proprios tinham feito, a sabor da sua soberba, e em prol dos seus interesses. O que então planearam foi matal-o, e entraram a perseguil-o, espalhando que Jesus de Nazareth violava a lei do Senhor.

Respondeu-lhes Jesus : « Até agora nunca cessou meu Pai as suas « obras; eu tambem não interrompo as minhas. » Por essas palavras, confirmava elle a sua divindade. Se Deus descançou ao septimo dia, foi

só no sentido de ter deixado de crear; não cessou nem cessa de manter a conservação das cousas creadas. Chamando a Deus seu pái, e estabelecendo o seu accordo com elle, affirmava Jesus portanto a unidade de natureza. Não se chamava só filho adoptivo, cousa a que os Judeus nada haveriam podido objectar, mas filho por geração; attribuia a si a natureza divina, a perfeita egualdade com Deus.



Fig. 44. — Christo doutrinador, Tympano do porta principal da Sé de Chartres. Seculo XII.

Isso é que os Judeus perceberam; e é mistér, ou percebel-o como elles, ou como elles chamar a Christo impostor; por consequencia, negar-lhe a um tempo a missão divina, e a divindade. Porque se Christo não é Deus, não é ao menos um homem sincero, e logo não é o enviado de Deus. Mas então, em que pára a razão humana, e que póde ella comprehender do Evangelho, do Christianismo, de Deus, em summa : de si propria? Depois de ter narrado a cura do paralytico, refere S. João o discurso, em que Jesus, estabelecendo identidade de substancia entre o Filho e o Pai, expõe aos Judeus os titulos supremos da sua missão. Ante o esplendor d'essas palavras sobrehumanas inclina-se a razão; reconhece profundamente o Senhor da vida e da morte.

« Na verdade vos digo, que todo aquelle que escuta as minhas pala-

« vras (fig. 44), e acredita em Quem me enviou ao mundo, tem segura « a vida eterna, e não ha de ser condemnado; passou da morte á vida. « Na verdade vos digo, que é chegado o tempo (e já chegou), em que « os mortos hão de escutar a voz do Filho de Deus, e todos os que a « tiverem escutado recobrarão a vida. Porque, assim como o Pái tem « em si proprio a vida, assim tambem concedeu ao Filho que a tivesse; « e deu-lhe o poder de julgar, por isso que é o Filho do Homem. Vem- « se avisinhando o tempo em que a todos os que jazem nos sepulchros « ha de chegar a voz do Filho de Deus; e os que houverem praticado o bem « resurgirão para viver, ao passo que os que houverem praticado o mal « resurgirão para ser condemnados. »

O certo é que « os Judeus cada vez se acirravam em promover a morte « de Jesus, não só por violar o Sabbado, mas tambem por dizer que « Deus era seu Pái, e por se fazer egual a Deus. »

MAGDALENA.

Odiava Jesus os vicios dos Phariseus, mas não odiava as pessoas d'elles. Consentiu em ir jantar a casa de um chamado Simão.

Durante a refeição entrou no aposento certa mulher de Magdala, trazendo um vaso de alabastro com aguas aromaticas. Era aquella mulher uma peccadora cujos desmandos a cidade conhecia. Ao dar com os olhos nos convidados toda ella se commoveu, prostrou-se ante Jesus lavada em lagrimas, derramou-lhe sobre os pés as fragrancias da redoma, misturadas com pranto, e enxugou-lh'os depois com os seus proprios cabellos.

Vendo o dono da casa a acção da Magdalena, pasmou de que Jesus lh'a soffresse. E pensava comsigo : « Se elle deveras fosse propheta, « bem havia de saber quem é esta creatura, e que peccadora que não « é! »

Quiz então Jesus dar a conhecer ao Phariseu, que bem melhor do que elle sabia quem era aquella recem-chegada, e que a elle, Phariseu, não menos conhecia; e disse-lhe : « Simão, tenho que te perguntar uma cousa. « Tinha um credôr dous devedores : um devia-lhe quinhentos dinheiros;



Fig. 45. — Jesus em casa de Simão o Phariseu; perdão da Magdalena. Disse Jesus a Simão : « Vês essa mulher? Vim a tua casa, e tu não preparaste agua para eu banhar os pés; esta mulher veio regar-m'os com as suas lagrimas, e enxugou-os com os seus cabellos. Tu não me deste o osculo da paz; ella desde que entrou, ainda não deixou de me beijar os pes. Por isso é que eu te digo : Muitos peccados lhe hão de ser perdoados, por ter amado muito. » Gravura de Marco-Antonio, segundo uma tapessaria de Raphael, em Oxford.

« o outro cincoenta! e como nem um nem outro podiam pagar, perdoou a « ambos. Qual d'elles tem obrigação de lhe querer mais? » Respondeu Simão : « Segundo penso, é aquelle a quem foi perdoada quantia maior. » « Dizes bem, » tornou Jesus.

Voltando-se então para a peccadora, mas continuando a fallar com o Phariseu, proseguiu : « Vês tu esta mulher? Eu entrei em tua casa, e não « tinhas agua para me lavares os pés; pois regou-m'os ella com as suas « lagrimas, e enxugou-m'os nos seus cabellos. Não me deste o osculo da « paz; ella não cessou ainda de me beijar os pés. Não me derramaste « essencias nos cabellos; ella cobriu-me os pés com a sua agua rosada. « Por isso te digo eu : muitos peccados têm de lhe ser perdoados, porque « tem amado muito. Ora áquelle que menos ama, bem menos se per- « dôa. »

Aquellas fragrancias da Magdalena encheram o mundo, e os seculos. Bem acceitas a Jesus tornaram-se a propria rescendencia de Christo, o olor da clemencia divina, que para a vida eterna nos attrae. A primeira penitente do Salvador é aquella Magadalena houve-o deveras Salvador, no significado de vir *salvar* dos peccados ao seu pôvo. Pediu-lhe a verdadeira cura, a das mortaes feridas da alma; deu a verdadeira satisfação, a das lagrimas; pagou o tributo verdadeiro, o do amôr. Confere-lhe Jesus uma gloria, que a ninguem mais concedeu : « Tem amado muito. » Aquella é das phrases que nunca jamais se tinham pronunciado n'este mundo; e o mundo nunca imaginára cousa que de longe se lhe assemelhasse. Ficaram taes palavras no mundo, mais poderosas nos corações, do que todos os luzeiros da razão, todos os livros da moral, todas as peias dos codigos humanos.

Disse pois Jesus á grande Peccadora, que é de ora avante a Penitente grande : Perdoados te ficam os teus peccados todos. » D'essas palavras murmuraram os Phariseus, como já em Capharnaú tinham feito, ao ouvirem outras semelhantes : « Quem é este, diziam elles, que perdôa « peccados! » Em casos analogos o mundo, ou não consente que se con demne, ou não permitte que se perdôe. Só tem, ou indulgencia infame, ou implacavel rigor. Deus, esse vê o arrependimento, perdôa, e purifica.

Sem mais resposta aos Phariseus, disse Jesus para a Magdalena : « Sal- « vaste-te pela tua fé; vae-te em paz. » Não acrescentou o que dissera

ao paralytico, e havia de vir a dizer á mulher adultera : « Não tornes a « peccar. » Como ella ama, nada mais tem Jesus a acrescentar.

Esta peccadora vem a ser a mesma, de quem n'outra parte está escripto, que o Senhor a livrou de sete demonios; é ella tambem Maria Magdalena irmã de Lazaro e Martha, a quem Jesus ha de vir a dizer que escolheu o melhor quinhão. Havemos de encontral-a no Calvario junto a Maria e a João, os dous vasos purissimos da virgindade santa; lá ha de ella figurar como a realisação das promessas de infinita misericordia, de que eram symbolos Thamar e Rahab, duas avós do Messias. Ressuscitada pela graça, ha de tambem caber-lhe a gloria de ser entre os Discipulos a primeira, que ha de ver o victorioso Jesus saír da campa. E a Igreja, doutrinada e guiada pelo Espirito Santo, canta, na festa da Assumpção da Santissima Virgem, o Evangelho onde se narra que Maria, sentada aos pés do Senhor, se embevecia a escutal-o. Tal é esta mulher, typo de ternura e sublimidade entre tantos outros que Jesus creou, e doou para sempre ao mundo, amassando entre as mãos, e com o proprio sangue, este lodo chamado humanidade.

Por aqui termina o periodo a que S. Jeronymo chama o anno da paz, o anno socegado da vida de Nosso Senhor, porque em verdade só leves opposições encontrou Jesus até então, vendo-se por assim dizer acceito de toda a gente. Ainda os Phariseus não tinham organisada a resistencia; e o pôvo, entregue a si, acceitava com affecto a dadiva do Senhor.

N'estas primeiras narrativas do Evangelho descobre-se, apesar da sua austeridade, uma certa idêa de festividade do céo. Respira-se n'ellas o jubilo de uma alvorada. Dir-se-ia que a natureza, opulentada com o seu quinhão de graças, se ostenta n'aquelles venturosos instantes mais risonha, e como que iriada nos reflexos do Paraizo. Eram sem dúvida bem melhores, bem mais serenas, aquellas noites que assistiam á oração de Jesus, aquellas aguas que o levavam, aquellas aragens onde o seu halito se expandia. Se nas fragrancias de Magdalena se embalsamava a casa inteira, que effluvios vitaes não alegravam aquella região, onde assim respirava Jesu-Christo! Penitencia! penitencia! lá vem chegando o reino de Deus! E a meiga voz de Jesus repetia e confirmava aquelle brado de João Baptista. E no entretanto, ia o divino Mestre propagando as formosuras da sua doutrinação, e os seus milagres. Nada igual tinham visto jamais olhos ou corações humanos; em parte nenhuma se havia até então volvido a

questão da proximidade do reino dos céos. Lá estava já no poênte a edade de ouro; eil-a que torna, e se aproxima; que outra cousa é a penitencia, senão uma lagrima do coração, logo recompensada pela plenitude do amôr na verdade de Deus?!



Fig. 46. — Um anjo guia os Hebreus á sahida do Egypto, figura de Jesu-Christo guiando o mundo.
Manuscripto do Seculo XIV, N° 9561 da Bibl. nac. de Paris.

III

A LUCTA

Conjuração dos Judeus, Milagres no dia de Sabbado, Instituição dos Apóstolos. — Sermão da montanha, Cura do leproso, o Filho da viuva, Outros milagres. — O Semeador, o Joio, a Semente de mostarda. — Rêde deitada ao mar. — Incredulidade de Nazareth, Primeira multiplicação dos pães, Segunda tormenta applacada, Annuncio da Eucharistia.



CONJURAÇÃO DOS JUDEUS, MILAGRES NO DIA DE SABBADO, INSTITUIÇÃO DOS APÓSTOLOS.



OM maior vigilancia ainda do que até alí, observavam os Phariseus a Jesus, desde o banquete de Simão. Por toda a parte os encontrâmos em roda de Christo, espiando-lhe os actos, envenenando-lhe as palavras, forcejando por deturpar a verdade.

N'um dia em que Jesus ia passando pelo meio de um campo de trigo, os Discipulos, apertados da fome, arrancaram umas espigas e comeram-n'as. Era Sabbado; iam tambem no rancho os Phariseus. Reprehenderam estes com aspereza aos Discipulos, e disseram para o Mestre : « Ahi está a « vossa gente fazendo o que ao sabbado lhe é defeso! » Redarguiu Jesus, que os sacerdotes quando servem o Templo tambem violam o sabbado, sem culpa. Recordou-lhes a David, que n'um Sabbado comêra os pães de proposição collocados ante o altar. Elle proprio, quando é accusado, allega o trabalho constante na obra de seu Pai; quando se trata de desculpar os Discipulos, limita-se a citar o exemplo de David, servo como elles. Repetiu aos Phariseus que é mais grata a Deus a misericordia do que o sa-

crificio; e a final, para lhes dar a intelligencia da Lei, e confirmar perante elles o seu proprio poder, acrescentou : « O Sabbado é que foi feito para « o homem, e não o homem para o Sabbado; e por isso é que o Filho do « homem é senhor do Sabbado. » Observa S. João Chrysostomo, que n'esta questão do Sabbado, que varias vezes vem a appello, Jesus não se justifica só sob o ponto de vista da sua divindade, mas tambem sob o da sua humanidade. Ora de um feitio, ora de outro, forceja por firmar as duas cousas, querendo fazer admittir já o mysterio das suas humilhações, já a sua divina dignidade.

Passado tempo, outra vez n'um Sabbado, entrou Jesus na synagoga para ensinar, conforme o seu costume. Perguntaram-lhe se lhe parecia licito fazer curas ao Sabbado; porque parece que entre si tinham os Phariseus resolvido assacar-lhe á conta de peccados esses actos misericordiosos. Aguardavam a resposta, ou para gritarem que era escandalo, ou para o colherem em contradicção comsigo mesmo, conforme o que elle dissesse. Conheceu-lhes Jesus o pensamento. Mandou primeiramente que se erguesse no meio da assemblêa um homem que alí estava, e cuja mão direita se mirrara. Dirigindo-se depois aos Phariseus, perguntou-lhes qual achavam licito n'um dia de Sabbado : fazer o bem, ou o mal? salvar a vida, ou tiral-a (tanto monta não a salvando, quando é possivel fazel-o)? Emmudeceram. Continuou Jesus : « Haverá alguem entre vós, que, se só tiver uma « ovelha, e ella lhe caír n'um fojo em dia de Sabbado, não trate de a tirar « de lá ? Ora quanto não está o homem superior á ovelha! Logo, é licito « fazer o bem ao Sabbado. » Elles continuaram calados, e cheios de despeito. Condoído do endurecimento d'aquelles corações, olhou Jesus para elles com indignação, e depois, bradou ao da mão mirrada : « Estende lá « essa mão. » E logo a mão enferma ficou sã como a outra.

Este symbolisa o homem do seculo. A mão esquerda, a das obras carnaes e do interesse proprio, tem-n'a viva, activa, e prompta. A direita, a das obras santas, como andava ociosa tornou-se arida, seccou. Se queres que a tua mão se cure, estende-a, emprega-a em actos de justiça, abre-a em prol dos pobres; distribua a caridade o que a avareza e fraude conseguiram juntar!

Saíram os Phariseus, e com os Herodianos deliberaram sobre o modo de perderem a Jesus.

Eram aquelles Herodianos uns Sadduceus, incredulos em materia

religiosa, absolutistas em materia politica, partidarios de Herodes e dos Romanos, e detestados dos Phariseus. Entraram a conjurar-se contra o Justo os rigoristas com os corruptos, até então antagonistas. É a futura historia da religião; sempre e em toda a parte acabaram por unir-se sectarios e impios, para oppressão da Igreja. O que era indispensavel era saber o meio pratico. Por temor do pôvo, ainda Herodes se não atrevêra a matar João Baptista; e os Phariseus almejavam por um pretexto piedoso para acabarem com Jesus. Bem pouco havia demonstrára este, que lhe parecia licito o operar milagres n'um dia de Sabbado, mas na prova empregára só a sua palavra. Ficava prohibido fallar ao Sabbado; ou eram exceptuadas do numero das palavras licitas as que saravam enfermos?

Essa tal conjuração, tão ás claras organisada, attesta a veracidade da historia evangelica. Os dois principaes capitulos accusatorios contra Nosso-Senhor são : ter-se inculcado Filho de Deus, egual a Deus, e violado o preceito do Sabbado. Ora elle nunca violou o preceito, se não para fazer milagres.

Não chegára porém a hora ainda; deu-lhes Jesus tempo á farta para deliberarem contra elle. Apartou-se para as bandas do mar. Seguiu-o sempre a turba, tanto de Jerusalem como de outras varias regiões da Palestina. Vieram Tyro e Sidonia em peso; os enfermos eram levados á presença de Jesus; e a todos elle sarava. Prostravam-se-lhe aos pés os demonios que agitavam os possessos, e bradavam : « O Filho de Deus « sois vós ! » Era elle; á luz do Sol se ia cumprindo a prophecia : « Eil-o, « o servidor que escolhi, o meu dilecto. Derramarei n'elle o meu espirito, « e elle ha de annunciar aos pôvos a justiça. Não disputará nem solta- « rá um brado; e ninguem ha de ouvil-o clamar pelas praças publicas. « Não ha de quebrar a cana trilhada, nem apagar os murrões que ainda « fumegam, até que por elle triumphe a justiça; e n'elle hão de os pôvos « pôr a sua esperança toda. »

Não era só pela compaixão para com as desgraças presentes e futuras, saradas por elle, nem pela necessidade de divulgar a sua missão, que elle assim multiplicava milagres. Queria tornar inabalavel a fé dos seus Discipulos. Chegára o momento da instituição do collegio apostolico, instituição que já existia em germen desde a primeira vocação de Pedro. Podia Jesus, só por si, converter o mundo; mas depois de se haver

unido á natureza humana, não podia dar-lhe maior honra, do que associal-a a uma tamanha obra de salvação.

Velada inteira a noite em oração, para que a Igreja comprehendesse para todo sempre quanto lhe é mistér ser auxiliada do Espirito Santo na escolha dos seus ministros, chamou pois os Discipulos, e d'entre elles escolheu dôze para os mandar prégar. Deu-lhes o nome de Apóstolos, que vale tanto como enviados, conferindo-lhes o poder de curarem enfermidades e expulsarem demonios.

Eis os nomes de todos os dôze: Simão, a quem Jesus ficou chamando Pedro; Thiago, filho de Zebedeu; João, irmão de Thiago; André, irmão de Pedro; Philippe; Bartholomeu; Matheus, o Publicano; Thomé; Jacobo, filho de Alpheu; Judas, seu irmão, chamado Thaddeu: Simão de Caná; Judas Iscariotes, que trahiu a Jesus.

Presume-se que é Bartholomeu o mesmo que Nathanael, que se julga haver sido attrahido por Philippe á vocação primeira. Jacobo e Judas, ou Thaddeu, filhos de Alpheu, são filhos de Maria, mulher de Alpheu, ou de Cleophas, e irmã da santa Virgem.

Não concordam os Evangelistas na cathegoria que dão a cada qual. S. Matheus colloca André logo depois de Pedro, e a si proprio depois de Thomé, ao passo que os mais o collocam antes. Pedro é para todos o primaz; e Judas para todos o derradeiro.

Encontram-se nos Santos Padres interpretações varias do nome de cada Apóstolo, referidas a algum facto symbolico da sua vocação. Pelo que respeita ao numero de dôze, muita vez vem predito e figurado nos livros do Testamento velho. Considerados como páis dos christãos, diz Ludolpho, encontrâmos os Apóstolos no numero dos dôze patriarchas, páis do pôvo de Deus. Quando aspergem o mundo com as aguas abundantes da doutrina, lembram as nascentes de aguas nativas que rebentaram por milagre d'entre o rochedo d'Elim. Quando ennobrecem a Igreja com o esplendor das suas virtudes, figuram as dôze gemmas, que rutilavam no racional do summo sacerdote. Quando alimentam as almas com o Verbo de vida, vemos n'elles os dôze pães consagrados ante o altar do Senhor. Quando perscrutam os segredos divinos, e os delatam aos fieis, são os dôze espiões mandados por Moisés á Terra da promissão, e que ao tornarem-se de lá tão maravilhosas narrativas traziam para contar. São, finalmente, os dôze penedos ouriçados na corrente do Jordão,

e contra os quaes vêm quebrar as ondas do século; os dôze leões do throno salomonico; as dôze columnas do altar de Jehovah; os dôze touros que estão aguentando o mar de bronze, imagem do baptismo que todas as máculas consegue lavar. São elles as dôze portas da Jerusalem celestial; os dôze gigantes inabalaveis das suas muralhas santas;



Fig. 47. — Pia baptismal sustentada por dôze touros, figurando os dôze apóstolos. Escultura em cobre executada em Dinant em 1112, e conservada na igreja de S. Bartholomeu em Liège.

e (melhor que tudo) as dôze estrellas que rutilam na corôa eterna da Esposa bem-amada.

Só aquelle titulo de Apóstolo relembra o milagre dos milagres. S. Paulo, que o houve de Jesu-Christo ressuscitado, insiste na maravilha cujo é instrumento, e o mais admiravel. Cousa para pasmo! — exclama elle « — converteu Deus o mundo, não já pelo artificio da sciencia humana,

« mas pela mera manifestação da sua doutrina, que é espirito e verdade.
« Não se utilisou dos sabios segundo a carne, nem dos poderosos, nem
« dos nobres, para estabelecer o seu Evangelho; escolheu uns poucos de
« homens, e dos mais desvalidos, para contrastar os fortes; o que nada
« era, para destruir o que era; e isso fez, para que ninguem podesse
« jactar-se de ter levado a cabo tamanha interpreza, mas antes se attri-
« buisse tudo ao poder de Deus. »

Eram pois todos os Apóstolos uns miseros barqueiros, pescadores, e homens de nada. Judeu, só Judas o era; os outros onze eram Galileus. Dizia um proloquio popular : Querem os Galileus á honra; querem os Judeus ao dinheiro.

Era Judas o encarregado da bolsa commum. Julga-se ser elle oriundo da povoa de Carioth, sita nos confins do mar Morto, logarejo miseravel, em cujo nome bruxoleavam varios significados sinistros. Iscariotes, o homem de Carioth, quer dizer o homem da bolsa, o onzeneiro, o avaro, o traidor. Porque foi que Nosso Senhor, conhecendo o presente e o porvir, e lendo no intimo das almas, admittiu aquelle desgraçado ao gremio dos Apóstolos? Varios motivos houve para isso, e todos elles de grande ensino. Quiz o Senhor conceder-lhe uma mercê, e não lhe tirou o alvedrio de abusar d'ella, e de se tornar ainda mais culpado pela desprezar. Tornou-se Judas criminoso por seu proprio arbitrio, nas circumstancias mais propicias para se fazer um santo. A sua queda nos mostra com quantos receios, com quantos cuidados, deve o homem trabalhar para sua salvação. É tambem certo que Judas, sempre que prégava em virtude da escolha de Jesu-Christo, não havia de ser menos escutado que S. Pedro; d'onde deprehendemos, que o ministerio é independente do ministro, e que devemos acatar os pastores no exercicio da sua missão legitima, deixando-lhes o haverem de responder algum dia para com Deus pelas indignidades pessoaes d'elles. Em summa : Judas é uma grande testemunha. Pelo crime da sua traição, cumpre as prophecias; pelo da sua morte, confirma a innocencia de Jesus. Querem alguns incredulos, que talvez se não suicidasse Judas. Se tivesse alguma cousa a adduzir contra o seu Mestre, tinha vivido; e se tivesse vivido, nós haviamos de sabel-o. Nem a Synagoga o deixaria ficar em sombra, nem a Igreja consentiria em que jazesse no desespero. Ou os Phariseus o teriam obrigado a escrever, ou os Apóstolos o haveriam constrangido a chorar.

Acrescenta Santo Agostinho, que visto que o Senhor adoptára a fragilidade humana, não quiz recusar aquelle amargo fruto da humana fraqueza : ser atraiçoado pelo seu apóstolo. Não é só durante a paixão que nos devia Jesus dar o exemplo da paciencia nas dôres mais atrozes. Soffre um Judas, para que todos aprendâmos a soffrer com moderação um julgamento errado ou um desprezo de beneficio.

SERMÃO DA MONTANHA, CURA DO LEPROSO, O FILHO DA VIUVA, OUTROS MILAGRES.

Foi pelo tempo da instituição do apostolado, quem sabe se não no mesmo dia? que Jesus proferíu o Sermão da montanha. Enderessou-o principalmente aos Discipulos, mas fez com que o escutasse tambem a turba. Encerra aquelle sermão toda a moral do Christianismo. Ali prophetisa o Salvadôr os destinos da Igreja, e em movimentos oratorios cheios de magestade e dominio, apossa-se da vida futura. Mencionemos mais detidamente o que em tal sermão se refere á historia e ao caracter do Homem-Deus.

Eis o que elle disse áquelles homens de nada, áquelles homens sem nome, sem haveres, e sem lettras, que em volta d'elle se agruparam n'algum concavo de terreno, n'algum outeiro desconhecido d'aquella provincia tributaria. Proclamou a bemaventurança dos desvalidos, dos pacificos, dos afflictos, dos oppressos, dos misericordiosos. E acrescentou : « A vossa ventura « ha de ser, que por minha causa os homens vos cubram de opprobrios, « vos persigam, e digam de vós todo o genero de mal, de encontro á ver- « dade. Alegrae-vos, e deixae expandir-se a vossa alegria, pois é grande o « premio que vos espera nos céos. Sois vós o sal da terra. Sois vós a luz « do mundo. » Mas que luzeiro hão de elles empunhar? Uma verdade revelada por elle, e que excede toda a comprehensão, e requer absolutamente a fé. E que sal hão de elles espalhar ? Uma moral imposta por elle, e que elle pinta como incomparavelmente mais ardua que todos os deveres, que á maioria dos homens já tão pesados se afiguram :

« Sabeis que aos vossos antepassados foi dito : Não matarás. Pois eu por « mim, digo-vos, que todo aquelle que se encolerisar contra seu irmão, « merece ser condemnado. Sabeis que aos vossos antepassados foi dito : « Não desejarás a mulher do teu proximo. Pois eu por mim, digo-vos, que « todo aquelle que olha para qualquer mulher com olhos concupiscentes

« já em seu coração perpetrou adulterio. Sabeis que foi dito : Todo aquelle « que despedir sua mulher, ha de dar-lhe um libello de divorcio. Pois eu « por mim, digo-vos, que todo aquelle que despedir sua mulher (a não « ser por motivo de adulterio), expõe-n'a a commetter adulterio; e todo « aquelle que toma por esposa mulher já repudiada, commette adulterio. »

Outras tres vezes repete aquellas soberanas palavras : *Ego autem dico vobis;* Pois EU POR MIM DIGO-VOS. A historia toda do Christianismo, desde a primeira até á ultima pagina, que outra cousa é senão a historia dos triumphos d'aquella phrase? Pela indole mesma d'esses triumphos, que muita vez mais pertence ao desbarate que á victoria, envolvem elles n'uma auréola divinal aquelle homem que os quiz impôr ao mundo, e que bem sabia haver o mundo de acceital-os. Se tivesse tido o seu fim no Calvario, não passaria Jesus de um louco sublime; a si propria perguntaria a razão, como é que um tal homem de milagre, um tal modelo de toda a sabedoria, de toda a justiça, de toda a sinceridade, podéra a si mesmo reputar-se um Deus.

N'este sermão da montanha ensinou elle a oração; bem poderia dizer-se que a fundou. Poucos homens até alí tinham verdadeiramente orado, pois nem bem sabiam o que é Deus, ou o que é o homem, ou o que o homem deve pedir a Deus. Dos labios do Homem-Deus saíu, para ressoar em toda a eternidade, a oração commum a todo o genero humano, aquella singela mas tão completa deprecação, cujas duas palavras primeiras consagram a fraternidade dos homens na paternidade de Deus : PADRE NOSSO!

Ao baixar Jesus da montanha, chegou-se a elle um leproso. Dobrou o joelho, e disse-lhe : « Senhor, se o quizerdes, podeis curar-me. » Condoeu-se d'elle Jesus; estendeu a mão, e bradou : « Quero, sim; sára. » E logo desappareceu toda a lepra d'aquelle homem. A communicação de um leproso importava impureza. Tocou-lhe Jesus, sem se lhe dar d'isso, e tornou-se superior ás observancias legaes, para dar a conhecer que as abolia a caridade.

Na linguagem da Escriptura é a lepra a figura, o nome até, do peccado. Visto ser transmissivel pelo sangue, representa o peccado original; visto ser contagiosa, representa o peccado actual. Queima, como a inveja; faz definhar, como a avareza; faz inchar, como a soberba; enfraquece e aniquila, como a perguiça; corrompe, devora, alastra a infecção e o horror. Semelhante ao leproso, o homem dominado de todos os vicios fica seques-

trado, não só a Deus e aos Anjos mas aos outros homens. Fogem d'elle, quando o não repulsam. Como d'antes era uso para os leprosos, os condemnados da justiça humana vestem um trajo especial; as galés vêm a ser as gafarias do peccado. A lei humana, impotente como a antiga lei, excomunga aquelles infelizes. Acorrenta os leprosos, e nem emprehende cural-os; ha-os a quem declara incuraveis; ha-os até a quem mata. Jesus vae tambem ao encontro d'esses, e muitos d'entre elles tambem lhe dizem :





Fig. 48 et 49. — As Bemaventuranças. Em roda da primeira « Bemaventurados os que choram, » *Beati qui lugent*, observam-se figuras ajoelhadas exprimindo a afflicção. Na segunda lê-se : « Bemaventurados os que têm o espirito da pobreza, » *Beati pauperes spiritu*. Da cathedral d'Aix-la-Chapelle; escultura em cobre do seculo XII.

« Senhor, se vos aprouver podeis curar-me. » Elle annue, e cura-os; e se todos o dissessem, todos saravam.

No emtanto, procurava Christo a solidão para orar; mas a caridade tornava a leval-o para o meio das turbas. De volta a Capharnaú, rogaram-lhe os maioraes da cidade que fosse a casa de um centurião, que só de Christo esperava a melhora de um seu servo, que se achava gravemente enfermo. Respondeu Jesus : « Vou, e hei de cural-o. » Poz-se a caminho, elle, o Filho unico de Deus, para ir curar um triste doente, servo de um estrangeiro. Sabendo d'isso o centurião, disse-lhe, ou mandou-lhe dizer : « Senhor, não sou digno de que entreis debaixo dos meus tectos; mas

« proferí uma só palavra, e ficará logo curado o meu servo. » Admirando aquelle fallar, confessou Jesus, que nunca vira em Israel tanta fé. Annunciou a conversão dos Gentios, e a reprovação dos Judeus : « Muitos hão « de vir do Oriente e do Occidente e serão collocados á mesa do festim « com Abrahão, Isaac, e Jacob; mas os naturaes do reino hão de ser « arrojados ás trevas. » Disse então ao centurião : « Ide, e em vós seja « feito segundo a crênça que tivestes. » No mesmo instante achou-se curado o servo do centurião.

Menciona o Evangelho tres homens de armas, a quem foi concedida a graça da fé : um, cujo filho o Senhor curou, este centurião, e outro que presidia ao Calvario. Diz mais a tradição, que o soldado, que feriu o peito do Senhor crucificado, se converteu; julga-se que é o mesmo que a Igreja venera sob o nome de S. Longino. É o centurião Cornelio o primeiro gentio a quem Pedro ha de admittir na Igreja. Tambem concorrem soldados ás prédicas e ao baptismo de João Baptista. A profissão das armas, profissão de obediencia, dedicação, e sacrificio, desperta no coração sentimentos que o elevam para Deus; e o Christianismo prestando á carreira marcial tendencias humanas e suaves, que até alí lhe eram desconhecidas, communicou-lhe uma nobreza a que antes do Christianismo não attingîra, e na qual, se elle não fosse, não lograria manter-se.

Foi Jesus depois para uma cidade chamada Naim. Chegava-lhe ás portas, quando se encontrou frente a frente com uma grande angustia. Era levado a sepultar o filho unico de certa viuva. A mãi ia seguindo o prestito. Disse-lhe Christo : « Não choreis. » E tocando no feretro, bradou para o morto : « Mancebo, ergue-te, que mando eu. » Ergueu-se o defunto, sentou-se, e entrou a fallar. Restituiu-o Christo a sua mãi.

É o segundo caso de resurreição mencionado no Evangelho; ainda ha terceiro. Em cada um se encontra significado diverso, que a seu tempo ha de ser explicado.

Com a fama de tantos milagres ressoava toda a terra de Israel. Ouviu fallar d'elles João Baptista, na masmorra onde o retinha Herodes Antipas, sem comtudo lhe tolher que recebesse ao menos alguns dos seus discipulos; e elle, com quanto encarcerado, proseguia annunciando o Messias. O que de Jesus lhe vinham contar mal permittia que o elle desconhecesse; os discipulos porém, como tanta vez succede, não attingiam a verdadeira alteza de tal doutrinação. Como viam erguer-se Jesus tanto a cima do mestre que

era d'elles, tinham-lhe um ciume, que os predispunha á descrênça. Por zêlo indiscreto para com João, recusavam o testemunho d'elle. Quiz então o Precursor, e muito bem, que dos proprios olhos recebessem o testemunho. Despachou portanto dous d'aquelles obcecados a Jesus; fôram, e pergun-



Fig. 50. — As Bemaventuranças. « Bemaventurados os que têm fome e sede de justiça. » As figuras dos discipulos dão mostras de avidez. No alto, uma ave de rapina, expressão da injustiça e da peseguição. Da cathedral d'Aix-la-Chapelle; escultura em cobre do seculo XII.

taram-lhe : « Sois vós aquelle que havia de vir, ou temos acaso que esperar « outrem ainda? »

Foi celestial a resposta de Jesus. Sarou no mesmo instante uma porção de enfermos e possessos que o rodeavam. Depois, fallando com os discipulos de João Baptista, disse-lhes : « Ide-vos, e contae a João o que heis

« presenceado : os cegos vêem; os côxos andam; os leprosos estão puri-
« ficados; os surdos ouvem; os mortos ressuscitam; e aos desvalídos pré-
« ga-se o Evangelho; e bemaventurado aquelle que se não escandalizar de
« mim. » Claramente alludem aquellas palavras ás de Isaïas, quando annuncia que no tempo do Messias ha de o côxo pular como um gamo, ha de soltar-se a lingua ao mudo, e hão de abrir-se os ouvidos ao surdo, e os olhos ao cego. D'esse modo, recebem os discipulos de João uma duplice prova : a dos milagres, e a do cumprimento das prophecias. Logo após, elogiou Jesus a João, louvando-lhe a firmeza, a vida austera, e o lugar que entre os Prophetas conquistára. « Verdade é; e maior é ainda que os
« Prophetas. D'elle é que se escreveu isto : *Antes de vós envio o meu anjo,*
« *a aplanar-vos o caminho.* E com certeza vos digo eu : entre os filhos
« das mulheres, nenhum ha maior que João Baptista. »

Pouco tempo andado, foi a morte do Precursor. Herodes, que de sua mão o encarcerava no mesmo paço onde, um anno havia, noivava incestuosamente com Herodias, viuva de seu irmão, concedeu a uma filha d'ella, por mimo, e como premio de ter bailado com graça depois de um banquete, a cabeça de João Baptista. Era moda, nas senhoras de alto nascimento, o dançarem imitando dous histriões celebres, festejados em Roma, Pylades e Bathyllo; tal era o theor da vida dos monarchas e dos poderosos do mundo em tempos de Jesu-Christo.

Lá andava no emtanto Jesus, por cidades e aldeias, annunciando o reino de Deus. Acompanhavam-n'o os Dôze, e no exemplo d'elle se iam aparelhando ao agro ministerio, que ainda desconheciam, mas que haviam de vir a desempenhar. Iam tambem com elles, segundo as tolerancias do uso, algumas mulheres, outr'ora curadas de enfermidades, ou liberadas de espiritos infernaes. Eram Maria Magdalena; Joanna, mulher de Chusa mordomo de Herodes; Susanna, e outras. Suppriam com os seus haveres a Nosso Senhor; o que prova que entre os seus amigos admittia tambem abastados. Nota o Evangelho essa circumstancia; e basta ella para refutar o erro dos que pretendem ver em Jesu-Christo um nivelador, prégador da egualdade nos haveres e nas posições. Eram todos aquelles ricos pobrissimos no coração; e assim deviam ser : ninguem póde servir a Deus e a Mammon. Jesus ensinava-lhes o sensato emprego das riquezas; mas só aos que chamava para o ministerio do Evangelho é que impunha a penuria.

Iam tambem com elle os Phariseus. Mixtos por entre o pôvo, forcejavam

corromper-lhe o ajuisado modo de sentir, que não podia escutar a Jesus, nem contemplar-lhe os milagres, sem reconhecer o enviado de Deus. Muita vez, quando elle entrava n'uma casa para descançar, inundava-se ella da turba, a ponto de que nem sequer o pão lhe era possivel comer. Traziam enfermos á sua presença; logo os curava; e clamava o pôvo : « Pois ainda « aporfiarão que não é elle o Filho de David? » Crescia n'estes enthusiasmos populares o odio dos Phariseus; e como não podiam negar o milagre, repetiam que, se Jesus expulsava demonios, era por intermedio de demonios. Respondeu elle : « Não trabalha contra si o demonio; e em nome de « Satanaz não póde Satanaz ser expulsado. » E acrescentou : « Se tendes « para vós que é pelo espirito de Deus que expulso os demonios, chegou, « segundo vejo, o reino de Deus! » Mas não queriam ser convertidos aquelles sabios. Viu tamanha teimosía, e condemnou-a dizendo-lhes : « Digo-vol-« o eu : todo o peccado e toda a blasphemia ha de ser aos homens perdoa-« da; mas esse blasphemar contra o Espirito Santo nunca o ha de ser. « Quem fallar contra o Filho do Homem ha de alcançar perdão; mas quem « murmurar contra o Espirito Santo, nem n'este mundo nem no outro o « poderá alcançar. » E disse essas palavras, observa o Evangelho, « pelo « accusarem de possesso do espirito immundo » isto é do espirito da mentira, que assim se chama Satanaz. Quem quer que tenha ouvidos para ouvir, ouça!

Outros havia que lhe supplicavam um prodigio celeste; recusou-se, como já fizera á Satanaz, quando este ousou tental-o no deserto. Annunciou-lhe comtudo um milagre, que lhe elles não pediam, e mais espantoso : o da sua resurreição. « Esta geração é iniqua, dizia elle; « exige um signal, quando outro signal não tem de receber senão o « do propheta Jonas; porque, assim como esteve Jonas tres dias e tres « noites no interior da baleia, assim tambem o Filho do Homem ha de « jazer tres dias e tres noites no seio da terra. »

Como acabasse de fallar, uma mulher elevando a voz entre o pôvo exclamou : « Bemaventurada Mãi que gerou tal filho! bemaventurado « seio que vos amamentou! » Atalhou Jesus : « Dizei antes : bemaven-« turados os que escutam a palavra de Deus, e a cumprem! » Assim era que a sabedoria d'elle e a admiração publica tapavam a bôcca aos Phariseus.

Tinham, não obstante, aquelles perfidos vingado a semear os germens

de crueis desconfianças, que hão de estrugir em brados de morte perante Pilatos no dia da cruz. Temiam já alguns parentes do Senhor o resultado d'aquelle levedar do pharisaismo.

Uma vez, narra S. Matheus, em quanto fallava, mandaram-n'o chamar sua mãi e seus primos. A crermos S. Marcos, que n'este passo não menciona a Virgem Santa, era com o intuito de o prenderem. Era ainda fraca a sua fé; deixavam-se entrar de mil temores; e esses temores brotavam das pessimas disposições que enxergavam nos animos (1). Como quer que fosse, Nosso Senhor, que melhor do que elles avaliava o perigo, respondeu em harmonia com o seu caracter : « Quem vem a ser « minha mãi? e quem vêm a ser meus irmãos? » Apontando para a gente que estava sentada em volta d'elle, acrescentou : « A minha mãi e os meus « irmãos, eil-os aqui; porque todo aquelle que fizer a vontade a meu Pái, « que está no céo, esse é que é meu irmão, minha irmã, e minha mãi. » Aos pegureiros de Bethlem representantes do genero humano, dizia o Anjo : « Nasceu *para vós* um Menino. Mais uma vez ratifica Jesus a promessa do Anjo. Pertence aos homens, mais que aos seus parentes e a sua mãi. Toda esta consonancia do Evangelho conforta e allumia o coração.

Saíu Jesus para continuar a doutrinar as turbas. Apresentou aos ouvintes varias parábolas, meio de doutrinação segundo o qual ia elle collocar as verdades mais sublimes ao alcance das intelligencias mais boçaes. Dissera algures o Propheta em nome de Jesus : *Hei de fallar por parábolas, e apparecerão á luz muitas cousas que desde a creação do mundo estiveram occultas.* Realisou Jesus a prophecia por prophecias de ordem nova, mais claras, e não menos profundas, prophecias cujo cumprimento, cada dia renovado, havia de tornar-se, na sua Igreja, um fóco perpetuo de luz e de fé.

(1) Não se sabe quem fossem taes parentes. Dos quatro primos de Nosso Senhor, que o Evangelho chama seus *irmãos*, estavam então com elle tres. Portanto, não se trata d'elles. Fossem os outros quem fossem, tinham razão de sobra para receios. O humilde viver de Jesus de Nazareth só lhes déra a conhecer a perfeita virtude d'elle, isto é, a qualidade que os homens menos notam; do seu poder nada tinham visto. O que por si mesma sabia, calava-o comsigo a Santa Virgem; mas sabia-o; e não é admissivel que lhe passasse pelo pensamento o interromper, sequer, a missão de seu divino Filho. Crê-se pois ter ella apparecido ali só para o ver, sem porém conhecer o que planeavam os parentes.

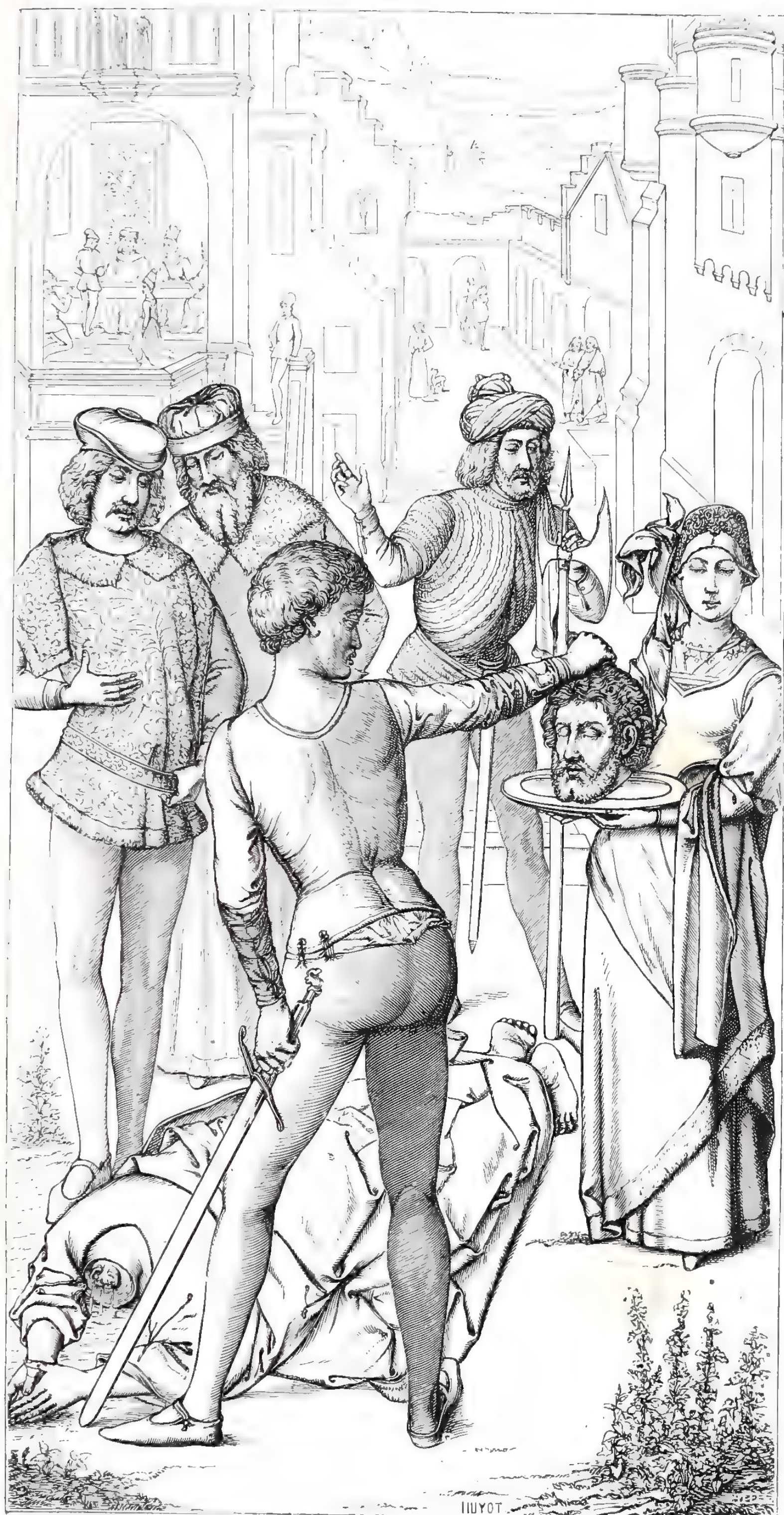


Fig. 51. — Degolação de S. João Baptista : a joven Salomé filha de Herodias, recebe a cabeça do martyr. Mais no alto do quadro, sobre a esquerda, avistam-se Herodes e Herodias á meza. Salomé executa a dansa cuja recompensa tem de ser a morte do Santo. Pintura em madeira por Memling, no hospital de S. João de Bruges, seculo XV.

O LAVRADOR, A ZIZANIA, O GRÃO DE MOSTARDA, A RÊDE LANÇADA AO MAR.

As parábolas d'aquelle dia referem-se á salvação, e annunciam a Igreja.

Fez o lavrador a sua sementeira. Uma parte da semente caíu no caminho; vieram os passaros, e levaram-n'a. Outra parte caíu em terreno pedregoso; despontou, mas requeimou-a o vento e o sol. Outra parte caíu entre espinhos; cresceram os espinhos, e a novidade ficou afogada. Outra parte emfim deu em terra bôa, e a semente pagou trinta, sessenta, e até cem por um.

A semente é a palavra de Deus. Na explicação dada pelo proprio Jesus se descobrem as varias disposições em que para a palavra de Deus ha de encontrar-se o coração dos homens.

Na alma d'aquelles que escutam da beira da estrada, sem largarem as veredas mundanaes, a semente nem ao menos germina; pelo solo endurecido passam todos os erros, e n'ella estacionam todos os vicios. Os pensamentos vãos, as paixões brutaes são aves voracissimas, que devoram a semente bôa apenas ella cae.

Os pedregaes são aquelles corações, em quem o medo é maior que o amôr. Cheios dos interesses carnaes e vitaes, não têm interstício onde se entranhem as radiculas. Foi acceita a palavra, germina, despontam algumas obras de penitencia; mas ao primeiro apparecer de um dissabor, de uma tentação, de uma qualquer perseguição, eis tudo por terra.

Os espinhos representam no seu crescer a invasão das mundanidades. Nos corações ahi figurados não deixa de haver disposição salutar; mas o embelêco das ambições e riquezas destroe a divina planta; por entre os recrescentes cuidados do mundo nem um fructo chega a sazonar.

Ora, segundo dizem os Santos Padres, só por algum dos modos referidos é que o Verbo divino é desprezado : desdem da palavra, cobardia ou perguiça, subserviencia aos bens mundanos. Essa é que é a ordem natural : caminho, pedras, espinheiros. O que é pois necessario é primeiro que tudo attenção, depois valor, e finalmente desprezo dos objectos mundanos. Isso exprime-o o Senhor, quando acrescenta : « O que na « terra bôa cae, figura aquelles que, depois de haverem escutado de bom

« e excellente animo o conselho, o gravam na memoria, e fructificam « pela paciencia. » Com effeito, os que vão pelo caminho fóra não retêm a palavra santa; os que jazem nas pedras não supportam com paciencia os assaltos da tentação; os que estão nos espinhos não fructificam. A semente é egual para todos; sae da mão de Deus apta para germinar em todos os corações; a todos a distribue o Semeadôr divino; mas ai d'aquelle que a si proprio se converte em terreno infecundo, em chão de calhaos, em matagal espinhoso! porque muitos solos existem, onde não póde germinar a semente do Senhor.

Tem relação com esta a parábola da zizania, e encerra ensinamento muito mais especial.

Em quanto dormem os servos, sobrevem o inimigo, e semeia a zizania no mesmo campo que o pái de familias semeára de trigo. Conhecida a zizania, propõem-se arrancal-a os negligentes servos. Interrompe-os o pái de familias: « Tal não façais; receio que apanheis tambem a planta « bôa; deixae crescer o bom e o mau até ao tempo da colheita. Hei de « então dizer aos ceifeiros: Colhei-me primeiro a zizania, emmolhae-a, e « atirae com ella ao lume; o trigo que entre para o celleiro. »

O campo, é o mundo; o pái de familias, é Deus; o inimigo, é o demonio; e a zizania é o germen de schisma e heresia que elle ha de lançar á terra sempre que os pastores da Igreja forem descuidados. Não se trata de toda a sorte de semente, mas só da zizania, que se parece muito com o trigo. No principio os hereges encobrem-se; quando se robusteceram, e adquiriram partidarios, então descobre-se o fructo, e a heresia alastra a sua peçonha, como diz S. João Chrysostomo. Comtudo, prohibe o pái de familias que arranquem a herva daninha; não por que a acceite, visto como a condemna ao lume, mas só porque não a poderiam arrancar sem perigo de arrancar tambem o trigo.

Outro motivo ha alem d'este; é todo misericordioso e divino. N'este fecundo terreno do Evangelho a propria zizania póde tornar-se em trigo; porque n'este solo ha uns humores que sabem corrigir a planta que d'elles se nutre. A uns é mister dar tempo para amadurecerem; aos outros, diz S. Jeronymo, o de se arrependerem; e isso nos ensina que não façamos desapparecer assim tão de subito o nosso irmão. Ha tal, que hoje se sente pervertido por uma crênça iniqua, e amanhã se tornará talvez o defensor da verdade. « Receio que tambem apanheis a planta bôa! » porque bem

póde ser, nota Santo Agostinho, que o trigo futuro seja arrancado sob a actual forma da zizania. Cheios de uma paciencia que traz em si o condão de vos melhorar a indole, e que por um paga trinta, sessenta, a até cem, supportae os perversos para que se tornem bons. Se os arrancasseis, arrancarieis o trigo em que a vossa paciencia e a graça de Deus haveriam podido mudal-os; e prejudicarieis aos bons, a quem elles, máu grado seu, teriam servido utilmente. « Deixae crescer o joio até ao prazo « da colheita, » isto é até ao julgamento. Será tempo então de arrancar os maus, quando já não lhes restar um instante para mudarem de vida, e quando o exemplo dos seus desmandos deixar de ser util para estimulo á virtude dos bons.

Tal preceito não invalida o outro, que nos ordena que façâmos desapparecer da nossa beira todo o mal. O que se nos prohibe, nota S. João Chrysostomo, não é que nos opponhâmos aos hereges, que impeçâmos as suas reuniões e a sua propaganda, que façâmos prevalecer contra elles a verdade, que os contenhâmos, e até que os castiguemos. Foi primeiramente opinião de Santo Agostinho, que se não forçasse pessoa alguma á unidade christã, que só se actuasse pela discussão, que só pela razão se fosse vencendo. Receava que os hereges convictos dessem depois da conversão em outros tantos catholicos hypocritas. Comtudo a sua opinião, dil-o elle, era, não já combatida por palavras, mas esmagada por exemplos contrarios. Referia-se áquellas terriveis legislações, que impõem aos reis que sirvam a Deus com tremor. Muitos houve, que deram graças a Deus pelos ter coagido pelo receio, pela força, pela perseguição, pois coagindo-os livrára-os de outra escravidão bem mais humilhante e dura, a escravidão do erro. Conclue dizendo que os soberanos devem servir a Christo publicando leis em favor de Christo, porque de unidade consta principalmente o culto d'elle. Não logra a casa de David recobrar a antiga paz, senão pela morte do rebelde Absalão, com quanto houvesse David recommendado que lh'o conservassem são e salvo, e só aguardasse o seu arrependimento para lhe outorgar perdão. Chorou David pelo culpado, e o que lhe deu consolação foi pensar na paz restituida ao seu pôvo. Assim é que a Igreja catholica, nossa mãi, ao adquirir um numero avultado de filhos a troco de perder alguns, encontra um lenitivo á sua magoa em presencear libertadas tantas almas. Perguntam de lá os hereges : A quem violentou Jesu-Christo? a quem obrigou? Responde o apóstolo S. Paulo : A mim. Sim, obrigou-o

Christo, ensinou-o, consolou-o; e é para notar que este, que entrou forçado do castigo corporal, trabalhou mais do que outros, a quem só a palavra tinha chamado. Porque não ha de a Igreja obrigal-os a tornar ao rego, esses que no exemplo dos seus desvios levaram tantos outros á sua perda?

E ai d'aquelle, que não podendo ser obrigado, e não se deixando de si mesmo vencer, não muda o seu proposito! Lá virá o tempo da colheita; os cegadores são os Anjos, e hão de separar definitivamente o bom do máu; e o joio amarrado em molhos ha de ir para o lume.

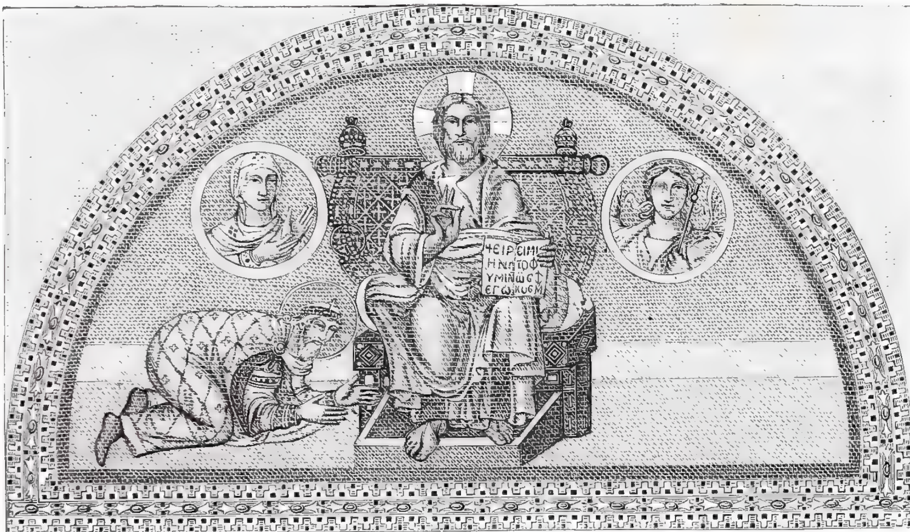


Fig. 52. — Os reis da terra devem servir a Jesu-Christo. Jesus abençoando apresenta o Evangelho, com uma inscripção grega, que significa : *Eu sou a luz do mundo.* Vê-se o imperador Justiniano prostrado aos pés de Christo; em dous medalhões estão representados a Virgem Maria, e o Archanjo S. Miguel. — Mosaico de Santa-Sophia de Constantinopla, seculo VI; segundo a obra *Les Arts industriels au moyen âge*, pelo Snr Julio Labarte.

Outra parábola. A grainha da mostarda, que vem a tornar-se n'uma arvore grande, tambem representa a Igreja, representa Jesu-Christo em pessoa, representa a fé no coração do fiel. Que avultam aos olhos do mundo os dôze Apostolos, ou Jesu-Christo sob a lousa sepulchral? Que avulta o homem obscuro e desconhecido, em cuja alma uma só palavra humilde lançou o grão de mostarda, o germen da fé? Bem sabem todos o que saíu do sepulchro de Jesus, e o que se tornaram os Apóstolos. O homem que recebe a fé tem em si mesmo o que quer que seja de maior que a humanidade. Póde achar-se repleto de todas as sciencias e de todos os erros, ter-

se devotado a todas as ambições, ter-se entregue a todas as seducções; póde ter subordinado a sua alma a todas as miserias, e ter-se affeito ás tyrannias todas; o que n'elle avulta e cresce por cima de todo o saber, e de todos os enganos, é a fé; ella é que o abroquela contra todas as seducções, e o liberta de todos os jugos; mais válido é esse homem, que o mundo, e que elle proprio. Nos areaes do pensamento desenvolve-se a arvore das vastissimas ramagens; e onde reinava morte, pululam frutos de muita benção.

Disse Jesus de outra vez : « A rêde de pescar apanha toda a casta de « peixe. Quando está cheia, os pescadores recolhem os peixes bons, e dei- « tam fóra os máus. Assim ha de ser na consumação dos séculos. Hão de « os Anjos destrinçar os máus d'entre os justos, e atirar com elles para a « fornalha. Ahi é que ha de ser chorar e ranger os dentes! »

A Igreja tambem apanha peixes de todo o genero, porque á remissão dos peccados convoca todos os homens, ricos ou pobres, ignorantes ou sabios, assizados ou insensatos. Quando a rède estiver cheia, estará cumprido o destino do genero humano. Ver-se-há então o que se continha na rêde, e então se fará a partilha. Na parábola do joio, falla-se dos que perecem por motivo da perversidade dos dogmas hereticos, por não terem discernido a verdade. N'esta outra parábola trata se dos que perecem por causa da perversidade do seu viver, com quanto colhidos na rêde, e a pesar de haverem recebido o conhecimento de Deus. Diz S. Gregorio que em vez de commentar é melhor tremer ante este trecho. Aqui são annunciados explicitamente os tormentos dos réprobos, afim de que ninguem possa allegar ignorancia, e escudar-se com a escuridade do dogma dos supplicios eternos.

Ensinando estes assumptos, significou Jesus aos Apóstolos que os deviam elles repetir por toda a terra. « Quem accende uma lampada não a « some debaixo do modio, nem a colloca debaixo do leito; põe-n'a sobre « o candelabro, afim de que os que entram vejam a luz. » Bastará essa recommendação para que a palavra de Deus não padeça peias, nem mesmo quando os que têm por missão o propagal-a se acharem vergando sob o pezo de cadeias. A luz ha de ser posta em lugar evidente, ha de luzir, ha de rutilar.

E para concitar a attenção dos seus ouvintes, e induzir o espirito d'elles a meditarem o mysterio das parabolas, usava Jesus dizer muita vez : « Quem tiver ouvidos para ouvir, que me ouça! »

INCREDULIDADE DE NAZARETH, PRIMEIRA MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES, SEGUNDA TORMENTA APPLACADA, ANNUNCIO DA EUCHARISTIA.

Foi Jesus a Nazareth, sua terra. Entrou na synagoga um dia de Sabbado para doutrinar, segundo o direito que tinha todo o filho de Israel. Levantou-se para ler. Puzeram-lhe nas mãos o livro de Isaïas, que era a leitura lithurgica d'aquelle praso do anno; porque é de saber que elle nada alterava do estatuido, e tudo cumpria cuidadosamente conforme á lei. Ao abrir o livro, deparou-se-lhe este passo: *Paira sobre mim o Espirito do Senhor; por isso recebi d'elle uncção para evangelizar aos pobres, melhorar os que têm o coração espedaçado, annunciar aos captivos a redempção, e aos cegos a luz, assim como para publicar o anno da indulgencia do Senhor, e o dia das recompensas.* Leu, fechou o livro, restituiu-o ao ministro da synagoga, e sentou-se. Observavam-n'o todos os circumstantes. Disse-lhes elle: « Cumprem-se hoje todas aquellas palavras da Escriptura, agora « que as estaes ouvindo. »

Tanto mais é para notar-se a magestade d'esta asserção, quanto não desconhecia o Senhor o mal dispostos que estavam os seus ouvintes. Duas disposições se notam n'elles: primeiramente, admiram; não tarda porem em manifestar-se a intriga dos Phariseus.

Fermento era esse, que em Nazareth devia vingar melhor que em outra qualquer parte. Tinham os Nazarenos como alta ventura o dom das prophecias e dos milagres; e eram ciosos de que esse dom tivesse cabido a um homem tão somenos. Entraram a dizer: « O quê? não é aquelle o filho do « carpinteiro José, o filho de Maria? conhecemos-lhe muito bem os primos « e parentes, que habitam n'esta mesma terra. Pois d'onde lhe veiu todo « este saber? »

Leu Jesus no fundo d'aquelles carações miseraveis, e preveniu o injurioso pedido que lhe iam dirigir: « Faze milagres; prova-nos que és Deus. » Os que primeiro assim fallaram, tinham visto ressuscitar mortos. Na evidencia mesma dos milagres, buscam achar illegalidades, ou attribuem-n'os ao demonio.

A esses taes recordou Jesus, ter sido Elias enviado a uma viuva, que morava em Sarepta, se bem que em Israel não faltassem outras viuvas, e

com quanto o propheta Eliseu não tivesse curado a todos os leprosos de Israel, mas a Naaman tão somente, que era syriaco. Era isso uma como advertencia de haverem de se conter nas disposições de receberem a graça, abjurando os seus ciumes e a sua incredulidade. Deu-se o contrario : levantaram-se contra o Salvadôr, expulsaram-n'o da synagoga, e impelliram-n'o até umas ribanceiras, para o precipitarem. A misericordia divina soube poupar-lhes a consumação de tal crime. « Passando Jesus pelo meio d'elles, sumiu-se-lhes, » quer fosse por se lhes tornar invisivel, quer pelos ter paralysado.

Foi, a bem dizer, este o unico milagre que fez em Nazareth; e repete-o todos os dias, quando frustra as entreprezas da impiedade. Torna-se invisivel, paralysa os furiosos, passa-lhes pelo meio, e desapparece quando julgam que vão aniquilal-o. Recusou-se aos milagres que a insolencia dos Nazarenos exigia, mas realisa outros, que a incredulidade d'elles não vê, e com que a alma d'elles não aproveita.

Não pôde comtudo ficar inactiva a sua clemencia para com os seus patricios. Impoz as mãos em alguns enfermos, e curou-os. Diz o sagrado texto : « Pasmava da incredulidade d'aquella gente. »

Deixou logo aquelles ingratos, e retomou a sua vida de misericordiosas digressões, seguindo o trilho de Patriarchas e Prophetas, derramando saude por toda a parte, e esperanças, e vida. Affluiam os pôvos aos sitios onde soava ser chegado Jesus. « Condoeu-se d'elles, pelos ver aca-
« brunhados de infortunios, e jazendo, aqui, ali, como ovelhas sem pas-
« tor. » Tendo pois congregado os Apóstolos, despachou-os a dous e dous em varias direcções, em soccorro dos que por si não podiam vir.

Nada mais era, no entretanto, esta missão, do que uma facil entrada para o tyrocinio do asperrimo lidar do apostolado. Comtudo deu Jesus aos seus Enviados a instrucção eterna, que devia no correr do tempo fazel-os arrostar todos os perigos, e que, transmittida por elles aos seus successores, havia de tornal-os, como elles, vencedores da morte. Ordenou-lhes que fossem pobres, prudentes, e suaves; que nunca levassem, nem dous pares de calçado, nem duas capas, nem dinheiro; que só possuissem um bordão para o caminho; que nunca resistissem, nem se defendessem. Conferiu-lhes todo o poder de expulsar demonios e curar enfermidades; e precaveu-os contra os laços da carne e do sangue. « Quem
« amar a seu pái ou sua mãi mais do que a mim, não será digno de mim.

« Quem não tomar a sua cruz, e me não seguir, não será digno de mim.
« Quem salvar a vida com prejuizo do que a mim deve, ha de perdel-a; e
« quem por minha intenção a perder, ha de salval-a. » Essas eram as armas e a estrategia d'aquelles conquistadores do mundo.

Por aquelle mesmo tempo, chegou a fama de Jesus aos ouvidos do



Fig. 53. — As obras de misericordia. Tampa da pia baptismal de Hildesheim; escultura em bronze do seculo XIII

tetrarcha Herodes. Ajuizou aquelle tyranno que um tal propheta, de quem tamanhas maravilhas escutava, outro não era senão João Baptista ressuscitado. Queria avistar-se com elle, mas Jesus apartou-se. Não era a enfermidade de Herodes uma d'aquellas que elle fosse espontaneamente curar.

Chegaram os Apóstolos, a dar-lhe conta do que tinham feito. Queria

o Mestre, sempre bondoso, leval-os a algum ermo, onde lograssem descanço, visto que o pôvo nem para comer lhes deixava tempo. Tomou-os comsigo a bordo de uma barca, e velejou para um retiro do torrão de Bethsaida. Como das outras vezes, tinha-o precedido a turba-multa; teve dó d'ella. Condusiu-a para um recesso da montanha.

Ahí, sentado entre os Discipulos, restituiu a saude aos enfermos, e fallou no reino de Deus.

Ia o dia a crescer. Preveniram os Apóstolos ao Senhor, de que era tempo de despedir aquella gente, para que antes de ser noite podessem elles ir ter ás aldeias, e comprar de comer, visto que ninguem se provêra de víveres, e o sitio era um deserto. Respondeu Jesus : « Pois dae« lhes vós mesmos de comer. »

Perguntaram elles se haviam de ir comprar pão no valor de duzentos dinheiros de prata. Mas Jesus, parecendo que os não ouvira, encarou com a multidão. Estavam alí cerca de cinco mil homens, não contando mulheres e creanças. Bem sabia Jesus o que faria, e disse para Filippe : « Com quanto poderemos nós comprar o pão necessario para alimento « de todo esse pôvo? » Tornou-lhe Filippe : « Com duzentos dinheiros « de prata ainda não compravamos pão bastante que a todos viesse a « caber. » Indagou Jesus qùe fardel podiam alí possuir. Veio André dizer-lhe : « Está aquí um moço, com cinco pães de cevada e dous « peixes. » E logo acrescentou : « Mas que vem isso a ser para tantas « boccas? » Não obstante, determinou Jesus que fizessem sentar todo aquelle gentío em ranchos sobre a herva. Depois, tomando os cinco pães mais os dous peixes, e erguendo aos céos a vîsta, abençoou-os, partiu-os, e entregou-os aos Discipulos para que os distribuissem pelo pôvo. Foi-lhes dando tanto, quanto elles quizeram; todos comeram, todos se fartaram; e só com os fragmentos de pão que sobejaram se encheram dôze cabazes. Assim tambem o pão eucharistíco alimenta ao mundo e não se esgota nunca. Não é esta a significação unica d'este milagre, de que lá mais a diante ha de ser feita nova menção.

Era muito o espanto dos circumstantes. Diziam todos : « É este de « veras o Propheta que estava para chegar; é mistér acclamal-o nosso « rei! » Para evitar isso, despediu Jesus a todos, e não menos para ensinar aos seus ministros, que não devem levar nunca em mira a aura popular. D'ahí, mandou aos Discipulos que embarcassem, e fossem

esperar por elle na outra banda do lago; e elle sumiu-se para o monte, onde se deixou ficar sosinho em oração.

Lá vai a barquinha com os Discipulos a singrar contra aragem de prôa. Está-se pouco mais ou menos na quarta vela da noite (tres



Fig. 54. — Primeira multiplicação dos pães. Crescem os pães com a benção de Nosso Senhor. Fresco do Snr Langlois, na igreja de Nossa-Senhora-a-Rica, de Tours. Seculo XIX.

horas da madrugada), e mal se adiantaram vinte e cinco ou trinta estadios. Vendo Jesus quanto lhes custa a remar, vai ter com elles; é vel-o caminhar sosinho por sobre o escarceo d'aquellas ondas! N'isto avistam-n'o os Discipulos, a caminhar, a caminhar, como se tentasse adiantar-se-lhes; têm para si que é phantasma aquella figura, e soltam um grito de

aterrados. Brada-lhes elle : « Não temaes, não temaes, que sou eu. » Clama-lhe Pedro : « Senhor, a serdes o proprio, ordenae que me vá eu ter comvosco por essa agua fóra. » Responde Jesus : « Pois vem! » E Pedro sae logo pela amurada, e vai caminhando pelo mar. Mas n'isto, como crescia o vento amedrontou-se Pedro, e está prestes a sossobrar. Quem não tremeu das profundezas de um tal abismo, eil-o agora a tremer dos rugidos da ventaneira. É sempre o mesmo homem, a quem o seu muito affecto a Jesus ha de arrastar até ao pretorio, mas a quem a voz de uma simples serva ha de obrigar a renegar do Mestre.

Comtudo, não n'o offendeu o Apóstolo a ponto de esquecer o poderio e a bondade d'elle. Grita : « Salvae me, Senhor ! » Estende-lhe Jesus a mão, e brada-lhe : « Homem de pouca fé, porque duvidaste? » A ter sido firme a sua fé, não n'o haveria empecido aquelle vento, e teria ficado firme aquelle mar sob os seus pés. Não era Pedro, diz S. Jeronymo, que ia a caminhar sobre as aguas; era a fé. Era forçoso que Pedro o soubesse; concedeu-lhe Jesus que o ficasse sabendo para sempre. Tomou-lhe a mão. Assim como a ave, ao considerar em risco o filho pequenino, que avoejou antes de tempo, carrega com elle sobre as suas proprias azas, e o reconduz ao abrigo do ninho, assim faz Jesus. Não tardou que Jesus volvesse com Pedro para bordo da embarcação; e quebrou logo todo o vento; e acharam-se de subito na praia para onde queriam ir-se.

Passára Jesus sobre a face das aguas, e ordenára a Pedro que passasse tambem, e com isso acalmára a tormenta, e em poucos instantes perfizera jornada de longas horas. Ao milagre da multiplicação dos pães não se tinham aberto os olhos dos Discipulos; mas estes milagres novos, operados para elles sómente, fizeram a final caír a venda. Adoraram o Mestre, e disseram-lhe : « Em verdade, o Filho de Deus sois vós. »

Correu de repente a noticia da chegada de Jesus. Quando entrava algures, fosse villa, cidade ou aldeia, acudiam os enfermos. Punhamse enfileirados pelas praças publicas, rogavam-lhe que os deixasse tocar-lhe na fimbria do vestido, e abalavam curados.

Os que tanto haviam aproveitado com a multiplicação dos pães porfiavam sempre em proclamal-o rei. Tendo-o buscado de balde pelas ribas do lago, desde aquelle dia, achavam-se reunidos em grande copia em Capharnaú quando elle ahi tornou. Em tal zelo o que havia essencialmente (segundo o porvir demonstrou) era apenas o desejo de passarem vida ociosa

na abundancia do necessario. Era isso, o que elles aguardavam do Messias.

Chegára o momento em que haviam de receber d'elle uma bem mais elevada idêa, e comprehender que pão viera o Messias trazer a este mundo

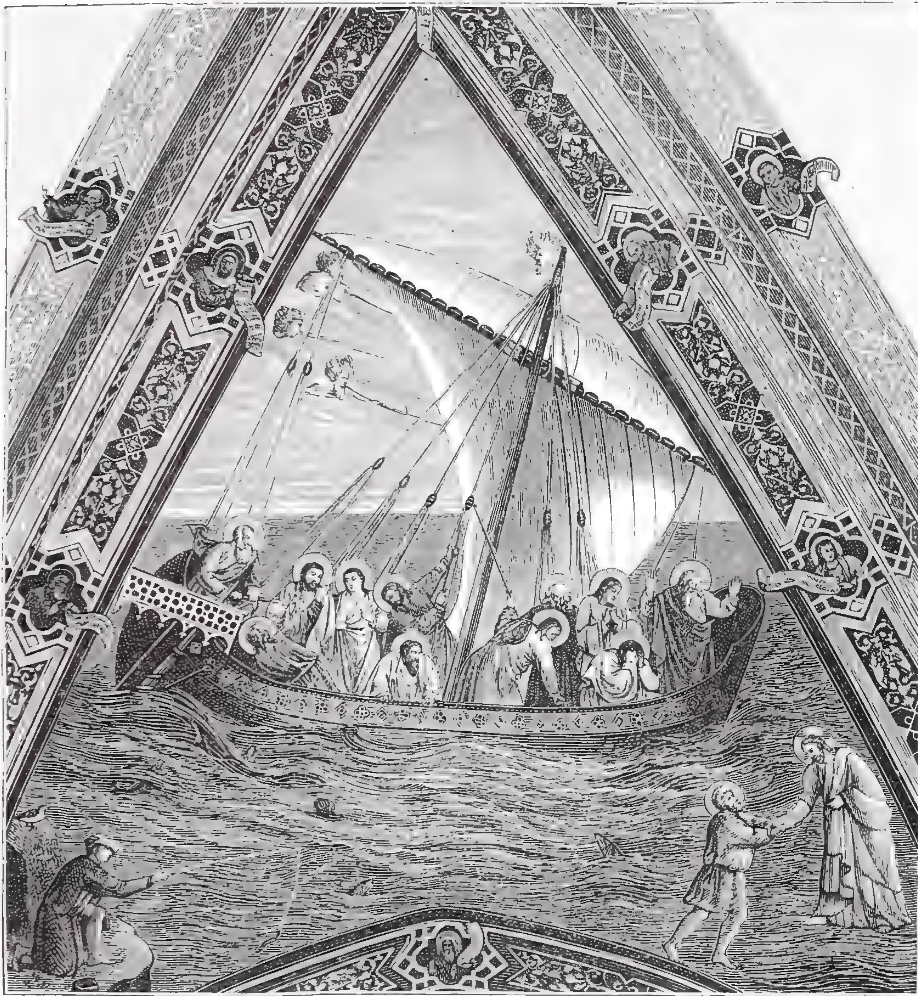


Fig. 55. — Jesus caminhando por sobre as ondas. Exclamou Pedro : « Senhor, salvae-me! » « Jesus tomou-lhe a mão, e disse-lhe : » Homem de pouca fé, porque duvidaste? Fresco de Taddeo Gaddi, na igreja de Santa Maria-Novella em Florença. Seculo XIV.

Disse-lhes Jesus, que, se andavam em sua busca, era só pelos elle ter fartado de pão; mas que deviam desvelar-se, não pelo alimento que perece, mas sim pelo que é duradouro até á vida eterna; e que esse alimento, sim que havia de dar-lh'o o filho do homem. Perguntaram que

obras os tornariam agradaveis a Deus. Respondeu Jesus : « Crerdes no Enviado d'Elle. » A fé produz a humildade, o desejo, o amor, todas as obras bôas da vida. Mas fermentava entre elles o pensar dos Phariseus. Negaram que os milagres evidentes que presenceavam devessem obrigal-os a acreditar. Alludindo á multiplicação dos pães, que fôra, havia pouco, a base das suas esperanças, objectaram que muito mais realisára Moisés, sustentando os avós d'elles no deserto com o manná, segundo está escripto : *Ministrou-lhes pão do céo para que d'elle comessem.* Respondeu Jesus : « O verdadeiro pão do céo não é o de Moisés, é o de meu « Pái. O verdadeiro pão de Deus é o que provem do céo, e dá vida ao « mundo. » Bradaram elles : « Senhor dae-nos sempre d'esse pão ! »

Então Jesus, penetrando nas profundezas do mysterio, disse-lhes : « O « pão da vida sou eu. Quem para mim vier não ha de ter fome ; quem « acredidar em mim não ha de ter sede. Quem quer que vir o Filho de « Deus e crêr n'elle ha de possuir a vida eterna, e algum dia o hei de eu res « ssucitar. Assim o quer meu Pái, me que enviou. » Palavras cuja lettra é toda uma verdade, mas a que os Judeus não attendiam, nem queriam mesmo attender.

Sendo aquella vida eterna, de que fallava Jesus, isenta das miserias e necessidades da vida actual, é litteralmente verdadeiro, que todo aquelle que a possuir, não mais terá fome nem sêde, senão que ha de sentir-se para todo sempre satisfeito. E, com quanto não haja a vida eterna de ter principio senão na resurreição, é porém verdade, que desde a vida presente já ella existe em todos os que se alimentam do pão vivo. Mixto com a carne d'elles, lá lhe infiltra o pão eucharistico os germens immateriaes da vida eterna, e não ha de poder destruil-os a morte natural. Conservar-se-ha nas suas ossadas resequidas; nenhum atomo d'elle tem de separar-se do seu pó; lá tem de permanecer até Deus ordenar que desabroche ; e logo essa carne ha de reviver, ou antes reflorir, cheia de gloria, revestida de immortalidade, liberta das concupiscencias que lhe trouxeram a corrupção. Nenhumas impurezas hão de encontrar-se n'essa carne, nada a que possa chegar a fouce da morte; no simples contacto do Filho de Deus haver-se-ha destruido o principio mortal. O que a fé humana creu e desejou, quil-o e realisou-o o amor de Deus.

Em vez de crerem, e aguardarem a explicação de que não attingiam, puzeram-se os Judeus a murmurar, como já os de Nazareth haviam feito

(e quantos d'esses não estariam ali tambem?) : « Não é este Jesus, o filho « de José? como nos vem então dizer que baixou do céo? »

Reprehendeu-os Jesus severamente para que não murmurassem; e depois de proferir algumas phrases soberanas, cuja interpretação estava reservada a S. Paulo e á Igreja, para esclarecerem o mysterio da graça, proseguiu no seu sermão.

Submettendo aquelles desordenados juizos com todo o pézo da sua divina auctoridade, fez saber que o pão mysterioso era elle proprio, era a sua carne. « Em verdade vos digo eu, que todo aquelle que em mim acreditar « tem por sua a vida eterna. O pão vivo sou eu. Comeram vossos páis o « manná do deserto, e morreram. Quem comer d'este pão que vem do « céo, não tem de morrer. Eu é que sou o pão vivo que baixou do céo. « Se alguem comer este pão, ha de viver para sempre, e o pão que eu « distribuir, ha de ser a minha carne. »

A essas palavras, redobraram os clamores. Como póde este homem dar-nos a comer a sua carne? Póde, sim, com o direito da sua natureza divina, respondeu Jesus por uma nova affirmação. « Em verdade, em « verdade vol-o digo eu : se não quizerdes comer a carne do Filho do ho- « mem, e beber-lhe o sangue, não heis de ter em vós a vida. Aquelle que « minha carne comer, e meu sangue beber, ha de alcançar a vida eterna, « e hei de ressuscital-o no dia derradeiro; porque a minha carne é em « realidade um alimento, e o meu sangue uma bebida. Quem come a « minha carne e bebe o meu sangue, habita em mim, e eu habito n'elle. « Assim como me enviou meu Pái, que está vivo, e eu por elle é que « estou vivendo, assim aquelle que comer a minha carne ha de tambem « viver por mim. Este é que é o pão que desceu dos céos. Não ha de ser « como foi o manná; comeram d'elle vossos páis, e pereceram; quem « d'este comer ha de viver para todo sempre. »

Diz Bossuet que é sestro do homem raciocinar sempre de encontro ás bondades de Deus, por consequencia de encontro a si mesmo. Estes julgaram que lhes estava Jesus fallando da carne de um homem como os outros, da carne do filho de José; que se tratava de uma carne semelhante á de que os homens se alimentam; emfim, de uma que elles consumiriam quando a comessem. A esses tres enganos oppoz Jesus tres respostas. — *Sou eu o pão vivo, que desceu do céo;* logo, a carne promettida por elle não é a do filho de José, é a do Filho de Deus, concebida do Espirito Santo, e formada

do sangue de uma virgem. — *Manda meu Pái que nenhum dos homens que elle me deu eu perca, e que os ressuscite no ultimo dia. Quem comer este pão, esta minha carne, que hei de offerecer para vida do mundo, ha de viver eternamente;* logo, a vida que devia alimentar a carne d'elle, não era esta vida commum e perecedora, mas a eterna, tanto da alma como do corpo, vida em que havemos de ser convertidos, quando formos *semelhantes aos Anjos de Deus. — Haveis de ver o Filho do homem subir para o sitio d'onde veio;* logo, com quanto a sua carne seja dada como alimento, ha de elle continuar vivo e intacto.

S. João, que refere estas divinas cousas, acrescenta : « Foi o que disse « Jesus, ensinando na synagoga, em Capharnaú. » Era conveniente que isso fosse dito desde então, afim de ir preparando o animo dos Apóstolos para a instituição da Ceia sagrada; e tambem convinha que isso se dissesse na synagoga, publicamente, afim de que, quando os Apóstolos, testemunhas unicas da instituição da Ceia, houvessem de apresentar aquelle formidavel mysterio, podessem invocar a palavra publica do Senhor. Em tudo e por toda a parte a misericordiosa sapiencia de Jesus se encarregou de auxiliar a nossa incredulidade.

A despeito de tudo, a maioria d'aquelles homens, que tão facilmente podiam dar-lhe credito, não lh'o deram. Incredulos houve entre os proprios Discipulos, « e muitos retiraram-se. » Prompto cumprimento da parábola prophetica da semente!

Não se admirou Jesus d'essas deserções. Sabia desde o principio, como Deus desde todo o principio, desde a sua concepção como homem, quem eram os incredulos, e quem o havia de atraiçoar. Disse aos Dòze : « E vós, não quereis tambem ir-vos embora? »

Pedro, em nome de todos os mais, por não duvidar de que todos estivessem, como elle, compenetrados de uma fé respeitosa, respondeu : « E a « quem haviamos de acolher-nos, Senhor? As palavras da vida eterna, vós « é que as tendes. Acreditàmos, e reconhecemos, que sois vós Christo, o « Filho de Deus. »

Tornou Jesus : « Não vos escolhi eu, a todos os dòze? pois comtudo ha « um de vós que é um demonio. »

Oh! antes que o traspassassem, quanto não teve de sangrar aquelle coração!



IV

EDUCAÇÃO DOS APÓSTOLOS.

Falsa Purificação, a Cananêa o Surdo-mudo. — Segunda multiplicação dos pães. — O Cego de Betsaida, Confissão de Pedro, o Thabor. — Creança liberada do demonio, o Didrachma, Preceito do perdão. — Doutrinação no Templo, a Mulher adultera. — O Cego de nascença.

FALSA PURIFICAÇÃO, A CANANÊA, O SURDO-MUDO.

A bem dizer, é o Evangelho a historia da educação de S. Pedro e dos Apóstolos. Como Jesus é o homem da perfeição, é tambem o perfeito adoradôr e o perfeito sacerdote; e a sua missão foi formar adoradôres e sacerdotes.

Do momento actual em diante, emprega n'isso um cuidado não mais constante, mas certamente mais directo. As doutrinações prevalecem sobre os milagres. Instrue sob a forma de parábolas ou controversias com os Phariseus, os Escribas, os Doutores da Lei.

Essa casta de homens, que em Jerusalem tinham grande predominio, era em toda a parte numerosa. Misturados com o pôvo, seguiam Jesus a passo e passo, promptos sempre a oppôr-lhe perguntas capciosas, para provocarem respostas em que achassem materia de accusação. Se possuissemos as relações que elles enviaram ao Synedrim, possuiriamos a substancia e o manual de todas as calumnias que hão de ser em todo o tempo formuladas contra a Igreja.

Uma vez, depois de repararem que alguns dos Discipulos comiam sem lavarem primeiro as mãos, apontaram como formal transgressão aquelle esquecimento dos usos. Nos prophetas se lê : *Lavae-vos, e sede puros. Purificae-vos, vós todos que manuseaes os vasos do Senhor;* e outras phrases semelhantes. Isso tem por alvo ordenar a nitidez na alma e no corpo. Interpretavam os Phariseus essas palavras só no sentido material. Pelas continuadas abluções em que andavam, dispensavam-se das lagrimas, das esmolas, e das obras justas.

Disseram portanto a Jesus : « D'onde provem isso de violarem os vos- « sos Discipulos a tradição, e não lavarem as mãos quando comem? » Dignou-se Jesus de responder-lhes.

Eis aqui uma circumstancia minima, que leva muitos espiritos debeis a insultarem estas evangelicas singelezas. « Ahi temos o Filho de Deus, « dizem elles por mofa, a discutir se devemos, ou não, lavar as mãos « antes do jantar! » Felizmente para nós, o Filho de Deus não desprezou as nossas miserias. Quiz que se desse aquella discussão, como tambem quiz applacar a tormenta, como ha de querer ressuscitar a Lazaro, e como quer morrer na cruz. A futil pergunta dos Phariseus serviu-lhe para marcar o caracter da verdadeira purificação, contraposta ao formalismo em que o espirito pharisaico faz consistir a piedade.

Reprehendeu com severidade áquelles censores, que apparentavam tanta veneração a minucias tradicionaes de origem puramente humana, mas que não receavam infringir os preceitos mais essenciaes; que lavavam com escrupulo as bordas do vaso, e deixavam toda a impureza no fundo; que filtravam a agua para não engolirem um mosquito, e engoliam um camello. Reprehendeu-lhes o possuirem uma tradição, ou antes um sophisma, que dispensava o filho de valer a seu pái necessitado, com tanto que não deixasse de levar certas offerendas ao Templo. « Hypo- « critas, lhes bradava elle, n'isso consiste a vossa santidade! em vos « dispensardes do mandamento de Deus para só vos atterdes á vossa tra- « dição! » Fallou depois com o pôvo, que não tinha ouvido aquella reprehensão, e proseguiu em voz alta : « Escutae todos, e ficae sabendo : « Nada do que entra para o corpo do homem é capaz de o macular; o « que lhe sae da bocca e do coração, é que o macúla. »

Assustados os Discipulos com aquella colera dos Phariseus, e talvez escandalisados no seu intimo, pediram a explicação de um preceito novo

para elles, e que parecia contrariar a prohibição, tão respeitada, de comer animaes immundos. Com effeito aquella barreira judaica tinha de desapparecer, mas bem mais tarde.

Segundo costumava, fallára Pedro em nome de todos. Respondeu o Mestre : « O que de fora passa para dentro do homem não póde inficio« nal-o, porque lhe não penetra no coração; agora, o que lhe sae pela « bôcca, parte-lhe do coração. É do intimo do homem, é do fundo do

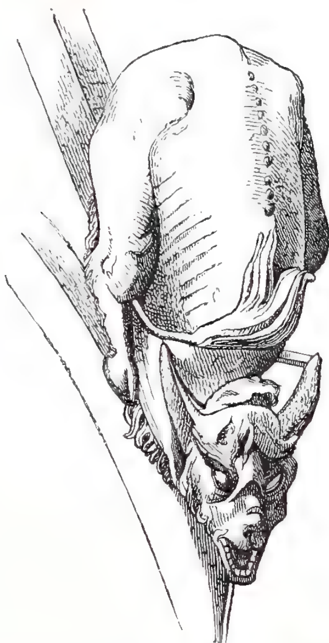


Fig. 56. — Odio e vingança monstro fantastico.



Fig. 57. — Falsidade e Orgulho mulher-gata.

Esculturas symbolicas nos curocheos da igreja abbacial de S. Diniz, em Paris. Seculo XIII segundo a *Memoria* de Mme Felicie d'Ayzac.

« seu coração, que partem os pensamentos máus, as impudicicias; os « homicidios, os roubos, a avareza, a blasphemia, o orgulho, todos os « crimes. Isso é que o enxovalha, e não é comer sem lavar primeiro as « mãos. » Ditos fecundos, do numero dos que deram ao homem novos sentidos, e o fizeram entender-se a si proprio. O coraçaõ do homem, como diz Orígenes, é grande sempre que é puro; e a sua pequenez corporal não o impede de receber o Senhor, que é espirito. Quando o coração do homem possue a pureza, abarca a verdade.

Saíu Jesus d'aquelles sitios e foi-se para os confins de Tyro e Sidonia.

Depois de haver condemnado as supersticiosas observancias dos Judeus, que o não quizeram attender, volve-se para os pagãos. Doutrina em tudo analoga á que se póde tirar da missão de Sichar, na Samaria. Com que paciencia não se amolda o Mestre á fraqueza dos Discipulos, repetindo-lhes a miude as mesmas lições, mas acrescentando sempre alguma cousa nova, que as vae firmando melhor! D'esta vez escondeu-se, por não ter ainda chegado o tempo da parenése aos Gentíos. Comtudo, entre o pôvo, que devia desconhecer a sua presença, havia uma alma crente, a quem elle queria recompensar; e essa conseguiu insinuar-se-lhe.

Certa mulher Cananêa, da terra dos Syro-Phenicios, veio ter com Jesus bradando pelo caminho : « Senhor! filho de David! tende dó de mim; « tenho uma filha possessa do demonio! » Tudo disse, e em pouquissimas palavras, o Espirito Santo, que inspira as orações : *Senhor;* a supplicante confessa a divindade; *Filho de David;* confessa a humanidade; *Tende dó de mim* (e não *tende dó da minha filha*) porque o padecimento da filha é que é a dôr da mãi; *Tenho uma filha possessa do demonio;* eis ahí o malô explicado ao medico em toda a força e gravidade.

Tão ajuizada é esta acção da Cananêa, como a sua oração. Nada pede aos homens; descança na fé, e falla com Deus directamente.

Parecia comtudo que Jesus não lhe respondia. Condoidos d'aquella angustia, ou importunados de tantos queixumes, pediram os Discipulos a Jesus que a despedisse, concedendo-lhe o que ella supplicava. Tornou-lhes elle, que só fôra enviado ás ovelhas desgarradas da casa de Israel, e foi-se andando. Porém a Cananêa, em quem a fé igualava o amor maternal, seguiu-o, e penetrando n'uma casa onde elle entrára, atirou-se-lhe aos pés, gritando sempre : « Senhor, soccorrei-me! livrae a minha filha! » Então, com severidade que lhe não era habitual, respondeu elle, afim de mostrar áquella pagã todo o poder da fé : « Deixae primeiro fartarem-se os filhos, « pois não é bom tirar-lhes « o pão que lhes pertence, para o atirar aos cães. » Essa aspereza, temperada sem duvida pelo tom em que era proferida, não conseguiu desanimar a pobre requerente. « Verdade é, Senhor, volveu ella; mas os cachorros « podem ainda assim comer as migalhas de pão « debaixo da mesa. » Ao ver este rasgo de humildade, seguido a uma tão firme perseverança, disse-lhe então Jesus, como que vencido : « Mulher, « grande é a tua fé; por essas palavras que proferiste, faça-se o que pedes. « Vae, que está já bôa a tua filha. »

Como o servo do Centurião, curou-se a filha da Cananêa, sem que o Senhor sequer lhe entrasse em casa. As nações que elle não percorreu hão de tambem ser salvas pela sua palavra, e pelas orações da sua Igreja. É a Igreja aquella mãi, de quem foi dito que não afrouxa nunca na ternura e na fé, e que vai bradando sempre : « Senhor, tende piedade de mim! sarae o meu filho! » Assim como a Hemorrhoissa e a Samaritana, que ambas saíram da sua terra, tambem a Cananêa desamparou o torrão natal, e personifica a Gentilidade. Como acontecêra á Moabita Ruth, contada entre as avoengas do Senhor, o que a fez admittir na casa de Deus foi o poder do seu muito amor e da sua fé.



Fig. 58. — Perguiça e gula, monstro hybrido.

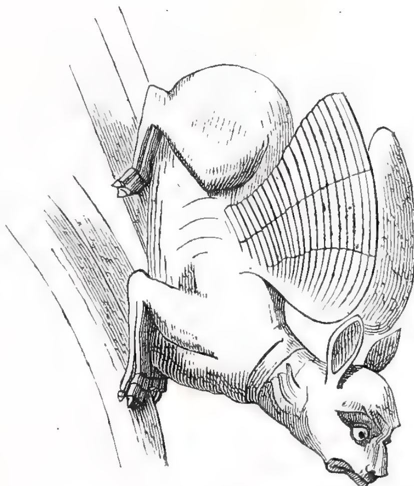


Fig. 59. — Pusillanimidade, lebre com azas phantasticas.

Esculturas symbolicas nos currucheos da igreja abbaçial de S. Diniz em Paris. Seculo XIII. Segundo a *Memoria* de Mme Felicie d'Ayzac.

Logo depois saíu Jesus d'aquella região. Se por lá não perfez outros milagres, este por onde tão claramente patenteia a efficacia da oração contem em si mesmo um novo ensinamento : dá-nos a conhecer que bastava ao Filho de Deus o bem de uma alma só, para que elle aceitasse todo o trabalho do missionar.

Tornou-se para as margens do mar de Galilêa; mal se conheceu que elle chegára, trouxeram-lhe um surdo-mudo. Tomou-o de parte, tocou-lhe nos ouvidos e na lingua, ergueu os olhos para o céo, e suspirou. Depois disse : *Ephpheta* (abre-te). E o surdo-mudo ouviu e fallou.

Aquelle seu afastar-se da multidão, aquelle erguer de olhos, aquelle suspirar, ensinam aos Apóstolos a fugirem da vã gloria, e recorda-lhes que do céo é que se devem esperar todos os beneficios; que de Deus tudo se alcança pelos anhelos da oração; que em summa, vale mais a humildade, que todo o poder dos milagres. Aquelle suspiro, que era em Jesus effeito do muito dó, deve ser em nós renegação e expiação do mal. Quando nos amesquinhamos, então é que supplicamos com efficacia a nossa libertação das consequencias do peccado.

Põe Jesus as mãos no enfermo, para attestar que, na união com a divindade, se acha o seu corpo humano locupletado com o poder divino, e opera divinamente; argumento contra as futuras heresias. Revestido como está na nossa carne, mostra-a a ella restaurada em toda a perfeição, e participando já de toda a gloria que lhe ha de vir a caber a elle. Com o dedo descerra o ouvido fechado; com a propria saliva desliga a lingua muda; e por fim ordena : *Ephpheta!* Distinctas estão as duas naturezas, mas não separadas. Ora, geme, trabalha como um homem qualquer; e cura o surdo-mudo com uma só das suas phrases divinas : *Abre-te!*

A este seguiram-se milagres sem conto. Ficavam fallando os mudos, andando os trôpegos, e os cegos vendo. Erguia a alma do pôvo um brado unanime : Tudo elle fez na perfeição! E todos pregoavam os louvores do Deus de Israël.

SEGUNDA MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES.

Como fosse muito grande a multidão de gente, e o sitio um ermo, renovou Jesus o milagre da multiplicação dos pães. Tinham-se já os Discipulos esquecido do primeiro milagre d'este genero; e desassocegava-os a maneira de encontrarem pão bastante para haverem de alimentar-se quatro mil homens congregados alí, a fora mulheres e creanças. Encontraram-se sete pães e alguns peixinhos. Abençoou-os Jesus com a mesma benção com que, desde todo o principio, concedêra o Verbo ás creaturas a virtude de crescer e multiplicar-se; e entre as mãos d'elle tudo aquillo se foi multiplicando, como semente no seio da terra. Comeram todos, todos se satisfizeram; e das sobras ainda sete cestos se poderam atestar.

Além de varias significações particulares, de grande proveito e belleza, contêm os dous milagres da multiplicação dos pães um sentido geral que lhes é commum, e os completa um pelo outro. Antes de os examinarmos, estudemos a solução que o ensinamento provindo d'estes milagres póde trazer a um dos embaraços mais graves da sociedade actual : a saber : a multiplicação e partilha dos haveres.

O problema consiste em manter a todo um pôvo : da primeira vez são cinco mil homens; da segunda quatro mil, mais as mulheres e as creanças; o que duplicou certamente as cifras, pelo menos. Para supprir ás exigencias, nada ha. Está-se no deserto; e os Apóstolos, representantes do Poder, sobresaltaram-se. Propoem a Jesus o que sabe propôr a prudencia humana : que despeça aquella turba-multa, para cada qual tratar de si como poder. Responde Jesus : Dae-lhes vós mesmos de comer.

Então, resolvem os Apóstolos comprar pão, e querem empregar generosamente na compra tudo que possuem. Desanimam-se, ao reflectirem, que, ainda quando empregassem em tal compra duzentos dinheiros de prata (sem duvida muito mais do que dá a bolsa commum), nem assim conseguiria cada um alcançar um fragmento de pão. Comtudo, é preciso escolher : ou deixar o pôvo aperceber-se como poder, não pensar nos pequenos e desvalidos, e sacrificar os pobres; ou atirar para o sorvedouro a economia geral, e sacrificar o rico; e nem bastará, ainda assim, tal sacrificio.

É lembrado um terceiro expediente, mas muito a medo, pois parece inefficaz. Por entre todo aquelle pôvoleo descobriram um abastado, um moço que tem de seu cinco pães de cevada, e dous peixes. É mais do que elle carece só á sua parte. Trata-se de despojar aquelle rico, por ter de mais, em favor dos que nada possuem; trata-se de pôr no monte commum a abundancia d'aquelle privilegiado, os seus cinco pães de cevada, e os seus dous peixes. — Mas, suggere o proprio inventor do systema, que vale isso, para ser repartido por tantas boccas?

D'esta forma se apresenta o problema : desamparar o pobre, sustental-o algum tempo a expensas do Estado, com detrimento do Estado; e despojar o rico, sem o minimo proveito para pessoa alguma, e sem ao menos salvar o Estado. Cada dia se encontram os governos mais apertados pela fatalidade d'esses abysmos; e não ha sciencias politicas que lhes possam achar saída.

Na historia evangelica é Jesus quem intervem. Acha-se compromettido com aquelle pôvo que o seguiu para o deserto a escutar-lhe a palavra, e que, por conseguinte, cumpriu o preceito de « buscar em primeiro lugar « o reino de Deus. »

Antes de mais nada o que faz é ordenar aos Apóstolos que formem por ordem aquella turba, a distribuam em filas de cem e de cincoenta, e a mandem sentar na herva verde (symbolo das cubiças, que é forçoso desprezar). Depois, quando aquelle gentio todo assim se vê ordenado, por forma que está cada rebanho e cada individuo sob a direcção de um pastor, manda Jesus que lhe tragam aquelles mesmos miseros víveres encontrados, e lança-lhes a sua benção. A Elle é que são trazidos, visto que a Elle pertencem, como creadôr de todo o bem, e senhor de toda a creatura; abençôa-os levantando os olhos ao céo, por ser de Deus que toda a benção e todo o acrescentamento se deve esperar; distribue aquelles mantimentos por mão dos Apóstolos, porque só Elle tem o direito de dispôr d'elles; e bastam, uma vez que os multiplicou a sua benção; e até sobejam, depois de farto cada qual, visto que o Senhor tudo confere com abundancia, e dictou a lei que diz que nunca a esmola empobreceu a quem a faz, e muita vez até pelo contrario lhe traz riqueza.

Tal é a economia social do Evangelho : inspirar primeiramente aos povos o gosto das cousas divinas; distribuil-os em ordem, e dar-lhes pastores; ensinar-lhes a ter em nenhuma conta as cubiças que os tornam insaciaveis; e supplicar a Deus que abençôe e multiplique as verdadeiras riquezas materiaes, necessarias á existencia. Parece hoje desprezivel essa economia do Evangelho; mas o que é certo é que se abriu o golphão do pauperismo, e ha quem proponha a serio para esse mal o remedio do communismo. Já porém se póde hoje prever que as instituições communistas hão de mais facilmente abrir circos, do que produzir pão.

O sentido mystico de ambas essas multiplicações, é, como com outros milagres succede, o cumprimento da Lei pela instituição da Eucharistia, e pelo ministerio da Igreja.

« Tenho dó d'essa gente, » exclama Jesus antes de operar o segundo milagre; « nada tem que comer; e se os eu despeço com fome, hão de « faltar-lhes as forças pelo caminho, porque muitos d'elles vieram de bem « longe. » Diz-se n'outra parte, que Jesus olhava para elles cheio de compaixão « pelos ver andar errantes, como ovelhas sem pastor. » Ora

Jesus vem a este mundo para os alimentar, e dar-lhes os pastores que houver escolhido; e elle é que ha de ao mesmo tempo ser-lhes alimento supremo e eterno, e supremo e eterno pastor.

O primeiro milagre sustentou a cinco mil pessoas, todas d'aquella terra. É o numero dos homens a quem a prégação de S. Pedro tem de converter, e que todos hão de ser Judeus. Ao milagre segundo assistem quatro



Fig. 60. — Segunda multiplicação dos pães. Os sete cabazes cheios depois de se haverem fartado os quatro mil homens, figuram a multiplicação do pão eucharistico. Fresco das catacumbas, cemiterio de Ardeatino.

mil pessoas « chegadas de longe. » Já até por esse numero de quatro mil se figura aqui a conversão dos gentios, que de todos os pontos da terra haviam de affluir, e, como diz a Escriptura, « dos quatro ventos. »

Da primeira vez, os Apóstolos é que pensam nas urgencias d'aquelle pôvo; e pensam, com o sentido de o despedirem para que vá procurar a sua vida. É o caracter do sacerdocio judaico. Nada tinha que dar aos « forasteiros, » e pouco aos demais. Comtudo aquelle empenho em os mandar embora sempre revela algum cuidado no bem d'elles; tambem Patriarchas e Prophetas intercediam a Deus em favor do pôvo de Israel.

Da segunda vez, com quanto ali estivesse a turba desde muito tempo, e o deserto fosse bem mais arido, ninguem sonhara que se podesse padecer fome. Quem pensou em tal foi somente Jesu-Christo; só elle teve pena da multidão das nações. Encara n'ellas com affecto, e diz : « Não « quero que se vão sem alimento; podiam caír de fraqueza pelo ca- « minho. »

No primeiro milagre havia cinco pães de cevada; no segundo sete pães de frumento. Podiam os Evangelistas, diz S. Cyrillo, contentar-se com dizerem ter o Salvador mantido uma turba numerosa com o pouco alimento que uma creança podia levar; mas isso mesmo de assim marcarem com tanta exacção o numero e qualidade dos pães, mostra que todas essas circumstancias encerram mysterio.

Com effeito, aquelles cinco pães do milagre primeiro são os ritos da Lei antiga, contida nos cinco livros de Moisés, livros onde o pôvo judaico ia haurir o seu alimento espiritual; e os outros sete do segundo milagre symbolizam a Lei evangelica, segundo a qual a *septiforme* graça do Espirito Santo é distribuida a todos os fieis pela parenése e pelos sacramentos. Aquelles sete pães figuram os sete sacramentos instituidos por Jesus para conforto dos christãos na sua viagem para a eternidade.

N'essa refeição até vem symbolizado o proprio Christo. O peixe passado pelo fogo figura Jesu-Christo depois da paixão (fig. 61). É tão antigo como a Igreja aquelle symbolo. Indicam os dous peixes os dous caracteres, de sacerdote e de victima, unidos na cruz pelo Senhor. Do merecimento infinito da sua immolação, é que que os cinco pães de cevada e os sete de frumento, os ritos da Lei mosaica e os sacramentos da Lei evangelica, assumem a efficacia que tem para a salvação das almas.

Não quiz Jesus tirar do nada, como bem podéra, os pães com que sustentou aquella turba; nem quiz ordenar que baixassem do céo, como o manná, em quantidade que bastasse. Por uma parte, o pão já descêra, existia tal como elle pretendia offerecel-o; era elle proprio: multiplica-o, por um milagre tão notavel como a creação, só para de novo significar que é Elle em pessoa, e que isso que dá é a sua substancia propria. Por outra parte, no receber realmente os pães e os peixes das mãos dos Discipulos, vai novo ensino : por esse acto, associa o homem á sua obra, como o fez em outras muitas vezes, nomeadamente por occasião da instituição do Apostolado; confirma o ministerio da Igreja; completa, em summa,

o symbolo que lhe aprouve outorgar, e torna mais palpaveis as verdades em que pretende doutrinar-nos. Nos sacramentos, não cria; recebe da Igreja a materia de que são formados os sacramentos.

Na posse dos Discipulos eram aquelles pães sem sabor, insufficientes, inuteis; entre as mãos de Jesus, e graças á benção de Jesus, multiplicam-se, assumem virtude maravilhosa, chegam, e até sobejam. Assim é que o pão, a agua, o vinho, o oleo, materia dos sacramentos, são em si mesmos incapazes de produzir effeito algum moral; mas a benção de Jesu-Christo



Fig. 61. — O peixe immolado, symbolo da crucifixão de Jesu-Christo. Fresco das Catacumbas.

communica-lhes a virtude de conferirem a graça que tanto satisfaz a alma, e tanto a enche de força espiritual.

CEGO DE BETHSAIDA, A CONFISSÃO DE PEDRO, O THABOR.

Continuavam Phariseus e Sadduceus, irreconciliaveis entre si, mas em perfeito concerto contra Jesus, no empenho de lhe arrancarem a confiança popular, para haverem depois de lhe arrancar mais facilmente a liberdade e a vida.

Todos juntos o procuraram, e lhe pediram, outra vez ainda, algum prodigio no céo. Respondeu-lhes Jesus, que ler no céo os prenuncios da borrasca ou do bom tempo, isso bem o sabiam; mas que a sua hypocrisia d'elles é que lhes vedava o conhecerem o tempo em que viviam, e discernirem o justo do injusto. Queria dizer que lhes não convinha reconhecer ter chegado a era do Messias. Soltou um suspiro, e declarou outra vez, que raça tão perversa não havia de obter outros prodigios senão o de Jonas; e deixou-os.

Transferiu-se para Bethsaida, onde curou um cego, com a circumstancia especial, de que essa cura, em vez de repentina, foi gradual. Tomou Jesus

ao enfermo pela mão, levou-o para fora do povoado, poz-lhe saliva nos olhos, impoz-lhe as mãos, e perguntou-lhe se via. Respondeu o cego : « Vejo passar uns homens, que se me afiguram como arvores. » Impoz-lhe Jesus outra vez as mãos nos olhos; e o cego entrou a ver, e ficou bom. Então mandou-o Jesus para a sua pousada.

São essas circumstancias dedicadas á instrucção dos prégadores e ministros do Evangelho. O Salvador, diz Beda, toma o cego pela mão, afim de o tornar capaz da pratica das bôas obras. Condul-o para fora da cidade; é que o homem sequestrado ao mundo medita bem melhor as doutrinações divinas; e quem desejar que o allumie a luz eterna deve seguir a Jesus para o ermo. Se Jesus não deu vista áquelle cego com uma palavra tão somente, é que pretendeu mostrar a profundeza das nossas obcecações; quiz que os seus sacerdotes aprendessem a não desesperar, antes a redobrar esforços, orações, e paciencia, visto que o ignorante e o peccador, só por graus, a bem dizer insensiveis, conseguem chegar á visão da verdade. Junta o Senhor a saliva á imposição das mãos; assim procede todos os dias; isto é : ensina os homens por duas maneiras : já pelos dons invisiveis do Espirito, já pelo sacramento visivel da sua encarnação.

Passado tempo, determinou o Senhor pôr em prova a fé dos seus Apóstolos. Indo de caminho pelas cercanias de Cesarêa, perguntou-lhes de repente : « Quem dizem por ahí que vem a ser o Filho do homem? » Tornaram-lhe elles : « Querem uns que seja João Baptista; outros, Elias; « outros, Jeremias; pensam outros tambem ter ressuscitado um dos pro- « phetas antigos. » — « E vós? » — perguntou Jesus; e respondeu Simão-Pedro : « Vós é que sois Christo, o Filho do Deus vivo. »

E atalhou Jesus : « Feliz de ti, Simão, filho de Jona, porque não foi « a carne nem o sangue que t'o revelaram, foi sim o meu Pái, que está « no céo. »

Aquelle distinctivo de « filho de Jona, » attribuido ao Apóstolo, assume da circumstancia actual especial valia. Filho de Jona quer dizer *filho da pomba*. Não se trata aqui de Jona, pái de Simão-Pedro segundo a carne e o sangue; trata-se da graça que recebeu Pedro, e em virtude da qual o Espirito de verdade, a Pomba que no Jordão appareceu, gerou n'elle a palavra da verdade.

Acrescentou Jesus : « Pois digo-te eu que és Pedro, e sobre essa pedra « é que hei de edificar a minha Igreja; e contra ella não hão de valer as

« portas do inferno. Hei de entregar-te as chaves do reino dos céos. E « tudo quanto na terra ligares ficará ligado no céo; e tudo quanto na terra « desligares, tambem no céo ficará desligado. »

Depois de tal declaração, e tal promessa, prohibiu expressamente aos Apóstolos que dissessem a quem quer que fosse que era elle Christo; e logo, sem lhes deixar tempo de formarem qualquer ideia agradavel da gloria que os esperava, rasgou o veo do porvir, e mostrou lhes o Calvario. « Desde então começou a declarar-lhes que tinha de ir-se a Jeru- « salem padecer a Paixão, ser condemnado pelos anciãos, pelos Principes « dos sacerdotes, pelos Escribas, ser morto, e ressuscitar ao terceiro dia. » Assim lhes fallou elle, com esta lizura. Pedro é que não podia acabar comsigo que tal acreditasse.

Senhor, não! dizia elle; tal não praza a Deus! tal não ha de acontecer! Jesus porém olhou para os Discipulos, e bradou a Pedro em tom de ameaça : « Retira-te, Satanaz, não provoques escandalo, porque não tens « amor ás cousas de Deus. » Pedro, que bem sabia como Jesus lhe estava lendo no coração, nem retorquiu, nem se justificou; e o mesmo fizeram os companheiros.

Jesus então mandou que se approximasse o pôvo, e proferiu estas solemnissimas palavras, que sobrelevam com a sua divina elevação a tudo quanto possam dizer os doutrinadores mundanos :

« Quem quizer seguir-me as pisadas, renuncie de si proprio; traga a « sua cruz, e siga-me. Porque todo aquelle que desejar salvar a vida (á « custa do que me dever) tem de perdel-a; ao passo que, se a perder « por mim e pelo Evangelho, ha de salval-a. E de que aproveitaria ao « homem lucrar um mundo mas perder a alma? »

Isso é que n'esse dia foi ensinado, ali, sobre o pó d'aquella estrada, nos arrabaldes da mesma Cesarêa, que já não existe. Assim era que Jesus aquecia a terra em lume novo, e educava a Pedro, aos Discipulos, e ao mundo, ou, mais á propria, creava a nova humanidade.

Terminára a sua pratica, annunciando que varios d'entre os Discipulos não tinham de morrer antes de verem o reino de Deus. Passados oito dias, cumpriu-se a promessa. Levou comsigo Pedro, Thiago, e João, e foi-se com elles para um ermo, na cima de um monte, e poz-se lá em oração. Em quanto orava, appareceu transfigurado. Resplandecia-lhe a face, como se fôra o sol; rutilava-lhe o vestido com um luzir branco e vivo como o

da neve. Junto d'elle dous vultos magestosos, que eram Moisés e Elias, fallavam-lhe na morte que elle havia de padecer em Jerusalem. Pedro, como fora de si, disse a Jesus : « Mestre, que delicia que é estar aqui! « ergamos tres tendas, uma para vós, outra para Moisés, outra para « Elias. » Sentiam-se os Apóstolos perturbadissimos, afflictos, e n'um estado, que era meio terror, meio alegria. Ainda Pedro fallava, sem quasi atinar ao certo com o que dizia, quando uma nuvem luminosa envolveu a Elias e Moisés, e d'ella baixou uma voz, que bradava : « Esse é o meu « dilecto Filho, em quem puz toda a minha alegria; escutae-o! escutae-o! » Caíram prostrados os Apóstolos, e com o rosto para o chão. Ao tornarem a erguer-se por assim lh'o ordenar Jesus, viram-n'o só. Suspendêra aquelle resplendor celestial, que tendia sempre a invadir-lhe a humanidade; esse é que era o estado proprio e natural do Filho unico de Deus; mas elle, pela sua omnipotencia, continha-o no seu intimo, para que não offuscasse a victima, o Filho do Homem. O milagre não consistia n'esse dardejar dos divinos clarões, mas sim em que a natureza humana os conseguisse dominar, e, por que assim o digamos, afogar.

Aquelles tres que tiveram a visão no monte Thabor, Pedro, Thiago, e João, são os mesmos a quem Jesus já retivera junto a si, para testemunhas da resurreição da filha de Jairo. Havemos de vel-os ainda outra vez, como em cathegoria separada, no jardim das Oliveiras á hora da agonia. Era Pedro a cabeça da nova alliança; havia de ser Thiago o primeiro martyr da ordem dos Apóstolos; e quanto a João, symbolizava as virgens que por toda a parte seguem o Cordeiro; e aquelles tres, formando o sagrado numero, eram o typo mais perfeito do sacerdocio definitivo que ia nascer aos pés da Cruz.

Só depois da Paixão devia manifestar-se a gloria do Homem-Deus. Ordenou Jesus ás suas testemunhas do Thabor, que nada revelassem do que tinham presenceado, a não ser quando já o Filho do Homem houvesse resurgido dos mortos. Obedeceram-lhe; mas como lhes não fôra prohibido que entre si conversassem do caso, a si proprios perguntavam que significava aquella phrase *quando houvesse resurgido dos mortos.* O que tão claro se nos ostenta a nós hoje, não era claro então para elles. Como não tinham ideia de um segundo advento, tinham para si que a morte do divino Mestre havia de pôr termo a todas as obras d'elle n'este mundo; e admiravam-se de que Elias, que devia preceder ao Messias, não tivesse ainda

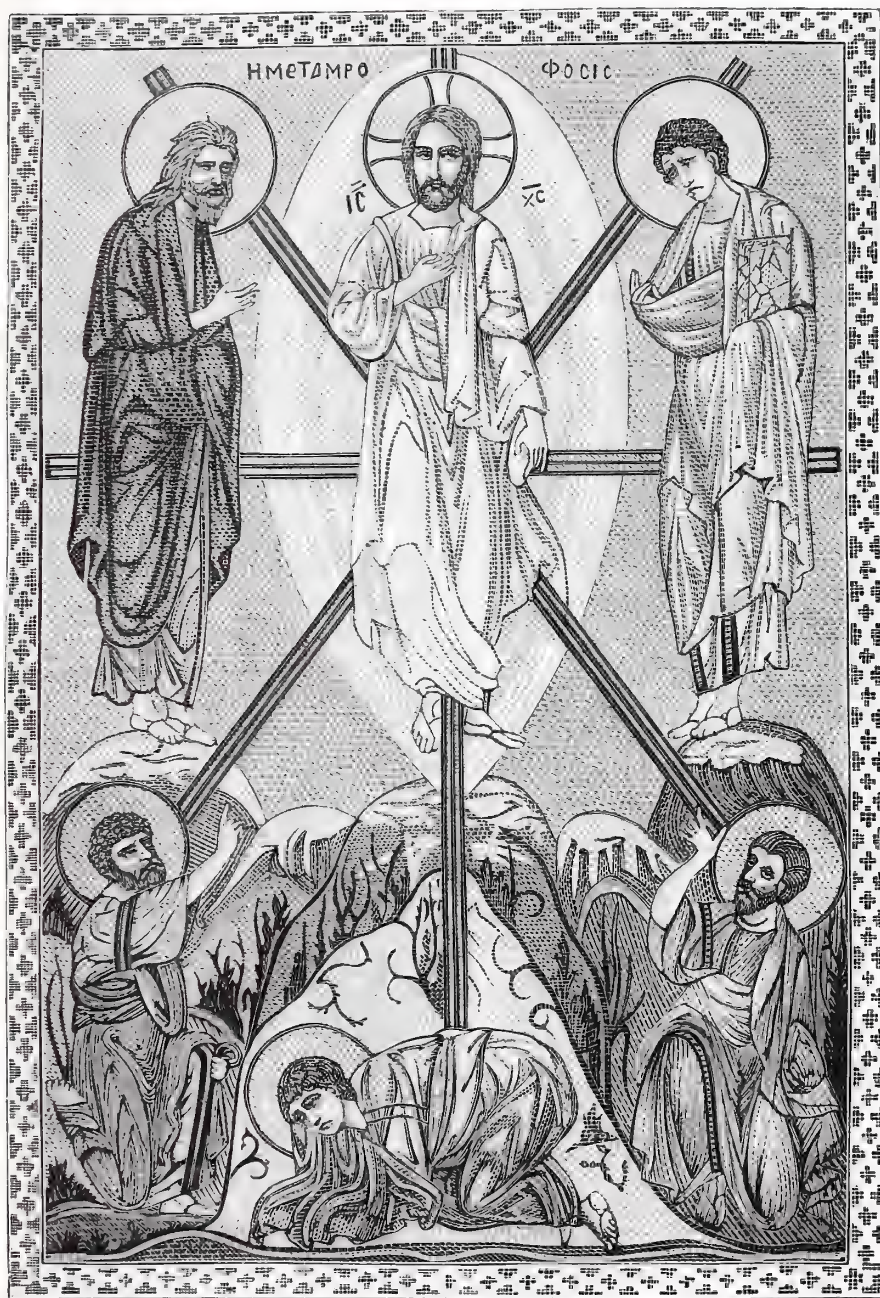


Fig. 62. — Transfiguração de Nosso Senhor. Aos dous lados de Jesus resplandecente, Moisés e Elias; ao pé da cruz, Pedro, Thiago, e João. Mosaico grego em cubos de marmore do principio do seculo XII. Museu do Louvre.

tornado a apparecer no mundo. Disse-lhes Nosso Senhor, que viria com effeito Elias restabelecer todas as cousas, e havia de ser, do mesmo modo que o Filho do Homem, perseguido e vilipendiado. Referia-se ao segundo advento. E acrescentou : « Porém, digo-vol-o eu, Elias já veio, elles não « o conheceram, e fizeram-lhe padecer tudo que entenderam dever infligir- « lhe; e é tambem assim que hão de tratar o Filho do Homem. » Perceberam elles que Elias era João Baptista, cuja morte violenta cada vez mais ao certo prophetizava a paixão do Messias.

Descendo as encostas do Thabor, d'esta arte prenunciava Jesus, e com tanta clareza, o seu fim proximo. Por aquellas palavras, que a um tempo os inundavam de sombras e de clarões, recebiam os Discipulos uma doutrina, que só pelo correr do tempo haviam de entender. Já ali possuiam inteiro o tão preconisado Christo, com as suas ignominias, com a sua gloria, com os attributos da divindade, e as mesquinhezas da humanidade; não tardará muito que reconheçam o Christo dos Prophetas, o Deus da força, e ao mesmo tempo o miserrimo dos homens, sentado no cume do céo, e pregado n'uma cruz. Formidaveis contraposições, ainda incomprehensiveis, já contidas porém no nome só de Jesus, *o Salvador!*

Salvador, não o podia elle ser, senão salvando os homens das consequencias dos peccados, pagando por elles, tomando para si o rigor do castigo. Tinha de humildar-se; tinha de padecer; tinha de ser Deus; e havia necessariamente de ser ao mesmo tempo outra cousa diversa de Deus.

Se só tivesse sido Deus, — phrase na verdade singular! — não se preenchia a condição das humilhações e dos padecimentos. Mas a ser tão sómente uma simples creatura humana, que novos impedimentos não surgiam tambem!

Que proporção podiam ter as dôres de uma creatura comparadas com os direitos da infinita justiça? Que affecto e gratidão lhe haveria consagrado o genero humano? Quem poderia hoje acreditar em que um tão estranho holocausto houvesse sido offertado e aceito, satisfazendo plenamente ao seu intuito?

E em summa, seja qual fôr a valia do homem Justo, com que direito se exigiria uma tal satisfação? O genero humano, embora creado por Deus, nada é perante Deus; e ainda assim, com relação ao mundo não é todavia tão vil, que uma simples creatura humana podesse redimil-o todo, para

sempre, desde o primeiro vivente peccador, até ao derradeiro que viver e peccar. Ha quem se atreva a asseverar que Deus não tinha direito de transigir em semelhante litigio entre o homem e Elle. Uma de duas : ou no seu desprezo por nós devia Deus contentar-se com o sangue de victimas irracionaes, e até com a oblata dos frutos da terra, ou a sua divina justiça havia de exigir obrigatoriamente o sangue de um Deus. Por outra : ou não houve Redempção, ou Christo é Deus, e então esse Deus é homem ao mesmo tempo que é Deus.

Hoje em dia até creanças sabem estas verdades divinas. Os Apóstolos porém só tinham d'ellas noções confusas; jaziam adormecidas na consciencia d'elles, á espera de que o Espirito-Santo as viesse animar. N'isso mesmo, de fazer aguardar a cooperação do Espirito da luz, professava ainda Jesu-Christo uma grande lição. Dava-nos a saber que o ensino exterior só é proveitoso quando se lhe vem juntar o luzeiro interior. Não foi pois sem motivo e sem fruto, observa um commentador, que elle annunciava aos Discipulos verdades cujo nexo lhes deixava por então ficarem ignorando. Era como que ir gravando n'elles lettras mysteriosas, de que só o Espirito-Santo lhes daria a chave. Tudo aprenderam de Jesus, e tudo vieram a entender por graça do Espirito-Santo; e n'esse sentido é que se diz que o Espirito-Santo lhes « ensinou tudo. »

CREANÇA LIBERTADA DO DEMONIO, O DIDRACHMA, PRECEITO DO PERDÃO.

Ao passo que Jesus ia descendo da montanha, vinha-se acercando d'elle uma grande multidão. Diz o Evangelho de S. Marcos, que ao avistal-o, « todos se tomavam de assombro e susto. » Trazia em si mesmo talvez ainda algum resplendor dos lampejos que tinham derrubado no chão os tres Apóstolos.

Atirou-se-lhe certo homem aos pés, supplicando-lhe que lhe livrasse um filho, possesso do demonio, visto que os Discipulos não tinham conseguido expulsar o espirito maligno. Ordenou Jesus que lhe trouxessem o doente. Era um rapaz muito novo. Desde menino que o atormentava o demonio, que mais de uma vez já tinha atirado com elle para dentro da agua, e para dentro do lume a fim de o matar. N'aquelle mesmo momento rebolava-se

o filho, e escumava. — Se tendes poder para tanto, disse o pái a Jesus, tende dó de nós, e valei-nos!

Ouvindo aquella supplica, de fé tão tibia, respondeu Jesus : « Se podeis « acreditar, tudo é possivel a quem acredita. » Com lagrimas lhe volveu o pái : « Creio, Senhor; auxiliae a minha descrença! » Mandou então Jesus ao demonio que saisse do corpo d'aquelle moço, e nunca mais lá entrasse. Primeiramente soltou altos brados o espirito immundo; depois, passada a violencia do estrabuchar, ficou o rapaz por terra, immovel, a ponto de o julgarem morto. Tomou-o Jesus pela mão, ajudou-o a erguer-se, e desde logo se viu curado.

Dos pormenores a que descem os Evangelistas se deprehende que ahi, como sempre, o que Jesus procura é fazer brotar a fé. A sua resposta ao pái afflicto corresponde á supplica d'este, toda ella repassada de duvida. Em vez de lhe conceder logo logo a cura, como fez ao leproso (por ter implorado cheio de confiança), obriga-o a descrever ali a tal terrivel enfermidade, com que os Discipulos não lograram acabar; e permitte que na sua presença o doente padeça o seu mal. No emtanto, lavra fundo aquelle mal; pinta uma alma entregue toda ao peccado; e para a livrar, nada menos é mister que o poder do proprio Deus. Mas que monta? se ali está Deus! e todas as vezes que o soubermos invocar, vel-o-hemos descer da sua montanha até nós.

Da idade do enfermo, a padecer desde menino, infere Santo Agostinho uma prova do peccado original, contra o pelagiano Juliano, o qual tinha para si que todos os homens nascem immaculados de peccado, e de todo innocentes, como Adão ao tempo da creação do mundo. Como poderia o possesso padecer aquelle tormento desde pequenino, se não existisse n'elle macula alguma do peccado original? Que peccado tinha elle podido commetter que lhe pertencesse a elle? Tambem o veneravel Beda faz ver que Jesus, só pelo contacto da mão curou aquelle de quem o inimigo fizera já uma semelhança de cadaver; e por ahi, por esse verdadeiro contacto, fica refutada a insensatez de Manes, quando nega estar o Senhor revestido da mesma carne que nós. Não é porém somente n'este passo, é sempre, que o Evangelho rebate e ha de rebater a todas as heresias.

Comtudo perguntaram os Apóstolos ao Senhor, porque lhes resistira a elles aquelle demonio. Respondeu Jesus : « Por causa da vossa debil fé. » Tornaram elles : « Senhor, pois accrescentae-a em nós. » — « Se a vossa

« fé, proseguiu Jesus, fosse igual a um grão de mostarda, dirieis vós a « essa planta : Desraiza-te, e transplanta-te para o mar; e a arvore havia « de obedecer-vos. Sim, em verdade; bastava que a vossa fé igualasse um « grão de mostarda. E se então dissesseis áquella montanha : Passa d'ali « para acolá, ella passava; e nada para vós era impossivel. » Para os doutrinar com mais especialidade em tudo que havia pouco ali se dera, acrescentou que a tal especie de demonio que lhes soubera resistir, só se expulsa a poder de orações e jejuns. Ha a este respeito uma notavel phrase de S. João Chrisostomo. Diz elle, que nada excede em força ao homem que ora como deve orar. Quem orar como deve orar, e jejuar tambem, de pouquissimas cousas carece. Tem duas azas mais veleiras que o vento, e paira muito por cima da terrestre natureza.

Creio, Senhor; ajudae vós a minha incredulidade! Senhor, acrescentae a nossa fé! Profundas orações; triumphaes palavras. Quem sondar a primeira, ficará conhecendo a verdadeira chaga e a verdadeira necessidade da sua alma; quem houver sido despachado ao pronunciar a segunda, ha de reinar.

Ia em augmento, como elles o tinham supplicado, a fé no coração dos Apóstolos, a não ser pelo que toca á parte dolorosa do mysterio de Jesus. Do seu poder não duvidavam elles; tão poucas eram as provas que todos os dias lhes eram dadas! mas aquelle mesmo reiterar de milagres ainda lhes difficultava o crerem e comprehenderem que elle houvesse de padecer.

Levava-os o Senhor caminho de Capharnaú, onde elle queria ir-se pela ultima vez. Aquella sua ida era um triumpho; celebravam os povos o homem enviado de Deus, que vinha sarar todos os enfermos, e tinha imperio nos demonios. Disse Jesus aos Discipulos : « Quanto a vós, gravae « bem no fundo da alma isto que vos eu digo : O filho do Homem tem « de ser entregue. Hão de matal-o, e depois de morto ha de resurgir ao « terceiro dia. »

Vinha a aproximar-se o tempo dos opprobrios; era mistér preparar para elles aquelles corações, a quem tamanhas maravilhas como que innebriavam. Era mistér, por meio d'aquellas predicções repetidas, convencel-os de que a paixão e morte do Filho de Deus haviam de ser plenamente voluntarias, uma vez que o proprio que podia prevel-as, tambem facilmente as saberia evitar. Mas ainda não comprehendiam; e aquellas phrases descon-

solavam-n'os. Iam ferir ao mesmo tempo a justa ambição d'elles, e o affecto que ao seu Mestre divino consagravam. Esperavam, e receavam; nem se atreviam a interrogal-o áquelle respeito.

Relatam os Evangelhos um unico dos milagres operados por Jesus em Capharnaú, durante esta sua ultima permanencia; n'esse milagre transparece o poder do Filho de Deus, e a humildade do Filho de Maria.

Os cobradores do tributo de duas drachmas levantado para a manutenção do Templo, fizeram por alcançar saber de Pedro se o Mestre o pagava tambem. Foi logo Pedro ter com Jesus para o avisar; preveniu-o porém Nosso-Senhor. Perguntou-lhe de quem é que os soberanos temporaes cobram os impostos : se dos seus filhos, se dos alheios. Volveu Pedro : Dos alheios, Senhor. — « Estão portanto isentos d'elle os filhos. Comtudo, « acrescentou Jesus, para lhes não darmos escandalo, vai tu deitar o anzol, « e apanha o primeiro peixe que morder; has de encontrar-lhe na bocca « uma peça de quatro drachmas. Dá-a a esses cobradores, por mim, e « por ti. »

Jesus, conforme diz Origenes, não trazia comsigo numerario de Cesar; o principe mundanal nada tinha que ver com elle. Por isso tomou do fundo do mar, e não do que possuisse, a moeda com que satisfez o tributo. Não quiz recusar-se ao tributo, mas tambem não o pagou de um modo vulgar. Primeiro observa que o não deve; e só então é que o paga. Paga para não dar escandalo aos recebedores; mostra-se livre, para não dar escandalo os Discipulos.

Com essas recrescentes mostras e provas de divindade, esvaneciam-se nos Discipulos as suas aprehensões. Surgiu entre elles uma contestação sobre qual valia mais que os outros. Conhecendo-lhes o pensamento, perguntou-lhes o Senhor, alguns instantes depois, sobre que versara a discussão; não ousaram responder. Previam quanto elle condemnaria aquellas ambições. Disse lhes elle então : « A querer algum de vós ser o primeiro « entre os mais, seja esse o ultimo de todos, o servidor de todos os « companheiros. » E tomando pela mão uma creancinha, que ali collocou entre os Discipulos, exaltou a candura e singeleza da meninice : « Todo « aquelle que se tornar pequenino como esta creança, ficará sendo o « maior no reino dos céos (fig. 64). »

Depois d'este ensino de humildade, fallou-lhes da caridade tambem. N'essa occasião é que elle apresentou a dôce parábola do pastor, que de-



Fig. 63. — Ordena Jesus a S. Pedro que pague o tributo. À esquerda vê-se o mesmo Apóstolo, que por ordem do Mestre vai tirar uma peça de quatro drachmas da goela de um peixe. À direita vê-se o Apóstolo entregando-a ao recebedor. Fresco de Masaccio, na igreja del Carmine, em Florença, século XV.

sampara o rebanho inteiro no monte, e se abala em procura da ovelha desgarrada. Tambem lhes deu então o adoravel preceito de nunca haverem de recusar o perdão.

N'aquella intimidade com os seus Apóstolos e Discipulos, consentia que o interrompessem e o interrogassem. Perguntou Pedro : Quantas vezes hei de eu perdoar a um irmão meu que me haja offendido? até sete vezes? Respondeu Jesus : « Não te digo que lhe perdoes sete vezes, mas setenta « vezes sete vezes. » Quer dizer, sempre. Não foi sem motivo que a Pedro se dirigiu esse preceito soberano. Devia o chefe da Igreja ser o dispensador inexhaurivel de todo o perdão.

PRÉDICAS NO TEMPLO, A MULHER ADULTERA.

Por aquelle tempo, foi Jesus á festa dos Tabernaculos, uma das tres que os Judeus haviam de celebrar em Jerusalem. Foi para lá como que em segredo, depois de ter deixado incerta a sua decisão; porque ainda não chegára a hora de consentir se cumprissem os designios dos que o pretendiam matar.

Pelo caminho reconheceram-n'o dez leprosos, que andavam a monte para cumprirem com o que lhes era comminado; e bradaram-lhe : « Jesus, « Senhor nosso, amerceae-vos de nós! » — « Ide, lhes tornou elle, apre- « sentae-vos perante os sacerdotes. » Porque todo o leproso depois de curado devia ir receber a purificação do sacerdote, e levar uma offerenda. Partiram-se logo, e acharam-se bons. Volveu um d'elles para traz, e prostrando-se ao bemfeitor, com o rosto no chão, rendeu graças. Era um Samaritano; os demais eram Judeus. Fôram ingratos, instigados talvez pelos Escribas, que andavam sempre á volta de Jesus. Perguntou o Senhor : « Pois não ficaram sarados todos os dez? e onde param os « nove? só este é que tornou, só este deu graças a Deus. » E disse depois ao Leproso : « Levanta-te, vae, salvou-te a tua fé. » É a fé cousa elevadissima, que sabe alcançar não só a cura corporal, mas a salvação espiritual.

Chegado que foi a Jerusalem, entrou Jesus a doutrinar no Templo. Lavravam no pôvo muitas dissidencias a seu respeito. Bem predissera o velho Simeão, que havia Jesus de vir a ser um signal de contradicção no

mundo. Curvavam-se porém todos á sabedoria immensa d'aquelle seu fallar; e todos, tanto os amigos como os inimigos, pasmavam de tamanho saber e tamanha eloquencia em homem sem estudos. Disse-lhes elle : « Não é minha esta doutrina; é d'Aquelle que me cá enviou. Quem lhe « quizer fazer a vontade a elle, ha de reconhecer se estas doutrinas são de « Deus, ou se eu apenas fallo por mim. Todo aquelle que em seu nome « falla tem em mira a sua gloria pessoal; mas quem quer que só põe



Fig. 64. — Disse Jesus : Todo aquelle que se tornar tão pequenino como esta creança, ha de ser do maiores no reino dos céos. Overbeck, *Evangelho illustrado*, Paris, Schulgen.

« mira na gloria d'aquelle de quem é mero enviado, falla verdade « sempre. »

Como bem conhecia as accusações levantadas contra elle pelos Phariseus e Escribas, com respeito ao Sabbado, desde o caso da cura do Paralytico, deu-lhes provas concludentes, de que se não violára a Lei por aquelle acto misericordioso, mas antes, de que elles é que a violavam, por não julgarem com equidade. Perguntou-lhes porque lhe machinavam a morte? Doendo-se de que assim os descobrissem, bradaram alguns : Quem é que machina a vossa morte? vós é que estais possesso do demonio.

Havia quem se inclinasse a crer que era elle Christo; mas atalhavam aquelles ignorantes : Nós bem sabemos d'onde é esse homem; e quando Christo fôr vindo, ninguem ha de saber d'onde veio. Vinha provavelmente o engano d'elles de uma interpretação demasiado litteral d'aquelle texto de Isaïas, que pergunta : *Quem ha de poder contar a geração d'elle?* quando o Propheta só se referia ao mysterio da sua geração eterna.

Bradou Jesus em voz alta : « Sabeis vós quem eu sou, e d'onde vim; « não vim de mim proprio; Aquelle que me enviou é verdadeiro; vós é « que o não conheceis. Quanto a mim, conheço-o, visto que d'Elle é que « provim. »

Conheceram os Judeus que n'aquelle seu fallar se dizía Jesus Filho de Deus, e se egualava ao proprio Deus. Com quanto os partidarios d'elle, por temor não manifestassem claramente a sua fé, deixavam-n'a entrever; e eram numerosos assim mesmo. Diziam muitos d'entre a turba : Quando vier Christo fará por ventura mais milagres? Entenderam os Phariseus e os Principes dos sacerdotes não deverem deixar arraigar-se aquelle sentimento. Para atalhar ao mal crescente, mandaram homens apoderar-se de Jesus. Elle porém, sem que esses actos prematuros e impotentes o amedrontassem, disse para quem o rodeara (talvez para os proprios encarregados da sua captura) : « Ainda por algum tempo me detenho entre vós; « parto depois para Aquelle que me enviou; heis de procurar-me, sem « me encontrar; e lá *onde eu estou* não saberieis chegar vós. »

Onde eu estou, *ubi ego sum;* palavras de Deus. Jesu-Christo presente e fallando cá na terra, acha-se tambem no céo, onde nunca cessa de habitar.

Durava uma semana inteira a festa dos Tabernaculos. No ultimo dia ia-se buscar agua á fonte de Siloé, e derramava-se no altar, supplicando a Deus a abundancia dos frutos da terra. N'aquelle dia, conforme ao seu uso de sempre tomar assumpto das circumstancias proximas, disse Jesus erguendo a voz : « Se ha ahi quem tenha sêde, que venha a mim, e beba. « Do coração dos que em mim crerem hão de brotar caudaes de agua « viva. » Referia-se ao Espirito-Santo, que havia de ser dado aos que n'elle acreditassem.

Giravam mesclados entre o pôvo os encarregados de capturarem a Jesus; mas nem n'esse dia, nem nos antecedentes, se atreveram a cumprir o mandado. Ás increpações dos Phariseus e dos Principes dos sacerdotes

responderam : « Ninguem nunca fallou como elle falla! » Perguntaram-lhes aquelles furiosos se tambem se tinham deixado embruxar, como a plebe, e se não reconheciam que ninguem, dos grandes e dos nobres, consagrava estima áquelle Galileu.

Houve no emtanto um d'elles, o senador Nicodemus, que se atreveu a oppôr uma objecção. Invocou a legalidade, por lhe parecer, que nem mesmo um Galileu podia ser julgado sem se saber ao certo o que tivesse feito. Ora qual era o crime imputavel áquelle Galileu? Com essa coarctada mais se irritaram os Phariseus. Tudo leva a crer que era fito d'elles matarem a Jesus sem mais forma de processo, em virtude somente da excommunhão comminada contra elle. « Pois sereis vós tambem por acaso Galileu? — perguntaram elles a Nicodemus; — correi as Escripturas, e heis de ver que da Galilêa não tem de vir propheta algum. » Taes eram os raciocinios d'elles; e á falta de melhores, proseguiam assim : Quem lhe dá ouvidos são os ignorantes e a plebe! É Galileu! — argumentos conservados sempre, e sempre repetidos. Tinha para si o miseravel imperador Juliano, que derrubava o Christianismo com aquella injuria. Os descendentes dos inventores de tamanha parvolez, ainda hoje submersos na ignominia do seu nome de Judeus, apodam a Jesus de *Nazareno*.

Deixou-os Jesus em paz mais os seus embustes, e apartou-se para o monte das Oliveiras. Era seu costume passar lá as noites, durante a sua estada em Jerusalem. Bem o sabia Judas. É o monte das Oliveiras o sitio das fragrancias e da uncção; lugar azado para habitação de Christo, *o ungido com o oleo santo,* de Christo, que nos ungiu a nós com a sua força para as luctas, com a sua graça para o arrependimento dos nossos crimes, e com o seu amor, e com o seu perdão. Representa aquelle monte das Oliveiras a bondade sublime de Jesus. É o fructo da oliveira, como bem affirma Alcuino, consentaneo com tal mysterio : lança-se ao lagar e dá o azeite, signal da misericordia; porque acima de todos os liquidos sobrenada o azeite, como « acima de todas as obras do Senhor figura a sua « misericordia, » segundo está escripto. N'aquelle viver errante de Jesus, só dous lugares podem até certo ponto ser chamados moradas suas : o monte das Oliveiras, monte das misericordias; e a casa de Simão-Pedro, a quem foi ordenado que perdoasse setenta vezes sete vezes.

Tendo pois passado a noite na montanha, logo ao romper da alva do dia seguinte se tornou Jesus para o Templo. Correu a turba a escutal-o.

Ia levado de um como instincto de salvação aquelle pôvo todo, quando corria para o homem que dissera pela bocca do Propheta : *Hei de atrahil-os pelos laços do amor.* Tinha-se já sentado, e estava na prédica; senão quando appareceram os Phariseus, trazendo como de rastos uma mulher, a quem collocaram no meio d'aquelle ajuntamento. — Doutor, disseram elles então a Jesus, a mulher que vedes é uma adultera. Ordena-nos a Lei de Moisés que apedrejemos esta casta de criminosas; que vos parece?

Conforme o que Jesus proferisse, assim se preparavam, ou para o accusarem de desprezo á lei de Moisés, ou de dureza de coração para com os peccadores.

Calou-se Jesus, abaixou-se, e poz-se a escrever na terra com o dedo. Reza uma tradição que escrevia os peccados occultos dos accusadores do adulterio. Querem outros, que se limitasse a traçar alguma breve sentença da Escriptura, applicavel á maldade d'elles; como, por exemplo, aquelle versiculo de Jeremias : *Terra, terra! escreve que esses homens são uns réprobos.* No emtanto, continuavam os Phariseus a interrogal-o, e queriam obrigal-o a responder. Então ergueu-se, e bradou : « Aquelle de vós que « estiver impeccavel atire-lhe a primeira pedra. » E sem olhar para elles, talvez para lhes poupar a vergonha, e dar-lhes tempo de caírem em si, tornou a inclinar o tronco, e a escrever. Quer fosse porque a phrase que ali proferiu bastasse para acordar aquellas consciencias impuras, quer fosse por se temerem de mais explicita declaração, fôram-se indo embora a um e um todos os accusadores, a começar pelos mais edosos. No circulo dos espectadores, diz Santo Agostinho que só ficaram duas pessoas : a miseria, e a misericordia. Disse Jesus á adultera : « Onde estão esses taes « que te accusavam? ninguem te chegou a condemnar? » — « Ninguem, « Senhor, » — volveu ella. — « Pois nem eu; — acrescentou o Salvador, « — não te condemno; vae-te, e de ora em diante não tornes a peccar. »

Avante! tinha já exclamado David, *firmae o vosso reinado pela verdade, pela brandura, e pela justiça!* Com uma só palavra conseguira o filho de David que triumphasse a misericordia sem se ferir a lei; desmascarara a hypocrisia, confundira a malicia, libertara aquella peccadora, e, segundo se póde crer, convertera-lhe o coração. Ainda assim, observou toda a justiça e toda a verdade : « Não tornes a peccar! » Com essa phrase unica, ao passo que exerce misericordia, condemna. É elle o protector do peccador, e nunca do peccado. A ter querido absolvel-a d'aquella

culpa, teria dito á culpada : Vae, e vive como te aprouver, e fica certa de que te hei de livrar do inferno. Mas disse-lhe : « Não tornes a peccar. » Attendam a isto os que só desejariam indulgencias, e tremam! porque « o Senhor é indulgente, mas recto. » Assim commenta Santo Agostinho.

Concluida esta scena, retomou Jesus a doutrinação interrompida. Versava a pratica sobre as provas da sua missão e da sua divindade. A julgar por certas nebulosidades, ás vezes custosas de rastrear, dir-se-hia que antes se endereça Jesus aos que no volver das idades haviam de meditàl-o. Conjectura-se que talvez o Evangelista só conservasse a substancia da pratica, mas que Nosso Senhor a houvesse desenvolvido ao expôl-a, segundo reclamava a intelligencia dos ouvintes. O que está escripto é que, a despeito das denegações e interrupções dos Phariseus, houve muito quem lhe desse credito.

Não cessavam os Phariseus de perguntar-lhe quem elle era. Tornou-lhes Christo : « Quando houverdes elevado o Filho do Homem, então sabereis « quem eu sou; de mim mesmo nada faço; só digo o que me ensinou meu « Pái. Aquelle que me enviou está comigo; e como lhe cumpro a vontade « em tudo, não me desamparou. » Isso mesmo dissera elle a Nicodemus desde os primeiros dias; isso annunciára aos Apóstolos, aos proprios Judeus, declarando-lhes que só teriam o milagre de Jonas. Ficaram-n'o sabendo depois de o *elevarem* na cruz. Ao dizer « Aquelle que me enviou « está comigo, » proclama a unidade de natureza, que torna o Pái inseparavel do Filho; e além d'isso ensina-nos uma grande verdade do Christianismo : que Deus acompanha indissoluvelmente aos que lhe cumprem os mandados, e nunca os desampara.

Como havia entre o pôvo alguns credulos, disse-lhes o Senhor para lhes incutir força : « Se permanecerdes ligados á minha palavra, sereis verda- « deiramente meus discipulos. Conhecereis a verdade, e a verdade vos re- « dimirá. » A esse respeito, fingiram os Phariseus que se enganavam, ufanando-se de serem os filhos de Abrahão, e de nunca terem sido escravos de ninguem. Disse-lhes Jesus, que todo o peccador se torna escravo do peccado, e que elles, filhos de Abrahão segundo a carne, se tornavam, pelas suas obras, inimigas da verdade e da justiça, filhos de outro pái. — Temos, disseram elles, um só pái, que é Deus. — Se Deus fosse vosso pái, atalhou Jesus, amar-me-hieis, pois de Deus procedo eu, e de Deus

vim. Sois vós a progenie do demonio; e o que vosso pái deseja, isso desejais realisar. Desde o principio foi vosso pái homicida, não se manteve na verdade e por isso é que a verdade não reside n'elle. Quando elle mente, é por sua indole propria, porque é mentiroso de si, e pái da mentira. Eu, que só vos fallo verdade, não sou crido! Qual de vós me convencerá de peccado? » A isso ninguem boquejou; e o Salvadôr proseguiu : « Então, quando eu fallo tão verdade, porque me não acredi- « taes? » E respondendo a si proprio acrescentava : « Quem nasceu de « Deus attende ás palavras de Deus. Vós não as escutaes, porque não sois « de Deus. » Vingaram-se os Phariseus em o encherem de vituperios, gritando-lhe que era um endemoninhado e um samaritano.

Como nem com as injurias se lhe esgotava a paciencia, respondia-lhes : « Em verdade vol-o digo : quem guardar a minha palavra, não tem de ver « a morte eterna. » Recalcitraram-lhe então : Agora é que vemos que habita em ti o demonio. Pois quê? morreu Abrahão, morreram os Prophetas, e tu ainda porfias em dizer : Quem guardar a minha palavra não morre?! És-tu por ventura maior que nosso pái Abrahão, e que os Prophetas que morreram? Por quem te inculcas?

Respondeu Jesus : « Se a mim mesmo me glorifico, é nada a minha « gloria. Quem me glorifica é meu Pái, a quem vós chamaes o vosso Deus. « Vós não o conhecestes, e eu sim; e se eu dissesse que o não conhecia, era « um mentiroso, como vós sois. Conheço-o, e obedeço-lhe. »

Tornando a fallar de Abrahão, que elles tanto citavam, acrescentou estas palavras cheias de magestade e doçura : « Abrahão, vosso pái, desejou ar- « dentemente ver o meu dia; viu-o, e encheu-se de jubilo. » Bradaram os Judeus : Não tendes ainda cincoenta annos e vistes a Abrahão?! Respondeu Jesus : « Digo-vos com toda a verdade, que antes de Abrahão ser « concebido, já EU EXISTO. »

Para se explicar, carece Jesus de engendrar uma lingua, que não é a dos homens. N'aquella phrase exprime elle a sua divindade. *Antes,* pertence ao passado; *eu existo* pertence ao presente. Na divindade não ha passado nem futuro, ha o *ser*. *Antes de Abrahão já eu existo.* Expressão analoga á que os Judeus já conheciam : *Eu sou Aquelle que sou.*

A esse lampejo perceberam n'elle a sua ideia de identidade com Deus, e agarravam em pedras para apedrejarem a quem assim fallava; mas Jesus tornou-se-lhes invisivel, e saíu do Templo.

Furtando-se á furia d'elles, não lhes fugia, não os amaldiçoava, e não os desamparava. N'aquelle mesmo dia veio com um grande milagre mostrar-lhes a um tempo o seu poder, a sua misericordia, e não menos a sua perseverança na doutrina que elles lhe increpavam, relativa á observancia do Sabbado.

O CEGO DE NASCENÇA.

Avistou Jesus a um homem cego de nascença, e perguntaram-lhe os Discipulos : Mestre, aquelle homem é cego de nascença por peccados d'elle, ou de seus páis? Respondeu Jesus : « Não é por peccados d'elle, nem dos

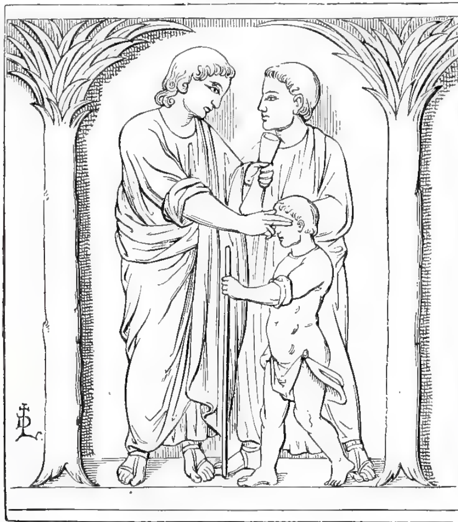


Fig. 65. — Sára Jesus a um cego. Sarcophago das catacumbas, no museu do Vaticano.

« páis; é para que n'elle venham a manifestar-se as obras de Deus. Em « quanto é dia, é mistér que eu vá cumprindo as obras d'Aquelle que me « enviou. Vem depois a noite, e nada se póde fazer. Em quanto eu andar « por este mundo, sou a luz do mundo. »

Ditas essas palavras, humedeceu uma pouca de terra com a propria saliva; e com esse mixto untou os olhos do cego, e disse-lhe : « Anda, vae lavar-te no banho de Siloé » (que significa *enviado*). Obedeceu o cego de nascença, e voltou, vendo claro.

E perguntavam os visinhos, e os que até então o tinham visto andar mendigando : Pois aquelle não é o que alí costumava estar assentado a

pedir esmola? Uns diziam : É; e outros : Não é, mas muito se parece. E o cego dizia : Sou eu. Interrogavam-n'o : Como assim? como se te abriram os olhos? Elle explicava : Aquelle homem a quem chamam Jesus arranjou terra molhada, untou-me os olhos, e disse-me : Vae ao banho de Siloé, e lava-te. Fui, lavei-me, e estou vendo. Perguntaram : Onde está esse homem! Tornou elle : Não sei. Levaram então o cego á presença dos Phariseus.

E foi no dia de Sabbado que assim ungira Jesus, com terra molhada, os olhos áquelle infeliz.

Por sua vez perguntaram os Phariseus ao cego de nascença como era que elle recobrara a vista. Respondeu elle : Pôz-me nos olhos terra molhada, fui-me lavar, e vejo.

Murmuravam alguns Phariseus acerca de Jesus : Quem, como elle, assim deixa de guardar o preceito do Sabbado, não é de Deus. Objectavam outros : Pois como póde um peccador operar taes milagres? Lavrava entre esses homens a divisão. E tu, perguntaram elles então para o cego, que dizes de quem te abriu os olhos? Respondeu o cego : Que é um propheta.

Os Judeus porém não queriam capacitar-se de que o homem tivesse sido cego, nem tivesse recebido a vista; e mandaram vir o pái e a mãi. Interrogaram-n'os : Este é que é o vosso filho, que vós dizeis que era cego de nascença? como é então que elle hoje vê? Responderam o pái e a mãi : Sabemos que é o nosso filho, e que nasceu já cego. Como agora vê, não sabemos nós, nem quem lhe abriu os olhos. Interrogae-o; já tem edade de fallar no que lhe diz respeito.

Aquella pobre gente receava-se dos Judeus. Já os Judeus se tinham concertado em expulsar da Synagoga a todo aquelle que em Jesus reconhecesse o Messias; e por isso os páis disseram : Já tem edade; interrogae-o vós.

Chamado segunda vez o homem que fôra cego, intimaram-lhe os Judeus : Dá graças a Deus. Nós bem sabemos que é um peccador aquelle homem. — Se é peccador não sei eu; o que sei é que fui cego, e agora tenho vista.

Tornaram elles : Mas que te fez elle? como te abriu os olhos? E o homem respondeu : Já vol-o disse, e bem me ouvistes. Porque é essa nova interrogação? Dar-se-ha que tambem queiraes ser seus discipulos? E elles responderam, amaldiçoando-o : Discipulos d'elle? sê-o tu; nós somos discipulos de Moisés. A Moisés sabemos nós que Deus fallou; mas este, nem



Fig. 66. — Piscina de Siloé, celebre pelo milagre da cura do cego de nascença. Nos arrebaldes d'esta fonte foi enterrado o propheta Isaias.

sequer sabemos d'onde vem. — Isso é que me admira, volveu o cego; não sabeis d'onde elle vem, mas elle abriu-me os olhos. Nós todos sabemos que Deus não escuta os peccadores; mas a quem o honrar, e fizer as vontades d'elle, Deus sempre o escuta. Desde que o mundo é mundo é caso nunca ouvido, que se abrissem os olhos a um cego de nascença. Se este não viesse de Deus, não conseguia isso.

Disseram-lhe elles : Nascido todo no peccado, vens dar-nos sentenças a nós? E expulsaram-n'o.

Jesus encontrou-o, e disse-lhe : « Tu acreditas no Filho de Deus? » Senhor, inquiriu o homem, quem é elle? dizei-m'o, para eu poder acreditar. Tornou Jesus : « Já o viste; quem te está fallando é elle mesmo « em pessoa. » Disse então o cego : Creio, Senhor. E prostrando-se adorou-o.

Quem lê esta narrativa incomparavel de candura, vê que o Espirito Santo já de antemão satisfez a quem desejasse que os milagres de Nosso Senhor fossem attestados por inquirições contradictorias. Temos ahi inquirição em forma : denuncia do facto, audição de testemunhas, informação, julgamento, nada falta, e em tudo reluz a verdade.

Quiz o Salvador formular elle proprio as ultimas conclusões de tal processo. Disse ao cego, depois de o curar : « Vim a este mundo para um « julgamento; para que os que não vissem ficassem vendo, e para que os « que vissem, e se tornassem indignos da luz, cegassem. »

Applicavam-se taes palavras ao milagre acabado de praticar, e á fé que o cego de nascença tinha mostrado, e não menos, no sentido espiritual, á cegueira voluntaria dos Phariseus. Alguns d'elles deram mostras de assim o entenderem, e disseram : Pois quê? tambem nós outros somos cegos? Respondeu Jesus : « Se o fosseis, não terieis imputação; mas como affir- « maes *nós vemos claro,* peccastes. » Possuiam o conhecimento das Escripturas, que os devia conduzir a conhecerem o Messias, e não viam, porque de todo não queriam ver.

N'essa mesma severidade de palavras, pressente-se aquella alma toda commiseração. Para mais o comprovar, apresentou-lhes os ternissimos symbolos do aprisco e do bom pastor. Resumiu os preceitos que estatuira n'aquella missão laboriosa contra os Phariseus, toda em proveito d'elles mesmos, se elles o houvessem querido, e em proveito de todas as ovelhas desgarradas da casa de Israel.

« Sou eu a porta do aprisco. Se alguem entrar por mim, ha de salvar-
« se. Ha de entrar, ha de saír, ha de achar bom pastio. O ladrão só vem
« para roubar, matar, e destruir; eu vim para que as ovelhas tenham vida,
« e a tenham mais abundante.

« O bom pastor sou eu. O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas.



Fig. 67. — O bom Pastor. Escultura dos primeiros séculos, conservada no museu de Santo-Ireneu, em Constantinopla.

« Mas o mercenario, o que não é o pastor, o que não é o dono, quando vê
« chegar o lobo desampára o rebanho e foge; vem o lobo, leva as ovelhas,
« e trasmalha o rebanho. O mercenario foge, por isso que é mercenario, e
« não se lhe dá do destino das ovelhas. Eu sou o bom pastor; conheço as
« minhas ovelhas, e ellas tambem me conhecem a mim. Assim como meu
« Pái me conhece, tambem eu conheço meu Pái, e por mim digo que dou
« a vida pelas minhas ovelhas.

« E ainda tenho outras que não pertencem a este redil; é mistér que as reconduza; hão de entender-me a voz, e só ficará havendo um redil e um pastor. »

Mas era indispensavel que esse sacrificio, tantas vezes por elle annunciado, e agora outra vez, não podesse vir algum dia a ser acoimado, já de loucura sublime, já de consumação forçada, e por ventura involuntaria, como se ao cabo de tudo houvessem arrancado a Jesus a sua vida, em vez de a offerecer elle. Ao concluir a pratica declarou pois duas cousas : primeira, que morria, para cumprimento da vontade de seu Pái; segunda, que tinha o livre arbitrio de deixar, ou não, a vida, e até de a retomar depois de a ter deixado. « Por isso é que meu Pái me quer tanto, por eu entregar a minha existencia, para depois a rehaver. Ninguem m'a tira; dou-a eu por meu alvedrio. Tenho poder para a dar, tenho poder para a retomar. Tal é a ordem recebida de meu Pái. »

Clarões divinos são esses do mysterio da Redempção, capazes de tudo nos explicarem, se ao mesquinho coração do homem fosse dado avaliar todo o amor do seu Deus!



V

CONFERENCIAS E PARÁBOLAS.

Missão dos Discipulos, o Samaritano, Martha e Maria. — A Mulher corcovada, os Festins de Jesus, o Hydropico, Lições aos Phariseus. — A Ovelha, a Drachma, o Filho prodigo. — O iniquo Juiz, a Oração. — Pobreza voluntaria, as Creanças.

MISSÃO DOS DISCIPULOS, O SAMARITANO, MARTHA E MARIA.



N'AQUELLA occasião apartou-se Jesus para os confins da Judêa, quer fosse para a Galilêa, quer fosse para a região conhecida pelo nome de Perêa, onde não podiam dar com elle os próceres de Jerusalem, Julga-se que seria então que elle escolheu os seus setenta e dous Discipulos, para os mandar prégar antes d'elle, a dous e dous, nas cidades onde havia de dirigir-se. Significa esta conta de setenta e dous a universalidade das nações. Caminham aos pares, por isso que são dous os preceitos da caridade : o amor de Deus, e o amor do proximo. Quem não tem caridade para com o proximo não deve encarregar-se do ministerio da parenése. É já antiga aquella associação de dous para o serviço do Senhor. Libertou Deus Israël pelo concurso de Moisés e Aarão; e está escripto : *Irmão a quem seu irmão protege, é forte como cidade torrejada.*

Conferiu Jesus aos novos missionarios instrucções semelhantes ás que

haviam já recebido os Apóstolos, com o poder de sarar enfermos, e expulsar demonios. É esse o complemento da fundação do apostolado. « Envio-« vos como cordeiros para o meio de lobos. Em toda a casa onde entrardes, « dizei primeiro : A paz de Deus seja n'esta casa! Comei e bebei do que « houver, pois quem trabalha merece o salario. Curae os enfermos que lá « encontrardes, e dizei-lhes : Aproximou-se de vós o reino de Deus. « Quando alguma cidade vos não acolher, direis aos habitantes : O pó « que da vossa cidade se nos apegou, sacudimol-o contra vós. E eu de-« claro-vos que lá no dia derradeiro ha de Sodoma ser tratada com menos « aspereza que esta cidade...... Quem vos escutar, a mim proprio me « escutará; quem vos desprezar desprezará Aquelle que me enviou. »

Abalaram-se os setenta e dous, e voltaram alegres. « Senhor, narraram « elles, graças á virtude do vosso nome, os proprios demonios nos aca-« tam. » Respondeu-lhes Jesus docemente humilde, para alimentar n'elles a humildade : « Sim, que vos dei eu o poder de caminhardes por sobre « serpes e escorpiões, e por sobre todas as forças do inimigo, sem que « nenhum mal vos chegue. Comtudo, não folgueis com isso de vos estarem « sujeitos os demonios; folgae antes por estarem escriptos no céo os vossos « nomes. » E ao mesmo tempo, estremecendo de alegria no Espirito Santo, acrescentou : « Meu Pái, Senhor do céo e da terra, eu vos agra-« deço, que tendo estes assumptos occultos ainda aos sabios, permittistes « que os comprehendessem os humildes. » E para comprovar que dispõe de tudo, como seu proprio Pái, acrescentou : « Tudo entregou meu Pái nas « minhas mãos; e ninguem sabe quem seja o Filho, a não ser o Pái; e « ninguem sabe quem seja o Pái, a não ser o Filho, ou aquelle a quem « este o quizer revelar. » Disse tambem aos Discipulos : « Bemaventura-« dos os olhos que vêem o que vós vedes! Muitos reis e prophetas tem « havido, que desejaram ver o que vós avistaes, e o não conseguiram; e « ouvir o que vós ouvis, e nada ouviram!

E por fim, dirigindo-se á turba, aos que existiram nos tempos subsequentes, a nós que existimos agora, e a todos os que hão de existir até á consumação dos seculos, exclamou : « Vinde a mim todos, vós que ver-« gaes sob o pezo do trabalho e da dôr, e eu vos alliviarei. Tomae a vós « o meu jugo, e aprendei comigo, porque sou brando e humilde de cora-« ção, e n'isso encontrareis o descanço das vossas almas, porque é suave « o meu jugo, e é leve o meu encargo. »

Insiste Santo Agostinho em realçar a profundeza do sentido d'essa phrase. Os que acceitam o jugo de Jesus, diz elle, taes angustias teem que soffrer, que lhes parece, não que passam ao descanço, mas sim do socego á lida grande. Comtudo, lá está o Espirito Santo, que anda continuadamente renovando o homem interior, por entre as ruinas do homem exte-

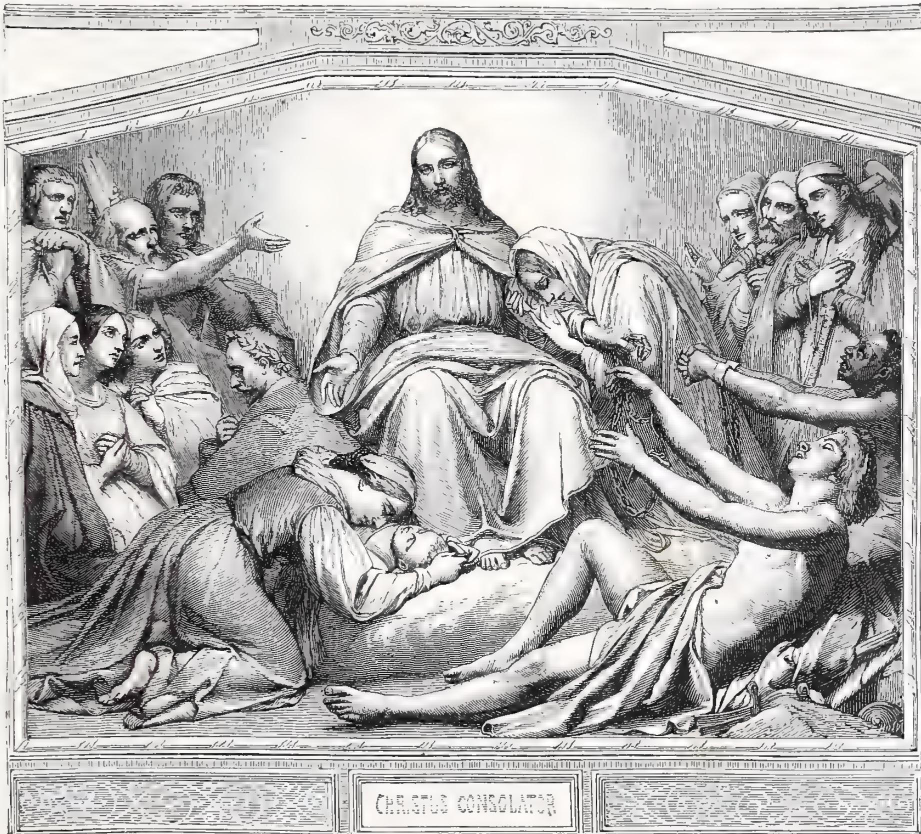


Fig. 68. — Christo consolador. « Vinde para mim, disse Jesus, vós todos que vergaes ao pezo do trabalho e das dôres, e eu vos restaurarei; porque é suave o meu jugo, e leve o meu fardo. » Quadro de Ary Scheffer, gravado por Henriquel-Dupont. Pariz, Goupil.

rior. Com o recrescer d'essas delicias divinaes, todo o desanimo se reconforta. Quem ama não padece.

Por forma, que sempre nos apparece Jesus brando, humilde, condoído de nós, e resplandecendo de divindade; prodigalisa os appêllos da sua ternura immensa, ao passo que multiplica as provas da sua soberania universal.

N'esse mesmo dia perguntou-lhe um Doutor da Lei, com a mira em o tentar : « Mestre, para obter a vida eterna, que tenho eu que fazer ? »

Esperava que a resposta contraviesse de algum feitio a Lei mosaica. Tornou-lhe Jesus : « Que vos ordena a Lei? que ledes n'ella ? » Pergunta foi, que assim veio a provocar uma resposta evangelica. Ha de Jesus provar-lhe depois, que ao citar o doutor um texto da Lei não lhe atinou com o sentido. Disse logo o Doutor : « Amarás ao Senhor « teu Deus com todo o coração, com todo o teu entendimento, e ao « proximo como a ti mesmo. » Volveu Jesus : « Dissestes bem; cumpri, « e vivereis. »

Querendo o Doutor gloriar-se da sua justiça, perguntou : « E quem « vem a ser o meu proximo ? »

Por aqui se vê ter sido astuciosa a primeira interrogativa d'aquelle homem, que nenhum affecto consagrava ao seu proximo, visto que a ninguem reputava proximo seu. Sabe de cór o que é indispensavel para alcançar a vida eterna, mas não percebe palavra do que diz. Está cheio de si, mas ermo do amor de Deus. Como não ama seu irmão, a quem vê, tambem não pode amar a Deus, pois o não vê. Certo é, diz S. Cyrillo, que não conhece o proximo, porque não crê em Christo. Quem não conhece a Christo desconhece a Lei; desconhecendo a verdade, não póde apreciar a Lei annunciadôra da verdade.

Narrou Jesus então : « Caminhando certo homem de Jerusalem para « Jerichó, foi accommettido de salteadores, que o despojaram, o feriram, « e só o desampararam meio morto. Seguia pela mesma estrada um Sa« cerdote, avistou o homem, mas foi para diante. Passou um Levita, « olhou, e andou. Um viajeiro Samaritano, que acertou de passar tam« bem, deteve-se compadecido do infeliz. Acercou-se-lhe, derramou-lhe « vinho e oleo nas feridas, ligou-lh'as, carregou-o em cima do seu proprio « cavallo, e levou-o para uma estalagem, onde tratou d'elle. No dia se« guinte tirou da bolsa dois dinheiros de prata e deu-os ao hospedeiro, « disendo-lhe : Tomae-me conta d'esse homem ; e tudo quanto gastardes « a mais, eu vol-o pagarei quando me tornar. »

O Samaritano é o proprio Jesus. Samaritano quer diser vigilante. D'elle é que se escreveu : *Aquelle que vigiar Israël não ha-de dormir, nem sequer dormitar.* Quando o apodaram de Samaritano, e de possesso do demonio, negou que fôsse possesso; agora contra o insulto que lhe grangeava um dos titulos que de direito lhe pertenciam, o de guarda de enfermos, não reclamou. Ora aquelle tal Samaritano era um peregrino;

peregrino foi Jesus tambem; por nossa causa desceu á terra, e não se esqueceu do que á terra o trasia. O fito d'esta sua vinda foi auxiliar o genero humano ferido, nu, e semi-morto. Constituiu-se nosso proximo ao revestir-se da nossa natureza; avisinhou-o de nós a sua infinda misericordia; condoeu-se da nossa dôr, e aproximou-se lhe. Para que a divina sabedoria se podesse acercar do homem, foi necessario crear o milagre chamado Jesus. Elle, que em si possuia a justiça e a immortalidade, viu que em nós residia o peccado e a morte; mas não assumiu a si esses dois flagellos nossos, pois se haveria assim constituido nosso egual, ficando portanto na necessidade de ser tambem comnosco redimido. Para ficar proximo de nós, sem comtudo ser o que somos, não se fez peccador, fez-se mortal; tomando para si o castigo, sem se identificar com a culpa, aboliu a culpa mais o castigo.

Aquelle Samaritano chegou-se á beira do desamparado, e ligou-lhe os ferimentos, depois de os ter pensado com oleo e vinho; o oleo da misericordia, que tem o condão de suavisar as chagas, e o vinho da justiça, que as sana da corrupção; o oleo, consolação da esperança; o vinho, exhortação para o fervor. No oleo figura tambem a natureza humana do medico; no vinho a sua celeste natureza. Porque umas vezes praticou Jesu-Christo acções humanas, e outras vezes acções divinas; derramou, por que assim o digamos, oleo e vinho, ao salvar-nos por intermedio a um tempo da sua humanidade, e da sua divindade; ensinou como se pode unir a severidade com a brandura, para que nos não ulcerasse o demasiado rigor, nem nos alquebrasse a demasiada condescendencia; e depois de tratar as nossas feridas, envolveu-as em ligaduras, como se nos imposesse o freio de uma Lei mais severa, sem a qual não tornariamos a encontrar a bôa saude que tiveramos.

Ageita o Samaritano o seu enfermo em cima do cavallo; aos hombros carrega o bom Pastor com a ovelha que se lhe perdêra. Jesu-Christo consegue destruir as enfermidades da nossa carne, quando entra n'ella. Sob a figura do Samaritano eil-o a abrir-nos os braços, que hão-de levar-nos ao gremio da Egreja, onde tem de concluir-se a nossa perfeita cura.

Todos os homens indistinctamente não os admittia a Lei (fig. 69); está escrito que o Moabita e o Ammonita não teem de entrar na Igreja de Deus; agora porém concede a Igreja hospedagem patente a todo aquelle que acreditar. Vinde, vinde quem quer que sejaes, vinde de qualquer

nação, vinde avergados de miseria, vinde feridos, vinde maculados; vinde ao baptismo de Deus, ao banquete de Deus, á poisada e á intimidade de Deus! Porque ao Samaritano não bastou o conduzir aquelle desvalido á estalagem; não; entrou com elle, com elle se ficou, e cheio de carinhos o está velando.

Comtudo o Samaritano não podia ali ficar. Portanto, ao seguinte dia, entregou ao hospedeiro dois dinheiros de prata, e disse-lhe: « Toma-me « conta n'este homem. O que despenderes a mais, á minha tornada t'o « restituirei. » N'aquelles dois dinheiros se vêem figurados os dois mandamentos do amôr a Deus e do amôr ao proximo, impostos aos Evangelistas para os espalharem pelo mundo; n'elles reside a promessa da vida presente, e da vida futura: *Cumpre, e viverás.*

« O que despenderes a mais, á minha tornada t'o restituirei. » Sim, porque esse hospedeiro, esse novo sacerdote, não é o mercenario que só pago sabe servir, e regateia o pagamento; nem tão pouco é o instrumento machinal, que só sabe cumprir determinado genero de tarefa. Como elle os Apóstolos, cheios do espirito de Deus, despenderam a mais. Ao preceito acrescentaram o conselho; coroaram o dever, pondo-lhe o remate da perfeição. Com quanto lhes fosse permittido viverem do Evangelho, viveram do trabalho de suas mãos; procuraram a cruz, quando podiam evital-a. Mas é de todo impossivel ao homem ser mais generoso que Jesus. « A'minha tornada eu t'o restituirei. » Aquella tornada ha de ser o dia do juizo. Ha de Jesus pagar sem medida aos que sem medida o houverem servido.

Ao acabar a pratica, perguntou Jesus ao doutor: Quem foi o proximo? Concordou o doutor em que nem o sacerdote, nem o levita, que viviam sob o jugo da Lei, tinham sabido cumprir o que ordenava a Lei, e em que só o cumprira o Samaritano. Disse-lhe Jesus: « Ide-vos, e fazei o « mesmo. » Quando virdes um infeliz, seja elle judeu ou gentío, é esse o vosso proximo. A dignidade do sacerdocio nada é, nada é a sciencia da Lei, a faltarem as obras. Quem pratica a misericordia, cumpre a Lei.

Outras circumstancias houve, além d'estas, que induziram o Salvador a repetir a sua doutrinação acerca da esmola. Fallou na força da oração muito instante, que a historia da Cananêa tão frisantemente exemplificára. Tudo lhe dava assumpto para ensinar; e n'esse empenho se desvelava. Ia espalhando aquellas palavras de tanto conforto, que revelavam aos

homens a vida espiritual, e instituiam a caridade. E ao mesmo tempo, em seus anathemas terriveis verberava a hypocrisia, a soberba, a sciencia vã, a dureza dos Phariseus e dos doutores da Lei. Por caridade para com os extraviados pela palavra d'aquelles falsos justos, e falsos sabios, e por dó d'elles, tratava-os a todos como costumava tratar os peccadores; mas sobretudo esmerava-se em traçar o retrato d'elles, para servir de lição á sua Igreja, e para que na illusão de uma justiça imaginaria se não corrompesse mais a verdade. D'esse perigo logrou elle precavel-a. No pro-



Fig. 69. — Cippo do templo de Jerusalem, descoberta em 1871 pelo Sr Ganneau, chanceller do Consulado de França em Jerusalem. Pertence ao tempo de Herodes o Grande[1]. Traducção : « Nenhum estrangeiro tem licença de passar para dentro da balaustrada, e do recinto que rodeiam a esplanada do templo Quem contraviesse a esta ordem incorreria em pena de morte. »

prio seio do Christianismo tem havido Phariseus, visto que é inherente á especie humana toda a casta de vicios; nada porém é mais estranho á Igreja, do que o pharisaïsmo na doutrina e nos costumes.

Foi n'essa conjunctura que dos labios do Homem-Deus saíu, uma das suas phrases tidas por mais graves e fecundas.

Ao passar em Bethania entrou Jesus em casa de certa mulher chamada Martha, irmã de Maria Magdalena, aquella peccadora perdoada, que vimos á meza do phariseu Simão. Tratou Martha logo de preparar a

1. Leitura do texto original : Μηθένα ἀλλογενῆ εἰσπορεύεσθαι ἐντὸς τοῦ περὶ τὸ ἱερὸν τρυφάκτου καὶ περιβόλου· ὃς δ' ἂν λήφθη ἑαυτῷ αἴτιος ἔσται διὰ τὸ ἐξακολουθεῖν θάνατον.

refeição para o seu Hospede e para os Discipulos. N'este meio tempo, sentada aos pés do Mestre, embevecia-se Maria em o ouvir; porque Jesus (e n'isso estava o exemplo que elle aos Apóstolos sabia dar) não entrára ali só com o fito no descanço, mas principalmente na doutrinação. Veio ter com elle Martha, e disse-lhe : Senhor, não reparaes como me deixa minha irmã fazer o serviço todo? ordenae-lhe que me venha ajudar. Respondeu-lhe Jesus com muito affecto : « Martha, Martha, que de cuidados « te apoquentam! saberás que te bastava um só desvelo. Para si esco- « lheu Maria o melhor quinhão; não é bem que se lhe tire. »

De tudo quanto Jesus alí disse, só aquellas palavras conservou para nós o Espirito-Santo; palavras que exprimem a coisa unica necessaria á felicidade presente e eterna da alma, e sem a qual tudo mais é apenas turbação e tormento, ou (quando menos) alegria muito ephemera. Não censura Jesus o empenho de Martha em o servir; mas observa-lhe que toda a obra dedicada ao Senhor deve ser executada com serena humildade; que o que melhor o contenta é o amôr; que nada urge tanto, como escutar a Jesu-Christo, e seguil-o a elle sómente. Com esse preceito erige a vida contemplativa acima da vida activa, por mais louvavel que sejam os actos d'esta; a vida contemplativa é que é verdadeiramente fecunda para o céo; ella é que por sobre a terra se desata em obras grandes. Na contemplação de Deus se reconhece a belleza d'elle; esta accende o amôr; e do amôr é que rebenta a larga chamma, o vivo fogo que é o sacrificio. Todos os Santos contemplaram a Deus; e por isso quiseram viver por elle, e morrer. Martha serviu o Senhor, porém Maria mais detidamente se pasceu na contemplação d'elle; e por isso ha de Maria encontrar-se a final junto da Cruz.

A MULHER CORCOVADA, OS FESTINS DE JESUS, O HYDROPICO, LIÇÕES AOS PHARISEUS.

Veio um homem pedir a Jesus que repartisse entre elle e seu irmão certa herança que lhes coubera. Não annuiu Jesus, e disse ao supplicante: « Abstem-te de toda a avareza; não é pela abundancia dos haveres que « o homem vive. » Tomou o ensejo para apresentar a parábola do rico avarento, a quem Deus está chamando, ao passo que elle só pensa em atulhar os seus celleiros.

Demorava-se a fallar na esmola, na confiança em Deus, na humildade, na penitencia. Cada uma d'aquellas breves e dulcissimas palavras veio a



Fig. 70. — Jesus em casa de Martha e Maria. Maria sentada aos pés do Mestre, escuta-o muito attenta. Chega-se Martha, e diz : « Não vedes, Senhor, como minha irmã consente que só eu vos sirva? Dizei-lhe que venha ajudar-me ». Respondeu-lhe Jesus com muita docura ; « Martha, Martha, em quantas cousas pensas! e n'uma só te é necessario pensar. Maria escolheu para si o quinhão melhor, e não lho hei de eu tirar. » Quadro de Le Sueur.

tornar-se lei para a sociedade cathólica. Entremeava prophecias acerca da Igreja, do segundo advento, da reprovação, e da tornada dos Judeus. D'esse modo ia por toda a parte doutrinando, sempre, a proposito de tudo; fazia-o porém com mais especialidade ao dia de Sabbado, nas Syna-

gogas, onde affluia a turba a fim de o escutar; e isso era causa perenne de dissabôr para os Phariseus.

Succedeu que em certo dia, estando na Synagoga, acertou de ver entre o auditorio uma mulher a quem a enfermidade corcovára, desoito annos havia já, a ponto que nem conseguia erguer a cabeça. Disse-lhe elle: « Mulher, estás curada. » E logo ella se levantou, e glorificou a Deus. Desagradou o caso ao Chefe da Synagoga; mas como não se atrevesse directamente com Jesus, cujas replicas temia, desabafou o seu ressentimento na enferma, e no pôvo, que não sabia esconder o jubilo. Ha seis dias, bradava elle, para o trabalho. Para vos curarem, vinde n'um d'esses seis, e não venhaes aó Sabbado.

Não valeu o disfarce ao Phariseu; percebeu-o Jesus, e exclamou: « Hypocritas, qual de vós ha ahi, que mesmo ao Sabbado não desamarra « o seu boi ou jumento, e o não leva a dar-lhe agua? Pois aquella filha « de Abrahão, captiva de Satanaz desde dezoito annos, não havia eu de « cural-a porque veio ao Sabbado? »

Quer fôsse em consequencia do crime de nosso pái Adão, que trouxe ao mundo as enfermidades e a morte, quer fôsse pelos seus crimes pessoaes, o certo é que padecia aquella mulher por arte do demonio. Deixou-lhe Deus esse poder, para influir nos homens a ancia de se tornarem melhores; como Satanaz é perverso, busca exercer o seu dominio de modo que logre peorar os homens. Forceja por lhes roubar a vista do céo, para que padeçam, e não logrem esperança; curva-os para a terra, como irracionaes. A fronte do homem foi talhada para encarar o céo; e aquella pobre mulher não conseguia erguer a vista. Chama-a o Senhor, movido da sua ingenita bondade. « Estás curada. » Applica-lhe a mão, e basta. Filha de Abrahão, olha para o céo; acabou o poder do diabo; cortaram-se os vinculos com que te acurvava. Ergues-te, e dás graças a Deus.

A exemplo dos que vociferaram contra o caso do cego de nascença, o Presidente da Synagoga, testemunha ocular do milagre, só vê a gloria que para Jesus vai redundar. Preferia que ficasse aquella enferma sempre enferma, alcaxinada como um animal, comtanto que não coubessem glorias ao seu salvador. Pela mesma bitola se medem todos os cabeças de todas as Synagogas, todos os mestres e todos os discipulos de todas as escolas do erro. O bem que á Igreja é dado espalhar por entre os póvos, quiseram que o não espalhasse, só para não colher as merecidas glorifi-

cações. O que mais que tudo desejam é que ella não corrija os homens, e os não torne aptos a olhar para o alto. Este impugnador tomou como pretexto o serviço de Deus; outros haverá que hão-de tomar o bem do proprio homem. Hão-de allegar que endireitar o homem é prejudical-o; que muito mais lhe releva andar curvado para o chão. Hão de empregar todo o genero de sophismas, hão-de usar a força mesma, para impedir aos póvos que se cheguem a Jesu-Christo, quer ao Sabbado, quer aos outros dias. O que mais temem é que o homem oiça a grande exhortação : *Sursum corda!* E no entretanto, ao passo que hão-de empenhar-se em apagar a luz do Evangelho, hão de emancipar-se do jugo d'elle. Hão de desamarrar o boi e o jumento, que figuram o instincto bruto; hão de conduzil-os á piscina, ás pesadas aguas que apagam a rasão, e fazem odiar a luz. Quando assim houverem incutido ao homem a sympathia para o lodaçal, e a tendencia para a noite, hão de então dizer-lhe : Vês ? libertámos-te. E hão de exploral-o em proveito de si proprios.

Christo ensina á sua Igreja a que não tema. Podem os inimigos de Christo bradar e fazer o que lhes aprouver; tu, Igreja (dirá o Salvador) falla, trabalha, cumpre a obra da minha caridade. A despeito das ameaças d'elles, espalha tu a verdadeira luz. E se fôr mister que hajas de reluzir no alto de um cadafalso para que as victimas do demonio ergam a fronte, e se libertem, cumpre o que eu tambem cumpri : morre!

Poucos dias andados, reptou Jesus outra vez os seus antagonistas. Entrou para comer n'uma casa de Phariseus. Era Sabbado. Tinham os olhos pregados n'elle. Compareceu entre outros um hydropico. Perguntou Jesus aos doutores. « Será licito faser uma cura em dia de Sabbado ? » Não lhe responderam. Então, tomou Jesus a mão do enfermo, sarou-o, e mandou-o em paz. Depois, conhecendo o que estavam pensando os circumstantes, disse : « Se um vosso jumento, ou um boi vosso, caír n'um « fojo ao Sabbado, qual de vós não irá livral-o? » E ninguem atinou com a replica.

E' esta a quarta refeição a que observamos assiste Jesu-Christo. Como succedeu nas outras, vemol-o praticar a misericordia, e a doutrinação. Apparecia nos banquetes, sim, porque tambem ahi era indispensavel que o vissem, e porque as pessoas que ali encontrava não iam com o fito de o ouvirem. Queria, de mais a mais, salvar aos proprios Phariseus; e ao mesmo tempo ia beneficiar com a sua presença divina aos servos

d'elles, a quem os Phariseus não consentiam que o fôssem procurar. Diz Santo Agostinho, que, á maneira da pomba, que se põe a afagar as suas crias quando as vê ameaçadas do caçador, assim elle apparecia em pessôa entre as festas do mundo, e apparece, hoje ainda, ao nosso pensamento para nos recordar onde existe o festim verdadeiro, onde desabrocha a verdadeira alegria.

A' conta da nomeada de Jesus, recebem-n'o de bom grado os Phariseus; acolhem-n'o até. Mas em vez de o escutarem, estudam-n'o. Sabe-o elle; percebe-lhes a malicia, no momento em que o hydropico se lhe colloca em frente, modelo eterno de fé n'aquelle seu orar perseverante e silencioso. Entre si perguntam os Phariseus : Que vae elle faser ? Se curar o enfermo, havemos de assacar-lhe a violação do Sabbado; se o despedir, não é deveras tão misericordioso como quer fasel-o crer ao povo sincero.

Com uma só pergunta, já feita n'outra occasião analoga, baldou-lhes Jesus os maus intentos. « Será licito curar em dia de Sabbado ? »

Nada ousaram retorquir-lhe os Phariseus. Era aquella uma questão, que elles entre si controvertiam, e que no emtanto lhes servia de arma contra Jesus. Conforme opinavam uns certos, não se devia ministrar a enfermo remedio algum em tal dia, salvo em caso de risco de vida; outros porém eram menos rigoristas. A estes e áquelles provou Jesus que lhes dispensava o beneplacito, e que lhes não temia o rancor; ensina-lhes que tambem se consagram os dias santificados dedicando-os á caridade; premeia a fé d' aquelle pobre enfermo, que humildemente esperou, e cuja oração se resume em apresentar o seu mal. Ficou são o hydropico. Esse crime é o que estavam aguardando os Phariseus. Percebeu-lhes Christo a malevolencia com que de si para comsigo murmuravam, e respondeu :
« Se perigasse o vosso boi, ou o vosso jumento, ou o minimo dos vossos
« interesses temporaes, não reflectirieis entaõ que era Sabbado! »

Falla-se ali no boi e no jumento, para recordar a prophecia de Isaïas, e interpretal-a : « Reconheceu o boi quem era o seu dono; reconheceu o jumento a sua estrebaria; mas quem me não conheceu foi Israël. » Aquelle boi amarrado á canga figura o povo judeu, cuja cabeça calejou sob a canga da Lei; aquelle jumento symbolisa a gentilidade, sujeita a todos os erros. O ente que ha-de vir no dia derradeiro tiral-os do fojo onde se afundaram, é quem sabe curar as doenças todas, acabar todos os captiveiros, dissipar



Fig. 71. — Vista do lago de Tiberiade, no estado actual, segundo uma photographia. Foi pelas margens d'este lago que se deu a maior parte das prédicas e dos milagres de Jesus.

todas as trevas. O que os Phariseus cumprem por avareza, ha de elle fazel-o por muita caridade.

Era a avaresa o vicio capital dos Phariseus, symbolisado na hydropesia. Arde o hydropico em sêde inextinguivel; tem uma parte do corpo inxada, que mette pavor; e outra parte vae-se-lhe a definhar; d'aquelle corpo onde tudo vae degenerando em impurezas, sae um halito corrupto. Assim é o avarento, sempre sequioso, nunca satisfeito, pobre entre opulencias, devorado da ambição do lucro, e só almejando por aquelle oiro, que o abarrota, e o assassina. Chama S. Paulo á avareza uma idolatria. Quem lograva curar tamanho mal? Pode-o Jesus. E' preciso supplicar-lh'o, como lh'o supplicava o hydropico, isto é, collocando-se-lhe humildemente na presença. *Erat ante illum,* diz o Evangelho, assignalando com divina concisão a constancia das orações e a firmeza das esperanças d'aquelle homem, que pedia a saude. Chegou ali sem ser convidado; ali permanece, arrostando com a mofa, esperando o olhar que ha de cural-o, e ensinando ao mundo a maneira de supplicar e obter. E Jesus tomou-o pela mão, sarou-o, e mandou-o embora.

Ora a repugnante enfermidade que no corpo affligia aquelle homem, padeciam-n'a os Phariseus na alma. Para os curar, e para applicar o medicamento mais proprio de taes almas entumecidas e duras, deu-lhes Christo o preceito de se não irem collocar nos logares principaes, como usavam em toda a parte : « Porque todo aquelle que se elevar será deprimido; e todo o que se humildar será engrandecido. » Recommendou-lhes tambem o franquearem a sua meza antes aos pobres que aos abastados, porque os ricos compensam o que se lhes offerece, ao passo que o offerecido aos desvalidos, Deus é que o paga. Tudo isto nos parece hoje vulgar; só se tornaram estas noções vulgares por Jesu-Christo e por intermedio da sua Igreja a quem elle as ensinou.

Exclamou um dos convidados : Feliz quem se achar no festim do reino de Deus! Respondeu Jesus com a parabola dos que recusaram comparecer na refeição do Pae de familias : os que primeiro foram convidados desculparam-se com varios pretextos, e não appareceram. Este tem que ir ver uma sua quinta; aquelle tem que ir experimentar uma junta de bois comprada de novo; aquell'outro responde que não pode ir por estar noivando. Assim é que os interesses temporaes desviam o homem dos divinos interesses. Tudo que existe no mundo (ha-de vir a disel-o o Apóstolo) cifra-se

em concupiscencias carnaes, concupiscencias dos olhos, e orgulho da vida. O Pae de familias então manda ajuntar os pobres, os aleijados, os cegos, e até os vagabundos errantes do caminho; quer que os obriguem a entrar, para que se encha a casa com elles. Prophecia é esta da vocação dos gentíos, e da multidão dos peccadores, a quem hão-de vestir em trajos de festa para entrarem no banquete do Senhor. Recusam-se os soberbos, são escolhidos os humildes. « Congregae-os ahi por essas estradas, ao longo « d'esses vallados, disse o Pae de familias, obrigae-os a que entrem. » Que outra coisa é isto, senão aquelle celebre *Compelle intrare,* com que tanto se offenderam os herejes, e se escandalisou a falsa sabedoria de tantos orthodoxos? Vieram os gentios lá das praças publicas e das encrusilhadas, nota Santo Agostinho; os herejes, esses vieram d'entre os vallados, porque os vallados são signaes de divisão; tirem-n'os d'elles! arranquem-n'os d'entre espinhos! O que elles porém não consentem é ser constrangidos. Havemos de entrar, disem então, por nossa propria vontade. Não é isso o que Deus ordenou : *Compelle intrare.* A necessidade venha de fora; d'ahi é que nasce a vontade. E essa violencia, acrescenta S. Gregorio, provêm muita vez directamente de Deus e da sua misericordia. Entram muito por seu querer todos aquelles que, triturados pelas adversidades mundanas, se tornam a entregar ao amôr de Deus. Furtam-se aos effeitos da terrivel sentença promulgada n'estes termos : « Sabei que nenhum dos que eu con« videi, e que não vieram, ha-de participar do meu festim. »

Ia Jesus a caminho de Jerusalem, para assistir á festa das Encenias Vieram ter com elle alguns Phariseus, aconselhal-o a que fugisse, com o motivo de que andava Herodes a querer matal-o. Percebeu certamente o Senhor que da parte mesmo de Herodes vinham aquelles officiosos conselheiros; e respondeu-lhes : « Ide diser a esse astuto como eu espanco os « demonios; e que hei-de sarar enfermos hoje e amanhã, porque ao ter« ceiro dia tudo ha de estar acabado. Comtudo é-me preciso caminhar, « hoje, e amanhã, e ainda no outro dia; porque não convêm que um « Propheta morra fóra de Jerusalem. » Ao pensar em tal, e mais commovido dos castigos da culpada Jerusalem, que do seu proprio supplicio, expandiu todo o seu affecto e toda a sua dôr : « Jerusalem, Jerusalem, que « matas os Prophetas, e apedrejas os que te são enviados! quanta vez « tenho eu querido reunir os teus filhos, á maneira das aves que ajuntam « sob as azas a ninhada! quanta vez me repelliste! »

Dispostos a verem-se livres de Jesus, proposeram-lhe os Phariseus de Jerusalem uma d'aquellas perguntas capciosas feitas de industria para o perderem : Até quando nos conservareis em tamanha suspensão de animo? Se sois vós devéras Christo, dizei-nol-o alto e bom som!

Elles bem sabiam o que perguntavam; e já desde muito os havia Jesus satisfeito. Mas o fito d'elles era enleal-o. Como todos subentendiam em Christo um reino temporal, se elle tivesse respondido *Eu sou Christo,* haver-se-hia com essa mera asserção constituido rebelde á potencia romana. Se se calasse, ia dar forças á incredulidade.

Aquella pergunta pois dos Phariseus era de molde para enlear a prudencia humana. Com a divina sapiencia é que elles não tinham contado, e essa é que os venceu. Não queria o Senhor triumphar como um conquistador qualquer, nem tão pouco perecer como um sedicioso; mas não queria tambem conceder pretextos á malevolencia d'aquelles antagonistas. Respondeu : « Fallo-vos eu, e não me acreditaes. As obras que executo « em nome de meu Pae dizem bem quem eu sou. Meu Pae e eu somos « um. »

Mal o tinham ouvido proferir taes palavras, quiseram apedrejal-o. Tinham-n'o percebido. Era porém precisa a delação d'elles; era indispensavel que elles proprios proferissem a phrase que tinham querido arrancar dos labios divinos. Continuou Jesus : « A' vossa vista fiz muitas obras « bôas, pelo poder que me conferiu meu Pae; e vós por qual d'essas « obras é que me apedrejaes? » Tornaram os Judeus : Não te apedrejamos pelos teus actos bons; é sim pelas tuas blasphemias, homem que te queres fazer Deus!

Quem o diz são elles mesmos, e confessam implicitamente o motivo por que o interrogavam. Jesus, no emtanto, sem deixar a prudencia de que lhe apraz usar com aquelles perfidos, confirma o que ouviram : « Não está por ventura na vossa Lei : *Disse : Sois Deuses?* Se a Escriptura, que é de si mesma indestructivel, chama Deuses aos juizes de Israel, como é logo que vós ousais diser ao sanctificado e enviado de Deus : Blasphemas, só porque elle disse : Sou o Filho de Deus? Se não cumpro as obras de meu Pae, não me daes credito; mas se as cumpro, daelhes credito a ellas, quando não queiraes dal-o ás minhas palavras; e reconhecei, e acreditae, que em mim reside o Padre, como eu tambem resido n'Elle. » Nem tentaram sequer discussões os Judeus; forcejaram

apoderar-se de Jesus; mas elle escapou-se-lhes, como já o havia feito: tornou-os immoveis, e a si fez-se invisivel; e saíu de Jerusalem.

A OVELHA, A DRACHMA, O FILHO PRODIGO.

Transportou-se Jesus para os sitios por onde primeiro andára João Baptista na sua tarefa de baptisar; por lá se foi ficando. Continuavam a rodeal-o de toda a parte publicanos e peccadores, a quem attrahia a muita indulgencia d'elle. A ninguem repellia; instruia a todos. Sempre na mesma os Phariseus, os Doutores, e os Escribas, não se cançavam

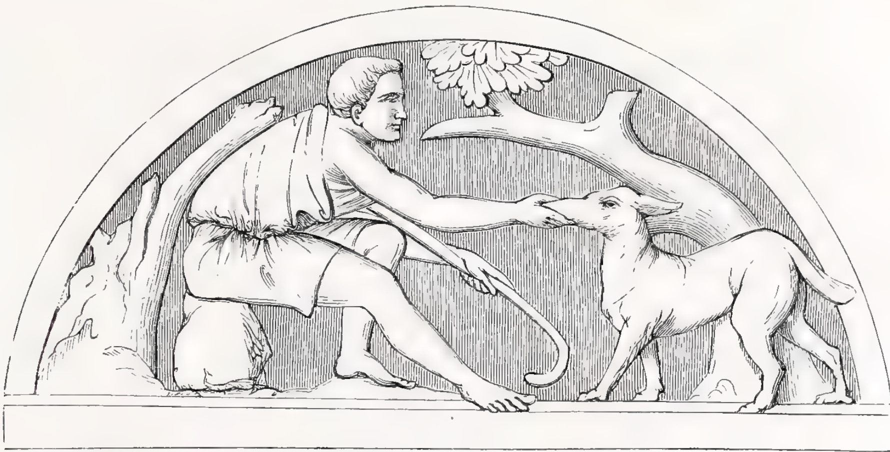


Fig. 72. — O bom pastor attrae a si um lobo para d'elle fazer um Cordeiro. Esculptura das Catacumbas, conservada no museu do Vaticano.

de reprovar tanta condescendencia para com gentes tão humildes, e de tão máu nome. Olhae lá, disiam então, como este homem acolhe os peccadores, e come com elles!

Respondeu Jesus com a parábola do Pastor, que desampara o seu rebanho de cem cabeças, só para procurar una ovelha desgarrada; depois com a parábola da Mulher, que toda se alegra por ter encontrado a drachma que perdêra. Dizia aos Phariseus, que os Anjos de Deus se alegravam mais, lá no céo, pela conversão de um peccador só, do que pela penitencia de noventa e nove justos. Para lhes insinuar ideias ainda mais certas da misericordia divina, apresentou-lhes a parábola do Filho prodigo, onde com tão doce aspecto nos apparece o coração do pái de familias. E comtudo é para nós evidente que não está ainda ali inteiro o amôr de Deus e o do Salvador; porque na parábola o pae aguarda o filho;

mas Deus, que é o verdadeiro pái, chama pelo peccador afundido nos seus desmandos; sollicita-o para que volte, dá-lhe a certeza do perdão, e vai pessoalmente buscal-o. E para chegar até ao ingrato, por que desviados caminhos não teve de passar Jesus!

A bem diser, redusem-se aquellas tres parábolas a uma só. Lição mais suave, não a encerra o Evangelho.

As cem ovelhas da parábola primeira são o dominio universal de Deus. Cem, numero perfeito, figurando ali a totalidade das creaturas. A ovelha desgarrada é o genero humano. O filho de Deus, que é o bom Pastor, desampára o rebanho fiel, e desce ao mundo; encontrou a sua ovelha, mas não lhe dá castigo: não a reconduz brutalmente, a açoite de mercenarios ou a dente de rafeiros; não; prefere carregar com ella aos hombros. Ahi se reconhece bem o Samaritano. Tomou Jesus o fardo da humanidade. Que pezo é esse, que estradas são as da volta, bem o sabemos; mas é certo que descobriu o perdido. E assim como o pastor congrega amigos e visinhos, congrega Jesus os seus Santos e os seus Anjos, e diz-lhes: « Alegrae-vos comigo! » ou antes, segundo emenda Santo Ambrosio não diz: alegrae-vos com a ovelha encontrada; diz: alegrae-vos « comigo. » A nossa vida é que é a alegria d'elle; a nossa tornada para o céo é que é a sua maior felicidade.

Pela parábola da ovelha ficamos sabendo que somos creaturas de Deus, e que a elle pertencemos. A parábola da Drachma diz-nos, além d'isso, que fomos feitos á sua imagem e semelhança, porque na drachma, moeda real, está insculpido o rosto do rei. A mulher, em quanto procura pela moeda que perdeu, leva na mão a lanterna acceza. Lampada acceza é luz dentro em vaso de barro; assim como Jesus é divindade em carne terrestre. A mulher symboliza a Igreja; ergue na mão a luz christã, doutrina de verdade. Ao clarão d'essa lampada immortal, e graças ao vigor da sua fé no mysterio da Encarnação, vence a Igreja as trevas mais densas. Busca sem cessar, agita, purifica; a final encontra a alma desgarrada; oh! como é grande o seu jubilo! e como todos os que a amam se congratulam com ella! Na mulher que « varre » tambem se reconhece aquelle de quem disse João Baptista: Ha-de tomar o seu crivo, e limpar a sua eira; ha-de encelleirar bom grão, e atirar a palha ao lume que se não apaga.

A mesma significação apparece, com maior desenvolvimento, na pará-

bola do Filho prodigo. Ahi avulta mais a culpa do peccador, o que dá novo realce á misericordia que o protege. Até ali parece que Deus só procurava, só queria encontrar o que era seu. Agora raiou o seu amôr,



Fig. 73. — O filho prodigo, não tendo já sequer o alimento do seu gado, diz : Hei de erguer-me, hei de ir ter com meu pái, e hei de dizer-lhe : Pequei meu pái. » Gravura de Alberto Durer, seculo XVI. Bibliotheca do Sr Ambr. Firmin Didot. Na figura do filho prodigo, a si proprio se retratou o artista.

bem maior que as ingratidões humanas. Ha além d'isso uma grande lição acerca dos Judeus; vemos ali pintadas com crueza a sua natural seccura e inveja, e prophetisada outra vez a sua volta. Tem dois filhos o Pái de familias; representam os dois póvos; o mais velho, permaneceu

nò lar paterno; o mais novo reclama o seu patrimonio, recebe-o, e abala. O Judeu guarda o culto de um só Deus; o gentio adora os idolos.

Este recebeu a sua partilha : isto é : rasão, livre arbitrio, os bens da terra e da natureza, e até certo ponto os thesouros mesmos da graça, quer dizer : as recordações da revelação primitiva, e a promessa do Redemptor. Aparta-se de seu pái, não pela distancia (commenta Santo Agostinho), visto que em toda a parte está Deus, mas sim pelo coração; o peccadôr foge a Deus, e conserva-se a distancia d'elle. Aparta-se, e dissipa toda a fasenda que lhe coube, e que inteira se lhe escôa nos desregramentos. N'aquella ausencia de Deus, em que se afundou, n'aquelle pélago das mundanidades, n'aquelles antros de sereias, entrega ao erro a alma, ás paixões o coração. Perde a rectidão do juizo, a candura do sentir, a sensibilidade da consciencia, o discernimento justo do bem e do mal. Envolve-o a descrença, e por ella se lhe abafa a rasão, e se lhe abre o caminho para a idolatria. Afastou-se de seu pái, e por fim esqueceu-o. E' o cumulo da sua ruina. Esgotados todos os recursos, sobrevem a fome. Foi-se a verdade, acabou o amôr; fome de espirito, fome de coração.

Entra então ao serviço de um dos moradores da terra. Morador d'aquella terra, principe das trevas. Manda-o este para fora, para os montados, guardar o gado immundo. Pelo trabalho que sobrecarrega o Prodigo, conhece-se-lhe o amo. Esse amo nega-lhe o alimento, ou (quem sabe ?) o que lhe dá não chega a fartal-o. Bebe de uma agua, que lhe não apaga a sêde; come de um pão, que o deixa a desfallecer de fome. « E desejava pascer-se com o mesmo alimento de que se pascia o gado; mas nem isso lhe davam. » Aquillo, com que o amo do Prodigo sustenta os seus animaes, aquellas cascas sem sustancia, e que só enchem e pesam, sem alimentarem, recordava-se mui bem Santo Agostinho de as ter comido tambem. Maximas do século, e vanidades sonoras; sensualidades grosseiras e suinas, banquetes suinos no lodo, volúpias que tanto quebrantam, e ao cabo annullam, as faculdades da alma. Nem isso mesmo já o Prodigo tinha. Tu, filho de rei, que todo te devotaste a guardar os rebanhos de Satanaz, nem esse mesmo pasto immundo receberás como salario. Conduze-os, engorda-os, espairece-os, e vive no seu muladar; poderás ter-lhes inveja, visto que não tens de gosar-lhes os praseres.

E é esse o ultimo recurso do peccador, a graça derradeira que lhe Deus envia : ser desgraçado. Nos apertos da miseria recorda-se, cae em si, de-

termina ir ver seu pái. No intimo da alma pressente que este já o não ha de ver. Do que trouxe comsigo, nada lhe resta, a não ser aquelle instincto, que só a morte lhe podia tirar. Sempre que pensa no pái, tem para si que elle ha de querer perdoar-lhe. Para não dilapidarmos até aquelle quinhão da nossa herança, não nol-a deixou entre as mãos o eterno Pái, com receio de que a deixassemos perder; nem nol-a deixou escrita na alma, com receio de que se apagasse; esculpiu-a no mais intimo do nosso coração, onde tudo arrostam aquellas sagradas lettras. Quando ao mundo foi dito que Deus é bom, o mundo reconheceu a Deus.

Apesar da sua cegueira, bem depressa percebe o Prodigo o que tem que fazer. « Hei de erguer-me, hei de ir ter com meu Pái; e dir-lhe-hei : Pequei, meu pái; nem já sou digno de que me trateis por filho; tratae-me como a um servo. » Sae mesmo do âmago da natureza humana aquelle fallar; aquillo é que é o sentimento humano; a humanidade é assim : carece de modificar-se pela confissão das suas culpas; precisa chamar-se indigna, pois acha que o é; não segundo a sua origem, visto que se declara filha de Deus, mas segundo as suas faltas e obras perversas; precisa reconhecer que per si mesma não pode rehabilitar-se, e recollocar-se no honrado posto que foi seu.

Levanta-se pois o Prodigo, e vai-se ter com seu pái. « Ainda estava longe de casa, e já d'essa distancia o pái o avistou. » Não espera por elle; não aguarda que elle falle e se humilhe; corre-lhe ao encontro, abraça-o, aperta-o. E' assim tambem que Deus é revelado por Aquelle *que appareceu,* diz S. Paulo, *pois era o amôr e a bondade de Deus.*

Lá vem elle, narra S. João Chrysostomo. O peso dos nossos erros havia de impedir-nos a nós que chegassemos; mas elle, como poude descer até nós, desceu; e antes que profirâmos uma só palavra, beija-nos os labios por onde tem de saír a confissão de uma alma penitente. Ainda nem sequer formulámos uma phrase, e já toda a nossa declaração foi acolhida. Percebe-nos Deus os mais reconditos pensamentos, diz Santo Ambrosio; e quando ainda vagamos longe d'elle, acerca-se de nós, por medo de que algum inimigo nos detenha. O que o chama é a sua presciencia; o que tanto o enlaça comnosco é a sua clemencia. N'um arrebatamento de amôr paterno, apressa-se em levantar quem succumbíra, em apontar o céo a quem, de tão curvado, o não via já. Mas que braço é este de um tal Pái, que tão cheio de ternura enlaça o peccador? O Pái,

prosegue Santo Agostinho, não desamparou a seu filho unico, por via de quem emprehendeu aquella carreira em busca da ovelha desgarrada: *Porque Deus vinha a ser o mesmo Christo congraçando comsigo o mundo.* Abraça-se com o peccador, isto é: abaixa para nós o braço, e esse braço vem a ser Nosso Senhor Jesu-Christo. Assim como o homem opera por intermedio do braço, Deus opera por intermedio de Christo; e é por isso que elle é chamado *a força de Deus.* Já Isaïas tinha perguntado: *A quem é que foi revelado o braço do Senhor?*

E então, confessa-se o Prodigo. Brada: Meu Pái! Declara que peccou, e que se não acha digno de ser seu filho. Mas não acrescenta as palavras que primeiro meditára: Tratae-me, senhor, como a um servo. Já não tem animo de o dizer, desde que em presença de seu Pái pronunciou aquella dôce palavra: Pái! e muito menos, desde que esse Pái o abraçou. Sente que está rehabilitado, que lhe foi restituido o seu ser de filho. E o Pái não o increpa; não lhe recorda um passado inteiro de crimes, vergonhas, e dôres. Isso tudo desfez-se; até os vestigios materiaes de um tal passado devem desapparecer. Escondei aquelles andrajos; venha o antigo vestido d'elle, o seu vestido de innocente. Assim é que me é restituido o meu filho, na sua pureza primitiva. Enfiae-lhe no dedo um anel, symbolo de nupcias, penhor de união, symbolo da fé que ha de raiar nas obras d'elle. Calçae-o, porque os pés d'elle não tornem a macular-se pelo chão. E mate-se o vitello gordo, e comâmos, e viva a alegria entre todos nós, visto que o meu filho que me morrêra, o tenho aqui outra vez ressuscitado! O vitello gordo era a victima que o sacerdote offerecia pelos peccados. N'este caso figura a Eucharistia, a victima que ha de alimentar a humanidade reparada n'aquelle filho que era morto. E sentaram-se todos á meza, e começaram o festim. E agora, conclue Santo Agostinho, vae festa pelo universo inteiro.

Com aquellas tres parábolas deviam ficar descontentes os que reprovavam em Jesus tão bom acolhimento a peccadores. O episodio do Filho primogenito veio responder aos que assim murmuravam.

Aquelle filho primogenito, que recusa entrar em casa por lá se festejar a tornada do irmão, e que até resiste aos rogos de seu pái, symbolisa o pôvo judaico. Consta que se tornava do campo. Não saíra, é certo, para longes terras, e todavia não estava em casa. Anda no campo, anda entretido, sem gosto, em lida que toda é da terra. Serve a seu pái, mas não

o ama. O Prodigo, esse, quando pensava no pái, acreditou no seu amôr, e veio. O outro duvída da justiça do mesmo pái, ou antes nega-a. Devorado de inveja torpe, não quer entrar. Chega-se o pái a rogar-lhe que entre; recusa-se. Assim o vemos. Mas não tem de ser baldada aquella saída do pái; que dôce violencia ha de elle empregar contra aquelle co-



Fig. 74. — A tornada do filho prodigo. Cobre-o seu pái com a sua capa, e perdôa-lhe. Quadro de Lionello Spada, no museu do Louvre. Seculo XVII.

ração rebelde! ha-de comtudo aguardar a melhor opportunidade, logo que houver entrado a onda das nações.

Representa o primogenito os que tanto murmuram do salario pago aos obreiros da hora undecima; e representa não menos certas almas fieis, ou, mais ao certo, ponctuaes, mas baixas e invejosas, que, logrando viver cheias de inutilidade no recinto do Christianismo, quasi pedem contas a Deus pelas graças das conversões de peccadores ás horas derradeiras.

Como se reputam justos, e o são (justiça fria é comtudo a sua, e carece ella propria de indulgencia) bem quereriam não ver acolhidos do celeste amôr os que peccaram de modo mais evidente. Ora esse zelo pharisaico é desacceito a Deus; o que elle mais quer é a conversão dos peccadores. Devem recear aquelles zelosos, que o seu desprezo do peccador, e os seus despeitos contra a misericordia, os não impeçam a elles de penetrar no céo. Já faz uma grande confissão aquelle que brada cheio de dôr : Meu pái! aquelle que se propõe firmemente cair-lhe nos braços, e dizer-lhe : Pequei, meu pái! Esse chama a Deus pelo seu verdadeiro nome, e quer cumprir o que Deus ordena. E quem sois vós, lhes pergunta Santo Ambrosio, que assim exigis ao Senhor que não perdôe? Bemdigamos a possibilidade da remissão dos peccados pela penitencia, com receio de que nos não sejam os nossos perdoados. Não deixemos de admittir a quem de longe vem, e lembremo-nos de que nós tambem temos andado erradíos, e de longissimo nos temos tornado para Deus.

E' o mencionado doutor, quem faz notar o accordo que tão de perto irmana as tres parábolas. N'ellas vê tres consolações immensas á nossa miseria, tres motivos para esperança no abysmo dos nossos peccados, um como triplice calabre que nos offerece a misericordia divina. Aquelle pái é Deus; aquelle pastor é Christo; aquella mulher é a Igreja, cheia do Espirito Santo; e por toda a parte avulta Jesus, o Salvador. Busca a nossa alma, como poderia uma sollícita mãi de familias buscar o que mais precioso lhe fôsse; torna-nos ao redil, e elle proprio carrega comnosco, elle o pastor vigilantissimo; acolhe-nos, como faria um verdadeiro pái. Somos as ovelhas : Conduzi-nos, bom pastor, ás pastagens eternaes! Somos a drachma : O' rei, em nós trazemos esculpida a vossa imagem e o vosso nome! Arrancae-nos do pó, e restitui-nos ao nosso brilho antigo! Somos o Prodigo : O' Pái, vinde para nós, vinde; quitae-nos este pesado jugo do demonio, e dae-nos o jugo do amôr!

Fallando sempre aquella divina linguagem das parábolas; continuou o divino Mestre a preconisar o desprezo das riquezas. Quiz tambem ensinar aos homens o modo de purificarem os haveres injustamente alcançados : Mantende com elles a pobreza, disse elle; fazei-vos, graças á esmola, amigos intimos do céo.

Os Phariseus ricos, tão soberbos como avarentos, tinham para si que os seus bens não eram mais que o justo premio das virtudes que a



Fig. 75. — O rico perverso. Gravura de Jean Cousin na livraria do Sr Ambr. Firmin-Didot, seculo XVI.

si mesmos attribuiam. Mofavam pois das parábolas de Christo. A esses motejos respondeu Jesus pela parábola do pobre Lazaro, e do rico perverso. Pede o mendigo, o ulcerado Lazaro, ao rico lhe dê as migalhas da sua meza, e nada alcança. Morre, e levam-n'o os Anjos para o seio de Abrahão. Chega ao rico a sua vez de morrer, e a sua jazida é o inferno. D'entre as chammas grita para Abrahão : Pái, tende dó de mim, e enviae-me Lazaro, para que molhe em agua a ponta dos dedos e me refresque esta lingua! Resposta de Abrahão : Entre ti e Lazaro pôz a justiça um abysmo, que nem por elle nem por ti pode ser transposto.

Não se convertiam os Phariseus, mas instruiam-se os Discipulos; e todas estas doctrinas sobrehumanas lhes ficavam na memoria, para serem transmittidas á humanidade.

O MÁU JUIZ, A ORAÇÃO.

Fallou-lhes tambem Jesus da perseverança na oração. Já tinha tirado exemplo de um homem, que se levanta pela noite velha, e dá o que não tencionava dar, só por se livrar da importunidade de quem se não cança de o supplicar e bater-lhe á porta. Se tal faz um homem, acrescentava elle, que não fará vosso Pái, que é sempre justo e bom?

Repetiu a mesma lição, com outra figura : « E' mister orar sempre, e « não afrouxar. Era uma vez certo juiz, que nem temia a Deus, nem « se importava com os homens. Vinha ter com elle uma viuva, e dizia- « lhe : Concedei-me a minha justiça. Recusou-se elle durante muito « tempo. A final disse comsigo : Ainda que não temo a Deus, nem quero « saber dos juizos humanos, como esta viuva me importuna vou con- « ceder-lhe a sua justiça, para que a final me não faça algum desacato. « Ouvís o que dizia aquelle iniquo julgador. Pois Deus, pergunto eu, não « ha de por ventura vingar os de sua eleição, quando dia e noite ergue- « rem para elle as suas supplicas? pois ha-de consentir que os opprimam? « Digo-vol-o eu : ha-de vingal-os, e cedo. »

A vingança dos justos, a que elles teem obrigação de pedir sempre, é a salvação. Não pedem a vingança que o mundo entende, e que lhes é tão vedada; se a pedissem, deixavam de ser justos. O que elles supplicam é que os libertem, não do iniquo juiz, senão da sua iniquidade. Pedem tambem que os libertem das tentações do inimigo interior; e principal-

mente, que os livrem do mundo. Escuta Deus essa rogativa; em pouco tempo se acham libertados. É curta a vida para os opprimidos, e para os oppressores; os successos da vida são ainda mais breves; dispõe-n'os Deus por forma tal, que sempre vão dar á justiça d'elle; e em summa : a maior vingança dos justos é a paciencia que Deus lhes dá, e a força intima com que logram humilhar a maldade até mesmo quando ella triumpha (ephemeros triumphos os da maldade!). Quando o captivo leva comsigo mesmo para o ermo da sua serena masmorra a justiça da sua causa, já vae como que vingado do juiz. Quando entre supplicios desabrocha o sorriso do martyr, já o martyr fica vingado do carrasco. Todo aquelle que prefere acceitar oppressões a atraiçoar a verdade, vinga-o Deus para logo, enchendo-lhe o coração com os dons da verdade; e vinga-o entranhando, como se foram garras de ferro, o despeito, a vergonha, e o esteril remorso, no coração que blasona não crer em Deus, e não temer os homens. Teve sempre o mundo solemnissimos exemplos d'essa partilha que Deus fez; e ainda hoje os tem. Pode cada qual ver onde mora a maldade, triumphante mas aviltada, e onde mora a justiça, oppressa mas gloriosa, respirando paz, e já vingada.

Tudo que disse ou praticou o Senhor, por algum feitio se liga com a sua Igreja. Lá está representada a mesma Igreja na pessôa d'aquella viuva, constrangida a tantas sollicitações em favor da sua causa, distribuida a a um juiz iniquo. Até á chegada d'Aquelle que hoje a protege mysteriosamente, acha-se viuva a Igreja; a historia d'ella offerece-nos o perenne espectaculo do demorar da justiça, do recusal-a, do concedel-a a custo, e a final da prompta vingança. Os cuidados, que deshonram e perturbam o juiz iniquo, e que por ultimo o constrangem a distribuir justiça, por mais poderoso e perverso que elle se sinta, não vão conspurcar os pensamentos da Igreja. Teme a Deus, mas não se teme das affrontas. Insiste com o seu julgador da terra; ameaça-o até; mas ora ao seu divino julgador, e tem como certa a decisão d'elle. Espera, embora repellida, opressa, condemnada á morte, mas sempre coroada de justiça, immortal como a justiça, e serena como a justiça e como a immortalidade. Oh! belleza de Deus na terra! E por fim hão-de libertal-a, e vingal-a.

Mas, pergunta Santo Agostinho, porque diz a Viuva : « Vingae-me? » porque o dizem os eleitos, porque o dizem os martyres, no Apocalypse de S. João, ao passo que nos é expressamente imposto o preceito de orarmos

pelos nossos inimigos e perseguidores? N'esse seu pedido de vingança, subentendem os Justos a destruição do imperio da maldade, quer pela sua conversão á justiça, quer pelo castigo que lhe inutilisa o poder. Por outra, segundo a versão de S. Cyrillo, se nos é pessoal a offensa, o merecimento está em a esquecermos; se porém a injuria se entende com o proprio Deus, então invocamol-o a elle contra os inimigos da sua gloria e da sua verdade.

Concluiu Jesus por estas formidaveis palavras: « Quando chegar o Filho do Homem, julgaes vós que ainda encontre fé n'este mundo? » Quando o Creador omnipotente apparecer na figura do Filho do Homem, diz o veneravel Beda, tão poucos hão de ser os eleitos, que ha de precipitar-se a ruina do mundo, não tanto por causa das supplicas d'elles, quanto pela indifferença dos demais. Adverte-nos o Senhor para todas as occasiões, visto não sabermos a nossa hora; e desde o momento em que se extingue a fé, perdeu a oração o seu poder, ou cessou de todo. Acreditemos pois, brada Santo Agostinho, para podermos orar; e oremos para podermos acreditar. Da fé nasce a oração; com a oração cobra a fé alentos novos. Esse é o ensinamento de Christo, fora do qual é vã toda a sciencia; sem a fé, nada somos; sem a oração, nada podemos. Quem a taes verdades cerra ouvidos, não tem para si que por sua causa descesse Jesus ao mundo; e essa sua fronte erguida de altivez, e que assim rejeita os divinaes clarões, ha-de baixar entre miserias ao intimo das trevas.

Comtudo pode a oração tornar-se esteril. Completou Jesus essas lições com uma parábola acerca da humildade que tão necessaria é para a oração.

« Subiram certo dia dois homens, disse elle, ao Templo para orarem; um era Phariseu; era o outro Publicano. O Phariseu orava de pé, e dizia assim: Quanto vos agradeço, ó meu Deus, não ser como os outros homens, que são ladrões, injustos, e adulteros! e não ser tambem como é aquelle Publicano! Eu por mim, jejuo duas vezes por semana, e pago o disimo de tudo quanto possuo. Apartado a um canto, nem sequer ousava o Publicano erguer os olhos para o céo; batia no peito, e exclamava: Meu Deus, amerceae-vos de mim, que peccador sou eu! — Pois o que vos affirmo, acrescentou Jesus, é que este retirou-se plenamente justificado, e o outro não. »

E' a soberba a paixão que mais atormenta o coração humano; por isso é que Jesus tantas e tantas vezes insiste contra ella. Aquelle Phariseu é o vivo retrato da soberba. Ora, mas na sua mesma oração entreluz o seu orgulho, que é o desprezo de Deus. Nega a Deus, attribuindo a si proprio a sua justiça; e aquella justiça cheia de altivez é o que perde a alma d'elle. Faz de pé as suas orações; ressumbra soberba a sua mesma pos-

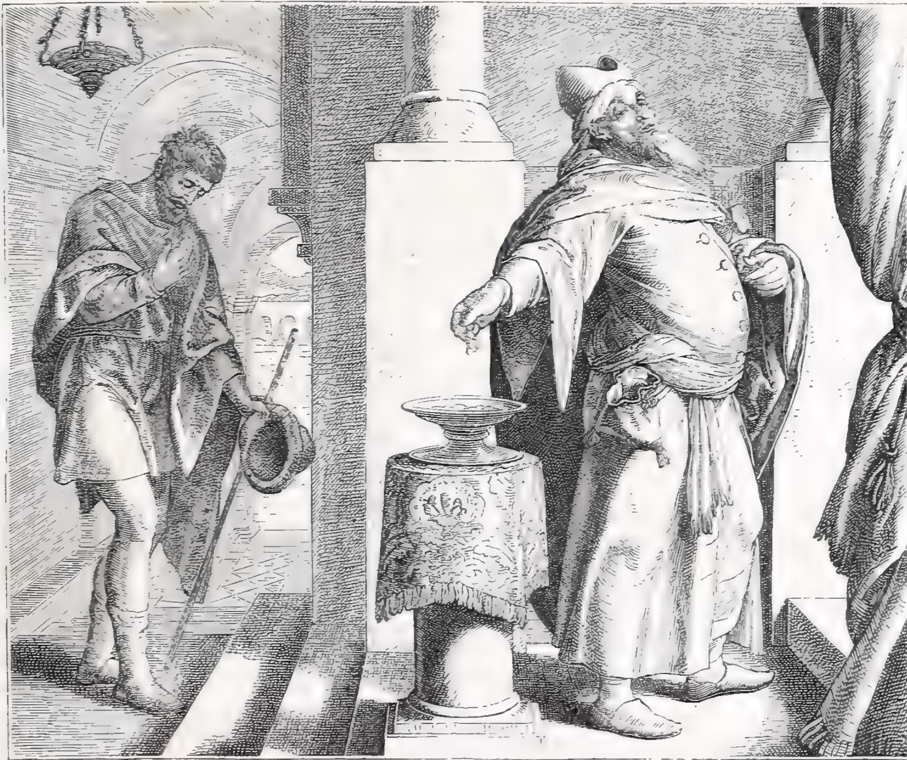


Fig. 76. — O Phariseu soberbo, e o Publicano arrependido « Declaro-vos eu, disse Jesus, que este saíu illibado, e o outro não; porque todo aquelle que se exaltar ha de ser humilhado; e todo aquelle que se humilhar ha de ser exaltado. » Schnorr, *Illustrações á Biblia;* Pariz, Schulgen.

tura. Fal-as de si para comsigo, porque os seus pensamentos só a elle proprio se dirigem. Emprega a formula: *Senhor, eu vos agradeço;* mas é a si proprio que elle agradece os merecimentos que reconhece em si; não deseja outros, e nada supplica. « De modo que és um ente de perfeições, lhe brada Santo Agostinho; possues de tudo á farta; nem careces de dizer: Perdoae-nos, Senhor, as nossas dividas. » Segui attentamente a oração d'aquelle Phariseu: *Eu não sou como os outros homens.* Se ao menos dissesse: como são muitos homens! Mas não diz; na sua especie

é unico : Por mim, sou justo; os de mais todos são peccadores. *Nem como aquelle Publicano.* Esse é como são todos : é ladrão, injusto, e adultero. Despreza o Pharizeu a todo o genero humano; faz recaír todo o pezo da sua soberba por sobre aquelle irmão, que se humilha na presença de Deus. Narra as obras bôas que elle proprio fez, e cifra n'isso as suas orações. Quando assim exalta os seus merecimentos, diz S. Gregorio, é esse mesmo orgulho quem abre aos inimigos que o assaltam a fortaleza do seu coração. Fechou-a de balde com as orações e os jejuns; lá está uma brecha patente; por ahi tem de irromper o inimigo.

Não me admira, acrescenta Santo Agostinho, que Deus perdoe ao Publicano que de si proprio se constitue julgador. Conserva-se afastado, e comtudo é a contrição quem o aproxima; e junto d'elle vela o Senhor; o Altissimo sabe conchegar-se com os humildes. Não se atreve o Publicano a encarar; e por isso mais merece ser contemplado. Averga-o o pezo da sua consciencia; mas levanta-o a esperança. Bate no peito, como que para castigar de máus pensamentos aquelle coração, e despertal-o do seu dormir. Como confessa os seus peccados, ha de o Senhor perdoar-lhe. Ouvistes o soberbo accusador; ouvistes o culpado humilde; escutae agora o Juiz : « Digo-vol-o eu : este retirou justificadissimo; e o outro não, porque todo aquelle que se elevar será abaixado; e quem se abaixar será elevado. »

Doutrinando o seu povo, desenvolve S. João Chrysostomo aquella lição por meio de uma figura que lhe saíu toda á maneira bysantina.

Vedes vós, diz elle, dois carros em porfia n'uma arena. N'um d'elles vai a justiça casada com o orgulho; no outro vai o peccado ligado com a humildade. O carro do peccado leva de vencida o da justiça ; não pelas suas forças proprias, mas pelo condão da humildade. O outro carro fica-lhe atraz; não por culpa da justiça, mas pelo que n'elle vai pesando a soberba. Do pezo do peccado triumpha a excellencia da humildade; exalta-se, e chega até Deus; mas o pezo da soberba empece a justiça. Por muitas obras de virtude que hajais praticado, perder-lhes-heis todo o fructo, se vos cegarem as presumpções. Por muitas culpas que vos averguem, se vos achardes criminoso, cobrae animo! não ha de Deus repellir um coração contricto e humilhado.

Ora como a humildade quando se une ao peccado é tão agil que logra vencer a justiça unida á soberba, quanto não ha-de a humildade correr, se

se ligar com a justiça!? Por outra parte, se a soberba pode aviltar, e empecer a propria justiça, em que abysmos nos não ha-de a mesma soberba afogar, quando se emparelhar com o peccado?! Não desprezeis pois a justiça, mas evitae os assomos da soberba.

Para bem penetrar o Evangelho, é mister lançar uma vista de olhos ao mundo, e examinar-se cada qual a si. Vê-se logo quanto deu vida á humildade aquelle maná, e como o Evangelho allumia as almas. Sobe-se então até á matriz d'aquella torrente de vida e claridade. Quem logrou revelar, como o fez o Evangelho, o que é Deus e o que é o homem, e pôl-os em contacto, encontrando nas proprias miserias humanas a maneira de aproximar de Deus o mesmo homem? Quem podia conseguir que o peccado se tornasse, graças á humildade que elle em nós deve causar, um instrumento de salvação? Considerando que da culpa nasceu a Redempção, e só pela Encarnação podia a Redempção operar-se, poude a Igreja bradar: *Felix culpa!* Ao presencear quanto a soberba nos está constantemente afastando de Deus, teria o christão quasi tentações de exclamar: Felizes de nós, que possuimos o peccado! Da sua propria fraqueza tíra boas armas a prudencia de S. Paulo; reconhece que a tentação, que o esbofeteia como enviada de Satanaz, lhe é salutar para lhe impedir perigosas ufanias; porque era impossivel, diz o commentario attribuido a Santo Ambrosio, que o coração de um tal homem, que tamanhas coisas presenceára, se elevasse como devia, a não o humilhar o pezo das miserias humanas. Por esta forma, serve ao menos o peccado para interceptar o canal da soberba; evitamos o abysmo, por tropeçarmos na estrada. Este profundo conhecimento da pequenez do homem e da clemencia de Deus, avulta a cada passo nas parábolas, ao passo que em sua mesma singeleza estão ellas a insinuar-se a todas as intelligencias. Aquillo, pondera Bossuet, é leite para as creanças, e é pão para os fortes. Ali vemos Jesus, senhor dos segredos de Deus, mas não atonito d'elles; explana-os com summa naturalidade, como quem nasceu entre taes segredos, e se creou na presença das glorias divinaes.

POBREZA VOLUNTARIA, AS CREANCINHAS.

Deu-se, por influencia celeste, um caso, que revelou aos Discipulos a ventura e o merecimento da pobreza voluntaria.

Chegou-se a Jesus certo mancebo, dos principaes da terra; dobrou o joelho, e perguntou : Que hei-de eu fazer para alcançar a vida eterna? Respondeu Jesus : « Cumpre os mandamentos. — Quaes ? atalhou o mancebo. Tornou o Senhor : Bem os sabes. Não mates; não commettas adulterio; não furtes; não dês falsos testemunhos; não enganes; honra a teu pái e a tua mãi; e ama o teu proximo como a ti mesmo. — Volveu o mancebo : Isso tudo cumpri eu desde menino; que me falta ainda ?

Agradou a Jesus aquella sinceridade, aquella innocencia; e disse : « Ainda uma coisa te falta : Se queres attingir a perfeição, vai, vende o que possues, dá-o aos pobres, e alcançarás um thesouro no céo. Depois d'isso, volta, e segue-me. » Mas o mancebo saíu d'ali tristissimo, porque tinha muito de seu. Então Jesus, lançando a vista em roda, disse para os Discipulos : « Como é difficil aos opulentos o entrarem no reino de Deus! » Ao espanto em que os Discipulos ficaram, tornou Jesus : « Filhos meus, quanto é difficultoso para quem só confia nos seus haveres, o penetrar no reino de Deus! Passará antes um camello pelo fundo de uma agulha, do que entrará um abastado ao reino do Senhor. » Perguntavam entre si os discipulos : Logo, quem é que se salva? Disse Jesus : Isso é impossivel aos homens, mas a Deus tudo é possivel. »

Perguntou Pedro, qual tinha de ser o premio dos Apóstolos, por terem desamparado tudo seu, e seguido a Christo. Respondeu elle, que ao triumphar o Filho do Homem, os que o houverem seguido hão de ser a par d'elle os arbitros do mundo. Porque todo aquelle que pelo Evangelho houver desamparado a sua casa, ou os seus irmãos, ou as suas irmãs, ou seu pái, ou sua mãi, ou sua mulher, ou seus filhos, ou a sua fasenda, ha de receber centuplicadamente nos jubilos da vida eterna.

Mas para manter n'elles um temor salutar, ao passo que lhes annunciava a ordem nova que a justiça estabeleceria no dia das recompensas, acrescentou que n'esse tal dia muitos dos primeiros haviam de ficar para ultimos, e muitos dos ultimos passar para primeiros. E para que ficassem conhecendo a imparcialidade com que Deus distribue as suas graças, apresentou-lhes a parábola dos vinhateiros, entre os quaes os que só trabalharam na ultima hora receberam o mesmo salario que os que lidaram desde manhã (fig. 77).

Ia-lhes fallando, e assim os ia doutrinando, ao acercar-se de vagarinho de Jerusalem, onde não queria entrar senão com a festa da Paschoa. Ia

de caminho curando enfermos (fig. 78) e em tudo respirando sempre aquella doçura que tanto dominava, e que era a feição principal da sua palavra e das suas obras; sempre o mais humilde dos mortaes, sempre



Fig. 77. — Parábola dos vinhateiros. A vinha é a Igreja; os vinhateiros são os fieis; o feitor é Jesu-Christo, que distribue a cada operario o que lhe compete. Desenho de André del Sarto, na galeria do archiduque Carlos em Vienna, seculo XVI.

a rutilar de divindade. Ninguem fallára jamais como elle fallava; e ninguem tinha direito para fallar assim. Uma vez, dirigindo-se á multidão, proferiu estas phrases, que o espirito do homem, desacompanhado de Deus, nunca haveria podido dictar, nem sustentar, nem sequer entender :

« Se alguem para mim vier, e não deixar por mim seu pái, sua mãi, seus filhos, seus irmãos, suas irmãs, e até a sua propria vida, e não supportar a sua cruz, e me não seguir, esse nunca poderá vir a ser discipulo meu. »

Conhecia-se que tinha Jesus na sua mão o céo, a terra, e o coração da humanidade. Ainda ha pouco o ouvimos, ao fallar com os Discipulos, chamar-lhes « filhos meus ». Essa ternissima expressão dobradamente os glorifica, pois demonstra a affeição que lhes elle consagrava, e a qualidade que os distinguia. O sentido d'essa expressão explica-se por um Acto de Jesus, que ao mesmo tempo lhe denuncia o coração; é isto que segue.

Era de uso levarem-lhe as creanças, para as elle abençoar. Quiseram uma vez os Discipulos afastal-as mais para longe, com receio de que a turba importunasse o mestre. No sentido mystico, figuravam os Discipulos aos Judeus, ciosos da vocação dos Gentíos.

Disse-lhes então Jesus : « Deixae vir para mim as creancinhas, porque de quem se lhes assemelhar é que é o reino de Deus. E em verdade, quem não receber o reino de Deus com a singeleza de alma com que o receberia uma creança, não tem de entrar lá. »

Não é diser que a uma idade tem de preferir-se outra, porque assim vinha a ser uma calamidade o adiantar em annos; aquillo só quer significar que a tudo se avantaja a innocencia. O reino de Deus só cabe a quem se assemelhar com as creanças, a quem souber conservar, ou reconquistar a innocencia com que as dotou a natureza. Para a creança não ha odios; a creança não conhece o crime; não busca riquezas nem honras; volta para sua mãi depois d'ella a ter castigado; acceita com docilidade o ensino dos seus mestres; não contende; não contradiz; não desconfia; n'esse estado é que o homem que deseja « entrar » tem de receber a palavra de Deus. Taes eram os Discipulos. Ensina-lhes Jesus ao mesmo tempo a que não despresem os pequenos, não firam o seu não saber, os doutrinem com paciencia e brandura, e se tornem creanças elles mesmos para captar os pequeninos. N'aquelle seu amar a infancia, nos exemplifica elle quanto a devemos nós amar. No mundo da civilisação, em Roma, por exemplo, ensinavam-se de cór aos meninos os dialogos de Platão, que elles recitavam durante os banquetes para passatempo dos convivas. Aquella porém era a minima das torpezas a que



Fig. 78. — Cura de nma enferma. Gravura de Alberto Durer, seculo VI.
Livraria do Sr Ambrosío Firmin-Didot.

andava exposta a meninice. Só de Christo em diante é que datam os direitos d'ella.

E Jesus afagou as creancinhas, impôz-lhes as mãos, e abençoou-as. N'aquillo provava elle, nota S. Remigio, quanto os pobres de espirito

são merecedôres da graça divina. N'aquelle impôr das mãos, diz S. João Chrysostomo, expressa elle o operar da sua virtude celestial; abençôa, seguindo um uso humano, porque se tornou homem, ao passo que ficava sendo Deus; abraça, como que para trazer para o seu seio a creatura decahida.

Se no Evangelho houvesse ponto que podesse não ser acreditado, não eram certamente os milagres assombrosos, que transcendem as leis naturaes; nem as phrases sublimes que veem para revolver a face do mundo; nem as audacias da misericordia, que declaram justificado o Publicano graças á só virtude da oração; nem o Calvario; nem a Eucharistia; nem, em summa, coisa alguma de tudo que ali se nos ostenta incomprehensivel, e por isso mesmo visivelmente participa de Deus. Tudo isso é de Deus; e desde que elle o quiz executar, não admira que o chegasse a executar. O que abysma é ver a indulgencia da magestade divina, como vem ingerir-se nos humanos interesses! falla a lingua dos homens; balbucia com elles; toma-os pela mão; acaricia-lhes os filhinhos, e trata o peccador com mais ternura ainda do que o tratou quando elle, vestido só da sua innocencia, habitava o Paraiso.

Quando bem meditâmos esses quadros todos, quando contemplâmos os filhos de Deus apertados nos braços divinos, sentimo-nos assaltados de um como deslumbramento do impossivel. E assim é, perguntâmos então, que o Senhor nos amou?! e é isso o que valemos?! e é tal a valía da innocencia?! E uma só palavra póde restituir-nol-a, um suspiro só, que a nossa simples vontade póde lançar no abysmo que do infinito nos separa!?

O espaço infindo, entrepôsto entre Deus e nós, a lepra que nos roe, tudo isso nada é. Hão de os Anjos da nossa guarda levar para o céo o nosso suspiro, e ao apresentarem-n'o sem demora ao Verbo incarnado, tem de caír logo a nossa lepra, e nós ficâmos sendo os filhos immaculados do Altissimo; e nem na terra, nem no céo, nenhum poder de justiça, nenhuma lembrança das nossas iniquidades, logrará prevalecer contra esta singela phrase, que ha de abrir-nos o coração de Deus: Pequei, meu Pae.

E' assim que Deus amou o mundo.

VI

AS RESSURREIÇÕES

Lazaro. — Ressurreição universal. — Caipház, o cégo de Jerichó, Zacheu, Magdalena, e Judas.

LAZARO.



RAM tres irmãos : Maria Magdalena, Martha, e Lazaro, moradores todos tres em Bethania (fig. 80), póvoa nas cercanias de Jerusalem; todos tres muito queridos de Jesus. Como Lazaro caísse de cama, suas irmãs mandaram dizer a Jesus : « Senhor, acha-se enfermo o vosso amigo. » Oração perfeita, como a da Cananêa. Que outra coisa é a perfeita oração, a não ser uma singela exposição do requerido, acompanhada de firme confiança em Deus que tudo pode?

Jesus, que bem previa o que tinha de succeder, respondeu não ser mortal aquelle padecimento de Lazaro, mas ser comtudo destinado á maior honra divina, e á glorificação do Filho de Deus. Por dois dias mais se conservou n'aquelle sitio; e disse depois aos Discipulos : « Tornemo-nos para a Judêa. » Objectaram-lhe os Discipulos cheios de espanto : « Mestre, andam os Judeus em vossa procura para vos apedrejarem; e ousais tornar-vos para lá?! Deu-lhes elle a saber quanto lhe era mister empregar o tempo em cumprir a sua

missão. E, fallando em nome da santissima Trindade, e annunciando uma obra de Deus, acrescentou : « Lazaro, o *nosso* amigo, está dormindo, sim, mas eu é que o vou acordar. »

Pensaram os discipulos que se tratava de um somno usual. Responderam : — Se está dormindo, por si mesmo ha-de acordar. Volveu Jesus : « Lazaro morreu; e por vossa causa estimo eu bem não ter lá estado, para que d'esta vez acrediteis. Mas vamos. »

E disse Thomé para os mais : Pois vamos nós tambem, e morramos com elle. Thomé, como depois succedeu a Pedro, cuidava ter em si mais força do que tinha.

Quatro dias eram já decorridos, desde que Lazaro dormia na sua campa, quando chegou Jesus. Tinha fallecido ao tempo em que o emissario das irmãs o dava apenas como doente.

Era moda dos Judeus, desde a volta de Babylonia, envolverem-se os cadaveres nas sabidas ligaduras, e enterrarem-se logo depois do fallecimento; ficava porém ainda aberto o sepulchro. Duas vezes por dia ali iam orar os parentes e amigos e prantear o morto, até lhe perceberem no rosto os signaes da decomposição. Assim se tinham celebrado os funeraes de Lazaro, com grande concurso de gente, por não distar Bethania de Jerusalem mais de uma hora de caminho. Esses mesmos amigos, ao acompanharem Martha e Magdalena, tinham dado com os visiveis indicios da putrefacção. Só então se lançára o sudario no rosto do defuncto; e tendo-se todos afastado, tinha sido já arrastada para a bôca do mausoléo a sua porta de pedra.

Ouviu Martha que se ia Jesus aproximando, e saíu-lhe ao encontro. Maria deteve-se em casa, quer fosse por ignorar a chegada do Mestre, quer fosse para exercer os deveres da hospitalidade. « Senhor, lhe disse Martha, se cá tivesseis estado, já meu irmão não morria; mas agora, agora mesmo, tenho fé em que Deus vos conceda tudo quanto lhe pedirdes. » N'este fallar é visivel uma fé hesitante e perturbada. Dir-se-hia que a irmã de Lazaro não comprehende que a um amigo de Jesus possa attingil-o a morte e a dôr.

Respondeu Jesus : « Teu irmão ha de ressuscitar. »

Tornou Martha : « Bem sei que ha-de ressuscitar lá no dia derradeiro ! »

Querendo Jesus acrescentar e fortalecer a fé no coração de Martha, e



Fig. 80. — Vista de Bethania, na falda do monte das Oliveiras; estado actual, segundo uma photographia. Nas suas viagens da Galilêa a Jerusalem gostava Jesus de descançar em Bethania, onde ia hospedar-se em casa de Lazaro e suas irmãs Martha e Maria. Ainda se vê n'esta aldeia a habitação de Lazaro, e a sua sepultura excavada na penedia.

mostrar lhe que nem sequer de uma supplica precisava, disse-lhe estas palavras de Deus : « Sou eu a ressurreição e a vida; quem crer em mim ha de viver, quando mesmo tivesse já morrido; e quem acreditar em mim não tem de morrer para sempre. Acreditas ? »

Já vimos o Salvador exigir a fé alheia para aquelles em favôr de quem vinham imploral-o, por isso que tambem os varios membros se encontram unidos no mesmo corpo, e devem trabalhar uns pelos outros. E' a communicação dos Santos. Respondeu Martha por um perfeito acto de fé theologica : « Senhor, sim; creio em que sois Christo, Filho do Deus vivo, humanado. »

Ditas essas palavras, volveu Martha para sua irmã, e disse-lhe baixinho, que o Mestre desejava fallar-lhe. Foi logo Maria ter com elle ao sitio em que Martha o encontrára. Acompanharam-n'a os seus hospedes, julgando que se encaminhava para o sepulchro. Desde que Maria avistou a Jesus, caíu-lhe aos pés e disse-lhe : « Senhor, se cá tivesseis estado, não morria o meu irmão ! » Vendo Jesus que ella chorava, e que tambem choravam os Judeus que iam com ella, estremeceu, e perturbou-se, isto é perturbou-se por assim o querer. Inteiramente senhor das sensações que podiam pertencer á sua humanidade, entregou-se todo á magua de pessoas que lhe eram tão queridas.

Perguntou : « Onde o sepultastes ? » — « Senhor, tornaram os presentes, vinde, e vereis. » Chorou Jesus; e disseram entre si os Judeus : « Vede quanto elle o amava ! » Comtudo tambem alguns diziam : « Pois não podia elle impedir que fallecesse Lazaro, elle que deu luz ao cégo de nascença ? » Conforme observa S. Cyrillo, é tomado de uma especie de espanto que o Evangelista narra as lagrimas de Jesus. Aquellas lagrimas, dizem outros interpretes, correm eguaes ás dos circumstantes, mas não teem a mesma origem. Lazaro na escuridão do tumulo representa aos olhos de Jesus o genero humano morto, sepultado, e corrupto. Chora Jesus ao presencear tal estado na sua creatura, destinada duas vezes á immortalidade, e duas vezes escravisada pela morte; chora pelos que não teem de ressuscitar.

Estremecendo outra vez no seu intimo, chegou Jesus cerca do sepulchro. Era uma gruta, cuja porta se fechava com um penedo. Disse Jesus : « Arredae aquelle penedo. » — Senhor, notou Martha, já Lazaro entra a exalar corrupção, visto que estamos no quarto dia. Tornou Jesus :

« Pois não te disse eu que, se fôr firme a tua crença, has de ver a gloria de Deus? »

Arredaram a pedra; e Jesus erguendo os olhos ao céo, proferiu estas palavras: « Graças, meu Pae, por me haverdes attendido! Quanto a mim, bem sei que me attendeis sempre; fallo porém por este pôvo que me cerca, para o obrigar a crer em vós, de quem sou enviado. »

Então bradou em voz sonora: « Lazaro, sae d'ahi! » E no mesmo instante saíu quem já fôra cadaver; saíu, de mãos e pés envoltos em faixas, saíu, de rosto occulto no sudario. E disse então Jesus para os presentes: « Desligae-o, e deixae-o andar. »

Que palavras, e que obra! Detem S. João Chrysostomo a sua attenção perante o misericordioso artificio, com que Jesus esconde, e realça a um tempo, a sua divindade. Implora seu Pae, e agradece-lhe. « Por mim, bem sei que me attendeis sempre; fallo porém por este pôvo. » Dando a entender que não lhe é mister a oração, sabe comtudo poupar a fraqueza dos seus ouvintes. O Filho de Deus não leva em mira a sua dignidade pessoal, mas só a nossa salvação; quanta humildade nas suas fallas! e como consegue mitigar o esplendor divinal das suas palavras! Esse brilho celeste avulta não obstante; e céos e terra, tudo lhe obedece. « A ressurreição e a vida sou eu. — Lazaro, sae d'ahi! » E' impossivel não conhecer ahi o *Verbo*, a *voz eterna* que sabe fallar ao nada, e de tudo consegue brotar vida. Diz Bossuet, que ainda a morte não tinha sido tratada com tal dominio. — Chama a Lazaro pelo seu nome, diz Santo Agostinho, para não obrigar a ressurreição de todos os defunctos.

Com a maior tristeza vê a rasão humana quanto se empenha a incredulidade em derrocar este milagre, onde não transparece menos a realidade historica, do que a essencia divina. Aquelle estremecimento de Jesus foi acoimado de embuste. D'ahi é que os chamados *sabios* inferem, ou não ter Lazaro ressuscitado, ou não ter fallecido! Já os Padres da Igreja haviam notado aquelle estremecimento do Filho de Deus. Estremeceu, affirmam elles, com o murmurar d'aquelles Judeus, cuja incredulidade mesma se ia basear n'um milagre, e que diziam: Elle, que deu olhos ao cégo de nascença, não podia por ventura impedir que morresse este amigo tão seu? Estremeceu, sim, porém muito mais se lhe arripiaram as fibras intimas da sua natureza humana, ao antever, no decurso do porvir, tantas almas purificadas no seu baptismo furtarem-se á evidencia, e

preferirem a tudo a reprovação. Por muito que se reconheçam possiveis no homem todas as insensatezes, a loucura de injuriar a Jesu-Christo é de si mesma inconcebivel. Parece que seria bastante o renegar, sem ser mister ir insultar tanta bondade, tanta justiça, tanto amôr. Uma causa existe porém para tamanho delirio. Essa causa horrivel é a necessidade da não existencia de Deus. Mas essa necessidade mesma demonstra a existencia d'elle, e prova que Jesus é Deus. Por que nos vens atormentar, gritam os demonios pela bôcca dos possessos; que temos nós comtigo, Filho do Omnipotente?

Para resistirem a negações e injurias, robusteceu Jesu-Christo as suas obras com um poderio, que Satanaz pode combater, sim, mas que tem de vir a vencel-o: communicou-lhes vida. Como succede a todos os outros milagres, é esta ressurreição de Lazaro um milagre perpetuo. Nos seus minimos pormenores é ella o symbolo das maravilhas que a Igreja realiza a cada hora.

Prestando uma alma ao corpo acabado de crear, unia-se Deus a essa alma pela graça. Saíu Adão, *alma cheia de vida,* d'entre as mãos do Creador. Pela união do corpo á alma tinha a vida physica; pela união, incomparavelmente mais elevada, d'essa alma com Deus, tinha a vida espiritual. A alma vivificou aquelle corpo; Deus vivificou a alma; e como tudo provinha de Deus, tudo participava da immortalidade. Ao separar-se de Deus por desobediencia, perdeu o homem tudo a um tempo. Sequestrada de Deus, morre a alma, como o corpo morre privado d'ella. Até quando subsiste um resto de vida, é o mesmo que morrer o saír para todo o sempre do estado para que nos crearam. Á sua duplice existencia succedeu para o homem, por sua culpa, uma duplice morte. Deus porém amerceou-se da sua obra, e para remediar o mal, baixou dos céos, mais poderoso que a morte, Jesu-Christo.

A filha de Jairo, o filho da mulher de Naïm, e Lazaro, não foram os unicos roubados á morte. Segundo Santo Agostinho, a muitos outros cadaveres foi restituida a aura vital. De tres ressurreições, apenas, se fez menção, por isso que as circumstancias de cada uma indicam de sobra as tres classes em que podem repartir-se os peccadores, e os meios que lhes são concedidos para ressurgirem á vida espiritual.

A filha de Jairo, morta, mas ainda na casa paterna, figura o peccador occulto, que ninguem suspeita haver fallecido. O filho da viuva, já fôra



RESSURREIÇÃO DE LAZARO

Fresco de Giotto na igreja dell'Arena em Padua. Seculo XIV. _ Bradou Jesus em voz sonora: « Lazaro, levanta-te, e sae d'ahi! » E o que tinha sido cadaver saiu, de pés e mãos envolvidos em ligaduras. Disse Jesus: « Desatae-th'as, e deixae-o ir-se. »

da cidade, e levado no feretro, é o peccador publico, o peccador do escandalo. Lazaro sepulto ha quatro dias, e já decomposto, é o peccador empedrenido, horroroso ao mundo, ascoroso a si proprio, desesperado, esmagado sob o peso do habito, como sob uma lagea. Todo o peccador pertence necessariamente a uma d'essas tres cathegorias. D'aquellas tres ressurreições inferimos o modo como a cada qual é dado renascer.

E' uma ressurreição que parece um puro brinco, a da pobre rapariga recem-fallecida em casa de seus paes. « Filha, levanta-te ! » E renasce, ainda antes que o pái e a mai suspeitassem sequer que a tinham perdido. Os Apóstolos, representantes da Fé, da Esperança, e da Caridade, figuram ali a graça, inerte sem duvida, perdida até, porém já proxima. Com os descommedimentos não fugiram os pensamentos bons; o costume não entrou para ali com o seu auxilio. Com quanto peccar seja morrer, uma coisa é peccar uma vez, outra é peccar sempre; e aquillo mesmo de assim tornar a vida com tamanha presteza, nos dá a entender que o peccador arrependido renasce á existencia. Quem não jaz amortalhado no vezo não jaz sepulto. Despedi da vossa beira, clama Santo Agostinho, despedi das vossas affeições, a turba-multa das paixões desordenadas, os tangedores de flauta, os palradores de nada, os lisonjeiros, que tantas alegrias vos entram a prometter, e que, a final de contas, o que fazem é entoar o *de profundis* do vosso passamento. Só então, quando tal houverdes conseguido, é que Jesus ha de tomar-vos pela mão; só então vos sentireis ressuscitar, á maneira do dormente, a quem a mão suave de um amigo vem acordar de pesadellos. Erguei-vos logo, e caminhae. Para prova da vossa conversão, adiantae com mais vigor que d'antes. E comei, visto que Jesus, ao ressuscitar a triste morta, ordenou que lhe dessem de comer. O que é prova, segundo o veneravel Beda, das vantagens ainda assim concedidas ao peccador symbolisado n'esta ressurgida, visto que lhe é dado, apenas se reconcilie, achar ingresso á meza da Eucharistia.

Quão poucos são comtudo os peccadores que sabem aproveitar-se d'essa graça a todos concedida! A maior parte d'elles, pelo contrario, cobram audacias novas contra Deus; e, como fizeram os de Sodoma, até se vangloriam do peccado. E' então que o morto, saído da cidade, nos apparece em pleno campo, e em todo o horror de seu somno derradeiro; e atraz d'elle segue, debulhada em lagrimas, sua mãe, a Igreja. Chora

por aquelle filho morto; chora pelos que ali o contemplam. Ha muitos, para quem aquella pompa funebre do cadaver insolente, reclinado ainda sobre os vicios que o afundaram, não só não é causa de horror, senão que é antes um invejado triumpho. Foi partilha da Igreja um sem numero d'esses taes filhos, para quem é regosijo o verem chorar sua mãe! D'esse grupo é o peccador publico; a si proprio se impõe como exemplo; e com esse exemplo vai aniquilando em torno a si todo o pudor, todo o temor de Deus. Quem ha de ressuscital-o a elle? o mesmo Deus que ressuscitou o outro; o Deus que sabe escutar as nossas préces, que avista as nossas lagrimas, que veda á morte o afferrar sempre a sua preza, e que a tal ponto se digna de obedecer aos que o temem, que até lhes concede o perdão para os que porfiam em negal-o. Com a mesma bondade, e igual poder, ha-de reanimar aquelle cadaver. Que ha porém mais custo, mais hesitação, na conversão dos peccadores publicos, isso nol-o dá o Salvador a conhecer, quando manifesta certa hesitação na ressurreição do filho da viuva. Vencido dos prantos d'aquella mãe, acerca-se do feretro, toca-lhe por maneira mysteriosa, manda parar os que o vão levando (porque a intervenção de Jesus tira aos vicios a sua efficacia), e brada para o morto: « Ergue-te! » A esse brado acorda o morto, senta-se a custo dentro do caixão, falla, mas ali fica. E' mister que a mão de Jesus o ajude a descer: « E entregou-o Jesus a sua mãe. » Para o restituir á Igreja é que o elle ressuscitou, visto que a viu chorar.

Outra morte existe mais profunda, outra esperança mais perdida. Não só jaz apagado o sopro vital, mas a propria forma corporal se vae dissolvendo no tumulo. Aquelle morto de quatro dias, levado já para fóra de casa, levado já para fora da cidade, sepulto, e corrupto, figura o peccador já por tal forma atolado e empedrenido no habito, que se diria não poder sequer formar o minimo desejo de se tornar para a luz; e quando essa veleidade lhe chega por acaso, tão debil como a penumbra opaca do seu sepulchro, já não pode ter sequer um movimento. Desespera, e n'isso se cifra tudo. S. Bernardo, que foi grande moralista, como foram todos os Santos, assignala os varios gráus da queda: a familiaridade com o peccado degenera em costume; do costume nasce a necessidade; a necessidade torna impossivel a emenda; esse impossivel desfecha no desespero; e o desespero é a condemnação. Certo é que a decomposição da consciencia n'uma alma vencida não se cumpre sem horroroso padecer. Que de

insolentes vanglorias presenceâmos n'uns certos, que todos estremecem no seu intimo, e bem quiseram, no fremito dos seus terrores, acordar de vez do seu lethargo! Perante o mundo vemol-os arrogantes. No fundo da alma ainda bruxuleiam ascuas de fé, em forma de terror. Intimados a que se salvem, motejam; depois hesitam; e a final declaram: Não posso! E com effeito não podem. Não podem por si proprios descerrar a sua campa.

Não podem; mas pode-o e quel-o Jesu-Christo. Chamaram-n'o os fieis por suas orações; chega; vê-os. a chorarem; commovem-n'o aquellas lagrimas; os fieis acreditam; e elle promette-lhes um milagre. Senhor, se cá tivesseis estado, já nosso irmão nos não morria! A ressurreição sois vós, Senhor! Vinde, Senhor, e reparae onde o poseram! Aquellas préces dos santos, e as obras bôas que as acompanham, são outras tantas mãos rectas e fortes para arrastar a loisa da entrada. A caridade dos fieis, as virtudes grandes e fecundas da Igreja, abalam aquella pesada porta, deixam penetrar o ar puro lá para dentro, mais a luz; e o prisioneiro do peccado, o captivo, o morto, concebe algum desejo de salvação. Chegou para Jesus o seu momento. Eil-o ali; olha; ergue aquella voz d'onde parece saír vida, e brada: « Lazaro, surge! »

E Lazaro lá sae; vivo sim, desligado não. Ainda as faixas estreitamente apertadas em tres dobras e embebidas de aromas se lhe enroscam nos pés e nas mãos; ainda o rosto se lhe rebuça no sudario. Quando desprezaes, diz Santo Agostinho, jazeis no tumulo; ao confessardes, saís d'elle. Deus é que vos está chamando, por uma graça muito especial. Mas o morto, que já vem caminhando, ainda está ligado; ainda tem culpas o penitente. Por isso é que aos Discipulos foi dito: « Desligae-o, e deixae-o andar. » Desligae-o dos seus peccados. Quem na terra desligardes, desligado ficará no céo. Christo, prosegue Alcuino, ressuscita os mortos, porque é elle a vida intima; os Discipulos desligam, por isso que por via dos sacerdotes christãos são absolvidos os que elle vivificou. Em certos quadros da idade media é S. Pedro quem desliga a Lazaro.

RESSURREIÇÃO UNIVERSAL.

Por uma prova material e vivisel ficou estabelecido na ressurreição de Lazaro o dogma da ressurreição dos corpos. Em favor de todos ha de Deus poder operar o que operou em favor de um só. Aquelle que ressuscitou Lazaro, fallecido desde quatro dias, e já corrupto, tambem pode vir a ressuscitar Adão, e todos os mortos desde Adão até ao fim do mundo.

Jesus, chorando junto ao sepulchro de Lazaro, não chorava por Lazaro, que ia renascer; chorava pelo genero humano, a quem o peccado expôz a padecer todos os horrores da morte. Aquelle seu pranto, aquelle turbamento, desusado na sua alma santissima, dão-nos a perceber um acto mais solemne ainda que os outros. Trata-se com effeito de uma victoria definitiva. Eis ahi está a imagem da consumação de tudo, a destruição do imperio do mal, a abolição da morte, a ressurreição para a vida, e a ressurreição para o julgamento.

Eleva-se a voz d'elle, como que para se ouvir por todo o universo. Falla em seu proprio nome, com auctoridade plena : « Vem! » e o morto ressuscitou. Nada empece o prodigio : recompoem-se as carnes; retoma o sangue o seu caminho; os olhos tornam a ver, e os ouvidos a ouvir; assim como a seta dispara do arco, assim a vitalidade jorra d'aquelle tumulo. Por essa forma ha de vir a dar-se a universal ressurreição. De todas as sepulturas, de todos os abysmos, de todas as cinzas, hão-de saír as moleculas que houverem sido os nossos corpos, e hão-de tornar a unir-se ás almas immortaes que outr' ora as vivificaram. « N'um só momento, diz S. Paulo, n' um abrir e fechar de « olhos, hão de ao clangor da tuba derrradeira ressurgir os mortos « para a immortalidade. » Vem, Lazaro! vive, poeira do genero humano! E para logo, *in ictu oculi*, ha de essa poeira reanimar-se.

« Sou eu a ressurreição e a vida. » *A vida*, porquê? Por isso que, segundo explica S. Cyrillo, só ha uma vida verdadeira, que é a da bemaventurança. Ressuscitar para padecer, é um viver peor que a morte. É Jesu-Christo para todos o principio da ressurreição; o principio da vida, só o é para os seus eleitos. « Quem acreditar em mim, ha-de

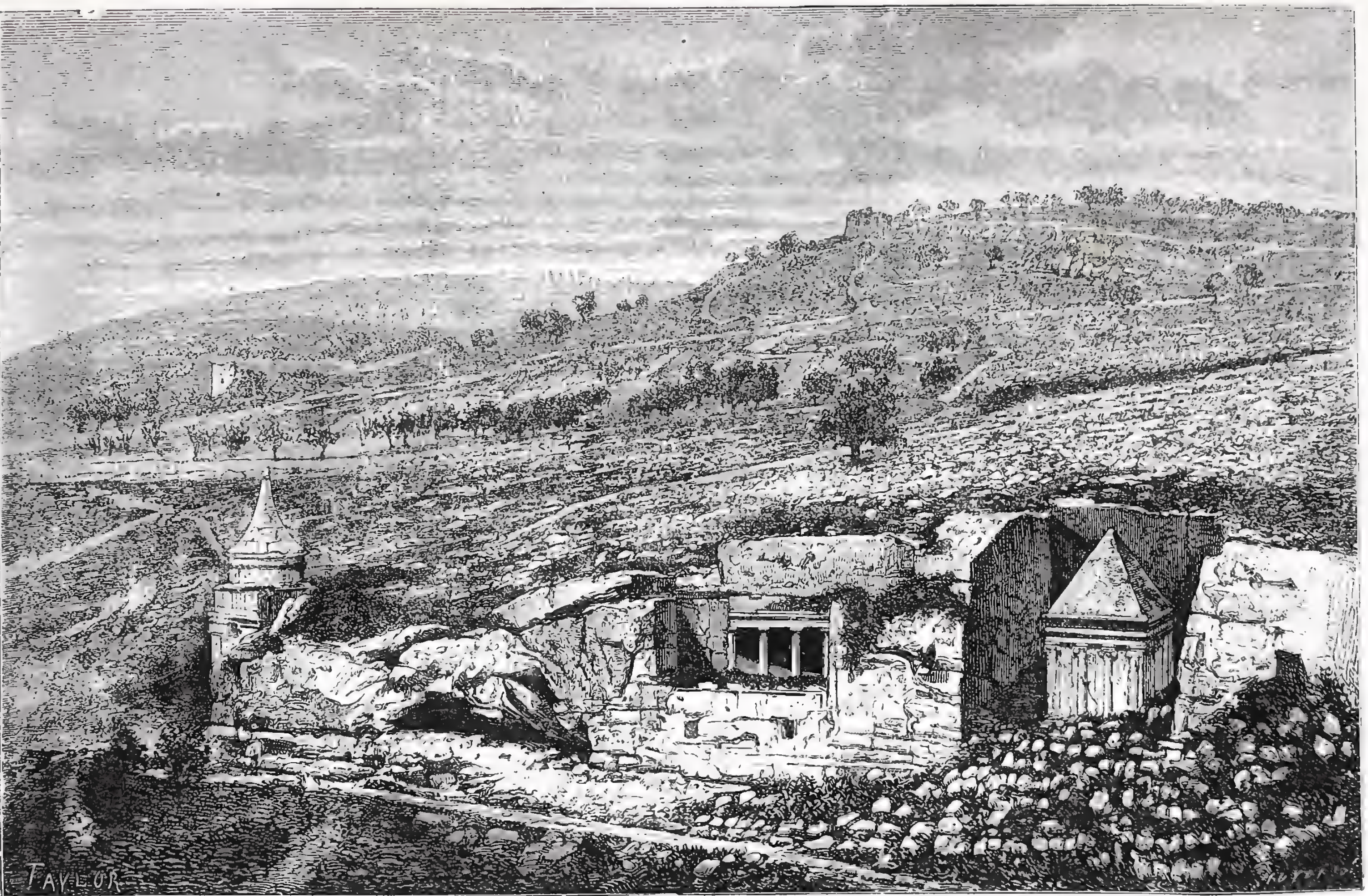


Fig. 81. — Valle de Josaphat, onde segundo o propheta Joël, tem de ser o juizo final. E' celebre este valle pela victoria que Josaphat alcançou dos Ammonitas e Moabitas.
Estado actual, segundo uma photographia.

« viver; e quem acreditar e viver em mim, não ha de morrer para « a eternidade. » Isto é : eu sou a vida da alma, e a ressurreição do corpo. Quem vive em mim com pureza de fé, tem parte n' essa ressurreição e n' essa vida. Quando, para obedecer ás leis materiaes, a sua carne houver morrido, ha de a sua alma erguer-se cheia de vida; e quando a sua carne ressuscitar, associada áquella vida divinal, ha de ressuscitar para o céo, e por forma que todo o homem triumphe para sempre da morte. O proprio Jesus é quem faz nitidissima distincção entre a ressurreição, e a vida. « Todos os que houverem praticado o « bem irão para a *ressurreição da vida;* todos os que houverem prati- « cado o mal padecerão a *ressurreição do julgamento.* » Por onde se vê que ha dois generos de ressurreição : a do premio, e a do castigo.

Por ahi se explica isso de não quererem tantos homens dar credito á ressurreição, e renegarem Jesu-Christo principio essencial d'ella.

Do dogma da Encarnação procede o dogma da Ressurreição; e tanto se liga este com todos os mysterios christãos, que não ha negal-o sem negar implicitamente o Christianismo inteiro. Pois será admissivel que Deus se houvesse unido á natureza humana, sem lhe communicar o germen da sua força e da sua immortalidade? Uma das consequencias capitaes do peccado de Adão é a morte; se não devesse vir a ressuscitar toda a posteridade do primeiro homem, não se tinha effectuado a sua rehabilitação pelo segundo Adão. Pois o nosso resgate, havel-o-hia Jesu-Christo deixado em meio? Mas n' esse caso, mais teria valido Adão para nossa perda, do que Deus para resgate nosso; logo, a obra grande, a Redempção, haveria sido obra defeituosa, e vã.

Diz S. Paulo que tinha Jesu-Christo com effeito humanidade igual á nossa. Se a nossa humanidade não ressuscita, a d'elle não ressuscita tambem; se não pôde ressuscitar-nos a nós, tambem a si mesmo o não pôde. Ora se Jesu-Christo não ressuscitou, já os seus Apóstolos não são mais que um rancho de testemunhas falsas, que andaram pelo mundo a annunciar sacrilegamente um milagre que Deus não fizera. Se Jesu-Christo não ressuscitou, não logrou vencer a morte, nem vencer o peccado, causa d'ella. Subsiste portanto o nosso peccado com todas as suas consequencias; não chegámos a ser resgatados, e jasemos ainda sob o pezo do antigo anathema, consequencia do peccado. Mas se Jesu-Christo não conseguiu resgatar-nos, não era Deus, era apenas um

homem, e o Christianismo inteiro não é mais que um absurdo. Vemos pois que negar a Ressurreição, é, segundo S. Paulo, negar a Encarnação, a Redempção, a propria divindade de Jesu-Christo. Essa negação leva a negar tambem a existencia de Deus, da alma, de tudo.

Pelo contrario, o dogma da ressurreição universal confirma o Christianismo. Promette-nos que, assim como desde já experimentamos os effeitos da morte do Redemptor no facto da nossa libertação do peccado, assim tambem, lá no derradeiro dia, havemos de receber o fruto da sua ressurreição, pelo facto da nossa libertação da morte. Por agora, temos que padecer e morrer, visto que o nosso Chefe e Senhor nosso tambem padeceu e morreu. Tendo porém esse Chefe morrido por nós, e por nós ressuscitado, é isso penhor seguro de que a virtude de Deus, que a elle, Filho consubstancial, o ressuscitou, tem não menos de ressuscitar-nos a nós, filhos adoptivos. Jesu-Christo unido a toda a humanidade morreu; e a humanidade unida com elle tem de ressuscitar. Fez sua a nossa morte, e continuou a ser « a ressurreição »; por esse acto fez nossa a ressurreição, e nós largámos a morte. Depois de haver destruido em nós o peccado, a morte da alma, a primeira morte, ha de tambem destruir a segunda morte, a corporal. Ora pois, conclue o Apóstolo, como a ressurreição de Christo ha de ser causa da nossa, quando n' elle houvermos ressuscitado, ressuscitaremos com elle, para não morrer nunca mais. Não se tornará a fallar de morte, e a morte perderá todos os seus direitos na progenie de Adão. Cumprir-se-ha n' essa hora a grande prophecia de Oseas. Absorvida na victoria do Redemptor, será abolida a morte.

Pelo que respeita á difficuldade de tornar a aggregar a materia, depois de pulverisada, dispersa, dissolvida, metamorphoseada por tantos feitios, e de tornar a casal-a com a alma, a quem pertence, é pueril essa objecção. Sabe Deus mui bem a conta dos grãos de pó que ainda restam ao genero humano, e conhece a cada um d' elles pelo seu nome. Pouco importa onde se encontra essa materia, e que transformações passou; basta saber que não foi aniquilada.

Toda a carne, observa S. Paulo, não é a mesma : a carne do homem é uma, e é outra a dos animaes. Por uma lei natural, como toda a carne deve seguir o destino da sua natureza, a carne do irracional perece toda com a sua forma, que era a essencia sensitiva do

seu ser. Mas a carne do homem, materia de essencia immorredoira, conserva para sempre um germen de immortalidade. Destruida pelo fogo, arremeçada em cinzas aos quatro ventos, comida, sumida nos volcões ou no mar, nunca se aniquila. Deus ha-de encontrar esses atomos, que elle proprio tornou indestructiveis, e ha-de restituil-os á mesma alma que uma vez os houver vivificado[1].

Em summa, e acima de todas as coisas, lembremo-nos de que recebemos a promessa de Deus. Na ordem natural (quanto mais na sobrenatural!) não ha verdade que por algum ponto se não furte ao nosso intellecto curtissimo. Perturba-se a vista quando a fitâmos de mais em qualquer objecto; e por muito nos affirmarmos, nem já enxergamos o que poderiamos aliás descobrir. Que a rasão nos sirva para nos ajudar a buscar Deus, muito embora; mas é mister contemplal-o com intenção elevadissima. Por isso, depois de auxiliarmos a nossa rasão pela evidencia dos milagres, nos concedeu o Senhor os incomparaveis dons da fé e do amôr, a fim de que o possamos conhecer e gosar em cheio. Á nossa fraqueza ha-de elle perdoar muito; á nossa soberba nem toda a sua misericordia pode perdoar. Nunca nos ha de increpar o não termos comprehendido plenamente o modo *como* elle executa as suas obras de Deus; mas ha de com toda a justiça mostrar-se implacavel para com os que houverem rejeitado a sua palavra, por blasonarem comprehender o como as obras de Deus não eram divinas.

CAIPHAS, O CÉGO DE JERICHÓ, ZACHEU, MAGDALENA, E JUDAS.

D'entre as pessoas que deram credito á ressurreição de Lazaro, muitas ficaram crendo em Jesus; outras foram ter com os inimigos d'elle, e contaram-lhes o succedido. A essa nova, celebraram conselho os Principes dos Sacerdotes, e os Phariseus. Sem insultarem a Jesus, como costumavam em publico, perguntaram a si proprios : « Em que nos determina« mos? ahi temos milagres novos. Se o deixarmos proseguir, todos ficarão « acreditando n'elle. » Todos ficarão acreditando n'elle, e ninguem ha de ficar do nosso lado; era esse aos olhos d'elles o crime capital do Messias. Não confessaram porém aquelle motivo occulto do seu dessocego e odio.

1. Ventura. — *Sermão da ressurreição dos mortos.*

Hypocritas até para comsigo mesmos, tomaram como pretexto a publica utilidade : « Se tal continua, ponderavam, hão de vir os romanos derrubar « a nossa nação, aniquilar a nossa gente. »

Foi isso precisamente o que veio a acontecer-lhes, ao matarem Jesus. Desde esse instante começaram por suas proprias mãos a cavar o alicerce das linhas formidaveis de circumvallação, d'onde Jerusalem tinha de vir a ser tão pelejada. Dia virá, em que suppliquem a Pilatos, como grande favor, que lhes dê Barrabáz em vez de Jesus. Barrabáz lhes será dado; mas ao chamarem Barrabáz, hão de, sem o suspeitar, estar chamando tambem os exercitos de Tito.

Era Caipház o summo sacerdote *n'aquelle anno*, diz o Evangelho, cobrindo de ridiculo com aquella simples phrase a sacrificatura suprema, já de si rebaixada, e de ora em diante reprovada. Foi Caipház o primeiro que proferiu officialmente a palavra que matou o Homem-Deus : « N'isto, « lhes disse elle, nada percebeis. Não reflectis quanto importa ao vosso « interesse a morte de um só sacrificado ao povo, para impedir que « pereça a nação toda? »

Acrescenta o Evangelho : « Por si não o dizia elle; mas na sua quali- « dade de summo sacerdote prophetisou que devia Jesus morrer pela « nação. E não só por amôr da nação, mas tambem para assim congregar « os filhos de Deus, que andavam tão dispersos. » Só oraculos de maldição queria soltar aquelle sacerdote prevaricador; trocou-os Deus para glorias divinas. Tinha Satanaz no Paraizo motivado a queda de nossos primeiros páis com diser-lhes : « Comei este fruto, e ficareis « eguaes a Deus. » D'esta vez trabalha Caipház em implantar a arvore da cruz, e o homem ha-de apascentar-se do fruto d'ella, que tem de revestil-o de esplendor e immortalidade.

Depois das palavras de Caipház, nunca mais os Judeus pensaram senão em promover a morte de Jesus.

Para se lhes furtar ás machinações, até ao momento proprio, já de antemão prefixado, apartou-se Jesus para os confins do deserto, á cidade de Ephraïm, tambem antigo couto de Elias, na perseguição que lhe moveram Achab e Jezabel. Por esse tempo, vinham os Judeus chegando a Jerusalem para as festas da Paschoa. Procuravam a Jesus no Templo, e espantavam-se de o não verem. Não deviam esperar muito. Pouco tardou que Jesus se posesse a caminho, para entrar em Jerusalem e ir lá morrer.

Ia andando adiante dos seus, e elles seguiam-n'o tomados de espanto e terror, por aquella estrada de proscripção. Temiam-se do odio dos Judeus, e comtudo, segundo parece, não lhes era dado prever até onde tal odio os arrastaria.

Pareceu conveniente a Jesus o precavel-os, já para os fortalecer no momento da catastrophe, já para lhes recordar a espontaneidade d'aquelle sacrificio d'elle. Tomou pois de parte aos Doze, e em poucas palavras lhes predisse, com lucidez e brevidade, todos os pormenores da paixão. « Eis-nos, lhes disse Jesus, chegados a Jerusalem, onde teem de cumprir- « se todas as escrituras dos Prophetas acerca do Filho do homem. Vae « este ser entregue ao Principe dos sacerdotes, aos Escribas, e Senadores. « Hão de condemnal-o a morrer, e entregal-o aos gentios. Hão de ultra- « jal-o, cuspil-o, flagellal-o, matal-o; e no terceiro dia ha de ressuscitar. » Era a ultima vez que Jesu-Christo lhes fazia tal predicção, mas d'esta perceberam-n'o tanto, como das outras. Não acabavam de entender como Aquelle, que reputavam Filho de Deus, e cujos milagres presenceavam, quizesse conceder tal poderio a inimigos, ser d'elles mofado, ser morto por elles. E n'essa mesma occasião tornou a surgir entre os Apóstolos a questão da preeminencia.

Disse-lhes o Senhor : « Os principes dos povos governam n'elles, e os « grandes segundo a lei mundana exercem mando. Não queiraes que « isso entre vós se dê. Quem quiser d'entre vós ser grande, faça-se para « os mais um simples servo; quem entre vós quiser primar, faça-se « escravo dos mais; assim é que o Filho do homem não veio a este « mundo para ser servido, senão só para servir, e dar a vida para « Redempção de muitos. » N'essas palavras se encerra a noção christã do que é o poder; n'ellas se contem a carta magna da liberdade dos povos de Christo. Livre deve considerar-se um povo, sempre que fôrem servidos os seus legitimos interesses; e ainda mais, sempre que fôr acatada a sua alma.

Nas cercanias de Jerichó, sentado um mendigo cégo á beira do caminho, ao ouvir dizer que ia passar Jesus, o Nazareno, bradou : « Jesus, filho de David, amerceae-vos de mim! » Os que precediam a Jesus queriam mandal-o calar, mas elle gritou em voz mais alta. Deteve-se Jesus, mandou-o aproximar-se, e perguntou : « Que pretendes? » — « Senhor, » respondeu o cego, « quero ter a minha vista! » — « Pois

« vê, tornou Jesus; salvou-te essa tua fé. » Viu logo o cego, e seguiu atraz do Senhor, publicando o milagre pelo meio d'aquelle povoleo, que glorificava a Deus.

Outra vez ahi está figurada a miseria do genero humano antes da vinda de Jesus; a mingua de verdade, a mendigar; a ancia de luz, a gemer no seio das trevas; a humanidade de Jesus, que vai passando; a misericordia divina, que se detem; a fé, que allumia e salva. Aquelle cégo estava sentado « á beira do caminho; » o caminho é Jesus. Diz S. Gregorio, que todo aquelle que, privado da luz celestial, crê no Redemptor, principia já por estar sentado á beira do caminho. Se comtudo se desleixa de orar, se não implora a esmola, nada ha-de obter. Ore, reconheça a miseria propria, e brade do fundo do coração. A sua voz ha-de acordar primeiramente os desejos carnaes, e o tropel dos vicios, porque esses apressam-se para chegarem antes de Christo, e forcejam, por meio das tentações, dissipar os pensamentos bons, e afogar a oração. O' cégo, implora mais alto; Jesus ha-de ouvir-te, e ha-de parar. Com effeito, deteve-se Jesus. — *Que pretendes de mim?* Os desejos do cego bem os conhece o Mestre; mas, por misericordia para com elle, ministra-lhe ensejo de fazer um acto de fé; e por misericordia para com os Judeus, obriga-o a declarar a sua enfermidade; e n'aquelles misericordiosos sentimentos para com os Judeus e o cégo, vai duplice misericordia para com o mundo, visto constrangel-o a acreditar, e ensinal-o a supplicar. Lição notavel, acto admiravel de fé, da parte d'aquelle cégo. Não implora os bens humanos; implora o que só vem de Deus, a luz. Com todos os thesouros mundanaes, não lhe seria possivel comprar um só raio de sol, nem sequer a vista do seu ouro. — Senhor, vós que sois a luz, vós que sois a belleza, vós que tudo podeis, fazei com que eu veja! — A acção de graças d'aquelle cégo sae-lhe perfeita, como a sua oração. Vê, e segue; só pratica o bem que já conhece.

Fosse porém qual fosse a belleza d'este milagre, outro mais extraordinario ainda se ia presencear em Jerichó. Como já em Bethania succedêra, ia Jerichó assistir a uma ressurreição; mais ainda do que a uma ressurreição, a uma verdadeira creação.

Paragem era essa, onde, a principiar no proprio nome, tudo eram symbolos. Jerichó significa *lua*, mutabilidade, mortalidade, e por isso

figura o mundo, este nosso mundo tão cambiante, e sempre tão misero. Ahi tinham torrejado aquellas fortes muralhas, contra as quaes não valeram as armas de Josué, nem as clangorosas tubas sacerdotaes. Isso symbolisa o mundo idolatra, invencivel para a força, mas que á voz das predicas apostolicas havia de caír em poder do novo Josué; e Jesus vai prophetisar, e por assim dizer esboçar essa victoria. Ao tomar essa cidade, tinha-a Josué arrazado entre imprecações : « Maldito seja aos olhos do Senhor o homem que reerguer Jerichó! Se o tentar, só sobre o cadaver do seu primogenito assente os alicerces, e firmem-se os portaes no derradeiro de seus filhos! » O temerario que tal ousou foi Jel. Começou a reedificar Jerichó, e morreu-lhe de repente o primogenito; e ao assentar as portas, ficou sem o mais novo de seus filhos. Por forma que em Juliano, o Apostata, se extinguisse a raça dos restauradores da idolatria, dos autores de heresias e schismas, dos propaladores de erros e vicios, assim figurados em Jerichó. O anathema não tinha comtudo materialmente envolvido a cidade. No tempo de Nosso Senhor era ella populosa, muito commercial, opulenta, e dada a praseres. No Testamento Novo é essa a mesma cidade onde, ao saír de Jerusalem, entrou o homem que os ladrões assaltaram, e a mesma para onde se dirigiu o bom Samaritano. Eis agora o Samaritano chegado ao termo da sua viagem. Vem realisar o que elle proprio declarou impossivel ao homem, e só possivel a Deus. Modifica por meio de um milagre o anathema que em todo o Evangelho paira sobre os opulentos, e vem mostrar o como pode um camello passar pelo fundo de uma agulha.

Havia em Jerichó muitos Publicanos, cujo era chefe um abastado por nome Zacheu. Tinha tão má fama como a Samaritana; como ella porém, tinha preservado um escaninho da alma, onde não logravam imperio as miserias mundanas; e ardia em desejos de ver Jesus. Ha (e houve sempre) corações para quem o afeiçoarem-se ao mal, ou antes o entregarem-se-lhe sem se lhe afeiçoarem, só mostra que não conseguiram aprender a amar o bem. Esses corações bem pressentem uma belleza que os domina, um esplendor a que haveriam podido elevar-se. Esperam, procuram, e padecem. A despeito da sua hierarchia entre os Publicanos, não seria um dos taes o coração de Zacheu? Bem podemos acredital-o, attenta a sua ancia de ver Jesus. Comtudo, vivia de fraude. Desejava no emtanto ver-se face a face com o Senhor; signal é, segundo nota S. Fulgencio, de

que o tinha já entrevisto com a intuição da alma. D'ahi ha de colher a semente da sua salvação.

Como soubesse da proxima passagem de Jesus, pôz-se-lhe no caminho; e para que a turba o não occultasse, visto ser de acanhada estatura,



Fig. 82. — Sobe Zacheu a cima do sicomoro para ser visto do Senhor, cuja benção tanto deseja. Diz-lhe Jesus : « Zacheu, desce depressa, porqué é mistér que eu hoje pernoite em tua casa. » Miniatura do seculo XVI, na livraria do Sr A. Firmin-Didot.

trepou-se a um sycomoro; circumstancias essas, que lograram inspirar aos Padres da Igreja formosissimas considerações. E' Zacheu o unico personagem que no Evangelho se descreve com certos pormenores. Este da arvore é interpretado como louvor da humildade de Zacheu, que não teve receio dos motejos; como signal do seu ardor, que almejava e con-

seguiu vencer os obstaculos corporaes; como symbolo das tibiezas do povo eleito, que tão pouco valia ainda pela fé; como personificação do grão de mostarda, que ha de vir a tornar-se a Igreja universal. Para se elevar, sobe Zacheu ao sycomoro, arvore de fruto inutil, tambem chamada *ficus fatua,* figueira douda. Eleva-se o humilde; e o christão assume a sua estatura verdadeiramente gloriosa ao subir á cruz, a arvore da *loucura,* com escandalo do mundo. E' grande, como havemos de ver, o papel da figueira nas Escripturas. Foi á sua sombra que depois da desobediencia se escondeu Adão, ao chamal-o a voz do Senhor; foi de folhas de figueira o sendal em que envolveu a sua desnudez. Pondo porém de parte essas considerações, o que é evidente é que Zacheu não cedia tão só á curiosidade. Como succedêra ao cego pedinte, tambem aquelle ricaço obcecado almejava por alguma benção.

E chegou-lhe essa benção; e chegou-lhe plena e abundante. Aquelle que até ao fundo sonda os corações ergueu para elle os olhos. Ora, segundo observam os interpretes, o olhar de Jesus não é esteril. Viu Jesus quanto lhe quer Zacheu; e o proprio Jesus ama deveras a quem o sabe amar; por isso é que Zacheu recebeu n'aquelle simples volver de olhos o perdão e a graça, e foi chamado á salvação eterna. Só pretendia avistar a Jesus, e alcançou bem mais do que isso. Disse-lhe Jesus: « Zacheu, desce depressa, porque é mister que me albergues hoje. »

Desceu elle apressado; e em quanto ia correndo a sua casa, foi um murmurio geral contra Jesus. Disía o povo: Não vedes? vai albergar-se na poisada d'aquelle peccador!

No entretanto, ao acolher um tal hospede bradava Zacheu: — Senhor, distribuo aos pobres a metade dos meus haveres; e se a algum lesei, fôsse em que fôsse, restituo-lhe quatro vezes mais.

Note-se que não diz: Hei de dar, hei de restituir; senão *Dou,* e *restituo.* Está isso feito, e com tanto de humildade como de caridade. Mandava a lei, que todo aquelle que furtasse uma ovelha restituisse por ella quatro. Porém, quando o furto se achava ainda inteiro, e era espontaneamente restituido, bastava acrescentar-se-lhe uma quinta parte no valor. Zacheu portanto vem accusar-se publicamente, condemna-se a si proprio, e inflige ao seu delicto o maior rigor da pena. Repõe quatro vezes o mal adquirido, e despoja-se do seu legitimo haver. Nenhum ensinamento foi necessario; nenhum brado; bastou um volver de olhos

tão só. O sol ao dar nas vidraças allumia logo todo o interior da casa; tambem Jesus, com a sua presença, e mais nada, illuminou aquella alma anciosa de o avistar. Conspiraram-se a humildade, a penitencia, a caridade. A todos está lembrando o caso do moço abastado, observante rigido dos mandamentos, a quem foi dito : « Uma coisa te falta ainda. » Pois abalou, e desamparou a Deus para poder conservar os seus avultados bens. O Publicano, esse arroja o seu patrimonio, e mais o producto das suas onzenas, e arroja-os com alegria santa, ao limiar onde tem de passar Jesus ; n'esse seu despojar-se humilha-se. Zacheu pode em verdade considerar-se como o primeiro pobre voluntario, o hospedeiro de Jesus, que melhor conseguiu banquetear o seu hospede ao sabor d'elle. Canta a Igreja o evangelho de Zacheu na festa da Consagração, por isso que n'essa conversão de Zacheu vae figurada ao vivo a entrada do Senhor nos templos.

Ao penetrar nos lares do Publicano, disse Jesus : « Recebeu hoje esta casa a salvação eterna, por ser tambem seu filho um filho de Abrahão. Veio o Filho do homem procurar e salvar os que tinham perecido. »

« Esta casa » ; palavras textuaes. Não é simplesmente o dono que Jesus intenta converter. Não ha-de ser Deus menos generoso que o Publicano. Desampara tudo seu o Publicano ; e toda a casa de Zacheu tem de ser salva. E é chamado « filho de Abrahão », com quanto esse dizer podesse desagradar aos Judeus ; mas é assim chamado por ter tido os desejos, a fé, a piedade de Abrahão. Como Abrahão, desejou ver, viu, e exultou de jubilo ; como Abrahão, deu ao Senhor o genero de hospitalidade que mais lhe quadrava ; e assim como Abrahão offereceu seu filho unico, assim tambem Zacheu sacrificou tudo que possuia. E Zacheu patenteia por esse modo aos Gentios, observa S. Fulgencio, o caminho até ali cerrado para elles, isto é o meio de participarem das bençãos que recebêra Abrahão [1].

N'esse mesmo dia saíu Jesus de Jerichó. Ás portas da cidade curou mais dois outros cégos, que lhe bradavam, como o primeiro : — Filho

1. Pelo papa S. Clemente sabemos que, vendidos e distribuidos os seu haveres, quiz Zacheu tornar-se discipulo do Mestre. Depois da Ascenção, ligou-se com S. Pedro, como se lhe houvesse sido entregue pelo proprio Jesus ; do mesmo modo que o Samaritano tinha entregue ao hospedeiro o ferido desamparado já do sacerdote e do levita, e encontrado no caminho de Jerichó. Sagrado bispo de Cesarêa, na Palestina, ahi lidou Zacheu santamente em prol do Evangelho. Ha tradições de se ter trasladado a França; e attribue-se-lhe a fundação do sanctuario de Roc-Amador.

de David, amerceae-vos de nós! Senhor, fazei que os olhos se nos abram!

Em Bethania, onde chegou seis dias antes da Paschoa, deram-lhe os seus amigos uma refeição em casa de Simão, o Leproso. Martha servia á meza; um dos convivas era Lazaro. Tomou Maria Magdalena um vaso de alabastro contendo oleo de nardo preciosissimo; ungiu com elle os pés de Jesus, e enchugou-lh'os nos seus cabellos. Depois, quebrou o vaso, derramou-lhe sobre a cabeça o resto do oleo, e toda a casa ficou a rescender aquella essencia.

Ponderou porém Judas Iscariotes, um dos Doze, que se antes se houvesse vendido aquelle nardo derramado, teria por certo produzido tresentos dinheiros para esmolas a pobres. Judas a tomar partido pelos pobres contra as prodigalidades de Magdalena! Accrescenta o Evangelho, que a Judas nada importavam os pobres, e que até era ladrão. Era elle o portador da bolsa commum; e o que lá entrava conservava-o em sua mão. Comtudo, caíram no laço alguns discipulos. Reclamaram tambem em favor dos pobres, e vociferaram contra a perdularia Maria. Ordenou então Jesus que não porfiassem em contristal-a. Disse-lhes que pobres nunca lhes faltariam; mas que elle, Jesus, nem sempre o haveriam elles comsigo; que bem fizera aquella mulher; que fôra aquillo ungir de antemão o corpo de Jesus para a sepultura; e que, por onde quer que penetrasse o Evangelho, haviam todos de louvar-lhe a acção.

Vinham no emtanto muitos Judeus de Jerusalem a Bethania, para verem a Jesus, mais ao ressuscitado Lazaro. Notando os Principes dos Sacerdotes que augmentavam desde o caso d'aquella ressurreição os crentes em Jesus, deliberaram-se em matar a Lazaro tambem. Era já urgente ir pensando em matar não sómente a Jesus, mas á Igreja.

VII

A EUCHARISTIA

Entrada em Jerusalem, Maldição da Figueira. — Ultimo dia no Templo. — A Paschoa.

ENTRADA EM JERUSALEM, MALDIÇÃO DA FIGUEIRA.



omo chegasse a Bethania em vespera do Sabbado, tinha Jesus passado ahi esse festivo dia, para guardar a Lei. No dia seguinte seguiu para Jerusalem acompanhado de todos os seus.

Alcançando a falda do monte das Oliveiras, mandou adiante dois Discipulos, que fossem a uma aldeia proxima, onde haviam de ver uma jumenta com a sua cria, que ainda não fôra montada. Recommendou-lhes que desamarrassem aquelles animaes, e lh'os levassem; e que, se alguem lh'o estranhasse, respondessem : Precisa d'isto o Senhor. Nada objectaram porém os donos dos jumentinhos. Desamarraram-n'os portanto os Discipulos, e levaram-n'os comsigo. Depois, coberta a jumenta de capas, fiseram montar n'ella Jesu-Christo.

Ao constar a vinda d'elle, saíu-lhe ao encontro uma turba immensa de Jerusalem, todos com palmas na mão e gritando : Hosanna! Abençoado seja o Rei de Israël, que é vindo em nome do Senhor! E alastravam-lhe na passagem os vestidos, e cortavam ramos verdes, e juncavam

d'elles o caminho. Quando iam descendo a encosta do monte das Oliveiras, seguiam em varios grupos os discipulos, exultando de jubilo, e publicando os milagres que tinham visto. Iam, bradando : Bemdito seja o que nos é vindo em nome do Senhor ! Paz e gloria no mais alto dos céos ! » Aquella mó de povo, desde a cabeça até ao couce do prestito, ia repetindo, como recordação do cantico de Bethleem, aquellas vozes que proclamavam o Messias : « Bemdito seja o reino que ha-de vir, o reino de David, nosso pái ! Hosanna ! dilatados annos ao filho de David ! »

Constrangido pelas condições da sua humanidade a assignalar a sua realeza por um triumpho celebrado sob a forma puramente mundana, só esse triumpho aprouve a Jesu-Christo. Com tal pompa quiz elle, por que assim o digamos, corresponder aos esplendores de que se rodeavam os senhores e victoriosos da terra, e escolheu o momento opportuno, por forma que n'isso viesse tambem a significar o seu sacrificio. N'aquelle mesmo dia era de uso introduzirem-se em Jerusalem, adornados de fitas e flores, os cordeiros que tinham de ser sacrificados quatro dias depois, nas festas da Paschoa. Ao annunciar aos seus seguidores a presença de Jesus, já dissera João Baptista : *Eil-o, o cordeiro de Deus, o que extirpa os peccados do mundo.* Essa phrase cumpriu-a Jesus ; fôra a primeira que acerca da sua vida carnal se proferira ; e ao mesmo passo, inunda de clarões a prophecia cinco seculos atraz resada por Zacharias, ao extinguir-se em Israël a voz dos Prophetas : « Alegra-te, filha de Sião ! ahi vem para ti o teu Rei, o Justo, o Salvador ! E' pobre, e chega montado n'uma jumenta, seguido da tenra cria da jumenta. »

Uma das mercês mais elevadas que ao homem quiz o Senhor conceder por intermedio de Jesus, é este arroubamento que o senhoreia, sempre que se põe a considerar a um tempo o desvelado empenho de Jesus em dar-se a conhecer como personificação de todo o figurado, a fim de despertar e robustecer a fé, e não menos a magestade que transparece até nos aviltamentos a que se acha condemnado o Filho de Deus. Certo é que esta sua entrada em Jerusalem não responde ás ideias que formamos de um rei e de um Deus. No emtanto, este mesmo Senhor que a diante de si enviara taes arautos, como foram Zacharias e João Baptista (por não mencionarmos aqui os outros prophetas), podia bem dispensar-se de acrescentar á sua modesta pompa novos esplendores, que o irmanassem com Herodes ou Cesar.

Aquelle pobre, que percorre a pé toda a Judêa, e vive de esmolas, tem obras e actos, em toda a parte e sempre, que o dão a conhecer como soberano senhor dos homens, e das coisas. Convoca a si quem mais lhe apraz; entra por onde lhe parece; tira a seu dono os pães e peixes que ha-de multiplicar, do mesmo modo que arranca ao mar o numerario dos tributos; diz para Zacheu: « Hoje hospedo-me em tua casa »; aqui, despoja o Publicano; acolá abarrota as redes aos pescadores. N'esta sua entrada em Jerusalem, outro exemplo nos mostra da sua soberania universal. Manda a dois Discipulos que vão desamarrar a jumenta mais o jumentinho, e expressa o seu direito por estas sós palavras, a que não ha resistir: « Haveis de dizer: isto é preciso ao Senhor. » Não se designa Jesus, nem o filho de David, mas unicamente O SENHOR.

Conforme a sabedoria d'elle, ficam aquelles dois humildes animaes figurando um symbolo profundissimo; e o acto, de si tão singelo, de os mandar buscar e de os encavalgar, torna-se em luminosa prophecia.

Na Escriptura a besta de carga representa o homem no estado em que se afundou, e em que Jesus o recebe. Maculado do seu adulterio, declara David que o homem, por ter desconhecido a sua dignidade pessoal, e por se ter entregue aos sentidos, se rebaixou ao nivel dos irracionaes. E assim é que estava o genero humano. Aqui entremostra-nos o Evangelho dois animaes de carga, a jumenta e o seu poldro, visto haver dois povos na ordem religiosa. A jumenta é aqui o povo judaico, submettido ao jugo durissimo da Lei; o poldro é a Gentilidade, o povo idólatra. Com a maior exacção lhe chama Jesus « animal ainda não montado por pessoa alguma; » porque a Gentilidade, estranha á lei mosaica, nem religião nem sacerdocio verdadeiro possuia. O Senhor é quem vai submetter as rebeldias silvestres d'esse animal, e encaminhal-o á celestial Jerusalem. Vemos aqui a mãe e o filho, visto que, segundo Deus, é a Judêa mãe das nações.

Por livres que se cressem aquelles dois povos, achavam-se escravisados, os Judeus pela sua falsa justiça, e os pagãos pela sua sabedoria enganosa; vergonhosamente escravisados pela hypocrisia e pela impostura; amarrados cá fora, junto á porta, no crusamento de dois caminhos. A porta é Jesu-Christo, e ao Judeu não é dado entrar; os dois caminhos são a tradição primitiva, e a lei mosaica, ambos veredas da salvação; e ao Gentio não era dado caminhar. E achavam-se Gentios e Judeus escravi-

sados, e sem alimento, e sem fé, e sem esperança, e á espera do pezo das novas superstições e dos vicios novos, que ao demo aprouvesse impôr-lhes.

Para sua libertação foram enviados dois Discipulos. Bastaria um só; mas tinha de haver duas hierarchias entre os Apóstolos: uns eram mais especialmente enviados aos Judeus; os outros aos Gentíos. — « Libertae-os. » Recebem os Discipulos aquella missão, ao tempo da entrada de Jesus em Jerusalem, do mesmo modo que os Apóstolos hão-de ser mandados ao mundo no momento em que Jesus estiver prestes a subir ao céo. — Desamarrae aquelles animaes; *precisa d'elles* o Senhor. — Zacheu, apressa-te; *é mister* que esta noite me vá pernoitar em tua casa. — Lazaro, *vem*. Quem poderá impedir jamais que essas palavras ecchôem na alma humana, e sejam obedecidas?

Os donos dos dios jumentinhos dizem para os Discipulos: Que ides vós fazer? porque ides desamarrar esses animaes? Isso mesmo ha-de dizer a Synagoga, e Cesar, e muitos outros, com outros nomes. Respondem os Discipulos: Precisa d'elles o Senhor. Com essas poucas palavras, cessa toda a possivel opposição; seja ella qual fôr, seja ella como fôr. Cada Igreja que por essa extensão da terra se levanta é um tumulo ou um relicario de martyres. Foi missão incumbida aos martyres isto de desacorrentar as almas que ao Senhor forem necessarias. « E levaram-n'as para elle. » Essa phrase tão singela, diz o padre Ventura, é uma historia completa, e uma predicção immensa; é a obstinação judaica vencida; é a soberba pagã contrastada; é a submissão do universo a Jesu-Christo; é a victoria absoluta da Cruz.

Assistiam os Phariseus á entrada de Jesus em Jerusalem. Poderia esse espectaculo mostrar-lhes o que Jesus teria feito do povo de Jerusalem e de toda a Judêa, se houvesse querido; elles porém só viram o que deixava de executar, e ainda mais os senhoreou a ideia de que Jesus não saberia resistir-lhes. Repetiam uns para os outros, pensando na inutilidade das suas calumnias e ameaças: Nada lucrámos; ahi corre para elle todo esse povoleo!

Porém, apesar de resolvidos a matal-o, e apesar de certos da sua mansidão, não podiam por em quanto prendel-o. Limitaram-se a diser-lhe: « Mestre, mandae calar os vossos Discipulos. » Respondeu Jesus: « Se elles se calarem, hão-de em vez d'elles bradar as pedras. »



ENTRADA DE JESUS EM JERUSALEM, O DIA DE RAMOS

Fresco de H. Flandrin na Igreja de S. Germain-des-Prés, em Paris — Seculo XIX

Elle no emtanto bem sabia o que pensasse da firmeza d'aquella multidão; bem sabia em que iam desfechar tantas alegrias. N'aquella turba, que desejava longos annos ao Filho de David, encontravam-se os que, cinco dias depois, haviam de vociferar : « Crucifiquem-n'o ! crucifiquem-n'o ! Ao avistar os muros de Jerusalem, pôz-se Jesus a chorar. Dentro em pouco, aquella Jerusalem, tão criminosamente ingrata, não havia de ser senão um sepulchro, mais cerrado que o de Lazaro. Nunca soltaram gemido mais melancolico as luctuosas agonias da patria : « Triste cidade, se ao menos lograsses conhecer hoje o que pode segurar a tua paz ! Agora tudo isso desconheces ; e lá virá dia, em que os teus inimigos te envolvam, te escravisem, te persigam, te derrubem, a ti mais aos teus filhos ; sim, hão-de aniquilar-te, sem deixarem de ti pedra sobre pedra, por não teres sabido conhecer a hora da tua salvação ! »

Subiu Jesus ao Templo; e depois de ter mirado tudo, como o senhor que examina a sua casa, tornou-se para Bethania, onde passou a noite.

O dia seguinte foi, logo desde pela manhã, assignalado por um facto, de si estranho, e de pouco peso apparente, mas de grande significação real.

Tornava-se Jesus de Bethania para Jerusalem; sentiu fome, e acercou-se de uma figueira á beira da estrada, a ver se acaso encontraria de comer. Só viu folhas, por não ser ainda o tempo dos figos. Fallou então com a figueira, e disse-lhe : « De ti não ha de nascer fructo algum jamais. » Ouviram-n'o os Discipulos. Seccou a figueira toda até á raiz. Não notaram isso os Discipulos desde logo; mas no outro dia, ao passarem por essa arvore, espantaram-se. Recordou-se Pedro do que tinha succedido na vespera, e disse a Jesus : Mestre, seccou a figueira que vós amaldiçoastes.

Era isso pela manhã, antes da hora da refeição; aquella fome que Jesus quiz sentir, como signal da sua humanidade, não era portanto natural. Era antes da estação dos figos; logo, porque procurava elle encontral-os, quando bem devia saber que os não encontrava? e que motivo ha para amaldiçoar uma arvore só por não apresentar o seu fructo fora de tempo? Explicavel é pois o espanto dos Discipulos. Pedro, a quem toca observar, recordar-se, e inquirir, aventura uma observação que pede ser explicada. Jesus porém, sem desvendar o mysterio, limita-se a dizer aos Apóstolos, que só fez aquelle milagre para lhes

incutir fé. Queria premunil-os contra o terror que podessem infundir-lhes as ameaças da Synagoga, de que era imagem aquella figueira; queria que ficassem percebendo, por aquella prova novissima do seu poder soberano, que tudo que estava para succeder havia de dar-se porque elle assim o consentia.

Era tambem preciso que Jesus fizesse avultar o poder formidavel da sua justiça; e nós por ahi vemos tambem, segundo quer Santo Hilario, quão grande era a sua bondade. Até então, só se manifestava Deus pela sua misericordia; as provas da sua divindade, escrevera-as nos corpos humanos; sarára os males terrestres com o fito na salvação das almas; agora, quando lhe cumpre dar um exemplo da sua severidade para com os rebeldes, não fere um homem, secca uma planta. Escolheu a figueira, para tornar mais palpavel o milagre, á conta da seiva abundantissima d'essa arvore, que a uma só palavra d'elle vae seccar logo.

N'esse mesmo dia tornou Jesus a despedir do Templo os vendilhões. Cresceu com isso a ira nos Principes dos Sacerdotes e nos Escribas, que auctorisavam o trafico, muita vez fraudulento, de taes vendilhões, d'onde auferiam reddito avultado; comtudo não se atreveram a proceder contra Jesus, por causa do muito que o pôvo lhe venerava as doutrinas, e por attenderem á multidão de enfermos a quem elle curava. As proprias creanças, repetindo o que por toda a parte ouviam, bradavam no Templo : Hosanna ao filho de David! E perguntaram então a Jesus os Phariseus : Ouvis? « Oiço, respondeu elle. Escrito está : Alcançastes louvores até da bôcca das creanças. »

ULTIMO DIA NO TEMPLO.

Ao outro dia, doutrinando no Templo, disse Jesus aos Discipulos : « Chegou a hora em que o Filho do Homem tem de ser glorificado. » Essa hora vinha a ser a da sua morte; e elle aclarou o sentido, acrescentando : « Em verdade vos digo que se o grão de trigo, ao cair no chão não fenece, fica só; mas se morre, vem a render immenso. »

Comtudo, ao ir-se aproximando da morte, permittia o Filho de Deus á natureza humana que désse rebate das suas fraquezas. Teve então

um como prenuncio da agonia : « Agora, suspirou elle, sinto esta alma turbadissima; e que hei-de eu diser? Meu Pae, livrae-me dos horrores d'aquella hora. Para aquella hora porém é que eu vim ao mundo. Meu Pae, glorificae o vosso nome! » E ouviu-se no céo retroar uma voz, que bradava : « Glorifiquei-o, e hei de glorifical-o. » Disseram alguns : Foi um Anjo que lhe fallou a elle. E elle atalhou : « Não foi para mim, foi para vós outros, que ressoou aquella falla. Agora vae ser rechaçado o principe d'este mundo. Quando eu estiver acima da terra, hei-de attrahir tudo para mim. »

Chegou aos ouvidos de Jesus um murmurinho da plebe, que dizia : Bem sabemos que ha de Christo viver ca eternamente. Como é logo que diseis : É mister que o Filho do Homem seja levado para o alto! Quem vem a ser esse Filho do Homem?

Estava ali, na presença d'elles, o eterno Christo; algumas horas antes o tinham já avistado; porém só queriam o reino d'elle, e não a sua cruz, a gloria d'elle, annunciada pelos prophetas, e não as suas dôres, prophetisadas tambem. Jesus, que tantas vezes os doutrinara n'esses pontos, só com poucas palavras lhes respondeu; lição derradeira, mais azada a sustentar-lhes a fé intima, do que a violentar-lhes a incredulidade. Disse-lhes pois : « Por mais algum tempo haveis de possuir comvosco a luz. É caminhar por ora, em quanto a possuis, para que vos não colham as trevas da noite. Quem gira ás escuras não sabe para onde vae. Em quanto possuis a luz, accreditae n'ella, para serdes filhos da luz. »

A despeito de tamanhos milagres, e tão incontestados, porfiavam incredulos os Judeus; cegueira já prophetisada por Isaïas.

Não deixava porém de lhes rasgar caminho a voz de Christo; não deixava a sua mão de lhes prodigalisar a luz. Aos timidos dizia : « Quem acredita em mim, não é em mim que a final acredita, é n' Aquelle que me cá enviou; e quem me vê, vê Aquelle de quem sou emissario. » E disia aos incredulos : « Quem me despreza e desacceita as minhas palavras, está julgado já. A palavra que eu annunciei é que o ha-de julgar no dia derradeiro, porque foi meu Pái em pessoa quem me intimou o que tenho que dizer; e o que elle ordena é a vida eterna. Tudo portanto que eu digo, digo-o como o disse meu Pái. »

Fingindo-se desentendidos, interpellaram-n'o em presença do povo os Principes dos Sacerdotes, os Escribas, e alguns dos Anciães, dizendo-lhe :

Isso tudo que faseis, por auctoridade de quem é? Quem foi que vos deu esse poder?

Já lh'o tinham perguntado de outra vez; e ás respostas d'elle tinham retorquido com ameaças de o apedrejarem. Prometteu-lhes Jesus no emtanto que os satisfaria, quando elles por si mesmos lhe houvessem dito se acreditavam que o baptismo de João era divino, ou humano. Enleiaram-se na replica; temiam-se da argumentação de Jesus, caso reconhecessem a missão celeste de João Baptista; e temiam-se das iras do populacho, caso a negassem. Resignaram-se portanto a responder, que não sabiam. « Pois eu, tornou Jesus, não vos digo por auctoridade de quem realiso o que faço. » Não quiz porém deixar sem castigo aquelles embusteiros, que ostensivamente alardeavam justiça, e no fundo do coração a detestavam. « Certo é, lhes disse elle, que hão-de os publicanos e as mulheres perdidas entrar mais facilmente que vós no reino de Deus. Porque para vós caminhou João na estrada da justiça, e vós o não crestes, ao passo que publicanos e mulheres creram n'elle; e nem pelos ver convertidos vos convertestes vós outros. »

Não parou ahi. Afim de melhor lhes mostrar as consequencias de despresarem a verdade, e afim de os constranger a confessarem a equidade do castigo em que iam incorrer, apresentou-lhes a ameaçadora parábola dos vinhateiros.

Lá da casa longinqua onde vive, manda o pái de familias um de seus servos a colher os fructos da sua vinha. Espancam-n'o os vinhateiros, e despedem-n'o. Vem outro; ferem-n'o. Vem terceiro; matam-n'o. Veem mais; teem sorte egual. Por fim manda o pái de familias um seu filho unico, e muito querido, tendo para si que hão-de acolhel-o com respeito. Pelo contrario; dizem os vinhateiros entre si : É o herdeiro; matemol-o, e herdaremos nós. E despedem-n'o, e matam-n'o. « Ora pois, disse Jesus para os Judeus, quando vier o dono da vinha em pessôa que fará elle a estes vinhateiros? »

Responderão os Judeos; Fará morrer esses miseraveis, e alugará a sua vinha a outros vinhateiros que lhe entregarão os fructos que ella produzir.

« Dizeis bem, retorquio Jesus, sim, elle virá e fará perecer esses miseraveis e confiará a outras mãos a sua vinha. »

A magestade que n'elle transverberou, ao proferir aquellas palavras, deu-lhes certamente a perceber a sentença que elles proprios acabavam

de pronunciar contra os que, a sentença que elles proprios acabavam de prononciar contra os que, depois de afugentarem e matarem os Prophetas, intentavam matar tambem o Filho unico. Tomados de susto, bradaram : Não praza a Deus! Jesus porém encarando-os perguntou-lhes se acaso desconheciam o que fôra escripto; e citou-lhes um versiculo da Escriptura, applicado ao Messias por todos os Judeus : « A pedra rejeitada pelos edificadores tornou-se a verdadeira pedra angular. E' obra do



Fig. 84. — Perguntam os Phariseus a Jesus se é, ou não licito pagar a Cæsar o tributo. Mandando que lhe mostrassem a moeda iributaria, respondeu-lhes o Senhor : « Dae a Cesar o que e de Cesar, e a Deus o que é de Deus ». Quadro da escola de Rubens uo museu du Louvre. Seculo XVII.

Senhor, e admiramol-a. » N'outra parte é Jesu-Christo chamado a pedra do alicerce; n'outra a chave da abobada; aqui é a pedra angular, por ligar dois lanços de muro outr'ora separados, dois povos, o Judeu e o Gentio, n'uma só casa. Acrescentou : « Ser-vos-ha tirado o reino de Deus, e dado a quem saiba colher-lhe os fructos. E todo o que vier a caír de encontro a esta pedra angular será despedaçado; e aquelle sobre quem ella caír ficará esmagado. »

Bem perceberam os Phariseus que era d'elles que se tratava. Porém retinha-os o temor da plebe.

Como não podiam apartar de Jesus aquelle povo perante o qual elle

tinha sempre razão, sem comtudo o adular, intentaram pela segunda vez prejudical-o em assumpto politico. Chegaram-se pois, e louvando em alta voz a animosa sinceridade do seu proceder, perguntaram-lhe se era ou não licito pagar o tributo a Cesar.

Pelo muito que valeu sempre esta questão aos olhos de subditos e principes, é facil julgar como se tornava importante, sob o seu duplice aspecto, n'um povo conquistado, mas fremente. Conforme a resposta de Jesus, assim se dispunham os Phariseus a mostrar-se patriotas, ou cesaristas, isto é : a desacreditar a Jesus entre o povo, ou a ir denuncial-o ao representante do imperador. « Hypocritas, lhes volveu Jesus, porque é buscar enlear-me ? »

Respondeu comtudo á pergunta, não tanto para confusão d'elles, como para instrucção da Igreja. Mandou que lhe trouxessem a moeda do tributo ; obrigou-os a confessar que se via n'ella a effigie de Cesar ; e disse : « Dae logo a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus. »

Milhares de interpretes tem havido, que d'aquellas phrases querem inferir que a Igreja deve dar a Cesar o que pertence a Deus; a Igreja porém ouviu a voz do Mestre.

Quanto aos Phariseus, que esperavam que Jesus se bandeasse com a parcialidade dos rebeldes, á qual elles proprios aliás pertenciam em segredo, e que intentavam ir accusal-o ao povo, reconheceram outra vez, que nem conseguiam jamais cegar a justiça de Jesus, nem encontrar desprevenida a sua prudencia; bem viram que o unico argumento de que dispunham contra Jesus era a morte.

O sabel-os conjurados para perda d'elle não lhe alterava comtudo a serenidade. Continuava a doutrinar os Discipulos, o povo, e aquelles mesmos perversos seus antagonistas. Robusteceu contra os Sadduceus a crença no dogma da ressurreição, renovou a sua doutrina do conhecimento e amôr a Deus, do culto e da oração; insistiu na caridade. Aquillo era, por assim dizer, o seu proprio testamento que ali estava lavrando; e no longo volver de dezanove seculos a intelligencia humana profundando aquellas sentenças d'elle nos seus derradeiros dias, soube encontrar em cada palavra alimento inexhaurivel.

Perguntou a Christo um Phariseu qual vinha a ser o mandamento maior. Tornou elle : « O Senhor vosso Deus é o Deus unico; haveis de amar o Senhor vosso Deus com todo o vosso coração, com toda a vossa

alma, com todo o vosso poder. E' o mandamento maior, e é o primeiro. Ha porém outro semelhante ao primeiro : Haveis de amar ao proximo como a vós mesmos. Não ha mandamentos mais altos que esses dois. Toda a Lei, todos os preceitos das prophecias se encerram n'elles. » « Louvou o Phariseu tal resposta, e acrescentou que era com effeito coisa bem maior que todos os holocaustos e sacrificios isto de amar o proximo. Disse-lhe Jesus : « Não andas longe do reino de Deus. »

Foi aquella a ulima vez em que os Phariseus, vencidos sempre da sua sciencia e do seu juizo, se abalançaram a interrogal-o. Por sua vez interrogou-os elle entaõ, disendo-lhes : « Que pensaes vós a respeito de Christo ? de quem é elle filho ? » Tornaram elles : De David. « Logo, volveu Jesus, d'onde vem chamal-o Senhor seu o proprio David, inspirado do Espirito

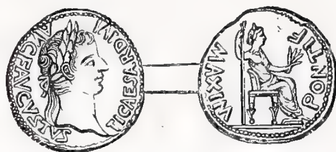


Fig. 85. — Dinheiro de Tiberio com esta inscripção : Tiberio Cesar filho do Divino Augusto, imperador. Gabinete numismatico de Pariz.

Santo ? Porque heis-de saber que lá resa o livro dos Psalmos : *Disse o Senhor ao meu Senhor : Sentae-vos á minha mão direita.* Se David o denomina Senhor, como é elle filho de David ? » Não atinaram com a resposta.

Cheios como estavam de odio contra Jesus, não lhes era possivel ignorarem pormenor algum da sua vida, e da sua origem ; sabiam pois que era filho de David, e não iam contra isso ; mas como não queriam reconhecel-o pelo Messias, não percebiam, e ainda menos confessavam, que na sua qualidade de Deus, era Senhor do proprio David de quem descendia por geração natural. E d'essa forma nasciam uma da outra a incredulidade e a inveja odienta d'elles, e reciprocamente se augmentavam.

Deu Jesus todas as largas á sua indignação contra taes hypocritas arrogantes, que assim viviam a enganar o povo, cuidavam enganar a Deus, e desejavam enganar-se a si proprios. Fulminou contra elles os anathemas terriveis que os esmagaram : « Ai de vós, visto que cerraes aos homens o reino dos ceos ! nem lá penetraes, nem lá consentís que penetrem os que

forcejam por isso! Ai de vós que pagaes o disimo da hortelã, do endro, e dos cominhos, e despresaes a justiça, a misericordia, e a fé? » Não deixou no escuro uma unica das feições que lhes eram peculiares : o orgulho, a crueldade, a avareza; nem os crimes de seus páis, assassinos dos Prophetas; nem os crimes que algum dia haviam ainda de assoberbal-os, como perseguidores da Igreja : « Prosegui, enchei a medida de vossos páis, serpentes, geração de viboras! Como podereis já agora evitar o castigo do inferno? Eu vos mandarei Prophetas, sabios, e doutores; uns, matal-os-heis; outros crucifical-os-heis; e perseguireis aos mais, para que assim caia sobre vós a vingança de tanto sangue innocente derramado por vós! »

Mas como na vehemencia mesma d'aquelle fallar iam assomos da sua ternura infinda, não se calou sem expressar o muito dó que lhe causava o castigo de Jerusalem, miseravel complice d'aquelles perversos : « Jerusalem, Jerusalem, que matas os Prophetas, quantas vezes tenho eu querido congregar os teus filhos, como a gallinha junta os seus á sombra das suas azas! e quanta vez me repelliste! Agora vae a vossa casa ficar erma de todo, porque nunca mais haveis de ver-me antes de dizerdes · Abençoado o que é vindo em nome do Senhor! »

Ao findar a sua pratica, tinha Jesus ido sentar-se defronte do gazofylacio onde os visitantes do Templo lançavam as esmolas. Davam offerendas avultadas os ricos; veio uma pobre viuva, que só lançou duas mesquinhas mealhas de cobre. Deleitou-se Jesus ao ver esse triste donativo. Chamou pelos Discipulos : « Observae, lhes disse elle, aquella pobre viuva deu mais que os outros todos; porque os outros deram das suas sobras; ella deu da sua mingua; deu tudo que lhe restava para governar vida. » Divino commentario da maldição antecedente contra os que usam pagar o disimo das mais pequeninas coisas, não por isso que o devem, senão para ostentação, e por se esquecerem do que é a caridade.

Foi esta a derradeira prégação publica de Jesu-Christo, e a derradeira vez que appareceu no Templo. Saíu de lá para não tornar a entrar. Já fora do Templo, quiseram os Discipulos fazer-lhe admirar a belleza do edificio. Esperavam talvez obrigal-o a revocar a condemnação com que o elle fulminara, e que parecia encerrar-se n'aquellas palavras : « Agora vae a vossa casa ficar erma de todo. » Discorriam pois acerca das magnificencias que nobilitavam o Templo, e da sua estructura para

séculos. Vêde, Mestre, disse por fim nm d'elles, que pedras! que edificação! « Verdade é, respondeu o Mestre; pois de toda essa mole immensa que estaes a contemplar, algum dia virá que nem pedra sobre pedra já exista. » Era definitiva a condemnação. Passados quarenta annos, arrasaram os Romanos aquelle Templo; e passados quatro séculos, até o alicerce lhe arrancaram os operarios que lá mandou Juliano apóstata para o reedificarem.

Como fossem todos chegados ao monte das Oliveiras, sentou-se Jesus defronte do Templo, e descreveu aos Apóstolos, por estes lh'o haverem requerido, os signaes precursores da ruina de Jerusalem e do fim do mundo.

Compendiou e fechou a pratica pela pintura do juizo final. A capital valia que elle attribue ás obras de misericordia, filhas da fé, nos porquês da sentença que ha-de assignar a cada qual a sua sorte definitiva, bem prova o seu affecto para com os humildes e desgraçados, até entaõ desapiedadamente calcados aos pés. Tinham de vir a ser uma das bases mais importantes da sociedade christã as palavras que vão transcrever-se.

« Ver-se-ha o Filho do Homem rutilando de magestade, cercado de todas as jerarchias dos Anjos, e sentado no throno da sua gloria. E apparecerá na sua presença toda a multidão do genero humano ressuscitado, a qual será por elle dividida, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. Serão collocadas as ovelhas á direita, e os cabritos á esquerda. Entaõ dirá o Senhor para os da mão direita : Vinde, bemditos de meu Pae, a possuir o reino que vos está destinado desde o principio do mundo, porque tive fome, e destes-me de comer; tive sêde, e destes-me de beber; não tinha lar, e hospedastes-me; andava despido, e vestistes-me; estive enfermo, estive encarcerado, e viestes visitar-me.

« E perguntarão os justos : Senhor, quando foi que vos vimos com fome, para vos darmos de comer? Quando vos vimos nós com sêde, para vos darmos de beber? Quando vos vimos peregrino, para vos albergarmos? Quando vos vimos nú, para vos vestirmos? Ou quando vos vimos acaso enfermo ou encarcerado, para assim dizerdes que vos fomos visitar? E ha de responder o Senhor : Em verdade vos digo, que sempre que fazieis essas obras caridosas a um qualquer dos meus irmãos, era o mesmo que se as fizesseis a mim proprio.

« Voltando-se logo para a esquerda, bradará o Senhor : Afastae-vos de

mim, malditos; ide para o fogo eterno já aparelhado, para o demonio e para os seus anjos; porque tive fome, e não me destes de comer; tive sêde, e não me destes de beber; fui peregrino, e não me recolhestes; fui nu, e não me vestistes; estive prezo, estive enfermo, a não me visitastes. Tornarão elles : Senhor, quando foi que vos vimos padecer fome ou sêde, carecer de albergue, de vestido, estar enfermo, estar prezo, e deixámos de vos valer? E responderá o Senhor : Certo é que todas as vezes que deixastes de valer a qualquer, por humilde que elle fosse, á mim deixastes de valer.

« E assim, hão-de os réprobos entrar aos supplicios eternos, e os justos á eterna bemaventurança. »

Chegado como era ao limiar da morte, proferiu Jesus aquellas palavras, que valiam, por assim dizer, uma deixa de monarcha, doada para o correr dos séculos á multidão dos pobres, dos desvalidos, dos enfermos, dos encarcerados, e de todos os desamparados. Moisés percutiu o penedo, e fez d'elle rebentar aguas correntias. Dando na dureza do coração humano, soube a palavra de Jesus penetral-a, e jorrar d'ella os caudaes inexhauriveis da caridade. Graça duas vezes grande, que ainda salvou mais peccadores, do que afflictos soccorreu.

Disse Jesus depois aos seus discipulos : « Sabeis que d'aqui a dois dias ha de ser a Paschoa, e que o Filho do Homem tem de ser entregue para que o crucifiquem.

Foi isto passado em terça feira á noite. Ao dia seguinte deixou-se Jesus ficar na montanha, n'uma especie de recolhimento que o preparasse para morrer. N'esse mesmo dia os Principes dos Sacerdotes, os Doutores, e os Escribas, reunidos em conselho machinavam outra vez tirar a vida a Jesus. Determinaram não demorar mais tempo; mas o que os desassocegava era o receio de amotinar o povo. Tendo como provavel que a prisão de Jesus provocasse revolta, julgaram mais prudente apoderarem-se d'elle passada a festa, quando se houvesse retirado a multidão de estrangeiros que enchiam a cidade. Veio porém precipitar o caso todo um auxilio, com que certamente não contavam. Apresentou-se aos Sacerdotes principaes um dos Doze Apóstolos, por nome Judas; vinha pactuar com elles a entrega da liberdade e da vida do seu Mestre. Disse-lhes : Quanto me dareis, se eu vol-o entregar? Pactuaram trinta dinheiros de prata. Conchavado Judas no ajuste, prometteu entregar-lhes Jesus, a occultas do povo. Trinta dinheiros andavam por cem francos da moeda actual franceza, ou



O JUIZ

Pintura a fresco por Orcagna, no claustro do Campo Santo de Pisa. Seculo



FINAL

dragessimo. _ Segundo uma copia pertencente ao Sr. Ambr. Firmin-Didot.

quatro libras estrellinas. Era em que importava a multa judaica pela morte de um escravo, e era esse o preço usual d'elles. Ja dissera o propheta Zacharias : *Tomaram-n'o pelo que vale um escravo; foi fixado o seu preço em trinta dinheiros.*

A PASCHOA.

Era a Paschoa a solemnidade maior dos Judeus. Tinha Deus em pessoa instituido aquella festa como lembrança da mercê que libertara Israel do captiveiro do Egypto, e como imagem da outra mercê que á humanidade inteira tencionava conceder, de a libertar do captiveiro do peccado, mediante o sacrificio do seu unico filho, Jesu-Christo. Todas as ceremonias da Paschoa eram symbolicas, e commemorativas, e formavam uma como prophecia d'esta segunda emancipação por que almejava o mundo inteiro. O ponto capital da Paschoa era a immolação e manducação do cordeiro. Immolado no Templo conforme um rito escrupulosamente observado, recordava aquelle cordeiro o outro, que os Judeus tinham comido já de pé, em trajo de jornada, e de bordão em punho, na occasião de abalarem do Egypto, isto é, ao passarem da terra da escravidão á da liberdade; e d'ahi provinha o proprio nome de Paschoa, que significa passagem. Fôra aquelle sangue de cordeiro o signal da salvação para os primogenitos de Israel, quando baixou enviado por Deus o Anjo de exterminio a matar todos os primogenitos dos Egypcios. Ao passo que assim consagrava todas essas imponentes recordações, figurava o cordeiro paschal o cordeiro de Deus, que tinha de vir extirpar os peccados do mundo, a victima incomparavel, cujo sangue havia de preservar da morte para sempre áquelles a quem assignalasse. Assim é que a immolação do cordeiro paschal, centro do antigo culto, e centro do culto novo, fica sendo o ponto de juncção das duas allianças.

Com o favor do Espirito-Santo, já alguns interpretes da Lei tinham entrevisto aquelle mysterio enorme. O proprio nome de *Eucharistia* dado á carne do cordeiro e conservado pela Igreja, prophetisava já um sacrificio mais augusto. Depois de se haver alimentado do cordeiro, Israel já libertada, mas ainda não investida na posse da terra da promissão, achara-se milagrosamente mantida no deserto pelo manná celestial. Aguar-

davam os sabios da antiga Lei a realisação do manná perfeito, de que esse outro manná era apenas o symbolo; annunciavam para o dia da inteira libertacão um pão muito mais maravilhoso. Tinha Deus querido que attendessem especialmente a um versiculo do Psalmo LXX, que por todos é applicado ao reinado do Messias : « Ha de rebentar o frumento sobre a terra, e até sobre o vizo dos montes », ou, conforme a versão chaldaica : « Haverá um sacrificio de frumento sobre todo o chão, e sobre os pincaros das serras. » Já pois anteviam correlação entre aquelle frumento, e o manná. Eis aqui algumas das interpretações d'elles : Diz o Rabbi Eliezer, quanto ao manná do Messias : « Estão os justos predestinados a alimentar-se d'aquelle manná no tempo que ha de vir. E se acaso me perguntas : Será esse manná como este do deserto? responder-te-hei : Não; ha de ser de natureza tão elevada, que a nada poderemos comparal-o. » R. Kimchi commenta o propheta Osêas d'esta forma : « Teem alguns para si que estas palavras *hão de viver de frumento* significam que no futuro, ao apparecer-nos o Senhor, ha de dar-se uma alteração, uma transsubstanciação na natureza do frumento. » R. Mosés, filho de Nachman escreve : « E' o manná formado da *luz divina*, que *assumiu corpo*, segundo a vontade do seu Creador. » R. Mosés Hardasan diz acerca do Psalmo XXXVI : « O pão que elle a todos faculta é a sua propria carne; e em quanto provâmos esse pão, transmuda-se-nos em carne. » R. Cahana diz acerca d'aquellas palavras do Genesis : *Amarrando na vinha a sua jumenta :* « Por ahi ficamos sabendo que o sacrificio, que por meio do vinho ha de cumprir-se, não ha de transformar-se sómente na substancia do Messias, senão tambem na substancia do seu corpo. » R. Barachias diz a proposito da phrase do Ecclesiastes : *O que ha de ser? o que fôr :* E como houve um Redemptor primeiro, que foi Moisés, assim ha de haver outro a final; e assim como o primeiro fez baixar do céo o manná, asism tambem o Redemptor chamado Messias *ha de ser o pão de frumento* na terra. » R. Simeão diz do Psalmo LXXII : Ha de então o Senhor sentir-se a trasbordar misericordia; e com a poderosa efficacia de palavras que hão de proferir os sacerdotes, *ha de trocar no proprio corpo do Messias o sacrificio que sobre cada altar lhe fôr apresentado.* » Finalmente escreve R. Salomão d'esse mesmo Psalmo, referindo-se ás palavras : *O frumento ha de encontrar-se na terra e no cume dos montes :* « Os nossos mestres applicaram isso aos pães do tempo do

Messias, dos quaes se escreveu no livro chamado Siphra, que esses pães hão de ser como a palma da mão, e que ha de cada qual alimentar-se d'elles [1]. » Igual significado se encontra na existencia dos dois altares do Templo, cuja opposição é observada pelo Judeu Philon : o altar exterior, sempre cruento do sangue das victimas; o altar interior, d'onde sómente subia o fumo do incenso mais puro, e junto do qual se erguia a meza com os pães de proposição, symbolo do sacrificio incruento que devia substituir todas as victimas. Era crença vulgar entre os Israelitas, que ao chegar o Messias haviam de cessar todos os sacrificios, mas que o do pão e vinho tinha de durar sempre.

Chegou o Messias! vae saír da caligem toda a verdade; vão realisar-se as espectativas dos que até ali meditavam no escuro a lettra das Prophecias.

Quinta feira pela manhã, dia primeiro da festividade, perguntaram os Apóstolos a Jesus onde iriam aperceber-se dos preparos para a refeição da Paschoa. Respondeu elle por modo, que bem revelou o seu poder, pois lhes disse que fossem até á cidade, seguissem um homem que lá haviam de encontrar com um cantaro de agua, entrassem ataz d'elle na casa onde parasse, e que ahi era o sitio onde haviam de ir-se.

Tudo saiu tal qual; e ao caír da noite, foi Jesus, mais os Doze, á casa escolhida. Resa a tradição, que se erguia a casa da Ceia no logar onde, em tempo de David e Salomão, quarenta longos annos permanecêra a arca. Aguardou Jesus a sua hora; e ao raiar das estrellas sentou-se á meza, e sentaram-se os Doze com elle. N'esse instante, segundo o uso judaico, principiava a sexta feira [2].

Era uma verdadeira funcção religiosa aquella refeição paschal. Observou-lhe ponctualmente Nosso-Senhor todos os ritos, e o cordeiro foi comido como ordenava a lei de Moisés. Era propriamente a Ceia. Passava-

1. Os que teem a presumpção de haverem compulsado os livros rabbinicos, não viram n'elles tudo que lá se contem; é porém preciso não os ler fiado só nos rabbinos modernos. « Se possuissemos as obras rabbinicas compostas antes de Jesu-Christo, e que em tão grande numero pereceram no incendio de Jerusalem, pasmariamos do accordo admiravel que existe entre a dogmatica do judaismo antigo, e a do Christianismo, assim como da differença que existe, sob esse ponto de vista, entre os Judeus actuaes e os seus predecessores. Ainda nos dias de Pico de la Mirandola existiam alguns manuscritos preciosos, mas perderam-se. Tempo houve em que por todas as formas procuravam os Judeus adquiril-os, ou respansal-os nas bibliothecas, para destruirem os testemunhos favoraveis ao Christianismo ». (Sepp.)

2. « Para os Hebreus começava o dia com o pôr do sol. Por esse systema de contagem, o sexto dia, que era vespera de sabbado, viu pois successivamente a celebração da Paschoa mosaïca pelo Salvador (a refeição do cordeiro paschal), o lavapés, a Instituição da Eucharistia, a agonia de Gethsemani, toda a paixão de Jesus, a sua immolação, a sua morte, a descida da Cruz, e o enterro. Um só dia *judaico* presenceou isso tudo ». (Foisset.)

se depois a outra refeição mais livre. Ora durante essa segunda é que as prophecias se viram realisadas, e foi instituida a verdadeira Eucharistia.

« Sabendo pois que era chegada a sua hora, de passar d'este mundo para o seio de seu eterno Paí, e sabendo que já vendido a Satanaz resolvêra Judas entregal-o aos Judeus, quiz o bom Jesus conferir aos seus, sempre tão amados, uma prova novissima, e bem maior, do seu affecto. Largou o vestido, cingiu-se com uma toalha, encheu de agua uma banheira, e entrou a lavar elle proprio os pés aos seus Discipulos, enchugando-lh'os na toalha com que se envolvera. » Era aquelle um mister humillimo de escravo, que ali estava cumprindo aquelle *em cujas mãos tudo fôra entregue por seu Paí.*

Ao acercar-se de Simão-Pedro, exclamou este : Vós, Senhor! vós! lavar-me os pés a mim! Respondeu Jesus : « O que faço, não n'o alcanças tu por agora; mas virá dia em que o alcances. » — Nunca jamais consentirei, Senhor, em que me laveis os pés. — « Se te eu não lavar os pés, não has de ter parte na minha gloria. » Era alludir á purificação espiritual, necessaria para dignamente se receberem os mysterios sagrados; aquelle lavapés era o symbolo de tal purificação. Pedro não o comprehendeu logo, mas comprehendeu quanto vale a obediencia; e com a impetuosa franqueza do seu caracter, exclamou : Senhor, então não me laveis somente os pés, lavae-me as mãos e a cabeça! Atalhou Jesus : « Quem já se lavou só precisa de lavar os pés, para ficar puro de todo. Ora vós estaes puros; ainda que não todos vós. »

Presente estava tambem Judas; chegou Jesus, e lavou-lhe os pés.

Ao concluir, tornou-se para a meza, e disse aos Discipulos : « Percebestes bem o que ora fiz? Chamaes-me vós Mestre e Senhor; e chamaes bem, visto que o sou. Se portanto eu, vosso Mestre e Senhor vosso, vos lavei os pés, deveis tambem vós mutuamente laval-os uns aos outros; este exemplo vos dei eu, para que isto que fiz o façais tambem. Em boa verdade vos digo, que o servo não é maior que o amo, nem o enviado é maior que o ente que o manda. Bemaventurados quando isto comprehenderdes e praticardes! »

Disse-lhes mais : « Com quanto desejo hei desejado comer comvosco esta Paschoa antes de padecer! porque heis de ficar sabendo que nunca mais a hei de comer até que se ella realise outra vez no reino de Deus. »

Ao fim da ceia, tomou uma taça, deu graças, e apresentando-a aos Discipulos disse : « Tomae, e reparti entre vós ; por mim vos affirmo que nunca mais hei de beber o summo da vinha até chegar o reino de Deus. »

Depois tomou pão, deu graças, deitou-lhe a benção, partiu-o, e distribuiu-o pelos Discipulos, com estas palavras : « Tomae, e comei ; isto é o



Fig. 86. — Lava Jesus os pés aos seus discipulos, para lhes dar o exemplo de humildade e caridade. Fresco de Giotto na igreja dell' Arena em Padua. Seculo XIV.

meu corpo, que por vossa causa é offertado. Repeti este mesmo acto em lembrança minha. »

Finalmente, quando houve ceado, tornou a tomar a taça, deu graças, e passou-a a elles, disendo : « Bebei todos vós ; porque é isso o meu sangue, o sangue da alliança nova, que em vosso favor ha de ser espalhado, para remissão dos peccados. » E todos os Discipulos beberam.

Depois d'esta scena solemnissima, veio de repente uma só phrase de Jesus angustiar a todos os Apóstolos. Disse-lhes elle com entranhada commoção : « Um d'entre vós ha de trahir-me. A mão d'aquelle que me ha de trahir acha-se comigo, a esta mesma meza. » Olharam primeiro uns para os outros, sem comprehenderem a quem se referia. Por fim Pedro, que estava logo por traz de Nosso-Senhor, fez signal a João, que se lhe achava fronteiro, e perguntou-lhe : « Quem é ? » N'aquella circumstancia, o informar-se Pedro assim do nome do herege, já nol-o revela cumprindo as suas funcções de chefe da Igreja. Quasi tocava a fronte de João no seio de Jesus ; pois aproximou-se-lhe ainda mais, e interrogou-o a meia voz : « Senhor, quem é o tal ? » Respondeu Jesus em voz sumida : « E' aquelle a quem eu der pão molhado em vinho. » Os mais não ouviram ; e todos no auge da tristeza perguntavam a Jesus : « Sou eu, Senhor ? » N'isso manifestaram a um tempo a sua humilde desconfiança das proprias forças, e a sua caridade para com os irmãos. Poupando ainda uma vez a vergonha de Judas, e querendo deixal-o em liberdade, limitou-se Jesus a responder : « E' um dos Doze, que mette comigo a mão no prato. Quanto ao Filho do Homem, esse tem de acabar a sua jornada, conforme com o que a seu respeito se acha escripto ; mas ai d'aquelle que o entregar ! Melhor lhe fôra nunca haver nascido. »

No emtanto, quiz tambem Judas fallar, como fallaram os companheiros. Por sua vez atreveu-se a perguntar : « Mestre, serei eu ? » — « Tu o disseste » — lhe volveu o Senhor, por tal forma porém que só o traidor logrou ouvil-o. Molhou pão em vinho, e offereceu-o a Judas. Novo signal de affecto, que ainda o miseravel recebia da mão de Jesus. Se acaso o tomou algum genero de remorso, para logo o abafava, de embebido em seus criminosos propositos. Por isso se diz que, ao receber Judas o pedaço de pão, foi entrado de Satanaz. E disse-lhe então Jesus : « O que tens que fazer, faze-o depressa. » Saíu Judas sem detença. Passou despercebida aos presentes aquella scena rapida. O proprio João, que bem conhecia já o traidor, não o suspeitava tanto á beira do seu negro commettimento.

Ia o excommungado avençar-se com os capitães da guarda do Templo, que haviam de ir prender a Nosso-Senhor. Aquella sua saída do Cenaculo é o episodio primeiro da Paixão. Exhalou-se então do peito de Jesus um transporte de jubilo ; dir-se-hia que no seu intimo saudava aquelle

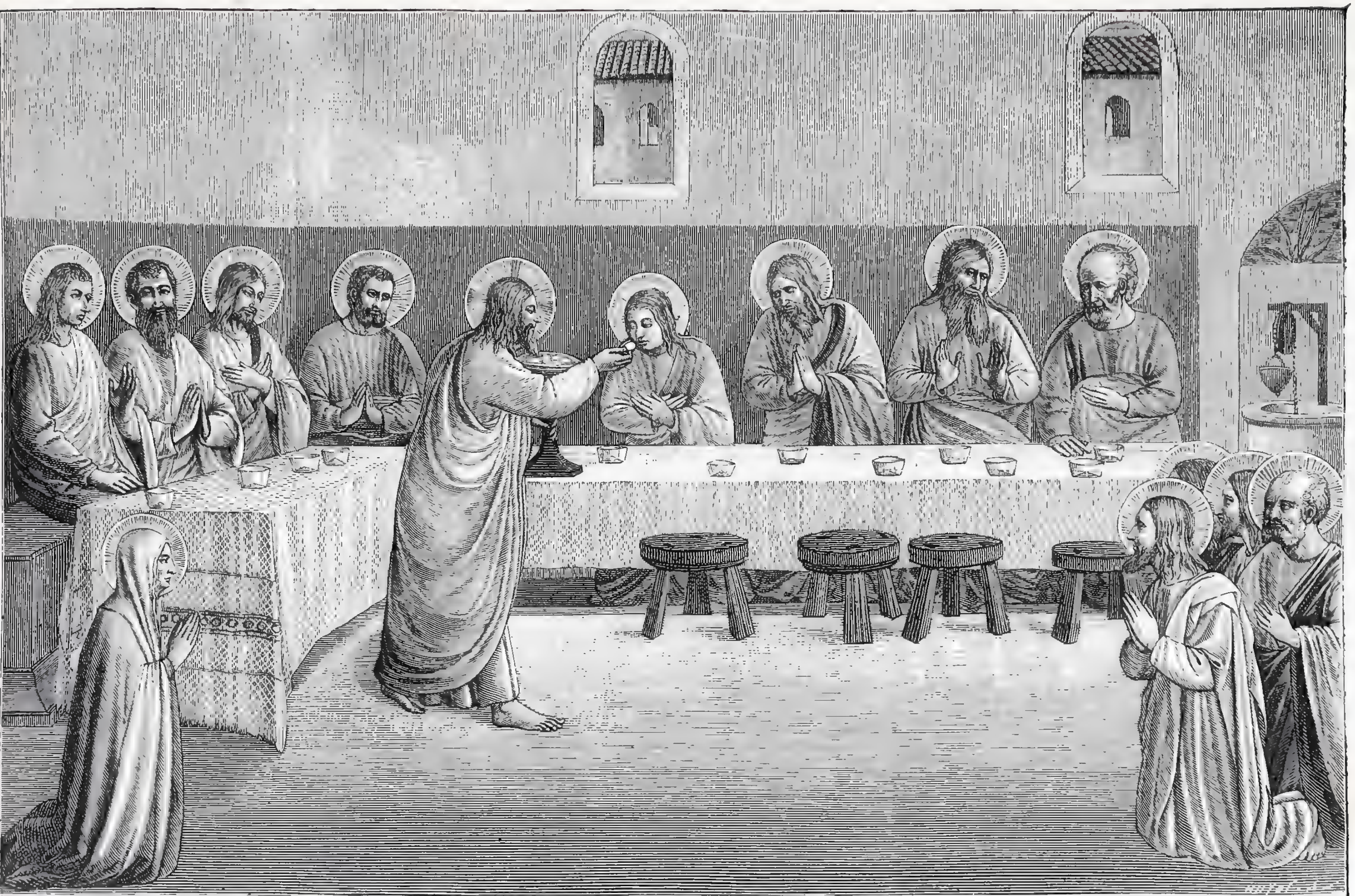


Fig. 87. — A Ceia. Abençôa Jesus o pão e distribue-o aos seus Discipulos, dizendo « Tomae, e comei; isto é o meu corpo, que por vossa causa é offerecido. Repeti isto em memoria minha. » Fresco de Fra Benedetto, irmão de Fra Angelico, **no** convento de S. Marcos em Florença. Seculo xv. Nosso Senhor ministra a communhao como um sacerdote. Quiz o pintor representar aquella mystica verdade.

limiar da morte : « Agora é, exclamou elle, que o Filho do Homem vae ser glorificado, e Deus glorificado n'elle ! » Começou logo a sua pratica *depois da Ceia,* formada de toda a súmmula das suas doutrinas ; parece ter-nol-a deixado afim de que o mundo inteiro o podesse contemplar tal como se manifestara outr'ora no Thabor, a rutilar de luz celestial, e cheio ao mesmo tempo da sua habitual benignidade.

Reiterou aos Apóstolos a promessa de todos os premios, chamou-lhes « filhos dilectos », como glorificação eterna da candura d'elles. Recommendando-lhes que se amassem entre si como os elle amára, e querendo demonstrar-lhes quanto devia sobrelevar a tudo quanto se ouvira até então a força d'aquelle mutuo amor evangelico, impôz-lh'o como um « mandamento novo » ; e prevenindo-os de que lhes ia fugir, affirmou-lhes que os não havia de deixar orphãos. Com especialidade communicou a Pedro que tinha orado muito por elle, afim de que a sua fé podesse resistir a todas as porfias de Satanaz ; e deu-lhe esta phrase, que encerra a constituição da Igreja : « Quando estiveres convertido, robustece na fé os teus irmãos. » Disse-lhe tambem que n'aquella noite mesma todos haviam de o desamparar ; e como Pedro protestasse fidelidade inquebrantavel, acrescentou Jesus que ainda n'aquella noite, antes que o gallo cantasse duas vezes, havia Pedro de renegar a Christo, e por tres vezes. Comtudo, momentos antes annunciara-lhe que o havia de acompanhar até á morte.

Para obviar a que a propria fraqueza os quebrantasse, premuniu-os com força nova contra o proximo escandalo dos seus padecimentos e do seu supplicio, por uma affirmação mais clara ainda da sua divindade. Investiu-os no don dos milagres : « As obras que eu realiso, quem acreditar em mim tambem as ha-de poder realizar, e até maiores ; porque eu por mim, cá me vou para o meu Pae ; e tudo quanto em meu nome lhe supplicardes, eu o farei, afim de que no Filho seja glorificado o Pái. »

Como se todas essas affirmativas fossem poucas, e elle houvesse mister fortalecer-se a si proprio contra as saudades d'elles quando o não vissem já, com quanto em realidade elle se não apartasse para fóra do grupo querido, por seis vezes consecutivas lhes afiançou um consolador : « Se sois deveras meus amigos, guardae os meus mandamentos, e eu rogarei a meu Pái, que (tenho fé) ha de enviar-vos um consolador, para permanecer sempre comvosco, o Espirito de verdade, a quem o mundo não quer receber porque o não vê e não o conhece. Vós porém haveis de

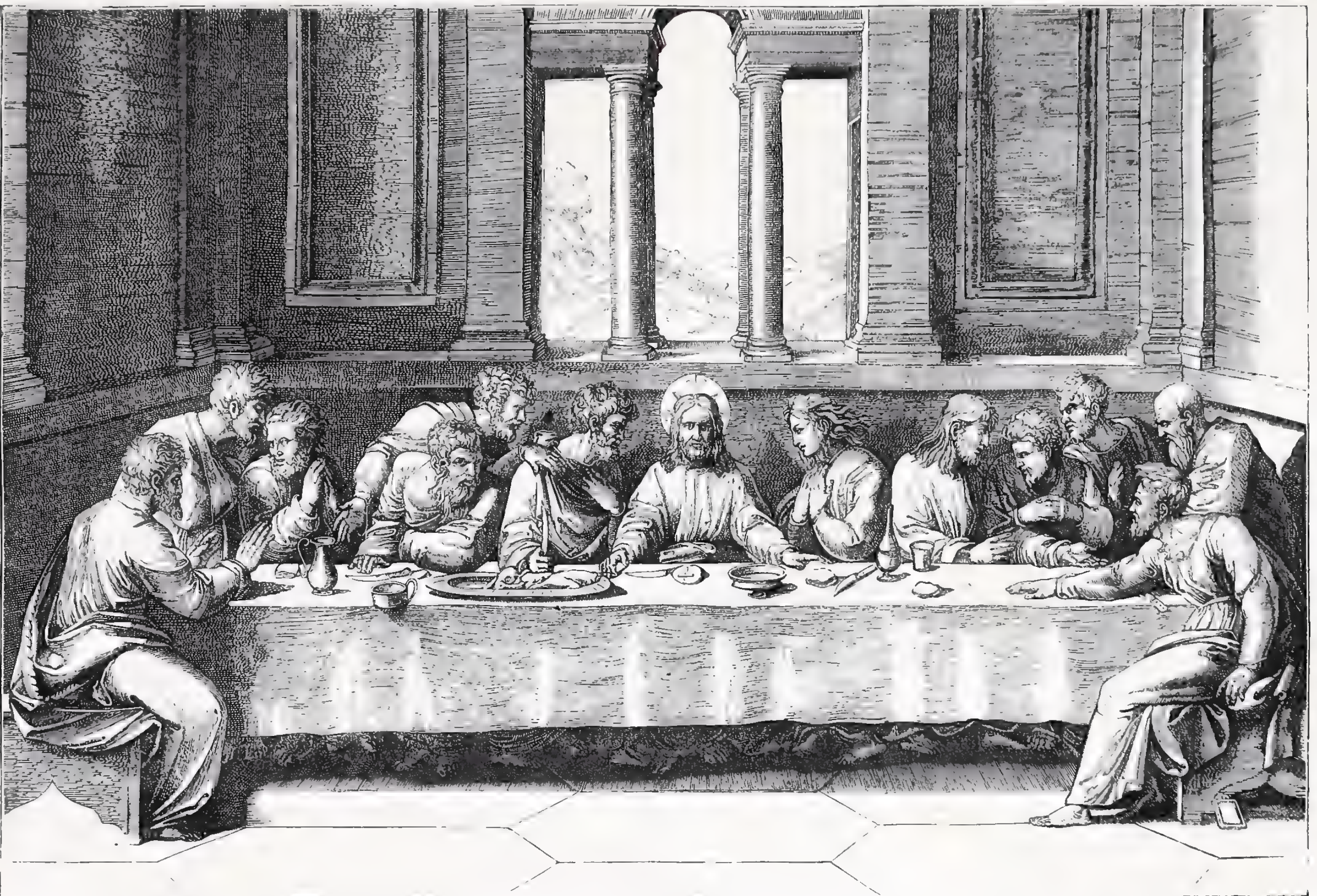


Fig. 88. — A Ceia. Dirigindo-se Jesus aos seus Discipulos, disse-lhes cheio de commoção : « Um de vós ha de atraiçoar-me. A mão d'aquelle que me ha de atraiçoar aqui está comigo, a esta meza. » Gravura de Marco-Antonio, segundo um fresco de Raphael.

conhecel-o, e o Espirito da verdade ha de morar em vós, e ser sempre comvosco; e esse consolador, esse Espirito-Santo, que meu Pái ha de enviar-vos em meu nome, vos ensinará todas as coisas, e vos recordará tudo que vos eu houver dito. » Com a sua bondade, reitera mil vezes estas mesmas promessas; não se farta de lhes dizer a elles quanto lhes quer; não se cança de lhes incutir forças para a grande provação que os espera.

Nem quer que elles duvidem, nem quer que nós duvidemos, nós outros, que tinhamos de vir muito depois, e tinhamos de ver tanta vez renovada aos nossos olhos a sua sagrada Paixão, e renovados os seus milagres : « Cá vos deixo a minha paz; dou-vos a minha paz. Não a dou como costuma dal-a o mundo. Não se perturbe o vosso coração, nem se assuste. Já vol-o disse : vou-me, mas tenho de voltar. Tudo isto vol-o digo antes que venha a succeder, para que depois de se cumprir tenhaes fé em mim. » E acrescentou : « Não vos fallarei mais, porque sinto que se vem aproximando o Principe d'este mundo. Em mim é nenhum o seu poder. Mas para o mundo ficar sabendo quanto eu amo meu Pái, e que sei executar as ordens que d'elle recebi, erguei-vos e partamos. » N'essas palavras se comprova a sua vontade serena e inteira de cumprir o sacrificio « obedecendo até ao fim. » Encaminhou-se pois até ao monte das Oliveiras, onde Judas bem sabia que havia de ser passada aquella noite. E ao caminhar foi proseguindo na sua pratica.

Conforme o costume, que era muito seu, de sacar dos objectos mais familiares as imagens que haviam de incutir e allumiar as suas doutrinas em todas as intelligencias, serviu-se da vinha para poder faser entender aos Discipulos o mysterio da união e incorporação do Homem-Deus, e prophetisar juntamente o destino da heresia.

« A verdadeira cepa sou eu, e o vinhateiro é meu Pae. Toda a vide que se não carregar de fructo, ha de elle podar-m'a, para que o fructo se melhore. Conservae-vos em mim, e eu em vós me conservarei. Assim como a vara não pode fructear senão unida á cepa, o mesmo ha de dar-se comvosco, se vos desunirdes de mim. Eu sou a cepa, e vós sois as varas. Só quem morar em mim, e me conservar no coração pode fructificar de veras; porque sem mim nada podeis conseguir. Quem não se demorar em mim, ha de ser regeitado como a vide. Ha de seccar; ha de ser arrojado ao lume, e ha de arder. Se em mim permanecerdes, e se as minhas

palavras permanecerem em vós, tudo que vos aprouver podeis pedir, que tudo vos será concedido. Toda a gloria de meu Pái consiste em produzirdes muito fructo, e em vos tornardes Discipulos meus (fig. 90). »

O verdadeiro fructo da vinha mystica é o amôr. De novo os exhortou á mutua união que tanto lhes recommendára já. O amôr de Deus é o alicerce do amôr do proximo; um e o outro, segundo elle já no Templo o havia prégado, constituem a lei toda. Todo o mandamento põe mira na caridade; todo o mandamento de caridade se compõe. Assim como uma só raiz deita muitas vides, assim a caridade, que é uma só, brota as multiplices virtudes; e o ramo de uma obra bôa só vive em quanto mora na raiz da caridade.

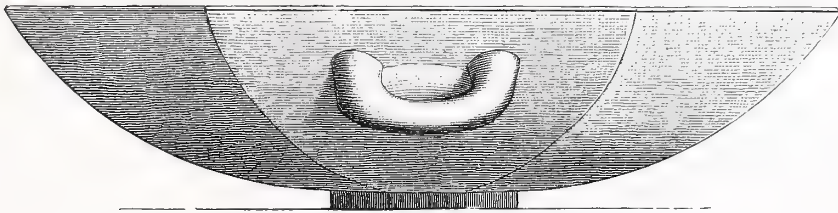


Fig. 89. — Taça de vidro côr de esmeralda, que servio á ceia de Nosso-Senhor, segundo antiga tradição, Igreja de Lourenço em Genova.

Se alguem intentasse escogitar em tudo o Evangelho de Jesus algum passo onde mais concentrado se manifestasse o espirito do Evangelho e de Jesus, onde melhor se conhecesse a Doutrina em toda a sua magestade, e Deus em toda a sua caridade, e o Homem na sua Divindade, e a indivisibilidade sublime da Doutrina, do Homem, e de Deus, bastaria ler as palavras seguintes :

« Da forma que meu Pái me amou, assim vos amo eu tambem. Concentrae-vos no meu amôr. Permanecereis no amôr sempre que mantiverdes os meus mandamentos. O meu mandamento é que vos ameis mutuamente, do modo por que vos eu amei. O maior amôr é o d'aquelle que dá a vida pelos amigos. Meus amigos sois vós sempre que executaes o que vos peço. Já vos não quero chamar servos, porque o servo nunca sabe o que faz o amo; mas chamei-vos amigos meus, por vos ter dado a conhecer tudo que ouvi a meu Pae. Não me escolhestes vós a mim; escolho-vos eu, para que fructifiqueis, e para que o vosso fructo alcance duração. Este mandamento vos dou eu : que uns aos outros vos ameis. »

« *Meus amigos sois vós... Chamei-vos meus amigos.* » Ás palavras antigas attribue o Christianismo raizes novas, e significado que só pertence ao Christianismo. A proposito d'este ponto, define S. Gregorio a palavra amigo, *amicus*, derivando-a de *animi custos*, guarda da alma. N'isso consiste toda a amisade christã; e nenhum outro sentimento merece á propria esse grande e sagrado nome de amisade. Jesus é nosso amigo, por custodiar a nossa alma; e nós só o amâmos a elle, só amâmos ao proximo, e só nos amâmos a nós mesmos, quando guardâmos os mandamentos d'elle, para cumprir com elle a obra da sua amisade.

Depois de infundir nos seus a força toda que dá o amôr e a concordia, a força que n'elles ha-de apparecer tão admiravelmente, graças ao affecto d'elles a Jesus, ensina-lhes as batalhas que hão-de dar : « Quando o mundo vos odiar, lembrae-vos de que bem antes de vós fui eu odiado. Se pertencesseis ao mundo, o mundo amaria em vós o que era d'elle; mas como não pertenceis ao mundo, e como vos eu escolhi e separei, odeia-vos o mundo. Recordae-vos portanto sempre da maxima que vos disse : O servo não é maior que o amo. Se a mim me perseguiram, tambem vos hão-de perseguir a vós ; hão de expulsar-vos das Synagogas; e já lá se aproxima o tempo em que ha de a vossa morte ser tida por obra meritoria a Deus. E assim procederão contra vós por causa do meu nome, porque nem a meu Pái nem a mim conhecem elles. Quem me quer mal, quer tambem mal a meu Pái.

« Se eu não fosse vindo, e lhes não houvesse fallado, seriam isentos de ideia peccaminosa; agora porém, o peccado d'elles não merece desculpa. Se eu á vista d'elles não tivesse praticado coisas que ninguem mais praticou, seriam isentos de peccado; mas agora viram-n'as, e teem odio a mim e a meu Pái. Tudo para cumprir o que está escrito na Lei d'elles : *Odiaram-me sem motivo.* »

Aconselhou-os a que se recordassem de tudo isto, que ainda lhes não disséra, porque até então estava junto d'elles. E como os visse calados e tristissimos, acrescentou com muita doçura : « Para vós é bom que me eu vá embora, porque se me não vou, não vem para vós o Consolador [1]; e

1. Quer isto dizer (se todavia é licito interpretar aquellas mysteriosas palavras) : « Por intermedio do Espirito-Santo ha de o mundo convencer-se de quanto é peccador, de que eu sou justo, ou antes, de que eu sou a justiça em pessoa, e de que no dia do juizo final, eu, que o devo julgar, hei de apresentar ao mundo a contraposição, horrivel para elle, dos seus crimes com a minha innocencia, e da minha justiça com a sua iniquidade; e então saberá o mundo o que é, o que eu sou, e o que tem que esperar ». (Padre de Ligny.)

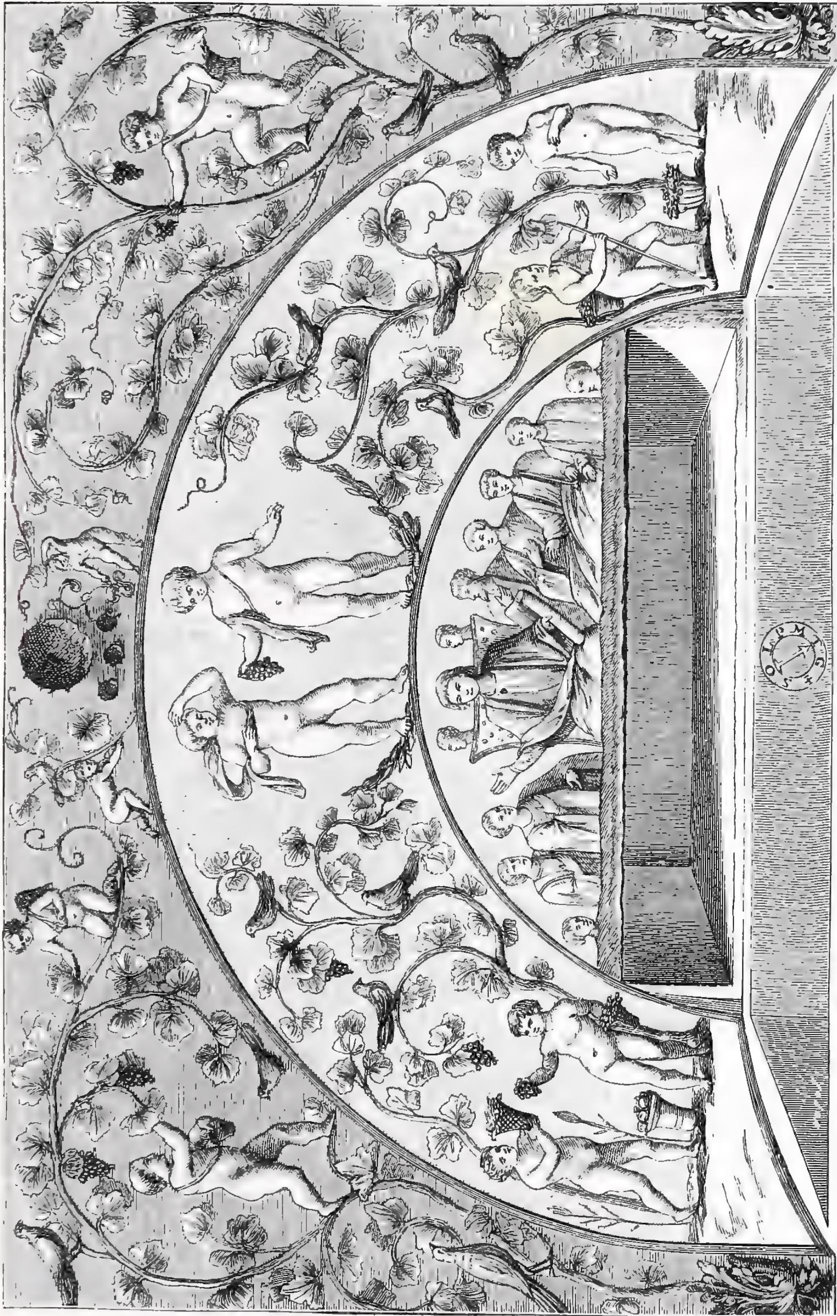


Fig. 90. Jesus no meio dos seus Discipulos. « Eu sou a cepa, e vós sois os braços da vinha. Quem mora em mim, morando eu n'elle tambem só esse ha de fructificar deveras. » Fresco das Catacumbas, no cemiterio do Ardeatine.

assim vou-me, e cá vol-o mando. E quando elle fôr vindo, ha-de convencer o mundo quanto a peccado, a justiça, e a final juizo. » Ahi porém surgiam mysterios, cujo conhecimento, agora superfluo, devia então ser

puramente desejado. Portanto Jesus, adiando para depois o que os Apóstolos não podiam ainda comprehender, prometteu que havia de concluir a instrucção d'elles por intermedio do Espirito-Santo : « Quando elle chegar, aquelle Espirito de verdade, ha-de ensinar-vos a verdade toda; porque não fallará em seu nome, só repetirá o que tiver ouvido, e vos dará o conhecimento do porvir (promessa do don de prophecia). Elle me glorificará, porque ha de receber o que é meu, e ha de annunciar-vol-o. Tudo que a meu Pai pertence, meu é; por isso é que vos eu digo que o Espirito ha de receber o que é meu, e annuncial-o a vós. » Eis ahi o elevado mysterio da precessão das pessoas divinas no mysterio da Santissima Trindade. Quando bem se meditam essas palavras, e o sitio e a occasião em que fôram proferidas, a evidencia divina derruba-nos a mente e o coração.

Disse-lhes Jesus tambem : « Dentro em pouco já não tendes de ver-me; mas passado pouco tempo haveis de tornar a encontrar-me, porque eu vou ter com meu Páí. » Era já aquillo o annuncio da sua sepultura, da sua ressurreição, das suas apparições, e da sua ascenção para o céo, onde não tardaria em receber as vencedôras almas d'elles para as conservar comsigo para sempre. Um tal pensamento porém apparecia-lhes demasiadamente occulto; e elles entre si perguntavam : « Porque diz elle dentro em pouco? » Proseguiu Jesus : « Verdade é que heis de chorar, e o mundo ha de alegrar-se; as vossas tristezas porém hão de trocar-se em jubilos. Quantas dôres não custa o filho á sua mãi! e a mãi, desde que o pôz no mundo já se não lembra dos seus males, e toda ella é alegria, pois nasceu um homem. Assim tambem sois vós; estais hoje tristes, mas algum dia eu vos tornarei a encontrar, e sereis cheios de alegria no coração, e ninguem poderá já roubar-vol-a, e nada mais me perguntareis. Então não vos hei de já fallar por parábolas, senão que hei de claramente annunciar-vos o que a meu Pái pertence. Então supplicareis em meu nome; e não vos digo que hei-de interceder por vós na presença de meu Pái, porque meu Pái já vos quer muito por me haverdes amado, e haverdes crido que d'elle é que nasci. Do Pái supremo nasci, e vim ao mundo; agora deixo o mundo, e remonto-me para meu Pái. »

E disseram os Discipulos : Bem conhecemos agora que tudo sabeis, Senhor; nem é preciso que alguem vos interrogue. Isso é que nos dá a crer que provindes de Deus. — « N'este momento sois crentes, volveu

Jesus; mas aproxima-se o tempo; agora ides dispersar-vos, e desamparar-me; comtudo não ficarei solitario, visto que está comigo meu Pái. Tudo isto vos disse eu, para alcançardes a minha paz. Muito haveis de ter que padecer n'este mundo; animo porém! o mundo, venci-o eu já. »

Tal foi este colloquio ultimo, onde tudo se refere ao homem, e tudo se refere a Deus; onde Deus anima os seus fieis a arrostarem com paciencia os odios do mundo, disendo-lhes : Lembrae-vos de quanto me elle odiou antes de vos odiar a vós; e onde o homem diz : EU SOU A VIDA...... *Animo! que* O MUNDO VENCI-O EU JÁ.

E' essa a palavra derradeira de Jesu-Christo aos homens; de ora avante, só com o silencio ha de ensinal-os nos trabalhos e nas dôres. Mas antes d'isso, entra em oração. Ora primeiro por si; logo depois, mais demoradamente e com maior affecto, ora pelos que ama. Nunca jamais ouvidos humanos tinham ouvido, nunca tornarão a ouvir, iguaes palavras.

Pondo os olhos no céo, disse Jesus :

« Meu Pái, é chegada a hora; glorificae o vosso Filho, afim de que o vosso Filho vos glorifique, e afim de que, dominando pelo vosso poder a todos os homens, conceda a vida eterna a todos os que a elle se confiaram. E que é a vida eterna? é conhecer-vos a vós, Deus unico verdadeiro, e conhecer a Jesu-Christo, enviado vosso. Na terra vos glorifiquei eu; cumpri a obra que me havieis commettido; e vós agora, Pái meu, glorificae-me com toda a gloria que em vós tive antes que o mundo fosse mundo.

« Dei a conhecer o vosso nome a todos aquelles que me havieis entregue. Eram vossos, e vós destes-m'os, e elles acolheram a vossa palavra. Reconhecêram que de vós saí, e acreditaram em que era eu enviado vosso. Oro por elles. Não oro pelo mundo, oro por aquelles que vós me destes, porque todos são vossos. Tudo que me pertence vosso é; tudo que é vosso é meu; e eu sinto-me glorificado.

« Eu já não ando no mundo; elles sim; mas eu torno-me para vós. Pái santo, conservae na virtude do vosso Nome aquelles que destes á minha guarda, afim de que permaneçam unidos entre si como nós o somos.

« Em quanto andei pelo meio d'elles, mantive-os no vosso Nome. Guardei os que me vós entregastes, e nenhum d'elles pereceu, a não ser o filho da perdição (Judas), para que se comprisse n'elle a Escriptura. Agora me volvo eu para vós, e digo isto em quanto ainda ando no mundo, para elles alcançarem em cheio a minha alegria.

« Transmitti-lhes a vossa palavra, e por isso o mundo lhes teve odio, por elles não serem do mundo, assim como eu, que tambem o não sou. Não vos peço que os tireis do mundo, senão que os preserveis de todo o mal.

« Sanctificae-os na verdade. A vossa palavra toda ella é verdade. Assim como me enviastes a mim ao mundo, tambem eu os envio a elles para o mundo.

« Não vos imploro por elles somente, senão tambem por todos os que, por intermedio d'elles, hão-de acreditar em mim; para que todos formem um só. Assim como vós, meu Pái, estaes em mim, e eu estou em vós, assim tambem se unam elles entre si da mesma forma; e oxalá acredite o mundo, que vós é que me enviastes. A gloria que vós me destes a mim, transmitti-lh'a eu a elles, para elles formarem um todo, como nós tambem formamos.

« Eu estou n'elles; vós em mim, para que elles vivam sempre na união; e acredite o mundo na minha missão divina, e no muito que lhes quereis a elles, e me quereis a mim.

« Pái meu, o que vos peço é que esses que hoje são meus, por m'os haverdes dado, me acompanhem lá para onde eu vou, e presenceiem a gloria que de vós recebi, por me haverdes amado desde antes de creado o mundo.

« Pái de justiça, desconheceu-vos o mundo; mas eu conheci-vos; e estes reconheceram que sou enviado vosso. Dei-lhes a conhecer o vosso nome, afim de que os aqueça tambem o muito amôr que me tendes, e afim de que eu proprio resida n'elles. »

VIII

PAIXÃO DE NOSSO-SENHOR

Os Judeus. — Pilatos. — O Calvario. — O Signal da Cruz. — O Enterro.

OS JUDEUS.



QUELLE monte das Oliveiras foi, como vimos, a morada predilecta de Jesu-Christo, por que assim o digamos a sua habitação n'este mundo. Ali veio, para d'ali tornar a descer para Jerusalem e para a morte. Deteve-se no sitio chamado Gethsémani, isto é *valle fertil*, n'um jardim onde muita vez congregara os Discipulos. Todos se achavam presentes, menos Judas, excommungado por si proprio. Tomou Jesus de parte a Pedro, a Thiago, e a João, outr'ora testemunhas do Thabor; e depois de recommendar aos mais que velassem e orassem, para se furtarem á tentação, afastou-se.

Principiou desde logo a entregar-se todo ás suas intimas tristezas e agonias. Deixou que lhe entrassem n'alma o temor, a augustia, e um supremo desconsôlo; e disse para os que o acompanhavam : « Sinto a alma triste até á morte. » Tendo-lhes supplicado que esperassem, e velassem com elle, apartou-se, obra de um tiro de pedra. Ajoelhou. Era a primeira vez que o viam n'aquella postura. « Meu Pae, exclamou elle,

se fôr da vossa vontade, afastae de mim este calix. Comtudo, faça-se a vossa vontade, e não a minha! »

Com o rosto pregado no chão, orava, e não acabava de orar. Tinha assumido a natureza humana; justo era que lhe acceitasse os desfallecimentos. Dando o exemplo de orar e obedecer, acolhia a morte com os fremitos de terror que ella inspira sempre á carne. Escorria-lhe por todo o corpo um suor de sangue. Assim foi que padeceu todos aquelles horrores da agonia, horrores que tantas vezes poupou aos seus santos e martyres.

N'aquelle eclypse da sua natureza divina, que assim consentia que vergasse a natureza humana, veio ter com elle um Anjo do céo, e fortaleceu-o. E' fama que veio aquelle divino emissario restituir-lhe o vigor corporal, e o reanimou, dando-lhe a considerar a valía immensa d'aquella sua obra. Ergueu-se Jesus, e tornou-se para os tres Apóstolos, mas encontrou-os adormecidos, no acabrunhamento da sua mesma melancolia. Disse a Pedro : « Simão, estás a dormir? Pois nem uma hora podeste velar comigo!? Velae e orae para não caírdes em tentação. » *Caír,* é entregar-se á torrente, e a torrente arrasta; mas a resistencia da oração obriga-a a retroceder. Afastou-se Jesus outra vez, e orou; depois volveu aos Apóstolos, e encontrou-os como que amortecidos de animo, sem saberem o que lhe respondessem.

Retirou-se pela terceira vez, e orou, disendo : « Meu Pái ! se é de todo impossivel o afastar-se este calix, e se tenho força de o tragar, seja feita a vossa vontade ! » Transluz o seu dó para com os Judeus na maneira como allude a este calix, cheio e apresentado pela mão d'elles com uma dureza que tão funesta lhes vae ser. N'aquellas palavras *Que se afaste* apparece um signal do seu amôr aos martyres futuros, signal que ha de confortal-os, e sempre que aos labios lhes chegar o calix ajudal-os a esgotal-o, como elle tambem dentro em pouco o ha de esgotar, sem uma queixa, sem uma hesitação, sem uma quebra na esperança ! Encontram os Santos Padres estreita correlação entre essas tres renovações da suprema oração de Christo, e os tres mortos ressuscitados por elle, o primeiro na propria casa mortuaria, o segundo no transito funeral, o terceiro no tumulo, tres symbolos dos tres diversos estados do peccador. Uma vez que era o calix o resgate para todos os mortos, era tambem a expiação de todos os peccados. Além d'isso, ensina-nos aquella triplice oração, que é indispensavel orar para alcançar a remissão de todos os peccados, presentes, passados, e futuros.

Por entre estas harmonias da Redempção, aquelle jardim de Gethsemani, o *valle fertil*, corresponde ao Eden; e o calix aceito pela obediencia de Jesus corresponde ao fruto colhido pela desobediencia de Adão. Sup-



Fig. 91. — Agonia de Jesus em Gethsemani. Em quanto estão dormindo os Apóstolos, Martha e Maria, symbolos da vida activa e contemplativa velam e oram, segundo recommenda o Salvador. Fresco de Fra Angelico no convento de S. Marcos em Florença. Seculo xv.

posera Adão senhorear-se da vida e da sciencia; expulso do paraizo, só encontrou trevas e morte, a mais, a mais. Jesus acceita a morte, e acceita o ser arrastado, dentro em pouco, desde Gethsemani até á cruz; mas aquelle caminho da cruz tinha de ser a vereda luminosa por onde o mesmo

Adão, libertado, erguido mais alto que o Eden, e almejando por bem mais que as delicias paradisíacas, havia de penetrar ás regiões de Deus.

Depois de aquiescer plenamente á vontade do Pái, disse Jesus com a maior serenidade para os Apóstolos : « Chegou a hora em que o Filho do Homem vae ser entregue aos aleivosos. Erguei-vos, e partamo-nos; já vejo vir quem me ha de entregar. »

N'esse instante appareceu Judas, guiando uma turba numerosa de soldados romanos, e satellites dos Judeus, todos armados de espadas e varapaus, e allumiados de archotes. Tinha-lhes dito Judas : Reparae; é aquelle em quem eu der um beijo. E acercou-se logo de Nosso-Senhor, e ao dar-lhe o beijo disse : Mestre, eu vos saudo. D'ahi avante, compriu-se o formulario dos traidores. Todos os hereges, como observa Orígenes, dirigem a Jesus a saudação de Judas : *Ave, Rabbi.*

Recebeu Jesus mansamente o beijo do Iscariotes, e disse-lhe apenas : « Meu amigo, a que vieste ? Ai Judas, Judas, que assim entregas com um beijo o Filho do Homem ! » Que ternura, e que celeste profundeza n'essas poucas palavras ! Judas, entregas, sim, o *Filho de Homem,* mas não has de conseguir entregar o Filho de Deus; a divindade não podes tu entregar. E esse Filho do Homem que assim entregas, lembra-te de que por tua intenção tambem é que assumiu aquella carne.

Não se excedeu Judas contra o seu Mestre. Encolheu-se calado para a banda do povoleo immovel. Jesus então, adiantando-se alguns passos, perguntou-lhes : « A quem buscaes ? » Ou não o tinham ainda visto, apesar dos archotes, ou o signal de Judas não bastára para o reconhecerem logo, ou, em summa, não se atreviam a aproximar-se.

Responderam : Buscâmos a Jesus de Nazareth. E disse Jesus : « Sou eu. »

Então, por certo viram o que quer que fosse do que hão de ver os que no dia derradeiro se sentarem á esquerda do Juiz. Apenas elle proferiu *Sou eu,* recuaram e caíram por terra. Prostram-se os justos com o rosto para o chão, sabendo muito bem onde caem; ergue-se-lhes porém o animo para as alturas do invisivel; os réprobos, esses, derrubados no caminho de suas perversidades, caem de costas, atolados no invisivel terrestre, no eterno desconhecido.

Tornou Jesus a perguntar-lhes : « A quem buscaes ? » Tornaram elles a responder : A Jesus Nazareno. E elle então replicou : « Já vol-o disse, sou eu. Se pois me buscaes a mim, deixae estes meus Discipulos em paz. »

Ordem era que assim lhes dava, e elles obedeceram. De crer é que tambem houvessem prendido uma parte ao menos dos sequazes de Jesus. Tinham os Judeus pensado em matar a Lazaro; interrogou Caiphaz a Nosso-Senhor acerca da sua doutrina, e dos seus partidarios. Jesus porém não queria que se perdesse um unico dos seus, cuja fé ainda não robustecera tanto, que podesse arrostar peleja. Com effeito, nenhum d'elles se perdeu, a não ser o excommungado, que porfiava em destruir-se. Depois de assim ter, por duas vezes seguidas, manifestado o seu poder, e outor-



Fig. 92. — Paixão de Jesus pelos seus inimigos. Ao meio do quadro está Judas dando no Salvador o seu beijo de traição. A' esquerda Pedro corta a orelha a Malcho. A' direita forgem os discipulos. Pintura em madeira por Duccio na cathedral de Sienna. Seculo XVI.

gado portanto a Judas e aos Judeus uma graça, de que bem se poderam elles ter aproveitado, consentiu Jesus em que d'elle se acercassem.

Disseram-lhe então os Discipulos : Senhor, e se arrancassemos da espada ? Sem aguardar resposta, Pedro, que levava uma espada, feriu um servo do Summo Sacerdote, levando-lhe a orelha direita. Pedro põe o seu alvo na cabeça.

Chamava-se Malcho o dito servo, que vale tanto como *rei;* symbolo do povo judaico decahido da sua realeza, e vergado sob o tresdobrado jugo de uma nação infiel, de um sacerdocio venal, e de uma lettra de que já nada percebe. Tocou Jesus com a mão no ferido, que logo sarou. Querem alguns interpretes que seja este o mesmo Malcho, servo da Synagoga, que

esbofeteou o Filho de Deus no Pretorio de Caiphaz. Quantos outros poderosos da terra, servidores do erro, esquecendo os beneficios recebidos, não hão de tambem esbofetear a Jesus, accusado nas synagogas de Satanaz!

Ao passo que ali curava aquelle ferido, bradou Jesus aos Discipulos: « Basta, basta; » e disse a Pedro: « Embainha essa espada. Quem se serve de espada, com espada ha de ser morto. »

Pedro feriu n'este caso, como outr' ora tambem Moisés ferira ao matar o Egypcio que maltratava um filho de Abrahão. Moisés não achou impedimento ao seu acto; Pedro é reprehendido. E' que foi abolido o ministerio do rigor, e reina misericordia. Comtudo conserva comsigo o ferro. O que lhe é imposto é que o embainhe, e não que o deite fora. Com aquelle gume corta o que não quer ser desatado; desbasta o que teima em ficar depois de haver sido desunido. E os que houverem sido feridos com essa lamina, não os ha de Jesus ressuscitar jamais.

Proseguindo na doutrinação de Pedro, acrescentou Jesus: « Pois não podia eu supplicar a meu Pái, e não me mandava elle logo mais de doze legiões de Anjos? Mas assim não tragava eu o calix que me enviou meu Pái! Como haviam logo de cumprir-se as Escripturas, segundo as quaes tudo isto havia de succeder? »

Fallando com os maioraes dos Sacerdotes, dos officiaes do Templo, e dos Anciães, que tinham acompanhado a Judas, disse-lhes: « Para mim viestes como para um salteador, armados de espadas e varapaus. Pois eu cada dia me ia sentar entre vós, cada dia ia ensinar no Templo, e nunca lá me capturastes. Tinham, bem vedes, de cumprir-se as Escripturas. Chegou a vossa hora; ergueu-se o poder das trevas. »

A vossa hora (note-se), a hora que vos eu concedo, eu que possuo a eternidade! Ao dizer aquillo, entregou-se-lhes Jesus espontaneamente, como se desvestisse o poder soberano que até ali os tinha sustado em seus propositos. Os Discipulos fugiram todos, e dispersaram-se para varias bandas.

Os guardas, depois de amarrarem a Jesus, levaram-n'o primeiro a casa de Annaz, ex-Sacerdote summo, e n'esse anno coadjutor do Sacerdote effectivo, que era Caiphaz. Era este Caiphaz um ente nullo, ministro incredulo e servil, tal como os farejava o dominio romano, por servirem propriamente a deshonrar o pontificado, força derradeira de Israël. Annaz, que era consumado politico, e talvez mais perverso ainda que seu

genro Caiphaz, porém menos vil nas apparencias, era tido pelo cabeça dos poderosos inimigos de Jesus. Com quanto fosse sadduceu, como o Sacerdote summo, alcançára n'aquelle assumpto a confiança dos Phariseus. Se lhe competia conhecer juridicamente da causa de Jesus, na qualidade de presidente de um tribunal inquisitorial, a quem tocava perante o Conselho magno a accusação dos que attentavam contra a pureza da crença, é o que em verdade se ignora; ha quem supponha que levaram Nosso Senhor á presença de Annaz, para este gosar desde logo de o ver captivo e amarrado. Mandou-o Annaz, sempre prezo a casa de Caiphaz, onde se achava congregado o Synhedrim.

Fugira Pedro como todos os mais; porém vencido do muito amôr ao Mestre, amôr que ainda era maior que os seus terrores, sentia-se attraído, arrastado para elle. Ia seguindo de longe. Ai d'elle! commenta um Santo Padre; *de longe;* se o tivesse acompanhado de perto, não haveria podido renegar. Outro Discipulo fel-o entrar no pateo do palacio do Summo Sacerdote. E ali ficou Pedro, entre os servos e o povo, aquecendo-se á fogueira que por causa do frio tinham accezo. Já fraquejára n'aquella alma a chamma da caridade; já o aquentava aquelle fogaréo dos perseguidores.

E ali estava Jesus na presença do Conselho, na presença d'aquelles mesmos a quem elle tanta vez convencera de ignorancia, hypocrisia, e impiedade. Interrogou-o Caiphaz. Respondeu Jesus que tinha doutrinado sempre, e com a maior publicidade, nas synagogas e no Templo; que portanto não devia ser elle o interrogado, senão que deviam sel-o somente os seus ouvintes.

Ora em tudo quanto Jesus prégara nada encontravam que se podesse censurar. Odiavam-n'o sem motivo. Desorientaram-se com a replica d'elle; e o auditorio percebeu isso logo. Um soldado, Malcho ou outro qualquer (sempre ha gente d'esta em occasiões taes), bradou-lhe : Pois tu assim é que respondes ao Summo Sacerdote?! E deu-lhe uma bofetada. Disse então Jesus a esse homem : « Se fallei mal, mostrae-me em quê; se fallei bem, porque é ferir-me? » Não consta que os iniquos juizes desapprovassem aquelle ministro subalterno.

Era comtudo mister que se apresentasse uma apparencia ao menos de provas; Phariseus não as dispensavam. Mas onde encontral-as? Ouviram-se muitas testemunhas falsas; contradisiam-se os depoimentos

d'ellas. Só duas se figuraram mais acceitaveis por depôrem o seguinte : Dissera Jesus : *Tenho posses para derribar o templo de Deus, e reedifical-o dentro de tres dias. — Hei-de aniquilar este templo, obra de mãos humanas, e dentro de tres dias hei de erguer outro, que não ha de ser obra de mãos humanas.* Dissera Jesus aos Judeus, e bem se sabe por que o disia : « *Derribae vós o templo,* e eu o reedificarei em tres dias, como os outros. » Contradizendo-se, como de facto se contradiziam, aquelles depoimentos, não podiam motivar a sentença de morte que os juizes desejavam lavrar.

Erguido de pé o Summo Sacerdote, e revelando nos gestos furiosos a paixão que o animava, disse para Jesus : Nada respondes? Continuou Jesus calado como até ali. Interpellou-o novamente o Summo Sacerdote : Em nome do Deus vivo eu te conjuro : dise nos se és Christo, Filho de Deus bemdito para sempre! A isso não quiz Jesus calar-se; e respondeu : « Vós o dissestes; sou. » E acrescentou : « E em verdade vos affirmo que heis de ver ainda o Filho do Homem sentado á mão direita de Deus Omnipotente, entre as nuvens do céo. »

Ouvindo isso o Summo Sacerdote, no auge do desgosto rasgou colerico as suas vestiduras. Que testemunhas precisamos nós mais? bradou elle para os juizes. Ouvistes aquella blasphemia; que vos parece? Responderam elles : Merece morte.

Caiphaz no impeto da sua ira esquecia que não era mister tamanha insistencia para arrastar o voto dos juizes, e infringia o preceito imposto ao Sacerdote Summo : « O Sacerdote Summo não ha de tirar a tiara de sobre a cabeça, nem rasgar as suas vestiduras. » Rasgando-as, dilacerava o seu sacerdocio.

Adiaram os juizes o julgamento para o dia seguinte, afim de promulgarem com toda a regularidade a sua sentença; e n'esse meio tempo entregaram Jesus aos que haviam de guardal-o. Eram uns certos, que espontaneamente se offerecem sempre ao serviço de taes amos, e a quem só amos taes sabem escolher; servos que odeiam por sua conta os perseguidos, e ainda os perseguem com mais furia, sempre que lhes reconhecem a innocencia. Ali lhes era entregue o homem do bem, o homem de Deus, o homem da misericordia; serviu-lhes de joguete. Cuspiam-lhe na face, insultavam-n'o, feriam-n'o; cobriam-lhe o rosto, esbofeteavam-n'o, e silvavam-lhe depois : « Christo, prophetisa agora; dize-nos quem te feriu! »



Fig. 93. — O Summo Sacerdote Caiphaz diz para Jesu-Christo : « Da parte do Deus vivo te conjuro : dize-nos se és o Christo ». Respondeu Jesus ». Vós o dissestes; sou », Rasgou colerico o summo Sacerdote as suas vestiduras. Gravura de Gottzius: seculo XVI. Livraria do Sr Ambr. Firmin-Didot.

Conservou-se nos máus o costume de velarem a face de Christo Quando chega a hora e o poder das trevas, quando pensam que o vão julgar, quando o veem amarrado, quando lh'o entregam ás mãos, então recobrem-lhe o rosto, como para fingir depois que o não conhecem, ou como se acreditassem que elle de véras os não conhecia. Não obstante conhecem-n'o elles, e elle tambem os está vendo.

Calado ia Jesus soffrendo aquelles insultos; mas de fora lhe chegou offensa bem mais amarga, que lhe transpassava o coração bem mais a dentro que os vís e ignorantes carrascos do seu corpo.

Deixara-se Pedro ficar no pateo. Observou-o attentamente uma serva, e disse-lhe : Vós tambem sois..... vós andaveis tambem com Jesus de Nazareth! Em voz alta o negou Pedro, e retirou-se para o vestibulo. Então cantou o gallo pela primeira vez. Outra serva, que junto da porta o avistou, tornou a denuncial-o. Calou-se Pedro, e voltou para o pé da fogueira; ahi porém varias pessoas lhe perguntaram : Não ereis vós um dos Discipulos d'elle? Cresceu o terror de Pedro; negou outra vez, jurando que nem sequer conhecia tal homem. Deixou-se comtudo ali ficar. A despeito do medo, ali o acorrentava o seu antigo affecto. Passado tempo, e quando já se julgava esquecido, reprehenderam-n'o outros; e elle pela terceira vez negou, com muitas imprecações. Em quanto porfiava não conhecer « tal homem », cantou outra vez o gallo, e caiu no coração de Pedro um olhar de Jesus. Lembrou então ao Apóstolo o que poucas horas atraz lhe dissera o Senhor : « Esta noite mesma, antes que o gallo cante duas vezes, já tu me has-de ter renegado tres. » Saíu d'ali, e chorou amargamente.

Negou Pedro tres vezes; essa triplice negativa responde ás tres formulas da negação heretica, por onde Christo é atacado já na sua divindade, já na sua humanidade, já nas duas ao mesmo tempo. Os que assim prepararam esta queda do Apóstolo são a figura dos tres generos de inimigos que hão-de assaltar os fieis : a primeira ancilla representa a synagoga dos Judeus; a segunda as nações perseguidoras; os homens, cujas discussões e motejos provocam a negação ultima, são os doutores e ministros das heresias varias. Todos no seu conjuncto offerecem o symbolo da sociedade dos impios, e portanto representam o perigo que o Discipulo de Christo tem por dever primario evitar sempre. Foi aliás designio occulto da Divina Providencia, observa S. João Chrysostomo, o que motivou

ser Pedro o primeiro que fraquejou. O lembrar-se da sua queda ensina-lhe que deve mais que tudo mitigar pela misericordia e pela paciencia a necessaria dureza dos juizos que ha de formular contra o seu proximo.

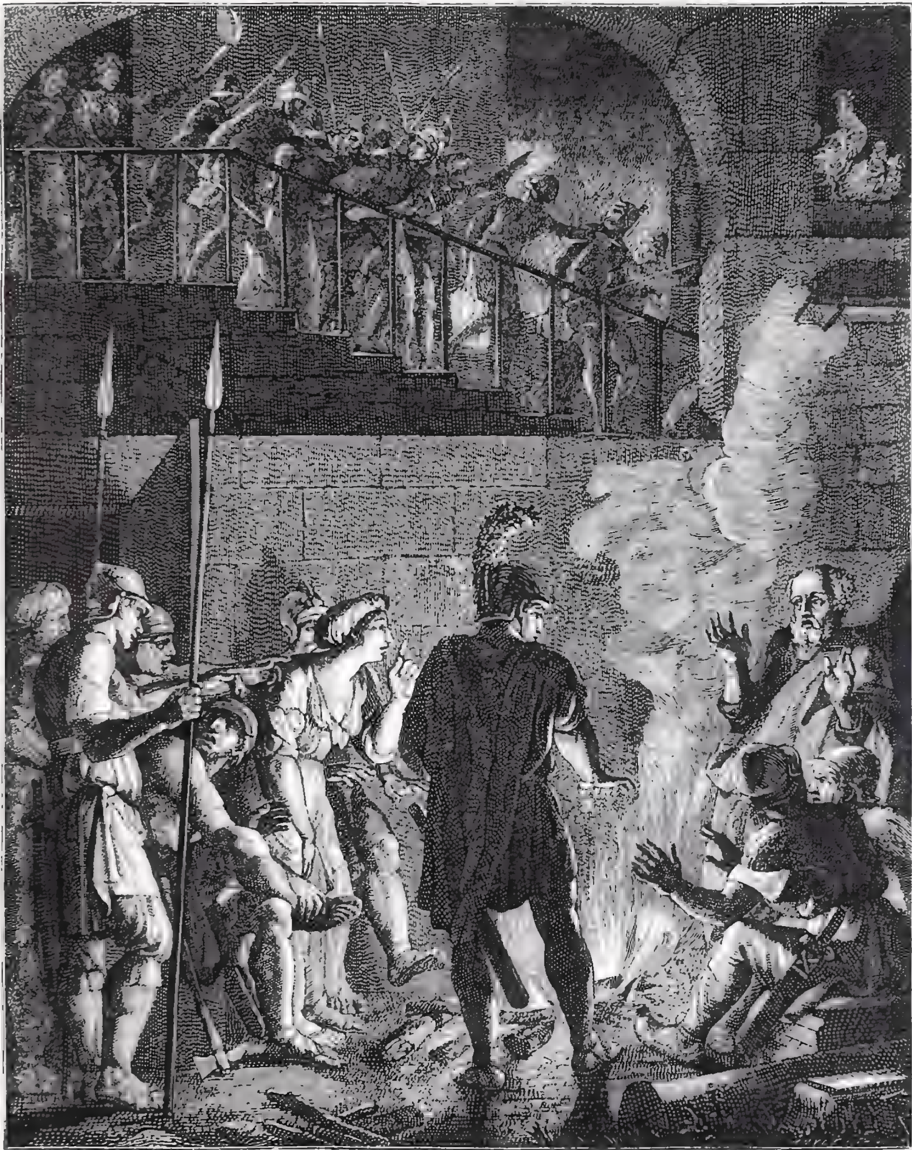


Fig. 94. — Pedro nega a Christo. Quadro de Poussin; Seculo XVII.

Pedro, doutor do universo, pecca e pede perdão, afim de ministrar essa regra de indulgencia suprema aos futuros julgadores. Porque não foi concedido aos Anjos o poder sacerdotal? por isso que, impeccaveis de si, perseguiriam sem misericordia o peccado no peccador. Ora quem é arvo-

rado julgador acima de seus iguaes é um homem sujeito como elles ás paixões. Encontrando n'elles as suas proprias enfermidades, saberá compadecer-se melhor, e perdoar. D'essa forma Jesus, desamparado aos vilipendios dos homens, cumpria a obra augusta da educação dos Apóstolos.

Desde que amanheceu achou-se reunido o conselho dos Sacerdotes, Escribas, e anciões do povo. Foi Jesus outra vez intimado a declarar se era Christo. Respondeu : « Se vol-o eu disser, não me acreditaes ; e se por minha vez vos interrogar (acerca dos signaes por onde Christo possa ser conhecido), nem me respondeis, nem me deixaes ir embora. O certo é que o Filho do Homem ha de de ora avante sentar-se á mão direita de Deus todo poderoso. » És tu portanto o filho de Deus ? volveram elles. Deu-lhes Jesus a resposta que já dera a Caiphaz : « Vós o diseis ; sim ; sou eu. » Elles como Caiphaz replicaram : Que outro testemunho carecêmos nós ouvir ? Ficâmos entendendo.

Pronunciada estava a sentença ; deram-se pressa em executal-a. Levando d'ali a Jesus, sempre amarrado, condusiram-n'o a Pilatos.

Ia cumprir-se outra sentença. Seguira Judas, como Pedro tambem seguira, todos os passos do processo. Entravam já com elle os remorsos. Vendo Jesus condemnado, foi ter com os Principes dos Sacerdotes, a levar-lhes o dinheiro. Pequei, disse elle ; entreguei o Justo. Responderam-lhe : Isso agora é comtigo.

Esqueceu o miseravel a bondade do seu Mestre, ou não a quiz invocar, consequencia que ia chamar a vingança do seu crime. Disse « o Justo », e não o Filho de Deus. Considera Jesus um homem. O crime de Judas consistiu em não ter fé, em não reputar em muito a clemencia de Jesus, ou o seu poder de lhe perdoar. Atirou com os trinta dinheiros para dentro do Templo, abalou, e foi-se enforcar.

Tiveram escrupulos os Sacerdotes em recolher no thesouro do Templo aquelle dinheiro, preço de sangue. Compraram com elle um campo destinado a sepultar estrangeiros. Já essa mesma circumstancia fôra prophetisada ; e Jesus era vindo para conceder paz aos vivos e aos mortos.

PILATOS.

Encaminha-se de casa de Caiphaz toda a multidão, juizes e servos, arrastando a Jesus para o pretorio de Poncio-Pilatos governador romano. Ao saír de Ephraïm tinha dito Nosso-Senhor : « Vamo-nos a Jerusalem, onde o Filho do Homem tem de ser entregue aos chefes dos sacerdotes e aos doutores da Lei, que o hão de condemnar á morte, e desamparal-o aos pagãos. » Allumiando todos os pormenores d'este supplicio hediondo, como se nos desvenda a magestade divina á luz das prophecias !

Agitavam-se os Judeus em burborinho ás abas do pretorio, mas não entravam, com receio de se macularem no contacto da casa de um pagão. Em tudo se reconhecem os Phariseus que descreveu Jesus ! Não lhes prohibia a Lei que entrassem no lar de um pagão; era isso um uso puramente consuetudinario; prohibia-lhes porém que matassem o innocente.

Saíu Pilatos fóra, e perguntou de que vinha accusado aquelle homem. Bradaram-lhe que era um malfeitor, aliás não o teriam levado até ali. Respondeu Pilatos que o houvessem pois de julgar conforme as suas leis. Retorquiram : « Sabeis que nos não é licito matar seja quem fôr. » Logo, já o sceptro não se erguia em Judá, e era chegada a era do Messias.

Tudo punham por obra, para que Jesus fosse morto, os inimigos d'elle; preferiam comtudo não ser officialmente os seus julgadores. Conforme a Lei, só o haveriam podido condemnar á lapidação; queriam porém submergil-o nas ignominias da cruz. O autor do livro da Sabedoria põe na bocca dos iniquos que tramam perder o Justo : *Condemnemol-o á morte mais opprobriosa*. Por outra parte, forcejavam acautelar-se contra a possivel indignação e resistencia popular; porque toda aquella plebe vil, que até então conseguiram acirrar, não era ainda a força verdadeira. Logo que houvesse o governador assumido a responsabilidade da condemnação, mais se interessaria em fazer cumprir a sentença. Concordava o odio dos Judeus com a sua politica no empenho de que « se cumprisse a palavra que proferira Jesus para indicar de que morte havia de morrer. »

Principiaram portanto a accusal-o perante Pilatos, disendo : « Encontrámol-o pervertendo a nossa nação, prohibindo que se pagasse o tributo

a Cesar, e assumindo os titulos de Christo e de Rei. » Não havia cinco dias, tinha-lhes Christo aconselhado : « Dae a Cesar o que é de Cesar. »

Não lhes deu Pilatos inteiro credito, se bem que, depois de accusação d'aquelle genero, impunha-lhe o seu cargo um simulacro ao menos de informação. Entrou para o palacio, mandou comparecer Jesus á sua presença, e perguntou-lhe : És tu o rei dos Judeus ? Disse Jesus : « Perguntaes isso por vós, ou alguem vol-o suggeriu ? » Acaso serei eu Judeu ? replicou Pilatos. Os teus patricios é que te vêm pôr nas minhas mãos. Que fiseste ?

Fallara o juiz ; continuou Jesus a sua resposta : « O meu reino não é d'este mundo. Se o fosse, pugnariam os meus servos afim de que eu não fosse entregue aos Judeus ; mas o meu reino não pertence aqui. » Ponderou Pilatos : Logo, és rei ? Volveu Jesus : « Vós o estaes dizendo ; sou rei. »

Já David tinha cantado : *Pôz-me o Senhor como rei na montanha sagrada de Sião* (a Igreja) *para eu annunciar o seu mandamento.* Jesus ao concluir as suas respostas a Pilatos descreve tambem por aquella forma a sua realeza : « Nasci e vim a este mundo para prestar homenagem á verdade. Escuta a minha voz todo aquelle que está do lado da verdade.

Disse então Pilatos : E que é a verdade ?

Não ha em todo o Evangelho um passo unico de mais frisante exacção historica do que essa pergunta de Pilatos. Não só pintou para todo sempre os grandes e juizes do mundo, mas tambem nos apparece como compendio pratico de toda a philosophia, e ultima palavra da sabedoria hu mana d'aquelle tempo. Ao interrogar, não instava pela resposta aquelle romano ; bem suppunha que a não havia. Encaminhou-se pois o governador Pilatos para os accusadores de Jesus, e disse-lhes : Eu não encontro crime n'este homem.

Tal decisão, ao cabo de tão breve interrogatorio, bem demonstra quanto o juiz conhecia já o reo, e comprova que o não illudiam aquelles clamores dos Judeus. Elles comtudo continuaram no seu empenho de encarecer as culpas de Jesus, e fôram amontoando calumnias sobre calumnias. Jesus proseguia calado, como o estivera na presença de Caiphaz ; competia ao juiz o exigir provas. Pilatos, enleado no seu forçado papel, disse para Jesus : Não estás ouvindo que de coisas adduzem contra ti ? Jesus porém nada replicava ; o que levantava ao seu auge o espanto

de Pilatos. Não acabava de entender como era que Jesus, depois de lhe haver dito o bastante para o esclarecer, nada mais tinha que dizer-lhe; nem como só competisse ao juiz a defensa do reo se o achava innocente. Tinha Pilatos a desgraça de muitos homens, a quem pouco importa saber



Fig. 95. — A Flagellação, scena bordada n'um paramento de altar que portenceu á cathédral de Narbonna Museu do Louvre. Seculo XIV.

o que seja a verdade, e que até duvidam de que a verdade exista; achava-se pusillanime na presença da força da mentira. Perceberam os Judeus que vantagem lhes trazia aquelle fraquejar de Pilatos. Entraram a bradar ainda mais contra Jesus, dizendo : Está este homem sublevando o pôvo com as suas doutrinas, que tem vindo a prégar por toda a Judêa, desde a Galilêa oude principiou, até aqui.

Quando ouviu que assim fallavam da Galilêa, julgou Pilatos ter encontrado uma saída rasoavel. Como Jesus era Galileu, e n'essa qualidade sujeito á jurisdicção de Herodes, mandou-o á presença d'aquelle principe, que ao tempo estanciava em Jerusalem.

Folgou Herodes de ver a Jesus, tendo para si que poderia acaso presencear-lhe algum milagre. Pôz-se a inquiril-o, com grande verbosidade; ao que Jesus não dava a minima resposta, nem tão pouco aos accusadores que o tinham seguido até lá. Ressentidos de tão porfiado silencio o principe e os seus aulicos, trataram a Jesus com summo escarneo, como já tinha feito a villanagem de casa de Caiphaz. Vestiram-lhe uma vestidura branca, á maneira das que usavam os doidos, e devolveram-n'o a Pilatos, agradecendo a este a sua cortesia. N'essa occasião Herodes e Pilatos, que d'antes eram inimigos, reconciliaram-se.

Comtudo o governador teimava em não matar a Jesus. Não se atrevendo a usar da sua auctoridade, phantasiou uma proposta de conciliação com os Judeus. Bem sabeis, lhes disse elle, que n'este homem não encontrei um só dos crimes que lhe assacaes; Herodes tambem não. Por isso entendo que lhe não cabe a pena ultima. Mandal-o-hei portanto castigar, e soltal-o-hei.

Tal era a justiça de Pilatos! Comtudo, ou por não se lhe figurar seguro esse expediente, ou por lhe parecer odioso, propôz mais outro.

Por occasião da solemnidade da Paschoa, tinha o povo o direito de soltar um prezo. Jazia então na masmorra de Jerusalem certo famoso malfeitor, por nome Barrabaz, accusado de roubo, sedição, e homicidio. Deu-lhes Pilatos á escolha : libertarem a Barrabaz, ou a Jesus. Mandou a mulher do governador aconselhal-o a que não se ingerisse na causa d'aquelle justo; e instava com seu marido, pois andava ainda assombrada de sonhos e visões que a tal respeito a haviam angustiado.

Não tardou o prompto desengano a Pilatos. Por um lado, tinham os Phariseus continuado a enredar o pôvo; por outra parte, Barrabas, com ser ladrão, turbulento, e assassino, gosava de certa aura popular. A plebe, nota Orígenes, mira-se no espelho de Barrabaz. Nas apparencias ha sediciosos, matadores, e ladrões; mas quantos mais são isso tudo no intimo da alma! Hão-de requerer sempre indulgencia para os Barrabazes; porque todo aquelle que pratica o mal, ou intenta pratical-o, insiste na prisão de Christo, e na soltura de Barrabaz. Observam outros

interpretes que o nome de Barrabaz significa *filho de seu amo;* e que o amo e senhor de toda aquella gentiaga, segundo as proprias palavras de



Fig. 96. — Apresenta Pilatos a Jesus ensanguentado, corôado de espinhos maniatado, adornado de purpura por escarneo, e diz aos judeus : « Ahi esta o homem! » Gravura de Rembrandt, seculo XVII. Livraria do Sr. Ambr. F. Didot.

Jesus, vinha a ser Satanaz. Quando pois Pilatos fez tal proposta, ouviu com espanto vociferar a turba : Queremos Barrabaz ! — Então, gritou elle, que pretendeis que eu faça ao rei dos Judeus, a este Jesus, por alcunha o Christo ? Tornaram elles : Crucificae-o ! crucificae-o !

Era a crucifixão o supplicio dos escravos ; pois aquella horda de escravos, esse mesmo supplicio exigia para aquelle que lhes predissera : *A verdade é que vos ha-de libertar.*

Ainda objectou Pilatos : Mas que mal fez elle ? Não vejo por que merecesse morrer. E tornando ao seu proposito primitivo, acrescentou : Pois bem ; vou mandal-o castigar, e despedil-o. Ao que os Judeus renovaram os seus clamores, gritando sempre : Crucificae-o ! crucificae-o ! venha para cá o prezo Barrabaz !

Entrou Pilatos a recear deveras o máu exito de todo este caso, para elle Pilatos em pessoa. Já de outra vez, n'outra circumstancia grave, o tinham vencido em Jerusalem, e em Roma, as rancorosas insistencias dos Judeus. Deu ordem pois para soltarem Barrabaz, e açoitarem Jesus.

Costumava a flagellação preceder a execução das sentenças capitaes. Desnudava-se o paciente, e açoitavam-n'o quatro algozes, açoitavam-n'o sem conto, com disciplinas de coiro armadas de bolinhas de chumbo ou garras de ferro. Tão barbaro era de si este supplicio, que muita vez bastava para acabar logo ali com o paciente.

Quando terminaram, quiseram os soldados romanos, por iniciativa propria, e instigados dos Judeus, divertir-se á custa de Nosso-Senhor, como o fizeram já em casa de Caiphaz e de Herodes. Cingiram-n'o de farrapos escarlatas ; coroaram-n'o de espinhos ; entre as mãos amarradas collocaram-lhe, á laia de sceptro, uma cana verde ; e ajoelhados ou prostrados diziam-lhe : Salve, rei dos Judeus ! Depois, como se até d'essas honrarias falsas se corressem, cuspiam-lhe, esbofeteavam-n'o, arrancavam-lhe da mão a cana, e davam-lhe com ella na cabeça. Sinistro annuncio era aquelle das iras dos renegados futuros ! N'aquella ancia de afogar em vilipendios o Filho de Deus, n'aquella tolerancia dos poderosos para com os acintes miseraveis suggeridos pelos Escribas, avulta o caracter mais accentuado, e o mais prophetico tambem, da Paixão.

E tudo soffria calado, sem uma queixa, sem um volver de rosto, o suppliciado Jesus ! mudo como o cordeirinho a quem degolam conforme o symbolo dos prophetas antigos.

Quando Pilatos entendeu de si para comsigo que já bastava, e que em tanto sangue deviam já dar-se por satisfeitos os Judeus, saíu do pretorio, e bradou-lhes : Ora agora aqui vol-o trago ; sabei que n'elle não encontro crime algum.

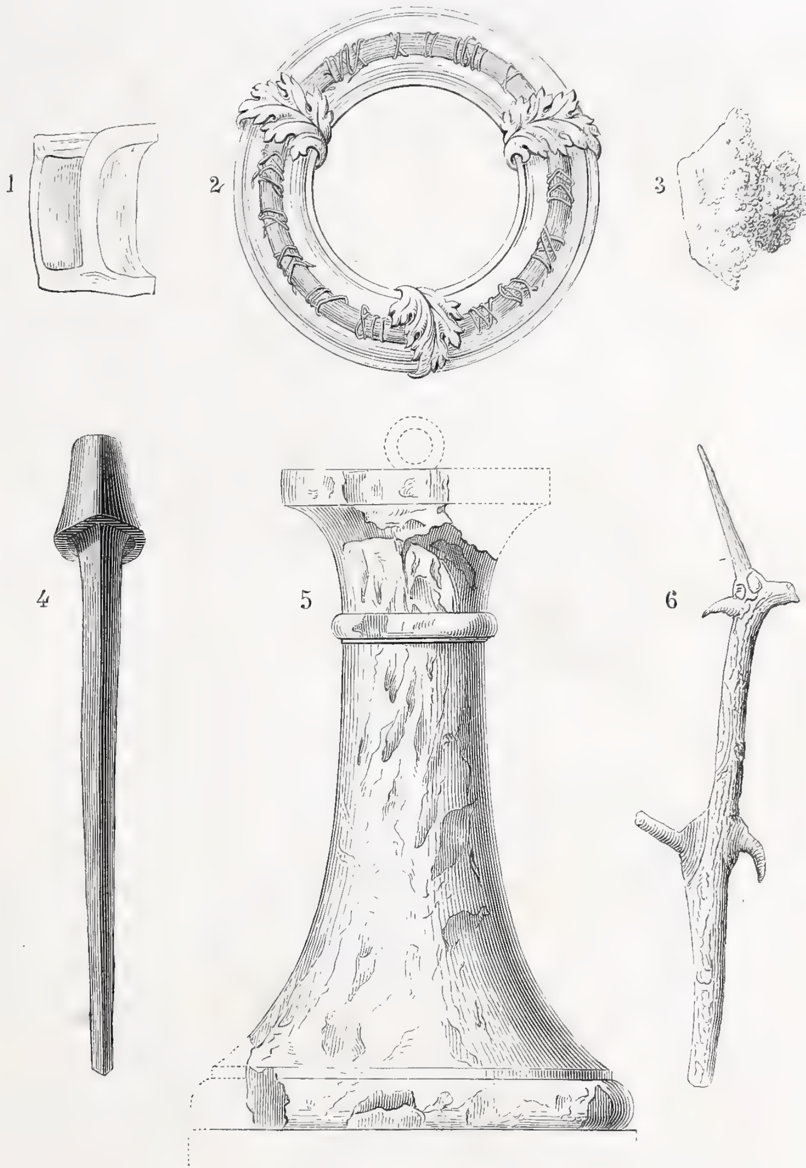


Fig. 97. — Instrumentos da Paixão, segundo o Mémoire de M. Rohaut de Fleury; Paris, 1870, in-4º — 1. Reliquia da cana verde, na cathedral de Florença. 2. A corôa de espinhos, daoda por S. Luiz á Capella Santa de Pariz : compõe-se de um circulo de juncos enfeichados. 3. Reliquia da esponja em Santa Maria de Transtevere, em Roma. 4, Um dos cravos, na cathédral de Treves. 5. Columna da flagellação em santa Praxedes de Roma ; é de marmore negro com veios brancos ; no alto esteva soldado um anel de ferro. 6. Um espinho da corôa na Igreja della Spina em Piza.

E apresentou Jesus, todo a escorrer sangue, todo rasgado, coroado de espinhos, maniatado, com os hombros adornados da purpura irrisoria; e disse : Eis aqui o homem!

Calou-se o povo. Os ministros do templo e da Lei, e os seus sequazes,

gritaram : Crucificae-o! Irritado Pilatos retorquiu : Pois crucificae-o vós; eu por mim não lhe encontro culpas. Era esta a declaração quarta que fazia da innocencia de Christo; e não será a ultima. Ponderaram os Judeus : Temos lei; e segundo ella, ha de por força morrer, pois se fez Filho de Deus.

Ao crime politico, rejeitado por Pilatos, substituiam crime religioso. Redobraram áquelle dito as perplexidades e os terrores intimos do pagão. Era evidente que lograra Jesus inspirar-lhe insolito respeito. Aquelle sabio, de quem soavam tantas maravilhas, aquelle heroe de paciencia, aquelle homem innocente e puro, não poderia acaso ser filho de alguma divindade! Levou Pilatos a Jesus outra vez para dentro do pretorio, e perguntou-lhe : D'onde és tu? Jesus não respondeu. Insistiu Pilatos : Recusas-te a fallar? pois não sabes que tenho poder para te crucificar, ou para te pôr em liberdade?

Jesus então, mostrando o seu dó para com aquelle poderoso do mundo, dignou-se de responder-lhe : « Nenhum poder terieis em mim, se lá de cima vos não viesse. Por isso é que o peccado de quem a vós me entregou é ainda maior que o vosso. »

Phrase de perdão; e Pilatos que tanto podia aproveitar-se d'ella! Desgraçadamente vencia-o mais uma vã commiseração, do que um verdadeiro sentimento de justiça. Buscava, certo é, a maneira de livrar Jesus, mas sempre com o fito em não se comprometter a si proprio. Não encontrou saída, Gritaram-lhe os Judeus : Se o largaes, não servís a Cesar, porque Jesus arvorou-se Rei; e quem se arvora Rei ataca a Cesar.

Agora levantavam uma accusação de lesa-magestade, crime irremissivel perante Tiberio, e acerca do qual todas as delações eram bemvindas.

Não soube resistir a esse assalto derradeiro a consciencia debilissima de Pilatos. Continuou no entretanto a protestar. Sentára-se no seu pretorio, por fora; mandou chamar novamente Jesus á presença dos Judeus, e disse-lhes : Eis aqui o vosso Rei. E elles em altos brados vociferavam : Morra! morra! Crucificae-o! — Quê? pois hei-de eu crucificar o vosso monarcha? objectou Pilatos. Responderam os Principes dos Sacerdotes : Não temos outro Rei senão Cesar.

Mais directamente ainda demonstram ter chegado a era do Messias; e recusam-n'a! Hão de vir a final a conhecer quem lhe antepõem, e que soberanos são Barrabaz e Cesar.

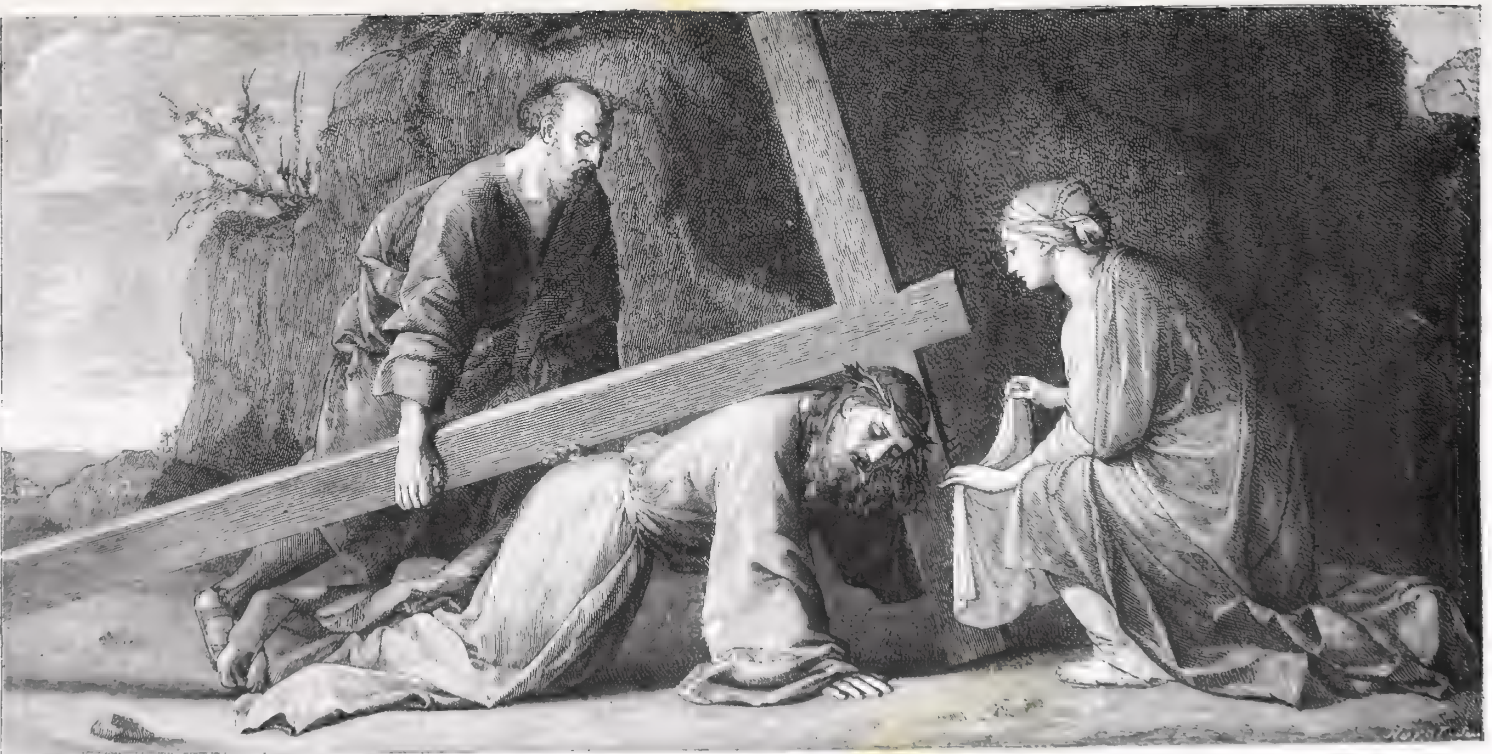


Fig. 98 — Jesus avergado com a cruz; quadro de Le Sueur, no museu do Louvre, seculo XVII. — Simão de Cyrene chega em auxilio de Jesus; Santa Veronica enxuga a face do Senhor. N'esta admiravel composição, tão sobria, mas tão cheia de sentimento vae symbolisada a compaixão da alma christã para com os padecimentos de Christo. — Segundo a gravura de M. Bertinot, publicada pela sociedade franceza de gravura.

Recrescia o tumulto. Declarou-se Pilatos a final. Quiz porém attestar pela ultima vez a innocencia de Jesus, e attestar não menos a sua pusillanimidade propria. Mandou que lhe trouxessem agua; e lavando as mãos diante do pôvo, exclamou : Por mim, fico innocente do sangue d'este justo; os responsaveis d'elle sois vós. Responderam todos : Recáia o sangue d'elle sobre nós e nossos filhos!

Então Pilatos entregou-lhes ás mãos Jesus, para d'elle fazerem o que lhes aprouvesse.

Em Bethleem despontavam novas virtudes; aqui eram crimes novos, exemplares cada vez mais abjectos do odio á justiça, e do desprezo á verdade. Que descendencia hão de procrear aquelle Judas, aquelle Caiphaz, aquelle Herodes, aquella turba! Quanta vez nos traidores e apóstatas ha de transparecer a face hedionda d'este Pilatos, cuja consciencia absolve a Christo, cuja cobardia porém o crucifica!

O CALVARIO.

Compraz-se o homem em ver padecer o seu semelhante; e quando o impio tem poder no justo, poucas vezes se limita a dar-lhe morte. Depois de proferida a sentença de Pilatos, recomeçaram os soldados a comedia da coroação de espinhos; e outra vez atormentaram e insultaram cruelmente o condemnado. Tiraram-lhe depois o manto de purpura, poseram-lhe os seus trajos antigos, e levaram-n'o para fora da cidade, ao sitio chamado Calvario em latim, e Golgotha em hebraieo. Resava uma tradição antiquissima, que n'aquelle monte havia sido sepulto Adão, o primeiro peccador. O averiguado é que no Calvario se faziam as execuções. Calvario significa *logar dos decapitados.*

Certo escriptor contemporaneo, que até na Terra Santa foi alardear a sua impiedade, nota que se não deve figurar o Calvario tal como a poesia christã o phantasiou. Só lá se vê, segundo elle, um vil ou amesquinhado monticulo. Demos de barato aos inimigos de Christo que fosse o Calvario ignobil, como foi a cruz. Que monta isso? Nada faltou ao supplicio injurioso que ao Filho de Deus aprouve padecer para resgate do mundo. A demais, que podia elle encontrar nas infamias d'aquelle Calvario, que fosse comparavel á infamia dos homens?



Fig. 99. — Via sacra; gravura de Martin Schœn; seculo XV. — Jesus é precedido de um Judeu, que o vai arrastando por uma corda amarrada na cintura. Outro o vae ferindo pelas costas. N'esta scena tumultuosa transparece toda a violencia dos instinctos maus. Nada se vê de humano n'essa turba-multa de algozes.

Era pois o Calvario o logar das execuções capitaes. D'isso suggere S. Joâo Chrysostomo este motivo, ignorado dos incredulos, e esquecido dos renegados : não quiz o Senhor padecer no Templo, nem sob um tecto, a fim de que se não pensasse que morria pelo povo judaico tão somente; padeceu fora da cidade, e fora dos muros, para demonstrar que era aquillo um sacrificio por todos, e que era elle a oblata da terra inteira, e a purificação do genero humano.

Ao saír do pretorio, já ia o madeiro da cruz ás costas de Christo. Era uso irem d'aquella forma os suppliciados : carregados com o instrumento do seu castigo. Assim realisava Jesus a figura de Abel levado por seu irmão a um campo para ahi ser morto, a figura de Isaac, avergado da lenha para o seu sacrificio, a figura de José e da sua tunica cheia de sangue. Era ao mesmo tempo o cumprimento de uma das prophecias de gloria concernentes ao Messias : *Carregará no hombro o signal do seu poder.*

Iam dois criminosos levados pela mesma escolta, destinados a padecer a mesma pena. Já outra prophecia dissera tambem : *Foi posto na esteira dos scelerados.*

E assim atravessou de banda a banda Jerusalem.

Comtudo sentia-se desfallecer. É que só tinha por suas as forças humanas. Temendo talvez que viesse a morrer pelo caminho, detiveram os soldados ás portas da cidade um transeunte, e, conforme o costume romano, pediram-lhe que ajudasse a levar a cruz d'aquelle suppliciado. Chamava-se o homem Simão; era africano de Cyréne, e pái de dois Discipulos. Simão significa *obediente;* Cyréne quer dizer *herdeiro;* symbolo occulto da turba das nações, outr'ora estrangeiras, herdeiras agora, graças á obediencia. Em logar do Judeu, tornado indigno, consente Simão em carregar com aquella gloriosa ignominia.

Ia atraz do prestito uma immensa mó de populacho; uns seguiam calados; outros vociferavam. Iam tambem mulheres debulhadas em pranto. Voltando-se para ellas disse Jesus : « Filhas de Jerusalem, não choreis por mim, chorae por vós e vossos filhos. Dia virá em que se diga : Bemaventuradas as infecundas! felizes as entranhas que não lograram procrear! felizes os seios que não amamentaram! »

Chegando ao Calvario, deram-lhe vinho misturado com myrrha e fel, segundo era uso dal-o aos condemnados para os adormentar. Provou-o, mas não o quiz beber. Provando assim aquelle amargor, obedecia, ex-

piava as intemperanças dos homens, e realisava as prophecias; recusando-se a beber, demittia de si o allivio artificial que provem de uma certa embriaguez; mostrava ter conhecido a fundo o travo do peccado, visto haver aceito o castigo d'elle, mas ao mesmo tempo não lhe ter assimilado o veneno.

Desvestiram-n'o os algozes. Adão vencido cobriu-se; este para vencer descobre-se. Só vestido do esplendor da sua innocencia, sobe ao alto da cruz. Assim como o primeiro homem habitara no Paraizo, assim o segundo ha de entrar no Paraizo. Depõe no limiar os seus signaes de mortalidade.
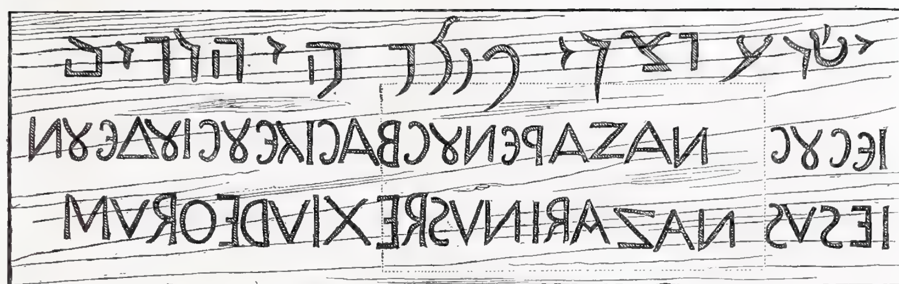


Fig. 100. — O lettreiro da cruz, na Igreja de Santa-Croce in Gerusalemme em Roma, tal qual foi restaurado pelo Sr. Rohault de Fleury (*Instruments de la Passion*, 1870, in-4°). N'uma taboa de madeira se leem pintadas da direita para a esquerda, em vermelho sobre campo branco, tres inscripções : uma em latim, outra em grego, outra em hebraico, significando : *Jesus Nazareno, rei dos Judeus.*

« Crucificaram-n'o então, e com elle dois ladrões, um á direita, outro á esquerda. » Assim se expressa o evangelista S. Lucas. O versiculo seguinte justifica o porque os amigos fieis de Christo não mostraram a minima colera contra os seus carrascos : « E dizia Jesus : Perdoae-lhes meu Pái, que elles não sabem o que fazem. »

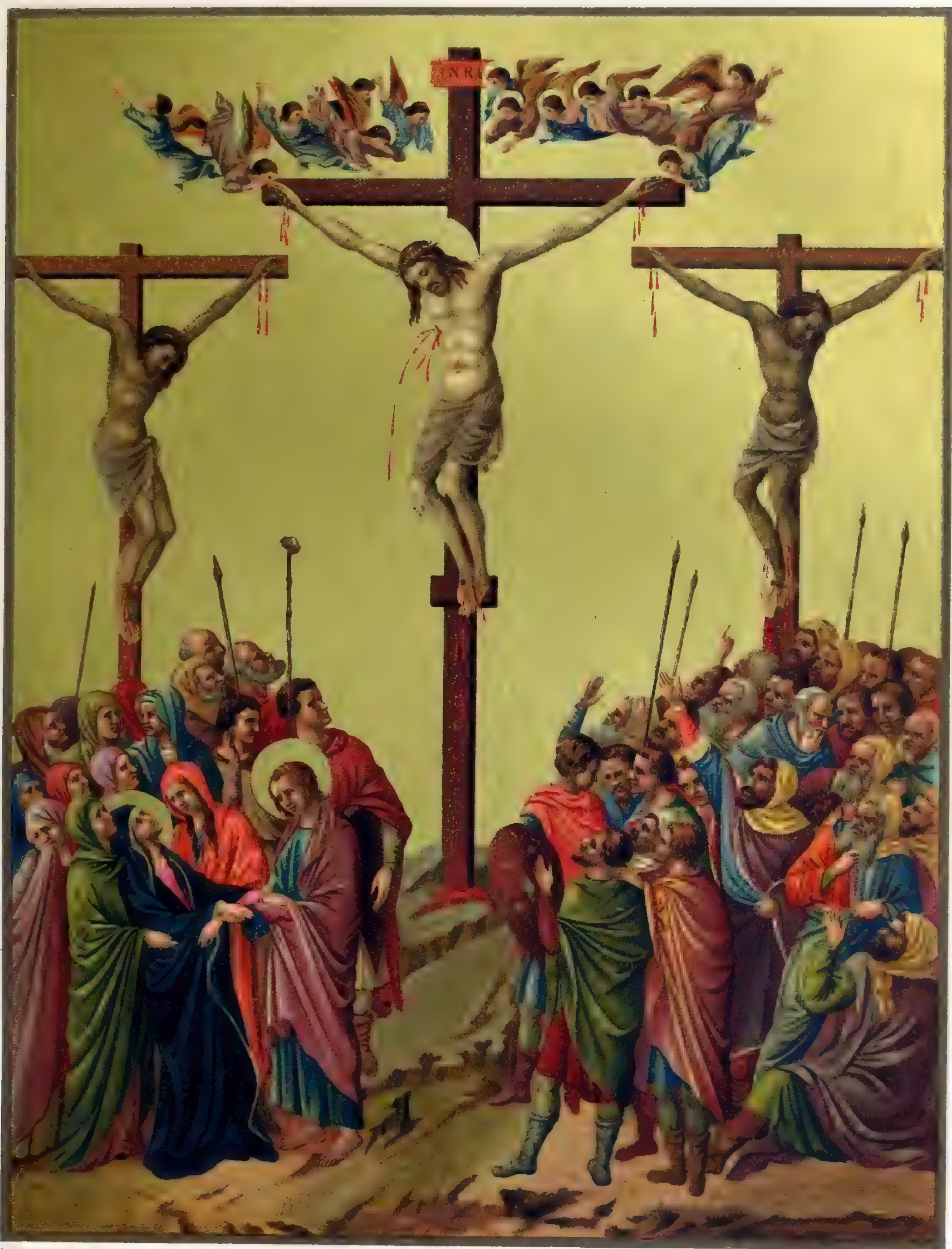
Uma só circumstancia vinha comtudo turbar os triumphos do Synhedrim. Escrevêra Pilatos um distico, e mandara-o pregar na cruz, por cima da cabeça de Christo : *Jesus Nazareno, rei dos Judeos.* De muita gente podia aquella inscripção ser lida, visto que era em tres linguas : em hebraico, em grego, e em latim. Vendo n'ella os Pontifices um insulto á sua nação, protestaram perante Pilatos : Não ponhaes *rei dos Judeus,* lhe disseram elles; ponde : *que se alcunhava rei dos Judeus.* Cançado de os ouvir, não as attendeu Pilatos. Parece que em realidade tinha para si que era Jesus Filho de David, isto é, verdadeiro rei dos Judeus, como no decurso de todo o processo o appellidára. Respondeu com aspereza : « O que escrevi fique escrito. » « Fique portanto a realeza de Jesus escripta em

hebraico, lingua do povo de Deus, em grego, lingua de doutos e philosophos, em latim, lingua do imperio e do mundo. E vós, ó Gregos, inventores das artes; vós, ó, Judeus, herdeiros das promessas; vós, ó Romanos, dominadores do orbe, vinde, vinde ler! »[1]

Aprouve aos Evangelistas assignalarem outra circumstancia, onde podemos reconhecer a misericordia, que multiplicou as prophecias, e nos seus ultimos pormenores as cumpriu, afim de nos auxiliar na crença. Depois de haverem crucificado a Jesus, tomaram os soldados as vestiduras d'elle, e repartiram-n'as em quatro quinhões, um para cada um; a tunica porém sortearam-n'a, pois não a poderam dividir por ser inconsútil. Já o propheta escrevera : *Repartiram entre si os meus vestidos, e lançaram sortes sobre a minha tunica.* Judens e pagãos, juizes, grandes, doutores, nações, populacho, e soldadesca, todos os que insultaram, feriram, atraiçoaram Jesus, todos os que o cuspiram de vilipendios, todos os que para a sua morte contribuiram, accenderam outros tantos fachos em honra da divindade d'elle; não conseguiram vibrar golpe, com que não rasgassem algum canto do grande veo de sombra; e quanto mais se encarniçaram em lacerar as carnes do homem, tanto mais descobriram a magestade de Deus.

Outras prophecias diversas germinavam no Calvario, para virem a cumprir-se no volver dos tempos. Na Paixão de Jesu-Christo tinha de encontrar-se o typo do victorioso padecer da sua Igreja, eterna triumphadora dos vagalhões rugidores do escarneo dos impios. Velavam aos pés da Cruz quatro soldados; bem mais dos necessarios para afastar d'ali o breve nucleo de amigos, que podessem ter a veleidade de despendurar o suppliciado, ou pelo menos adoçar-lhe os tratos da agonia. Os inimigos, esses, tinham plena liberdade. Vendo pois Christo na Cruz, sacudiam a fronte, e carregavam-n'o de maldições. Gritavam-lhe então : « Olá! Salvador! tu que destruias o templo de Deus, e em tres dias o punhas de pé, salva-te hoje a ti proprio! Se és Filho de Deus, desce agora d'essa Cruz! » Já no deserto lhe dissêra Satanaz : « Se és Filho de Deus, atira-te d'ahi a baixo! » O fallar dos filhos lembra o dos páis. O povo motejava; e bem mais amargamente motejavam os principaes da nação mesclados com o povo. Repetiam os argumentos que ninguem ainda deixou de ouvir : Salvou os mais (ainda não tentavam denegar-lhe os milagres), e a si pro-

1. Bossuet.



JESUS CRUCIFICADO ENTRE DOIS LADRÕES

... fiéis; a esquerda os seus insultadores. Um grupo de anjos ...

prio não pode salvar-se! Que saia d'ali, e então creremos n'elle! Confia em Deus; pois se Deus lhe quer, que o venha libertar! Incitados de taes clamores, insultavam-n'o os soldados tambem, repetindo o eterno argumento de todas as incredulidades : « Dá-nos um milagre teu. A seres rei, a seres Deus, demonstra-o, salva-te, arranca-te das nossas mãos! » Por fim juntaram blasphemias a blasphemias os ladrões crucificados aos dois lados de Jesus. Eram os que ainda faltavam no horroroso drama; vinham completar os typos da incredulidade, taes como em toda a parte hão de de ora em diante apparecer. Voltando para Jesus a cabeça disseram-lhe : Se em realidade és Christo, salva-te, e salva-nos.

Aprouve porém a Deus assim ultrajado, que n'este mesmo passo recebesse o mundo o exemplo da confissão mais perfeita, e da oração mais misericordiosamente despachada. Um dos dois ladrões mudou de pensar, e disse para o outro : « Pois tu tambem não temes a Deus? A nós outros, com justiça nos castigaram, e só recebemos o que nos é devido; mas este! que mal fez? » Depois dirigiu-se a Jesus : — « Senhor, quando estiverdes no vosso reino, lembrae-vos de mim! » Eis ahi está a humildade, a fé profunda, a esperança firme; tudo que Deus requer no peccador. E aquelle que viera em procura das trasmalhadas ovelhas da casa de Israël, e dissera : « D'aquelles que não corarem de mim perante os homens não hei de eu corar perante meu Pái, » esse mesmo, Jesus, o filho unico de Deus, respondeu ao ladrão : « Em verdade t'o digo : hoje mesmo has de entrar comigo no Paraizo. »

Pelo meio d'aquella multidão indifferente, hostil, e até furiosa, espaireciam-se consolados os olhares do Homem-Deus n'um resumido grupo de quatro pessoas, ali juntas á base da Cruz. Seguira-o até lá Maria, sua mãi. Ouvia todos os clamores, todos os insultos, todos os escarneos; via correr em fio o sangue do seu filho; e ali se conservava de pé, bem junto á Cruz. A seu lado estava Maria, sua irmã, mulher de Cleophas, e mãi dos chamados irmãos do Senhor; depois via-se Maria Magdalena, a peccadora; e depois João, unico dos Discipulos. Pedro não. Não é de crer que d'ali o afastasse o terror, desde o momento em que saíra lavado em lagrimas do pateo de Caiphaz; muito menos é crivel que lhe faltasse o amôr. Talvez vagueasse, mais afastado, entre o pôvo, onde giravam tambem as outras santas mulheres. Talvez andasse obedecendo ao preceito que lhe imposêra Nosso Senhor : « Quando estiveres convertido, robus-

tece a crença de teus irmãos »; talvez portanto começasse já a congregar os dispersos Apóstolos, e a espertar-lhes a fé. Se tivessemos de accusar n'este ponto a Pedro, é provavel que o houvessemos sabido por intermedio do evangelista S. Marcos, discipulo d'elle; quer dizer: por elle proprio.

Fosse como fosse: Nosso-Senhor ao dar com os olhos em sua mãi, junto da qual avistou tambem o seu Discipulo valído, disse para ella: « Mulher, esse é que é o vosso filho. » E disse depois para João: « Ahi tens a tua mãi. » Representava João os filhos da Igreja. Por este testamento ditado do alto da Cruz Maria ficava sendo mãi de todos os fieis, e enriquecia-se o Christianismo com verdadeiros caudaes de consolação e misericordia.

A Jesus nada mais restava senão morrer. Calou-se, e de repente entenebreceu-se o horisonte. Não eram da noite aquellas trevas, que principiaram a condensar-se pouco depois da crucifixão, e duraram até ao momento em que Jesus soltou o ultimo suspiro; não eram da noite, assim como tambem não foram do dia as alegres arraiadas de Bethleem; aquella escuridão era como um lucto geral, uma especie da syncope em toda a natureza; era o sigual celeste, que tanto haviam exigido os Judeus. Recebiam-n'o sem o entenderem, assim como iam, tambem sem o entenderem, receber o signal de Jonas.

Estava-se quasi na hora nona, que era, segundo a nossa contagem, a terceira hora depois do meio dia. Quando Adão peccou, ouviu ecchoar no jardim de delicias a voz de Deus, á hora em que, passada a metade do dia, começam as aragens a suspirar; e n'esse momento é que se lhe disse que tinha de volver-se para a terra. N'essa mesma hora saíu do seu torpor o novo Adão, o reparador de todas as coisas, e bradou em voz sonora: « *Eli, Eli, lamma sabachtani?* Deus meu! Deus meu! porque me desamparastes? » Por essas palavras começa o Psalmo XXI, onde é prophetisada a Paixão, cujas circumstancias principaes lá se descrevem. Ali as declarava Jesus todas realisadas; mas ao mesmo tempo, como homem, sujeito á pena dos supremos desconsolos intimos, revelava a mais intima e a mais amarga das suas dores.

Para que a Escriptura continuasse a cumprir-se, gemeu Jesus tambem: « Tenho sêde! » Igual phrase dirigira elle á Samaritana. Aquella sêde, que tanto o atormentava, era a sêde da salvação das almas. Torna a manifestar-se n'este passo com o mesmo significado de amôr divino, e tam-

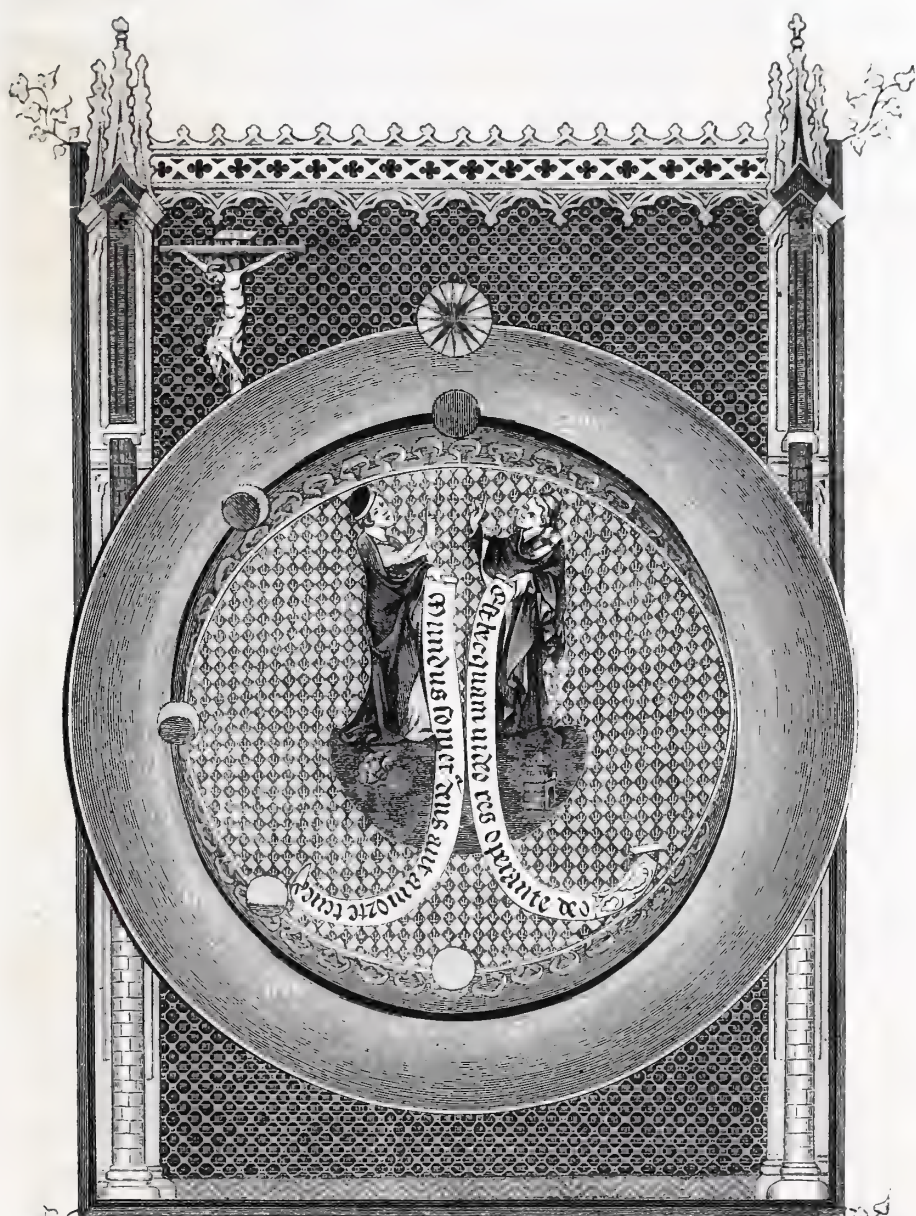


Fig. 101. — N'uma viagem ao Egypto, em companhia de Apollóphanes, assistiu S. Deniz Areopagita, na cidade de Heliopolis, ao eclipse extraordinario do sol, á propria hora da morte de Nosso-Senhor. E' tradição que então exclamou : « Ou vae acabar o mundo ou está Deus mesmo para morrer; um tal phenomeno só pode ser obra de Deus. » A maneira porque se observam na estampa illuminadas as diversas luas, serve para explicar as varias phases do eclipse. Sob os pés das testemunhas avista-se a cidade de Heliopolis. Miniatura de um manuscripto francez, nº 2090 na Bibliotheca nacional. Seculo xiv.

bem como expressão do padecimento physico. Achava-se ali um vaso cheio de vinagre. Um dos presentes ensopou n'elle uma esponja fixa n'uma cana, e achegou-a aos labios do Crucificado. E elle provou. Já o propheta escrevêra : *Na minha sêde deram-me vinagre a beber*. D'ahi avante nada mais faltava aos pormenores do sacrificio. Exclamou Jesus : « Consummou-se tudo. » Depois, soltando a voz n'um arranco supremo, bradou : « Meu Pái! entre as vossas mãos encommendo o meu espirito! » E inclinando a cabeça, exhalou o ultimo alento.

E assim morria Jesus, como verdadeiro senhor que era da morte. Aquelle seu conservar todo o entendimento e toda a força do querer entre as vascas de uma tal agonia; aquella confissão do cumprimento de todas as circumstancias previstas pelos Prophetas; aquelle descompassado grito; aquelle volver das posses vitaes ao cabo de tão estirado supplicio; tudo isso revelava em cheio o liberrimo arbitrio d'Aquelle que dissêra : « Tenho poder para largar a vida, e poder para tornar a tomal-a. » Outros signaes ainda vieram manifestar em tal momento as glorias do Deus humanado : rasgou-se de alto a baixo o veo do Templo, desvendando os mysterios avítos; estremeceu a terra; escancararam-se as sepulturas, e resurgiram os mortos á luz da vida. Tambem das trevas saíram almas. O official romano que dirigira a execução, exclamou : « Em verdade era este homem o Filho de Deus! »

Mas ao passo que d'est'arte louvava a Deus aquelle gentio, em alta voz tranzidos de terror batiam os Judeus no peito, e sem proferir palavra recolhiam a suas casas. Nenhum confessava o seu crime; e a maioria só o lamentavam, por principiarem a temer que não houvesse de apagar-se jamais o nome de Jesus.

No emtanto, para que não houvessem de ficar expostos aquelles suppliciados durante o Sabbado, e podessem ser d'ali transferidos no mesmo dia, mandou Pilatos uns soldados, que moeram as pernas aos dois ladrões para os acabarem. Como vissem que Jesus era já morto, não o feriram d'aquelle modo; só um d'elles lhe deu no peito uma lançada, d'onde brotou sangue e agua. Segundo a geral opinião, era aquella agua natural; symbolisava o baptismo; e o sangue, a Eucharistia. Por isso affirmam os Santos Padres que a Igreja, cujos dois Sacramentos principaes ali estão representados, saíu d'entre as costellas do morto Jesu-Christo, assim como Eva das do pái Adão adormecido.



DESCIDA DE JESU-CHRISTO AO LIMBO

David, Abrahão e Isac, Tobias e seu pai, á esquer[illegible]

[illegible]



Fig. 102. — Descida de Jesu-Christo ao limbo, levando o victorioso estandarte da cruz, e esmagando o espirito do mal. O muro divisrio erguido pelo peccado original vai alluindo, e acham-se libertados os Santos do Testamento velho. Fresco de Simone di Martino na Igreja de Santa-Maria-Novella em Florença. Seculo XIV.

N'esses pormenores continuavam ainda a cumprir-se as prophecias : *Não lhe quebrareis os ossos. — Hão de poder ver aquelle a quem traspassaram.* E' que no drama divino nada caíu fortuito. Desde o principio até ao fim, que outra coisa conseguiram os homens, pondo por obra os seus mais premeditados e maliciosos designios, e entregando-se aos desvarios da sua bruteza, senão tornar mais rutilante o facho que intentavam apagar, e accumular mais glorias onde só queriam semear ignominias? A Sabedoria eterna, que por então lhes baldava os propositos, tomava tambem a si o baldal-os no porvir.

Como propheta é que Jesus, senhoreando as circumstancias todas da sua morte, realisava a lettra dos prophetas. Bem sabia tudo que estavam para forjar as heresias, contestando a realidade do sacrificio d'elle. Pois dispôz os minimos pormenores por forma, que ficasse abrigado e seguro aquelle pão celeste que havia de alimentar o mundo. Desde os séculos primeiros da Igreja achavam-se já inventados todos os sophismas, que hoje tão debatidos andam; e já os Padres lhes haviam respondido com argumentos, cuja força ainda não soube diminuir. O Filho de Deus, ponderam elles, não padeceu na sua natureza divina. Padeceu como homem, e assim era mister que padecesse. Se, depois de ter vivido no mundo, houvesse desapparecido a subitas, tel-o-hiam tomado por um phantasma. Para demônstrar a realidade e incombustibilidade de um vaso, é atiral-o ás chammas, e ver se d'ellas sae, ou não, intacto; assim tambem o Verbo de Deus nos prova que o instrumento material, de que para redempção do genero humano elle se serviu, é real, e é superior á morte; no entregal-o á morte revela a sua natureza; no salval-o da morte comprova a sua divindade. Realisa um tal milagre, afim de fazer calar o insensato espirito com que eram deificados homens; e por ahi nos ensina que o unico e verdadeiro Deus é aquelle, que na presença da morte, vencedor da propria morte, sabe arrastal-a entre os tropheus de victoria decisiva. Não morreu para seu triumpho pessoal; morreu para destruir a morte humana; e por isso é que, despojando-se do seu corpo, por vontade propria e graças ao seu poder, padeceu morte violenta, e publica. Se tivesse o corpo de Jesus adoecido, se o tivessem visto dissolver-se, pareceria singular que esse mesmo, que a todas as enfermidades achava cura, as padecesse e lhes fosse victima. A ter fallecido no ermo, e sem enfermidade, quando de novo se apresentasse aos homens, como acreditariam elles na narração da sua morte e da sua res-

surreição? porque antes da ressurreição é indispensavel a morte. Como haveria elle annunciado publicamente a sua ressurreição, ao cabo de um fallecimento occulto? Não quiz enlear a esse ponto a fé; não quiz dar ensejo ás mentiras, que, para se furtarem a crer, não deixariam os homens de forjar desde logo.

Poderá objectar-se : ao menos, procurasse morte gloriosa, e evitasse aquellas medonhas ignominias. Oh! que não! a face, devia-a elle á bofetada; a fronte, á corôa de espinhos; o rosto, aos que lh'o cuspissem de opprobrio; o corpo, devia-o aos açoites; os pés e as mãos, aos cravos; os labios, ao fel; o lado, á lança; e todo elle á cruz. Era mister que ali fossem bem vistas todas as mãos que o feriram; que d'essas affrontas tirassem para sempre valor e constancia as victimas da crueldade e da injustiça; que raiassem lampejos d'esse supplicio sobre as feridas do innocente, e de lá podessem manar balsamos salvadores até dentro das merecidas chagas do criminoso; era mister que no mais lôbrego das masmorras, no mais abjecto desconsolo das galés, podesse reluzir de ora avante, e para a eternidade, aquelle vivificante sol da cruz.

Morte suave, ou morte gloriosa!? A que auges tem chegado a insensatez humana, que julga escasso o poder de Deus para dominar todo o genero de morte! Derruba o athleta os inimigos que se lhe oppõem; e Este, o athleta da vida, derrubou a morte que ousava contrastal-o. Essa morte era a mais cruel, a mais vergonhosa, a de mais tempo e em mais mundo amaldiçoada, a que melhor podia arrojal-o ao desprezo e ao olvido; pois essa mesma, por ser tal, é que Jesus quiz aniquilar, afim de aniquilar com ella os seus opprobrios e maldições. Mas não o degolam, como o João; não o mutilam, como a Isaïas; não o moem, como a outros suppliciados; é preciso que permaneça inteiro e indivisivel o corpo d'elle, e não sirva de pretexto aos que pensassem em dividir a Igreja. Morre com os braços estendidos na cruz, afim de chamar de um lado o povo antigo, do outro as nações convocadas, e reunir tudo ao pé de si, e em si. Morre « erguido ao alto », afim de expulsar os demonios do ar, e preparar-nos a estrada que sobe ao céo.

« E em Jesu-Christo residia Deus, reconciliando comsigo o mundo. »

O SIGNAL DA CRUZ.

Sinistra e horrorosa coisa era na antiguidade a cruz! n'ella se concentrara toda a infamia dos demais supplicios. E' este nos livros sagrados o seu caracter : « O cadaver do crucificado não ha de continuar de noite pendurado no madeiro; ha-de ser sepulto no mesmo dia; porque todo aquelle que do madeiro pender fica amaldiçoado de Deus. » Por causa d'essa lei é que Isaías, fallando propheticamente de Christo, disse : « Figurou-se-nos objecto despresivel, elle, o ultimo dos homens; » e mais adiante chama-lhe « o humilhado ». Não era pois a cruz um mero supplicio, era tambem uma maldição. « Maldito aquelle que do madeiro pender! » D'ahi vem o brado prophetico do Livro da Sabedoria : « Condemnemol-o á morte mais vil! » brado que os Judeus com tanto rancor souberam repetir n'esta curta phrase : Crucificae-o! » Isto é, morra, e seja maldito. Querem que nos vilipendios de tal supplicio se acabe de destruir o que a morte só por si não lograsse destruir. Não lhes passa pela idêa poderem encontrar-se no mundo homens que blasonem ser discipulos de um crucificado!

Para os Romanos é a cruz o « madeiro mal agoirado, » a « arvore fatal, » a « arvore de ignominia »; n'uma palavra : o supplicio da escravaria. Mandou El-Rei Tarquinio crucificar os cadaveres dos cidadãos, que, para se esquivarem a trabalhar na obra dos canos de Roma, se tinham suicidado; Graccho inflige a infamia da crucifixão ao seu adversario Publio Popilio; tem Seneca para si que esse opprobrio pertence ao numero dos males de que é licito a qualquer o precaver-se por meio de morte voluntaria; Cicero orando contra Verres, exprime a respeito da cruz de Gavio o maior horror á cruz : « Que opprobriosa não é uma condemnação publica! uma confiscação! uma expulsão! Comtudo, por entre tamanhas calamidades, um como vestigio conservamos ainda de liberdade; e a morte, a propria morte, quando nos chega, recebemol-a libertos de todas as peias. Sim; mas o carrasco, o veo da cabeça, o nome de cruz, essas ultimas deshonras, não venham polluir um cidadão romano; não só não lhe maculem o corpo, mas nem sequer o pensamento. » Refere Plutarcho algures, que ainda no seu tempo era uso levar-se processional-

mente e em grande pompa um cão pregado n'uma cruz, em memoria da tomada do Capitolio, em que os cães adormeceram.

Por todos esses pormenores se fica percebendo isso que S. Paulo ha de vir a chamar o escandalo e a loucura da cruz. Minucio Felix increpa aos idólatras os deuses d'elles, engenhados talvez de algum troço de pyra, ou de algum fragmento da arvore de ignominia. Por sua vez assacam os idólatras aos christãos a insigne demencia de adorarem um Deus morto em cadafalso; e os Judeus, acorrentados sempre á esterilidade da lettra, enten-



Fig. 103. — A Igreja, esposa de Jesu-Christo, meditando na paixão de Nosso-Senhor, com uma inscripção que significa : « O meu dilecto é para mim um ramo de murta; hade ficar conchegado ao meu seio ». Facsimile reduzido de uma gravura do *Cantico dos Canticos*. Seculo XV.

dem que não podia ser Filho de Deus aquelle que assim padeceu um supplicio amaldiçoado do proprio Deus.

E não obstante, era pelo mesmo tempo pressentido de Judeus e pagãos este mysterio da cruz. Já, muito antes de Christo, uns e outros oravam pelo signal da cruz. Por qualquer forma que se encare, é em toda a parte aquelle signal a attitude mesma da oração. Jacob, figura anticipada do Messias, põe em cruz os braços ao invocar para os dois filhos de José as bençãos do Céo : colloca a mão direita na cabeça do que lhe está á esquerda, e a esquerda na do que lhe fica á direita; e n'aquella postura,

observa Tertulliano, formavam cruz os braços do patriarcha, e annunciavam as bençãos que do Crucificado haviam de baixar. No mais travado da peleja contra os Amalecitas, sóbe Moisés silencioso até ao monte; e ahi, de pé, de mãos abertas, e braços estendidos, como um vivo signal da cruz, faz a sua oração, e ficam vencedores os Hebreus. N'aquelle pelejar pelo Senhor contra Amalech iam já figuradas as batalhas do Verbo encarnado contra Satanaz, inimigo d'aquella mesma cruz que o havia de vencer.

E' o proprio Jesu-Christo quem nos ensina a significação da serpente de bronze enroscada á cruz no deserto, e cuja simples vista curava da baba das serpentes : « Assim como Moisés elevou no deserto a serpente, assim tambem é mister que seja elevado o Filho do Homem, para que todo aquelle que n'Elle acreditar não pereça, mas alcance a vida eterna. »

Tambem no Templo se fasia o signal da cruz. Elevava primeiramente o sacerdote a victima do sacrificio; inclinava-a depois ao Oriente, e ao Occidente. Assim tambem abençoavam ao povo os sacerdotes. O sacerdocio christão só teve de acrescentar as augustas palavras, que, juntas ao signal da cruz, resumem em si o Christianismo inteiro : Em NOME do Padre, e do Filho, e do Espirito-Santo.

Nos escriptos de Ezechiel apparece um personagem mysterioso, que recebe ordem de atravessar Jerusalem, maculada de abominações : ha de ir assignalando, com o signal T na fronte, os que se doerem das iniquidades publicas; esses serão salvos; e os outros hão de morrer. Ahi está claramente expressa a cruz e a sua virtude. Por essa forma, disem os Santos Padres, tem de ser salvo o homem que assignalar a fronte com o signal da salvação, horrorisando-se com os crimes que esse mesmo signal prohibe.

E' em feitio de cruz, e com os braços estendidos, que Samsão vinga Israel; que David implora auxilio contra seu filho parricida, e contra as rebeldias de seus vassallos; que Salomão agradece a Deus o ter logrado concluir o Templo, dizendo-lhe : Senhor, attentae na minha supplica. E assim é tambem que todos os moradores de Israël invocam a Deus, em presença do victorioso Sennacherib, e são despachados : « Estendendo as mãos, ergueram-n'as ao céo. »

Os pagãos ao adorarem levavam á bocca a mão direita, e beijavam-n'a; mas primeiramente formava aquella mão o signal mysterioso com o cru-

zamento do indicador sobre o polegar. Nos casos solemnes oravam, ao modo dos Judeus, com as mãos levantadas para o céo, ou cruzadas no



Fig. 104. — Vae José de Arimathêa, accompanhado de Nicodemus supplicar a Pilatos o corpo de Jesu-Christo para o sepultarem. Miniatura de um manuscripto francez da Bibl. nac., nº 9561. Seculo XIV.

peito. Isso fez Bruto ao ouvir narrar a morte de Lucrecia. Na riba do mar, Anchises, de mãos alçadas, invoca os deuses summos. Campeava em Roma antiga certa estatua da *Piedade publica*, tendo os braços em cruz

como Moisés. Em todos os monumentos dos varios povos se rastreiam provas e pressentimentos do mysterio da cruz.

Applica Santo Agostinho á cruz as palavras de S. Paulo, em que este deseja que os fieis se compenetrem da largura, da altura, e da profundidade do mysterio de Jesu-Christo. A largura da cruz é a extensão do affecto que devemos, sem distincção de amigos ou inimigos, a todos aquelles por quem, assim como por nós, morreu Jesu-Christo; do seu comprimento devemos aprender paciencia contra as adversidades; a sua altura é o impeto que tem de alar-nos a cima de todas as miserias terrestres, afim de entrarmos na eterna paz; e a sua profundidade, emfim, é a fundura ignota dos decretos de Deus, resolvido em salvar o mundo, a quem as demasias do saber tinham perdido, e a quem a loucura da cruz ia resgatar.

Mais um tempo, e tudo ficará patente; hão de os homens saber o porque assim estava destinado áquella cruz ignominiosa o assignalar o seu vestigio em tantos actos grandes e essenciaes da vida, e o offerecer-se como gesto natural da alma na presença de Deus. Dos pés d'aquella cruz vae surgir o exercito dos martyres, e pelo signal da cruz abalançar-se á conquista do mundo.

« Oramos de mãos erguidas, disia Tertulliano, porque as temos innocentes; de cabeça descoberta, por não termos de que nos envergonhar; e oramos sem que ninguem nos suggira palavras, porque ali quem ora é o nosso coração. Supplicamos para todos os imperantes vida longa, segurança domestica, valor nos exercitos, fidelidade no senado, honestidade nos povos, paz no mundo, e tudo, em summa, que pode desejar um homem e um imperante. » E ao circo arrojavam os imperadores romanos esses mesmos que assim oravam; e elles lá morriam, sem deixar de orar pelos seus algozes; e essas mortes não eram os unicos milagres que demonstravam o poder da cruz. Uma vez, reinando Diocleciano, encheu-se a arena do amphitheatro com fieis de Christo. De braços em cruz, de olhos no céo, ali se ficaram immoveis, sem mostrar pavor, sem proferir palavra. Tremiam de pena os espectadores; de terror os juizes. Soltam-se as feras; lá se precipitam entre rugidos! e todo o povo presenceia atonito um subitaneo refrear de tamanhos impetos; e vê que todas á uma ficaram pasmadas, como oppressas, perante um mancebo de vinte annos, que ali, sereno, a meio circo, de braços em cruz, se entregava todo a Jesu-Christo,



Fig. 105. — A virgem com o filho morto no collo; grupo de marmore por Miguel Angelo em S. Pedro de Roma. Seculo XVI. Criticando alguem a Miguel Angelo o ter feito a Virgem demasiado formosa para mãi de um moço de trinta annos, respondeu elle por modo, que se deu a conhecer a um tempo como artista insigne, e homem sinceramente piedoso : « Esta mãi foi uma virgem; e todas sabem quanto a castidade da alma conserva as feições. E' provavel que o Céo para attestar a celeste pureza de Maria, permitisse que n'ella permanecesse o explendor da mocidade, ao passo que, para comprovar quanto se escravisara Jesus a todas as miserias humanas, era mister que a dívidade nada tolhesse n'elle do que fosse humano. Por isso apparece a virgem mais moça que a sua idade, e conservei no salvador todos os signaes da sua. »

e nem sequer pensava em feras, em povo, em morte! N'outra occasião (e foi tambem em Roma) uma condemnada, virgem de treze primaveras, por nome Ignez, entrou, toda ella serenidade e confiança, ao fogareo da pyra. Estendeu as mãos, bemdisendo a Christo, que a sabia livrar das maculas do demonio; e logo foram vistas as chammas afastar-se de Ignez, rugindo e silvando para os carrascos que as tinham accezo. Quiz Deus que prodigios de igual valia manifestassem, a milhares, a virtude do sacrificio de Jesus. Multiplicou-os, sem empecer aos seus martyres, e por misericordia para com os algozes; e assim foi que por tres longos séculos aprendeu o mundo a fazer o signal da cruz.

O ENTERRAMENTO.

Não tardou muito em manifestar-se a virtude da cruz. Ainda se homisiava a maioria dos Apóstolos; dois Discipulos, occultos até essa hora, vieram apresentar-se.

Atreveu-se certo homem rico e honrado, por nome José, natural de Arimathêa, e membro do Synhedrim, a ir á presença do Governador, inculcando-se discipulo, e pedindo-lhe o corpo de Jesus para lhe dar sepultura. Concedeu-lh'o logo Pilatos. Abalou José sem demora para o Calvario, acompanhado de Nicodemus, collega seu no Senado, e que tinha protestado tambem contra a sentença proferida n'essa manhã. Comprára José um lençol novo; e Nicodemus levava cem libras de myrrha e balsamo. Não se temeram do odio dos Judeus, nem recearam a impureza que á face da lei incorria quem quer que tocasse n'um cadaver; desamarraram da Cruz o corpo de Christo. Singular tarefa para pessoas de tal qualidade; e prova evidentissima do affecto que inspirava Jesus! Quem medita vê n'isto um milagre primeiro d'aquelle Espirito de força e luz tão annunciado pelo Mestre aos seus crentes.

Tinha-se a Virgem Santa deixado ficar á beira da cruz, assim como João, Maria Magdalena, e outros. Segundo resa a tradição, conservada pelos interpretes mais antigos, foi Nicodemus quem despregou os cravos, e José quem sustentou o corpo. Maria Magdalena e João debulhavam-se em pranto. A Mãe de Jesus, essa, já sem lagrimas, offerecia a Deus o que exigira a justiça divina; e esse mesmo sacrificio d'ella não podia sobrelevar ao seu muito amôr. Foi recebendo, ao passo que os iam arrancando,



CHRISTO MORTO

Entre a Virgem e S. João que o estão amparando, e Maria Magdalena, que lhe abraça os pes
Quadro de Fra Bartholomeo (Baccio della Porta), na Galeria nacional de Florença. Seculo XV.

aquelles cravos ainda a gottejarem o sangue do seu Filho. Quando o corpo foi de todo apeado da cruz, conchegou-o cheia de dôr ao seio que o gerára. Coube ainda uma vez a Maria Magdalena cobrir com os seus beijos, inundar com as suas lagrimas, aquelles divinos pés que lhe tinham trasido a salvação; e João poude outra vez ainda descançar a fronte n'aquelle mesmo peito amigo, d'onde para a intelligencia e para o coração se lhe tinham coado tão brandamente os segredos todos que um homem pode alcançar de Deus.

Depois da lançada que jorrou sangue e agua, todos os que tocam o corpo do Salvador ficam pertencendo á Igreja. Afastaram-se os inimigos; só está presente a Igreja, tendo á sua frente Maria. Chama muito seu ao corpo de Jesus, para depois o reprodusir pela consagração eucharistica, e vir a conserval-o sempre.

Procederam José e Nicodemus aos funebres aprestes conforme ao uso dos Judeus. Ungiram de perfumes o corpo, envolveram-n'o estreitamente em panos que trasiam, e cobriram-lhe o rosto com um sudario. Tantos cuidados, que bem attestavam a piedade d'aquelles corações, tambem demonstram que n'esse momento se não lembravam elles muito das promessas da ressurreição, ou que as tomavam em sentido bem diverso do litteral. Assim o permittiu Deus, para oppôr, com mais efficacia, contra os futuros negadores da realidade da carne a realidade da sua morte, e a evidencia da sua ressurreição. Tocaram-lhe os que o feriram e atormentaram; tocam-lhe agora estas mãos de fieis. Agora bem podem elles contemplar de perto aquella triste fronte rasgada de espinhos, aquelles ensanguentados cabellos, aquelles ferimentos profundos, aquellas contusões, aquella chaga sobre o coração; vêem-lhe os olhos cerrados, palpam-n'o rigido e frio como cadaver que é; em summa : assistiram á realidade da vida, assistem agora á realidade da morte. Para reforçar uns tibios, que usam dar ouvidos a tudo que se inventa no intuito de os defraudar do fruto do Calvario, acrescentemos sempre, que se Jesus não tivesse succumbido aos tratos da Paixão e da Cruz, os seus proprios discipulos o haveriam sem duvida morto ao darem-lhe sepultura. Portanto, elles que attestaram por sua vida que era morto Jesus, e que ressurgira depois, são boas testemunhas, porque o viram morto, e com suas mãos lhe tactearam o cadaver; elles, cuja fé na ressurreição era tão debil, tão incerta, antes de terem tornado a tocar-lhe no ressuscitado corpo! Dito o *consum-*

matum, ficou o amôr, sim, mas extinguiu-se a fé. Isso, exprime-o a Igreja em Sexta feira Santa ao ir apagando successivamente os cirios todos, menos um, que representa Maria. No coração de Maria era immorredoura a fé; mas a augusta confidente guardava comsigo o segredo divinal.

Acabado o amortalhamento, foi o corpo levado por José, Nicodemus, e João para um jardim ali perto do Golgotha. Havia lá um sepulchro talhado na penedia, novo e por estrear, mandado abrir para si por José de Arimathêa. Berço, não o teve Jesus; sepultura, emprestam-lh'a. Nem na morte sequer possue o Filho do Homem uma pedra em que poise a cabeça. N'isso entreluzem ainda os designios da Providencia, e as doutrinas da sabedoria. Nada pode provar mais em cheio, por uma parte, que tudo lhe pertence a elle; por outra, que nasceu e morreu por utilidade alheia. Porque havia de ter de propriedade a sepultura, Aquelle que nem era senhor ao menos da sua morte? Uma campa na terra, para quem mora no ceo? Que é a campa, senão a habitação da morte? e Christo é a vida; o eternamente vivo não carece da morada dos mortos.

Comtudo aquelle mesmo encerro transitorio, onde elle havia de dormir, e não jazer, tinha de ser talhado na rocha, e não cavado apenas no chão, ou edificado, para calar a bocca aos que pretendessem assacar que alguem veio raptar furtivamente o cadaver. E devia ser novo, para figurar a virgindade das entranhas de Maria. Diz bem um Padre da Igreja, que o sepulchro do Senhor foi sempre virgem, como o seio que o gerara. Nasceu Jesus n'um seio de virgem; é sepultado n'um sepulchro inhabitado. A José, que lh'o emprestou, chamam o *Justo;* e a Maria chamaram a *Virgem*. No ventre da Virgem não encontrou sequer vestigio do peccado original; na sepultura do Justo não tem de encontrar o minimo signal da corrupção. Não ha separar nunca da pureza e da santidade aquelle corpo desvalido e soffredor. Como verdadeiro homem, acceita da humanidade as suas condições mais humilhantes; como Deus verdadeiro, tem em toda a parte por companheira a pureza, unica digna da sua santidade.

Seguiram o grupo as santas mulheres até ao tumulo, tencionando tornar a voltar para supprir ao que podesse acaso faltar ainda. Acabado tudo, com certa precipitação, pelo apertado da hora, cerraram os homens a bocca da campa com um grande penedo que para ali rolaram, e feito isso foram-se embora. Apontavam no céo as primeiras estrellas do dia de Sabbado. As mulheres ainda se detiveram algum tempo; depois, tornaram-se



CHRISTO PRANTEADO PELAS SANTAS MULHERES

para Jerusalem, e, conforme ordenava a sua Lei, mantiveram-se em descanço todo o Sabbado.

Era a primeira vez que o Sabbado recebia a sua significação prophetica, de então em diante realisada. O que diz o Genesis, de ter Deus cumprido a obra da creação em seis dias, e descançado no septimo, contêm uma prophecia das lidas da Redempção. Deus não se cançou em engenhar o mundo; não precisa portanto descançar, nem descança. Tudo foi creado

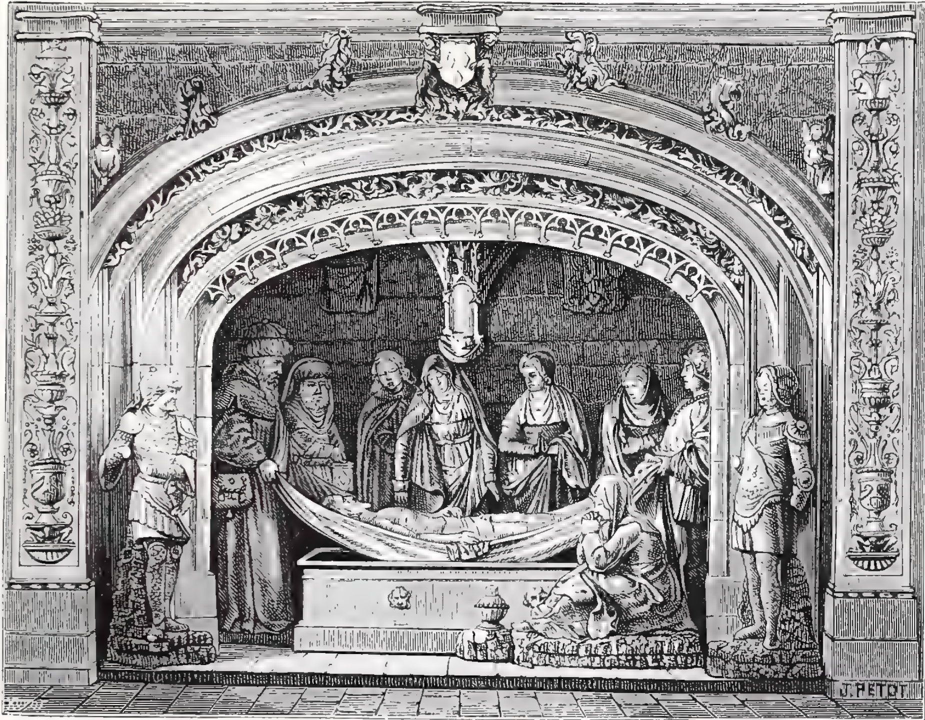


Fig. 106. — Deposição no tumulo grupo em pedra de Miguel Colomb, na Igreja da Abbadia de Solesme (Sarthe). Seculo xv.

por sua simples vontade, por uma palavra só : *Ipse dixit et facta sunt.* E como então creou, cria ainda, conserva, renova, e governa todas as coisas : *Meu Pae anda sempre na sua faina,* disse o Salvador. A Redempção porém, obra do Homem-Deus, foi uma tarefa demorada e asperrima, que em realidade chegou a fatigar o divino operario. Mais custou a Jesu-Christo dissipar as trevas da idolatria, do que lhe custára crear a luz; mais lhe custou restaurar no homem a imagem de Deus desfigurada pelo peccado, do que lhe havia custado formal-a pela primeira vez. A Escriptura pois, narrando como o Deus-Creador descançou ao dia septimo, deixou uma prophecia de como o Deus-Redemptor, o Deus-Homem,

havia de descançar ao septimo dia, depois de realisada a obra do resgate. Por esse motivo se lê no Sabbado de Alleluia a historia do descanço de Deus, sob o titulo de *Prophecia*. Por esse motivo occulto é tambem que o sabbado, dia em que havia um tal mysterio de cumprir-se, era tão solemne para os Judeus; e com effeito, em dia do Sabbado grande, solemne entre todos, é que o mysterio se cumpriu. Finalmente, por esse motivo é que a sepultura de Christo, que é o elo que liga um com o outro os dois mysterios, o da morte e o da resurreição, e comprova a ambos, vem mencionada no symbolo dos Apóstolos por esta palavra : *Sepultus*.

Mas em quanto assim cumpre as prophecias, conclue a sua obra, e descança, não cessa o Deus-Homem de operar. Sepulto, completa o ensinamento, e acrescenta uma graça mais a todas as já concedidas. Para mais se identificar com o homem, acceita a humilhação inevitavel do lençol funebre, do sudario, e da campa; e é tal a misericordia d'elle para com o homem, que ao acceitar aquella humilhação, consegue despil-a dos seus horrores. Aquella noite em que é mister entrem todos, foi sua tambem; lá o encontrâmos; aquelle caminho inevitavel, é tambem seu; e como é seu, leva para Elle, conduz-nos á morada celeste. Constituiu Christo um pôvo que se não arreceia de padecer, que não tem medo da cruz, que não tem horror á campa, ou antes, que almeja por tudo isso. Com os olhos fitos em Jesus, dizemos em igual significado : o descanço do tumulo, ou o descanço do Céo.

Ao passo que os amigos de Jesus, cheios de respeito á Lei, que ainda não sabiam houvesse sido derogada, impunham a inacção á sua mesma piedade, á sua mesma dôr, não temiam os escrupulosissimos Phariseus infringir o preceito do Sabbado. Desasocegados com os successos da vespera, e lembrados do que nem aos Discipulos occorrêra, foram-se ter com Pilatos, e disseram-lhe : Senhor, aquelle astuto havia annunciado que ressuscitaria ao cabo de tres dias de morto. Dae ordem para que até ao terceiro dia lhe seja bem guardada a sepultura; aliás irão os Discipulos furtar de lá o cadaver, e entrarão a propalar no pôvo a resurreição de Jesus; erro bem mais perigoso que o primeiro.

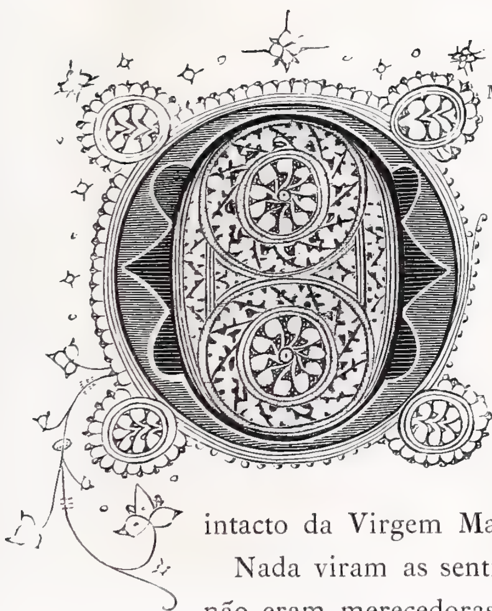
Não temiam os Phariseus (em boa verdade o digamos) tentativas dos Discipulos; bem tinham visto quanto eram timidos; que temiam logo? o milagre. Tornou Pilatos : Fazei o que entenderdes. Foram-se pois á sepultura, soldaram-lhe a loisa, e poseram-lhe sentinellas. Nem suspeitavam sequer que genero de testemunho acabavam de authenticar!

IX

JESUS RESUSCITADO

A Resurreição. — A Ascenção.

A RESURREIÇÃO



MOMENTO exacto da Resurreição, ignora-se. Foi ao despontar do terceiro dia, entre a primeira arraiada e o romper do sol. Saíu Jesus por virtude do seu poder; saíu sem carecer da intervenção de outra alguma força; saíu sem quebrar nem deslocar o penedo, mas penetrando-o com a subtil essencia do seu corpo glorioso; em summa: saíu Jesus d'aquelle tumulo, como saíra do seio intacto da Virgem Maria.

Nada viram as sentinellas; não deram pelo Homem-Deus; não eram merecedoras de tal graça; outro espectaculo presencearam. Estremeceu a terra; baixou dos céos o Anjo do Senhor, derrubou a pesada loisa, e poisou-lhe em cima. No reluzir subitaneo pareceu-lhes relampago; o vestido rutilava como neve. Espavoridos os soldados ficaram, a bem dizer, mortos. Porém, quando o Anjo assim veio escancarar aquelle encerro, já Christo lá não estava. O que se encontrou apenas foram o lençol, e o sudario, testemunhas unicas da sua passagem.

N'este entrementes, iam já Maria Magdalena, Maria mãi de Thiago, e Maria Salomé, mãi de João, a caminho do sepulchro, levando aromas e essencias preparadas de suas mãos. Tinham saído de madrugada; a Magdalena porém precedêra as outras duas.

Chegou entre lusco e fusco; viu aberta a sepultura. Os guardas eram já fugidos. Não se deteve ali; volveu a toda a pressa a chamar a Pedro e a João. E queixou-se-lhes : Levaram de lá o Senhor! Correram ao sitío os dois Apóstolos. Quem primeiro chegou foi João; reparou; viu no chão as mortalhas; mas não entrou. Entrou Pedro; viu o lençol, e dobrado a um canto, o sudario. Principiou João n'esse instante a acreditar na resurreição, se bem que imperfeita, e fundado no que estava presenceando, e não nas palavras de Jesus. Nem elle, nem Pedro, atinavam ainda com o sentido do que está nas Escripturas, e que elles aliás tinham ouvido; a saber : que havia Jesus de ressuscitar dos mortos. Fôram-se portanto embora, e Pedro devéras assombrado com tudo isto.

Volvêra Maria Magdalena outra vez á sepultura, e não havia forças que d'ali a arrancassem. Lá se deixava ficar sosinha, a soluçar. E em quanto assim chorava, como se debruçasse para olhar para dentro do escuro, viu lá dois Anjos, assentados no sitío onde poisára o corpo, um á cabeceira, o outro aos pés. E disse-lhe um : Pobre mulher, porque choras? Toda entregue á sua dor, e sem mesmo encarar com os Anjos, suspirou ella : Tiraram d'aqui o meu Senhor, e não atino para onde m'o levassem! E vagueavam-lhe os olhos tristissimos pelo jardim, como em busca de quem não via ali.

Então surgiu de pé junto d'ella um homem, a quem ella não conheceu, e que tambem lhe perguntou : Mulher, que tens para chorar assim? procuravas alguem? Julgou Magdalena que seria o jardineiro; e abysmada sempre no mesmo pensamento fixo, tornou a olhar para dentro do sepulchro, e respondeu anciosa : Se acaso o levastes vós d'aqui, dizei-me : onde o fostes pôr? dizei-m'o; quero leval-o eu.

Que palavras! exclama um commentador; que valentia de amôr! Eu, que sou fraca mulher, eu que estou sósinha, hei de ter forças para tudo; hei de agarral-o nos braços, e leval-o.

Jesus então (porque era Jesus, sem ella o conhecer) disse para Magdalena : « Maria! » Então foi que ella o conheceu. Revirou-se convulsa, e soltou um grito : O meu Senhor!... E atirou-se-lhe aos pés, e abraçoulh'os.

Bradou-lhe Jesus que lhe não abraçasse os pés assim, como se não houvesse de tornar mais a vel-o; que ainda não subira para seu Pái; e que por uns dias mais havia de continuar a estar com os seus. E acrescentou : « Vae ter com meus irmãos, e leva-lhes estas palavras minhas : Vou subir para meu Pae, vosso Pae tambem; para o meu Deus, vosso Deus tambem. » Que recado podia elle mandar-lhes, que melhor os cer-



FIG. 108. — As Santas Mulheres no tumulo de Christo; fresco da capella de S. Bartholomeu, na cathedral de Albi. Século XVI. Segundo uma copia do Sr Perlet. — As tres Marias levam as essencias para a embalsamação do corpo do Senhor. Em pé sobre o Sepulchro diz-lhes o Anjo : « Ressurgiu; já aqui não está. » No sepulchro lê-se : « Sepultura do Redemptor do genero humano. »

tificasse de que o desamparo d'elles em coisa nenhuma cerceara o affecto de Christo? Dá S. Paulo a entender, que a bondade de Jesus se empenhava em precavel-os de novas fraquezas, e forcejava mais que tudo em comprovar-lhes, que, em vez de lhes querer menos, quando já se achava na gloria, os tinha por ainda mais seus, e mais queridos.

Acrescenta S. Marcos : « Ressuscitou Jesus pela manhã, e a primeira pessoa a quem appareceu foi a Maria Magdalena, por elle outr' ora libertada de sete demonios. » D'essa forma, diz S. Jeronymo, demonstrou que peccadoras e Publicanos haviam de preceder a Synagoga no reino de

Deus, assim como tambem o Ladrão arrependido precedeu os Apóstolos. Ora aquelles sete demonios, isto é os vicios todos, são ali chamados, como quer Beda, para que não haja peccador penitente que desespere do perdão, visto ser certo que onde superabundou o peccado superabunda depois a graça.

Em quanto Maria Magdalena se tornava para os Apóstolos, chegavam ou vinham outra vez, á sepultura Maria, mãi de Thiago Menor, e Maria Salomé mãi de João, acompanhadas de Joanna, mulher de Chusa, e de outras santas creaturas que tinham servido Jesus. Era dia; já raiava o sol. Todas ficaram desconsoladissimas tambem por encontrarem vasia a sepultura. De subito appareceram-lhes dois mancebos, em trajos de grande brilho; com o susto que as tomou, deixaram-se ficar de olhos no chão. Disse-lhes então um dos Anjos: Não tenhaes medo. Procuraes a Jesus Nazareno, que foi crucificado. Porque buscaes entre os mortos quem está vivo? Lembre-vos o que vos elle disse, ainda na Galilêa: que o Filho do Homem havia de ser entregue nas mãos dos peccadores, que o haviam de crucificar, e que elle depois ressuscitaria, tres dias passados. Eis ahi vedes o logar onde deposeram o Senhor. Ide prestes dizer aos Discipulos, e dizer a Pedro, que ressuscitou Jesus.

Menciona-se com especialidade a Pedro, por causa da dignidade em que se acha investido, e afim de que nem elle nem pessoa alguma duvide de que lhe foram perdoadas as suas tres negações.

Recordaram-se as santas mulheres das palavras que o Anjo assim lhes avivava. Tomadas de susto e vibrantes de alegria, afastaram-se para levarem aos Apóstolos a grande nova.

Iam caminhando á pressa, e a ninguem fallavam pela estrada, senão quando lhes appareceu de repente Jesus. Saudou-as como o Anjo Gabriel saudára outr'ora a Virgem no dia da Annunciação: *Avete!* Acercaram-se d'elle, abraçaram-lhe os pés, e adoraram-n'o. Disse-lhes Jesus: « Não temaes. Ide vos, e dizei a meus irmãos que se dirijam para a Galilêa; lá me hão de ver. »

Apressaram-se ellas em referir aos Apóstolos o que tinham visto e ouvido. Vinha n'isso a confirmação do que já lhes dissera a Magdalena; tomaram comtudo esta noticia por uma simples allucinação.

Os Principes dos sacerdotes, esses acreditaram de melhor grado. Logo depois da narrativa das sentinellas, entraram em Conselho com os Anciãos.

Como gente que eram de prudencia, pareceu-lhes desde logo que o mais seguro era evitar grande rumor, e fugir a inqueritos officiaes. Não incom-



Fig. 109. — Maria Magdalena reconhece a Jesus. Fresco de Giotto, na igreja dell' Arena, em Padua. Seculo XIV.

modaram os Discipulos, e os soldados ainda menos. Pelo contrario : deram a estes uma avultada quantia de dinheiro, recommendando-lhes o propalarem que de noite tinham ido os Discipulos, e roubado o cadaver

em quanto dormiam as velas; prometteram-lhes tambem que tomavam a responsabilidade da não interferencia do Governador. Aceitaram os soldados o dinheiro, e espalharam a fabula. E' bem de crer que parecesse grosseira invenção até aos proprios Judeus de Jerusalem, que se não converteram; era porém difficil inventar melhor; e o que mais relevava era que não houvesse devassa. O resto, fel-o a impudencia, mais a incredulidade do espirito de seita. Bem recebida em todas as Synagogas, ainda hoje tem foros entre os Judeus aquella explicação pueril do milagre da Resurreição.

Quanto á teimosia da incredulidade dos Apóstolos, ha n'ella certamente algum caracter mysterioso, que excede as posses da rasão. A causa não era tanto a fraqueza d'elles, como a nossa utilidade mesma. D'aquellas suas hesitações acerça da Resurreição, que tantas provas exigiram, estão jorrando clarões, que dão força á nossa fé. Os mais rebeldes á persuasão fôram aquelles homens, por intermedio de cuja palavra o universo todo tinha de acreditar. Jesus resuscitado só lhes venceu as reluctancias collocando-se-lhes sob os olhos, e, por assim dizer, entre as mãos. Depois das santas mulheres, foi Pedro o primeiro que recebeu essa grande mercê no proprio dia da Resurreição. Isso nos comprova que sincero tinha sido o arrependimento do Apóstolo; o perdão foi digno de Deus.

Eil-o, o « milagre de Jonas, tão severamente annunciado aos Judeus. E' a Resurreição o traço final no desenho, em virtude do qual, não só as palavras mas até a vida dos Patriarchas e Prophetas formam no seu conjuncto um quadro antecipado e prophetico da vida de Christo. Jonas enviado para converter Ninive, Jonas vivo na morte, é o symbolo da passagem de Jesus atravez do tumulo, salvas as differenças entre homem e Deus. Primeiro, recusa Jonas a sua missão, com receio de que a salvação da convertida Ninive se trocasse na perda de Israël; Jesus só deseja a salvação de Israël e do mundo. Jonas, allumiado por Deus, supplica o arrojem ao mar para salvar o navio que o leva; Jesus entrega-se espontaneo. Graças áquelle sacrificio de Jonas, é salvo o seu navio; graças á cruz, é salva a humanidade. Jonas, sepulto em vida nas entranhas do monstro marinho, não morre, e passados tres dias sae vivo; Jesus (oh! milagre ainda mais extraordinario!) sae tambem vivo das entranhas da terra, onde entrára morto. Arrojado para entre

os homens, vae Jonas prégar, não aos Judeus, senão a Ninive! Jesus ha de expedir os seus Apóstolos á predica sublime da penitencia e do perdão no mundo inteiro.

A ASCENÇÃO

No dia da Resurreição, á tarde, caminhavam dois Discipulos desde Jerusalem para a aldeia de Emmaús, que distava duas leguas. Iam praticando de tudo que passára. Chegou-se-lhes um passageiro, e caminhando á beira d'elles lhes perguntou de que fallavam, e por que iam tão tristonhos. Respondeu um : Tão estranho sois em Jerusalem, que não sabeis o acontecido estes dias? — E que succedeu? interrogou o forasteiro. Tornaram os dois : Referimo-nos a Jesus de Nazareth, que era um propheta poderoso em obras e palavras perante Deus e perante o pôvo todo. Pois deveras não vos consta o como o entregaram e o crucificaram os Principes dos sacerdotes e os Anciães da nossa gente? D'Elle esperavamos nós a remissão para Israël. Já porém passaram tres dias desde o que succedeu.

Depois de assim expressarem o seu desanimo, narraram os Discipulos, com ar incredulo e triste, que certas mulheres seguidoras de Jesus teimavam em como elle era vivo; narraram tambem o que era fama : que já o corpo d'elle não jazia na sepultura. Então lhes bradou o incognito caminheiro : « Oh! nescios! oh! tardos corações que não lograes entender os Prophetas! Pois não estava lá vaticinado que havia Christo de padecer todas essas cruezas até penetrar na sua gloria? » Depois, começando por Moisés, e correndo os Prophetas todos, explicou-lhes o que acerca de Christo se diz nas Escripturas.

Eram chegados a Emmaús; queria o passageiro ir mais alem; teimaram com elle os Discipulos para que ficasse, dizendo-lhe : « Faz-se tarde; vem chegando a noite. » Entraram juntos n'uma poisada, e sentaram-se á meza. Ora, em quanto ali estavam, pegou o hospede n'um pão, e abençoou-o; depois de o partir, apresentou-o aos dois. Foi então que se lhes abriram os olhos, e reconheceram o Senhor; mas elle para logo desappareceu. E poseram-se os discipulos a dizer um para o outro :

« Pois não sentiamos dentro em nós accezo o coração, em quanto nos elle fallava pelo caminho, explicando-nos as Escripturas? »

Cheios do fogo da caridade, em que os abrazara a presença de Jesus, volveram sem demora para Jerusalem. Encontraram-se lá com os Apóstolos, que diziam : « E' certo haver o Senhor ressuscitado; appareceu a Simão. » Elles proprios narraram então o que lhes succedêra. Comtudo muitos houve que os não acreditaram.

E tendo-se os Apóstolos sentado á meza, e fallando no assumpto com certo calor, de repente viram a Jesus no meio d'elles, a dizer-lhes : « Paz seja comvosco! »

Paz! era já a promessa de Bethleem; e no momento de os deixar, disse-lhes Jesus : « Deixo entre vós a minha paz. » Sim, que é a paz a melhor dadiva do Senhor. Elles comtudo tremiam todos, como quem julga ver uma phantasma, por verem a Jesus ali, sabendo bem fechadas todas as portas. Disse-lhes elle então : « Sou eu mesmo; não temaes! » Aqui estão as minhas mãos e os meus pés; tocae-lhes. Uma phantasma não tem carne e osso, como estaes vendo que tenho eu. » Mostrou-lhes as mãos, os pés, e a chaga do peito. Bem alegres estavam elles, mas não podiam acabar de convencer-se de que em realidade fôsse Jesus vivo na sua propria carne. Pediu-lhes elle alguma coisa de comer. Deram-lhe uma posta de peixe assado, e um favo de mel. Comeu á vista d'elles, e deu-lhes o que sobrava. Disse depois : « Lembre-vos o que d'esta bocca ouvistes em quanto eu comvosco andava : Tudo que a meu respeito se escreveu nas Prophecias ha de cumprir-se. » E abrindo-lhes o espirito, para mais clara percepção das Escripturas, proseguiu : Era mister que padecesse Christo, e ressurgisse dos mortos. Isso tudo presenceastes vós. E' mister que d'ora avante sejam em meu nome prégadas a todas as nações, começando por Jerusalem, a penitencia e a remissão dos peccados. »

Revelou a verdade do seu corpo material; revelou sem mais demora a unidade do seu corpo mystico, a Igreja, nascida em Jerusalem, fadada a derramar-se por todo o largo mundo, Igreja una, com ser composta de Judeus e Gentios.

E depois de assim fallar, disse aos Apóstolos outra vez, ao presencear-lhes a alegria : « Seja a paz comvosco! » E como ia fazer lhes uma dadiva realmente divina, acrescentou : « Assim como meu Pái me enviou, assim vos envio eu. »



Compère Lith. Imp. F. Didot, Paris.

INSTITUIÇAO DA CONFISSÃO

Confere Jesus ao seu Apóstolo o poder de ligar e desligar os peccados. — Pintura em madeira por Fra Angelico, Século XIV. Communicado pelo Sr. Conde Lafond, em Pariz.

Ditas essas palavras, soprou-lhes na fronte, bradando : « Recebei o Espirito-Santo. Desligados ficarão os peccados d'aquelles a quem os desligardes vós; e os que vós não desligardes, ligados continuarão. »

Ainda aquelle sopro não era comtudo a plenitude do Espirito-Santo; era antes o symbolo d'elle, e significava que o Espirito-Santo procede da



Fig. 110. — Os peregrinos de Emmaús. Quadro de Duccio, na cathedral de Sienna. Seculo xiv.

natureza divina de Jesus. Passado tempo, no dia de Pentecostes, é que os Apóstolos hão de receber aquella plenitude que lhes foi promettida. Jesus porém, na sua paternal bondade, apressa-se em conferir-lhes o poder da absolvição.

Thomé, que era um dos Onze, não estava junto com seus irmãos ao tempo d'este apparecimento. Contaram-lh'o elles. Mas respondeu Thomé :

Em quanto eu proprio não sentir na minha mão o signal dos cravos, em quanto não palpar com o dedo o sitio dos cravos, em quanto não lhe pozer eu proprio a mão no lado, não acredito.

Eram passados oito dias; achavam-se outra vez na mesma poisada os Apóstolos, e lá estava Thomé com elles. Appareceu Jesus outra vez, apesar das portas fechadas, e disse-lhes : « Paz seja comvosco. » E logo fallando com Thomé, disse-lhe : « Põe aqui o dedo; olha-me para as mãos; dá cá a mão, e toca-me no lado; e não sejas incredulo; mantem-te fiel. » Bradou Thomé : Senhor meu! Deus meu! Tornou Jesus : « Thomé, acreditaste por teres visto. Felizes os que sem terem visto acreditarem! »

Depois d'estes successos, tinham volvido para a Galilêa os Apóstolos e os Discipulos, por ser, o sitio aprazado pelo Senhor. Ás ribas do lago de Genezareth se achavam reunidos uma noite Simão Pedro, os filhos de Zebedeu, Nathanaël, Thomé, e outros dois. Disse-lhes Pedro : — Vou pescar.

Entraram com elle para um barco, mas n'essa noite nada pescaram.

Sobre a madrugada appareceu Jesus na praia; os Discipulos porém não o reconheceram. Disse-lhes elle : « Filhos, nada tendes de comer? » Nada, responderam. E tornou Jesus : « Pois deitae a rede para a parte direita, e encontrareis pescaria. » Assim fizeram; e ao pucharem a rêde, não podiam com ella, por vir muito carregada. Disse então João a Pedro : — E' o Senhor! Ao ouvir essas palavras, tornou Pedro a vestir a sua tunica, cingiu-se, e atirou comsigo ao mar. Na barca vieram os outros Discipulos arrastando a rêde, que chumbava. Continha cento e cincoenta e tres peixes grandes, e comtudo não se rompia.

N'esta pesca prophetica, onde o atirar da rêde não vai ao acaso, mas se dirige calculadamente para a *direita,* vae figurada a Igreja ao abicar no eterno porto para onde encaminha os seus eleitos. São sete os pescadores, para symbolisarem a universalidade do culto cathólico. N'aquella conta de cento e cincoenta e tres vão expressas, segundo a interpretação de Santo Agostinho, a unidade de Deus, a Trindade, e a humanidade. Não se parte a rêde, por não haver então schisma algum que recear. Tudo chega a terra, a porto de salvamento, ao descanço, á paz.

Ao estarem na praia, viram os Discipulos carvão accezo, um peixe a assar, e pão. Disse-lhes Jesus : « Vinde, e comei. » Nenhum d'elles se atreveu a perguntar-lhe : Quem sois? Elles bem sabiam que era o Senhor.



MISSÃO DE S. PEDRO

Segundo os cartões de Hampton-Court (Inglaterra) e as copias pertencentes ao Sr. Pagès em Pariz. — Entrega Jesus a S. Pedro todo o cuidado no seu rebanho. «Apascenta as minhas ovelhas», diz elle. Os outros dez Apostolos exprimem por varias fórmas a commoção que lhes causa a palavra do Mestre.

Diz o Evangelho que sabiam, não diz que vissem. Agora já sabem e crêem, sem ver.

Depois de todos comerem, disse Jesus para Simão Pedro : — « Simão, filho de João, queres-me tu mais a mim, do que me querem os teus companheiros? » Respondeu Pedro : Senhor, sim; bem sabeis quanto vos eu quero! Volveu-lhe então Jesus : « Pois apascenta os meus cordeirinhos. »

E disse-lhe outra vez : — « Simão, filho de João, queres-me muito? Outra vez tornou Pedro : Senhor, sim; bem sabeis quanto vos quero! E replicou Jesus : « Pois apascenta os meus cordeirinhos. »

E disse-lhe pela vez terceira: — « Simão, filho de João, é certo quereres-me tu muitissimo? » Afflicto Pedro com a insistencia de tal pergunta, respondeu : — Senhor, vós tudo conheceis; bem sabeis quanto vos amo. E respondeu Jesus : « Pois apascenta as minhas ovelhas. »

Aquellas tres affirmativas de Pedro, provocadas por Jesus, levavam em si mesmas a expiação das suas tres negações. E' indispensavel, pondéra Santo Agostinho, que não appareça n'elle menos amôr do que outr'ora appareceu medo; é indispensavel que as palavras com que invocou a morte sejam menos numerosas, do que estas, com que attraíu a vida.

Desde as duas primeiras respostas, fica Pedro confirmado na sua dignidade de Apóstolo; depois da terceira, fica investido na dignidade unica de Pastor dos Pastores.

E' a mão ultima dada na grande obra, onde Jesus não deixou de trabalhar : a Igreja.

Agora já se póde chamar constituida.

As palavras subsequentes de Jesus deram a Pedro a certeza da sua firmeza futura, e marcaram a um tempo a gloria da sua morte; fôram estas : « Em verdade, em verdade t'o digo : quando eras moço, a ti proprio te cingias, e andavas por onde te aprouvesse; mas quando fôres velho, has de estender a mão a outro que te cinja, e te conduza onde não desejarias ir. » E disse-lhe tambem Jesus, a elle só : « SEGUE-ME. » Parecia querer assignalar com um traço mais a sua dignidade sem igual, e lançar uma especie de vago clarão no genero especial do martyrio de Pedro.

D'ali fôram os Onze para a Galilêa, e subiram á montanha onde lhes prophetisára Jesus que haviam de encontral-o. E' geralmente acreditado que esse foi o sitio onde mais de quinhentos discipulos o viram ao mesmo

tempo, conforme o testemunho de S. Paulo, e o adoraram. Alguns houve todavia, que permaneceram em duvida, o que aliás se não entende com os Apóstolos. Aproximando-se dos Onze, disse-lhes Jesus :

« Todo o poder me foi conferido no céo e na terra. Andae pois, e doctrinae as nações todas. Baptisae-as em Nome do Padre, do Filho, e do Espirito-Santo, e ensinae-lhes a guardarem tudo que vos ordenei que guardasseis. E eu comvosco me ficarei, sempre, até ao fim do mundo. »

Disse-lhes mais :

« Ide, correi o mundo, prégae o Evangelho a toda a creatura. Quem acreditar, e fôr baptisado, será salvo; mas quem não acreditar será condemnado. Milagres acompanharão aos crentes. Em meu nome hão de expulsar demonios, fallarão linguas novas, agarrarão serpentes; e se beberem alguma poção venenosa, não lhes ha de succeder mal; hão de impôr as mãos nos enfermos, e os enfermos hão de curar-se. »

São nove as apparições do Evangelho mencionadas no Evangelho. O que vou narrar agora refere-se á decima e ultima, que se deu em Jerusalem, para onde se tinham tornado os Apóstolos.

Estando a cear com elles, ordenou-lhes Jesus que se não afastassem de Jerusalem, antes lá esperassem o cumprimento da promessa do Padre, promessa que da sua bocca haviam recebido; e annunciou-lhes mais outra vez o baptismo do Espirito-Santo.

Então, preoccupados ainda com a ideia do reino temporal do Messias, perguntaram-lhe : « Senhor, chegou acaso o tempo de vós haverdes de restabelecer o reino de Israël ? »

Não tardaria muito o Espirito-Santo em desenganal-os d'essa falsa ideia. Limitou-se Jesus a responder : « Não vos compete indagar as occasiões e os momentos que o Padre marcou, em sua omnipotencia. Haveis de receber a virtude do Espirito-Santo, que sobre vós tem de baixar, e heis de ser testemunhas minhas em Jerusalem, por toda a Judêa e Samaria, e até aos confins do mundo. »

Era aquillo o tomar posse do orbe. Comtudo, apesar de já tão visinhos ao milagre, nem sequer suspeitavam ainda qual elle tinha de ser, nem qual a parte que em tal milagre lhes caberia.

Depois de assim fallar, levou-os o Senhor Jesus para fóra da cidade, para as bandas de Bethania. Então, com aquellas mãos bemditas que os cravos haviam traspassado, lançou-lhes a sua benção; e em quanto assim

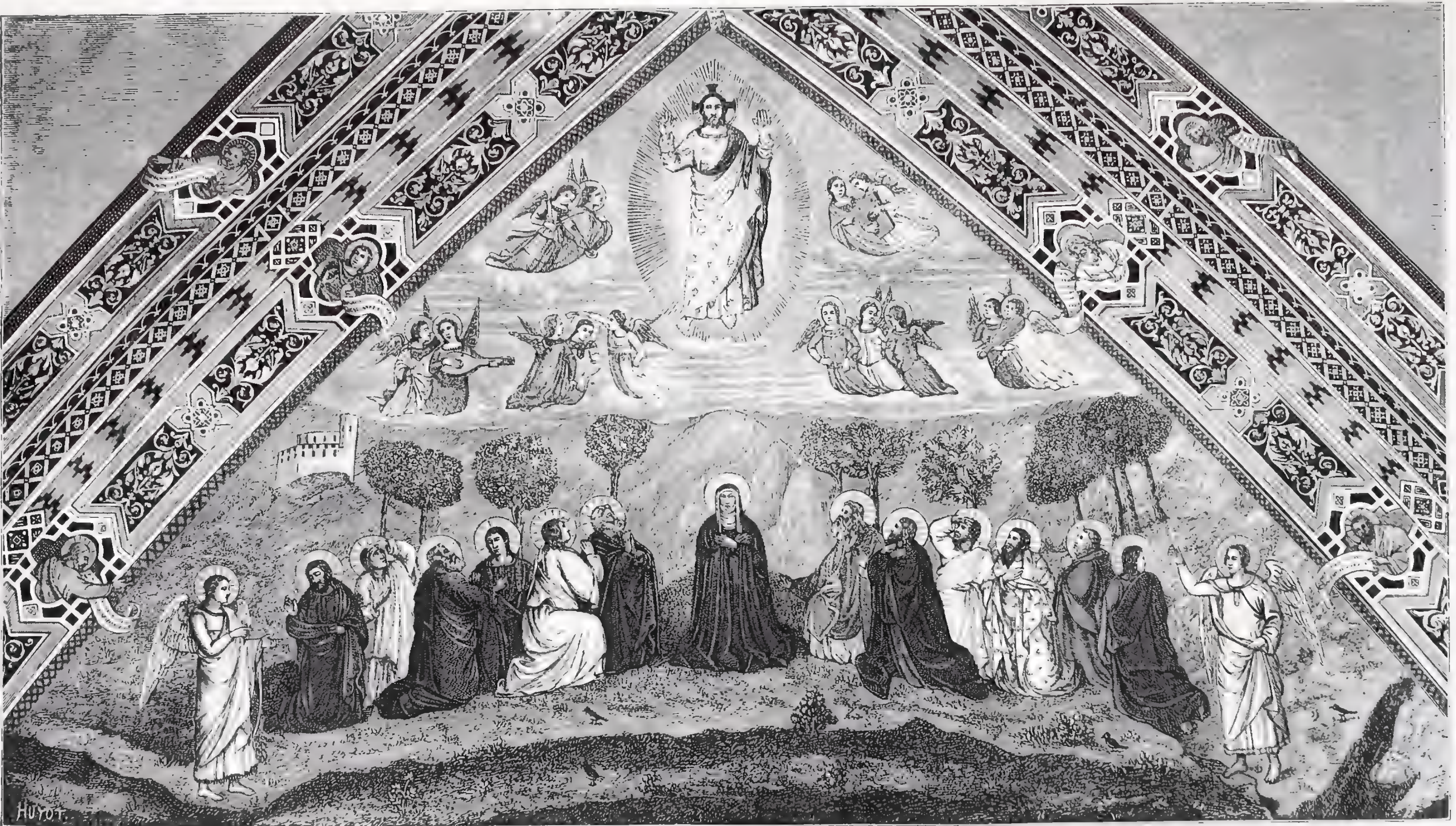


FIG. 111. — A Ascenção Fresco de Tadeu Gaddi, na Capella dos Hespanhoes em Santa-Maria-a Nova, em Florença, seculo XIV. — Eleva-se Jesus n'um nevoeiro luminoso. Accompanham-n'o para o céo Anjos e Santos. Os doze Apóstolos, em dois grupos, assistem á ascenção do Mestre. Em meio d'elles a Virgem, resignada e adorando.

os abençoava, viram-n'o elevar-se, e subir ao céo. D'ahi a pouco sumiu-se-lhes á vista n'uma nuvem.

E estando elles pasmados a olhar assim, poseram-se-lhes ao lado dois Homens vestidos de branco; e disseram os Homens : « Que estaes olhando? Esse mesmo Jesus, que do vosso gremio acaba de subir ao Céo, ha de baixar de lá algum dia, pela mesma forma por que o vistes erguer-se agora. »



Fig. 112. — Jesu-Christo abençôa a Igreja. Miniatura de uma *Biblia moralisada*, manuscrito do seculo xiv, nº 9561, da Bibl. nac. de Pariz.

TERCEIRA PARTE

JESU-CHRISTO CONTINUADO

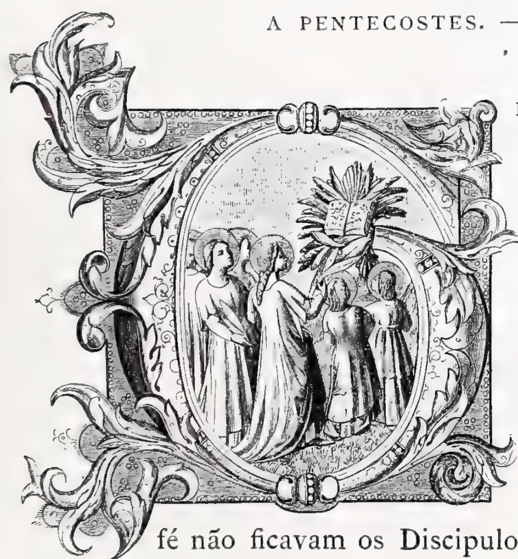
NA IGREJA

I

JESU-CHRISTO NA HISTORIA

NA LITTERATURA, NA SCIENCIA

A PENTECOSTES. — OS APÓSTOLOS : PEDRO



CINCOENTA dias havia já, que Jesus tinha subido ao lenho do seu supplicio; no quinquagesimo depois da Paschoa celebravam os Judeus a promulgação da sua Lei, outorgada cincoenta dias depois da saída do Egypto. Durante esta festividade, offereciam à Jehovah as primicias da colheita. Dez dias tinham passado já, depois que Jesus subira ao Céo; e com que entranhada fé não ficavam os Discipulos aguardando o cumprimento das promessas d'elle!

Uma vez, estando reunidos todos, ouviram a subitas um rumor grande, como de forte ventania que baixasse lá do alto. No mesmo instante romperam chammas, que se dividiram em linguas de fogo, e fôram poisar na fronte de cada um, na das proprias mulheres, e todos ficaram cheios do Espirito-Santo. Annunciára já João Baptista aquelle baptismo do fogo. Ao passo que os Judeus, tornados reprobos, celebram a festividade da antiga Lei, promulgou-se a Lei nova. Accrescentou Deus os dominios do

homem, deu-lhe novos territorios, e declára que de ora avante lhe requer bem outras e bem mais abundosas colheitas.

Perceberam logo os Discipulos que tinham de dirigir-se a todo o genero humano. Entraram a fallar linguas varias, segundo os inspirava o Espirito-Santo. Attraíu tal maravilha aos Judeus de todas as castas que habitavam a cidade, e que em grandes multidões vieram chegando. Assombrava-se cada qual de ouvir os Discipulos; e diziam os Judeus da Judêa : — Beberam de mais ; está visto.

Foi então, que alçando-se de pé em meio dos seus onze companheiros se viu Pedro, como que transfigurado n'outro homem. Disse elle : Bem vos haveis de lembrar de Jesus de Nazareth, e dos milagres que á vossa vista operou Deus por intermedio d'elle. Foi-vos entregue; vós crucificastel-o, e fizestel-o morrer. Deus porém ressuscitou-o, e nós todos somos testemunhas da sua resurreição. Ora, depois de ter sido elevado ao Céo, e ter recebido de seu Pái a promessa de enviar o Espirito-Santo, derramou pelos seus esse mesmo Espirito, que vós agora estaes ouvindo. Sabei pois muito ao certo, ó povo de Israël, que Deus, a esse Jesus que vós crucificastes, fel-o Christo e Senhor.

Assim fallou Pedro, na presença dos Sacerdotes, dos Escribas, dos Phariseus, e do pôvo, ainda não cumpridos dois mezes depois da morte de Jesu-Christo. Tal é a forma primitiva d'esse mesmo Credo, que de ora avante ha de ressoar para sempre no mundo inteiro, e transmudal-o.

D'entre os ouvintes de Pedro, muitos houve que disseram aos Apóstolos : — Irmãos, que havemos de fazer? Disse Pedro : — Penitencia. Seja cada um de vós baptisado em nome de Jesu-Christo para remissão dos vossos peccados, e recebereis então o dom do Espirito-Santo. Essa foi a promessa feita a vós e vossos filhos, assim como a todos os que o Senhor convocar dos confins da terra.

N'esse mesmo dia cerca de tres mil fôram logo baptisados; primeiro lanço da rêde do pescador de homens. E a esses novos sequazes de Christo, cujo numero augmentava a cada hora, o que os unia era uma grande caridade.

Iam no emtanto os Apóstolos amiudando milagres. Certo dia viram Pedro e João á porta do Templo um enfermo, côxo de nascença, a mendigar. Disse para elle Pedro : « Ouro ou prata não tenho eu; dou-te o que tenho : em nome de Jesus Nazareno, ergue-te e anda. » E ao

dizer isto levou-o pela mão, e o côxo caminhando, todo alegrias, entrou com elles para o Templo. Era homem de mais de quarenta annos, e de toda a gente conhecido. Viram-se os Apóstolos rodeados de immensa



Fig. 113. — Descida do Espirito-Santo. Miniatura da escola de Leonardo de Vinci, seculo xv. Bibliotheca Imperial de Vienna.

multidão. Fallou Pedro : « Porque heis de ter-nos a nós outros pelos autores verdadeiros da cura d'aquelle homem? O Deus de nossos Páis glorifica a Jesus seu filho, por vós renegado na presença de Pilatos,

quando o mesmo Pilatos entendia que o devia absolver. Renegastes o Santo, renegastes o Justo, e preferistes que vos fôsse entregue um homicida. Matastes o autor da vida; Deus porém ressuscitou-o; nós todos o podemos testificar. E elle foi, e só elle, quem pela fé no nome de Jesus deu cura a aquelle homem. »

Attribuindo á ignorancia o crime dos Judeus contra Jesus, persuadiu-os instantemente o Apóstolo a que abraçassem a fé, visto e haver sido a elles que Deus primeiro mandára o seu Filho.

Em quanto fallava, irados os sacerdotes e guardas do Templo, de ouvirem annunciar com tal desassombro a resurreição, sobrevieram e prenderam-n'o, mais a João tambem.

Até esse ponto, haviam os matadores de Jesus evitado ter trato algum com os Discipulos d'elle. Temiam acordar as memorias do Mestre, e julgavam que eram melhor desforço o esquecimento e o deprezo. O que passára no dia de Pentecostes, aquelle milagre novissimo, aquella segunda prédica no Templo, assim como o cariz da onda popular, obrigaram-n'os porém a mudar de systema.

Presos Pedro e João tiveram de comparecer no dia immediato á barra do mesmo tribunal onde fôra julgado o Senhor. Presidiam Annaz e Caiphaz. Perguntaram aos dois Apóstolos com que auctoridade, e em nome de quem, tinham curado aquelle enfermo. Respondeu Pedro: — Em nome de Jesu-Christo Senhor nosso, a quem vós pregastes n'uma cruz, sim, mas a quem Deus resuscitou. Só por elle pode advir a salvação, visto que só por intermedio d'elle é que Deus ordenou que fôssemos salvos.

Turbaram-se os juizes de Christo. Nem podiam negar a evidencia do milagre, nem podiam render-se. Pareceu-lhes o silencio o mais sensato. Cuidaram que homens de nada, ignorantes d'aquelle jaez, não resistiriam ás ameaças, prohibiram-lhes que de ora avante ensinassem ou sequer fallassem, por qualquer forma, em nome de Jesus. Retorquiram Pedro e João: — Julgae vós mesmos qual vale mais: se obeceder a vós, se a Deus. Quanto a nós, não podemos escurecer o que vimos e ouvimos.

Palavras essas, que devem figurar entre as que mais efficazmente contribuiram para a salvação da consciencia humana.

Redobraram os juizes as suas ameaças, e deixaram ir em paz aquelles renitentes. Foi esse o primeiro processo movido contra a Igreja; e o seu

triumpho celebrou-o a Igreja com um cantico admiravel, todo candente de poesia, e vibrante do enthusiasmo do mundo novo. Quem bem meditar no que então se cantava entre os homens, verá logo de que tempera não era a victoriosa geração que nascêra no Calvario :

« Senhor! quem fez o céo, a terra, o mar, e tudo que n'elles se contem, fostes vós.

« Vós dissestes pelo Espirito-Santo, e pela bocca de nosso pái David, servidor vosso : « Porque estremeceram os povos? porque meditaram vanidades as nações?

« Uniram-se os reis da terra, colligaram-se os magnates contra o Senhor e o seu Christo;

« Visto ser verdade que para damno de vosso santo Filho Jesus, vosso Christo, se colligaram n'esta mesma cidade Herodes e Poncio Pilatos, e os Gentios, e os povos de Israël,

« Para cumprirem o que em vosso poder e sabedoria decretáreis se cumprisse.

« E agora, Senhor, vede as ameaças d'elles, e concedei aos vossos servidores que possam ousadamente pregoar a vossa palavra.

« E estendei a vossa mão para espalhar curas, signaes, e milagres em nome de vosso Santo Filho Jesu-Christo. »

E depois de assim orarem, tremeu a casa em que estavam. Era assim que lhes Deus mostrava que ali estava sempre, e que sobrava o seu poder para derrubar, se assim conviesse, os Judeus e o mundo.

Cheios do Espirito-Santo, continuaram os Apóstolos a espalhar a palavra santa, como se de nada houvessem que recear-se. Feita esta segunda prégação cresceu a cerca de cinco mil o numero dos baptisados.

Era Pedro não somente o chefe espiritual, mas tambem o juiz, e até certo ponto o soberano, d'esta nacionalidade nova. Por milagres sem conta ia firmando a sua auctoridade. Collocavam-se enfermos ao longo dos caminhos publicos onde havia de passar, e a sombra d'elle bastava para lhes dar cura.

Bem conheceram os Principes dos Sacerdotes, e todos os partidarios da incredulidade, que eram mistér outras providencias para esmagarem a « seita de Jesus ». Mandaram prender outra vez os Apóstolos. Appareceu um Anjo aos encarcerados, abriu-lhes as portas, e disse-lhes : Ide, e prégae com affoiteza (fig. 114).

No dia seguinte, desde a abertura do Templo foram-se com effeito prégar na galeria de Salomão; onde tinham sido prezos depois da cura do côxo.

Achavam-se congregados os Juizes. Vieram dar-lhes parte de que tudo se achava em bom concerto no carcere, cerrados e bem velados os portões; que porém tinham desapparecido os encarcerados. E subíu de ponto o pasmo de todos, ao saber-se que os prezos estavam áquella mesma hora doutrinando em plena liberdade nas galerias do Templo. Mandaram-n'os buscar, porém sem violencia, com receio do pôvo.

Perguntou-lhes o Sacerdote magno como se atreviam, depois de tamanhas prohibições a pronunciarem ainda « aquelle certo nome »? E acrescentou : Inficionastes Jerusalem com as vossas doutrinas; quereis ainda por cima culpal-a da morte do tal *homem!*

Respondeu Pedro, pelos Apóstolos : « Temos que obeceder a Deus. O Deus de nossos páis ressuscitou Jesus, a quem vós crucificastes. E' elle o Principe e o Salvador, que o Senhor elevou para trazer a Israël a penitencia e a remissão dos peccados. E testemunha d'isso é o Espirito-Santo, que Deus deu aos que lhe obedecem. »

Conferiam os Juizes sobre os pretextos para infligirem pena de morte aos Apóstolos. Certo doutor phariseu, homem de respeitabilidade, por nome Gamaliel, professor de sagrada Escriptura, e ao diante convertido, persuadiu-os a que esperassem ainda. — A só vir d'esses homens a obra d'elles, por si mesma se ha de esvanecer; mas a vir de Deus, não ha destruil-a. E bem para temer é que vos estejaes oppondo vós a Deus!

E podiam taes palavras ser proferidas no mesmo tribunal onde se condemnára Jesus! e o mais é que venceram maioria, presidida pelo proprio Caiphaz! Já era mister que houvessem os milagres ressoado bem alto! Não obstante, mandou o conselho açoitar os Apóstolos, prohibindo-lhes outra vez que fallassem em Jesus. Alegres porém com estes primeiros opprobrios padecidos pelo nome do Mestre, continuaram elles na sua faina de o prégarem alto e bom som pelo Templo, e por toda a parte. Recresceram as conversões; organisou-se com maior violencia a perseguição.

Desde a Ascensão tinham os Apóstolos completado o seu numero de doze, com a juncção do discipulo Mathias, designado pela sorte para ficar em logar do Iscariotes. Depois, para se alliviarem dos cuidados materiaes



FIG. 114. — S. Pedro libertado da prisão por um Anjo. Fresco de Raphael no Vaticano. Seculo XVI.

da communidade, tinham instituido sete diaconos, escolhidos entre os Discipulos, e por elles eleitos. O primeiro diacono era um chamado Estevão, e tivera por mestre a Gamaliel.

Homem era esse cheio de fé, sciencia, e força, autor de grandes milagres. Tendo os Judeus gregos tido com elle controversias publicas, em

que fôram vencidos, accusaram-n'o de blasphemia, e arrastaram-n'o á presença do Conselho, levando por si testemunhas falsas. Mal appareceu Estevão ante os seus julgadores, deu-lhes na vista o rosto d'elle, que parecia rutilar como o de um Anjo. Interrogou-o o Summo Sacerdote, e elle defendeu-se. Foi magistral a sua oração. Demonstrou como os Judeus tinham perseguido sempre os Prophetas; e accrescentou que, fieis ao maligno espirito de seus passados, acabavam de matar Aquelle a quem os outros Prophetas tinham annunciado, o Messias, já prefigurado por Moisés. No mesmo discurso lhes dava não menos a entender, que das suas escolas brotava a intelligencia dos livros sagrados, e passava aos Discipulos de Jesus. Enfureceram-se. Mas em quanto o ameaçavam, elle, erguendo os olhos, exclamou em extase : « Já vejo abertos os céos, e avisto o Filho do Homem á mão direita de Deus! »

Não tardou que os membros do Conselho em grande voseria o arrastassem para fóra da cidade afim de ser lapidado. Conforme a lei, a primeira pedra deviam atiral-a as testemunhas. Para mostrarem que executavam á risca o julgamento, pôseram os seus vestidos aos pés de um moço doutor, tambem discipulo de Gamaliel, e que ali se achava como delegado dos juizes. Em quanto o iam apedrejando, ia Estevão bradando : « Senhor Jesus, acceitae a minha alma! » E ajoelhando accrescentou : « Senhor, não lhes imputeis este peccado! » E ao pronunciar taes palavras, morreu. Diz a Escriptura : *Adormeceu.* Foi o primeiro martyr, foi o primeiro que n'este mundo recebeu o cumprimento da primeira promessa feita por Jesus aos seus primeiros Discipulos : « Heis de ver aberto o céo. »

Podiam os Judeus consolar-se do seu novo crime, pensando que ao menos « a seita » não lograria substituir facilmente o homem tão cheio de sciencia, eloquencia, e ardôr, que se lhe roubava por aquella forma. Porém não conheciam os designios e o poder de Deus. Já era nascido o successor de Estevão; estava presente. Era aquelle mancebo doutor, a cujos pés tinham os carrascos de Estevão deposto as vestimentas, e que ali consentia na morte d'elle. Chamava-se então Saulo; um dia ha de chamar-se PAULO, e ha de ser aquelle, que em todas as linguas se ha de denominar por excellencia o APÓSTOLO.

Deu o martyrio de Santo Estevão rebate a uma perseguição desbragada. N'ella não se achou Saulo inactivo. « Exercia desusados estragos na

Igreja; entrava pelas casas, e aprehendia por força homens e mulheres. » Dispersaram-se todos os Discipulos; e os Apóstolos, se bem que mais



FIG. 115. — Santo Estevão com as pedras das sua lapidação. Gravura de Martinho Schœn, seculo XVI. Livr. do Sr Ambr. Firmin-Didot.

ameaçados, não desampararam Jerusalem, obedecendo n'isso ao mando de Jesu-Christo. De tanto encarniçamento de perseguições brotou o que o

mundo se habituou já a attribuir-lhes como resultados : isto é, a mais prompta diffusão do Evangelho. Quem se aproveitou do bem em primeira mão foi a Samaria. A exemplo do Mestre, quiz o diacono Philippe transpôr as fronteiras da nacionalidade judaica, e foi colher onde Jesus havia semeado. Ligados pela caridade, saíram de Jerusalem Pedro e João, para administrar, em nome do collegio apostolico, a todos os que Philippe baptisára, a confirmação, e a communicação dos dons do Espirito-Santo.

Foi então que despontou a primeira heresia, quasi ao mesmo tempo em que era coroado o primeiro martyr.

Como visse os milagres de Philippe certo Samaritano por nome Simão, dado a artes magicas, pediu e recebeu o baptismo. Ao presencear as graças novas que se seguiam á imposição das mãos, offereceu dinheiro aos Apóstolos para que lhe concedessem tambem o poder de communicar o Espirito-Santo. Respondeu Pedro : « Pereça comtigo o teu dinheiro, por teres pensado que se adquirem por dinheiro os dons de Deus ! Nada tens que desejar n'isto, pois não tens puro o coração. Faze portanto penitencia da tua impiedade, e talvez Deus venha ainda a perdoar-te. » Aterrado o magico, supplicou aos outros Apóstolos que intercedessem por elle, mas deixou-se permanecer emmaranhado no seu crime, buscando alcançar o dom de Deus, ou fingindo tel-o já alcançado, para tornar a vendel-o; caracter principal da heresia.

Os baptisados da Samaria, que era meio-judaica, figuravam como primicias da conquista, bem mais desenvolvida, que o Evangelho ia emprehender. Tinham os Prophètas annunciado que seria patente aos proprios Pagãos o reino de Deus; Jesus disséra : « Doutrinae as nações todas, e baptisae-as. » Segundo o ponto de vista humano, parecia irrealisavel chamar os Pagãos, sem comtudo lhes impôr ao mesmo tempo o judaismo todo, ou sem excluir do mesmo golpe todos os Judeus. Até então o Evangelho só fôra prégado aos filhos de Abrahão, e só os mais fervorosos o abraçavam. Libertavam-se de certas observancias pharisaicas, mantinham-se porém mais achegados á Lei. Nem lhes passava pela mente a possibilidade da abolição da circumcisão. Para elles era impuro quem não fosse circumcidado; nem se devia comer, nem beber, nem manter com esse tal a minima intimidade. Como se havia de derrubar tal barreira? impôr aos Gentios a circumcisão, e prival-os dos alimentos havidos como impuros! admittir ao gremio da Igreja, só

composta de Judeus fieis, homens cujo contacto bastava para os macular! Carecia-se aqui de revelação do alto. Nem essa faltou a Pedro.

Vivia em Cesarêa certo centurião da cohorte romana, chamado Cornelio; honrado varão. Sem ser circumcidado, tinha-se comtudo feito Judeu, tanto quanto o podia ser, porque já aquelle culto de Israël dava algum escaço alimento aos desejos do seu coração. Orava, dava esmolas, temia a Deus; e como elle, assim era a familia toda. Appareceu-lhe um Anjo, e disse-lhe : « Subiram á presença de Deus as tuas orações e a tua caridade. Enviarás logo á cidade de Joppe, e mandarás vir um homem chamado Simão (Pedro por sobrenome), morador em casa do correêiro Simão. O que te cumpre fazer, elle t'o dirá. » Foi logo para Joppe este recado de Cornelio.

Ao dia seguinte, estando já bem perto os emissarios de Cornelio, subiu Pedro ao terrado da casa para orar. Depois pediu de comer. Como continuasse a orar em quanto lhe preparavam a refeição, arrebatou-se em extase. E viu abrir-se de par em par o céo; e viu descer uma toalha vastissima apanhada aos quatro cantos, e contendo como n'um vaso toda a casta de animaes, e entre elles os chamados impuros e prohibidos pela lei. E ouviu o Apóstolo ao mesmo tempo uma voz a dizer-lhe : « Ergue-te, Pedro, mata, e come. » Volveu elle : « Não o farei, Senhor! Nada comi jamais que fôsse impuro. » E a voz replicou : « Ao que Deus purificou chamas impuro? » Tres vezes se renovou a mesma visão; findo o que, subiu ao céo a visão.

Aquelles animaes impuros e silvestres vinham ali figurar os Pagãos, maculados de impurezas, e sujeitos a toda a bruteza das paixões. Pareciam baixar do céo porque eram doados pelo Senhor a Pedro, a fim de serem por elle admittidos na Igreja. *Mata, e come;* isto é : Começa de ora avante vida nova, e encorpora-a na tua unidade.

Não atinou Pedro para logo com o sentido. Em quanto meditava no significado da visão, batiam-lhe ao portal os delegados de Cornelio, e o Espirito lhe segredava : « Vae sem temor encontrar-te com aquelles homens; quem t'os enviou fui eu. » Recebeu pois os mensageiros, e seguiu traz elles Pedro, servo dos servos de Deus. Iam tambem alguns dos seus confrades. Pedro só caminha de concerto com elles, e nada cumpre sem testemunhas; o que diz e o que faz, na sua qualidade de chefe da Igreja, serve de lição e exemplo ao mundo.

Estava Cornelio á espera d'elle. Desde que viu a Pedro, deitou-se-lhe aos pés. Fel-o Pedro erguer sem mais demora, e entraram na poisada. Bem sabeis, disse elle então para Cornelio, o odio que teem os Judeus ao trato com forasteiros; porem quiz Deus ensinar-me que a nenhum homem devo reputar impuro. Dizei-me, que pretendeis de mim?

Cornelio, acompanhado dos seus parentes e melhores amigos, narrou o que lhe disséra o Anjo; e acrescentou : Á vossa presença somos vindos para que nos digaes o que o Senhor vos ordenou que nos communicasseis.

Pedro, pasmando da mercê que Deus fizera aos homens com annunciar-lhes a paz em Jesu-Christo, Senhor e Salvador, entrou logo a doutrinar aquelles Gentios tão milagrosamente convocados. Em quanto fallava, desceu o Espirito-Santo sobre todos os presentes. Com grande espanto dos fieis circumcidados, poseram-se todos a fallar as linguas, e a glorificar a Deus. Disse Pedro aos companheiros : « Quem poderá negar o baptismo aos que receberam o Espirito-Santo? » E deu ordem para que todos fôssem baptisados em nome de Jesus.

Ao tornar-se para Jerusalem, não faltaram ao Apóstolo recriminações, por ter entrado em casa de gente não circumcidada, e ter comido com ella. Contou elle então tudo que lhe succedêra. « Logo que vi (concluiu) que sobre aquelles Gentios baixava o Espirito-Santo, assim como primeiro baixára sobre nós, recordei-me d'aquellas palavras do Senhor : *João baptisou na agua; vós outros heis de ser baptisados no Espirito-Santo.* Visto pois que lhes Deus conferia a graça de que nos julgára dignos, quem era eu para me oppôr a Deus? » Taes phrases, e a reconhecida auctoridade de Pedro, que recebêra as chaves para fechar e abrir, apasiguaram os escrupulos judaicos. Alegraram-se os murmuradores, e disseram : Glorificado seja Deus! até aos estrangeiros concedeu a graça da penitencia, para lhes dar a vida!

OS APÓSTOLOS. — PAULO.

Começava já a derruir-se o muro de separação. Pedro, escolhido para o impulso primeiro, abrira brecha larga. Já estremecia na mão de Jesu-Christo o aríete que havia de concluir a grande obra.

Desde a morte de Estevão, tinha Saulo proseguido ardentemente na

perseguição dos fieis. Era Phariseu de estirpe, homem douto, eloquente, ambicioso talvez; timbrava em ostentar-se para com as tradições mais zeloso ainda que os da sua escola. Como nascêra em Tarso, pertencia sem duvida á synagoga dos hellenistas, em cuja cólera contra as polemicas victoriosas de Santo Estevão se tinham accezo as perseguições primeiras, d'onde jorrara tanto sangue. Annuira Saulo ao supplicio de Estevão,



Fig. 116. — Saulo, indo para Damasco perseguir os christãos é derrubado do seu cavallo pela mão do Senhor. Converte-se e torna-se S. Paulo. — Cartão de Raphael em Hampton-Court (Inglaterra).

entrára n'elle. E apesar de tudo, subíra ao céo a interceder por Saulo uma prece do martyr.

Ao cabo de um anno « respirando só ameaças de morte contra os Discipulos de Jesu-Christo », e não satisfeito com ter contribuido para a sua expulsão de Jerusalem, pediu ao Summo Sacerdote escrevesse ás Synagogas de Damasco para machinarem a prisão dos que n'aquella cidade se encontrassem.

Ia a caminho, e já nas cercanias de Damasco. Viu-se envolvido a subitas n'uma luz prodigiosa, foi derrubado ao chão, e ouviu uma voz que lhe perguntava : « Saulo, Saulo, a que vem perseguires-me? » E exclamou Saulo : — Senhor, quem sois? E respondeu o Senhor : « Sou Jesus, esse mesmo a quem persegues de morte; mal te vae, Saulo, n'esse recalcitrar

contra o aguilhão. » N'aquellas palavras já entreluz a graça que o trabalhava. Não houve resistir. — Senhor, balbuciou elle, que mandaes que eu faça? Respondeu o Senhor: « Ergue-te, e entra na cidade. »

Os companheiros tinham ouvido a voz, sem verem a pessoa alguma. Saulo, esse vira o rosto luminoso e o glorificado vulto do Salvadôr. Áquelle resplendor, cerrara os olhos; e ao tornal-os a abrir, fugira-lhe a vista. Leveram-n'o pela mão os companheiros, e conduziram-n'o até Damasco. Tres dias a fio nem bebeu nem comeu, e os olhos permaneciam-lhe sem luz.

Ao terceiro dia um discipulo (Ananias se chamava) ouviu o Senhor a bradar-lhe : « Vae-te á rua Direita, a casa de Judas; pergunta lá por um chamado Saulo de Tarso, que n'este momento se acha absorto na oração. » E via Saulo em espirito um homem chamado Ananias, que lhe impunha as mãos para lhe restituir a vista.

Comtudo Ananias respondeu : — Constou-me, Senhor, que bem cruelmente perseguiu esse homem aos vossos santos em Jerusalem; e até se diz que tem delegação dos Principes e dos Sacerdotes para prender aqui a todos os que invocarem o vosso santo nome.

Mas o Senhõr disse-lhe : « Vae. Esse mesmo o escolhi eu para espalhar o meu nome á presença dos Gentios, dos Reis, e dos filhos de Israël. »

Compareceu Ananias sem detença perante o perseguidor, e impôz-lhe as mãos, dizendo : — Saulo irmão, o proprio Senhor Jesus, que te appareceu na estrada, me enviou a ti, afim de recobrares a vista, e ficares cheio do Espirito-Santo.

Caíram logo umas como escamas dos olhos de Saulo. Viu, ergueu-se, foi baptisado; e, passados alguns dias com os Discipulos em Damasco, entrou affoito ás Synagogas, pregoando que Jesus era Filho de Deus. Feita essa confissão publica, apartou-se para o ermo, só por só (digamol-o assim) com aquelle mesmo Jesus que o convertêra e o doutrinava. Ali se ficou varios annos, n'uma especie de eremitorio, odiadissimo dos Judeus, e supeitoso ainda a grande numero de fieis. Só se tornou para Jerusalem ao cabo de tres annos, para se avistar com Pedro, e fez curta permanencia. Ainda ninguem rastreava o quanto valia a sua virtude, e muito menos o seu genio; ninguem (nem elle proprio) antevia ainda a sua vocação especial para a cathechese dos Pagãos. Foi em Antiochia que entrou a revelar-se; ahi regia S. Barnabé, seu condiscipulo na escola de Gamaliel,

uma igreja quasi toda formada de Pagãos convertidos. Não tardou que florescesse esta igreja ao par da de Jerusalem. Foi em Antiochia que os fieis, acceitando o apódo popular, se dominaram Christãos.

Aquella conversão e instrucção de S. Paulo, devidas á visivel intervenção de Jesu-Christo, são a obra derradeira operada (por que assim o digamos) pela pessôa do Senhor. Esse milagre, mais espantoso que uma resurreição, dotou a Igreja com o mais alto dos seus doutores, e com a mais irrecusavel das suas testemunhas. Nada pode a intelligencia oppôr ao testemunho de S. Paulo quanto á plena verdade da historia evangelica. Não é elle um simples ou um boçal, a quem lograssem embahir prodigios ficticios, ou a quem subjugasse a influencia e o predominio de uma natureza superior; não é homem que desse creditos a atoardas longinquas; nem é philosopho, a quem as seducções do pensamento levassem a engenhar um mytho para tornar acceitaveis ao mundo as suas ideias pessoaes. E' um contemporaneo, um sabio, um doutor da lei, um phariseu, um inimigo. Resistiu aos milagres e á palavra ingenua e cordeal de Pedro, ao saber e á facundia de Estevão, aos desmandos do seu proprio coração, tão generoso e grande. Nem sangue de martyres, nem lagrimas e virtudes de fieis bastaram a convertel-o, a movel-o sequer. Humanamente, nada lucrava, e tudo podia perder, tornando-se christão. Mas vê-se uma vez derribado n' uma vertigem, a belleza gloriosa de Jesus atravessa-lhe ante os olhos como relampago, fica sabendo o que desejava ignorar, ergue-se em tudo outro do que fôra, e alista-se nas fileiras d'aquelles mesmos a quem forcejava proscrever.

Inventaram-se palavras para explicar as revoluções intimas do genero da de Paulo, presenceadas no correr dos séculos por todos os povos. Chamou-se-lhes assomos de delirio, febre, « allucinação ». — Julgou Paulo ter visto passar um relampago, creu que lhe sorria a face de Jesus; em algum rumor de trovoada figurou-se-lhe que ouvia a voz de Deus; pensou aprender n' um relance o que aliás já sabia. E assim se dá conta da conversão do Apóstolo, da sua vida, das suas tarefas, da sua doutrina, do seu martyrio, sem ter que o acoimar de menos sincero.

O que vale é ser tão nossa conhecida a figura de S. Paulo. Perante aquella estatura collossal não é licito prostituir-se a rasão até baixezas humilhantes, que de todo a obcecam. Se Jesu-Christo não tivesse vivído,

não tivesse morrido, e não tivesse resuscitado; se não fosse elle Filho de Maria, Filho de David, Filho de Deus; se não houvessem conseguido os doutos de Israel reconhecer na pessoa d'elle, em todos os pormenores, o Messias prophetisado nas Escripturas; se não tivesse sido elle o homem e o Deus que o Evangelho nos apresenta, pouco avultaria ao animo de S. Paulo aquelle subitaneo do raio, ou (se assim preferirem) da allucinação, que o salteou no caminho de Damasco. Tres annos de quasi completo ermo, sob a duplice oppressão dos odios furiosos dos Judeus, e da longa desconfiança dos christãos, haver-lhe hiam dado tempo de sobra para caír em si; e os primeiros tentames das improbas tarefas apostolicas lhe haveriam restituido todo o sangue frio e prudencia. Nunca, segundo a natureza, foi branda a vida apostolica; nunca foi tão aspera de soffrer como n'aquelles primeiros annos; e a ninguem coube mais em cheio e mais pesada do que a S. Paulo.

A Ananias disséra o Senhor, ao envial-o a Saulo: *Eu lhe evidenciarei quanto lhe cabe padecer por honra do meu nome.*

Ao tempo em que S. Paulo escrevia a sua epistola segunda aos Corinthios, cerca do anno 57, uns dez annos antes de morrer, já cinco vezes fôra flagellado pelos Judeus, e tres pelos Romanos, supplicios muita vez mortaes. Em Lystra o lapidaram os Judeus, e o deixaram por morto. Naufragára por tres occasiões. Antes de o degolarem, agrilhoaram-n'o e encarceraram-n'o sete vezes. « Peregrinei muito, corri perigos nos rios, perigos de salteadores, perigos da parte dos meus conterraneos, perigos da parte dos Gentios, perigos na cidade, perigos no ermo, perigos no mar, perigos de irmãos traiçoeiros. Curti afflicções, dôres, vigilias, fome, sede, jejuns, frio, e nudez. Além d'esses males externos, curti as dores da alma. » Pois foi esse viver alanceado, o que escolhêra o homem designado para subir ao alto logar de chefe da poderosa facção dos Phariseus. Começou essa vida logo que Jesu-Christo lhe mandou dizer por Ananias, que ainda lhe havia de mostrar quanto havia de padecer em seu nome.

N'esse viver, porém, n'essa longa serie de fadigas, angustias, separações, e tormentos, e presenceando de muito perto este mundo diabolico, onde successivamente viu dominarem Caligula, Claudio, e Néro, o que mais abundava no coração de Paulo era paz, esperança, alegria. Elle proprio o confessa, em termos onde transparecem todos os jubilos da



Fig. 117. — S. Paulo prégando em Athenas. Do alto dc um terrado sobre degráus falla o Apóstolo ao povo agrupado em volta. A' porta de um templo, á mão direita, campeia a estatua de Marte. — Gravura de Marco Antonio, segundo um cartão de Raphael. Seculo xvi.

consciencia. Quatro vezes, pelo menos, desde a apparição em Damasco, lhe trouxe a entidade visivel de Jesu-Christo os balsamos da cruz, a paz dos perseguidos, a esperança dos condemnados, a alegria dos desamparados. De uma vez raptou-o o extase á presença do Filho do Homem já coroado no céo, á visinhança immediata de Deus; e ouviu então o que linguas terrestres não saberiam expressar. E de tal modo era cheio de Deus e de amôr divino, que poude exclamar : « Já não vivo, Jesu-Christo é quem vive em mim. »

E o viver Jesu-Christo dentro n'elle, revelava-o bem a prudencia do seu porte, a sua doçura, e a sua caridade, bem maiores ainda que o seu genio. Foi elle quem derramou luz sobre os arcanos da Graça, da Predestinação, da Encarnação do Verbo, da vocação dos Gentios, das origens e effeitos dos sacramentos capitaes, da nova alliança e do novo sacerdocio, da abrogação da Lei, e da nossa liberdade em Jesu-Christo; elle quem veio espalhar todos esses clarões com prudencia igual á sua vigilancia, e sempre humilde, e sempre bondoso de coração. Celebraram-n'o todos os grandes doutrinadores da Igreja; e Deus ainda mais o louvou. Quiz que um tal modelo do novo sacerdote, e do novo homem, fôsse pessoal e particularmente conhecido do genero humano. Aquelle livro dos Actos dos Apóstolos, já algures denominado quinto Evangelho, foi inspirado no intuito de fortalecer os direitos do Apostolado, attestar o principado de Pedro, e deixar-nos para sempre a historia e o retrato de Paulo, apóstolo das nações, eleito, conquistado, e formado pelo Senhor.

Morreu S. Paulo em Roma no anno 67 de Christo, com uns sessenta e sete de idade. Degolaram-n'o na estrada de Ostia; estrada principal por onde o mundo entrava em Roma, já capital da Igreja catholica, pela permanencia de Pedro.

Foi no mesmo anno (talvez no mesmo dia) que os mesmos carrascos o amarraram á cruz. Tinha-o Deus libertado da mão dos Judeus para que viesse a Roma, e para que em Roma lançasse raizes a arvore da cruz.

Foi pois em Roma o segundo Calvario e a segunda cruz. Plantaram-n'a no Vaticano, monticulo onde verdejavam jardins de Néro, solo já profundamente regado de sangue christão. Ali mesmo tinham sido christãos vestidos de pelles de bestas feras atirados a cães de fila, ao passo que outros, envoltos em pêz ardiam acorrentados, tochas vivas

a allumiarem os passatempos do Imperador. Tinha Néro por ilhargas habituaes adivinhos e magicos judeus, que ligavam a elle as suas esperanças do Messias. Poppêa, a imperatriz, era proselyta. A influencia d'ella não deixava de ter parte nas perseguições. Crucificaram a Pedro por um modo singular : aquelles pés, que outr'ora Christo se não dedignara de lavar, fôram voltados para cima, e a cabeça para baixo, como se assim houvesse de caír-lhe a corôa. N'esse mesmo Vaticano ergue-se hoje a basilica dedicada ao principe dos Apóstolos; lá reside, ha já para mais de dezoito seculos, o seu ducentesimo quinquagesimo quarto successôr. — Tu és Pedro; e sobre essa pedra hei de edificar a minha Igreja; e contra ella não hão de prevalecer as portas do inferno.

OS APÓSTOLOS. — JOÃO.

Já varios Apóstolos haviam padecido o martyrio. Thiago, filho de Zebedeu, e Thiago, filho de Alpheu, eram mortos em Jerusalem; aquelle, por ordem do poder politico; este, por instigação do principe dos sacerdotes. André, irmão de Pedro, fôra-se a evangelisar na Scythia, e estava para ser crucificado na Acháia. E os mais esperavam todos o mesmo premio nas missões longinquas por onde o zêlo os dispersára. Com quanto o fim de todos elles não conste muito ao certo, é licito crer que (a não ser João, que falleceu de morte natural, depois de vencer o martyrio) todos tributassem a Jesus o testemunho do proprio sangue !

Entrando Mathias, que foi chamado por sorteio, Barnabé, eleito pelos Apóstolos, e Paulo, arrastado de vocação directa e particular, contam-se quatorze Apóstolos. D'esses quatorze, especialmente convocados e especialmente enviados por Jesu-Christo, só restava João, quarenta annos depois da morte do Salvador; era o unico ainda vivo; pelo menos o unico evidente no vasto circulo da civilisação romana.

Estabelecêra-se em Epheso, que era centro de grande actividade intellectual. Dir-se-hia que para o irrequieto espirito dos Gregos era o Christianismo um como acúleo, que os impellia para o mundo das subtilezas e chimeras; brotavam systemas variados, tecidos de paganismo e judaismo, mal recobertos de christianismo, apostados em negar a realidade divina e humana de Jesu-Christo, e apagar-lhe de todo a moral e

a revelação. Era pois necessaria em Epheso a vigilancia de um Apóstolo; e nenhum mais de molde que João, aquelle que descançára a fronte no peito do Salvador, e fôra depois o companheiro e amigo intimo de S. Pedro. Traços ha na vida de S. João, que bem nos pintam os quilates da sua caridade, e da sua firmeza. Exhausto pelos annos, impossibilitado de prégar, mandava que o transportassem ás assemblêas dos fieis, e repetia : « Meus queridos filhos, amae-vos reciprocamente; porque n'isso é que está tudo. » O vigor e efficacia do seu apostolar attesta-os a força da perseguição que lhe moveram os pagãos. Levado a Roma em tempo de Domiciano, mergulharam-n'o em azeite a ferver; e como saísse são e salvo de tal supplicio, foi desterrado para a ilha de Pathmos até sobrevir a morte do seu perseguidor. No captiveiro, ou pouco depois, escreveu o Apocalypse, livro cheio de mysteriosa belleza, sempre luminoso e

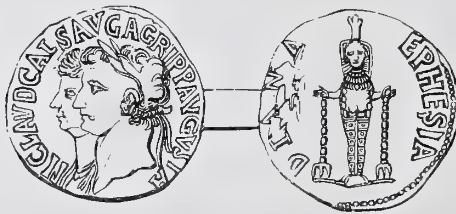


FIG. 118. — Figura do idolo de Diana de Epheso. No verso as cabeças do imperador Claudio e da imperatriz Agripinna. Medalha publicada por Ackermann.

sempre escuro, d'onde brotam caudaes inexhauriveis de doutrina e prophecia, e que, apesar de interrogado de continuo, guarda para si o seu mysterio, e só concede a sua verdade.

E' o Apocalypse a prophecia perpetua dos destinos da Igreja, o quadro divino do governo e poder de Jesu-Christo, e é ainda mais : um cantico de triumpho. E' o grito dos martyres, que vão conquistando o mundo para o Filho de Deus. Ahi narra o Apóstolo-Propheta as campaes batalhas que ha de empenhar Satanaz; e celebra o desabamento do imperio d'elle, quando para sempre se reputar senhor : « E eu, João, vi a cidade santa, a nova Jerusalem, que provinha de Deus, e que descia lá do céo, arraiada como esposa em dia de noivado. E não haverá maldições, senão que avultará o throno de Deus e do Cordeiro, e seus servos o servirão. E verão seu rosto, e estará em suas testas escrito o seu nome. E não haverá ali mais noite; nem haverão mistér de luz de lampada nem de luz de sol, porque o Senhor Deus ha de allumial-os, e para todo

sempre reinarão. Bemaventurados os que lavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro, afim de poderem vir a gosar da arvore da vida, e entrar na cidade pelas portas! De fora estarão os cães, os envenenadores, os impudicos, os homicidas, os idolatras, e todo o que usar mentira! Eu Jesus (disse Christo) enviei o meu Anjo para vos testificar tudo isto nas Igrejas. Eu sou a raiz e a descendencia de David, sou a resplandecente estrella da manhã. E o Espirito e a Esposa dizem: Vinde! E quem ouve, diga tambem: Vinde! E quem tiver sêde, venha! e quem quizer, de graça pode receber a agua da vida! Amen! Vinde, Senhor Jesus! »

E assim foi que o Apóstolo, em ferros de Domiciano, respondia a quem por aquella forma e a seu talante derramava em ondas sangue de martyres. Condecorava-se Domiciano com o titulo de deus, e de todos o exigia, quer de viva voz, quer por escrito. Mandava pôr a sua propria estatua no sanctuario mais recondito dos templos, e no cabeçalho dos seus decretos escrevia: « Manda o deus nosso senhor. » A Domiciano obedecia o mundo inteiro. Morriam os christãos. Lavavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro, no seu proprio sangue, afim de entrarem « pelas portas » (segundo a doutrina dos Apóstolos) na cidade vedada aos idólatras, aos impudícos, e aos embusteiros. Desde Estevão até áquelle periodo da historia evangelica, que de sangue não corrêra já, para attestar aquelle dito de Jesus: « *Confiae, que eu venci o mundo!* » E João escreveu isto: « Quem provier de Deus vencerá o mundo; e o que vence o mundo é a nossa fé. »

Pouco depois de ter publicado o Apocalypse, deu o Apóstolo á luz o seu Evangelho. Já os outros tres Evangelistas eram conhecidos. Fôra Matheus o primeiro que escrevêra o que tinha presenceado; Marcos, discipulo e companheiro de Pedro, pôz a limpo o que a seu mestre escutara; Lucas, discipulo e companheiro fiel de Paulo, o que do grande Apóstolo em pessôa lhe tinha chegado, e das fidedignas testemunhas que tanta vez lhe coube inquirir. A rogo dos padres e dos fieis, e proximo ao despedir da vida, escreveu João por sua vez afim de mostrar que « é Jesu-Christo filho de Deus, e que todos os que em Jesus acreditarem alcançam a vida eterna. » Sem fallar, nem por longe, nos hereges, já então versados em propalar doutrinas erroneas quanto á pessoa e caracter divino do Salvador, pôz peito em refutal-os. E ao mesmo tempo confirmava e completava os Evangelhos anteriores.

Isaïas, mimoseado com a visão mais alta, de quantas fôram concedidas aos Santos da antiga Lei, viu « o Senhor sentado n'um throno elevado e sublime; o as suas vestes soberanas como que enchiam o recinto do Templo, que todo na magestade divina resplendia. » Referindo o que n'essa visão ouvira Isaïas, applica João ao proprio Jesus estas palavras : « *Viu Isaïas a gloria d'elle, e d'elle mesmo fallou.* » Esse é que é, segundo os Santos Padres, o assumpto do Evangelho de S. João. Os outros evangelistas reportam-se com mais insistencia á humanidade de Christo ; a João coube especialmente ser o evangelista da divindade d'elle. Leão, homem, e toiro, symbolos dos outros, caminham sobre a terra, por isso que esses evangelistas o que mais nos ensinam é o que Jesus fez como homem, e esmeram-se em colligir os preceitos por elle deixados aos que vergamos sob o fardo da carne. Quanto a João, a sua figura é a aguia. Ergue o vôo bem mais alto que a humana fraqueza; paira por sobre todos os pincaros, ala-se para alêm de todo o creado, para conseguir aproximar-se d'Aquelle que tudo creou; e é no rutilante disco d'esse sol das immutaveis verdades, que vae fitar os olhos. Chega S. Chrysostomo a affirmar que muita coisa aprenderam os Anjos pela revelação de S. João.

Foi-lhe dado a elle perscrutar o mysterio da divindade de Christo, em virtude da qual fica o Filho em tudo igual ao Padre. E' o mesmo evangelista quem vem communicar esses clarões ao entendimento humano, tanto quanto os elle pode receber. Á maneira de Isaïas, viu elle tambem o Senhor no seu elevado throno, visto haver avistado a Jesus no solio da sua divindade. Viu o Templo, que é o universo, animado e resplandecente da magestade de Deus, e é isso que expressa ao dizer que tudo por elle foi creado, e que nada o foi sem elle, e que a luz d'elle allumia a todo o homem que a este mundo vem. Viu assombreado o Templo de Deus, isto é a Igreja, com o mysterio da sua humanidade : « E o Verbo se fez carne, e nós presenceámos a gloria d'elle, Filho unico do Pái commum, cheio de graça e verdade. » Por aqui se vê que na visão de Isaïas se contem a materia toda do Evangelho de João. Fallar assim um barbaro, um homem sem cultura, continua S. João Chrysostomo, dizer por essa forma o que nunca jamais tinham escutado ouvidos humanos, n'isso já vae grande milagre; mas o que mais vem comprovar a inspiração divina, é que todas as gentes, em todas as edades, attingem e acceitam as verdades que ali se revelam. D'onde procede n'elle essa virtude ? E' que elle só dis-

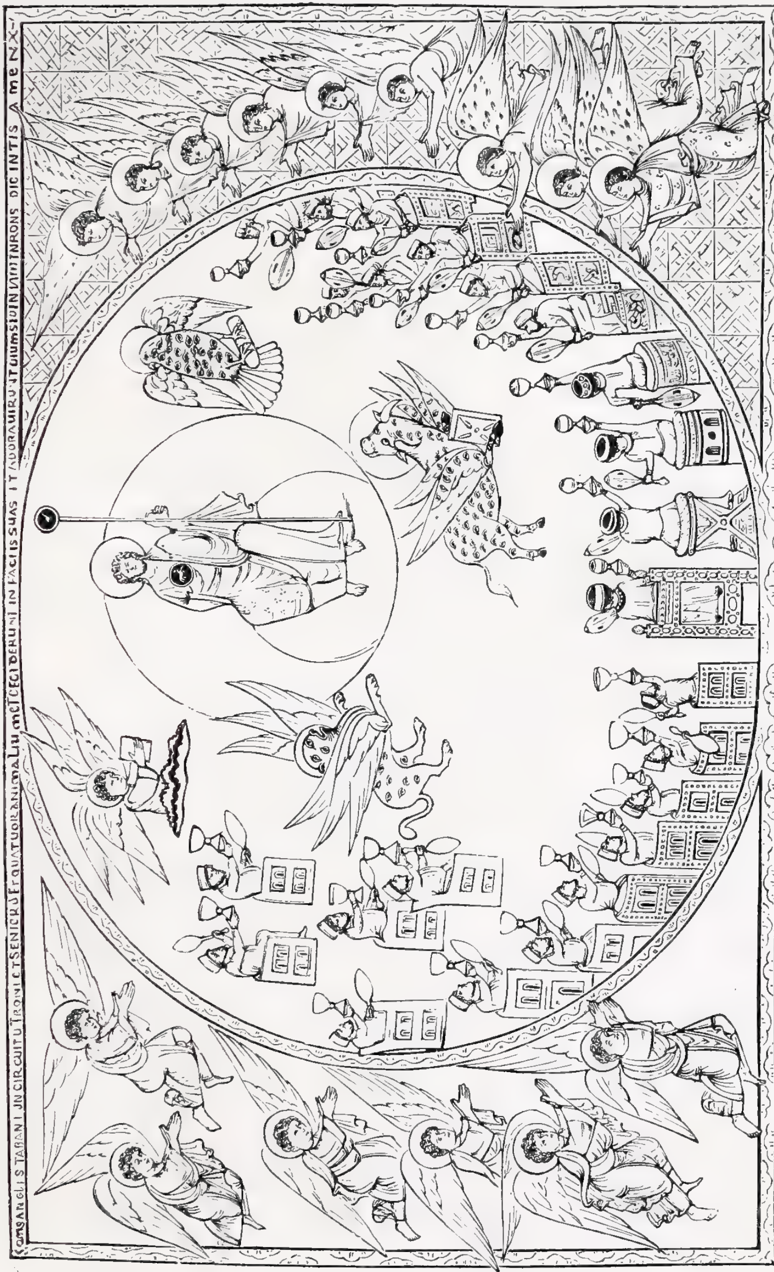


Fig. 119. — Visão de S. João no Apocalypse. Deus apparece no seu throno. Vinte e quatro anciãos trajados de branco, representando a turba dos eleitos, e os quatro animaes evangelicos cheios de olhos, celebram os louvores de Deus. Os anciãos seguram n'uma das mãos um instrumento musico, e na outra uma taça de perfumes figurando as orações dos santos. Associam-se os Anjos á alegria dos eleitos. — Miniatura do seculo VIII, reproduzida segundo vem na grande obra do Sr Conde de Bastard.

tribue (explica o bispo de Hippona) o que por suas mãos colheu. No proprio Evangelho diz o Espirito-Santo que durante a ceia poisou João a cabeça no seio do Senhor. Ia inspirar-se mysteriosamente áquella fonte, e o que do fundo do mysterio conseguiu haurir, derrama-o solemnemente sobre o mundo.

Cerra-se o século de Jesu-Christo com este milagre do Evangelho de S. João. E' a derradeira dadiva d'aquella era da graça; por elle ficam ressoando uns ecchos ultimos e sempre vivos da palavra que o motivou; ou antes : essa palavra mesma é que para todo sempre se mantem luminosa e fecunda. Illezo de todos os insultos colloca, e bem alto, o conhecimento de Deus, o amôr de Deus para com os homens, a obrigação que aos homens incumbe de servirem a Deus, e de mutuamente se quererem bem, obrigação, que só podem cumprir seguindo a Jesu-Christo. Nos impetos com que o espirito de negação se esforça por derrubar o christianismo, sempre as investidas mais ardentes e subtís foram contra o Evangelho de S. João. Em vão, para sempre em vão! Bem poderão abalar algum espirito fraco; a consciencia do genero humano, essa é que elles não demovem. E' o proprio S. João quem nos dá a conhecer o porquê : Escrevi, nos diz elle, « afim de vos fazer acreditar em que Jesu-Christo é Deus, e afim de que essa crença vos seja vida. »

OS SANTOS. — O CHEFE DA IGREJA.

Outra coisa não é a Igreja catholica, senão Jesu-Christo continuado pela acção permanente do Espirito Santo; cifra-se a historia da Igreja na dos Santos, isto é na d'aquelles homens, que, segundo a expressão de S. Paulo, querem viver em Jesu-Christo e em quem Jesu-Christo vive. E' a Igreja a sociedade dos Santos. Desde que nasceu do Homem-Deus, e se aviventou do espirito d'elle, só ella em verdade existe na terra; os seus membros são os unicos que em realidade vivem, pois encetam a vida eterna. Tudo se faz em seu favor ou seu damno com tão duradoiro empenho, como tem de ser duradoira a sua existencia terreal. O bem é ella; o mal só existe para lhe mover guerra; e move-lh'a por uma continua parodia.

Tudo que a Igreja realisa, logo o mal o acoima de máu, absurdo, funesto; e ao passo que a insulta, forceja imital-a. Tem dogmas seus, disciplina sua, culto seu, que tudo é a porfiada negação e contrafacção servil dos dogmas, da disciplina, e do culto do catholicismo. Artigos de fé, sacrificios, devoções particulares, nada falta; e até, e muito principalmente, tem tambem os seus Santos. E' n'isso que as religiões humanas se tornam

mais assiduamente plagiarias da religião divina e universal. E a rasão é clara, posto que a desconheçam em geral os mesmos que a põem por obra, visto ser o alvo infernal d'aquellas religiões supprimirem Deus em proveito do homem, e fazerem do homem um deus sem Deus. Ellas tambem obedecem a um *espirito*.

Os sectarios, os indifferentes, os incredulos, teem pois tambem os seus Santos, a quem denominam grandes homens, e a quem expõem á veneração publica pelas avenidas e encrusilhadas. A um tal pantheismo consagraram os seus pantheons. E d'est' arte se ficam honrando merecimentos meramente humanos. Mais de uma vez se tem visto decretadas estatuas a verdadeiros Santos, que ainda não tinham sido grandes homens, e que de repente o ficam sendo, graças a um Decreto civil, e graças aos seus talentos ou á sua provada notoriedade. Da virtude não se trata. Se da virtude houvesse de tratar-se, deveriam pedir-se á Igreja certos nomes já pela mão d'ella aureolados.

A Igreja pede provanças mui diversas; não vae venerar dotes intellectuaes, descobrimentos na sciencia, triumphos artisticos, victorias da politica ou da guerra; não. O que a desvela é a glorificação de Deus, e no que faz glorifica deveras a humanidade, visto que, sem attender ao fortuito do talento, ou ao bom exito do trabalho, só corôa a força e belleza da alma. E como a causa dos seus premios é mais legitima, o brilho d'elles é incomparavelmente maior. Ante o nome dos seus Santos, derrubam-se todas as fronteiras de espaço e tempo; a popularidade d'elles, nada a iguala. Para o povo, isto é para a quasi totalidade dos homens, apenas dois ou tres nomes, e não mais, sobrenadam de toda a antiguidade. Falla-se entre o povo acerca de Alexandre, ou César, symbolos da força; mas quem fallou jamais de Platão, Socrates, Aristoteles, Cicero, Virgilio, ou Augusto? E não ha um camponez catholico, que deixe de saber perfeitamente quem fôram S. Pedro, S. Paulo, Santo Agostinho, S. Luiz, S. Vicente de Paula, e tantos mais, em tão diversas idades e regiões. Em todas as latitudes podem os olhos dos fieis avistar aquellas estrellas humanas divinisadas. O camponez bretão celebra a festa de Santa Rosa de Lima e de Santa Thereza; põe a suas filhas o nome d'essas virgens, que nem são da sua terra, nem da sua raça; e o Indio dos Andes, e o selvagem baptisado hontem nas aguas do mar de Gelo, dirigem ao mesmo tempo as suas preces a Santa Genoveva ou a S. Luiz. Não ha muito que o Summo Pontifice inscreveu

na lista dos heroes do Evangelho o nome de uma pobre pastorinha desvalida, Germana Cousin, que ha dois seculos viveu em França, n'um casal, e que falleceu sem ter feito mais que apascentar umas ovelhas, e orar a Deus. Pois ha de chegar bem mais longe o nome de Germana Cousin que o dos gloriosos do mundo. Ha de a sua imagem ser conservada com respeito na sua patria, e longe da sua patria, em humildes choças onde ninguem ha de fallar sequer em Alexandre, em Cesar, ou em Napoleão. E não ha de ser só conhecida : ha de tambem ser imitada. Almas virão, cheias de humildade e grandeza, que hão de tomal-a para exemplo, invocal-a para auxilio, desejar, como ella, ser gratas a Deus, e como ella tornar-se vasos de fé, pureza, e caridade. Tal é o condão do culto dos Santos : honrar merecimentos bem superiores aos dotes do genio e do acaso, e constituil-os ao mesmo tempo accessiveis a quem quer que sinceramente os deseja adquirir. Assim é que este culto dos Santos, nascido com a Igreja, se vae perpetuando para salvação do mundo, sem que possam contrastal-o os impetos da perversidade, nem substituil-o a impotente inveja da sabedoria e virtude puramente humanas.

Ao reunirmos alguns relances historicos acerca do notabilissimo papel que representa a Igreja, autora e proclamadora de Santos, devemos ser mais extensos pelo que respeita ao primeiro e maior dos Pontifices, áquelle d'entre todos os mortaes, e quem Deus mais efficaz e visivelmente communicou o privilegio da sua immortalidade, áquelle emfim, que ha de ser sempre o chefe da nossa Igreja, e o VIGARIO DE JESU-CHRISTO.

A S. Pedro, primaz dos Apóstolos cabe não menos o titulo de primaz dos Santos. Foi eleito por Jesu-Christo para alicerce da Igreja, e foi adestrado pelo Mestre nas virtudes que iam constituir o caracter da humanidade regenerada; com aquellas virtudes novas recebeu a investidura n'um poder novo e essencialmente divino, que não tocára antes d'elle aos Justos mais valídos de Deus. É S. Pedro o modêlo dos crentes, dos penitentes, dos apóstolos, dos doutores, dos pontifices, dos martyres; todo o genero de palmas abrange a sua mão; possue a sabedoria summa para ensinar, o poder superno para condemnar e absolver; guarda as chaves do céo; e a elle é que a humanidade deve dizer o que elle proprio dizia ao Salvador dos homens : *As palavras da vida eterna, tendel-as vós.*

Por mandado do seu Mestre, emprehendeu S. Pedro a mais espantosa

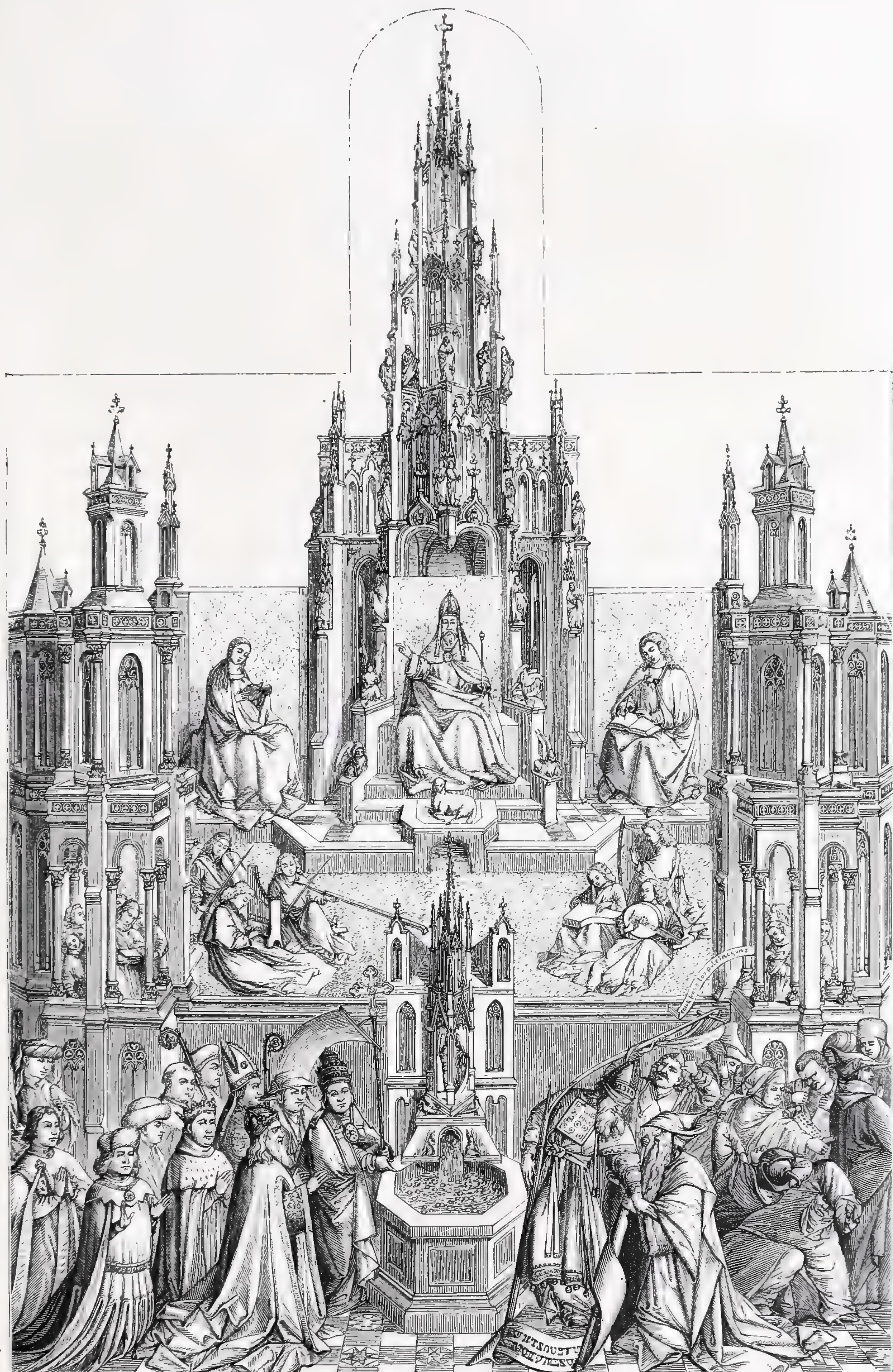


Fig. 120. — A fonte da Vida, quadro de João Van-Eyck, no museu da Trindade em Madrid, seculo xv. Esta composição, moldurada no plano de uma cathedral ogival, representa a nova alliança de Deus com o mundo. Christo victima do sacrificio, apparece sentado no seu altar, com o cordeiro paschal aos pés. A' direita está a virgem a ler; á esquerda S João a escrever o Apocalypse. Nos seus instrumentos acompanham os Anjos o cantico entaodo por um côro celeste, que se avista nos dois campanarios. A fonte mystica saindo do throno de Jesu-Christo vae levando hostias. Ahi separam-se as duas sociedades: a uma banda o Judaismo, cujos representantes exprimem a cegueira, o desfallecimento, o desprezo, ou a ira; á outra banda o Christianismo, alimentando-se da Fonte da salvação.

revolução de quantas o mundo tem visto, e o espirito humano possa conceber; e graças a um auxilio, que foi o melhor premio da sua fé e do seu denodo, realisou a emprehendida revolução. Pelejou e venceu os deuses de Roma, o imperio de Roma. Morreu na cruz, supplicio de escravo; morreu porém como legislador, pontifice, soberano da terra, primeiro monarcha da unica dynastia eterna; vencedor de César, que era Néro, o que é dizer : vencedor de todos os vicios e erros, no momento em que ao erro e ao vicio, senhores absolutos da humanidade, se tributavam honras divinas. Despedaçou o jugo, e para sempre, ao instituir a realeza da verdade, que, prompta a combater pela justiça, bem sabe que é acorrentar a victoria o acceitar o martyrio.

Acima das obras mesmas de S. Pedro, avultam ainda, se é possivel, as suas glorias no mundo. Dezoito longos seculos já passaram, desde que um ministro subalterno da policia de Néro o arrastou ao supplicio; pois ainda hoje é Pedro o personagem mais vivaz de toda a historia. Toda a intelligencia capaz de acceitar o Evangelho conheceu a vida de S. Pedro, e abençoou as suas obras; as minimas circumstancias d'ellas, fôram assumpto á meditação dos maiores genios; inspiradoras da poesia e das artes; base de leis para a theologia. O seu tumulo, saudado pela romaria de todos os povos, tornou-se uma fonte de vida, e o fulcro da ordem social. A fé dos seus innumeros sequazes é fiadora da firmidade do reino de Pedro; e esse reino é mantido pelo proprio terror d'aquelles que desejam rebellar-se-lhe, e que no seu intimo pressentem que tudo alluiria se alluisse aquelle throno. D'aquella cumieira sempre açoitada de temporaes, formidaveis mas impotentes, é que Pedro, redivivo nos seus successores, e investido em todos os privilegios que lhe outorgou Jesu-Christo, rege os pastores e as greis, ensina, corrige, liga, desliga, manda nas intelligencias, e encaminha as almas. Em vão se lhe oppõe o orgulho, ou se lhe rebella; em vão se quer valer do ardil, do sophisma, do insulto, da força; em vão consegue, uma ou outra vez, sequestrar da Igreja um povo, um imperio inteiro. Esses mesmos, a quem o inimigo arrasta para as trevas, conservam no âmago do coração não sei que vagas saudades, não sei que anceios da luz, que ainda hão de tornal-os ao bom caminho. Pedro, capitaneando assim o escól do genero humano, define o erro, e fica sendo sempre o soberano da verdade. Não ha poder na terra, que possa derrogar-lhe as leis. A palavra d'elle é o quebra-mar,

onde as furias doidas do mar vão rebentar em borbotões de espuma, sem conseguirem arruinal-o. Pedro encara, sem tremer, o irado impeto das revoluções, escuta-lhes, sem descorar, o rugido profundo; e voltado para o seu pôvo acolhe os serenos *Amens,* que fallam bem mais alto que todos os protestos, todas as negações, todas as paixões. Tal é hoje o poder de Pedro, contra o qual se conjuraram, por vezes e á uma, todos os maiores gigantes da especie humana. Venceu a Néro, a Ario, a Mafoma, a Luthero, e a Voltaire; abarca o orbe conhecido; rege duzentos milhões de baptisados, que são o verdadeiro genero humano; e ainda não deu por findas as suas conquistas, visto haverem as nações todas de entrar um dia ao seu aprisco. Assim é que lhe mantem a sua palavra Quem outr'ora lhe disse : *Has de ser pescador de homens.*

Ora aquelle mortal mais favorecido do que o fôra Abrahão, mais poderoso que Moisés, mais inspirado que os prophetas; aquelle legislador, aquelle pastor, o Vigario de Jesu-Christo, em summa, quem era para obras de tamanho alcance? que realisou para tamanha gloria? De si não possuia haveres, nem força, nem genio; todo o seu saber era correger a sua barquinha, e compôr as suas rêdes. Era porém recto e simples de coração; creu em Jesu-Christo, amou-o; e, ao ordenar-lhe o Mestre que tudo desamparasse para o seguir, não hesitou. Ahi reside o segredo do seu poder e da sua gloria. Por essa mesma simpleza, d'onde proveio a sua fé; por essa fé, d'onde proveio o seu amôr; por esse amôr d'onde resultou a sua obediencia; por essa obedencia para a qual não houve impossiveis, e que nem trabalhos apostólicos, nem martyrio lograram quebrantar, mereceu Pedro por sua vez a reciprocidade do affecto de Jesu-Christo. Tomou-o á sua escola o Filho de Deus, e doutrinou-o para doutrinador do genero humano.

O que transcende toda a belleza, e amesquinha toda a eloquencia, é aquella primeira parte da vida de S. Pedro na escola de Jesus. Um Deus baixando para entre os homens, para os instruir, era essa a mais risonha ficção da poesia antiga, e o vestigio mais consolador das perdidas verdades. No seio das suas miserias, cuja causa esquecêra, e cuja extensão ella propria desconhecia, a triste e cega humanidade refugia, apesar de tudo, a crer-se nascida do acaso, e a admittir que de si propria lhe proviessem os poucos bens que possuia. Lá comsigo dizia ella que algum Deus lhe velára o berço, e lhe déra de presente as leis e as artes. Pois

bem : quanto não excedeu esta realidade nova a tudo quanto o genio dos maiores poetas bordára em redor d'aquellas confusissimas lembranças saudosas do Paraizo, impressas ainda no fundo luminoso da consciencia humana!

Quem quiser comparar o que o homem pode devãnear acerca da bondade de Deus, com o que essa mesma bondade pode em favôr do homem, deve ler em Fénelon o modo por que Mentor doutrinou o futuro rei de Ithaca, e ver depois, no Evangelho, o modo por que Jesu-Christo doutrinou aquelles miseros operarios da Galilêa, que nas mãos d'elle vão servir em breve para mudarem a face do mundo. Quem haveria imaginado, quem haveria sequer ousado conceber um tal milagre do amôr divino! tanta paciencia! tanta doçura! tanta magestade! condescendencia de amigo, ternura de pái, grandeza e presciencia divina, tudo ali se manifesta. Chama-os, quer-lhes muito, amolda-se á tenuidade dos conhecimentos e juizo d'elles, falla-lhes uma lingua que percebam, alimenta-os, serve-os, sara-lhes os enfermos; e em cada um d'aquelles actos vae implicita uma regra, uma lei, que tem de servir-lhes lá quando houverem recebido a incumbencia de ensinar a todos os homens.

Nenhum dos discipulos porém recebe tão vigilante ensino como Simão-Pedro; favôr que o seu comportamento justifica. Ao apparecer-nos Pedro no Evangelho, vemol-o confiado, humilde, sincero, generoso, digno já, pela constancia da sua crença, d'aquelle nome symbolico de Pedro, que logo ao primeiro dia lhe foi dado. É Pedro o primeiro em toda a parte. A elle se dirigem as sublimes phrases que annunciam o desabrochar e o triumpho eterno da Igreja. Sentado na barca de Pedro, já constituida barca da Igreja, é que Jesus profere a primeira pratica publica, mencionada nas paginas do Evangelho. É Pedro quem, logo apóz o sermão, caminha sobre o mar á ordem do seu Mestre; larga a rêde para a pesca milagrosa, e ao reconhecer em tudo aquillo a mão de Deus, humilha-se, e treme em vez de ensoberbecer-se. Elle é, quem exclama na occasião em que o Senhor quiz pôr á prova a fé dos seus Apóstolos : *O Filho do Deus vivo sois vós!* Elle é, quem para se ir ter com Jesus, não hesita em dar comsigo nas aguas; elle, quem ergue o braço armado na defensa de Jesus; elle, quem sabe dominar os terrores geraes, e segue a Jesus até ao pretorio; elle, quem, depois de o haver renegado nos delirios do susto, se arrepende logo, e chora lagrimas amargas;

elle é, finalmente, quem, apesar da enormidade do seu erro, conhece tanto a fundo a misericordia do Filho de Deus, e tem tanta certeza no seu proprio coração, que não se demora em responder-lhe : *Senhor, bem conheceis quanto vos eu quero!*

E então com effeito Jesus, para confirmar em Pedro aquelle affecto, maior que o dos mais, e aquella fé bem mais perfeita, commette-lhe o imperio supremo das almas para todo sempre : *Apascenta as minhas ovelhas, apascenta os meus cordeiros.* Pela sua profissão de amôr, tres vezes repetida, apagou Pedro, conforme diz Santo Agostinho, as suas tres negações; e o Filho de Deus, confiando no seu discipulo, entrega-lhe tudo que tem mais querido : *Pasce agnos meos, pasce oves meas,* o redil todo, sem differenças. E tudo que não pertence ao rebanho de Jesu-Christo não entra no de S. Pedro; e tudo que sae do rebanho de S. Pedro deixa de pertencer ao de Jesu-Christo.



Fig. 121. — A Judêa conquistada. A' esquerda a effigie de Tito, vencedor de Jerusalem, á direita a judêa captivada (*Judœa capta*) sentada á sombra de uma palmeira. Gabinete das medalhas, em Pariz.

Assim nos pinta Bossuet a divina Entidade : « Nosso Senhor Jesu-Christo, querendo formar o mysterio da unidade, escolheu os Apóstolos entre todos os discipulos; e querendo realisar esse mysterio da unidade, escolheu o Apóstolo S. Pedro para servir de chefe, não só a todo o rebanho, mas tambem a todos os pastores, afim de que a Igreja, que é una no seu estado invisivel com o seu Chefe visivel, fôsse tambem una na ordem visivel da sua distribuição e da sua direcção, com o seu Chefe visivel, que é S. Pedro, e aquelle que no decurso dos tempos ha de preencher o logar d'elle. Por esta forma, o mysterio da unidade universal da Igreja existe realisado na Igreja romana, e na séde de S. Pedro; e como é mister avaliar a fecundidade pela unidade, é bem patente aos olhos de todos a prerogativa de honra e caridade com que o Summo

Pontifice é Pái commum de todos os filhos da Igreja. Foi pois para consumar o mysterio d'essa unidade, que S. Pedro fundou pelo seu sangue, e pela sua parenése, a Igreja romana, segundo a antiguidade toda reconheceu. Primeiro estabeleceu para os Judeus a Igreja de Jerusalem, porque a elles tinha o reino de Deus de ser annunciado em primeiro logar, para se honrar assim a crença de seus páis, que de Deus tinham recebido promessas. Depois de a fundar, sae de Jerusalem, e vae a Roma para honrar a predestinação de Deus, que preferia os Gentios aos Judeus, na graça do seu Evangelho; e em Roma, capital da gentilidade, funda a capital da Igreja christã, que principalmente tinha de ser constituida com a gentilidade dispersa, afim de que essa mesma cidade, senhora de tantos povos e tantas monarcshia varias, se tornasse a séde do imperio espiritual, que todos os povos havia de congregar, de oriente a poente, ao jugo de Jesu-Christo. Certo é que pela verdade do Evangelho conferiu S. Pedro á sua Igreja a prerogativa do seu apostolado, isto é a proclamação da fé e da auctoridade da disciplina.

« Confessando a fé, ouve Pedro da bocca de Jesu-Christo este oraculo : *Tu és Pedro, e sobre esta pedra hei-de erguer a minha Igreja.* S. Pedro, ao declarar o seu affecto ao Mestre, ouve-lhe esta ordem : *Apascenta as minhas ovelhas, apascenta os meus cordeiros!* Apascenta as mãis; apascenta os pequeninos; apascenta os fortes; apascenta os fracos; apascenta o rebanho inteiro. Apascenta, isto é, guia. Tu portanto, que és Pedro, espalha a minha fé, e assenta o alicerce; tu, que me amas, apascenta o rebanho, e rege a disciplina. »

Detenhâmo-nos porém algum tempo mais com este espectaculo do humillimo dos homens convocado ao trato intimo de Deus omnipotente.

Que scenas commovedoras! que dôces e irrecusaveis clarões! O que tudo aqui é maravilhoso! repleto de bondade e amor! digno da sabedoria de Deus! Não, não; S. Pedro não é indigno de tamanho affecto de Jesus! Para que esta milagrosa diffusão do Evangelho, e do estabelecimento da Igreja se constituisse no correr dos séculos um verdadeiro repto á rasão e ás forças do homem, era indispensavel que os Apóstolos não passassem de uns singelos e rudes artifices, e que Pedro, o cabeça d'elles todos, fôsse o mais singelo, e talvez o mais boçal; mas fôsse tambem o que o vemos ser : bom, piedoso, sincero, e, até nas suas mesmas imperfeições, digno de affecto. Sabia de raiz uma coisa que todos os Judeus deviam

saber : sabia que tinha de vir o Messias, e esperava-o com uma fé purissima, sem discutir com os Phariseus, e sem desejar, como os Judeus materialistas, que do Messias só proviessem as alegrias terrenas, e o sceptro mundanal. Mais o allumiava a elle a sua fé, que aos doutores a sua sciencia; reconheceu logo Aquelle a quem esperava, e foi tambem reconhecido : *Tu és Simão, filho de João; de ora avante has de chamar-te Pedro.* E Pedro tudo larga para seguir a Jesus, dando por essa forma o exemplo da mais perfeita renunciação; pois, com ser pobre, tinha no emtanto a sua casa, a sua barca, as suas redes, e era casado. Por esse nobre caracter se explica a palavra gloriosa que depois veio Jesus a dirigir-lhe : *Bemaventurado és tu, Simão, filho de João, porque não foi o sangue nem a carne que te revelaram o que sou; foi meu Pái que está nos céos.* A sua fé nunca se desmente. Quando Jesus, fallando com os Doze, lhes diz : *E' a minha carne um alimento, e o meu sangue uma verdadeira bebida,* hesitam elles entre si. « Isso que diseis como pode ser ? quem pode crel-o ? »

Mas Pedro, interrogado pelo Mestre, dá-lhes uma resposta que lhes robustece toda a crença : *Senhor, a quem nos soccorreriamos nós? As palavras da vida eterna vós é que as tendes. Acreditamos, sim, por sabermos que sois vós Christo Filho de Deus.* Assim estabelece elle o motivo decisivo e universal da fé em todos os mysterios. Tudo ficamos crendo na palavra de um Deus que tudo pode, e que muito nos quer. São gratissimas a Deus a singeleza e candura de uma tal homenagem.

Em Pedro resplandece novamente a fé e o amôr, no dia em que Jesus se apresta a lavar os pés aos Apóstolos. Pedro recusa-se primeiro, por humildade. « Não consinto, Senhor, que a mim me laveis vós os pés ! » Mas ao dizer-lhe Jesus : « Se vos eu não lavar os pés, não heis de ter parte comigo. » Exclamou Pedro : « Senhor, então não só os pés, mas acabeça! »

Acredita, confia, nos casos mesmos em que a debil natureza parece querer atraiçoar-lhe a fé. No mais bravo da tormenta, não lhe occorre que basta a presença de Jesus n'aquella barca para a defender, e acorda-o, bradando-lhe : « Salvae-nos, Senhor ! vamo-nos a pique ! » No pretorio renega a Jesus, mas volve em si com um simples olhar de Jesus. Quem dirá jamais, quem saberá jamais, quantas almas tocaram e salvaram aquelle olhar do Mestre, e aquellas lagrimas de Pedro ! Suavissimo olhar da misericordia infinita, que ainda, transcorridos desoito seculos, vem repassar e purificar os nossos ingratos corações; santas e suavissimas

lagrimas do arrependimento, que apagaram e hão de apagar sempre as labaredas do vicio n'este mundo, e no outro as do castigo!

Terminou-se a obra visivel de Jesu-Christo. As lições d'elle, os seus exemplos, a sua morte como homem, e a sua auctoridade como Deus, conseguiram formar o successor de Jesus na terra, o mantenedor da sua doutrina, o distribuidor das suas graças. Cumpriu a promessa feita: enviou-lhe o Espirito-Santo. Pedro em tudo parece já outro. Então é que deveras se nos patenteia o chefe dos Apóstolos. Não desveste o seu caracter singelo, humilde, e suave; mostra-se porém cheio sempre de valôr e ousadia. E' Pedro quem inicia o perigoso ministerio da prégação, proclamando n'ella publicamente a divindade do morto Jesus; e logo n'essa primeira prédica, n'esse primeiro lanço da rêde do pescador de homens, entram para o gremio da Igreja tres mil almas, no momento em que só os espavoridos discipulos a constituiam. E' Pedro o primeiro que exerce o dom dos milagres: em nome de Jesu-Christo ordena ao coxo que se levante, e caminhe; e ao cabo d'esse milagre, outro discurso d'elle converte cinco mil pessoas. Eternas lições, eternamente fecundas!

Pelo seu vigario realisa Jesus bem mais do que por si mesmo realisára: em tres annos de parenése só logrou reunir o limitado grupo de Apóstolos e discipulos; dois sermões de Pedro ajuntam na barquinha oito mil homens de todas as procedencias, e a fallarem todas as linguas. Acha-se fundada a Igreja. Agora bem podem os Apóstolos dispersar-se; em toda a parte hão de encontrar-se com algum fiel que ha de ter ouvido a voz de Pedro, e que ha de acolher os enviados d'elle. Com um toque de suas mãos ou uma palavra, curava Jesus os enfermos; Pedro só com a sua *sombra* cura. E passa logo a mais: por um arrojo insólito, declara-se interprete da vontade divina, e affirma para todo sempre a liberdade do ministerio evangelico.

Prohibem-lhe que prégue; e com ter sido a elle que mais especialmente ensinára o Mestre a submissão aos poderes constituidos, operando um milagre para lhe dar o ensejo de pagar o tributo, Pedro bem sabe até onde pode ir tal submissão, e declara, com risco da sua liberdade e da sua vida, que é mister obedecer antes a Deus que aos homens; porque, diz elle com João: « Não podemos deixar de fallar do que vimos e ouvimos. » Eil-o ahi, o famoso *Non possumus,* que soube arrostar as tirannias todas, e conservar ao mundo o incalculavel beneficio do Evangelho.

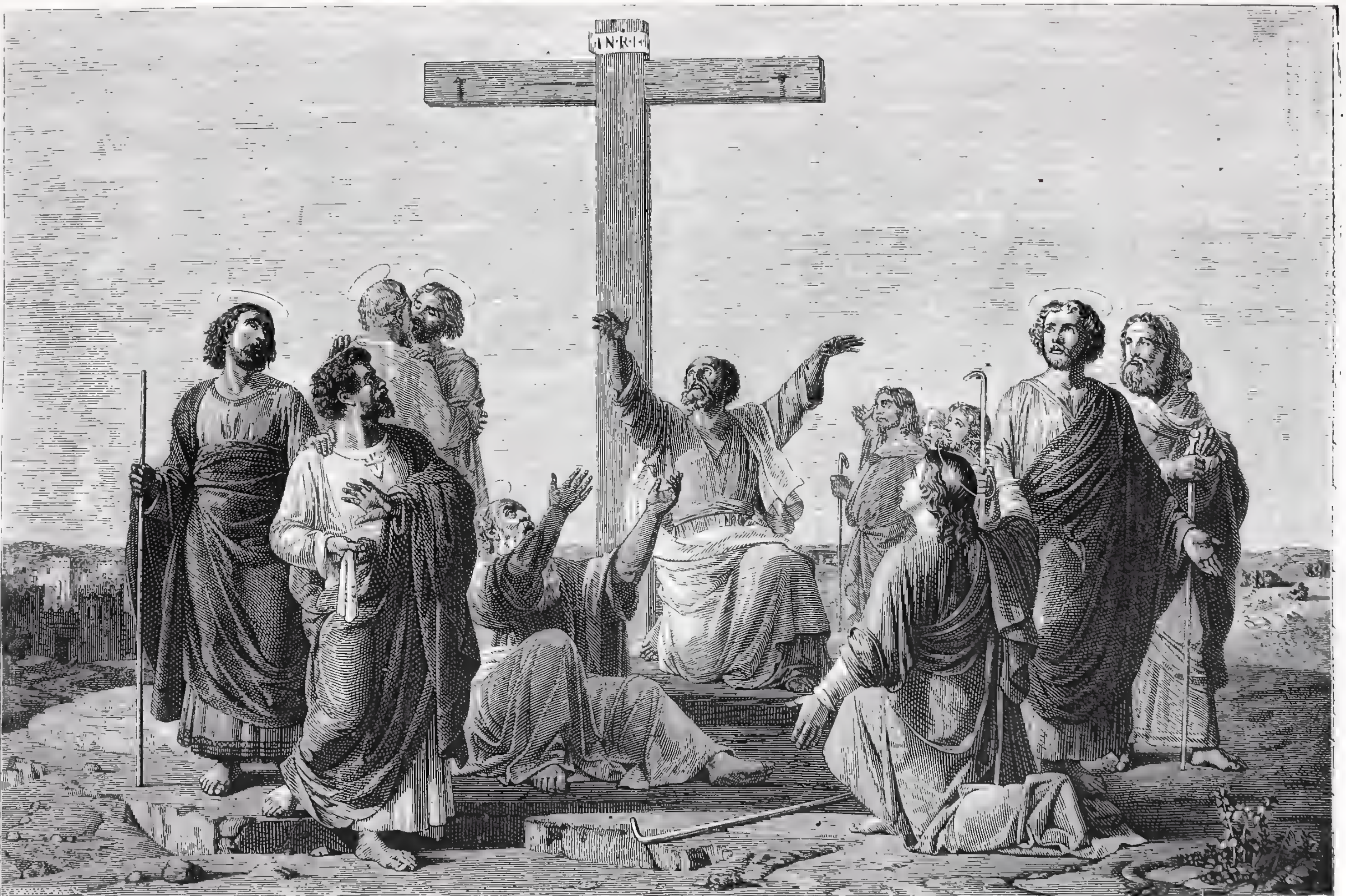


Fig. 122. — Reunidos aos pés da Cruz, separam-se, os Apóstolos para levarem o Evangelho ás nações. Pintura de C. Gleyre. Século XIX. Gravura de Gauthier. Paris, Goupil.

Pedro é o primeiro que o profere, e o primeiro que lhe padece as consequencias. Se não é o primeiro que paga com a vida (que essa, antes de chegado o martyrio, estava-lhe reservada de antemão para tarefas mais duras que o martyrio), é elle o primeiro punido, e o primeiro encarcerado. Na sua vida, alcanceada de tantas dores, e tão allumiada de maravilhas, se acha compendiado o estupendo e doloroso destino da Igreja. Perseguido sempre, e sempre libertado; sempre em oppressão, e sempre a triumphar; hoje soccorrido dos homens, amanhã dos Anjos; depois, no outro dia, acorrentado; aqui, recebido em gala; mais alem, rechaçado entre ignominias. Por entre essas trabalhosas vicissitudes, exerce em cheio o poder, que homens lhe não conferiram, nem saberiam já arrancar-lhe. Engeita da Igreja o impostor que lá quer penetrar a preço de oiro; restitue vivo o filho da viuva caridosa; pune com a morte os christãos infieis que se atreveram a mentir ao Espirito-Santo; acaba com o peso dos ritos judaicos; leva elle proprio a luz aos idólatras, e na pessoa do centurião Cornelio aufere as primicias da gentilidade. Nada ha no mundo que se lhe avantaje na estatura; e nada é mais humilde, que o homem que tão grandes coisas praticava. Tendo-se enganado uma vez, a respeito das ceremonias, não na doutrina, mas na pratica, soffre a reprehensão publica de Paulo, recem-chegado, e saído da turba dos perseguidores.

Pois isso tudo, seus comparecimentos perante juizes iniquos, os castigos que lhe infligiram, as suas prisões, as suas peregrinações apostólicas á Judêa, e tantos e tão agros triumphos comprados sempre á custa de suor e sangue, tudo isso nada é; falta ainda senhorear a grande Roma, derrubar aquelle Capitolio, que é a fortaleza armada e terrivel dos deuses falsos. Para Roma portanto se encaminha.

O que então fôsse Roma, logo o havemos de mostrar; alguns nomes apenas bastarão para a caracterisarem. Entre a cruz de Jesus, e a cruz de S. Pedro, a Tiberio succedêra Caligula; a Caligula, Claudio; a Claudio, Néro. Ao passo que taes monstros iam transmittindo ao herdeiro o supremo poder, lá estava o senado a decretal-os deuses. Tudo em Roma era deus, diz Bossuet, menos o proprio Deus. A esses taes deuses cognominados Tiberio, Claudio, Caligula, ou Néro, victimava o senado hostias humanas. Já Tiberio fôra de parecer que o adoraram demasiado os senadores; não se correram elles de vergonha com isso, e adoraram a Néro pela forma como tinham adorado a Tiberio. A um e outro foram sacri-

ficando todos os que, por algum resto ou vislumbre de virtude, podessem ferir os olhos do tiranno. Quem tal refere é o senador Tacito, testemunha fidedigna, já porque talvez elle proprio votára assim tambem, já por ter sido um dos caracteres mais estimaveis de toda Roma. Outro havia, grande philosopho e grande escriptor, que fabricava tratados de moral em que ensinava o desprezo das riquezas, o amôr da justiça, e o perdão das injurias. Séneca era o seu nome; tinha sido preceptor de Néro, e foi seu ministro. Em sós quatro annos de privança, accumulou, pelas suas extorsões e usuras, cincoenta e oito milhões da actual moeda franceza. Quando Néro se aconselhou com elle sobre a tenção em que estava de acabar com sua mãi, o conselho unico do moralista Séneca foi perguntar-lhe que soldados ordenava o imperador que a degolassem. Da clemencia escreveu Séneca; mas a sua clemencia pratica era tal, que ao proprio Néro pareceram demasiadas as vinganças d'elle.

Taes eram os mestres, os grandes, os philosophos de Roma. Officialmente reconheciam trinta mil deuses, conforme o catalogo de Varrão; no intimo, despresavam a esmo toda aquella immunda gentalha olympica, brotada das superstições e corrupções populares, e mantinham-se na philosophia materialistica de Epicuro. Ácerca da humanidade seguiam a regra de Julio Cesar, o melhor por ventura d'entre todos aquelles homens grandes : *Que outra coisa é a especie humana, senão uma preza que pertence ao mais forte?* Como a politica d'elles os obrigava a angariar a aura popular, compravam-n'a e conservavam-n'a mandando estrangular nos jogos publicos milhares de victimas. Para satisfazer a cubiça e as veleidades do monarcha, e tambem para folgança da multidão, corria a jorros o sangue humano. A esses espectaculos compareciam sacerdotes e vestaes; consagrava-os a religião, derramando por mão de um ministro dos deuses a primeira gotta de sangue. Do outro lado da parede, sob as arcarias do circo, entre as jaulas onde rugiam as feras, e as masmorras onde os gladiadores novéis provavam a mão nos moribundos, abriam-se, aqui, ali, os antros da devassidão. Ousou Chateaubriand descrever os costumes das classes altas; mas « quem ousaria narrar as ceremonias dos deuses immortaes, e os seus impudicos mysterios? De sitio algum da vida humana era o pudor banido com mais cuidado, do que dos mysterios religiosos[1]. »

1. *Discurso sobre a historia universal.*

Sob aquella plebe, que se julgava livre, e sob aquella classe patricia, que de bens, vida, e honra, só possuia o que a Cesar aprazia que possuisse, gemia a turba immensa da escravaria, decaída de todos os direitos da humanidade, e da propria qualidade de homem. Lidavam, morriam, serviam, do modo como os seus senhores o entendiam, aos praseres e aos interesses pessoaes d'elles. N'um proverbio negava-se todo o descanço ao escravo : *Non est otium servis.* O escravo não tinha alma; chamavam-lhe os Gregos um corpo, *sôma;* Roma, uma coisa, *res.* Não passava de uma ferramenta, que podia servir sem descanço e sem escrupulos em quanto fôsse durando. E toda a vez que a vida do escravo excedesse as forças d'elle, ordenava a sabedoria de Catão, sempre attendida, que o acabassem á fome. Houve patricios, que empregavam os escravos em mendigar, e que os mutilavam com a engenhosa crueldade da avareza, para melhor concitarem o dó dos transeuntes. Era industria muito empregada; e, como todas as industrias, encontrava concorrentes. Quando algum dono de rebanho de escravos mendicantes encontrava algures um escravo mais aleijado que os seus, ou mais ascoroso de chagas, escolhia, entre os seus, aquelles a quem podesse tornar igualmente ascorosos; condemnava-os a um supplicio tão longo como a triste vida d'elles, para virem a render uns seitís a mais. Para escudarem a vida dos senhores contra os impetos do desespero dos servos, a lei não impunha áquelles que tratassem a estes com mais humanidade, condemnava estes á pena ultima, ainda que fossem muitos, sempre que o senhor succumbia a morte violenta. Assim fôram exterminados, por ordem do senado, reinando Néro, e a despeito das vociferações e tumultos populares, os quatro centos escravos de Pidanio Secundo, assassinado em sua casa.

E isso era a grande Roma, a soberana das nações; Roma, a que recitava os versos de Horacio e Virgilio; Roma, onde acaba de apagar-se o trovejar da palavra ciceronica; Roma, onde ditavam leis as pennas de Tacito e Séneca; a Roma de César e Augusto, a que regorgitava de monumentos, opulencias, obras primas, sabedoria até, e que, segundo Montesquieu, firmava o seu imperio sobre as ruinas do universo.

A essa Roma é que Simão, o chamado Pedro, pescador da aldeia de Bethsaida na Galilêa, só e descalço, de bordão em punho, com o *Credo* na memoria, e Jesus no coração, veio pôr cerco; veio conquistal-a em nome d'esse mesmo Jesus, crucificado em Jerusalem entre dois ladrões. Pedro

vinha prégar o Deus unico, o Deus casto, o Deus justo, o Deus misericordioso e compassivo, o Deus terrivel, o Deus verdadeiro. Áquelle reino das soberbas, vinha trazer a humildade; áquelle centro das volupias, a pureza; e áquelle inferno de tyrannias, a liberdade christã. Trasia-lhe a familia, com a indissolubilidade do nó conjugal, e o respeito á vida da prole. Restituia ao escravo a sua qualidade de homem, e dava-lhe, ainda por cima, a dignidade de filho de Deus. Ao imperio de Néro substituia o imperio de Jesu-Christo. « Maravilhosa contraposição! Séneca, philosopho, eloquente, abastado, prepara a educação de um novo imperador; e Pedro, singelo pescador de Galilêa, sem lettras, sem haveres, sem fama, prepara a educação de um novo genero humano. O pupillo de Séneca chamou-se Nero. O pupillo de Pedro é o universo christão[1]. »

Vinte e cinco annos permaneceu Pedro em Roma, abarcando de lá com a sua sollicitude a todas as Igrejas. Decorrido esse tempo, foi encarcerado no ergastulo Mamertino, ás faldas do Capitolio; dir-se-hia que era afim de que lhe fosse dado ver por seus olhos, tocar com as suas proprias mãos, para lhes incutir o ultimo vaivem, os alicerces d'aquelle sanctuario dos erros que abolira, e que tinham de acabar. Não tardou que da masmorra o arrancassem; fizeram-n'o atravessar o Fôro, onde tinha séde o senado, em frente da tribuna deserta, e em cujo topo campeava o palacio aureo de Néro. Foi levado á estrada de Ostia, e encontrou-se com Paulo, que tambem ia a morrer. Já lá se erguia uma cruz; pediu ser n'ella pregado de cabeça para baixo, para incutir ignominia a um genero de supplicio tornado glorioso pela morte do Mestre. Ali deram fim os seus trabalhos, e principiou a sua gloria, que ha de durar tanto como a terra e os céos. Ali deitou raiz o segundo imperio de Roma; ali se fundou o novo Capitolio, d'onde saíram, não já proconsules, mas Apóstolos, e onde nunca mais se decretaram guerras, escravidão, e exterminio de povos, mas só a paz e liberdade do mundo.

No século passado, veio certo dia o inglez Gibbon sentar-se no Fôro romano, entre o Capitolio, e as ruinas do Colliseu. Tinha-lhe desvairado o animo o estudo do paganismo, e o sopro de impiedade que a esse tempo devastava a Europa. Iam uns monges pisando com as suas sandalias os restos do chão da via Sacra. Atonito perante aquellas ruinas, deixou-se levar de colera insensata, e exclamou : Outr'ora os triumpha-

1. Rohrbacher, *Historia universal da Igreja,* t. IV.

dores; hoje, os frades! E não lhe occorria que eram aquelles pobres frades uns triumphadores tambem, e de bem maior estatura que os outros, que tanta saudade lhe causavam! e escreveu um livro, célebre por muito tempo, hoje porém despresado, onde se empenhou em amesquinhar o valor e as obras dos martyres.

Compraz-se-nos o pensamento em cogitar, que esse mesmo Fôro, deshonrado, mas ainda assim esplendido, já S. Pedro o antevira em espirito, mais de uma vez, tal como ao presente o contemplamos; anteviu, sim, o esfacellamento e a miseria d'aquelles theatros de soberba, sangue, e luxuria; anteviu espedaçados e rojados no pó aquelles idolos de marmore e bronze, e exclamou cheio de reconhecimento e affecto : Bemdito sejas, Christo immortal! deveras foste o libertador da humanidade!

Chegou a vez á gratidão da humanidade; a esse Pedro, servo de Christo consagra ella culto, que só com a humanidade tem de findar. Quem expressará jamais a admiração, o jubilo de todo o christão, quando, prostrado no tumulo de Pedro, ante o successor de Pedro, que alêm vae passando a abençoar, ouve cantar aquellas palavras immorredouras : *Tu es Petrus!* Pedro és tu, e sobre essa pedra hei de edificar a minha Igreja!

SUMMOS PONTIFICES DO PAGANISMO

Antes de morrer viu Pedro a traça inteira do edificio, cujas paredes iam surgindo á flôr da terra, á vista e á voz dos homens que elle presidia. Na Asia menor echôa a voz de João; André e Thomé evangelisaram aos Parthos e aos Scythas; Simão, aos Persas; Matheus adianta-se até á Ethiopia; Thaddeu converte a cidade de Edessa, na Mesopotamia; Paulo vai abalar o paganismo nos seus baluartes mais scientificos, lá no gremio dos Gregos e dos Macedonios; elle, Pedro, permanece firme em Roma, no intimo coração da idolatria e da impiedade.

Já brotaram cincoenta Igrejas; já crearam fama; já deitaram rebentos; já bracejam a todos os lados vigorosos ramos avergados de fructos celestiaes.

Nas cidades mais populosas, famigeradas por seu alto cultivo intellectual, é que os Apóstolos preferem ir prégar. Não se arreceia da luz o nas-

cente Christianismo; nunca a soube temer; nem hoje a teme. O que elle despreza são as cautelas humanas, e as humanas opulencias. Da sua propria verdade, da sua divindade, da sua efficacia, não duvida sequer. A Deus pertence, para Deus se encaminha, para Deus, que lhe impõe a conquista da terra e do céo.

Não tergiversaram nunca os Apóstolos. Em Jesus tinham avistado Deus; na sua reflexão intima e no seu coração estavam continuando a ver Jesus. Trasbordam vida, e forcejam communical-a. A' espalda dos templos mais celebres, e das escolas mais frequentadas, implantam a cruz. Nao tardou o paganismo em perceber que já as suas doutrinas lhe não valiam. Corriam pelo pôvo estranhissimas atoardas. Escravos, mulheres perdidas, creanças moídas de tratos, prestavam ouvido ás palavras a um tempo mysteriosas e patentes, que saíam da bocca dos Apóstolos; e com os olhos d'alma contemplavam aquella obra prodigiosa. Ao genero humano apparecia emfim a santidade. Todos narravam entre si, que certos sacerdotes, vindos lá das partes do Oriente, fundavam umas sociedades, em que os homens eram iguaes, se tratavam por irmãos, bebiam pela mesma taça, e comiam o mesmo pão; sociedades onde todas as mulheres, patricias e escravas, eram igualmente respeitadas, e ressumbravam maior magestade e belleza que as deusas cantadas pelos poetas; acrescentava-se que a vida humana era sagrada para aquelles homens, despresadôres habituaes da sua, e que dos céos baixara um Deus melhor. A essas vozes juntavam-se outras. Forjava a calumnia abominaveis enredos para deshonra d'aquelles mysterios christãos tão cheios de esperança. Comtudo a vencedôra ia sendo a verdade. Se bem que todas as infamias dos deuses, e todas as abjecções dos seus pontifices e sectarios, fôssem criveis ao povo, cada dia ia augmentando o numero dos dedicados a Christo. Como o paganismo não podia sustentar a discussão, perseguiu. Toda a perseguição é uma confissão de impotencia. Quem atormenta a innocencia e a justiça reconhece que não pode raciocinar, e tem para si a queda do seu erro.

Os imperadores, pontifices dos deuses reputados inabalaveis, ficaram conhecendo que elles proprios no seu intimo não acreditavam em taes deuses, e que só a ideia da conservação do imperio lhes impunha o conservarem-n'os. Não chegava a ser uma religião o paganismo; o Christianismo porém era uma reforma de incalculavel alcance; e, com quanto o

não tencionasse, ia constituir-se de facto competidor com o paganismo. Dos pagãos, uns não queriam reforma, outros não admittiam rival. Contra a doutrina não tinham sacerdotes; contra o rival, lá estavam os algozes.

Augusto e Tiberio, de quem Jesus quiz nascer subdito, morreram por esse mesmo tempo em que Jesus vinha trazer a liberdade. Chegaram a ver os consules, os patricios e o povo, Roma em pezo e o mundo, arrojar-se impetuosos ao abysmo da servidão. Não valeram Caligula e Claudio a conter tamanha corrente de miserias. Subiu Néro ao throno; e o mundo, a *turba salutatrix,* saudou a Néro. Néro é o senhor, o deus do genero humano, mais deus ainda do que fôram Augusto ou Tiberio, Caligula ou Claudio; é deus perante o verdadeiro Deus; e elle proprio acredita na sua divindade.

Néro! obra prima da insolencia de Satanaz, que n'aquelle conjuncto de todas as torpezas quiz ser adorado! Néro, apto para todos os crimes; Néro, louco, feroz, omnipotente, cobarde! E com tudo isso, é Néro um litterato, um artista, um magnifico. Ha n'elle todas as seivas e todos os clarões da civilisação romana; o ultimo fruto maturado d'essa civilisação é elle. Para crearem um Néro era mister unirem-se Roma, Julio Cesar, e o seculo de Augusto.

Néro tem a consciencia do que pratica. Engolpha Roma em todas as volupias, até mais não poder; quem dá as demãos ultimas na corrupção pagã é elle. Com inimigo de tal porte ha de Christo luctar por muito tempo.

Em tão mesquinha conta era Pedro tido em Roma, que lhe concediam viver. N'elle fareja Néro a entidade papal, e mata-o. Singular coisa! aquelle sangue obscuro honra o imperador no conceito popular. O povo de Néro possue os instinctos d'elle. Odeia já os christãos, que mal avultam por então aos olhos dos politicos. Mais achegado a elles lança-lhes em rosto como crimes as virtudes.

Da perseguição se alimentava o circo. Aquella grei de Pedro era o abastecimento dos jogos; e a imperatriz Poppêa, proselyta judaica, tinha conseguido assignalal-o, por suggestões do judeu que a dominava. A obra de Deus realisa-a a mão de Néro. Edifica Deus o alicerce da sua cidade em meio da cidade do demonio. Para o alicerce d'esta Roma celestial requerem-se materiaes escolhidos. A essa circumstancia ha de attender a per-

seguição. Ha de afastar uma certa gente dubia, que virá offerecer-se para erguer a cruz, mas não para derrubar os idolos, uns certos e sabidos conciliadores de Jesu-Christo com Satanaz; e esses taes hão de então

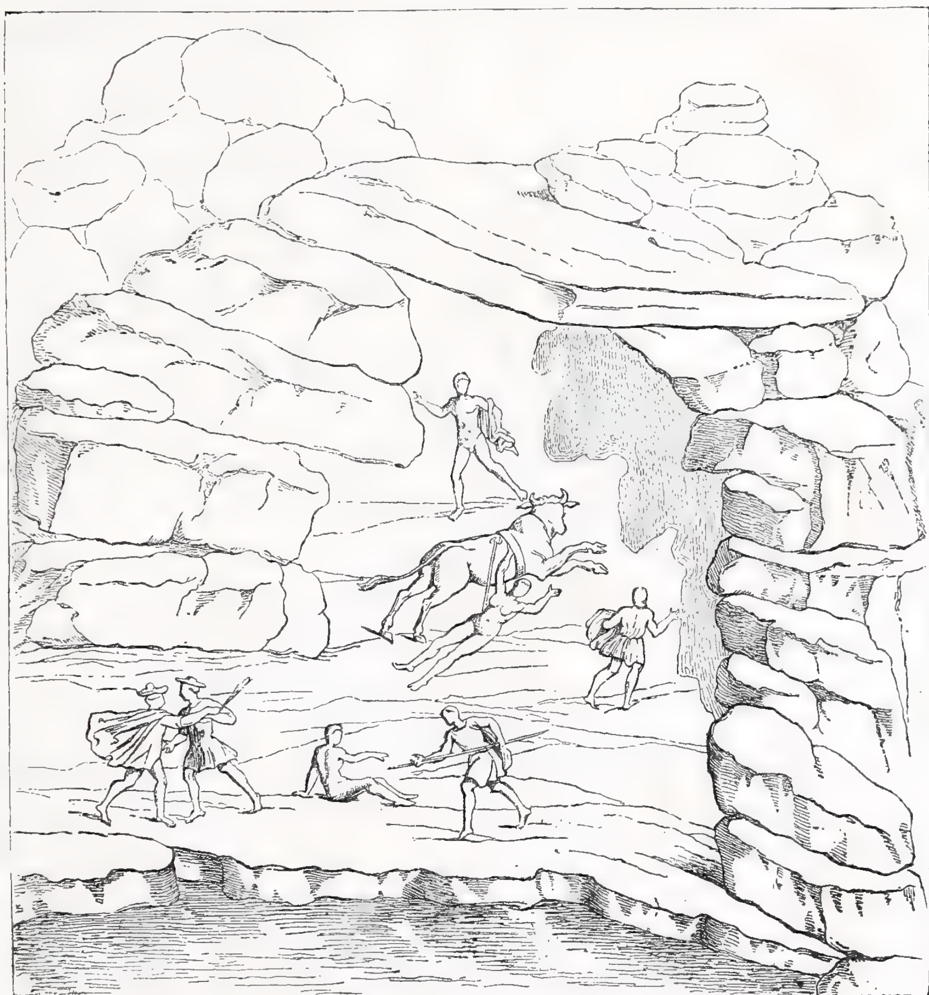


Fig. 123. — Christã amarrada a um toiro furioso, perseguição do anno 64. Esse martyrio verdadeiro representa o mythologico supplicio de Dirce. Tinha Néro posto em moda o gosto dos quadros vivos, e reprodusia-os com os Christãos. Fresco de Pompeia, segundo a *Academia Ercolanese* de Avelino.

ser julgados pelos que só almejam servir a Deus na rectidão dos seus corações.

Interposeram-se com effeito uns prudentes d'aquelle casta. Pela sua cordura, transviaram o proximo; pela sua moderação, corromperam; com toda a sua humanidade, fizeram correr muito sangue; e graças a elles tornou-se bem mais denso o lodo pagão. Já Roma não conta heroes.

Todos os seus heroes se vão passando para Christo; vivem para a cruz, e morrem na cruz. Pelo esforço d'esses victoriosos, que só aspiraram a morrer, realisa-se a conquista de Roma e do mundo em menos tempo do que Roma levou a saír do Lacio. Enganou-se Néro; não menos se enganou Satanaz; ha de sempre achar-se enganado quem luctar contra Deus.

De toda a maneira fica Néro personificando inteiramente o reinado do mal; é elle vigario do demonio, assim como Pedro, morto por elle, é vigario de Christo. Não tem Satanaz de sobrelevar a Néro. Todas as copias que d'elle deixou ficaram muito aquem de um tão acabado typo de malvadez, em cujo todo reina a luxuría, a baixeza, a crueldade, e o ridiculo. Sim, era mister que Néro fôsse, alem de tudo, ridiculo; era mister que esse ente bestial, que havia de calcar a humanidade como se calcam uvas n'um lagar, nem fosse leão nem fosse tigre, mas cochino. Não basta a Satanaz moer o homem; é-lhe tambem deleite escarnecel-o.

Reboleava-se nas devassidões, e com ellas contaminava tudo que até ali fôra a ufania de Roma. Era a um tempo engenho arguto, autor, general, cantor, e cocheiro; rodeavam-n'o sempre histriões, de quem elle proprio era pábulo e histrião; e seguia-o para toda a parte um rancho de applaudidores assalariados. Derribava montanhas, e erguia montanhas. Alastrava-se o seu palacio por sobre dois dos oiteiros de Roma. N'esse palacio todo oiro, marmores raros, e preciosidades curiosas, celebrava luzidas festas, e para passatempo mandava morrer os seus convivas. Queria flores, e gloria. Era cobarde. Nem sempre matava por gosto; ás vezes era por medo; mas deleitava-o sempre a ideia de matar. A Néro melhor que a ninguem cabia crucificar a Pedro.

Tal era o imperador que primeiro se viu face a face com a Igreja, e que assassinou o primaz dos Papas. Dez annos imperou. Pode dizer-se ter sido sua fundação a instituição do martyrio, que depois d'elle ficou, por que assim o digamos, instituição regular, e como que indispensavel a todas as tyrannias. N'elle ficam descriptos todos os perseguidores, assim como em S. Pedro todos os Papas.

Depois de Néro, a outros alienados do seu jaez coube o summo pontificado pagão; arrebataram-n'o valentões de campanha; chegaram a compral-o sycophantes da ultima ralé. Pareceu grande aquelle Néro. Era mister um senhor. A turba atroava os circos com as mesmas acclama-

[illegible] Bonnardel

MARTYRIO DE S. LOURENÇO.

[illegible] Bandinelli gravado por Marco Antonio em 152[illegible] pouco mais ou menos, e dedicado a [illegible]
lando ordem aos Carascos. Mais acima uma varanda cheia de Christãos pobres, a quem o santo [illegible]
[illegible] palavras: "Aquelles [illegible] aquelles desvalidos, aquellas viuvas, e que são [illegible]
[illegible]



ço meio deitado nas grethas ergue-se, e confirma
combustiveis para atear a chamma; um d'ell

ções : « És tu o senhor! és o primeiro entre todos! honra te seja! *ab ævo vinces!* has de vencer eternamente! » Que o nome do soberano fosse Tito, Domiciano, Caracalla, Diocleciano, Marco Aurelio, ou Didio Juliano, pouco importava á plebe. E tambem, pouco se lhe dava quando um golpe de alabarda vinha truncar de subito a eternidade imperial. Outro imperador viria, para conceder á mesma plebe folía e pão.

Se porém todos os imperadores ficaram fieis á politica de Néro, se todos se empenharam com igual ancia contra o Christianismo, e porfiaram em derribal-o, tambem por sua parte os Papas ficaram fidelissimos á politica de Pedro. Os sabios, os boçaes, os ousados, os timidos, aquelles todos a quem violencias não amedrontam, nem caricias logram domar, chegam no cabo ao mesmo argumento : vale mais obedecer a Deus, do que aos



FIG. 124. — Medalha de Diocleciano, imperador que decretou contra os christãos a mais sangrenta das Peseguições. Seculo III. Gabinete das med. Pariz.

homens; e morrem. No decurso de duzentos e cincoenta annos terminam sempre a historia dos successores de S. Pedro estas palavras : « coroado pelas palmas do martyrio. » Com taes chefes, quantas legiões triumphantes não conseguem penetrar a um tempo na memoria dos homens, e no céo de Deus! Em toda a parte se recruta o grande exercito dos martyres; compõem-n'o todas as posições, todas as idades, todas as terras; avultam lá todos os generos de bellezas e merecimentos. Já não é o pôvo, nem já são os grandes, é o mundo. O sabio, o operario, o cortesão, o militar, o artista, o tribuno, o escravo, a mulher, quer seja nobre, matrona, virgem, ou escrava, a propria creança, tudo corre para Jesu-Christo, e quer confessal-o na vida, nas obras, nos supplicios, na morte. Uma ou outra vez já ao apavorado César não agrada a matança; já faz por se compôr com o inimigo. E' desde o alvorecer do século segundo que nos elle apparece n'essas tentativas. Já o carrasco pede tregoas ás

suas victimas. E' porém necessario que prosiga assassinando! O que os christãos só pedem é a morte, ou a victoria do seu Christo. Marco Aurelio, o bemfasejo e o assisado, instaura a quarta perseguição geral, e transmitte a Commodo o cuidado de continuar com ella. Aos Christãos não falta sangue para derramar no reinado de Marco Aurelio; ainda o hão de ter no de Commodo, no de Septimio Severo, no de Caracalla, no de Heliogabalo. Durando esses morticinios, vae a Igreja patenteando cada vez mais a magestade dos seus santos. Continuam a abundar os martyres. São como outros tantos astros no céo da esperança as fidalgas romanas convertidas ao christianismo. A viuva Symphorosa immolada com seus sete filhos em Tibur, por ordem de Adriano, dá muitas graças ao céo por assim ter sido oito vezes a fio victima n'um dia só. Não menos para espanto morrem heroicamente em Roma a admiravel Cecilia, cuja vida quiz Deus se dilatasse alem da campa, e a doce Ignez, que outra coisa não é senão um perpetuo milagre. Principiam a despontar os Apologístas e os Padres. Surgiram S. Quadrato, S. Justino, Santo Athenágoras; nasce Orígenes, e é seu pae um martyr; escreve Santo Ireneu fulminando as heresias; fallou Clemente de Alexandria; rugiu Tertulliano; doutrinaram S. Cypriano, S. Diniz de Alexandria, S. Cornelio. Triumpha a Igreja tanto pelos seus doutores, como pelos seus martyres. Por fim já o paganismo não encontra senão dominadores indignos d'elle proprio; fere-se a batalha derradeira; é vencido Maxencio, e é Constantino alçado a Imperador.

Acabava de morrer S. Marçal, Papa, escravo do serviço das feras; acabavam as acclamações do circo de saudar a Maxencio; refulge uma cruz no céo; e Constantino, ainda então por baptisar, implanta essa cruz em Laterão; *ab ævo vinces!* Ainda lá campeava n'um dos aditos do amphitheatro a estatua de cem pés de altura erguida por Néro a si proprio; e já tinha desapparecido o imperio de Néro. César baptisado desampara o governo de Roma ao Papa Sylvestre I e aos seus successores, « por não lhe parecer que o imperador temporal houvesse de conservar mando nos logares onde o imperador do céo firmara o seu principal sacerdocio, e a cabeça da sua religião. » Leva na sua bagagem o pontificado supremo das divindades falsas, não tanto para o tomar, como para o não desamparar.

« Tres seculos depois do César Néro, tomou uma enxada o César

Constantino, e principiou a cavar, entre lagrimas, o alicerce da basilica vaticana; e aquelles prantos que assim vertia deslisavam nos recamos de oiro da sua veste imperial. »

O IMPERADOR CHRISTÃO. — A PHILOSOPHIA CHRISTÃ.

Ao decisivo influxo do Evangelho, vivaz na Igreja, que profunda transformação se operára no pensamento, na familia, nas relações sociaes, e nas leis, que são a expressão d'essas relações! Meado o século segundo, professavam dois acreditados legistas certa doutrina, que a ouvidos

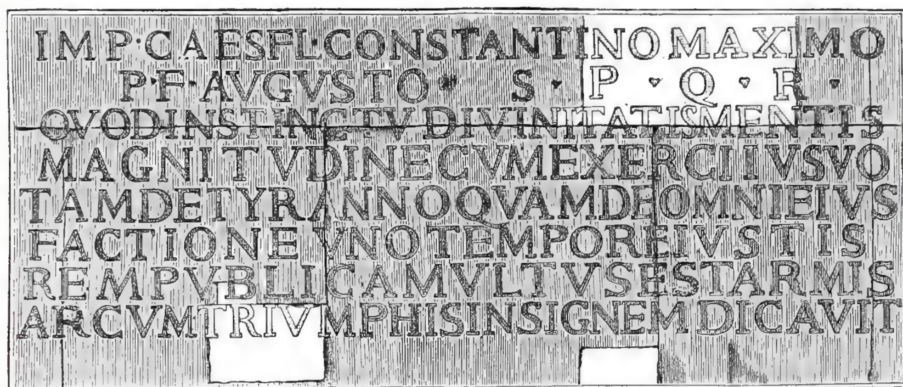


FIG. 125. — Inscripção votiva do arco de Constantino, dedicado pelos annos de 315 em Roma : « Ao muito grande Imperador Flavio Constantino, César Augusto, dedicaram este arco triumphal o senado e pôvo romano, por ter, sob a inspiração divina, e graças a sua magnanimidade, vingado com o seu exercito a republica, derrubando no mesmo golpe o tyranno (Maxencio) e toda a sua parcialidade. » Conforme se lê no *Boletim* do Sr Rossi.

pagãos não podia deixar de parecer heresia desmarcada : a saber, que a escravidão não é de direito natural. Principiava o escravo a transmudar-se em homem. Para essa banda entravam bafejos vagos do Evangelho. Em Constantino é que é já possivel medir o caminho vencido. Graças a elle, achou o catholicismo aberta para penetrar na politica e no direito civil, que até ali se tinham mantido inexoravelmente pagãos; morre a auctoridade pagã, e aos Romanos é já dado contemplarem o arrebol da auctoridade christã, toda ella caridade e justiça. A maioria dos senadores, idólatra ainda, percebe o abysmo que separava aquelles dois generos de auctoridade, e converte-se.

Prohibiu o imperador christão que de ora avante se marcassem com ferrete na testa os condemnados á labutação das minas, ou ao mister de gladiadores; e não menos acabou com o uso cruel de quebrar as pernas

aos escravos. Mandou que os officiaes do fisco tirassem do publico thesouro, ou dos haveres pessoaes do principe, o que fôsse mister para sustentação de creancinhas pobres, por lhe constar que as vendiam as mais das vezes os proprios páis. Com pena de morte vedou tambem que fôssem aprehendidos os servos ou animaes da lavoira, e que de casa fôsse raptada qualquer mulher. Concedeu aos bispos e sacerdotes o direito de alforriarem escravos na Igreja, em presença do pôvo. Comminou penas durissimas aos tutores que de suas pupillas abusassem; e determinou se guardassem os domingos.

Não pago ainda com o auxilio que em vida concedeu sempre aos desvalidos, quiz suavisar-lhes a morte, ordenando-lhes gratuito o funeral. Instituiu para essa esmola suprema da sepultura christã uma confraria de clerigos.

Os escravos, que o ferrenho paganismo porfiava em reter no mais torpe captiveiro, não escaparam á sollicitude do grande imperador cathólico. Em sua Ordenação do anno 312 recorda que é sagrada a vida do escravo : « Será havido por homicida, diz elle, todo o senhor que voluntariamente matar escravo á paulada ou á pedrada, o ferir de morte, ou o enforcar em laço; o mesmo, todo o que o envenenar, todo o que o der em pasto a feras, ou lhe crestar o corpo com carvões ardentes, etc. »

Por ahi vemos qual era o abysmo de miserias e flagicios, de que a Igreja porfiava em redimir o mundo.

Tanto foi obra da Igreja a abolição da escravatura, tanto de alma a incutia e a sabia disseminar, que á Igreja commette Constantino o cuidado da propagação de tão nobres intuitos, sob o auxilio da sabedoria divina, *religiosamente,* diz elle proprio. Não só receberam os bispos o privilegio especial de conceder plena e inteira alforria aos seus escravos, senão que o houveram tambem os clerigos; e concediam-n'a por mera outorga verbal, sem mais acto algum publico.

Conferir um tal poder á Igreja, que no escravo desvalido encontrava a Christo, era, não ha negal-o, ferir de morte a instituição da escravaria.

Ao meditar as bellissimas leis de Constantino, inspiradas todas pelo christianismo, exclamou o visconde de Chateaubriand, que, a não o prohibir a anarchia da era, teriam aquellas sabias leis vingado a « libertar de vez uma larga porção da especie humana. » Engana-se. Tal erro, não o haveria commettido a Igreja. Era necessario, tanto para o escravo como

para a sociedade, proceder com maior prudencia e cautela. Era mister preparar para o escravo o seu logar ao sol de Deus, e para a sociedade um homem. A não ser assim, em vez de trabalhadores honestos, haver-se-hiam doado monstros á sociedade. « Visto que nem tudo o podiam conseguir as leis, observa o Sr. Troplong, valeu-se Constantino dos meios persuasivos para rasgar caminho á auctoridade. Fôram os bispos collocados, por assim dizer, á beira dos cidadãos, afim de os allumiarem com o conselho, afim de intervirem de arbitros nas contendas, e protegerem os fracos. Subiu depois a muito mais essa intervenção; originou a jurisdicção ecclesiastica, tão notavel durante a idade media, que, sem ella, toda a justiça houvera irremissivelmente perecido, segundo confessou a alta imparcialidade de Robertson. Da crescente influencia do clero resultava concorrerem para elle mui espontaneas as populações; por fórma que levavam os bispos dias inteiros a conciliar desavenças. Vinham os proprios pagãos, assombrados de sua irrecusavel prudencia, consultal-os, e submetter ás decisões d'elles os seus negocios. Com esse genero de mediação, muito alvitrada por S. Paulo, cimentavam-se pazes entre todos os christãos da primitiva Igreja; e isso, que foi crescendo a olhos desde Constantino, graças ás sympathias populares, e com o favôr dos imperantes, contribuiu mais que muito para fazer entranhar a cordura christã nas relações civis. Reinava a caridade, a benevolencia, a verdade, n'aquelle tribunal, bem mais humano, e mais despido de indole contenciosa, do que a justiça official do pretorio. Como patrono dos desvalidos, interpunha-se o bispo entre senhores e escravos, entre páis e filhos; e corrigia as demasias da auctoridade, e as ordenações erroneas. Acoitavam-se sob aquella suave protecção do bispo os seus pupillos; e elle velava attento porque lhes fôssem dados tutores e curadores idoneos. »

Esse espectaculo apresentava já a auctoridade convertida. Uma phrase de Constantino attribue toda a gloria do feito á Igreja. Certo dia perguntou-lhe um estrangeiro quem vinham a ser aquelles sacerdotes que o acompanhavam sempre, e de que lhe serviam; ao que elle volveu : « São os veladores da minha alma. » É grande um tal espectaculo de transformação social; mas não o é menos o da transformação intellectual.

Até á vinda de Jesu-Christo, a não ser aquelle recantinho allumiado das promessas e prophecias biblicas, jaz em trevas profundas a terra inteira. De balde forceja a rasão humana romper a caligem, e penetrar

no mysterio em que se envolve o mundo. Abortou miseravelmente a philosophia. Destroem-se umas ás outras as suas hypotheses; e entre contradicções infindas vae travada tão renhida peleja, que o animo trabalhado de tamanho cahos dispara no scepticismo, e afunda-se na materia, tentando ainda, por um derradeiro impulso da sua grandeza, e do seu aspirar sem termo, divinisar essa mesma materia.

Para castigar no homem a rebellião, não houve Deus necessidade de acorrental-o; pelo contrario: entregou-o livremente a si, para elle proprio se enlear nos seus erros e vicios.

Soou finalmente a voz do prophetisado Christo. Soou o Verbo creadôr; logo o repetem milhares de vozes; os corações estremecem; côa luz na entenebrecida rasão; espedaçam as almas os grilhões de captiveiro. N'aquelle seu revelar-se á humanidade, revela Deus o homem ao homem. A sua origem, a sua natureza, o seu destino, tudo problemas de balde pesquisados pela soberba humana, ficam resolvidos por tão lucidas affirmações, tão profundas, e tão accordes com as nossas aspirações intimas, que a evidencia d'ellas se embebe no espirito, mau grado d'elle. Para ir de encontro a taes verdades, e contrastal-as com certo bom exito, aliás ephemero, é mister desencaminhal-as, primeiro, e depois apoderar-se d'ellas.

Que revolução incalculavel se realisou no pensamento! Transpõe a alma humana, até então mutilada, quebrantada, amesquinhada pelo erro, o campo escassissimo a que se habituara, e retoma posse das luzes e sentimentos do infinito. A prova de que Deus se humanou, foi o ter-se o homem divinisado. O penedo onde, desde quatro mil annos, gemia agrilhoado Prometheu, trocou-se n'um altar, em que o homem sacrifica a sua natureza peccante, se despoja de todo o mal, e se vê novamente obra de Deus. Por essa transformação intima, reascende o homem á sua innocencia e grandeza primitiva. Depois de ter sido pregado com Christo na cruz, e ter sido sepulto com elle, ressurge transfigurado o rebelde de outr'ora. O seu coração abarca céos e terra, Deus e a humanidade; libertada a sua rasão assiste, e n'elle toma parte, ao concerto das celestes harmonias, que os escritos humanos repercutem depois. Desde as obras dos pagãos antigos até estas novas, que brotam em caudaes da alma luminosa dos Apóstolos, Padres, e Doutores da Igreja, vae incommensuravel abysmo. Os impulsos de uns e de outros são oppostos essencialmente.

A philosophia pagã é divergente. Sancciona a divisão e a injustiça nas

relações humanas. A philosophia christã, pelo contrario, é convergente. Faz de todos os homens uma familia só, e d'essa familia é Deus o pái. Ergue os olhos para o céo, e exclama : *Pater noster!* Essa tão singela phrase, ensinada pelo Salvador, é por si só a sciencia inteira do mundo novo. A tão suave e penetrante clarão, é ver como os animos mais indoceis, os entendimentos mais mesquinhos, os corações mais perversos, em silencio se compõem. Uns d'elles tratam com santo desvêlo o germen



Fig. 126. — Baptisado de Constantino. Fresco de Raphael, no Vaticano. Seculo xv.

recebido; outros, procuram afogal-o, mas por mais que façam não podem volver-se ao que eram. A si proprios se estranham, mui diversos do antigo estado. Os olhos com que vêem não são os de outr'ora. E como é certo que os Apóstolos, os apologistas, os doutores, os santos, os confessores, os martyres, as virgens, todos os córos dos cathecumenos, a Igreja inteira, cuja área se vae alargando a olhos vista, repetem, commentam, desenvolvem constantemente cada uma das palavras que proferira a bocca mesma de Deus, resulta d'ahi uma creação intellectual toda nova.

Armas para guerrear o Catholicismo, teve o erro de tomal-as do pro-

prio Catholicismo. Isso demonstram as heresias que pulularam desde as primitivas éras da Igreja; isso demonstra em cheio o espirito philosophico da escola de Alexandria, escola que outra coisa não foi senão uma corrupção grosseira das verdades christãs.

Mas essas nevoas, por muito que se conglobassem, nada valeram ante os raios, que sobre ellas desferia a phalange, cada hora mais cerrada, dos apologistas. E no proprio momento em que subia Constantino ao throno imperial, acabavam de vez as escravidões da humanidade e da rasão humana. Triumphava Jesus no direito, na philosophia, na litteratura. Iam ser escutados os Basilios, os Agostinhos, os Ambrosios, os Gregorios, os Chrysostomos. Pelo esforço de tão grandes homens, pelo esplendor das obras d'elles, immorredoiras de si, e commentadas e vivificadas no correr dos séculos por uma serie ininterrupta de discipulos brilhantissimos, ia de vencida, arrastado pelo dogma, o erro religioso; ficava redusido á sua indole de pertinacia, que ha-de manter-se em quanto durar o mundo; e os seus apoios unicos ficavam sendo a volupia e a soberba.

ROMA CHRISTÃ. — ALEIVOSIAS DE BYSANCIO

Das extremas do ambito abarcado pela Igreja, quem volvesse olhos para o centro d'ella, assistiria a não menos divino espectaculo. Na Roma pagã surge outra Roma, a Roma dos Papas, a cathólica, o centro, o eixo, o fóco do mundo novo. Como que palpita ali o coração de Deus; e parece que é lá sensivel a acção perenne da Providencia. Todo o conjuncto dos factos historicos anteriores a Jesu-Christo concorre para levar Pedro a Roma; e a historia inteira, de Jesu-Christo até nós, tende a tornar essa cidade a verdadeira séde da realeza espiritual annunciada nos Prophetas. Em Roma se travou o mais agro da peleja entre a verdade e o embuste; todas as Igrejas incipientes, sangue de martyres as regou; mas a de Roma, inundou-a esse sangue por trezentos longos annos. Nada a intimida; nada consegue abalal-a; nada a sabe desanimar. De cada grão de frumento esmagado na mó, brotam messes inteiras de varões escolhidos; e as espigas de tal messe, dispersadas pela perseguição, vão ornar e sustentar todas as regiões do orbe. A morte, que tudo acaba, tornou-se, por milagre divino, fonte vital para a Igreja toda, e muito especialmente para a Igreja romana. Ia diminu indao

cidade pagã, ao passo que ia augmentando a cidade dos christãos; por forma que chegou tempo, em que já o cutello dos Césares receava proseguir, por medo de despovoar de todo a exhausta Roma.

Mas a Roma pagã, essa mesma que havia de responder por *todo o sangue innocente derramado no mundo,* não succumbia assim; revolve Deus então a multidão das gentes, e para sobre o imperio ruem de rondão hordas sem termo. Saqueiam-n'o, inundam-n'o de sangueira, revolvem-n'o de alto a baixo.

Quando alguem perguntava aos maioraes d'aquellas phalanges do terror a causa que a tamanhos encarniçamentos os movia, respondiam serem elles executores das ordens de Deus, e instrumentos das vinganças do céo! De feito, pelo braço d'elles é que a summa justiça fazia expiar aos Romanos os seus innumeraveis flagicios contra a humanidade e contra os Santos. O imperio todo se transformára em circo; e em toda essa arena desmesurada jorrava o sangue dos que em furia bradavam : « Ás bestas feras os christãos ! »

Aos forçosos e continuados impetos do vendaval de sangue que ia derruindo o mundo velho, quem resistia era a Igreja; essa lá permanece de pé, semeando n'aquelle cahos os germens da futura sociedade. Encaminha-se para os barbaros, de cruz alçada, e começa a conversão d'elles com tal denodo, que é e ha de ser para todo o sempre o assombro da historia.

De Bysancio, para onde Constantino trasladára o imperio, nenhum soccorro chegava nunca; perigos, sim que chegavam. Era Bysancio a segunda Roma; aspirava porém a desbancar a primeira; era christã só no nome, que a idolatria imperial ressuscitava o paganismo. Enganára-se Constantino conservando em si o summo pontificado dos deuses. Tornou-se funesta para logo á dynastia do grande homem aquella cautela, puramente mundana; ressentiu-se d'ella o novo edificio imperial, em cujo alicerce se introduzira aquelle canto a ameaçar esboroar-se. O que importava não era tomar nem deixar o pontificado dos idolos, senão que era urgente abolil-o. Já o nome era demais. Como se diziam pontifices dos deuses, crêram-se os successores de Constantino pontifices de Jesu-Christo. Machinaram sempre reger a Igreja, alterar-lhe a doutrina, realisar por industria dos sacerdotes cortesãos e dos eunucos o que não tinham carrascos alcançado. Succumbiu a isso o imperio do Oriente; d'ahi grangeou maiores glorias a Igreja de Deus. Roma tinha feito os martyres; faz agora os doutores; e assim como

o corpo de Christo se tinha magnificado entre supplicios, nas contestações se desenvolve e magnifíca a doutrina de Christo.

S. GREGORIO I.

Tem a Igreja como crença firme, que perseguição nenhuma ha de lograr destruil-a, e que nunca hão de faltar-lhe perseguições. Contrastada felizmente a crueza de Roma, eis surgem as fellonias de Bysancio, os golpes traiçoeiros, as mãos parricidas assoldadadas pela cobardia. De Constancio a Leão, o Iconoclasta, discorrem quatro seculos de humilhações, insultos, embustes infamissimos; passam Vandalos, Hunos, Godos, e Lombardos! Quando Bysancio chega a possuir Santos, são martyres da fé romana. N'este meio tempo S. Gregorio Magno appareceu. E' Gregorio patricio de Roma; pelo seu denodo singular, é o ultimo patricio da velha cidade, a qual n'elle concentrava toda a sua virtude antiga antes de morrer; e a suavidade magnanima que todo elle respira, faz d'elle o primeiro dos novos soberanos da dominadôra do mundo.

Com a supremacia politica de Bysancio despovoara-se a Italia retalhada de invasões. Do eirado dos castellos que ainda lhes ficavam, as guarnições, irrisoriamente alcunhadas de romanas, presenceavam o incendio do territorio. Amarrados á laia de animaes, iam arrastados ao captiveiro os infelizes habitantes. Já nada conseguia a varonil audacia de S. Gregorio. Alluia-se o mundo; e comtudo, lá perseverava na lide o indomavel ardor de S. Gregorio. Vedava a Roma o desapparecer de todo, e arrojava para longe, para o gremio dos Barbaros, as sementes de novas nações cathólicas. Pelejava com a peste, com os terremotos, com os barbaros hereges, com os barbaros idólatras, com o cadaver já infecto do paganismo, ainda insepulto; pelejava comsigo mesmo, avergado de enfermidades; e bem podia dizer-se que em todo o genero humano o que ainda restava são, era a alma de Gregorio. Ficou sendo elle um dos modelos mais acabados de principes christãos. Por entre todo aquelle desabar da auctoridade regular, avulta elle como um rei. Exerce em cheio o poder real, que mal jazia em embrião nas mãos de S. Pedro, e passára a Sylvestre I. A ter S. Gregorio recusado tamanho encargo, perecia tudo. Já não ha chefe, nem pái, nem sequer ideia do direito; o poder todo resvalou para eunucos e salteadôres. Já ninguem exerce mando pelas vias legitimas; quem tudo rege é

a força, dominadora brutal que escarnece do direito, e de quem mofam as traições. Quem ergue e derruba thronos é mais o punhal, do que a espada; e mais ainda o veneno, que o punhal. N'esse seu erguer-se e baquear, aquelles thronos de um só dia vão esmagando a especie humana.



Fig. 127. — Santa Escholastica apparece depois de morta, a seu irmão S. Bento. Sustida por tres anjos, vem a Santa acompanhada de duas virgens coroadas de flores, tendo cada qual sua palma, e mais dois Apóstolos Pedro e Paulo, que estão convidando o Santo a que suba para o céo. Quadro de Le Sueur, no Louvre. Século XVII.

Pelo amôr dos povos, pela sagrada magnitude da sua dignidade, pela firmeza do seu peito, pelos recursos inexhauriveis do seu genio, é que S. Gregorio logrou contrastar tantos flagellos. Offereceu a paz, impôl-a, comprou-a. Reedificou Roma e cingiu-a de muros. No auge de tamanhos

desvelos, nunca (segundo reza a tradição constante dos Papas) deixou de albergar peregrinos, e alimentar pobres. Fez mais : legou aos successores um genero de politica onde elle proprio se continuava.

Para o auxiliar, tinha Deus despertado outra potencia moral. Fundára S. Bento a sua ordem. Era Gregorio monge benedictino. Já floresciam os mosteiros de Subiaco, de Monte Cassino, e outros; protegia-os dos barbaros a sua mesma santidade e pobreza. N'esses retiros, onde nada se deparava a cubiçosos, refugiara-se toda a sciencia, principalmente a sciencia de Deus. Lá se conservavam livros, lá se faziam santos, e de lá saíam homens. Lá se estava concentrando a grande força, a quem por fim tinha de vir a caber o imperio.

Assim foi, que, pela heroica sanctidade de Gregorio I, a Igreja cobrou hardimento, e se aparelhou para resistir á furiosa loucura de Leão, o Isaurense, rustico alçado a imperador, e que porfiava em destruir as imagens sagradas. Isso foi a heresia dos chamados iconoclastas, gente a quem as santas imagens escandalisavam a sua *sciencia* e *piedade*.

Por via dos seus successôres venceu S. Gregorio II ao Isaurense. Como fizera S. Gregorio I, que o antecedera um século, fundou a politica requerida pela sua era. Sem ir de encontro a direitos, que só elle por então na Italia reconhecia e mantinha, oppôz-lhes o superior direito, que a imbecilidade culpada dos Bysantinos blazonava aniquilar. « Por *desventura* para os imperadores, observa certo escriptor, reinava no solio de S. Pedro a virtude mais austera unida á sabedoria mais profunda. No correr de oitenta annos succedêram-se em Roma sete Pontifices, tão veneraveis por virtude, como temiveis para os soberanos por seu fino tacto politico. »

Seguindo ao longo d'essa corrente aurea de sete Pontifices, temiveis por sua finura, mas veneraveis por sua santidade, chegâmos ao grande Papa Adriano, o amigo de Carlos Magno. Foi elle quem cerrou a época da soberania imperial, systema politico singular, que levava Leão, o Isaurense, e Constantino IV, o Copronymo, a decretar artigos de fé. Depois de séculos de paciencia, tiveram os Pontifices que rebellar-se contra uma tal escravidão, para salvarem assim o Papado e a Religião, Roma e a Italia.

Coube a S. Gregorio I tomar para si o mais formoso dos cognomentos pontificaes. Ao passo que todos os titulos eram poucos para condecorarem os imperadores bysantinos, titulos que bem attestam a pueril futilidade

dos senhores do mundo, Gregorio a si proprio se denominava servo dos servos de Deus, *servus servorum Dei*. Por isso que a realeza ia em breve parar inteira e intacta ás mãos papaes, mais solemnemente era n'esse momento recordado Aquelle que veio ao mundo « para servir ».

COMO NASCEM AS NAÇÕES.

Por fins do século sexto, via certo monge romano, que tinha sido um dos fidalgos mais illustres de Roma, formosos escravos barbaros á venda n'um mercado publico. Deu-lhe na vista a muita belleza d'elles, perguntou d'onde vinham, e soube que eram Inglezes, e idólatras. Libertou alguns, e apartou-se, muito condoído de que tão finas creaturas jazessem nas garras do demonio; fez logo comsigo tenção de resgatar inteira a nação dos Inglezes. Pouco tardou em abandonar a sua terra e a sua familia, transpôr montes e mares, arrostar a morte, com o fito em levar aos Inglezes a luz verdadeira, e a libertação em Jesu-Christo. Com receio de perder um tal varão, teve Roma de o reter por força. Como o reputava necessario á sua salvação, agrilhoou-o á cadeira augusta e formidavel, onde em seis longos séculos nunca deixára ainda de jorrar sangue de martyres-pontifices. Este monge era o homem de Deus, a quem a gratidão e o pasmo do universo cognominaram S. Gregorio Magno.

Depois de Papa, não desamparou S. Gregorio o intento que lhe dictara a sua caridade para com os Inglezes. Não podendo ir em pessoa evangelisal-os, enviou-lhes um apóstolo muito do seu peito, um monge do mesmo convento onde elle outr' ora se furtára ás glorias do mundo, e d' onde o mundo o havia arrancado para gloria de Deus. Acompanhado de alguns confrades, escolhidos tambem á conta da sua muita prudencia e virtude, abalou-se de Roma aquelle monge, por nome Agostinho, com o empenho na conquista de Inglaterra, isto é, com o fito em destruir o culto dos idolos, ensinar a lei de Deus, fazer respeitar a vida humana, guerrear os vicios, encaminhar, em summa, aquella nação para o gremio da familia christã. Por armas, levava apenas alguns poucos livros de orações, alguns ossos de martyres, e a benção pontifical.

No emtanto, tinham os Inglezes uma tal fama de incredulos, ignorantes, e barbaros, que de todo acuou o valor nos missionarios. Detiveram-se na Provença, medrosos de se aventurarem á sua missão, e supplicaram ao

Papa os dispensasse de empreza tão arriscada e tremida de incertezas. Intimou-lhes o Papa que andassem avante, confiassem em Deus, e não temessem fadigas, ameaças, nem morte. Obedeceram.

Bem ás vessas do que esperavam, deram com um povo mais disposto a abençoal-os, do que a lapidal-os. E comtudo, não houve por bem o chefe d' aquella terra avistar-se com elles a vez primeira, a não ser ao ar livre, por temor de que, se debaixo de tecto lhes desse ouvidos, o não enleassem elles por alguma operação de magia. Encaminharam-se para elle os missionarios em procissão, levando erguida a Cruz com a imagem do Salvador, e annunciaram-lhe a salvação. Escutou-os o barbaro, e dirigiu-lhes palavras, que bem do coração recommendâmos aos Inglezes lettrados e civilisadissimos do seculo dezanove; achal-as-hão em Beda, o pae dos historiadores inglezes, e quasi contemporaneo de Gregorio : « Formosos são os vossos promettimentos; coisas são porém novas e « incertas; não posso annuir a ellas, e desamparar a religião que ha « tanto observo, mais o meu pôvo. E comtudo, segundo de tão longe « viestes, para nos ensinar o que haveis por mais verdadeiro e melhor, « praz-me acolher-vos, e fornecer-vos de tudo que vos seja mister; nem « vos eu prohibo que a todos os que chegardes a persuadir, os chameis « á vossa religião. » Deu-lhes sitio onde poisassem na sua cidade capital, que veio depois a chamar-se Cantuaria. Lá viveram, lá prégaram livremente; e volvidos dois annos, em 598, escrevia S. Gregorio a Santo Eulogio, Patriarcha de Alexandria, estas palavras : « Jazia aquella nação « dos Inglezes em trevas profundas de infidelidade; adorava madeiros e « pedras. Pará la enviei um monge do meu mosteiro. Tendo-o os bispos « das Germanias (reinos dos Francos) ordenado bispo, com venia minha, « fizeram-n'o transportar áquellas paragens, lá nos confins do mundo; e « chegam-me ora noticias do feliz exito da empreza; pois tantos milagres « perfez (e não só elle, mas tambem os companheiros d'elle), que parece « rastreiam pelos dos proprios Apóstolos; e inteirado estou de que nas « festas do Natal passado baptisou aquelle nosso irmão e confrade para « mais de dez milhares de Inglezes. » Entre os novos baptisados contava-se El Rei Ethelberto, hoje numerado entre os Santos. Até esse tempo, nada mais fôra a nação ingleza do que uma confederação de varias hordas barbaras; n' aquelle dia solemne nascia de vez a grande Inglaterra.

Nunca afrouxou S. Gregorio no seu piedoso empenho; e seguiram os



Fig. 128. — S. Bonifacio, inglez, vae a Roma receber do Papa Gregorio II os poderes necessarios para a evangilasação da Alemanha. Escrevia o Papa Gregorio III a S. Bonifacio, que, depois de Deus, a elle e a Carlos Martel, principe dos Francos, era devida a conversão de cem mil pagãos. Fresco de Henrique de Hess, em Munich. *Vida de S. Bonifacio*, Pariz, Schlugen. 1 vol. in-fol.

successôres tão bom exemplo, accezos no mesmo amôr. Não ha ahi nação, que tanto deva á Igreja romana, como a ingleza. Por ella desabrochou, por ella se educou, ella a protegeu, e lhe influiu aquella sua robusta indole social, que logrou resistir (exemplo unico!) ao embate de tres seculos de heresia. Nada mais admiravel, nada mais constante, do que a sollicitude dos Pontifices em concluir e aperfeiçoar a obra grande do civilisamento da Inglaterra. Não ha nas sublimes ternuras maternaes mais cabedal de vigilancia, maiores caudaes de misericordia e perdão. O que saíu a final de tanta caridade, sabe-o o mundo. Graças ao desvelo dos bispos delegados dos Papas, ou por elles instituidos, e que nem a fadigas nem a sangue se furtaram, cobriu-se a nova nação cathólica de mosteiros e escolas; concilios frequentes conseguiram supprimir superstições e leis barbaras, substituindo-lhes a luz e as leis christãs; no throno sentou-se a piedade em vez da crueza; lettras e artes desferiram vôo largo. Decorridos cento e trinta annos depois do estabelecímento de Santo Agostinho em Cantuaria, já o veneravel Beda, filho de um d'aquelles barbaros convertidos na vespera, se tornava luzeiro do mundo, e entrava na lista augustissima dos doutores da Igreja; outro, S. Bonifacio, restituindo á Igreja o que os da sua estirpe haviam d'ella recebido, era exemplar de missionarios, e conquistava para Jesu-Christo uma parte da Allemanha ainda pagã.

No tropel das suas vicissitudes e vaivens politicos, tinha-se a Inglaterra constituido a *Ilha dos Santos;* e Deus, premiando um pôvo que assim buscava antes de mais nada o reino do céo, tinha-o alforriado da miseria. Na Ilha dos Santos só era pobre quem o queria ser. A nenhuma creatura feita á imagem de Deus faltavam jamais amigos, e alimento. Áquelle torrão abençoado as proprias invasões inimigas, que tantas perturbações e guerras levavam comsigo, não levavam a penuria; e era tal a força dos institutos cathólicos, que triumphavam da soberba dos vencedores, e acabavam pelos dobrar ao jugo da caridade. No volver dos cinco seculos de guerra civil, que sem interrupção, quasi, seguiram a conquista, iam os monges desbravando os chãos, cobriam-n'os de monumentos magnificos, instruiam o pôvo, logravam influir-lhe aquella cordura, aquelle acatamento á auctoridade, aquelle afferro á tradição, que até hoje mantiveram á Inglaterra primasias entre os póvos do orbe. Todas essas obras, realisava-as a Igreja, nem sempre isenta de dissabores, porêm

sempre valorosa. Quem bem avaliar todas as luctas em que lhe foi mister envolver-se, ha de reconhecer que fôram verdadeiras pelejas da civilisação contra a barbarie.

Tão formoso edificio do genio civilisador da Igreja romana, invadiu-o, tres seculos ha, o genio destruidor da heresia, esse mesmo, que, sob diverso nome, e com outras fórmas, porfiara outr' ora em derruir a civilisação oriental e africana. Certo rei christão, rebaixado por suas brutaes paixões ao nivel dos antigos chefes dos Mercianos e dos Northumbrenses, e que principalmente almejava sacudir o jugo do Evangelho, recorreu aos supplicios para arrancar as Igrejas de Inglaterra á sua mãi natural, a Igreja romana. Logrou o intento; e por tres séculos aquella nação, depois de vingada ao cume das prosperidades, pareceu tornada aos barbaros tempos d'El-Rei Ethelberto e do missionario Agostinho.

S. MARTINHO E A FRANÇA. — AS ESCOLAS

Em dias de S. Gregorio I, outra nação tambem desabrochára, e chegára á força viril. Possuia bispos, monges, santos, monarchas; pompeava já o seu nome, e grande nome, em todo o mundo christão. Cognominava-se a primogenita da Igreja! Hoje, a despeito de tão estranhas e terriveis vicissitudes, ainda não ousou renegar titulo de tanto lustre. Sim; primogenita da Igreja, e campeão da Igreja; o mais denodado e fiel dos seus campeões. É a França. Teve a S. Martinho, teve a Clovis, ha de ter a Carlos Magno e a S. Luiz, ha de contar ainda outros homens, cabos de guerra, estadistas, ecclesiasticos, litteratos, que sem pugnarem em prol da Igreja tanto quanto o haveriam podido, hão de querer muito o seu triumpho mais a sua gloria, e ainda mesmo quando lidarem contra ella, hão de por ventura ser condemnados a presencear, que as suas diligencias teem de redundar sempre em proveito d'ella. É bem notavel, que nenhuma heresia grande nasceu em França ou se deu lá, com visos de victoria completa e duradoura; e que toda a heresia tem sido em França combatida com melhor exito e mais affinco, do que em outra qualquer parte.

S. Martinho, Pannoniense, discipulo de Santo Hilario, foi primeiramente soldado, depois monge, e por fim bispo de Tours; esse pode

dizer-se o maior conquistador religioso das Gallias. Tomou-as, por assim dizer, em suas mãos, n'aquellas mãos tornadas milagrosas pela pratica heroica de todas as virtudes; doou-as a Christo; e o tumulo de S. Martinho ficou sendo baluarte, que das invasões e barbaries defendeu efficazmente a sua nova conquista. É elle o antepassado da nossa nacionalidade, o pái e poderoso defensor da civilisação christã. Recorda-o a França, e a elle está a França lembrando de continuo; quinze séculos de campa não obliteraram em nossos corações a sua memoria, nem n'elle a sua ternura para comnosco. Não vão eivados os cathólicos francezes da barbárie que hoje nos envolve, depois de todas as outras de que nos preservaram as mãos de S. Martinho. Envolve-nos ella n'este momento, certo é; dir-se-hia que nos leva de vencida; o que é porêm innegavel, é que nos não logrou impôr as suas ingratidões, nem eivar-nos da infecção pagã dos costumes hodiernos. S. Martinho, o dos Francos, S. Martinho, o *da guerra,* como lhe chamava o seu povo, não tem de abandonar-nos.

Quando a eleição do pôvo christão o collocou forçado na séde episcopal de Tours, em 362, só eram christãs as cidades da Gallia; o mais quasi tudo pertencia ainda á idolatria. Subjugou elle esses dissidentes á custa de vinte e tres annos de milagres, cujo testemunho contemporaneo possuimos, escrito e publicado em sua vida. As suas orações foram como um vendaval, que derrubou templos e idolos, e arrancou pela raiz bosques sagrados; a fama das suas boas obras trazia-o presente em toda a parte, e operava muito para alêm das raias da sua diocese, e das suas excursões apostólicas. Aos oitenta e um annos, quando falleceu (8 de Novembro de 397), era já convertida a Gallia, e estava a desabrochar a França christã. São contestaveis os escritos de Sulpicio Severo e de Gregorio de Tours; empreza ardua, mas possivel. É sempre licito ao homem negar que uma simples palavra, um simples gesto de outro homem, bastassem para sarar enfermos, e ressuscitar mortos. Mas a conversão total da Gallia em sós vinte e tres annos, é milagre de tal ordem, que ou é mister admittil-o, ou explicar o como se elle deu, sem milagre e sem armas.

Por essa conversão, preparou-se e realisou-se com espantosa rapidez a fusão de Gallos e Francos. Oitenta annos não eram ainda volvidos desde que fallecêra Martinho, quando Clovis, ainda pagão, annuia a que se baptisassem seus filhos; e quando elle proprio pediu a agua baptis-

mal, não a quiz receber na cathedral de Reims, mas sim n'uma pobre igrejinha suburbana dedicada a S. Martinho, significando n'isso que o Apóstolo das Gallias era tambem o verdadeiro apóstolo dos Francos.

Cinco generos de barbárie oppugnaram nas convertidas Gallias a fé,



Fig. 129. — Jesus sentado no seu throno corôa a S. Martinho, um dos Apóstolos mais illustres da Gallia que se despojou de meia capa afim de agazalhar um mendigo. « O mesmo ha de acontecer a todos os que servem o Senhor. » Fresco de Orsel na igreja de Oullins, termo de Sião. Século xix.

em quanto ella não attingiu á sua assombrosa virilidade : a barbárie pagã, a ariana, a musulmana, a normanda, e emfim a barbárie intellectual. A pagã, coube a Martinho pessoalmente o derrotal-a e aniquilal-a. Depois de morto, dirigiu, e venceu, a peleja contra as demais. Dizia Clovis depois de baptisado : « Não me soffre o animo ver que ainda á sua parte possuem os arianos uma boa extensão das Gallias. » Não quiz travar guerra com visigodos, sem primeiro ter alcançado

protecção de S. Martinho. Quando na basilica de Tours entraram os enviados d'elle, com as dadivas, ouviram este psalmo : « Senhor, revestistes-me de força para a guerra, e posestes em fuga os meus inimigos. » Dias depois, achava-se Clovis em Vouillé, desbaratava os visigodos, e de quasi toda a Gallia os rechaçava. Tornou-se para Tours, offereceu á sepultura de S. Martinho magnificos presentes, e proclamou que ao Santo ficava devedor de tal victoria. Foi lá que lhe aprouve ser intitulado Consul e Augusto, e tomar o diadema, acrescentando a legitimidade politica á sagração religiosa por elle havida com o baptismo n'outra igreja tambem consagrada a S. Martinho; ahi ficou fundada a unidade politica do territorio francez. Recalcada a barbárie ariana, começava de vez a França. Era o alvorecer d'aquelle astro, que ousado se abalançava ao seu curso, para jubilo da Igreja, e pasmo do mundo.

Veio depois o terrivel embate da barbárie musulmana; fôram transpostos os Pyreneos, e as nossas regiões meridionaes vencidas e saqueadas. Empunha Carlos Martel o pendão de S. Martinho, encontra-se com o inimigo nas charnecas de Miré, d'onde já se avistam ao longe a cidade de Tours e a sua basilica. Trava renhida batalha, que dura oito dias; leva-se até Poitiers, e ahi esmaga emfim trezentos mil musulmanos. Uma tal victoria salva a Europa, e prepara Carlos Magno.

No seculo seguinte apparecem os Normandos, triumpham, e com ficarem vencedores, são para logo vencidos da fé em Martinho, crença que já agora pertence, e para sempre, á França. Tomaram os Normandos por padroeiro a S. Martinho, cujas reliquias os haviam vencido em Tours. No campo da batalha de Hastings ergueu Guilherme o Conquistador o mosteiro de S. Martinho da Guerra, e o povoou de monges vindos de Marmoutiers, antiga casa monachal de Martinho.

Figurava Marmoutiers como uma fonte abundosa de vida intellectual. Por sobre a França toda trasbordava, e por sobre largo tracto da Europa. Em sua vida fundára Martinho mosteiros, accendêra pharoes, e erguêra castellos contra barbaros em Milão, em Ligugé, em Trèves, em Tulle, em Autun. Aquella sua morada de Marmoutiers tornou-se grande, celeberrima, foi um viveiro de santos, de sabios, de bispos, e de fundadôres de póvos. De Marmoutiers saíu a primeira escola publica de França. Foi instituida em Tours, no século oitavo, na collegiada de S. Martinho, e tornou-se mãi da Universidade de Pariz. Assim pois, a

S. Martinho devemos a primeira fórma do ensino publico. Era gratuito, sem encargos, e nada custava senão aos professores.

O ensino de S. Martinho, longe de bulir nas crenças christãs, robustecia-as; era o ensino que nos faz conhecer a Deus, e aos nossos deveres para com elle, para com o proximo, e para comnosco; o ensino da caridade, da liberdade, e da dignidade, o unico ensino que torna o homem respeitavel para o homem, e para si mesmo.

Não tardará que o pôvo baptisado vá supplicar a S. Martinho que o defenda das cinco barbáries que elle combateu, e que hoje em dia apparecem unidas, e ainda mais eivadas de peçonha na barbárie revolucionaria.

É a Igreja uma grande mestra de uma grande escola. *Docete*, ensinae, foi a derradeira palavra de Christo aos Apóstolos; foi a regra que a todos os seus delegados deram os Pontifices; é a missão que seguem e encommendam por sua vez todos os bispos. « Mas não houve Igrejas, diz Joly, « no Tratado das escolas parochiaes, que a par das de França permane- « cessem observantes dos antigos principios; aos estrangeiros todos ser- « viram ellas de boa norma. » D'entre as escolas de Martinho, disseminadas pela vasta superficie das Gallias, e fundadas, ou restauradas, por elle ou por discipulos seus, bastará citarmos as de Tours, Ligugé, Lerins, Marmoutiers, Troyes, Lyon, Arles, S. Victor de Marselha, Reims, Vienna do Delphinado, Ruão, e finalmente Pariz. N'esses caudaes de agua pura se regalava o nascente caule da França baptisada.

Accresciam ás escolas monasticas as escolas episcopaes. Em volta de um ancião, cuja gravidade illuminavam sorrisos de anjo, contemplava-se um grupo de creanças, cujo sorriso, todo elle primavera, se temperava de serena gravidade. O menino parecia homem na compostura; e o velho parecia menino na alegria. Na flôr despontava o fructo; e o fructo ainda alembrava as flôres. Com o seu livrinho na mão, chegava por vez cada uma d'aquellas creanças ao pé do ancião, fazia o signal da cruz, e ia deletreando, entre hesitações graciosissimas, o que o dedo do mestre lhe apontava. Pois esse mestre primario, que ensinava o alphabeto aos pequeninos, era um bispo cathólico. Sim; ora se via S. Cesario, bispo de Arles, ensinando primeiras lettras; ora S. Desiderio, bispo de Vienna do Delphinado, ensinando grammatica; ora Fulberto, bispo de Chartres; ora Leidrardo, bispo de Lyão; não mencionando outros muitos, por forçada brevidade.

Refere Guizot, que durante a primeira dynastia se contavam só na Neustria, ou Gallia occidental, para cima de vinte escolas monasticas e episcopaes. Com a conversão de Clovis augmentou o numero; elle proprio fundou escola no seu paço. Desde o quinto século até ao oitavo, diz Filippe Lebas, cobriu-se a França com escolas mantidas do bolsinho do clero.

Deixae vir para mim os pequeninos. Ensinae *todas as creaturas, e baptisae-as.* Bem se pode dizer que o porvir do mundo residia inteiro n'aquellas duas phrases do Salvador. Bastariam ellas para arrancar do abysmo a civilisação; ou melhor : tel-a-hiam arrancado do nada; e arrancaram com effeito. Para se cumprir porêm o divino programma, era mister o grande operario divino chamado a Igreja; e era mister que a mão omnipotente que formou a Igreja a mantivesse contra todos os seus inimigos, encarniçados em lhe repellirem os beneficios.

Milagre permanente póde dizer-se a existencia da Igreja. E' a Igreja a forma visivel da força mysteriosa que tudo sustem. Já considerámos a sua acção em varios pontos. Em coisa nenhuma se patenteia mais ás claras essa sua acção do que na dedicação constante, humilde, obscura, com que sempre e em toda a parte ella se devotou á penosa tarefa, tanta vez ingrata, da educação da puericia. Usou isso constantemente, achou sempre quem a auxiliasse; e n'essa faina quem tudo encetou, continuou, e perfez, foi ella. A Igreja é mãi; e por isso que é mãi é tambem mestra de escola. Trata dos filhos, e ensina-os. Nunca se abstem, nunca ha de abster-se, de ensinar. Como rainha, podem roubar-lhe o throno; como mãi, ninguem conseguirá arrancal-a da escola. A despeito de todos os perigos, em todos os disfarces a que hão de constrangel-a, ha de conseguir ensinar o conhecimento de Deus, a arte de o conhecermos e servirmos; e por ahi ha de recobrar sempre o governo do mundo. Ha de doutrinar no auge das perseguições da civilisação, ou da barbárie, muita vez semelhantissimas, e concertadas em a açoitarem com a mesma furia. Ha da doutrinar na paz, e na guerra; ha de encontrar sempre homens que em nome d'ella se abalem descalços para as mais apartadas regiões. penetrem nas povoas mais silvestres, vivam no gremio d'ellas, curtam entre selvagens desterro perpetuo, e emfim por lá se acabem, illuminando aquelles boçaes em nome de Jesu-Christo.

Outra coisa ha de não menos merecer-lhe todo o desvelo : são os

pobres e desventurados. O que ella realisou n'esse assumpto, poderão inimigos escurecel-o; ignoral-o, nunca. Bem conhecem a inesgotavel fecundidade das suas obras caridosas. Sempre a Igreja fundou hospitaes, ao passo que fundava escolas. Não ha século, não ha quasi anno algum, que não assignalem novos alvitres seus. Prestou o nosso século o seu contingente glorioso, e maior, por ventura, que o dos seus predecessores; por ahi se reconhece tambem, que a raça de Jesu-Christo, firmada n'este mundo, pode ver alguma vez rarearem as suas phalanges, ou esmorecerem os seus clarões, mas nunca ha de ver minguar a efficacia das suas virtudes.

Aquella profusão de escolas no século oitavo, nomeadamente em França, é já a vanguarda de Carlos Magno. Atraz d'ella marchava um exercito, e um pôvo.

CARLOS MAGNO.

Não julgava o mundo, não julgava a propria Igreja, que o imperio do Occidente tivesse acabado de vez. A despeito de Roma e de Bysancio, entrevia a humanidade que era o imperio a instituição humana d' onde havia de brotar a Igreja, instituição divina. A justiça quer um braço; o direito, quer força; a verdade, quer protecção, quer um custodio cujas armas sejam a paz.

Que fôra o imperio romano? parodia infernal d' esse pensamento de Deus; tal pensamento havia de tomal-o e realisal-o a Igreja, que tem por missão restabelecer tudo, ordenar tudo em Jesu-Christo.

Não findara porêm o noviciado dos barbaros. Antes de se abrigar á sombra da auctoridade, havia o genero humano de se esquecer do despotismo. Tinham as torrentes invasôras, passando uma e mais vezes sobre Roma, de arrastar comsigo senado, idolos, e a infecção das lubricidades e das escravidões; profundar abysmos entre Bysancio e a Italia, entre a Italia e as demais regiões da Europa; dividir em familias de povos a multidão outr' ora subjugada; collocar cada familia em seu poiso; e emfim demarcar fronteiras, que fôssem como outras tantas fortalezas, onde a liberdade da Igreja originasse a liberdade das nações. Tudo isso havia de trazer como consequencia o sacro imperio romano. *Tantæ molis erat Romanam condere gentem.*

Dos fragmentos do imperio formavam-se imperios, que ao embaterem-se entre si se esfacellavam logo em parcellas cheias de mutuo rancor. Tomava-as a Igreja á sua conta, dava-lhes fórma, e impunha-lhes a sua ordem, com muita regra, sem quebra porêm da liberdade. Os mosteiros, ousadamente disseminados n' aquelle cahos, contrastavam as mesmas tormentas que desarraigavam thronos. A esses arbustos, a essas hervinhas, seguravam-se os povos errantes, e assentavam por fim as suas moradas. N'aquelles mosteiros eram educados os homens que não sabem desesperar. *Patientia pauperum non peribit in finem.* Aquelles monges lidavam em desbravar os povos, como suavam em desbravar a terra; com o seu labutar, todo paciencia, fertilisavam-se todas as charnecas disciplinavam-se todas as torrentes. Certo dia, percebeu-se que dos carinhos da Igreja tinha nascido um novo genero humano. Carlos Magno surgiu então, radiante de valor, e respirando candura e bondade.

A contar de Nero, eram transcorridos sete seculos e meio; e quatro desde Constantino. Já lá vimos que imperador coubera por fortuna á Igreja nascente; era a pura expressão do mundo do paganismo. Vemos agora Carlos Magno, imperador com que por sua vez a Igreja, livre desde quatro seculos, presenteia o mundo; d'esta feita é elle a expressão do pôvo que a Igreja formou. Pôvo ainda incompleto, certo é; ainda atolado no lodo; concebeu já na mente vastos planos, que a sua mesquinha condição lhe não consente executar ainda. No emtanto ha de já realisar obras sublimes; e depois de dez seculos, humilhado, atraiçoado, derrubado talvez, ainda assim ha de existir; ha de conservar viva a memoria, e arder em generosas ambições; e quando succumbir, ha de arrastar na queda tantas leis, e apagar tantos luzeiros, que já não poderá dizer-se que se extingue um mundo, senão o mundo todo.

Tinha Pepino restituido a S. Pedro as cidades tomadas aos Lombardos. O imperador de Bysancio, que sem direito as reclamou, reclamou-as em vão. O Lombardo, quando já lhe não impendia imminente o ferro carlovingiano, deslembrava juramentos de algum dia; obrigou-o Carlos a que os cumprisse, e confirmou a restituição de Pepino, não só movido de compaixão, mas tambem por deferir ás supplicas dos povos. Todo o homem deveras grande destrinça facilmente o que ha de justiça nas reclamações populares. Isso constitue o genio dos fundadores, e as obras que deixam duram por isso muito tempo. Escutou o filho de Pe-

pino o voto dos povos. Para os precaver dos Gregos e dos Lombardos, dos eunucos e dos roubadores, deu força ao throno imperial, implantou-lhe na frente a sua valorosa espada, e El-Rei Carlos tornou-se então Carlos Magno.

« Quando o dente lombardo mordeu a santa Igreja, correu em auxilio « d'esta Carlos Magno, librado nas azas da aguia romana, e venceu. » É tudo quanto a Carlos Magno concede o Dante; grande poeta, não ha negal-o, e grande theólogo; porêm não grande cathólico. É Gibelino; outorga ou recusa glorias, conforme o seu celebrado foi ou poude ser Gibelino ou Guelpho; não quer muito a Carlos Magno, por ter arrancado o imperio á que se inculcava descendencia de César, e pelo não ter mais bem conservado na sua. Quê! pois será Carlos Magno por ventura mero pupillo da aguia romana!? Filho era elle do Evangelho, e devoto auxiliar de Christo; pugnava em pró da Cruz sob as azas da Cruz.

Comprehendeu, amou, deu a mão derradeira á grande obra da Providencia : a séde temporal do Pontifice romano, e enthronisação definitiva de Christo no proprio sitio onde mais triumphara Satanaz. *Christus vincit, Christus regnat, Christus imperat.* E tudo na constituição de tal potencia ficou reunido : o direito divino, a antiguidade, todas as formas e todos os requisitos do direito humano. Como era proprietaria a Igreja? por doação de legitimos possuidores, pelo voto de povos resgatados, e pela conquista. Porque é de saber que Pepino e Carlos Magno tinham conquistado legitimamente aos Lombardos o que os Lombardos usurparam a povos que almejavam entregar-se á Igreja depois da separação dos Gregos por motivo de heresia.

Entre os soberanos é Carlos Magno por excellencia o homem da Igreja. Foi seu preceptor politico Adriano I. Adriano adivinhou a Carlos Magno; chamou-o, e quasi vinte annos o tutelou. Carlos Magno pode dizer-se a antithese de Nero. Ninguem ha de mór estatura, nem mais digno de affecto. Dir-se hia que n'elle se esmerava a natureza, e para o crear se guardara muito tempo. Pepino d'Héristal já é grande; Carlos Martel é maior; Pepino o Breve é melhor. Repellira Carlos Martel a invasão dos Sarracenos; Pepino vira a Igreja; Carlos Magno entrou n'ella. Desde muito novo se sentira a si proprio rei da parte de Jesu-Christo, e caudilho do povo christão, *rector christiani populi*.

O que no seu caracter appareceu com certo cunho de barbárie é só

ingenuidade, ardor da sua vigorosa e pura juventude. Ninguem é mais soffredor, mais clemente, mais generoso, mais docil. Quer o bem, e crê n'elle. Ama a Deus, e aos pobres, e ás armas, e á sciencia. Nunca duvidou dos direitos que a Deus assistem; não descança quando é mister pugnar por elles; allumia o mundo, accurva o barbaro ao peso da sua espada, e põe-se elle proprio a estudar como uma creança.

Toda a vida estudou. Presidia a uma academia nos seus paços; e era tão lettrado, que preparou uma lição correcta dos Evangelhos cotejada com manuscritos latinos, gregos, e syriacos.

Tomava por ilhargas homens de bem : Engilberto, Eginardo, Alcuino, o doutissimo preceptor; o duque Guilherme, que veio a ser depois S. Guilherme de Gellona; Bento, que veio a chamar-se S. Bento de Aniane, reformadôr da ordem benedictina, todos elles muito acatados dos contemporaneos e da posteridade; eram esses os cortesãos de Carlos Magno. Predominavam na sua côrte a decencia, a honra, a amisade. Era aquelle grande rei o rei dos seus amigos. Mencionam chronistas os prantos d'elle ao ver que algum amigo lhe morria, ou se apartava para algum mosteiro.

Venceu os Saxonios, e converteu-os. N'esse ponto, acoimam-n'o de crueldade. Reiteravam-se as revoltas dos Saxonios, chegando a matar os representantes de Carlos Magno, e a invadir-lhe o territorio. Que fez elle? feriu inimigos vinte vezes perdoados, traidores que vinte vezes haviam violado juramentos; só poupou os que pediram baptismo, que esses encetavam assim vida nova. Mal viu christãos aquelles temiveis Saxonios, outorgou-lhes logo Carlos Magno as suas antigas immunidades, libertou-os de tributo, e apenas os constituiu feudatarios da Igreja. Partindo logo a terra d'elles em provincias, circumscreveu-as em dioceses, e para manutenção de todos os deveres, levantou onde convinha cathedraes.

Preconisa Bossuet a sua vida privada. Perante a Igreja e o mundo, e cheio da serenidade honesta do homem bom, condemnava a fraude, o furto, o adulterio, a impudicicia : « Saibam todos os nossos vassallos, « que todo aquelle que se achar incurso em qualquer d'aquelles crimes « perde todas as suas honras. Em quanto se não arrepender e o não « provar por obras, terá de ser sequestrado de todo o trato com fieis; « porque devemos temer o precipicio onde sabemos que outros caíram. »

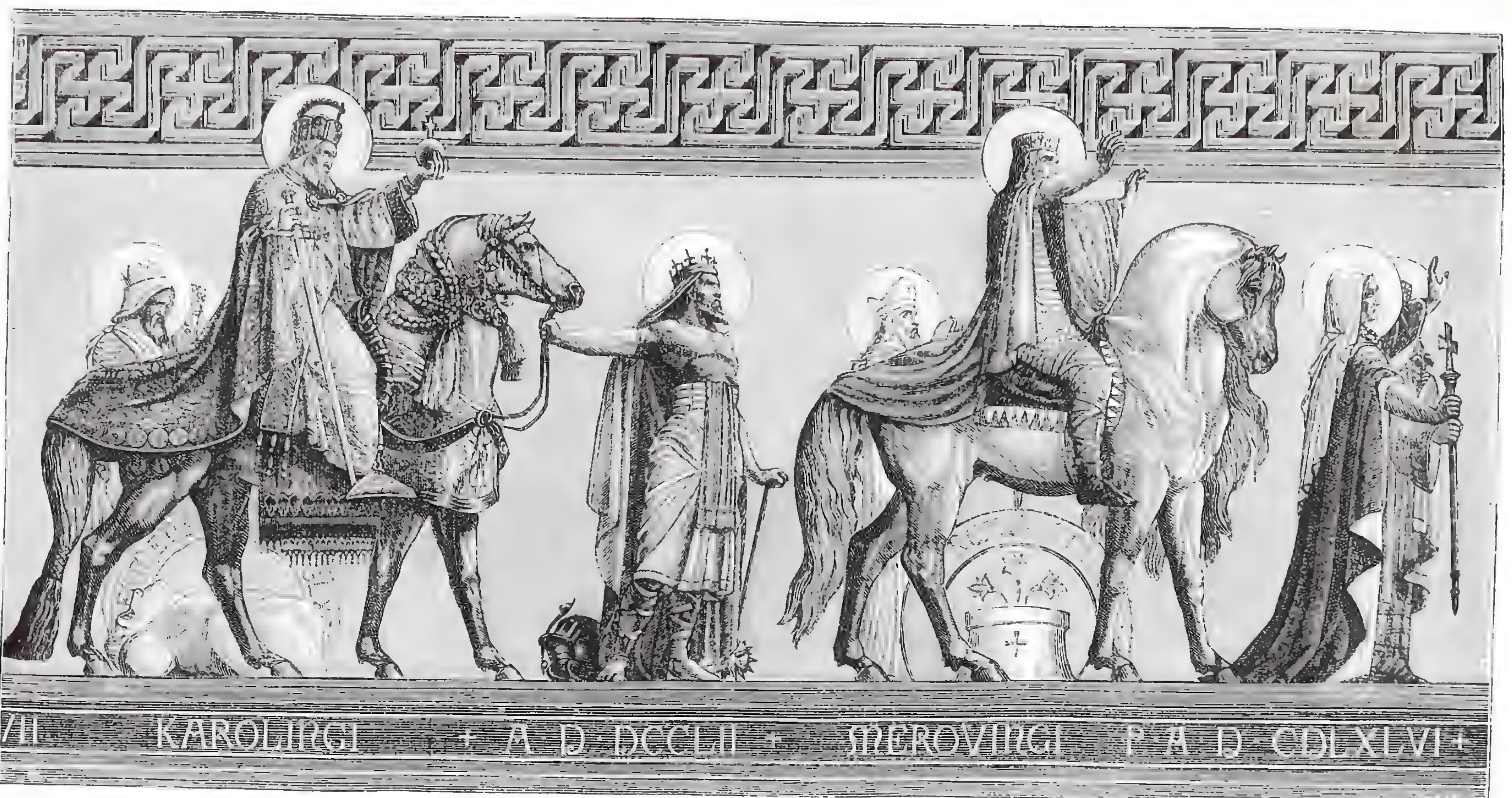


Fig. 130. — A França christã. Santa Genoveva e santa Clothilde, com a cruz empunhada precedem a Clovis, que adora a Deus como em Tolbiac; acompanha-o Gregorio de Tours; entre os pés do cavallo vê-se a pia baptismal de Reims. Atraz d'elle caminha Carlos Martel, vencedor dos Sarracenos, levando de redea o cavallo de seu neto Carlos Magno revestido das insignias imperiaes, e calcando aos pés o idolo dos Saxonios. Lothario, Luiz o Germanico, e Pepino repartem entre si os despojos de vasto imperio d'elle. — Fragmento dos frisos do *Catholicon*, projecto de pintura mural pelo Sr. Lameire, conservada na Escola de bellas-artes de Pariz. Século XIX.

Antes de erguermos a mão d'este retrato do imperador e do imperio, oiçamos o modo porque a Igreja então definia e proclamava os deveres da realeza. Eis os decretos dos Concilios promulgados por Luiz o Benevolo, como leis do Estado :

« Consiste a justiça d'El-Rei em impedir que o seu real poder vá « gravar injustamente o pôvo; — julgar os estranhos e os seus, sem « olhar a pessoas; defender os desamparados, os pupillos, e as viuvas; « reprimir os furtos, e punir os adulterios; não dar acrescentamento aos « máus, e não manter impudícos e histriões; soffrear os impios, e não « consentir que vivam os parricidas, nem prosperem os perjuros; pro- « teger as igrejas; auxiliar os pobres com esmolas; collocar os bons na « regencia dos negocios publicos; ter no conselho anciãos morigerados « e sobrios; não curar de superstições de magos, adivinhos, e pytho- « nissas; adiar os ressentimentos; pôr peito na defensa da patria com « energia e rectidão; nunca receber com soberba as prosperidades; « soffrer com paciencia a fortuna adversa; praticar em tudo a fé cathó- « lica para com os homens, e para com Deus; não consentir vida impia « aos principes; concorrer a horas certas ás orações; nunca tomar ali- « mento fora das horas convenientes ás refeições, pois está escrito : « *Desventurada nação cujo soberano pratica a modo de creança, e cujos* « *principes se assentam á meza desde pela manhã !*

« São estas as causas da prosperidade de um reino n'este mundo, e « é assim que um monarcha pode aspirar ao reino do céo. »

Soube Adriano I aproveitar a prosperidade, assim como os seus predecessores tinham sabido luctar contra as catastrophes. Com previdente mão tomou a si a curatella do mundo nascente. Era Romano, e cheio do genio da Roma antiga para os mais nobres e illustres commettimentos; e ainda realçava a sua boa vontade com o zelo das almas. Todo o seu empenho era que Roma se tornasse maravilha e escola para o mundo; e assim cumpria o seu pesado encargo de pái e servidor do pôvo christão.

Já lá desde o tempo do Isauriense ia a caridade pontificia, caracteristico perenne d'aquella politica, opulentando Roma com as loucuras de Bysancio. Ao acolher todos os artistas expulsos pela heresia, entregava-lhes o Papa a reedificação de Roma. De toda a parte surgiam palacios, baluartes, igrejas, porticos. Proseguiu Adriano essas obras todas, e levou-as

a tal auge de grandeza, que nunca os seus antecessores haveriam podido rastejal-o. Pensando nos riscos possiveis, acabou as fortificações. Restaurou os aqueductos antigos, obra havida por irrealisavel; transportou nos seus canaes aereos os caudaes que em larga copia regalavam a cidade, pois está escrito : *A abundancia das aguas alegra a cidade de Deus.* Reedificou varias igrejas. « Para uso dos peregrinos » construiu vastas galerias cobertas, afim de ligar as melhoradas basilicas de S. Pedro, S. Paulo, e S. Lourenço; só nos alicerces das primeiras arcadas da galeria que entestava com o Tibre, se empregaram doze mil troços de marmore tiburtino.

Adornada de altares e capellas, revestida de inscripções, calçada de mosaicos, corria aquella columnata magnifica no percurso de muitas milhas, atravez da campanha, entre destroços e mausoleos das eras pagãs. Um dos adornos exteriores da Roma antiga, cidade da morte, eram os mausoleos; a Roma nova, cidade da vida, annunciava-se por templos consagrados aos Apóstolos e aos martyres do Deus vivo. Exhibia logo nos seus áditos columnatas grandiosas e risonhas, como a estender braços amigos ao viandante que a demandava, e que já lhe não era ahi um estranho, senão hospede e filho, quanta vez filho prodigo cheio de affecto, e certo no perdão! A' sombra d'aquellas galerias do Papa Adriano não se via somente o Franco de Carlos Magno, humilde nos jubilos da victoria, o Bretão, que ali se ia a buscar livros, o Saxonio converso, que demandava bençãos; viam-se tambem o Lombardo penitente, e o Grego reconciliado.

Campeava aquella cidade, mais formosa do que nunca. Restaurada segundo as artes de Bysancio, alçadas então ao apogeu, magestosas e brilhantes, rutilava oiro, marmores, mosaicos, jorrava fontes, e nobilitava-se com as antigas ruinas, nobremente reerguidas. Via-se povoada de collegios nacionaes; ali se fallavam as linguas todas do orbe; nenhuma d'ellas era já, no emtanto, lingua de captiveiro; dirigiam todas a mesma prece ao mesmo Deus. Eis o que, em dois ou tres reinados apenas, operara n'aquelle solo talado de barbaros, e ainda como que estremecido do baquear da sociedade antiga, a poderosa mão dos Papas.

Compellidos do seu mau instincto, que os aconselhava a multiplicar assolações, levados do vendaval que arrasta os que o Senhor intenta castigar, tinham tributado Roma Alarico, Genserico, e Attila. Mais im-

placavel ainda do que elles Tótila, ao ruir sobre a cidade imperial, tinha conseguido despovoal-a. Quando Belisario, quarenta dias depois da retirada de Tótila, penetrou em Roma, assombrou-se. Os bastiões por terra obstruiam as entradas, ermas de seus portões. Verdegavam com herva as largas ruas, obstruidas de escombros. Chegado ao Capitolio, ousou Belisario violar o silencio de taes ruinas; mandou abusinar os clarins, e agitar as aguias; nenhuma voz lhe respondeu. Já lá não havia Senado; nem povo; nenhuns habitantes! Jazia morta a grande Roma; o cadaver d'ella era pasto das feras que o Senado, sempre pagão, tinha conservado até as horas ultimas, como sombras derradeiras dos antiguos desenfadamentos do povo, ainda então denominado o povo-rei.

Pois d'esse pó, bastaram dois séculos aos Pontifices para extraírem as maravilhas que entrevimos pouco acima, para extraírem a Roma do Papa Adriano, tão opulenta e concertada, e onde a religião era perpetua festividade; cidade das artes, da sciencia, da musica, escola do mundo, e que assim enlevava o coração intelligente de Carlos Magno. Depois de a ter mui de espaço visitado, orando cheio de amôr á beira dos tumulos dos martyres e dos santos, aquelle grande homem, que tambem só desejava edificar e civilisar, o que só pedia ao Papa como premio eram alguns livros, e licença para levar comsigo alguns professores de musica sacra.

« Como succedêra a Thebas, a Babylonia, ou a Carthago, exclama « Gibbon, referindo-se aos tempos de S. Gregorio Magno, haveria Roma « desapparecido da terra, se a não animasse um *principio vital,* que « outra vez lhe concedeu honras de predominio. »

Já vimos que esse *principio vital* contra o qual se insurge o mesmo Gibbon, não era baldo de energia. No reinado do immediato successor de Adriano demonstrou quão fecundo não era, ao crear o imperio; o nome era antigo; a instituição é que era nova. Nada poderia realisar o santo Papa Leão III, nada conseguiria ser o grande e bemaventurado rei Carlos, que rastejasse pelo que haviam sido outr'ora o imperio, e o imperador. De motu proprio, e com o seu proprio poder, creava o Papa o *Sacro-Imperio.*

Com esse acto constituia tutor e defensor á republica do christianismo e da Igreja, ainda tão ameaçadas; arraigava no mundo a ideia da ordem para o dia, que não havia de tardar, em que desapparecesse Carlos Magno; dava corpo ao vasto pensamento da unidade do genero humano

em Jesu-Christo, pensamento e estatuto divino, que já entrava a calar nos animos, e que assim maturavam os piedosos intentos de Carlos Magno. Carlos Magno era a força intelligente posta ao serviço da verdade, a força humildemente ufana do seu nobre papel, e grata pela muita gloria que isso lhe acarretava. O Papa consagrava essa força, e dava-lhe uncção divina. « No seu throno, o Rei; no seu, o Pontifice; e descançando á « sombra da concordia dos dois, o genero humano. »

Em todo o imperio se reflectia a belleza e abundancia de Roma nos dias dos Papas Adriano e Leão. Surgiam do chão os monumentos, rutilavam igrejas, multiplicavam-se mosteiros. Vinte e quatro fundou Carlos Magno, e por toda a parte ressoava o canto dos louvores a Deus, e por toda a parte se accendiam os fachos para o estudo. Era uma sementeira de christianismo feita com afan; parecia pressentimento dos tempos duros que já carranqueavam. Os grandes de Carlos Magno depunham os montantes, que eram quasi sceptros, e envergavam boreis monasticos. « Se « não tivessem tantos mosteiros sido semeados n'aquelles chãos, diz « Macaulay, só de bestas de carga e feras de rapina ficaria composta a « sociedade europêa. »

Certo dia abalou-se o Papa Leão III, expulso de Roma por não sei que sedição popular, a invocar auxilio a Carlos Magno, então residente em Paderborn. El-Rei deputou logo ao encontro do Pontifice um arcebispo; depois um dos seus condes; e por fim seu proprio filho Pepino, vencedor dos Hunos, e rei d' Italia. Marchava Pepino á frente de cem mil homens. Ao avistar este exercito a Leão, que apenas ia acompanhado de poucos servidores, prostrou-se por tres vezes, e á espalda do Pontifice collocou-se Pepino. Quando foi avisado El-Rei, saíu á pressa de Paderborn, mais o clero, de pendão e cruz alçada. Esperava por elle outro numeroso exercito composto de varios povos. Toda aquella mó de gente se postou em circulo, como que fôra uma cidade movediça. No centro avulta Carlos Magno, em pé, sobrelevando com a sua estatura descommunal a todos os do seu sequito. Entra no recinto o Papa, acompanhado de Pepino. N'esse mesmo instante o exercito, o pôvo, o clero, toda a multidão, caíu de joelhos; e Carlos Magno, o pái da Europa, permanece curvado na presença de Leão, pastor do mundo; então o Pontifice, por tres vezes lançou a benção áquelles seus povos por tres vezes prostrados. Logo depois acercam-se um do outro aquelles dois homens, e abraçam-se entre

lagrimas; e o Papa ergue a voz, e entôa o cantico dos Anjos : *Gloria a Deus nas alturas, paz aos homens de boa vontade.* Foi aquelle encontro a festa inaugural da idade media. Que dia aquelle!

Até hoje conservou Roma um monumento de scena tão magestosa, monumento que é tambem o symbolo das leis e do espirito do imperio novo. Ergue-se na praça de Latrão, a dois passos da igreja onde Carlos Magno recebeu a corôa. E' o chamado mosaico do *Triclinium.* Mandou-o o Papa construir no proprio sitio onde Carlos Magno e Leão celebraram o festim de nupcias do Papado com o Imperio. Ali estão figuradas as clausulas d' aquelle genero de esponsalicios, que dão aos reis auctoridade, aos povos liberdade, e que souberam instituir a concordia do throno espiritual com o throno temporal, a cuja sombra « descança o genero humano », na phrase de Bossuet.

Vê-se no centro Aquelle que de tudo é origem, principio e fim, *Alpha* e *Omega,* Christo, nosso unico senhor, sentado na attitude da sua Realeza universal. A seus pés fluem quatro rios, que são os quatro Evangelhos; em volta d'elle, e trajando o pallio, symbolo de seu ensinamento, estão os doze Apóstolos, diffundidores da boa nova da salvação e da liberdade. Em baixo lê-se a phrase soberana, contra a qual não hão de valer nunca ordens do Poder soberano : *Ite, docete.* Ide, ensinae a toda a raça de Adão o modo como foi resgatada; dizei-lhe que é livre, pois por ella correu o sangue de Christo; que o seu unico senhor é Deus, *unicus magister vester;* que só a Deus deve adorar; que toda a lei, que d'esta lei se afaste, é nulla de raiz; que bem melhor é obedecer a Deus do que aos homens.

Á direita e á esquerda d'esta figura central, que define a origem eterna do poder, ha duas outras composições figurando a distincção do poder, e a sua transmissão legitima.

Ha um poder religioso, e um poder politico. *Vicarius Christi* é o Papa; *Defensor Christi* é o Imperador. Ao lado direito Christo sentado entrega a S. Pedro ajoelhado as chaves, e a Constantino, ajoelhado tambem, o lábaro com a Cruz : *In hoc signo vinces;* com este signal has de vencer a sedição que surja contra Christo, e a que surja contra ti mesmo (fig. 131). Á esquerda S. Pedro sentado, e de estatura igual a Christo, entrega o pallio a Leão III seu successor, e o pendão a Carlos Magno.

« Segundo a vontade de Deus, uma união necessaria liga a ordem

« natural e a ordem sobrenatural. » E por isso é que ha dois poderes. A ordem natural não dispensa a sobrenatural, que é sua guia; a ordem sobrenatural não dispensa a natureza, que é sua auxiliar. Quiz Deus que assim fôsse; e em quanto o mundo fôr mundo, fora d'esta união necessaria só reinará o cahos.

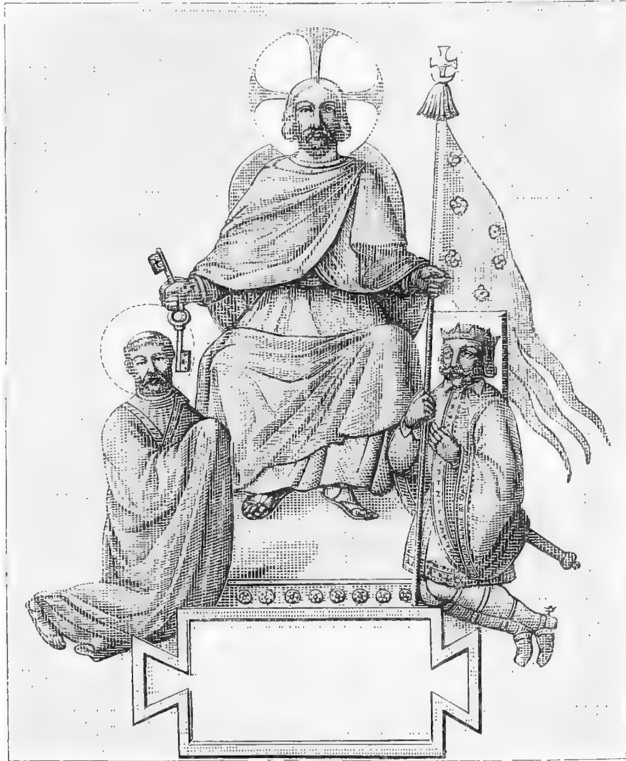


Fig. 131. — De Jesu-Christo dependem o poder pspiritual e o poder temporal. A S. Pedro entrega Christo as chaves, e a Carlos Magno o estandarte sobrepojado da cruz. O *Vigario* do Christo é o Papa; o *Defensor* de Christo é o Imperador. — Mosaico do século IX, no *triclinium* de S. João de Latrão em Roma.

Qual é o alvo do poder? que deve elle ter em mira? Dil-o o exergo, repetindo a primeira phrase que ouviram homens quando Christo appareceu em carne: *Gloria in excelsis, et in terra pax hominibus bonæ voluntatis;* a Deus gloria! aos homens de boa vontade a paz!

Ora essa paz, que o Deus de amôr e justiça quer dar aos homens, não pode ser nem a paz de Bruto, nem a de César, que nem justiça nem amôr possuem. Sem justiça nem amôr não ha paz, nem liberdade. Só reina a liberdade, onde reinar o espirito de Deus espalhado na sua Igreja. *Ubi est spiritus, ibi est libertas.*

Procurar a gloria de Deus e a liberdade dos homens pela diffusão do espirito de Deus, é que é a lei do poder. Quando a transgredirem, de balde buscará o mundo liberdade e paz, e de balde tentará o poder incutir firmeza á auctoridade.

Assim o ordenou Deus. Para regerem as humanas sociedades, quiz duas mãos : a do Papa, e a do Imperador. Unidas, tudo podem essas mãos para o bem ; adversas, nada podem contra o mal.

Por isso se mostra a Igreja sempre prompta a dar o seu contingente. Não disputa perante a ordem de Deus, que humilha e exalta. *Omnis potestas a Deo. Reddite Cæsari quæ sunt Cæsaris.* Não conspira ; não oppõe resistencias acerca de factos externos ; não entra em labores partidarios ; não recusa o tributo, as honras, a oração ; faz mais : implora auxilio. Feliz o poder que a escuta, e possue a intelligencia de respeitar a sua liberdade ; feliz o pôvo em quem manda esse poder, porque na liberdade da Igreja, que é a liberdade do espirito de Deus, reside o germen de toda a ventura ; é ella a base de toda a ordem, o elemento, o fiador de toda a liberdade.

Sem o Imperador, é apenas o Pontifice um martyr immortal ; sem o Papa é o Imperador um deus de pretorianos, um idolo fundido e refundido.

E o madeiro a cujas chammas se aquece o cadinho onde os pretorianos refundem o idolo, é o corpo mutilado da humanidade.

Desde Adriano I até S. Leão IV, apezar das perturbações do Imperio, manteve-se a paz em Roma quasi um século. Durante esse tempo, formou-se a nova Italia sob a tutela da Santa Sé. Cresceu a população ; floresceram as boas artes. Ha porêm na humanidade um espirito destruidor da humanidade mesma : faz-lhe odiar o caminho da ordem, fora do qual ella não pode viver ; e, graças aos seus absurdos embelêcos, dá com ella nos abysmos.

A IDADE MEDIA

Falleceu Carlos Magno, e pareceu prematura a sua obra. O mundo, assim revolvido pelo grande homem, não logrou dar-lhe successor. A Igreja, essa existia antes de Carlos Magno ; pôz elle por obra os planos da Igreja ; ella sobreviveu-lhe para os retomar a si, corrigil-os, e acabal-os.

Em suas mãos sustiveram os Pontifices o mundo, que ia a declinar para o abysmo das trevas.

Cerca de tres séculos se devolveram n'um desconcerto inexprimivel, e que parecia irremediavel. Tudo foram guerras, sublevações, partilhas de reinos, invasões, matanças, incendios, e aleivosias de toda a especie. No principio, quando o genero humano viu que lhe ia fallecer a dynastia de Carlos Magno, como com effeito chegou a fallecer-lhe, pensou que se dissolvia. Tudo parecia confirmar-lhe essa crença; boa parte do século decimo correu obumbrada d'esse terror. Na propria Igreja penetrara o tumulto. Retalhavam-n'a heresias absurdas e crueis; invadiam as dissensões politicas o âmago da hierarchia sagrada; perpetuamente assaltados pelas sedições que infamavam Roma, eram os Papas ora expulsos da cidade, ora captivados em mãos de vencedores. Facciosos havia que lhes desrespeitavam a auctoridade, e até lhes attentaram contra a existencia. Em tão medonha tormenta pereceram muitos dos que a ignorancia calumniou, e que hoje todos os descobrimentos da sciencia historica justificam e acatam.

Citemos por exemplo a João X, um dos mais cruamente vilipendiados. Ao tempo em que os descendentes de Carlos Magno crusam os braços, e os mofinos principes da Italia travam alliança com os Sarracenos, ergue-se entre tantos cobardes e perversos o Pontifice João X. Consegue levantar um exercito, põe-se-lhe á frente, accommette os Sarracenos entrincheirados junto ao Garigliano, e desbarata-os. Com essa batalha logra o Papa dominar a invasão prestes a submergir a Europa.

Em quanto não chega aos Pontifices vez de fundarem a politica das Crusadas, nunca mentem á sua missão essencial, já dez vezes secular, e continuam mantenedores fieis da palavra de Jesu-Christo. Á sombra d'elles, e graças ao influxo milagroso que exercem nos espiritos, é que os póvos, pela força moral do direito, proclamado sem descanço, duram, se elevam, renascem, e conservam todos os elementos da salvação. Aquella terra devastada como que por acinte, continuava sempre cheia de germens preciosos; era invencivel a fé, eram inesgotaveis as dedicações, n'aquellas populações semi-silvestres. N'uma palavra: o Papa, o *Senhor Apostólico*, espancado, expulso, assassinado, sem poder material estavel, sem auxiliares de que podesse valer-se, não deixava um só momento de ser o mais obedecido dos soberanos.

N'aquelle século, aliás denominado *de ferro*, nascem mosteiros, abundam monges do mais santo viver, resplandecem virtuosissimos prelados, e nos thronos chegam a sentar-se verdadeiros santos. Os proprios barbaros, estabelecidos nas regiões onde arrazam os templos e matam os padres, convertem-se, e resgatam as aras derrubadas com muitas outras que no mesmo solo implantam.

Depois de padecer a invasão dos Normandos, assistiu a França á conversão d'elles. A Inglaterra teve Santo Alfredo Magno e Santo Eduardo; a Hespanha, Affonso Magno; a Allemanha, Santa Adelaide e Santo Henrique; a Hungria, Santo Estevão e Santo Emerico; a Noruega, Santo Oláo. Nem sequer uma succinta menção dos santos, dos heroes, e dos conquistadores que honraram mosteiros e cathedras episcopaes, nos caberia n'este logar. Por assim dizer, ainda todos elles estão vivos, tal é a frequencia com que a historia lhes repete os nomes; elles são os fachos, sempre visiveis, que illuminam as caligens d'aquellas idades.

Junto d'esses homens, que pautavam a sua vida pelas normas evangelicas, e cujo artificio e fim unico eram a humildade, a pobreza, a castidade, a dedicação, ia o mundo aprendendo como do barro humano se engendra a melhor alvenaria. Acima d'elles, soffreando todas as paixões, todos os crimes, todos os erros, succedem-se os Papas, e parecem antes ser sempre o mesmo homem, pela sua constancia no valor e na santidade. Perseverança contra todo o mal e em favor de todo o bem, esse é o genio da instituição pontificia. Apoz o Papa S. Leão III, que viu morrer Carlos Magno, vieram S. Paschoal, S. Nicoláo I, S. Leão IX, S. Gregorio VII, e entre elles homens de consumada sciencia, intelligencia, e piedade. O Papa Silvestre II, francez, foi um como pharol nas trevas d'aquella noite, horrivel mas fecunda; o Papa S. Gregorio VII, columna da Igreja e do mundo, dissipou essa densa noite, mercê dos seus trabalhos, e dos trabalhos dos seus successores. Os Papas d'aquelle tempo obtiveram, no seu conjuncto, a maior victoria que lhes era dado ambicionar : mantiveram a unidade intellectual, e prepararam tudo que se fez bom, bello, e grande, nos oito seculos que se lhes seguiram. Sob o regimen de S. Gregorio VII, bem se pode dizer que officialmente coube ao Pontificado a direcção dos estados. Urbano II, immediato successor d'elle, celebrou o concilio de Clermont em França, e pelas suas diligencias ficou ahi planeada a primeira crusada. Já en-

trava a querer raiar o dia; já o pôvo christão amadurára tanto, que pôde levar a cabo a magna empreza, cuja necessidade tinham já os Papas entrevisto, desde o tempo de Carlos Martel, quando os mussulmanos, arribados até Tours, ameaçavam aferrar a Europa inteira.

Detenhamo-nos por um pouco em S. Gregorio VII, grande entre os maiores Pontifices, grande entre os homens maiores.

S. GREGORIO VII. — OS CÉSARES ALLEMÃES.

Na luz de Roma, onde santamente se inflammavam os reis barbaros, já os imperadores se não aqueciam. Transferido a Allemães, ia-se o imperio paganisando outra vez; por herdeiros de César se inculcavam os successores de Carlos Magno. Firmavam a estranhissima doutrina, de que o Imperio é o unico soberano, o proprietario unico do mundo todo, a lei viva de monarchas e particulares. Sob o jugo d'elle jazia a Igreja. Pretendia César direito seu a investidura dos bispos, e a creação dos Papas. Apenas liberto dos vinculos ignobeis em que a enleavam os facciosos de Roma, tinha o Papado que luctar contra taes pretenções do poder secular. Com pasmo da Europa e do mundo, surgiu o Papado de dentro da masmorra em que a opprimia Crescencio; e eis que o imperador Henrique IV se vê em presença do monge Hildebrando, homem saído do nada, e trocado em Gregorio VII.

Disse Gregorio ao imperador, que o unico soberano é Deus; que Jesu-Christo filho de Deus, humanado, fôra investido d'essa soberania; que não ha entre os homens poder, nem direito de mando, quando de Deus, e pelo seu Verbo não provenha; e que do divino Verbo só é interprete condigna a Igreja cathólica. « Portanto, acrescenta Gregorio, é contra todo o direito esse empenho do imperador, de assim se dar pela lei viva do mundo; e mui de balde o intenta, pois que na Igreja cathólica, e não no poderio secular, se estriba a consciencia dos povos. A Igreja cathólica não ha de nunca desamparar nem aos povos, nem a si propria, nem a Deus, senão que pela voz do seu chefe ha de resolver os casos de consciencia entre povos e monarchas. »

Por si não tem o Pontifice mais que o seu direito; ao passo que o Imperador dispõe de todo o humano poder. Trava-se a peleja. Só um

Papa se haveria emmaranhado em tal empreza, que era um impossivel; porêm sabem os Papas, que vieram ao mundo para realisar impossiveis, quando lh'os exige o bem das almas. Deus o quer, Deus o fará. Empenham briga, apesar de desesperarem de todo o bom exito; lá vem outro depois, que prosegue n'ella; e depois d'esse, outro virá; são destroços sobre destroços. E alguma vez, mortos todos os heroes, lá vem baquear-se o victorioso a estrabuchar-lhes á beira dos mausoleos.

Teve no principio Gregorio VII em seu favôr a consciencia e admiração do genero humano. A aura popular não dura porêm muito; vem, e desapparece. Morreu no desterro o generoso Pontifice; e tiveram-n'o por acabrunhado na contenda. Teve successores. Já antes de erguido ao pontificado summo, designára elle quatro Papas; ao fallecer, designou tres, que reinaram depois d'elle. Que valem forças de homem contra a Providencia, que taes athletas move, tamanha constancia lhes influe, e por taes meios lhes dilata a vida? A bem dizer, discorre o pontificado de S. Gregorio VII desde S. Leão IX (1048-1054), seu protector primeiro, e seu primeiro discipulo, até ao pontificado de Paschoal II (1099-1118): setenta annos. O proprio Paschoal II grangeou successores cheios do mesmo espirito, santos e magnanimos, os quaes, até Innocencio IV (1243-1254) contrastaram o impulso dos Césares allemães, e por fim derrubaram, se não as pretenções d'elles, ao menos as suas esperanças.

Não eram os Césares da Allemanha pessoas de mediocre ambição. Tendiam ao imperio do mundo; e a terem-lh'o consentido os Papas, tel-o-hiam possuido. Cem annos depois de Henrique IV, reinava Frederico Barba-roxa. Era Papa Adriano IV, plebeu como Hildebrando. Em menino, tinham-lhe certos monges inglezes franqueado um mosteiro, a cuja portaria estava mendigando pão. E esse monge era quem se oppunha aos predominios do Imperio! Barba-roxa, saudado imperador de Roma e do mundo, tinha a peito que se lhe não cifrasse o imperio n'um titulo vão. Saíu-se com um protesto dos juristas bolonhenses, onde opinavam que, de feito, exerce o Imperador dominio universal e absoluto em todos os individuos, todos os povos, e todas as cidades. Pois ao ser eleito Papa, mandou Adriano áquelle soberbão que lhe fosse prestar homenagem, e ordenou que lhe pegasse nas redeas da mula papal. Era uso legal; e n'isso se provava ao Imperador, que um direito

existia acima do seu querer. Os juristas, e mais ainda os Cesaristas, estremecem ao recordarem as imposições pontificaes. Querem uns imperadores, que sejam a lei viva... nas mãos d'elles. Apoiaram as cidades lombardas o Pontifice, e o Imperador cedeu. Passado tempo, e sobre dezoito annos de triumphos, e sobre ter feito um anti-papa que não favoneava as liberdades lombardas, teve Barba-roxa de vergar o joelho outra vez perante Alexandre III, pobre velho, de toda a parte escorraçado pelo poder imperial, que lhe ia a uma e uma arrasando as cidades ainda suas partidarias. Quando o Imperador se viu colmado de victorias, teve de despedir o antipapa, que andava na côrte d'elle, e entender-se com o legitimo, que andava foragido. Foi sollicitado muito tempo. Recusava-se a pactuar, se César não admittisse o direito das cidades. César carecia de paz; cedeu. O pontificado libertára a Igreja, e fundára as republicas italianas. Ainda não findára tudo. Ergueu-se um novo César para ser Deus; e assumiu caracter novo. N'aquelle mundo formado pela Igreja, até então os proprios inimigos d'ella tinham sido christãos. A Frederico II coube ser verdadeiro pagão, e do peor genero : do genero hypocrita. Pupillo como era do grande Innocencio III, encetou de joelhos a sua guerra cruel contra a Igreja, e a sua longa traição á christandade. Tomava em mão a cruz, e machinava a perda de Damiata; promulgava leis contra os hereges, e planeava introduzir na Europa o mahometismo. Repugnante figura a sua do ingrato e do traidor; desleal, lubrico, vingativo, dissimulado, e seductor; aleivoso, mas com tal artificio, que para melhor illudir arrojava a mascara; prodigalisava juramentos, e perjurava de continuo; amiudava tratados, e nunca os cumpria; tirava forças da notoriedade mesma das suas malvadezes; e valia-se de o temerem tanto mais quanto menos o estimavam. Ao passo que inoculava á Italia a infecção dos usos mussulmanos, inundava-a de livros impios. Nas suas chancellarias formigavam uns escrevedeiros que lisonjeavam a todas as paixões, e apeçonhavam a todas as verdades. Por via d'elles entretinha-se em diffamar primeiro o que intentava destruir. Importunava os soberanos com os seus manifestos, onde sabia inculcar-se como defensor dos reis, e vingador de Deus. O seu fito ostensivo era impedir que se acabasse de perder a Igreja! Segundo elle inculcava, via-se a Igreja assoberbada de poderio e opulencias; cumpria ao imperador o expurgal-a d'esses perniciosos haveres. « Quando os Papas, disia elle,

levavam vida humilde e apostólica, n'esses felizes tempos avistavam-se com os anjos, sanavam enfermos, ressuscitavam mortos, submettiam reis, não pela força das armas, sim pela santidade. » Igreja livre no Estado livre!

Ao proprio S. Luiz escrevia Frederico rogando-lhe cooperasse com elle para libertar a Igreja do fardo temporal. Machinava enganar-lhe as rectas intenções. Tudo enleava na sua rêde. Via-se ainda juvenil, sentia-se válido. Tinha já tres vezes sido excummungado; cançára já tres Pontifices. Mas Innocencio IV, conseguindo desenredar-se-lhe dos juramentos e dos pactos, acabava de o verberar pela quinta vez com o raio da excommunhão. Perante aquelle Pontifice despojado, fugitivo, mas invicto, vacillou a final a insolente e porfiosa fortuna de Frederico.

Manteve Innocencio o direito anterior, e superior, do Pontifice contra as pretenções illegitimas do poder secular. Assentou nitidamente a questão, pela forma por que sempre o pontificado a assentou em face do mundo : — Affirmou que Jesu-Christo, verdadeiro rei e sacerdote, fundára em mãos do bemaventurado Pedro, não só o principado sacerdotal, mas tambem o principado real, e commettêra a Pedro a direcção dos dois imperios. « Desde então ficava abolida a tyrannia, desenfreado governo que até então regera o mundo inteiro. Esse genero de governo, abdicou-o Constantino na Igreja; e d'ella houve por troca o titulo authentico do poder christão. » Acrescenta o Pontifice, que da Igreja se deriva o poder da espada. Na coroação do Imperador, é a Igreja quem lh'a entrega; e tem o direito de lhe bradar : Repõe essa espada na bainha. Quando pois o Imperador, em vez de cortar o joio, corta os rebentos de fertilidade, em vez de valer a innocentes, protege malfeitores, prevaricou; e não é usurpação, é caridade arrancar-lhe dos mãos aquelle gladio, cujo uso faz com que elle perca a um tempo o mundo, e a alma. — Assim fallava o Papa aos soberanos a linguagem do direito.

Alêm d'isso, fazia o Papa notar que Frederico, elle que tantos embustes propalava acerca dos perigos com que a auctoridade legitima e inerme da Igreja ameaça os principes, tinha o cuidado de nada dizer quanto ás pretenções dos imperadores á universal supremacia. Era o que se dava então. Frederico e os seus legistas só concediam aos monarchas o titulo de reis *provinciaes;* repartia-se o mundo em provincias do Imperio. Como os imperadores não logravam ter por sua complice a Igreja,

almejavam destruil-a, para que não lograsse oppôr-se-lhes ás ambições. Comtudo, não ousaram os principes defender a mesma Igreja que usava defendel-os; e o Papa só tinha por si a parcialidade das immunidades



FIG. 132. — Christo, de quem provêm todo o poder. (Os personnagens corôados por elle são Romano IV Diogenes, imperador do Oriente, e Eudoxia, sua mulher.) — Relevo em marfim, commemorativo da corôação (1087) — Bibl. nac. de Pariz.

municipaes na Italia. Empregou Deus esse meio humilde, para mais humilhar o imperador apóstata. Foi destroçado Frederico pelos burguezes de Parma; e não tardou em baquear-se ao golpe de mão vingadora. Morreu no leito, dizem uns, que de morte natural; outros, que afogado por um dos seus bastardos. Havia tempo, que não cessavam os raios de

lhe cair em volta. Iam-se-lhe os parentes, os amigos, os conselheiros intimos. Aos clarões subitaneos da colera divina, querem alguns que Frederico despertasse, e cobrasse arrependimento. Perseguiu Deus a sua raça; fôram-lhe morrendo os filhos uns apoz outros, accusados de fratricidio; do nome d'elle, nada sobreviveu.

Ao cabo de dois longos séculos, foi assim que findou aquelle importante episodio da lucta do Sacerdocio com o Imperio. Durante esse tempo, tinha o Pontificado feito as Crusadas, vencido a heresia dos albigenses, abendiçoado as nascentes ordens de S. Francisco e S. Domingos, multiplicado as universidades, fundado as republicas italianas; tinha-se paulatinamente libertado da tyrannia dos republicanos capitolinos, que usavam conspirar com os imperadores; tinha dirigido o mais fecundo de todos os commettimentos civilisadores jamais vistos no mundo. Concedeu Deus então ao Papa alguns momentos de descanço, turbado porêm pelos Césares bysantinos. Ao passo que o Occidente chegava á sua virilidade, sepultava-se o Oriente n'uma decadencia, de que ainda não conseguiu levantar-se. Obedecia ao Papa o Occidente christão; e o Oriente christão, pelo menos nominal e apparentemente, obedecia ao antipapa; é o titulo mais exacto que pode dar-se aos imperadores de Constantinopla, herdeiros dos imperadores romanos, e conservadores de todo o espirito da Roma pagã. O dominio d'elles tomou o nome de Baixo-Imperio. Não é dizer, que estivessem muito a baixo dos herdeiros directos de César, Tiberio e os outros. Pelo contrario : por muito que houvessem descido, ainda valiam mais do que elles. Um longe do espirito christão, um resquicio dos habitos do christianismo, conservado na séde d'esses imperadores, e n'elles mesmos, lograva ainda mantel-os n'uma certa altura relativa, a que nunca haveriam podido remontar-se aquelles antigos senhores do mundo.

Havia um Patriarcha em Constantinopla, e bispos em toda a extensão do Baixo-Imperio. N'essas cathedras se sentavam santos de longe a longe; porêm o que mais vezes lá campeava, e bem mais vezes que a lei de Deus, era a ambição humana. Negava o Patriarcha de Constantinopla o primado e a auctoridade da cathedra de S. Pedro. Umas vezes de motu proprio, e outras instigado da soberba e ambição imperial, manifestava as suas pretenções pessoaes á séde pontificia; era isso um resto da bagagem de César transferido para a Roma segunda. Sem nunca

se atreverem a ataviar-se com o pontificado summo, tiveram sempre os successores de Constantino ares de o exercer. Tal vaidade, pueril e sacrilega, foi a perdição do imperador do Oriente. Eivou os Patriarchas, os bispos, o imperador, o pôvo. Transformou a Igreja oriental no que quer que fosse que não era a Igreja verdadeira, e que d'ella se separou. Por esse facto foi o imperador um antipapa. D'ahi brotaram perseguições insensatas, desarrasoadas contendas, e para logo geral decadencia, que não tardou em ser mortal.

Ao passo que o Oriente, por uma serie de erros, determinados todos pelo mesmo principio, intenta derrubar o Papa, e se precipita sob o jugo dos mulsumanos, que eram os vingadores já de antemão preparados á sua apostasia, Roma, graças ao Pontificado, enceta as Crusadas, vê despontar S. Bernardo, S. Domingos, S. Francisco de Assis, o grande Papa Innocencio III, o grande doutor S. Thomaz de Aquino, e S. Luiz, ó grande rei de França. E' isso já o decimo-terceiro seculo, a brilhar com todas as sciencias, todas as artes, todas as virtudes, todas as grandezas.

N'aquella idade aurea das eras christãs, a que nada faltou, nem o estudo, nem as dedicações, nem o arduo das emprezas, nem sequer o martyrio, avultam duas figuras entre a profusão das que por qualquer forma podem honrar a humanidade : S. Francisco de Assis, e S. Luiz, de França. Ambos pertencem ao pôvo de Jesu-Christo; nenhum dos dois pertence ao sacerdocio; nenhum dos dois deveu assignalados dons á natureza. São singelos mortaes, educados porêm pelo Evangelho. Pela fé, obtiveram a superabundancia da fé; pela fidelidade que mantiveram á superabundancia da fé, alcançaram o dom dos milagres, e adquiriram honras immarcesciveis, na vanguarda d'aquella escolhida cohorte que se compõe dos continuadores de Jesu-Christo.

S. Francisco de Assis, homem de nada, mereceu o cognome de Seraphim. Fundou uma familia religiosa, que existe e floresce ainda, e que veio a ser o instrumento principal de uma das mais consideraveis e pacificas revoluções, que jamais foram vistas. Menos de um século depois d'elle, numeravam-se no universo cathólico para cima de cincoenta mil franciscanos, saídos de todas as camadas sociaes, de baixo a cima, espalhando a palavra do Senhor, e vivendo a vida d'Elle. Diziam-se *Frades menores*, para mostrar a mesquinha conta em que se tinham, e o seu proposito de serem os ultimos d'entre seus irmaõs. Os seus conventos,

onde todas as virtudes se praticavam, e mais que todas a pobreza e humildade, por elles prégadas ao orbe, nas suas peregrinações de peditorio, em que o seu salario era o pão e o vestido indispensavel, aquelles mesquinhos conventos de mendigos, por toda a parte multiplicados, fôram em breve as inexpugnaveis fortalezas da vida christã. Eram não menos a representação visivel e pratica da igualdade. Pobreza perenne, e feliz; igualdade commedida para comsigo mesma, e para com o proximo, e tão livre de soberbias, como de invejas. A creação dos Franciscanos, e dos Frades Prégadores, filhos de S. Domingos, não contribuiu pouco para destruir os resquicios da servidão; a escravidão, essa, desde muito que não envergonhava a terra de Christo.

Em 1179, a opinião, cada vez mais impregnada do espirito evangelico, permittia ao Papa Alexandre III o proclamar que no reino christão já não deviam conservar-se escravos. Annos depois, era phrase uma das maximas de S. Luiz, « o franciscano corôado », denominação consoante com a verdade, e que só por si basta para elogio do grande rei de França e do seu pôvo.

Reinado de S. Luiz.

Legisladores houve, mais sabios que S. Luiz; politicos mais habeis; guerreiros, não mais valorosos, mas bem mais felizes. Rei maior, não houve nunca. Fundou a realeza christã, e d'ella ficou sendo modêlo.

A despeito da sua corôa, manteve-se pobre e humilde; foi sempre honesto, justo, bondoso, grande; por elle reinaram a bondade e a magnanimidade. Em volta d'elle, como em volta de Carlos Magno, havia uma constante emulação de piedade e justiça. Muita vez, por occasião da Paschoa ou do Natal, viam-se os feudatarios maiores, os senhores de pendão, os cavalleiros, penetrados das exhortações d'elle e dos exemplos d'elle, e respirando humildade religiosa, libertar os seus proprios servos, até incondicionadamente, aos pés do mesmo altar onde o sacerdote acabava de admittil-os á participação dos sacramentos.

No tempo de S. Luiz, engrinaldou-se a França com uma gloria pura, duradoura, e fecunda. Por meio de S. Domingos e Raymundo de Monfort, acabou com a heresia manichêa, chamada dos Albigenses, que eram os socialistas d'então; acrescentou-se legitimamente com o condado de Tolosa; entrincheirou-se na ordem e na justiça; e manteve-se com



AS CRUSADAS

De traz dos muros de Jerusalem refulge a cruz luminosa do Golgotha. Pedro o eremita adora-o de joelhos e com os braços erguidos. O Papa Urbano II desdobra a sua bulla da crusada como signal de união. Depois d'elle segue-se Godofredo de Bulhões sustendo na mão a sua coroa de palha, unica insignia que teterou. S. Bernardo, um frade, um templario, e S. Luiz, a cavallo, ostentando a corôa de espinhos, rodeado de viuvas orphãos, e cegos dotados por elle, e seguido do Senhor de Joinville seu historiador. Fragmento dos frisos do *Catholicon*, projecto de pintura mural pelo Sr. Lameire, conservado na Escola de Bellas Artes, em Pariz. Seculo XIX.

gloria á frente das nações. E' S. Luiz o representante da maturidade da idade media; o espirito d'ella, o seu caracter, os seus instinctos predominantes, figura-os S. Luiz. Não é elle um phenomeno em meio do seu século; e ninguem dirá que perfizesse sem auxilio coisas, que nem preparadas nem desejadas sequer tinham sido. Na ordem moral e politica, e na ordem material, commandava S. Luiz um exercito. Era elle o chefe secular da crusada perpetua instituida pela Igreja, desde todo o principio, e para sempre, contra a perpetua rebellião do paganismo, que sob mil desfarces é sempre o mesmo. Quando, á vista do pôvo todo, o santo Monarcha, descalço e debulhado em pranto, levava de novo para Pariz a Corôa de Espinhos, não era apenas um soberano absoluto a dar largas ás devoções do seu coração, livre de peias. Na pessoa d'aquelle Rei manifestavam os muitos e importantissimos sectarios de Deus a victoria, que, a deispeito dos falsos sabios, e dos falsos confrades, mantinha á França o seu logar de primogenita na familia de Christo.

Aquelle século, que tal espectaculo presenceava, que a elle se consociava, e o tinha reclamado, aquelle mesmo século, que descançava da crusada segunda, dando a S. Domingos e a S. Francisco de Assis tantos filhos, como guerreiros déra o século precedente á Terra-Santa, era seguro fiador do futuro. Fundou para a França seiscentos annos de gloria, durando os quaes, apesar dos seus numerosos erros, nunca lhe succedeu abjurar o Catholicismo, nem perder a civilisação, o poder, a honra, a humanidade, a liberdade.

Em que tempo se viu mais formosa a rasão humana, mais ardente, mais senhora de si propria, tão cheia de força, e tão rutilante de poesia? Foi então, que em infinitas escolas se cultivou, e floresceu deveras, a theologia, sciencia de Deus e do homem, sciencia das relações entre o homem e Deus, sciencia verdadeira. Appareceu, e grangeou sympathia universal, envolta como vinha na luz, sete vezes mais clara que a do sol, prophetisada aos que vissem os dias de Christo. Inundada de raios divinos, ergueu-se a alma desde o mundo até ao ceo e á eternidade, sondando os mysterios todos, deslumbrada de todos os esplendores, e na posse inteira de Deus. Fôsse qual fôsse a terra europêa onde chegasse o peregrino, em todos os horisontes avistaria a Cruz, e por toda a parte ouviria a voz da oração a vibrar nos campanarios. Em toda a parte igrejas, mosteiros, escolas; em toda a parte hospitalidade, caridade, luz

christã; e em parte nenhuma outro lidar que não fôsse o dos campos, o da luz, e o da arte! Da terra subia um perfume de incenso; todas as emprezas e todos os trabalhos saíam animados de calor juvenil. Faltavam mundos por descobrir ainda; mas o Céo de Deus era patente; sabiam-se-lhe os caminhos, que eram de bom pizo e seguros. Já não existia o problema gravissimo da origem, nem a terrivel incerteza do destino, coisas inintelligiveis para tantas almas. Já não era odiado o improbo lidar humano. Tinha o trabalho os seus hymnos, como a terra as suas flores. O operario ao depôr a sua querida e honesta ferramenta, recolhia fructos de benção, e sentia no coração a paz. Como existia para os homens paternidade divina, reinava entre elles fraternidade. Houve nos séculos ultimos, houve no nosso proprio século, sabios tão enfunados do seu presumido titulo de philosophos, que ousaram referir-se desdenhosamente ao que alcunhavam « o cisco da escholastica ». D'esse tal *cisco* porêm, saíam, para houra da humanidade, S. Thomaz (fig. 133), S. Boaventura, S. Luiz, o Dante (fig. 135), e a *Imitação*. A sua derradeira flôr foi Raphael. Esse cisco brotava as cathedraes; foi elle quem ministrou como rasão politica ás arrastadas turbas o *motto* mais glorioso e mais intelligente, que jamais saíu de peitos humanos : *Deus o quer!*

Tão formosa era, á Igreja se deveu; e os seus esplendores nos deixam rastrear o que seria a plenitude do reino de Deus entre os homens. Nenhum obstaculo, nenhum contratempo, desanimára a perseverança christã; e não houve resultado feliz, que lhe afrouxasse os brios. Na liberdade, no poder, e na gloria, continua a Igreja as tarefas encetadas durante a perseguição. Em toda a parte, e sem fraquejar, prosegue a sua obra salvadora. Ensina, ora, aconselha, impõe, fere, perdoa, padece, e cria. Os anathemas da Igreja protegem o servo, tornado christão pelos sacramentos, tornado homem livre pelas doutrinações da Igreja.

Aos senhores do servo influe a caridade, ao passo que lhes impõe a elles a justiça, e a elle a luz. Não pára de o chamar ao gremio das suas escolas, continua a abrir-lhe as suas fileiras, e a erguel-o ás mais altas dignidades. No habito religioso, é o servo proprietario, reitor, prelado, senhor feudal, summo pontifice, e senhor dos senhores. A' suprema dignidade terrestre, á que já toca no Céo, e já pertence ao Céo, só se chega pela sublime vereda patente ao servo. Nas alturas d'esse poder, nunca se reveste da dureza balôfa, que é o achaque habitual dos homens

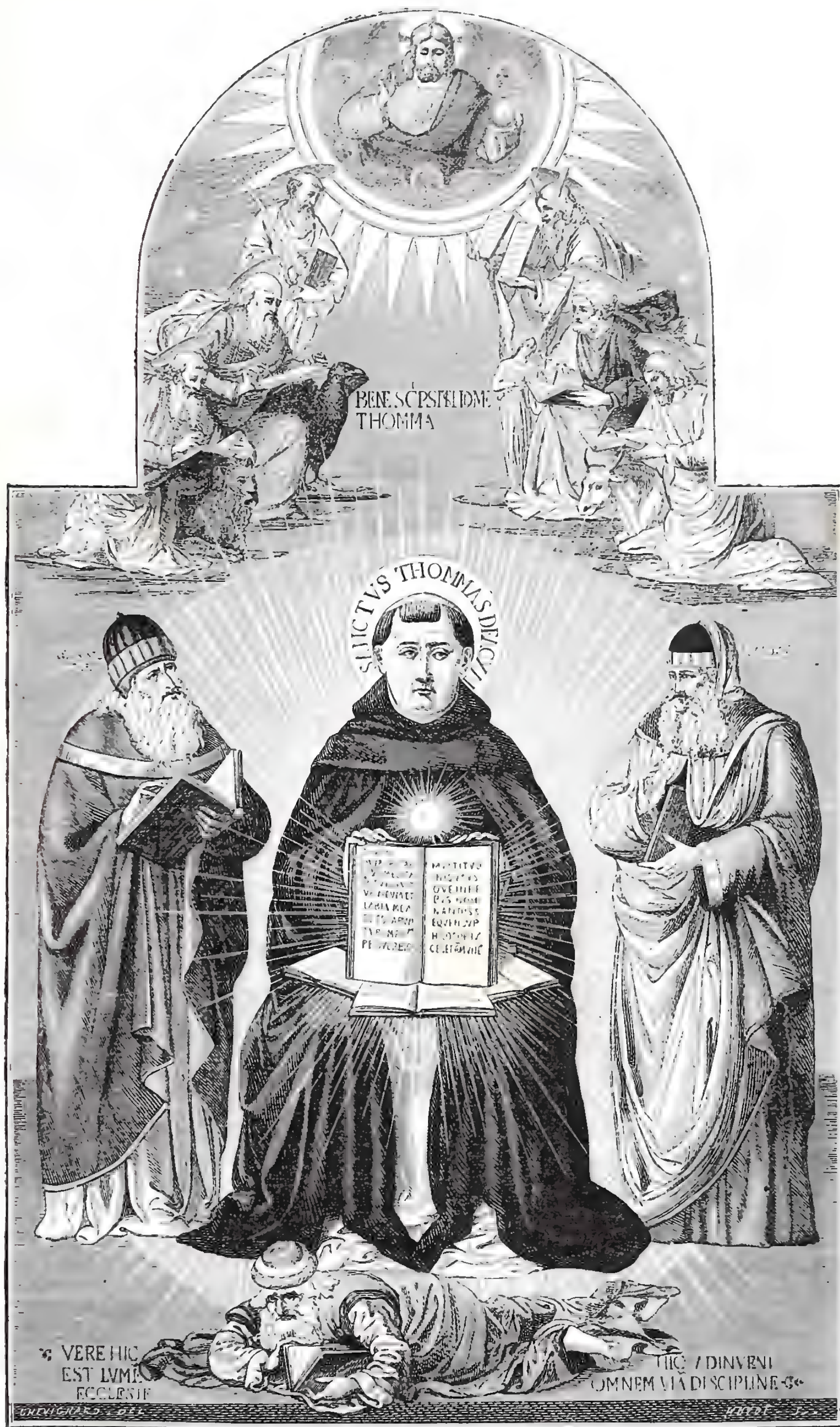


Fig. 133. — Triumpho de S. Thomaz de Aquino, quadro de Benozzo di Gozzoli no museu do Louvre Seculo XV. — Jesu-Christo na sua gloria abençôa o Santo, e pronuncia as palavras que lá estão em latim : « Fallaste bem de mim Thomaz. » A' sua esquerda S. Paulo, S. João, et S. Marcos; á sua direita Moysés, S. Lucas, e S. Mattheus, cada qual com os distinctivos peculiares. A Baixo vê-se o santo sentado, no centro de um disco de luz, entre Aristoteles, que o escuta, e Platão que o admira tem patente a sua *Summa theologica*, sua obra prima. Finalmente, aos pés do santo jaz o doutor da universidade de Pariz Guillaume de Saint-Amour, cujas opiniões ácerca das ordens mendicantes S. Thomaz refutou na assemblêa de Anagni em 1256.

de nada improvisados grandes, e um dos flagellos da nossa organisação social. Recorda-se de seus irmãos, lida sem cessar por libertal-os. O Papa não é mais que *o servo dos servos de Deus;* todo o servo de Deus é um patricio, herdeiro futuro do reino eternal. Verdade é essa vulgar de ora avante. Bem disse o sabio Guérard : « A igualdade perante Deus acha-se firmada; não tardará que se firme tambem a outra. » Teem inimigos os monges e os clerigos; porêm todo o inimigo de clerigos e monges, por furioso que venha, não pode escurecer a influencia, que no sentido da igualdade civil deveram exercer os dois exercitos permanentes creados pelo fidalgo Domingos de Gusmão, e pelo plebeu Francisco Bernadon. E' forçoso confessar que cem mil franciscanos e dominícos, pertencentes pelo berço e pelas relações a todas as classes da sociedade, homens doutos, zelosos, popularissimos, que a toda a parte levavam com ousadia a palavra evangelica, e os costumes do Evangelho, não contribuiram pouco, já para conter o poder secular nos seus justos limites, já para lhe favonear os beneficos intuitos.

Se tirasseis o Christianismo áquellas ondas de barbaros, onde fermentavam os putridos restos da civilisação romana, que resultava? O que se viu em todas as sociedades, onde não conseguiu implantar-se o Christianismo genuino, ou que o afogaram : isto é : generalisação da escravidão, em vez da da liberdade; civilisação tardia; decadencia rapida, e inevitavel. Eramos mussulmanos, ou chinezes, ou menos ainda, porque as terras do Islam e as outras não deixaram de melhorar-se ao contacto e com a coexistencia do Catholicismo. Basta examinar as actuaes circumstancias do pobre nos estados, até christãos, que, depois de haverem recebido o Evangelho, o rejeitaram, ou lhe diminuiram os clarões. O operario em Inglaterra, o camponez na Russia, o negro na America, só ao Christianismo devem o não jazerem no miserando estado de brutos; e comtudo, não vivem ainda como homens, porque os beneficios do Catholicismo se não estenderam *em cheio* por sobre elles. O que lhes falta é o servo dos servos, o ministro de Deus, o distribuidor da graça e da força dos sacramentos. Na Europa cathólica, encaminhou-se o homem constantemente para uma expressão mais completa da sua dignidade de christão, e para o goso pleno da igualdade. Só por culpa sua é que a sociedade a este respeito parou ou retrocedeu, quando nos seus dias de erro se recusou a escutar a Igreja, ou foi tão ingrata que lhe moveu

perseguições, velou a voz da verdade, paralysou aquelle motor unico de toda a libertação legitima e duradoira, e tomou a licença pela liberdade.



Fig. 134. — Santa Juliana de Mont-Cornillon, junto a Liege. Depois de uma revelação que teve, contribuio muito para fazer estabelecer na Igreja a festa do santissimo sacramento. Vidraça pintada pelo Sr Claudius Lavergne na Igreja de Notre-Dame de Genève. Século xix.

Que exacto que não é o dito de S. Paulo : *Veritas liberavit vos!* Pela verdade é que nós somos livres. Graças ao poder d'essa verdade, que, por assim dizer, se tornou parte integrante da nossa vida social, a propria dictadura, quando quiz castigar rebelliões, em vez de fomentar a servidão, firmou pelo contrario a liberdade. Beneficio inestimavel da idade media! Esse tempo, alimentado todo de theologia, legou aos seus vindouros uma noção tão intimamente christã do poder, que nos achamos hoje incapazes de conceber, supportar, ou exercer tyrannias. Já não pode attingir-nos aquelle supplicio supremo das nações; só se commettermos o mais nefando dos crimes, e nos tornarmos ao paganismo pela apostasia.

Esse é o caracteristico verdadeiro da idade media. A travez das vicissitudes usuaes na vida dos povos, chega aquelle tempo em que a sociedade põe mira, com mais concerto e energia, na civilisação verdadeira, na liberdade, no bem. O meio empregado foi o cuidadoso ensino da religião em todas as escolas, durante a vida inteira, pela arte, pelas instituições. Haveres e venturas no mundo, não os promettia a sociedade aos homens; era promessa custosa de cumprir, e mais custosa de retirar depois de feita; o que a sociedade queria, é que todos tivessem a dita de conhecer a Deus e esperar o seu reino, a gloria e a satisfação de o servir. Graças a tal desvelo, logravam os pobres camponezes, os pobres servos conhecer, melhor que muitos dos nossos doutores, duas coisas que a Igreja ensina desde o principio aos seus filhos : a grandeza da sua origem, a sublimidade da sua destinação. Sabiam que, feituras de Deus, por Elle resgatados, e para Elle encaminhados, a Elle tinham de obedecer antes que obedecessem a homens. Invencivel obstaculo aos commettimentos da tyrannia.

Por essa constante influencia, havia necessariamente de caír o poder absoluto de homem para homem; e caíu, com effeito, de dois modos a um tempo : pelo crescer da dignidade do fraco, e pelo crescer da caridade do forte. Com o actuar do direito christão, que o respeita, abranda-se, transforma-se o direito da força : fica sendo a força do direito, isto é, o equilibrio de reciprocos deveres, que é a liberdade.

N'estes pontos me detenho, porque ahi vejo a idade média. Nada avulta mais, que o progresso inaugurado pela Igreja para a liberdade. No intimo do coração do senhor, ainda muito mais que no do servo,



Fig. 135. — Chega o Dante ao termo da sua jornada. Depois de lhe ter mostrado os circulos do Inferno e do Porgatorio, declara Virgilio ao Florentino, que já o não sabe guiar mais longe. « O fogo temporal e o fogo eterno, diz elle já tu os viste, meu filho. Eis-te chegado ao ponto donde nem eu mesmo já alcanço mais. Olha para aquelle sol, que te illumina a fronte! » Atraz do Dante segue Estacio, o poeta pagão mais achegado ás doutrinas cathólicas — Fresco pelo Sr Magaud, director da Escola de Bellas Artes de Marselha, pintado em 1866 para o *Gremio religioso* d'essa cidade.

protesta contra a servidão a dignidade christã; a caridade modera o direito, que as rasões politicas não consentem se desampare; substitue-lhe um simples fôro, um signal de reconhecimento, ás vezes uma singela ceremonia, que prepara a libertação inteira. Foi esse o praso de certos usos, extravagantissimos para nós, e muito tempo desconhecidos, chamados os *direitos do senhor*. Investigações muito recentes conseguiram definir-lhes o caracter exacto até agora avaliado erroneamente. Em vez de actos tyrannicos, encontraram-se beneficios. Em determinadas épocas do anno, eram certos camponezes condemnados, já a *faire la moue* diante do solar, ou da abbadia de que eram vassallos, já a alguma outra singular costumeira grotesca. Outros tinham que ir de noite bater os fossos da residencia feudal. Ha quem tenha muito dó d'esses pobres vassallos; mas o certo é que por esse mero serviço, ou por aquelles esgares, pagavam as suas devidas rendas, ás vezes até a propriedade inteira das suas herdades, concedidas por simples donativo.

Como em tudo entrava a Igreja, assacam-lhe os seus criticos o ingerir-se em demasiados assumptos; dizem que, com quanto desse largas á vida espiritual, regulamentava excessivamente a vida animal, e com tanta crueza empecia a liberdade das paixões, com quanta ternura desenvolvia a liberdade das virtudes.

Se a Igreja não tivesse sido severa e inflexivel para com a liberdade das paixões, não reinaria no mundo outra liberdade. A escravidão, estabelecida em toda a parte onde as paixões são livres, mancharia ainda a face da terra. Relanceando olhos á civilisação romana, presenceámos o que do homem e da vida humana consegue fazer a liberdade das paixões.

Por meio do rigor santo que assim lhe increpam, purificou a Igreja successivamente o paganismo silvestre, e o paganismo civilisado. No âmago da mais medonha corrupção que nunca houve, fundou a familia christã; do cahos mais estupendo em que jamais se afundiu a humanidade, fez surgir toda a ordem christã.

Vamos, e não tarda, assistir a uma tentativa enorme, que tem por fim destruir tudo que a Igreja estabelecêra. Passado brevissimo descanço á sombra das cathedraes gothicas, vai o mundo christão atravessar nova e porfiada tormenta de sangue, cujo fito ha de ser tornal-o ás falsas divindades.

O SCISMA GRANDE.

Transferido outra vez para Roma, teve o Pontificado que passar pelo episodio terrivel denominado *o scisma grande*. Brotou dos enredos politicos a que o desterro déra azo, e causou geral pavor. Ha dois Papas; ha tres; cada um d'elles crê no seu direito; cada um d'elles conta partidarios respeitaveis; e todos tres reciprocamente se excommungam. Reune-se um Concilio convocado por um d'elles tres, tão incerto como os dois outros. Assume o Concilio poderes revolucionarios para realisar n'aquella inaudita situação coisas inauditas. D'esses tres Papas, que parece não estarem devidamente investidos conforme os canones, julga o Concilio um, obriga o segundo a abdicar, e depõe o terceiro. Tres Papas vivos, e nenhum Papa! Em seu logar, uma assemblêa irregular tambem, em cujo seio se debatem os interesses politicos mais oppostos, e fermentam os alvitres mais exaltados. Em redor de tal assemblêa, que tão atrevidas resoluções soube tomar, todas as pressões e seducções imaginaveis: nos instinctos populares, a heresia demagogica de João Huss; nas concepções reaes, a heresia despotica de Marsilio de Padua; no gremio do Concilio, as tentações do poder, o funesto exemplo das pusillanimidades que invalidam as humanas grandezas, e o perigoso exemplo do seu amesquinhamento! Chegou ao mesmo tempo o ensejo propicio a todos os inimigos do Pontificado; podem feril-o concertados entre si; os proprios defensores papaes são para temer, pelo muito que se empenham em estipular para si proprios.

E comtudo, que succede? De todo esse cahos sae vivo, illezo, e triumphante, o Pontificado.

Durante o exilio d'elle, é que veio a perceber-se a necessidade da sua independencia. Durante o scisma é que se viu que o Pontificado é o facho do mundo, e que o apagar d'esse facho poria o mundo em trevas.

Todos perguntavam entre si o que seria da terra, a não existir o Papa. Em ponto bem mais resumido, são analogas as angustias das nações, quando pressentem que em tal dia, e em tal hora ha de faltar-lhes o governo. O primeiro entre todos os interesses legitimos é a constituição de um poder. O que porêm se realisa nos estados por um d'aquelles actos energicos, a que nunca falta o assentimento popular, perfel-o em

Constancia um milagre do espirito de sabedoria e verdade, que Deus envia de quando em quando aos homens, para os ajudar a vencerem-se a si proprios, espirito que habita na Igreja até á consumação dos séculos. Era urgente que houvesse um Papa; importava isso aos interesses geraes; e como importava, era mister que fôsse tal como Deus o constituiu, pastor supremo, pastor dos pastores, depositario das chaves que abrem e fecham, pái, Chefe, legislador, e juiz da humanidade; em summa : Vigario de Jesu-Christo. N'aquelle momento decisivo, no fervedoiro d'aquelle conflicto de ambições, até então inexoravel, presenceia-se uma admiravel porfia de abnegações.

Gregorio XII, eleito pelo Conclavio romano, é representado no Concilio por uma santa pessoa, que a final é portadora da abdicação d'elle. João XXIII, deploravel até então, ao saber-se deposto, ergue a voz como Papa, e ratifica solemnemente a sentença proferida contra si proprio; atenua-lhe a possivel irregularidade, declarando renunciar de motu proprio a todos os direitos que possam assistir-lhe. Por sua parte, desistindo das pretenções que deviam seduzil-o, não reserva para si a eleição do Papa; limita-se a reunir certo numero de delegados seus ao Conclavio formado dos cardeaes das tres *obediencias;* e não tardou que as nações, cada uma das quaes revelava o desejo de impôr a thiara na cabeça de algum dos seus prelados, imitasse o nobre exemplo dado pela Allemanha, e declinasse uma tal ambição, que podia vir a eternisar as difficuldades. Assim foi eleito Martinho V, graças a um conjuncto de nobres sacrificios; de modo que, em vez de caír, foi restaurada inteiramente a cathedra pontifical, sem que o scisma abalasse a ordem regular da successão.

Diz-se geralmente, que apesar de tudo padeceu a instituição papal um abalo violento. E' da auctoridade espiritual que se trata? por esse lado não recebeu, nem podia dar-se n'ella diminuição alguma. Tanto antes como depois do Concilio de Constancia, pode cada qual desobedecer ao soberano espiritual; precederam Luthero cem heresiarcas. O que era impossivel antes do Concilio, e ficou sendo impossivel sempre, é desobedecer, e permanecer cathólico. Se se quer fallar da auctoridade temporal, o certo é que foi no seculo decimo quinto, depois do Concilio de Constancia, que ella se firmou estavelmente em Roma. Mas (é a objecção) já o Papa não dispõe das corôas a seu talante; n'isso consiste um enfraquecimento notavel do seu poder.

Diz-nos a historia o como o Papa dispunha das corôas; mas não diz como Deus deixou de dispôr d'ellas. Os instrumentos que emprega para cumprir n'esse ponto os seus designios, realisados sem discrepancia, bem podera deixar saudades do anterior systema.

N'uma palavra : sendo exactamente o mesmo o poder espiritual, tambem o temporal se conserva identico. Ha provas d'isso, e ha de continuar a havel-as. De já não ser ostensivo este ultimo poder não deve inferir-se que não exista. Deus *é sempre,* como diz um Santo Padre, *o vingador opportuno da sua Igreja.* Temos nós já por ventura a pagina derradeira da historia humana?

N'este mundo, em que tudo é passageiro, mas em que tudo se renova, quantas probabilidades de rejuvenescimento não tem uma potencia, que já conta para cima de dezanove seculos de lucta! Já é tarde para repetir, que a elevada jurisdicção dos Papas na sociedade da idade media só foi uma serie de engenhosas usurpações e crimes felizes.

Sabido está como se formou, se desenvolveu, se exerceu, se modificou, o direito publico do mundo christão, e quanta gratidão lhe deve o genero humano. Foi *preconceito* d'aquellas eras, ser necessario na innumeravel familia das nações cathólicas um juiz, um supremo vigia de todos os direitos e todas as leis, e dever esse juiz ser representante de Deus. Crendice de povos na infancia! Se porêm o nosso mundo velho entrasse a emprehenher no muito que essa ideia encerra de proveito; se alguma vez quizessem povos e monarchas observar que os seus reciprocos direitos se não guardam melhor, nem se resolvem mais equitativamente as suas desavenças, desde que ha tantos séculos a interventora é a força; se emfim, por um modo ou por outro, invocassem o primitivo arbitro, que lá está firme, que achariam em resposta os pessimistas? Não tem isso de acontecer; assim será. Não tem de acontecer em quanto a humanidade o não precisar. Mas quando fôr geralmente sentida « a urgencia? »

Porêm deixemos isso, que é com o porvir. Quanto ao passado, a presumida reducção das forças do Pontificado no Concilio de Constancia não impediu que logo, a bem dizer, depois, lograsse contrastar as exigencias do Concilio de Basilêa, e a heresia de João Huss; resistir aos vendavaes da alcunhada reforma, e operar a reformação verdadeira no Concilio de Trento; aguentar a guerra porfiada e insidiosa que lhe moveu o absolutismo real; e finalmente sobreviver illezo ás catastrophes do

seculo decimo oitavo, e ás monarchias machinadoras d'essas catastrophes, e que n'ellas encontravam o seu fim.

Desde o grande Papa Martinho V (1447), até á revolução franceza, permaneceram os Pontifices na sua cidade e nos seus estados, em posse mais pacifica do que nunca. E' sem duvida o periodo mais ditoso de quantos jamais atravessou a Italia.

FILIPPE O FORMOSO. — PAPAS DE AVINHÃO. — CONCILIO.

Trabalhada de guerras perennes, semeia a Igreja paz em torno a si; ministra-a aos homens, com a condição de se não gosar d'ella. Disse-lhe o seu divino fundador : « Deixo-vos a minha paz, que não é a paz do mundo. » E' peculiar da Igreja a sua paz, e outra coisa não é senão lucta permanente. Adversarios d'ella são as ignorancias sempre recrescentes, e as immorredoiras paixões humanas. Esses adversarios mudam de sitio, de nome, de apparencia, mas não morrem; e ella defronta-se com elles em toda a parte, e sempre. Quando o seu tacto, a sua paciencia, e as suas virtudes, venceram o flagello das invasões, domaram e converteram barbaros; quando o sangue da Igreja conseguiu apagar os incendios mais horrorosos, que deixam por longo tempo assolados vastissimos territorios, então das proprias victorias alcançadas adveem á Igreja riscos novos. Acalmaram-se os frenesis, começam as ingratidões. Directamente á Igreja é que se arrojam os que ella salvou, os que ella educou, os que lhe devem a vida, a instrucção, a paz, a opulencia; teem-n'a como intrusa n'uma civilisação que ella creou, e que, se ella não fosse, não existia. Tristissimo espectaculo da historia! Nada consegue porêm tirar as esperanças á Igreja, que a Igreja pertence a Jesu-Christo e á sua misericordia. Dir-se-hia quasi ser a misericordia a teimosa paixão de Jesu-Christo. Christo morreu para resgatar o mundo, perdôa á hora da morte, e o seu perdão não morre nunca. Instituiu a sua Igreja immortal para continuar o seu perdão. Correm os seculos, e vão-nos patenteando a dupla maravilha dos delirios do homem, e das misericordias de Deus. Ha paixões geraes, e paixões particulares; paixões de tempo e de localidade; paixões de sangue, de cabeça, e de coração; ha sobretudo paixões de soberba; essas são as da civilisação; e a soberba é ignorancia mais furiosa e intratavel, do que a do selvagem saído das brenhas. Logo depois do reinado de S. Luiz, ora

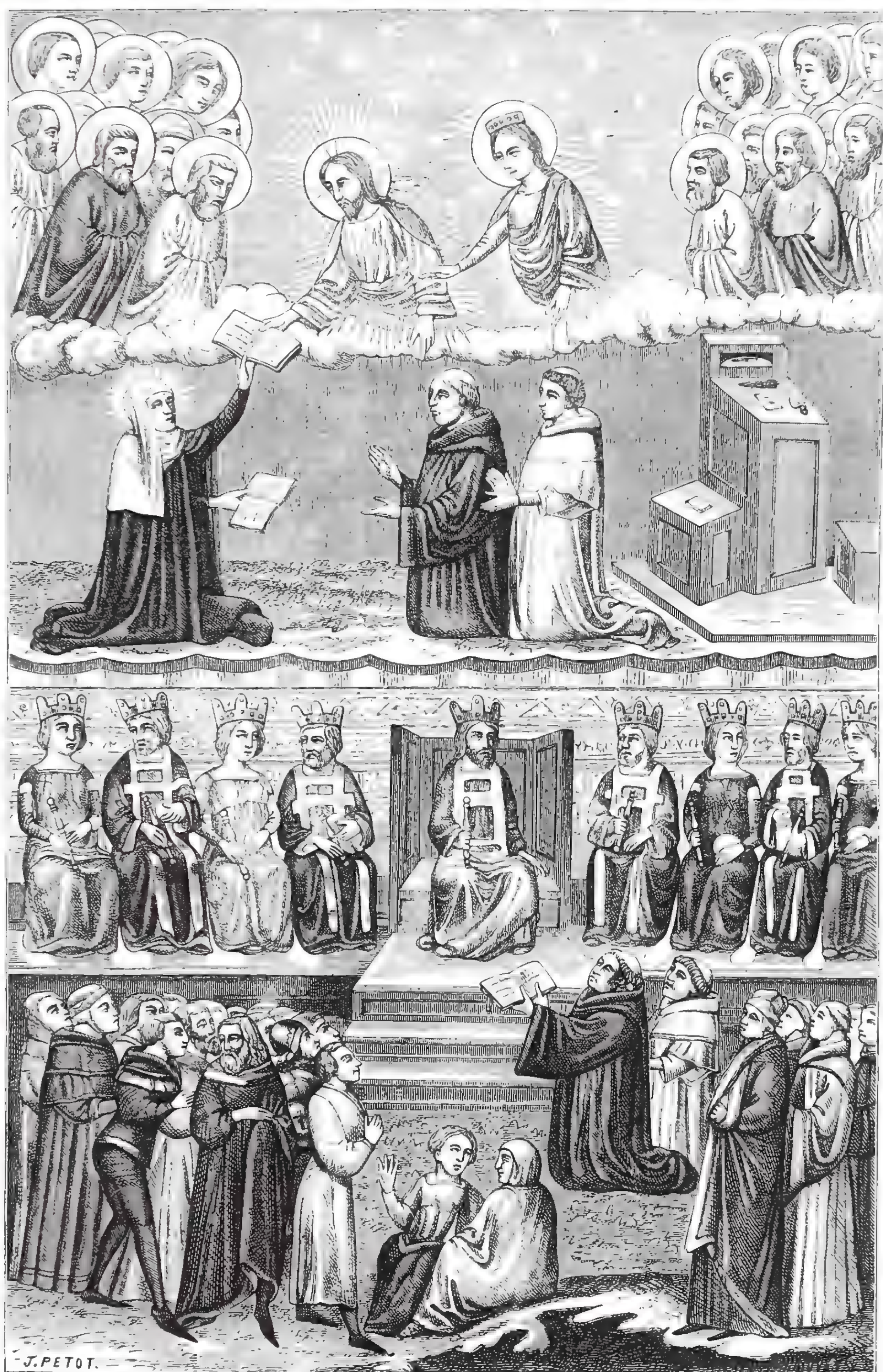


Fig. 136. — Santa Brigida. segundo uma miniatura da sua obra *Revelações*, manuscrito italiano do século XV. Livraria do Sr Ambr. F.-Didot. — Divide-se a miniatura em duas partes : na primeira, a Santa ajoelhada recebe da propria mão de Jesu-Christo accompanhado da Virgem e dos eleitos, a narrativa dos padecimentos da Paixão, e transmitte-a aos seus confessores, o prior Pedro, e o conego Matthias, que a escrevem dictando a Santa. Na segunda parte da miniatura os confessores apresentam o livro ao concilio de Basilêa.

n'um ponto da Europa ora n'outro, teve a Igreja que empenhar lucta com todas essas paixões.

Houve reis máus; crearam máus adeptos, guerras, ruinas. Comtudo persistia o espirito de Deus, e aos destroços respondia a Igreja com creações novas e mais bellas. A Igreja retoma sem cessar o seu plano, acrescentado sempre. Possuem certos homens o privilegio de não morrerem. Deslisam na terra como embaixadores extraordinarios de Deus, cumprindo missão, que ainda vem a continuar-se muito para alêm da sua vida. S. Luiz na sua campa não era morto, e ressuscitava Carlos Magno. Não cessava de produzir o elemento creadôr. Após os Santos vinham os Santos, ajuntando obras a obras, assentando novas pedras nos alicerces giganteus do plano divino, que ia apparecendo cada hora maior. Assim como Deus creou o mundo, e o mantem por um crear incessante, assim a Igreja, creadôra do mundo christão, vai á custa de mil desastres, arrancando á morte o que o peccado forcejava aniquilar. Onde elle crê ter aberto uma brecha, alarga ella o edificio, e adorna-o por modo que ha de espantar o porvir.

Era a França desde Clovis o arrimo principal da Igreja, e o braço mais poderoso e activo do Pontificado. Houve certo rei de França, a quem as paixões, a ambição, e a avareza, constituiram inimigo pessoal do Pontifice romano. Foi Filippe o Formoso. Rei inimigo do Pápa é por isso o tyranno e o corruptor do seu pôvo. Foi esse o caracter de Filippe o Formoso. Não se atrevendo a investir directamente com a fé nos dogmas e nas instituições, tomou o meio mais certo de lhes preparar a queda. O terror e a ambição suggeriram-lhe complices. Enviados d'elle insultaram o Pápa Bonifacio VIII, ancião de oitenta e seis annos, prenderam-n'o, e apressaram-lhe o fim. Ainda não amortecêram os séculos o grito de indignação que ressoou por todo o orbe. Repetiu o Dante nos seus versos a maldição do Santo Padre Benedicto XI, vingador legitimo do estupendo attentado; cumpriu Deus a sentença. A cidade de Agnani, theatro do crime, foi ferida de longa ruina. Filippe o Formoso morreu por um desgraçado incidente; a posteridade d'elle, que era muita e florescentissima, em poucos annos se extinguiu entre vergonhas; o throno passou a outro ramo. Roma, complice ou muda, deixou por setenta annos de ser a séde dos Pápas, e despovoou-se.

Acolheram-se os Papas a Avinhão. De lá, como de Roma, regeram a



FIG. 137. — Entrada solemne de Carlos VII na cidade de Reims, seguido por Joanna d'Arc. Gravura de 1610, segundo uma tapessaria do seculo XV. — Para a cidade cujos muros se avistam, se dirige o prestito. Atraz dos trombeteiros, vae Joanna a cavallo, com o estendarte de França, e escoltada de pagens, archeiros, e homens de armas. Segue entre guardas e camareiros el rei Carlos, levando á esquerda o Duque de Bourbon seu tio. Depois o duque de Alençon com todo o exercito. Percebem-se ao fundo o pai e a mãi de Johanna, que vão para Reims por diverso caminho; e mais o duque de Lorena, que vem com os seus cavalleiros aggregar-se ao cortejo.

Igreja, e lá receberam as homenagens da Christandade fiel, entre os rumores do mundo e os desatinos dos perversos. Muitos Santos illuminaram aquelles dias de tormenta. Esse é o século do Dante e do Petrarcha, poetas de cunho. A despeito de alguns erros pessoaes, acceitou o Dante, e propagou, a theologia cathólica. Entre muitas outras, duas Santas avultaram resplandecentes de clarões que muito lhes sobreviveram. Santa Brigida, princeza real de Suecia, fundou em Roma um admiravel mosteiro, apesar de toda a miseria moral e material da desamparada cidade; escreveu um volume de *Revelações,* famigerado na historia e na Igreja. Santa Catharina, de Senna, filha de um artifice, tomou o habito de S. Domingos, e viveu operando muitos milagres. Nada sabedora das litteraturas humanas, mas toda cheia da sciencia de Deus, fundou escolas, e deixou uma serie de cartas, que entram no rol das obras-primas da lingua italiana. Ainda valeu mais o seu papel politico. Foi esta donzella, quem, pelo seu influxo nos animos, deu fim ao desterro de Avinhão. Conseguiu ella tornar o Pontifice para Roma. Santa Catharina de Senna é a Joanna d'Arc do Papismo e da Italia.

Passado um século, entre desordens, opprobrios, e catastrophes, que estiveram a pique de submergir a França, appareceu a Joanna d'Arc franceza. Com a libertação da França, que jazia sob o dominio inglez, teve artes de dar por finda uma sequencia de desgraças, cuja origem começa no reinado e no crime de Filippe o Formoso. É Joanna a sublime expressão do espirito de fé e patriotismo que ainda animava os derradeiros christãos. Chegou ao fenecer da idade media, como que para patentear n' uma alma só tudo quanto pode encerrar bello e grande a humilde turba-multa evangelisada por S. Francisco e S. Domingos, e ainda pouco havia tão despresada. N'ella rutilaram todos os sentimentos generosos e energicos, que fundam e salvam uma patria. Foi por ser tão apegada ao catholicismo, que Joanna pegou em armas; e no povo influiu bem mais a sua fé, que o valor marcial. Condemnada por um tribunal illegitimo, morreu martyr do seu pôvo. O Papa, como orgão que era da summa justiça, reviu e annullou aquelle processo iniquo; rehabilitou a casta heroina. No nosso tempo de hoje, cujas catastrophes tanto lembram as do tempo de Joanna, ainda se não esvaneceu no coração dos Francezes a esperança de algum dia a verem nos altares.

A RENASCENÇA.

Assignalou-se a segunda metade do seculo decimo quinto por consideraveis successos, tão estranhos como imprevistos, e por inventos cheios de porvir, que excitavam fortemente a curiosidade dos animos. Inventou-se a imprensa; descobriu-se o Novo-Mundo; começou a astronomia; caíu Granada d'entre as mãos mauritanas; e pela sua queda acabou a peleja de oito seculos, e libertou-se Hespanha.

Ao espirito da fé se deviam estas e outras maravilhas; eram seus autores cathólicos zelosos, e só tinham lidado com o fito em acrescentarem o reino de Jesu-Christo. Intentava Christovão Colombo rasgar as portas dos mares, do mesmo modo que a grande Izabel, protectora sua, derrubava os bastiões de Granada para escancarar passagem á Cruz. O primeiro livro que se imprimiu foi uma Biblia; Nicoláo de Cusa, Regiomontano, Copernico, os primeiros astronomos, eram piedosos sacerdotes; á ordem de S. Francisco pertencia o cardeal Ximenes, ministro de Fernando e Izabel, tão grande como elles, ou maior, e tão versado nas lettras quanto na politica. Como succedeu a tantos outros estadistas d'aquelle tempo, e dos anteriores, que foram guias e operarios da civilisação europêa, tinham-n'o as meditações do claustro apparelhado para a custosa arte de governar homens segundo a vontade de Deus.

Havia no emtanto um grave risco em toda aquella immensa florescencia do saber, das armas, e da gloria humana. Quando se acoitavam na sombra os gigantes que a tão esplendido movimento presidiam, a turba dos espiritos mediocres, collocada entre elles e o pôvo fiel, attribuia a si propria a gloria dos successos, e a si propria se innebriava com incenso. Embriagavam a esses espiritos as novidades que viam e sabiam. Ao passo que a Hespanha, Portugal, a França, a Italia, toda a Europa cathólica, brilhante por varios motivos, se reconquistava a si mesma, alcançava um Mundo novo, progredia nas sciencias, nas lettras, e julgava confirmar-se na paz, Constantinopla, cumprindo o destino da heresia, caíra em poder de Turcos, e com ella todo o Oriente. A sua queda fez confluir para o Occidente as innumeraveis phalanges dos seus doutos, e deu incremento nas terras cathólicas ao genero nascente dos semi-sabios, d'onde tinham de brotar os semi-incredulos.

Chama-se *Renascença* aquella época singular, que se seguiu á idade media. Nunca houve periodo de mais desbragada e robusta virilidade. Parecia que andava cá a temivel prole que nasceu dos Anjos rebeldes e das Filhas dos habitantes da terra. Tinham aquelles homens presumpções de omniscientes, queriam ingerir-se em tudo, e blazonavam realisar tudo. A seu crer, eram elles os primogenitos de Deus; e tudo quanto os havia precedido só podia ser considerado tentativa miseravel da creação. Por uma aberração do seu orgulho, remontavam-se quinze séculos para traz, ao pleno paganismo. O proprio nome de Renascença indicava quanto lhes parecia saírem das trevas da morte. Desprezadores das eras precedentes, negavam que por coisa alguma participassem ellas nas suas grandezas, e queriam quebrar com ellas e com toda a tradição christã. Instinctos de ciume, e o crescer das paixões sensuaes, levavam-n'os a apagar até o ultimo vestigio da ordem casta e severa que lhes legara as riquezas de que assim abusavam. Assentou-se para logo no plano da destruição; levou-se avante a execução d'elle, com tenacidade methodica e porfiada; e d'ahi espalhou-se sobre a Europa, armado e de tocha em punho, o Protestantismo. O incendio accezo na Allemanha alastrou-se a um tempo pelas regiões septentrionaes recentemente convertidas, pela Inglaterra, pela França, pela propria Italia. Protegidos da Inquisição, lograram apenas a Hespanha e Portugal furtar-se de todo ao flagello. Como premio das suas encarniçadas pelejas contra o mahometismo, deixava-lhes Deus a paz, e concedia aos seus navegadores a America e a India.

Atacava o protestantismo a ordem cathólica em nome da liberdade, da dignidade, da intelligencia, da moral, e principalmente da sciencia. Não era o pôvo quem arvorava um tal pendão de revolta; o pôvo, esse era cathólico. Quem inspirava e ajudava a insurreição eram senhores, sacerdotes, e doutos. Os motivos d'ella eram a soberba, a avareza, e a volupia. Hoje, que a heresia possue em cheio o seu quinhão e a sua preza, já os partidarios d'ella não se cançam em disfarçar o que a motivou. « Na realidade, diz um d'elles, a *carne* demasiadamente opprimida pela disciplina religiosa, reivindicava os seus justos direitos. » Com effeito, na realidade era isso, como sempre. Sabiam-n'o os contemporaneos. Soror Joanna de Jussie, que assistiu aos prodromos do protestantismo em Genebra, conta ingenuamente que certo religioso subiu ao pul-

pito na igreja do seu convento, declamou contra os sacramentos, « vilipendiou a santa Igreja e o estado religioso e de virgindade, prégou a heresia, e, acabado o sermão, casou com mulher de pessima nota. » Essa é a historia commum, e a theologia pratica dos apóstatas, n'aquella era, antes, e depois. Afim de atacar a ordem actual da sociedade, a heresia socialista, depois de já nada mais poder invocar, baseia-se nos justos direitos da carne. Que de coisas tem dito a carne desde que tem voz! *Basta*, é que nunca disse.

Para que uma heresia religiosa determine revolução politica, e assuma o consideravel predominio que alcançou o protestantismo, são indispensaveis duas condições : credulidade nas turbas, e corrupção nas sumidades sociaes. Ora ambas ellas se davam. Deu-se o caso, de que a fidalguia franceza, cujas altas e generosas qualidades não é aliás dado escurecer, não encontrou já em si mesma virtudes bastantes, no proprio momento em que precisava tel-as grandissimas. A heresia, que explorava o bem e o mal, derivou do seu curso o sentimento christão de justiça e dever, pela Igreja derramado a toda a parte. Sem grandes rumores, exigia esse sentimento com a indomavel energia da consciencia, o que ha de exigir sempre; isto é : que os chefes da sociedade se mostrassem dignos da sua elevada jerarchia. N'um tal terreno, tão de molde afeiçoado, germinou para logo a sedição, fazendo degenerar a seiva vital que lá se achava latente.

Houve um tempo em que a victoria dos inimigos, que foi immensa, pareceu dever ser completa. Comtudo, em tamanho desastre não desamparou Deus a sua Igreja, e a Igreja não descurou de si. Pelo Concilio de Latrão, encetou a reforma dos desmandos que no seu proprio gremio se haviam infiltrado, velou pela instauração da disciplina, e buscou para os estudos direcção mais consentanea com as urgencias da quadra. Já se encontrava prestes a sustentar a peleja, e já resistira aos impetos primeiros, quando, passado pouco tempo, abriu o Concilio de Trento.

Aquelle século da renascença e do protestantismo brotou uma quantidade infinda de homens eminentes e notaveis escritos; mas entre tudo avultaram, resumindo a época, dois homens, e duas obras, nos dois oppostos campos. Por parte dos protestantes e pagãos, Rabelais e o seu livro; por parte dos cathólicos, Santo Ignacio e a sua obra. Rabelais, religioso apóstata; Santo Ignacio, soldado feito padre, fundador da Com-

panhia de Jesus. Fica apreciado aquelle tempo, desde que se estudaram aquellas duas figuras predominantes, uma da heresia, a outra da fé.

Nunca houve alma que mais acorrentada nos appareça á ignominia, do que a de Rabelais, não só apóstata, mas sacrilego tambem. Foi elle uma como encarnação d'aquelle furor carnal que obceca o espirito para os assumptos elevados e santos; e essa é a ideia geral do livro d'elle. O homem carnal, *animalis homo*, a besta, uiva e reboleia-se n'um tal livro. O que existia nobre na essencia da sua natureza, já o não vê, já o não sente, ou só o sente para o renegar e odiar. *Animalis homo non percepit ea quæ sunt Dei*. Os luzeiros de Deus, que illuminam a consciencia, e são os causadores das acções grandes, o amor do bem, o finissimo sentimento da belleza moral, o odio acerrimo a todo o mal, uma certa contemplação profunda e ao mesmo tempo misericordiosa das humanas fraquezas, que sabe corrigir a indignação, e inclinar ao dó, tudo isso é arrancado ao homem carnal. O homem carnal assiste ao espectaculo do mundo, como a creança que vê titeres, ou como o perverso endurecido e brutal que se recreia a olhar para um supplicio. E no emtanto, é tamanha a degradação a que nos desce o desprezo da verdade, que pode até aquelle riso de Rabelais agradar a quem aliás reconheça em si proprio alma immortal. Canonisou a Rabelais o livre pensamento, e collocou-o entre os primazes no seu Pantheon, como escriptor maximo da Renascença.

Ao mesmo tempo que elle, ergueu-se Ignacio de Loyola, para vir a ser como que o antidoto da peçonha de Rabelais, e foi o verdadeiro homem do Senhor e da Igreja. Era soldado novél; converteu-se do pensar do mundo, tomou ordens, e planeou na mente um vasto instituto religioso, que podesse defender a Igreja em qualquer ponto onde a atacassem. Delineou-o com um tacto, cujas provisões e avisos em parte nenhuma foram desmentidos; assistiu ao seu crescimento rapido, e falleceu, legando á Igreja aquella força juvenil, vivaz, e sempre imponente, chamada a Companhia de Jesus. E que pretendeu ser Santo Ignacio? e que foi? e que é ainda hoje? um mestre de escola, como todos os Santos, como a Igreja inteira, como Jesu-Christo em pessoa.

O século decimo-sexto, que produsiu Luthero, Calvino, e Rabelais, as expressões mais completas da rebellião contra a Lei de Deus, viu alcançar a Igreja, apenas armada da sua sabedoria e virtude, o mais memoravel triumpho de quantos obteve desde o da sua fundação. Ao par da sua

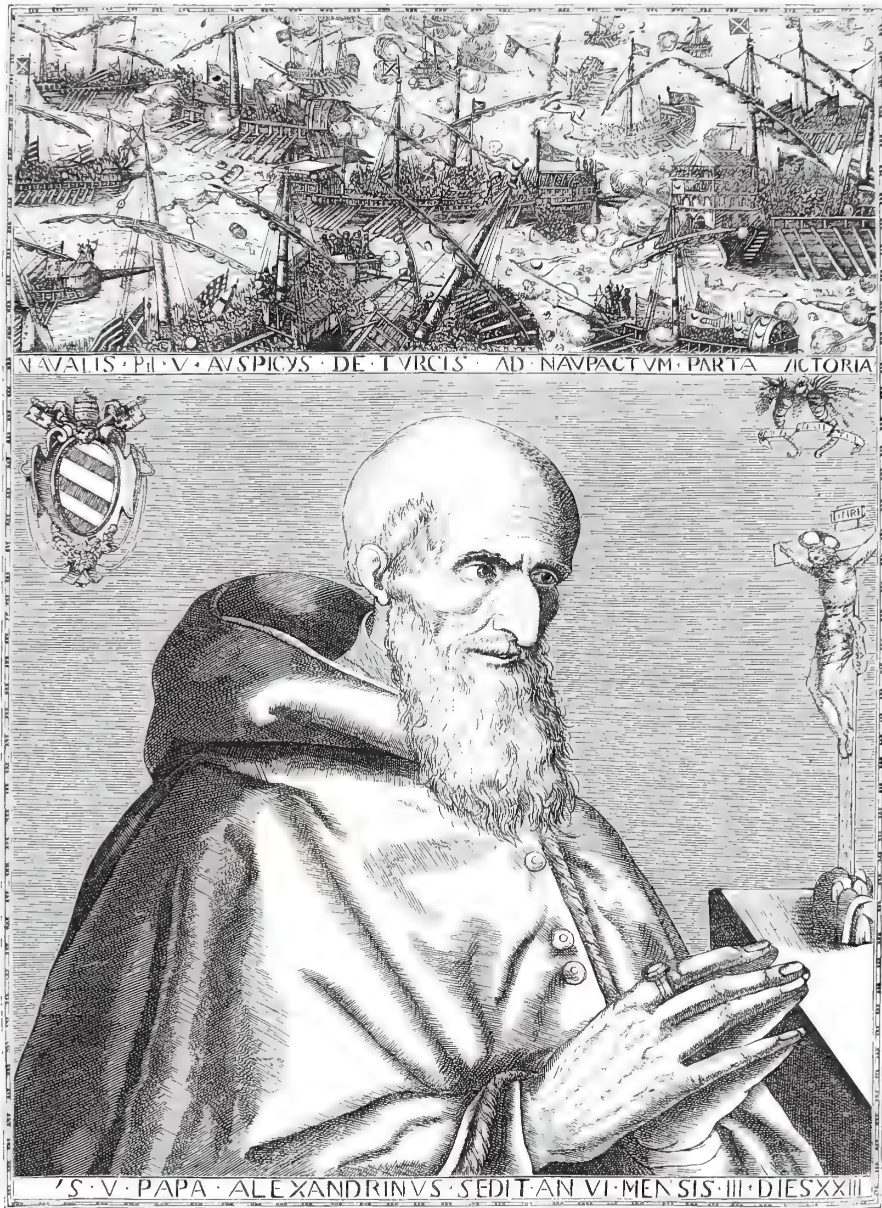


FIG. 138. — O Papa S. Pio V, que celebrou allança com a Espanha e com Veneza contra os Turcos, e preparou a victoria de Lepanto. Segundo uma gravura italiana do tempo.

feição humana, representada nos vultos unanimemente deshonrados dos heroes da heresia, outra feição ostenta aquelle século, toda radiante de saber, piedade, e boa gloria. Sendo, como foi, joguete de todas as forças e traições do mundo, a Igreja, depositaria e distribuidora dos dons de Deus, respondeu com uma alluvião de doutores, apóstolos e santos.

Chocarreava Rabelais junto dos grandes e entre os servos d'elles, lettrados ou homens de armas; Luthero estendia a mão ás impurezas do islamismo cujos impios dogmas adoptava a Lei; a Igreja explicava a sua fé, e reformava a disciplina no Concilio de Trento. Abastecia as phalanges heroicas da Companhia de Jesus; remoçava na Europa graças ao martyrio; conquistava a America para o seu Christo perseguido de ingratos; por toda a parte abria escolas illustres; perdia reinos, e nem por isso diminuia o caudal da sua caridade. Na familia franciscana, desertada de Rabelais, e n'outras mais, em que o erro achara apóstatas de igual jaez, houve innumeraveis santos, heroes, e martyres. O século decimo sexto viu S. João de Deus, S. Thomaz de Villanova, S. João da Cruz, Santa Thereza e a sua familia de virgens, Santo Ignacio, S. Francisco Xavier, S. Carlos Borromeu, S. Pio V.

Tanto na terra como no céo perseveram vivos esses nomes. Era aquelle o tempo em que escreviam Bellarmino, Suarez, Tolet, Sirlet, Maffei; em que S. Filippe Nery fundava com Baronio o Oratorio. Se a musa dos negregados antros vomitava Rabelais, a musa christã inspirava a Camões, ao Tasso, e a Raphael. Por um apóstata que falseava a sciencia historica, Baronio e vinte outros testavam aos vindoiros obras ainda hoje incólumes da critica. Finalmente, aquelle século, em que a civilisação christã, momentaneamente submersa, esteve a pique de perecer em toda a Europa, viu, quando terminava, o islamismo esmagado pela dextra de um Papa na batalha de Lepanto, e legou ao século seguinte S. Francisco de Sales, S. Vicente de Paulo, e o século de Luiz XIV, periodo esplendidissimo da França, para que nada contribue o espirito de Rabelais.

Outra coisa não era o protestantismo, senão uma incançavel fabrica de pamphletos, que pouquissimos sobreviveram, e a que respondiam por igual apologias poderosas, de que muitas são obras primas. Arrasava e incendiava igrejas, e foi escasso em artistas. Não fallando em alguns habeis retratistas, não ha pintor grande, nem grande architecto, nem grande musico, que fosse herege. A heresia é iconoclasta. A seiva que ainda conserva deve-se á visinhança dos cathólicos, mas nada brota grandioso. Na Hespanha, pelo contrario, todos os ramos do espirito adquirem desenvolvimento immenso, e dão fructos de um sabor e de uma abundancia notavel. Aquelle século decimo sexto, e boa parte do decimo septimo, vão cheios de theologia, litteratura, pintura, musica, e poesia.

Mais brilham ainda a Italia, e Roma. Essas teem Leonardo de Vinci, Miguel Angelo, Raphael, e as escolas d'elles, e os seus discipulos sem conto, e os sabios, e os theologos, e os oradores. Que faz a Allemanha? pamphletos. Que faz Roma? livros, institutos, e homens.

Que teria sido das lettras, artes, e sciencias, que teria sido da Europa inteira, se todos os frades, padres, e catholicos existentes, tivessem tomado os feitios, as tendencias, a philosophia, de Rabelais? Em poucos annos a Renascença inteira estava á beira de afundar-se no protestantismo; este, no republicanismo; e o republicanismo ia desfechar n'uma rapida barbarie. Teria chegado dois seculos antes o movimento popular chamado hoje socialismo; e lá estava o Turco triumphante, prompto a engulir a Europa como acabava de engulir Byzancio. Houve porém na Igreja homens santos, cuja força era a sua mesma santidade, e que despresando as seducções do orgulho e da sciencia, a que tão cobardemente cediam os autores e fautores da revolta, quiseram deveras á fé catholica, e por ella subiram gostosos a todos os cadafalsos que lhes levantava a heresia. Salvaram os dogmas, e arrancaram á heresia, a sciencia, a arte, a moral, a philosophia, a politica, tudo isso, de que a revolta dizia entender melhor do que elles, e que ia irremissivelmente corrompendo; poseram-n'o a bom seguro sob a égide da Cruz. Sacrificaram os seus dias; a vida correu-lhes entre tarefas e desgostos; muitos morreram entre supplicios; sim, mas venceu a Cruz. D'est'arte é o amôr que a Igreja sabe inspirar, e ha de inspirar sempre, máu grado aos sophistas e carrascos, que então, como sempre, bem demonstraram como a sabem odiar.

Deram fim as guerras do protestantismo, ou antes: adormeceram ao som de umas transacções perigosas, em que Roma não foi ouvida. Nas garras da heresia se conservou uma parte do mundo europeu. A Scandinavia, largas extensões da Allemanha, a Inglaterra toda, junto á qual a Irlanda ficou sendo apenas uma provincia martyr, jazeram em poder do erro. Paz foi essa, que S. Luiz, não assignava de certo. A França, a Italia, a Hespanha, Portugal, os Paizes-Baixos, a Polonia, alguns cantões da Suissa, e as regiões subalpinas, permaneceram catholicas. Em summa: achava-se a Europa dividida. Ficou exposta ás insidias da fracção protestante. Comtudo a paz religiosa manteve-se entre as nações, e as guerras dos séculos decimo-septimo e decimo-oitavo foram quasi exclusivamente politicas.

A FRANÇA. — REINADO DE LUIZ XIV.

Continuaram a França, a Hespanha, e a Italia, a desenvolver actividade fecunda e gloriosa. Mais que todas a França, no longo reinado de Luiz XIV, assombrou o mundo com as suas guerras, a sua politica, a sua litteratura, as suas sciencias, e as suas artes. Em todos os ramos ostentou os primeiros homens; e as demais nações não podiam dizer-se rivaes suas, senão suas vassallas e imitadoras. Um avultado numero dos homens de genio que tão alto a elevaram, eram padres; e todos pertenciam á fé catholica. Aquelle século, francez mais que outro qualquer, pelo seu brilho externo, é intimamente christão desde o seu primeiro anno até ao ultimo. Ahi reina a ordem; por toda a parte se vê magnificencia e grandeza, que são a sua physionomia verdadeira. Século grave, todo sorrisos, todo magestade; cheio de pompa, que elle mesmo expande, cheio de singeleza, de bonhomia nos usos e costumes, que ainda lhe realça tantos predicados.

S. Francisco de Sales, S. Vicente de Paulo, Ollier, fundador da Companhia de S. Sulpicio, para educação de sacerdotes e direcção de seminarios, e o veneravel La Salle instituidor dos Irmãos da Doutrina Christã, personificam a indole religiosa de tal século. Todos diversos, e todos parecidos. São Santos, são Francezes, e pertencem ao século decimo septimo. Com um conhecimento profundo, e a que poderiamos chamar prophetico, das exigencias peculiares da sua era, e das futuras da França e da humanidade, crearam familias religiosas destinadas a um grande papel, e algumas d'ellas a um porvir afastado. S. Francisco de Sales, dotado de vigor apostolico bem digno dos antigos tempos, e cheio de uma incomparavel amenidade e doçura, fundou uma ordem monachal feminina, onde a clausura parecia menos uma barreira, do que uma cortina de flores aberta para a parte do mundo. Em nenhuma outra clausura eram maiores a austeridade e o sequestramento; mas cá não se dava por elles; a travez d'aquellas grades avistavam-se e ouviam-se do claustro os dolorosos alaridos do mundo; e ao mundo chegava um longe das consolações do encerro. Taes foram os mosteiros da Visitação, obra a um tempo do bispo expulso de Genebra, e de uma fidalga viuva franceza, a baroneza de Chantal (Santa Joanna Francisca); e quanto não propagaram

em todos os estados catholicos aquelles institutos! e que escolas não vieram a ser de bons costumes, e de terna e ardente piedade! Na fé sincera das freiras da Visitação, e na merecida fama que ellas grangeavam á sociedade culta e sabia do seculo XVII, achou talvez o seu maior obstaculo a heresia jansenista. Tivera ella artes de insinuar-se em quasi toda a



Fig. 139. — O bem aventurado La Salle, fundador dos *Irmãos das escolas christãs*. Retrato contemporenco na casa dos *Irmãos* em Rouen. Século XVII.

parte; e mallogrou-se ante aquelles singelos portaes. N'um mosteiro da Visitação, em Paray-le-Monial, é que brotou a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, em terra que a tinha alimentado outr'ora, visto haverem apparecido documentos antigos que o fazem suspeitar. O que porém maior brilho deu ao instituto foram as revelações que Jesu-Christo em pessoa communicou a Soror Margarida Maria, hoje, ultimamente, beatificada.

Creou S. Vicente de Paulo as Irmãs de Caridade. Era este virtuoso padre filho do pôvo. Ficou popular a sua milagrosa existencia; e de tres séculos para cá é elle um dos homens que mais intensa vida alcançaram. Quantas victorias, quantas fortunas se não teem eclipsado, quantas glorias notaveis vão a esvanecer-se, ou acabaram já, ao passo que só se viu crescer a auréola do nome do pobre sacerdote! Não ha nome mais conhecido, mais venerado, mais presente que o d'elle. Sem sombra de medo, e como que já certissimo do destino das suas Filhas, lançou-as ousadamente, e ás claras, para o meio do mundo, certo de que o seu melhor anteparo seria a caridade, certo de que ao par d'essa caridade caminharia um anjo, a escorraçar o demonio. Ha hoje vinte e quatro mil Irmãs de Caridade, espalhadas por toda a parte, e abençôadas em todas as linguas humanas. Graças a ellas, tornou-se a mulher obreiro activo do Evangelho, collaborador efficacissimo do Apostolado. Arrostam com as missões mais longinquas, e muita vez saem-se de tarefas capazes de amedrontar homens. Do exemplo d'estas irmãs nasceram cincoenta Congregações femininas. O véo religioso é só por si um claustro, a que não logra penetrar o espirito das trevas. Uma creança, com o seu simples voto de castitade, pobreza, e obediencia, fica tão cheia de força, que vence, entre os embates mundanaes, quantas traças lhe arma o espirito maligno.

Entre tamanho esplendor, comtudo, começavam a apparecer na França certos erros, que iam trazer á Igreja largos dissabores, para compensação dos jubilos que lhe causavam os seus Santos. É o que sempre se está vendo. Perverte-se o mundo nas felicidades; e, depois de ter gosado os beneficios da Igreja, aspira ingratamente a derribal-a. Como vimos não poucas vezes, ia-se condensando uma tormenta contra Deus e Christo no seio d'aquella sociedade que tantos beneficios lhes devia. Não cessara de conspirar a vencida impiedade. Logrou maneira de se apresentar ante o orgulho real envolta n'um disfarce em que elle não soube, ou não quiz, reconhecel-a, a despeito dos brados de alguns espiritos altos, sim, mas já ou resfriados ou tibios.

Nunca afrouxaram os grandes Papas do século decimo terceiro em perseguir certa ordem de doutrinas, que na essencia eram scismaticas e protestantes, denominadas em França immunidades da Igreja gallicana, e tendentes a submetterem a Igreja ao poder secular. D'aquelle mal, já

inveterado, partiu a heresia nova. Taes eram porêm a gloria e o poderio do soberano, que Roma, por temer provocar males ainda maiores, se não atrevia a arcar de frente com tão perigoso inimigo. Ainda então possuia o protestantismo grande vigor; e não pareceu asado o momento para dar o signal de uma ruptura, que bem podia ser que atirasse para o



Fig. 140. — Freira da Visitação. Desenho do Sr. Lafon, em Tours.

gremio dissidente boa parte da França, e talvez toda. Habilmente se aproveitaram d'aquellas delongas os adversarios da doutrina pura. Prégados por toda a parte os principios gallicanos, e praticados sob o escudo de innumeraveis usos antigos, protegidos de quasi todos os chefes da sociedade civil, até no proprio clero acharam guarida. Em 1682 formalmente os adoptou uma assemblêa de bispos, e inculcados mandatarios das igrejas de França, por occasião de um negocio futil, cuja decisão

lhes não pertencia. Tornou-se pois aquelle anno de 1682 a data official da revolução. Desde então, fôram bem de prever as desgraças e catastrophes que até ao fim do século seguinte se accumularam.

Sentava-se Innocencio XI na cathedra pontificia; pela sua magnanimidade e nobreza de alma dava a lembrar os maiores Papas. Ao enviarem-lhe os bispos francezes a sua declaração formal, não faltou Innocencio ao seu dever. Reprovou-lhes o haverem, pela mais reprehensivel pusillanimidade, desamparado a santa causa da liberdade da Igreja, o não terem uma só vez erguido a voz em pró dos interesses e da honra de Jesu-Christo, e declarou-lhes que os via cobertos de opprobrio eterno. Convidava-os a arrependerem-se, e por fim derogava, como já nullos em si, os actos d'elles.

Por desgraça, porfiaram os Bispos. O que tão sómente obteve d'elles a constancia de Roma foram satisfacções illusorias; e os principios gallicanos, officialmente renegados, ainda por um vislumbre de temor, e prudencia, continuaram vigorando. O tempo e o orgulho nacional fizeram saír d'aquelles principios todas as consequencias, com que o espirito da heresia já contava, e que de balde previra o Summo Pontifice. Parou a seiva religiosa, esterilisou-se, e a falta da verdade trouxe a corrupção dos costumes.

Na ordem religiosa, foi aquelle acto de 1682 o equivalente antecipado da tomada da Bastilha, isto é uma insurreição hypocrita e vil, porém vencedora, do poder secular contra a Igreja. Nenhum movimento popular o originou; o pôvo ignorava-lhe as causas, e estava bem longe de lhe desejar os effeitos. Nem sequer soube que se dera um tal acto. Aquelle crime contra a sociedade, commetteram-n'o legistas e cortesãos. Verdade é que a maioria d'elles não tiveram consciencia inteira do acto. O rei era o primeiro, que nem suspeitava onde aquillo o arrastaria, nem os males e vergonhas que por ali tinham de advir ao seu pôvo, á sua corôa, á sua propria familia. Cegava-o o orgulho a elle; e aos mais, o receio de desapraserem a el-rei. Bossuet perdeu n'isso bem mais que a sua gloria. Tomava parte n'aquella assemblêa, e d'ella foi complice e instrumento, Bossuet, tão consumado escriptor, e tão digno de alcançar outro genero de nomeada entre os bispos mais illustres! (fig. 141). Collaborou n'aquella obra, que demarca o apogeu do poder da França, mas que tambem lhe presagia a decadencia.

Ganhou o jansenismo, ao passo que ia o Catholicismo perdendo. Aquella heresia subtil, condemnada pela Igreja e pelo Estado, não tinha ainda feito progressos notaveis nas turbas; quando lá entrou, tomou o caracter de um grosseiro fanatismo. Não se avilta nas massas populares a fé catholica; torna-as sim mais singelas, e eleva-lhes o nivel; o sophisma



Fig. 141. — Bossuet, autor do *Discurso sobre historia universal*, onde se expõe a influencia de Deus nos acontecimentos do mundo. Gravura de Edelinck. Seculo XVII.

heretico, esse torna-se brutal; e quando lisonjeia directamente algum vicio, então é que o acceitam os animos ignorantes.

Quadra a mesma descripção tanto ao calvinismo, como ao jansenismo; é Jozé de Maistre quem o observa. São irmãos gemeos Calvino e Jansen. São parecidissimos um com o outro; quem quizer olhar, ha de por força reconhecel-o.

Com effeito é a doutrina da força, preconisada pelo philosopho pro-

testante Hobbes, que no século XVII dogmatisava obscuramente em Inglaterra, mas que ha de vir a tornar-se celebre no século seguinte. Empenha-se Hobbes em divinisar a força, unico attributo que em Deus reconhece, ou melhor : unico Deus de sua adoração. Essa é, segundo elle, a mola unica do mundo moral nas variadas espheras que o compoem. Ella só é o principio da moral, a alma da consciencia. A justiça outra coisa não é senão poder; a lei o querer do mais forte; a obediencia, apenas o dever do mais fraco. A propria divindade pode, sem quebra da justiça, castigar o innocente; os actos e a vontade das creaturas dotadas de rasão, governa-os uma necessidade de ferro. O começo da sociedade é o direito de cada qual sobre todas as coisas; conseguintemente começa pela guerra, que é o embate dos direitos; da necessidade da paz nasce o poder; a paz só se consegue submettendo os direitos a um arbitrio só. É essa a doutrina de Hobbes, a quem moviam preconceitos antigos. Foi Hobbes o precursor de Spinosa, que, sempre que disfarça o seu atheismo, ainda mais o evidenceia. Segundo observa o abbade Rohrbacher, « Jansenio, Hobbes, Spinosa, Luthero, Calvino, Wiclef, Manes, e Mafoma, todos são uma e a mesma coisa. Inspira-os a mesma ideia; ligam-se entre si, para negarem o livre arbitrio humano, e darem a Deus por autor do peccado, ou melhor : negarem o verdadeiro Deus, o Deus essencialmente livre, creador do homem á sua imagem, e darem-nos para adorar, como nosso modelo, o primeiro dos deuses falsos, Satanaz, o anjo caído, que só para o mal possue ainda livre arbitrio; esse é o typo do jansenista. Para conhecer ao certo a historia humana e a Igreja de Deus, é mister nunca perder de vista esta grande conjuração, este conjuncto de portas, potencias e conselheiras do inferno, que se esforçam de prevalecer contra a Igreja, e contra a sua pedra fundamental. Tudo empregam : a artimanha, a hypocrisia, a força; mas lá disse Jesu-Christo : Nunca hão de prevalecer as portas do inferno. »

Adivinhado e atacado desde o principio por S. Vicente de Paulo, e pelos chefes da Igreja de França, tinha o jansenismo sido condemnado por uma constituição dogmatica do Santo Padre Innocencio X. Pareceu recuar; e podia tel-o levado de vencida um accordo generoso entre os Bispos. Porém a declaração de 1682, e a perturbação que d'ahi proveio nas relações da Igreja com o Estado, influiram-lhe grande progresso. A enfermidade tinha por força que seguir o seu caminho, e esse caminho ia

ter á revolução. Nos espiritos menos que medianamente baixos, era natural que as baixas doutrinas, tão absurdas e tão funestas, de Hobbes, protestante inglez, e as de Spinosa, judeu hollandez, prevalecessem sobre o ensino secular do Christianismo, renovado em tão admiravel linguagem por tantos homens grandes. O maior porêm d'entre elles errara quanto á obediencia devida ao chefe supremo da Igreja; contra os seus escriptos



Fig. 142. — S. Vincente de Paulo, fundador da congregação dos *Padres da Missão,* e das *Irmãs de Caridade.* Segundo a gravura de Edelinck. Século XVII.

levantara-se o proprio exemplo do escriptor. Tudo que elle assentára alluía-o pois o seu modo de proceder; e como a frivolidade, a decadencia de costumes, e a desenvoltura no pensar, auctorisavam as desenvolturas carnaes, iam auxiliar grandemente a Hobbes e a Spinosa.

Acabou entre tristezas e lagrimas o reinado tão feliz de Luiz XIV (Luiz o Grande, como lhe chamavam os seus lisonjeiros, e ainda hoje o repete a posteridade). Conservou a sua gloria, mas fugiram-lhe as venturas no limiar do novo século que Luiz XV ia encher. Nascêra já Voltaire. Em vez de se levantar, engolphou-se a França em abominaveis volupias.

Permaneceu entre o povo a fé, mas desappareceu dos altos pináculos onde campeavam impiedades insolentes.

GUERRA DO SÉCULO CONTRA A IGREJA

Fôra aquelle seculo XVII, senão o mais formoso, pelo menos o mais grandioso da França; opprobrio da França e do mundo foi o seculo XVIII. Não ha periodo mais despresivel. Já tinha havido um seculo de ferro; aquelle foi o seculo da lama. Tudo vae na vasante, religião, arte, litteratura, guerra, e politica; em parte nenhuma essa decadencia avulta mais do que na França. Seguem arrastadas atraz da França as demais nações cathólicas. Século leviano, declamador, mentiroso, sophistico, arrogante nos desacertos, e desbragado nas luxurias. A toda a parte côam e se impôem o deismo e o atheismo. Já não ha um só rei christão, um só rei grande, a não ser uma mulher, Maria Thereza, imperatriz de Austria, a derradeira, guerreada pela sua propria familia, pelos seus ministros, pela sua côrte. São rarissimos os Santos, vilipendiados, e sem importancia politica. Apparece na Italia S. Paulo da Cruz, fundador dos Irmãos da Paixão; e no reino de Napoles, lá sumido nas sombras de uma limitada diocese, Santo Affonso de Liguori, fundador dos Redemptoristas, autor, então desconhecido, de escriptos valentes, depois popularissimos. Tambem se entrevê um mendigo, francez da nação, mas habitante de Roma, onde até á morte passa quasi despercebido : é Bento Labre. Pio IX beatificou-o. Os seus contemporaneos francezes, se acaso lhe soubessem o nome e as virtudes, apupavam-n'o. A França não teve santos então, nem quereria tel-os. Esse até certo ponto é que é o milagre mais notavel que apparece n'aquelle seculo réprobo. Nenhuns santos, nenhuns milagres! No fim do século de Luiz XV; uma das filhas d'el rei, Luiza de França, professa no mosteiro das Carmelitas, e lá fica vivendo santamente; pois torna-se o pábulo do paço. A França consente na perda da Polonia, e ri; perde as batalhas, e ri; presenceia o acrescentamento das nações protestantes, e ri sempre. Com a sua gargalhada eterna, apressa a ruina moral e material dos seus vetustos e nomeados mosteiros. Que é a arte? obscenidade; a litteratura? blasphemias, e infamias; invadiu tudo um philosophismo presumpçoso e absurdo; e Voltaire emfim, rei verdadeiro d'aquella quadra odacenta, e elle proprio autor de escriptos immundos, toma-se de nojo

de tamanhas miserias, e define-as em termos que não podemos transcrever aqui.

Em toda a parte é vencedora a iniquidade. Entre os seus crimes ha um, que merece assignalado, como prova clara da humana loucura. Uma conjuração de potencias catholicas, França, Hespanha, Portugal, e Napoles, arranca ao Papa Clemente XIV a extincção da Companhia de Jesus, « para bem da paz ». Facto monstruoso, que pinta o mundo d'então, a guerra por elle movida ao Papado, e a resistencia que este oppõe.

Formavam os Jesuitas a corporação religiosa mais activa, mais influente e considerada de todas. Eram vinte e dois mil, e pertenciam ás primeiras familias da Europa. Occupavam as cadeiras do ensino, os collegios, as missões. Entre os homens que mais avultavam em qualquer sciencia, lá estava um Jesuita. A despeito do geral relaxamento, a orthodoxia tinham-n'a os Jesuitas conservado sem quebra; intactos nos costumes; sujeitos ás decisões da Igreja; pugnando sempre para lhes concitar o respeito; rejeitando tudo que d'ellas se apartava, já theorias philosophicas, já ideias jansenistas, já principios protestantes. Todas essas doutrinas erroneas, hostis entre si, mas adversas aos Jesuitas, se voltaram contra elles.

Tinha Voltaire para si, que era urgente livrar a Europa d'aquella praga dos Jesuitas, companhia em cujo gremio elle proprio se creara, mas onde encontrava adversarios; do mesmo modo pensavam os jansenistas e os parlamentarios, cada qual segundo a sua norma. Moveu-se aos Jesuitas guerra desapiedada. Entraram n'ella, por toda a Europa, quasi todos os depositarios do poder, e todos os senhores da opinião. Fôram presos, exilados, mortos, porêm nunca julgados! Carrascos, acharam-se; juizes, não ousaram procurar-se.

De cento e vinte e cinco Jesuitas sumidos no lodo das masmorras do Tejo, só restavam quarenta, ao caír o ministro perseguidor. Perguntados sobre os crimes que lhes eram imputados, nada poderam aquelles innocentes responder, senão isto : que setenta companheiros seus, ali encarcerados com elles, pelos mesmos motivos, sem duvida, já os tinha vindo libertar a morte. Disse eu, pouco acima, que nenhuns santos produzira aquelle século ; pois enganei-me : teve o seculo XVIII um grande santo e grande martyr : foi a Companhia de Jesus.

Em França, por ordem do tribunal supremo, e a instancias de M[me] de Pompadour e do ministro, foram os Jesuitas condemnados a abjurarem

a Companhia, e a ratificarem por meio de juramento as qualificações odiosas que n'outras sentenças lhes tinham sido dadas. A não serem quatro ou cinco, recusaram todos; fôram então expatriados.

Em Hespanha e em todas as possessões hespanholas, por ordem real de Carlos III, a 2 de abril de 1767, á mesma hora, no norte e no sul da Africa, e na Asia, e na America, e em todas as ilhas da monarchia, fôram os Jesuitas presos, levados ao porto designado, embarcados no porão de navios, condusidos mar em fora, sem fito certo. Eram cerca de dez mil.

Seguiram os Bourbons de Italia o exemplo dos Bourbons de França e Hespanha. De Napoles, de Malta, e de Parma, foram os Jesuitas expulsos, e lançados á fronteira romana, sem mantimento e quasi sem vestuario.

No fim de 1768, estava proscripta a Companhia de Jesus em todos os Estados da casa de Bourbon, sem que nada houvessem alcançado os votos dos fieis, as arguições dos bispos, nem os protestos de Roma. Em toda a parte se corôara a espoliação com a perseguição, e os governos locupletaram-se com os haveres das suas victimas.

Só um diminuto Estado, a republica de Genova, ousou, alêm de Papa, testemunhar algum dó d'aquelles religiosos tão cruamente vilipendiados. Permittíra que alguns Jesuitas errantes no mar encontrassem azylo na ilha de Corsega. Ameaçou a França á republica, e para acalmar a França houve que entregar-se-lhe a Corsega. Assim foi que esta ilha ficou pertencendo á França, que d'ella tomou posse no principio de 1769. Graças a essa circumstancia, nasceu francez, mezes depois, um corso : Napoleão.

Mas não se limitaram os governos ao que deixo exposto. Exigiram que a propria mão do Vigario de Jesu-Christo riscasse a Companhia do livro da Igreja. Depois de renhida lucta, de astucias e violencias, alcançaram em 1773 aquella derradeira victoria. O celebre breve *Dominus ac redemptor* concedeu aos principes a extincção da Companhia de Jesus, porêm não a sua condemnação.

Em 1773 nascera a Prussia; tinha por soberano um principe philosopho e culto, grande guerreiro para o seu tempo, e rival de Voltaire. Chamavase Frederico II. Ao receber a nova da abolição dos Jesuitas, escreveu a Voltaire : « Dentro em vinte annos, Deus ha de passar grande desgosto! » No termo d'essa prophecia chegava-se a 93. Morrera Frederico, subia ao cadafalso el rei de França, e Bonaparte tinha vinte e quatro annos.

A causa morbida residia em França; era a heresia cesariana. Levava ao abysmo antigo onde se engolpham dynastias, povos, e civilisações. Para elle se arrojou a França engrinaldada de flores; a teimosa dissolução dos costumes deu em morte. E' essa catastrophe aquella época do mundo chamada Revolução franceza. Preparára-a o seculo XVIII; o XIX tem de servir-lhe de castigo e reparação.

Então, ebrios da soberba da sua apostasia, unanimemente se reputaram a si proprios os francezes mais ajuisados que seus avoengos. Não poseram mira em reformar o que se tornara defeituoso na sua admiravel monarchia; destruiram. Consumou-se a destruição com um impeto repentino, implacavel. Quem n'ella não entrou apenas soube resistir-lhe tibiamente e mal. O longo esquecimento do dever extenuara o sentimento do direito. Os grandes, depositarios natos e officiaes da auctoridade, haviam-se por indignos de combater erros que outr'ora haviam acceito, e propagado. Crimes imprevistos, resultado de taes erros, encontravam sem força aquelles mesmos grandes. Já das verdades sociaes se não distinguem as verdades da fé, que as criam e alimentam. Caem aos golpes d'aquelles que ellas querem defender, e deixam penetrar o inimigo. Essa é a sua vingança necessaria; vingança que as quebranta, sim, mas de que para logo se levantam. Os crimes dos povos, vingam-n'os outros crimes contra os povos; e o encadeamento de crimes e vinganças, só o rompem as leis, legitimas filhas das verdades restauradas. A justiça divina, guarda paciente mas inflexivel da ordem geral, entregou o homem ao seu mais temivel inimigo, que vem a ser o homem dominado do espirito do erro. N'este formoso reino de França, tão nomeado pela sensatez das suas leis, e pela amenidade do seu povo, deixou de haver legislação, e o sentimento da compaixão tornou-se desconhecido.

Até ao fim do seculo XVIII só a França, d'entre todas as nações européas, não fôra maculada pelo dominio do monstro antichristão denominado um tyranno. Nenhum homem se erguera a ordenar-lhe que apostatasse o culto, demolisse por suas mãos as suas igrejas, fontes baptismaes da sua gloria immarcessivel, matasse os sacerdotes, abolisse as suas leis sabias e tolerantes, nascidas dos seus nobres e tolerantes costumes, e só reconhecesse por leis os seus caprichos e terrores, e por magistrados os seus espavoridos algozes. Nem soberanos nem corrilhos tinham ultrajado a tamanho auge a alma da nação franceza; ninguem a julgara

capaz de se deshonrar obedecendo a taes imposições. A Junta da salvação publica, formada de um limitado numero de miseraveis obscuros, foi o primeiro tyranno que se inscreveu nos annaes da França, e lhe legou a vergonha de ter obedecido. Então, introduziu-se e aclimou-se um flagello de nova ordem, o mais terrivel e humilhante que podia ferir um tal pôvo, tão generoso outr'ora. Deram-lhe um nome, que os francezes não haveriam temido, se de ante-mão lh'o houvessem annunciado : o *Terror*. E comtudo, supportaram-n'o. Passando de uma parcialidade para outra, das victimas antigas aos antigos carrascos, e muita vez abrangendo ambos os grupos ao mesmo tempo, aquelle vil *terror* commetteu só por si mais crimes, do que todas as outras paixões, e alcançou mais victorias do que os conselhos, as armas, e as leis.

O Terror foi o segredo da inconcebivel potencia revolucionaria, em toda a parte contraria á rasão. Inundou a onda sanguinaria a realeza, a nobreza, a propriedade; quem primeiro se afundiu foi a liberdade, logo no primeiro dia. Caíram sciencias e artes n' um lethargo, de que só muito tempo depois acordaram, inválidas e cegas. Submergiu-se o altar no sangue dos padres. Mas a sociedade civil só ministrava victimas aos carrascos e a Igreja sepultava os martyres.

Assassinaram a el-rei. Luiz XVI, estirpe de S. Luiz, era um piedoso principe. Queria muito ao seu pôvo, tinha meditado ajuizadas reformas, e acreditava na liberdade. Arrastado pelos erros, cuja pesada herança impendia sobre elle, assignou, sem o dever fazer, uma Constituição civil do clero, onde se compendiava a impiedade racionalista contra a constituição divina da Igreja. Por essa fraqueza, arrancava o rei christianissimo o ultimo esplendor á corôa de França. Perante Deus, foi esse o crime de Luiz XVI. Pagou o infeliz soberano com a propria existencia o arrependimento que lhe restituiu a sua gloria. Uma assemblêa alcunhada de nacional (a Convenção) condemnou-o e mandou-o suppliciar. Foi insultado com apupos da impiedade aquelle justo arrependido. Aos pés do cadafalso, disse-lhe um padre, com risco capital : *Filho de S. Luiz, subi para o ceo!* Esqueceu a historia os innumeraveis oradores da revolução; mas reteve aquellas palavras, e ainda conserva o nome do sacerdote fiel que as atirou ao rei, como se lhe lançasse aos hombros um manto real tinto na purpura dos martyres; chamava-se elle Edgeworth.

A'quelle crime seguiu-se sem demora outro, ainda mais vergonhoso, se

é possivel, para a nação. Mataram a Rainha, Maria Antonieta, da casa de Austria, depois de um processo tecido de calumnias. Tambem ella subiu ao cadafalso. Para lá a arrastaram por entre infames ultrages. Ao passo que a plebe enchia de insultos aquella innocencia, aquella desgraça, aquella magestade, não appareceu em Pariz um só homem, que se fisesse esmagar sob as rodas da funebre carroça, e assim consolasse a posteridade, libertando-se do crime publico. Pesa aquella incomparavel vergonha, e pesa com justiça, sobre o século que folgara de ver Voltaire diffamar Joanna d'Arc. Disse então o mundo todo, que a França não só perdêra o sentimento da sua força, até perdera a honra.

Varios annos durou aquella vertigem, ou antes aquelle delirio satanico, demencia de crueldade, allucinação de terror. Tudo soffria calada a França. O orgulho da apostasia cerrava lhe os olhos ao milagre do Terror. Alimentava sempre a insensata esperança de tornar a encontrar a idade de oiro. Achava-se moribunda, e acreditava menos na realidade do cutello, do que na miragem que sobre ella se resolvia em torrentes de sangue. Aquella nação christianissima só se lembrava de Christo para o odiar e vilipendiar. Eram já sem conto as victimas.

A opinião europêa, justamente severa para com a França não o era para comsigo mesma. Nem tinha intelligencia, nem valor, nem dó sequer. O desorientamento da França ia invadindo os alluidos thronos europeus, mas d'ahi não tiravam lição. Forcejaram alguns soberanos alcançar a prudencia; mas um só d'elles chegou a ser grande. Foi o Papa. Percebia a causa do mal, e no castigo reconhecia a mão de Deus. O primeiro cuidado de Pio VI, foi proclamar a verdade, já tantas vezes recordada em vão, n'um mundo comdemnado a estirados supplicios por não querer attendel-a. O chefe da Igreja condemnou o erro doutrinal da Revolução. Era isso salvar o futuro, e amparar as consciencias christãs abaladas pelo triumpho insolente do mal. D'ahi avante já sabiam o que era mister rejeitar, até com risco da vida.

Tambem houve na França um nobre exemplo. Levantaram-se na Vendêa e na Bretanha alguns camponezes contra os seus carrascos; elegeram chefes, e aperceberam-se de armamento. Quem deu o signal foi um simples aldeão. Chamava-se Chatelineau. Deve a historia, deve a religião, conservar a memoria d'aquelle valoroso homem. Os admiraveis brios dos Vendeanos, incendiados pela fé, mantiveram-se por muito tempo

contra as numerosas tropas revolucionarias. Por fim, foi a Vendêa saqueada, e elles tiveram que succumbir. Mas a cruz, em prol de quem pugnavam, a cruz, que era a sua bandeira, ficou-lhes implantada sobre as campas. A'sombra d'ella conservaram-se a fé e os bons costumes. No correr d'este século restaurou a Vendêa mais igrejas, do que a Revolução destruira. Onde cae um martyr, ergue-se um templo; bem o demonstrou a gloriosa terra vendeana.

Não attingiram os reis contemporaneos d'aquelles factos o alcance dos avisos do Papa, nem avaliaram o seu animoso exemplo. Deixaram-se levar da certeza de que a revolução abrangeria o mundo todo, e deixaram-se embelecar da cubiça que lhes mostrava a França como uma preza que muito importava deixar enfraquecer. De facto, não havia já concordia entre as nações, nem existia a republica do christianismo, nem o sacro Imperio. Aquella formosa instituição, planeada para alcançar a conquista catholica do mundo, e a paz universal, ferira-a de morte o protestantismo; jazia aniquilada. Com ella caía a grande empreza da idade media : o estabelecimento do reino de Deus, entresonhado pelo papa Adriano e pelo imperador Carlos Magno, dava logar ás tentativas novas, que se annunciavam como devaneio do reino de Satanaz.

Mas, ao passo que os reis aguardavam que a França baqueasse, para a despedaçarem, levantou-se em França, d'entre um grupo de habeis caudilhos, um que sobrelevava aos maiores, um que raiava na estatura dos que se impõem á admiração dos povos, e a quem exaltam os proprios vencidos. Era seu nome Napoleão Bonaparte, fidalgote de Corsega, e de estirpe, segundo se diz, florentina.

Quando elle nasceu (1769) acabava a Corsega de ser cedida á França pela timidez da Republica genoveza. Era Bonaparte um fidalgo pobre; educaram-n'o na solidão; destinaram-n'o ás armas; affizeram-n'o mais aos costumes religiosos, do que á propria religião; levou-o, mundo em fóra, o sopro da tormenta, logo no alvorecer da vida; quem pois podia ser, melhor do que elle, tudo que a revolução devia esperar, e tinha que temer?

Na ordem regular das coisas, e a despeito de todo o seu genio, o mais a que podia aspirar era certa influencia, e um logar secundario. Elle porêm almejava ao primeiro logar; e só a Revolução lh'a promettia. A Revolução fel-o imperador, afim de não ser por elle derribada; e elle, com o fito no fastigio das honras, abdicou a sua grandeza verdadeira.

Quinze annos durou o seu reinado; e durando esses annos, bem se pode dizer de Napoleão o que se disse de Alexandre : calou-se o mundo na presença de um tal homem.

Comtudo o Papa Pio VII, o mesmo que annuira a ir sagral-o, porque desejava pacificar a França e a Europa, não deixou de erguer a voz logo



Fig. 143. — O Santo Padre Pio VII. Quadro de David no Museu do Louvre. Século xix.

que o grande conquistador intentou reformar tambem o divino edificio da Igreja, ultimo baluarte da liberdade universal. Depois de ter, por bondade e indulgencia, esperado quanto poude, viu-se Pio VII, apesar de preso, obrigado a lançar a excommunhão ao vencedor do mundo.

Fôra Napoleão tão grande, tão subtil e energica havia sido a sua politica mundana, tão bem o auxiliaram os seus soldados, e o rapido abaixamento do nivel das intelligencias e dos corações em toda a Europa, e

finalmente as almas temiam-se em geral tão pouco de ceder ás insinuações do Terror, que os que ainda resistiam, já de antemão se davam por vencidos. Quanto a elle, cheio da seguridade que lhe dava o genio, nem já sabia a côr ao medo. Mas estava preenchido o seu tempo; e dentro em pouco ia Deus prescindir do aríete que lhe servira para alluir uma ordem politica a drede empenhada em opprimir a Igreja. N'um dia de eterna memoria, na batalha de Waterloo, se consumou a ruina total do excommungado, que para sempre caíu do throno.

Assim libertos de Napoleão, ostentaram ao principio os reis da Europa alguma gratidão para com Deus, e alguma compaixão para com os povos. A victoria que alcançavam não exigiu os barbaros resgates que tanta vez haviam pago. Foram n'isso os vencedores maiores que o vencido. Pouparam á França as humilhações supremas do desbarate, e entregaram-n'a intacta á sua antiga dynastia, cujo direito acataram, e cujas glorias honraram. Uma tal moderação na victoria foi o derradeiro lampejo da formosa civilisação politica do christianismo, em cujo gremio se regulavam as relações entre os povos, e se lhes acalmavam as contendas. Não tardaria muito tempo, sem que, a não se dar o que se deu, a politica se tornasse um latrocinio, e em vez de ser o arado fecundante, se constituisse punhal traiçoeiro. No emtanto a França, governada pelo seu legitimo soberano, irmão de Luiz XVI, fiava no futuro, e promptamente sarava das suas feridas. Passados alguns annos, a batalha de Waterloo podia considerar-se perdida por Napoleão somente, mas ganha pela França.

Nos ultimos dias do reinado de Carlos X, rota no punho de Napoleão, retomara a espada franceza o seu lustre civilisador, ao destruir o reducto principal da barbárie musulmana, erguido ás abas da Europa. Dir-se-hia ter S. Luiz querido conceder essa formosa dadiva á sua atraiçoada estirpe, afim de que o novo exilio que a ameaçava não parecesse castigo da sua infecundidade. Com a tomada de Argel concluiram-se as crusadas, consideradas pelo lado militar. N'outros tempos, teria Argel concedido logo Tunis, e a charrua christã iria rasgar solo africano. Passára porêm a hora das nobres entreprezas. Os governos que succederam ao ultimo soberano *christianissimo* só pareceram desejar manter o Alcorão na Argelia. Na sua allucinação, refugiram quanto lhes foi possivel a implantar n'aquelle solo a cruz; o que de lá queriam antes de

mais nada era trigo. Semeou-se trigo; o regou-se com sangue, e com blasphemias tambem; e por muito tempo o que de lá veio foram sedições, cadaveres, e pestes. Não obstante, ficou-se a Argelia no dominio christão, á espera de um homem, que ainda não chegou.

Com Carlos X caíram em França os restos ultimos da ordem monarchica. Despontou uma era nova.

Nunca a historia da Igreja se viu mais constellada de milagres, do que o foi n'este nosso seculo, que sem cessar proclama em altos brados terem findado as eras milagrosas.

Desde que falleceu Pio VI, captivo da Revolução franceza, é visivel, é constante, o milagre que mantem o edificio papal; tornou-se milagre permanente, a bem dizer; e, por outro milagre, offusca o seu esplendor os olhos d'aquelles mesmos que negam. N'este mundo não teem elles de o ver, certamente; hão de ficar privados d'essa maravilha, e d'esse jubilo da alma e do coração; mas hão de ser por fim constrangidos a dar lhe credito, e os filhos d'esses taes hão de vel-o, e hão de crer.

Ao finar-se Pio VI, por alguns chamado o ultimo Papa, succedeu-lhe Pio VII por um verdadeiro milagre. Já era nascido Pio IX. Fluctuava o bercinho d'elle nas ondas de sangue dos padres assassinados entre as ruinas das Igrejas. Foi Pio VII um grande Papa, captivo e vencedor de Napoleão. Morreu em Roma, onde dera azylo e protecção á familia do seu perseguidor, fallecido em Santa-Helena, vencido, prezo, e renegado.

Antes de subir áquella cathedra, levantada outra vez pela mão da politica, tinha visto o novo Papa, desde a queda de Bonaparte, Pio VII apagar-se em paz, Leão XII reinar, Pio VIII morrer, e Gregorio XVI unir dois mundos, a Africa e a Oceania. Tinha visto renascer a Irlanda para a vida civil, graças á sua fé; estremecer a Inglaterra, n'um abalo de regeneração, que ninguem ousaria prever, e ninguem ousará negar; as cathedras episcopaes brotarem na America, á maneira de espigas de bom trigo aos bafos da primavera; tinha visto formar-se em França uma Associação propagadora da fé; brotarem de toda a parte ordens religiosas; da propria heresia nascerem as conversões e as apologias; os povos catholicos supportarem as mais arduas perseguições; a sagrada phalange produsir opulenta messe de doutores, apóstolos, e martyres.

Teve de arrostar, durante o seu pontificado, a victoria altaneira do mal; e comtudo soube triumphar. Pio IX, duas vezes desthronado, Pio IX captivo, exilado, fica sendo o chefe das ideias ordeiras, justas, o chefe do progresso verdadeiro, da verdadeira liberdade, porque é elle sempre o vigario de Jesu-Christo.

Arrostando todas essas provações, e graças a ellas, activa os triumphos da Igreja. Lá está preso no Vaticano o soberano temporal; mas o Pontifice a toda a parte estende a sua auctoridade, cada hora mais reconhecida, mais respeitada, mais obedecida. Ha um homem perante quem os mais virtuosos, os que teem direito a mais justo orgulho, caem de joelhos : não é o principe da força, nem o do oiro; é o da fé.

No pontificado de Pio IX, a Igreja ampliada pela creação de numerosas sédes episcopaes, pelo desenvolvimento da hierarchia e das missões, das ordens religiosas e das associações catholicas, tambem se ampliou por confirmações novissimas da doutrina. Teve o *Syllabus,* e teve um Concilio, o decimo-nono ecumenico; proclamou dois dogmas, isto é elevou á luz da evidencia duas verdades da fé : a Immaculada Conceição da Virgem Santissima (8 de dezembro de 1864), e a infallibilidade do Pontifice romano (19 de julho de 1870).

Agora mesmo, ao passo que isto escrevemos, singular espectaculo apresenta a Europa politica. Cada nação jaz como que esmagada por um progresso qualquer, que ella ambicionou, e realisou, e que lhe ameaça a existencia. Progressos nas sciencias, nas artes, na guerra, na politica, na industria, na civilisação, progressos de todo o genero, uns peculiares a certos paizes, outros communs a todos elles, porém temiveis, perniciosos, e provavelmente mortaes. Aos proprios a quem tamanhos progressos innebriam de vaidade, só avultam elles não já como renovação, que deve obter exito favoravel, mas sim como prenuncios de inevitavel e proximo fim. Esses povos, colmados de haveres, gloria, e triumphos, trabalha-os um desconsolo immenso; cada qual possue glorias e triumphos, até mesmo aquelles a quem um reviramento social derrubou a subitas; sim, mas cada qual possue tambem a sua dôr, até mesmo aquelles a quem as victorias ergueram de repente ao fastigio da fortuna.

Pensam commummente esses povos em que o seu triumpho consiste na sua supposição de terem emfim derribado Christo e a sua Igreja; porêm a sua agonia, confessada ou não (agonia que é a providencial vingança de



Fig. 144. — Sua santidade o Papa Pio IX. Segundo o Sr. Imlé. Pariz, Schulgen. Jesu-Christo inspira e protege o seu Vigario. Os dois anjos representam a Justiça castigadora dos homens, e a Misericordia sua salvadora.

Christo e da Igreja), consiste em que, por mais que o tentem, não podem passar sem o Christianismo, e não podem conservar um vislumbre sequer

de Christianismo, sem a tão combatida Igreja catholica. Tal é porêm a paixão cega dos que regem o mundo, que os ouvimos exclamar, como os proprios Byzantinos : Venha antes a meia lua, que a thiara !

Contra uma tal obstinação, nada tem que responder o mundo christão, constrangido e desarmado, e sem outra força senão a sua porfia na fé. Comtudo responde, responde sempre, responde em toda a parte. Sustenta a peleja contra a sciencia, contra a politica, contra os factos; mas nada consegue que percebam os seus adversarios, numerosos, sim, mas obstinados em cerrar ouvidos aos seus proprios interesses, e até mesmo ás suas duvidas e aos seus terrores. Bem percebem, lá no seu intimo, que, por muito que digam e façam, não jaz vencida a Igreja; e teimam em que succumba e desappareça. Quando isso se der, elles providenciarão. Suppõem que Deus tem de enviar-lhes algum modo de solverem a questão, e que hão-de ver erguer-se do sepulchro a sombra de Cesar.

Esperança vanissima! quem tem de enterral-os é a Igreja. Já lhes começou as exequias no principio d'este século, quando bem podia reputar-se morta, ella que é immortal! e ha-de concluil-as, segundo tudo leva a crer, antes que o século feneça.



II

JESU-CHRISTO NA ARTE

POR E. CARTIER

Signatum est super nos lumen vultus tui, Domine.
Ps. IV, v. 7.

PREFAÇÃO.



DEPOIS de annunciar a geração eterna de Christo, acrescenta S. João : « O Verbo encarnou, e habitou entre nós; e presenceámos a gloria d'elle, a gloria do Unigenito do Eterno, cheio de graça e verdade. » Consistiu a salvação do mundo n'aquella Encarnação do Verbo; deu esta ao Verbo a vida que é luz da humanidade; e essa vida e essa luz purificaram e renovaram o homem. De Christo receberam os povos uma lei de justiça e amôr, unica lei que pode afiançar-lhes felizes e fecundissimos destinos.

A vida de Nosso Senhor, tão poderosa na sociedade, havia por força de ter a maior influencia na arte, que foi a expressão d'aquella vida. E' que a vida de Nosso Senhor Jesu-Christo é a obra de arte por excellencia, é a manifestação exacta do verdadeiro, do bello, e do bom em absoluto.

Regenerada ficou pois a arte, assim baptisada; viveu a vida de Christo, e tornou-se christã. Deus, que tudo commetteu por aquelle Filho, e lhe

concedeu as nações por patrimonio, determinou que fôsse a arte o interprete do seu reino no mundo, e lhe erguesse templos magnificos, onde louvassem e glorificassem a Deus obras primas artisticas.

No homem é a arte a revelação da sua semelhança com Deus. Pela creação manifestou Deus as suas ideias eternaes, para nos revelar a sua gloria, e fazer-nos participar da sua felicidade. Concedeu-nos os segredos da sua arte, para nos fazer tão artistas como elle, e para que podessemos communicar aos nossos semelhantes o que o nosso entendimento avistou, o que a nossa vontade amou.

Devia a arte humana ser justa e boa como a de Deus; devia exprimir a verdade e o bem por meio do bello, e prestar homenagem legitima ao Creador. Abusou da arte a mão do homem, assim como abusou da liberdade. Em vez de consagrar as suas faculdades artisticas á gloria de Quem lh'as tínha concedido, prostituiu-as ás mentiras da idolatria, e aos caprichos das paixões. Despresou a arte o divino da sua essencia, e constituiu-se escrava de uma sociedade corrupta. Só Nosso Senhor Jesu-Christo é que podia libertar a arte, e restituil-a á santidade da sua origem.

Veio Nosso Senhor Jesu-Christo amparar a queda da arte. Foi elle que lhe apontou o caminho, lhe ensinou a verdade, lhe insufflou a vida; o caminho, levando-a das trevas para a luz; a verdade, revelando-lhe pela doutrina christã os esplendores todos do bello; a vida, entregando-se elle proprio á arte, como seiva de illimitados progressos. O Homem Deus é o perfeito artista. Como Deus, é elle a arte do Pai; pela sua geração eterna, visto que é o esplendor, a forma da substancia; pela creação, visto que é o Verbo, a Palavra creadora de tudo; pela Encarnação, visto que, ao revestir a nossa humanidade, realisou os designios do Senhor.

Como homem, é o Verbo typo do bello natural e do bello sobrenatural. Não só é o mais formoso de todos os filhos dos homens, mas é o mais santo, o santo unico, porque a santidade, que é a belleza moral dos seres, só pode ser emanação, irradiação da sua santidade. E essa belleza, essa santidade humana e divina de Christo é luz e gloria da eternidade.

Foi Nosso Senhor o Redemptor da arte, pois lhe doou com o seu sangue a sua sciencia e o seu amor. Deu-lhe a conhecer o Pái, e deixou-lhe os dois mandamentos que se encerram n'um só. A arte humana, ao amar a Deus e ao proximo, tornou-se justa e boa, como a arte divina, modelo seu.



Kellerhoven, Lith. Imp. F Didot, Paris.

OS QUATRO DOUTORES DA IGREJA LATINA

Quadro de Sacchi di Pavia no museu do Louvre. Século XVI.

Junto aos doutores figuram os symbolos dos evangelistas: a aguia junta a Santo Agostinho, bispo de Hippona; junto ao Papa Gregorio Magno, o boi; junto a S. Jeronymo, o anjo; e junto a Santo Ambrosio o leão alado. Diante d'este ultimo vê-se uma disciplina, recordando o seu comportamento com o Imperador Theodosio, que tão cruamente punira a rebellião de Thessalonica.— A pomba ao ouvido de S. Gregorio exprime a intervenção divina nos escritos d'esse Santo.

Entregou Nosso Senhor a arte á sua Igreja, e fel-a participar de todas as suas prerogativas pela unidade, pela infallibilidade, pela universalidade, e pela perpetuidade da sua doutrina. Creou para a arte um caudal perenne de inspiração na lithurgia sagrada, palavra viva da oração e do ensino, eloquencia e poesia do Velho e Novo Testamento commentada pelos. Santos Padres, e de século para século acrescentada. Associou a arte a todas as magnificencias do seu culto, e, graças ao symbolismo, prodigalisa-lhe todos os thesouros da creação.

Unem-se a architectura, a escultura, e a pintura, para edificar e ornar os templos, e por meio da arte christã logram subir a elevadissimo poder, a fecundidade nunca vista.

Só á luz de Christo se concebe a historia da arte, porque o motivo da sua grandeza e da sua decadencia encontra-se nas relações da arte com a verdade. Fiel a Christo progrediu a arte desde as catacumbas até á Renascença; no seculo XVI porém separou-se de Christo, e foi bem castigada da sua apostasia por uma rapida decadencia.

A verdadeira arte só pode alimentar-se com a seiva da Igreja. O scisma immobilisa-a; a heresia proscreve-a; e o racionalismo, que tão incapaz é de produsir o bello, como de descobrir o verdadeiro, o que só consegue é arrastal-a aos tremedaes do sensualismo. Por modo que vemos o erro tributar preito a Christo, como a propria verdade; e o testemunho de ambos demonstra qual vem a ser a lei da vitalidade da arte. A Igreja, que recebeu promessas eternas, faz participar d'ellas tudo em que toca; e a arte, apesar das suas passadas infidelidades, pode ter esperança em futuros mais propicios; o que deve é renovar-se em Christo : *Instaurare omnia in Christo.*

JESU-CHRISTO, HOMEM-DEUS, TYPO E ORIGEM DO BELLO NO MUNDO.

Com quanto para a arte divina da Creação contribuam a um tempo as tres Pessoas da Santissima Trindade, com igual poder, igual conhecimento, e igual vontade, disse Santo Agostinho que o Filho de Deus é a arte do Pae, *Filius Dei est ars Patris.* E é-o com effeito pela sua geração eterna. Deus, ao reproduzir a sua imagem perfeita, procede com infinda arte, visto haver equação entre o seu ser e a sua imagem, e visto ser a obra igual ao artista. O Pae gera o Filho, que é a sua Rasão, o seu

Verbo; e por essa Rasão, por esse Verbo, é que elle consegue ver-se a si proprio, e ver todos os entes que soube crear. Essas creaturas, vê-as eternamente como ideias vivas e substanciaes, rasões formaes de tudo que existe sem ser Deus, mas que só existe por uma certa semelhança com Deus.

O Filho é pois a arte do Pái, visto possuir as ideias eternas, principios e normas da arte divina. Tambem o é por ser o Verbo, que pronunciou as efficazes palavras da Creação; por elle foi feito tudo que existe : *Dixit et facta sunt*. Na sua exhortação aos Gregos chama S. Clemente de Alexandria á creação um cantico divino : « Pois não foi o Verbo, diz elle, não foi aquelle cantor celestial, quem ordenou com cadencia e numero o universo, quem obrigou os desordenados elementos a formarem tão admiravel concerto? e para quê? para que o mundo todo se tornasse harmonia. Desencadeou a massa fluida do Oceano, mas vedou-lhe que invadisse a terra; a terra fluctuava ao acaso, e elle fixou-a para todo sempre, e deu-lhe para limites o mar. A' maneira do musico experiente, que sabe temperar o modo dorico pelo lydico, mitigou Deus a violencia do fogo por meio do ar, e o frio rigoroso do ar pelo fogo que o circumda, adoçando assim um pelo outro os elementos, como se fundem os tons extremos para formarem a harmonia. Tal é o Canto immortal, que o universo repete; divinal concento onde tudo se liga e corresponde, o fim com o meio, o meio com o principio. Não é já a muzica do cantor da Thracia; são as harmonias que imitava David, interprete da divina vontade. O Verbo de Deus, nascido de David, com quanto já existisse antes d'elle, repelliu a harpa, a lyra, os instrumentos todos inanimados, mas harmonisou com o Espirito-Santo o mundo e o homem, que é o resumo do mundo. Afinou pelo Espirito-Santo o corpo e a alma do homem, lyra viva, instrumento de variadas vozes, destinado a celebrar o Senhor; canta; e o homem, que é a voz principal de um tal concerto, responde-lhe. » (S. Clemente de Alexandria, *Exhortação aos Gregos*.)

Esse homem, que levanta a voz junto do Verbo, é a obra prima da arte divina; compara-o o philosopho christão com tudo que realisou a arte humana. « Ah! sem duvida, brada elle aos Gregos, os vossos Phidias e os vossos Praxiteles produziram obras primas; admiro a arte d'elles; porém a materia de que elles engenharam as vossas divindades não passa de terra. Eu por mim, costumo pisar a terra aos pés, e não adoral-a. Haverá um unico

d'entre vós que jamais lograsse esculpir uma estatua viva, ou que, só com barro, conseguisse obter carne delicada e flexivel? Qual de vós creou a medulla dos ossos? Qual de vós consolidou e armou a ossada? Qual de vós estirou os nervos, encheu as veias, infundiu o sangue, e envolveu o corpo n'uma pelle? Qual de vós teve artes de accender o olhar em orbitas cavadas de sua propria mão? Qual de vós insufflou uma alma n'aquella muda effigie? Qual de vós a impregnou dos sentimentos da justiça? Qual de vós, finalmente, se atreveu a dizer-lhe : Sê immortal! Só o Creador de tudo, só o Pái, o Artista por excellencia, poude ser autor da estatua viva e animada, a que se chama o homem. Quanto ao vosso deus olympico, imagem d'esta imagem, sombra pallida da verdade, esse é o producto estulto da mão humana. A imagem de Deus é o Verbo, Filho verdadeiro da intelligencia, Verbo divino, luz archetypa da luz; e a imagem do Verbo é o homem. »

Tomou o Verbo a figura humana; e pela sua encarnação principalmente é que o Filho se tornou a arte do Pái; porque ao revestir-se da nossa natureza, manifestou com mais lucidez a Divindade, do que no acto de crear o universo inteiro. Tornou-se para nós o perfeito retrato do Pái, e aos que o viam na carne podia dizer com verdade : « Ver-me é ver o meu Pái. » *Qui me videt, videt et Patrem* (S. João).

O homem é a obra prima da creação visivel, è centro do mundo espiritual e do mundo material; mas essa honra só lhe cabe real e legitimamente na pessoa de Nosso Senhor Jesu-Christo, do Homem Deus, de quem é imagem e semelhança. E' a Encarnação a unica explicação do divino plano; e atrevemo-nos a affirmar, que, sè Jesu-Christo não fôsse, a creação não seria digna da Causa primaria, porque não era, no seu principio e no seu fim, infinitamente justa e boa.

Quando o architecto delineia a edificação de um templo, subordina todas as partes d'elle ao altar. Fica sendo o altar o ponto gerador de todas as linhas; e em quanto não surge o altar, acha-se o templo vasio, e sem significação. O artista colloca o altar na região média, entre a abóbada e o alicerce afim de o constituir centro, e lhe attribuir toda a unidade. O altar foi a primeira coisa que nasceu na mente do artista, mas não foi a primeira que executou, pode pois reputar-se o principio e o complemento da obra. Deus edificou para si um templo; com a sua sabedoria cavou-lhe os alicerces; extraíu-lhe do nada os materiaes; dispoz com arte todas as partes da creação. Mas onde está o altar que tem de ser o remate da obra, e

a explicação do intuito e das bellezas d'ella? O primogenito do pensamento creador, a sua inspiração, a sua corôa, o seu Alpha e Omega, é Christo, o Verbo encarnado. Ha de sair o Verbo do seio do Pái, e ha de descer ao centro da creação, ao limite que separa os dois mundos, o visivel, e o invisivel. Ha-de reunir na sua personalidade a natureza divina e a humana, e constituir-se-ha d'esse modo a unidade dos divinos intuitos. Tudo ha de ter sido creado por elle, n'elle, e para elle; ha de ser o senhor e soberano da creação; e todos os seres teem de curvar-se-lhe, no céo, na terra, e nos infernos.

Queria Deus manifestar-se aos seres intelligentes e livres. Podia conseguil-o melhor do que enviando-lhes seu proprio Filho, seu igual, e sua viva imagem? Pela sua Encarnação torna-se esse Filho o primaz de todos os seres creados; é elle o altar do templo; e d'esse altar ha de elevar-se o incenso verdadeiramente digno de Deus. As creaturas, ao terem por interprete a Christo, louvam como ella o merece a soberana Magestade, visto que é o Filho que honra o Paí, e que serve de voz aos seres mais perfeitos, e aos mais mesquinhos. Todos esse seres, collocados a distancias infinitas do throno do Creador, se lhe podem aproximar para o glorificarem com uma força igual á que os arrojou ao tempo e ao espaço. Tinha o Oceano do supremo poder coberto com as ondas da creação as margens do possivel; e o Verbo, que tinha arremeçado aquellas ondas, retira-as por um fluxo e refluxo divino.

Jesu-Christo é a perfeita arte de Deus, pela sua geração eterna, pela creação, e pela Encarnação. E' a arte perfeita do homem pela sua belleza visivel e communicada; é o typo e a origem do bello na humanidade. Fôra Adão creado á sua imagem e semelhança; mas aquella sua belleza perdera-se com o peccado original. Tornou Jesus-Christo a encontral-a no seio de sua Mãi Immaculada, e assumiu essa belleza ao apparecer no mundo. Tinha Eva sido formada da carne de Adão; quiz Jesus ser formado da carne de Maria, e poude Maria exclamar ao contemplal-o : « Eis aqui está o osso dos meus ossos, e a carne da minha carne. »

Quiz o novo Adão atravessar todas as phases da vida, afim de servir de gloria e norma a todas as idades; e, á maneira do sol, foi subindo successivamente desde o presepio de Bethleem até ao cume do Calvario. Quem poderá narrar-vos a aurora do seu berço? esforçaram-se os pintores christãos em expressar o suavissimo resplendor d'aquellas alvoradas.

Fôram assumpto valido do talento a Virgem, e o Menino Jesus recebendo o preito de monarchas e pastores; ninguem comtudo reproduziu tão á propria um tal assumpto, como o successor de Santo Hilario. « Quem não ha de, sequer ao menos um momento, deter-se a contemplar scena de tamanho encanto! (pergunta n'uma homelia o Rev.do Bispo de Poitiers). Que formoso que não ereis, ó celestial Menino! *Ecce tu pulcher es, Dilecte mi.* Que de encantos não apresentarieis, ainda que vos houvessem destacado, ó sagrada Flor, da vossa haste abençoada! mas que novo acrescentamento de graças não veio realçar o conjuncto do quadro! Reuniu-se o Menino, com sua Mãi. Figuremos na mente a pudíca fronte de Maria; ali não deixou os minimos vestigios o peccado original; e, no mais acertado e harmonioso conjuncto, brilhavam todas os jubilos e amores de Mãi, todos os encantos castissimos de Virgem. Que adoraveis lampejos de formosura não irradiava aquella fronte modesta de Maria sobre a fronte augusta do Salvador, do Verbo tornado carne, d'Aquelle cuja santa humanidade foi a obra prima da divina mão, que n'ella poz, ao formar-lhe as sagradas linhas e as sublimes proporções, todas as finuras de toque, todos os segredos e artificios da sua arte infinita! Quanto se não realçam mutuamente, e se não aperfeiçoam, aquellas duas figuras! *Ecce tu pulcher es, Dilecte mi, et decorus. Ecce tu, pulchra es, amica mea.* »

Proseguiu aquelle cantico dos canticos no decurso dos trínta annos d'aquelle viver sumido, em Nazareth, cidade das flores. Innebriava-se a Mãi com o divino olhar do Filho; e o Filho como que se espelhava no olhar limpidissimo de sua Mãi. Estava restaurada a belleza da creação, e o sanctuario d'aquella Familia sagrada transformava-se em terrestre paraizo, em que a arte de Deus e a arte do homem se consociavam no mais perfeito concerto.

Era Nosso Senhor o mais formoso dos filhos do homem; no corpo mais perfeito residia a mais santa das almas; e essa alma era o espelho da divindade. Viu Moisés por momentos a Deus; entreviu o que quer que fosse da sua gloria; e tornou-se-lhe por isso tão luminoso o rosto, que lhe foi mistér escondel-o quando fallou aos filhos de Israël. O que seria o rosto do Verbo humanado, que incessantemente se gosava da visão beatifica! Por mais que velasse tamanhos esplendores na obscuridade do seu viver, e na sua profunda humildade, algum lampejo havia de formosura, capaz de arrebatar a humanidade e os anjos. Nos só conhecemos a belleza

de Christo por intervenção das lindezas do Evangelho; admiramol-a nas palavras d'elle, e na narração da vida d'elle; mas se tivessemos ouvido aquelle fallar, se o tivessemos visto saír-lhe dos labios, vivificado pelo timbre da voz, e pelo brilho dos olhos; se tivessemos seguido o Mestre a travez da Judêa, e o vissemos prégar na montanha, sarar enfermos, amimar as creancinhas, acalmar a tormenta, expulsar os demonios, ressuscitar a Lazaro, e carpir Jerusalem; se houvessemos assistído aos seus pacificos triumphos, haveriamos exclamado : Hosanna no mais alto dos céos!

E comtudo o auge da belleza de Christo devia dar-se nos dias da Paixão.

Mais e melhor se manifestou ao mundo o ideal humano no mysterio da Redempção, que no da Encarnação. A Redempção não é causa da Encarnação; é sua consequencia, seu complemento, e applicação do peccado original. Pela Encarnação realisava-se na humanidade a divina parecença; a Redempção, depois da culpa do primeiro homem, veio reparal-a, e confessa a Igreja que n'esse ponto foi a obra do Creador bem mais admiravel. Chama culpa feliz, *felix culpa,* aquelle abuso da liberdade, que exigiu o novo prodigio da bondade infinita. Para crear o mundo bastára uma palavra; e fôram necessarias ondas de sangue para o seu resgate. Desde os primeiros dias da sua existencia, meditou o Senhor, com affectuosa ancia, na grande lucta que havia de acabar-lhe com a vida, n'aquella peleja sublime contra o peccado e contra a morte. Entregou-se-lhe todo, ao chegar o momento; sacrificou a belleza do seu corpo para nos patentear a belleza da sua alma. Até a propria apparencia humana elle perdeu, entre os opprobrios e padecimentos do Calvario; mas tão formoso ficou, ao ser elevado na Cruz, que atraíu tudo e todos a si. A sua victoria resgatava-nos da morte, e restituia-nos a formosura da nossa semelhança com Deus.

E' Christo o principio, a origem, do bello em nós. As provas do seu amôr não se esgotaram na Encarnação e na Redempção; continuou-as elle, condensou-as, na santa Eucharistia. Sob a apparencia do pão, escondeu a sua belleza humana e divina, para as communicar ás nossas almas; e ao passo que participamos d'ella por effeito da graça, os nossos corpos tambem d'ella recebem um reflexo visivel. Tudo que no rosto humano nos agrada é effeito de Christo, visto ser elle o inspirador, o modelo, de toda a virtude. E' elle o clarão de toda a intelligencia, a força de toda a

vontade. E' elle a pureza das virgens, a castidade das esposas, a ternura das mãis, a magestade dos anciãos. Rutila no sorriso da innocencia, e nas lagrimas do arrependimento; não ha ruina que elle não restaure; não ha fealdade que por elle se não transfigure!

E mas, tudo que elle em nós realisa não o vêem os nossos olhos; trabalha em segredo, n'uma obra que ha de ser a sua gloria. Prepara as almas que ha de consociar á sua divindade; affeiçoa-as, e purifica-as. Lapida e pule os diamantes que hão de servir na edificação da Jerusalem celestial. Torna-os dignos de receberem os resplendores da Visão beatifica; e ao dar por finda a sua obra, lá quando tiverem acabado de correr os séculos, ha de ser elle o sol de todas as maravilhas da arte divina, da belleza de todas as bellezas, e tudo se ha de n'elle unificar, contemplando-o em extase sem termo.

JESU-CHRISTO, MESTRE DA ARTE CHRISTÃ.

Lithurgia. — Canto gregoriano. — Symbolismo. — Unidade e perpetuidade da arte christã.

Tinha Nosso Senhor manifestado no seu viver o bello supremo, e restabelecido no homem a divina semelhança. O que fez, quiz ensinar outros a que o fizessem, e abriu na sua Igreja aula de arte christã.

A arte christã é a arte de Christo; por outra : é a união intima e perfeita da arte divina e da arte humana. Quem quizer aprendel-a ha de seguir as lições do Mestre, e imital-o em todas suas obras. Essa necessidade, o proprio Vasari a reconhece. No enthusiasmo sincero que lhe inspiram os quadros de Frey Angelico, attribue-lhes o merecimento á santidade do pintor, e cita este dito d'elle, verdadeira theoria da arte christã : Quem executa obras de Christo deve estar sempre na presença de Christo : *Chi fa cose di Cristo, con Cristo deve star sempre.*

Para vivermos com Christo é mister que a verdade e o amôr nos una á sua intelligencia e á sua vontade. E'Christo o revelador das coisas de além-mundo, aquelle por quem os antigos philosophos tanto almejavam; e se a doutrina de Platão, ultimo lampejo da revelação primitiva, illuminou o genio de Phydias, e lhe inspirou tantas maravilhas, o que não fará

o clarão do Verbo enchendo de esplendor a intelligencia humana, e rasgando-lhe os horisontes infinitos da verdade? Não só o artista ha de possuir as verdades accessiveis á rasão, senão tambem as verdades sobrenaturaes da Fé, que ha de crer, e amar, segundo os ensinos do Mestre. Em vez das crenças vagas, variaveis, individuaes, das religiões antigas, ha de a arte christã ter como fonte de inspiração o *Credo,* onde se encerram todos os segredos da nossa destinação, toda a sciencia do passado, do presente, e do porvir, visto como nos dá a conhecer Deus, nosso principio e nosso fim, e os meios que elle empregou para nos conchegar a si, na sua ventura gloriosa.

O amor é o complemento da sciencia; coisas ha, que só a elle é dado conhecer. Sempre que a sciencia estacou em frente do mysterio, n'elle se embrenha o amôr, seguindo a Christo. « Quanto mais augmenta em nós o amôr de Deus, diz Santo Agostinho, tanto mais augmenta o bello, porque a formosura da alma é a caridade. »

Não queria muito ás suas divindades a arte antiga; honrava-as, e temia-as. Só o povo judaico erguia canticos de ternura ao seu Deus, que em nada se assemelhava aos deuses das nações; mas esse pôvo vegetava sob a lei do terror. Veio Christo offerecer-nos a lei do affecto. O temor é o principio da sabedoria; o amôr é a sua perfeição. Poude o artista dizer ao seu Deus, como Santo Agostinho : « Quão tarde cheguei a amar-vos, Belleza sempre antiga, e sempre nova! quão tarde cheguei a amar-vos! Habitaveis em mim, e eu, tudo era fugir-vos; buscava achar-vos n'outra parte, e perdia-me por entre as maravilhas da vossa creação. »

A grande inspiração da arte é o amor de Deus. A arte amiga de Deus canta, edifica, e procura, com o cinzel e o pincel, glorificar o Ente que é os seus amores, e cuja sympathia busca inspirar ao proximo.

Nosso Senhor, ao conceder á arte christã a sua sciencia e o seu amôr, uniu-a estreitamente á Igreja, e fel-a viver da sua propria vida, pela lithurgia. Para a arte christã é a lithurgia o mesmo que a falla para o homem. Graças á palavra possue o homem uma arte viva, e pessoal, que manifesta melhor as suas ideias, do que todos os meios exteriores. Falla, e tornam-se visiveis os seus pensamentos, já nos labios d'elle, já na sua expressão, já no seu gesto. A lithurgia é a palavra, a expressão, o gesto, da arte christã. As artes exteriores, a architectura, a escultura, e a pintura, são apenas o seu adorno.

E' a lithurgia a forma do culto, a regra da oração, do Sacrificio, dos Sacramentos, das ceremonias e festas da Religião. E' a arte da Egreja que adora a Deus, o implora, e lhe dá graças; é portanto a arte por excellencia.

Saíu inspirada pelo Espirito Santo a oração lithurgica; a Igreja vae extrahil-a do Testamento Velho, dos Evangelhos, e do coração dos fieis. Haverá fonte mais pura e mais caudalosa? Que litteratura humana ostenta bellezas como a dos livros do Velho Testamento? Que historiadores, que poetas, que philosophos ousariam comparar-se a Moisés, a David, a Salomão, e aos Prophetas? E são as palavras d'elles que a Igreja offerece ao nosso espirito e ao nosso coração, para expressão das nossas ideias e dos nossos sentimentos. O Evangelho ainda é maior. O estylo é divino, e tão singelo quanto sublime. E' como a luz, que encerra todas as cores, nenhuma tem especialmente, e as faz rutilar sobre todos os objectos da natureza. O Evangelho allumia e vivifica todas as linguas, e se não tem o cunho peculiar de alguma d'ellas, é justamente para poder adaptar-se ao genio de todos os póvos.

Não são os livros sagrados os thesouros unicos da oração lithurgica. A Igreja, como a Esposa dos Cantares, offerece a Deus fructos antigos e modernos. A harpa de David não se ficou suspensa nos salgueiros dos rios de Babylonia. Passou das mãos dos prophetas para as dos santos da nova alliança; d'ella se serviu Maria para glorificar ao Senhor; e o velho Simeão nas suas alegrias pela salvação de Israël. D'aquella harpa tiraram Santo Ambrosio e Santo Agostinho sublimes harmonias, e o divino instrumento passou de seculo para seculo, ressoando sempre nas abóbadas do sanctuario. Prudencio, Fortunato, Adão de S. Victor, Innocencio III, S. Thomaz d'Aquino, e quantos mais! enriqueceram a lithurgia com hymnos, prosas, e antiphonas, que são para a alma a expressão mais pura da fé e do amor. Ainda hoje em dia numera a Igreja poetas inspirados, que lhe celebram as novissimas victorias e festas.

Para entoar as orações, conservou a lithurgia a musica antiga.

Tinham os antigos para si que era a musica uma arte divina, que presidira á formação do universo, e tudo disposera na ordem e na unidade. Era ella a reguladora do curso dos astros, cuja harmonia julgavam entreouvir. Attribuia-se-lhe a civilisação dos povos, e a construcção das cidades. Proclamavam-n'a os philosophos o principio da graça e do bello

no homem, e preconisavam-n'a tanto para a educação da alma, como para a formação do corpo. Consagraram-n'a principalmente ao culto; e como, por sua natureza, ella era independente das formas do erro, conservou, no proprio gremio da idolatria, as bellezas que tinha recebido da religião primitiva. Nas eras de decadencia padeceu o influxo inevitavel das paixões humanas. Prestou as suas harmonias aos banquetes de Anacreonte, e ás orgias dos romanos degenerados; mas perpetuou as suas vetustissimas melopêas nos canticos sagrados dos templos e das festividades publicas.

Christo, o Orpheu das catacumbas, purificou e abençoou o profanado instrumento, e a Igreja só houve que dar a lettra para essa musica tão digna de ser christã, pela sua nobre singeleza. Coube a S. Gregorio Magno a gloria de reunir aquellas cantilenas primitivas adoptadas pela Igreja, para opulentar com ellas a romana lithurgia. O canto gregoriano é indubitavelmente a mais perfeita das formas que a alma pode empregar para significar a Deus a sua fé e o seu amor; a palavra inspira o canto, e o canto vivifica a palavra. Aquelles sons adoram e elevam-se, sem comtudo abusarem da melodia nem da harmonia. Ha n'elles a sobriedade da ornamentação grega, que não quebra as linhas, e não turba as superficies; são-lhes desconhecidas as frivolidades da alegria, ou os arrancos da paixão. Não se parece aquella suave cantilena com as illuminações das nossas festividades publicas, mas lembra a claridade serena de um formoso dia. Deu S. Bernardo estas regras n'uma sua carta : « O canto, diz elle, ha de sair repassado de gravidade. Ha de evitar a um tempo a languidez e a rudeza. Ha de ser agradavel, sem ser frivolo. Ha de encantar o ouvido, e por ahi chegar ao coração. Ha de fazer fugir as tristezas, e apasiguar as iras. O que mais deve levar em mira é não adulterar o sentido das palavras, mas sim fecundal-o; porque ha mui grande prejuizo para o bem da alma, sempre que a frivolidade do canto a impede de aproveitar-se do sentido das palavras, e chama a attenção mais para a voz do que para a verdade. »

O canto gregoriano não jaz captivo no rythmo; segue livremente a phrase da prosa, ou o metro do verso. Não tem o rythmo do numero, tem o da ideia, segundo tão claramente se rastreia na poesia dos Hebreus. Inscreve-se com dignidade dentro nos limites da oitava, e deixa aos sons toda a sua plenitude. No seu movimento ha a nobre cadencia que está

mesmo revelando divindade. Contenta-se com a unissonancia, que é a primeira e a mais singela das harmonias; o seu fim é ser accessivel para

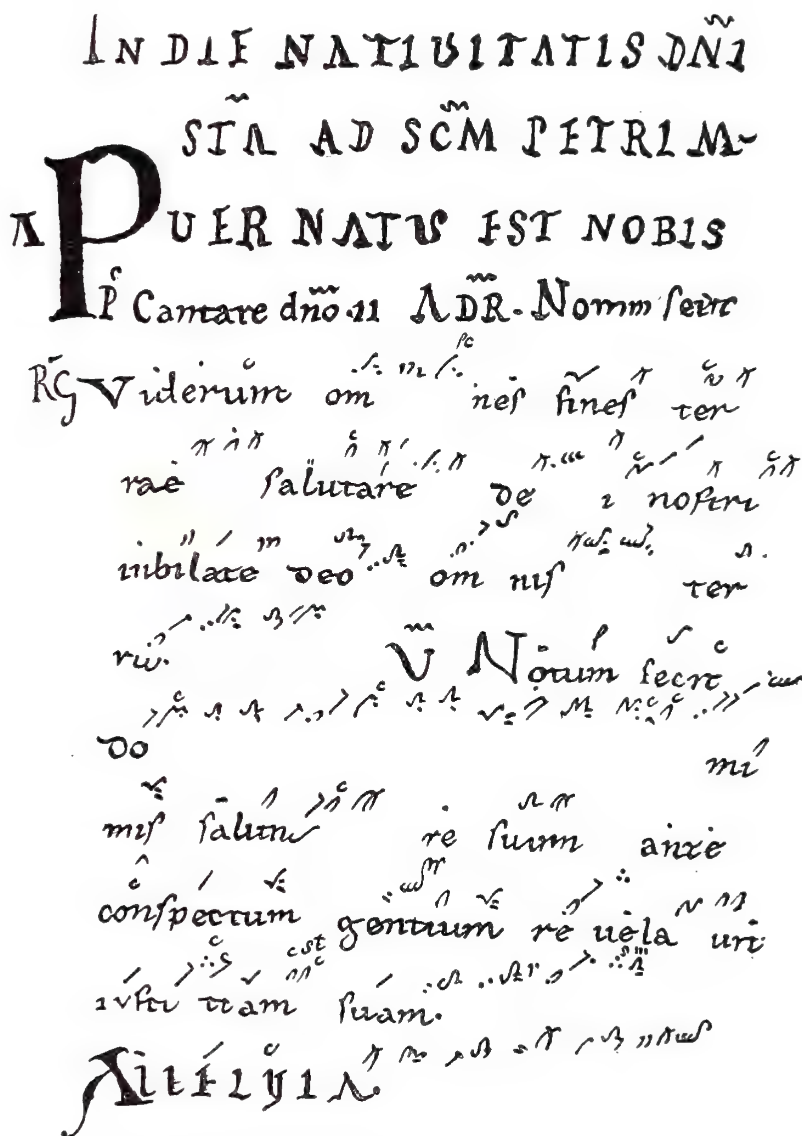


Fig. 145. — Fac-simili de canto grego com a notação antiga. Conforme o *Antiphonario de S. Gregorio* ms. de Saint-Gall, datado do anno de 790.

todos. E' o canto da unidade, da caridade, o canto d'aquelles que só teem um coração e uma alma. A sua singeleza, a sua serenidade, a sua suavidade, em nada diminuem o seu poder, que é bem superior ao da musica profana. Quando canta uma alma pura, penetra na alma que a

escuta, melhora-a, e enche-a de pensamentos do céo. A belleza do canto gregoriano não exclue a variedade. Tem arroubos de alegria, e tem ais de amargura; mas aquellas melodias são sempre canticos de amôr, que hão de transformar-se em hymnos triumphaes, lá quando todos os bemaventurados formarem um instrumento só, um orgão divino, de cujas entranhas ha de Christo, o Musico sublime, arrancar melodias eternas.

A mais solemne forma da oração lithurgica é a Missa. Aquelle augusto Sacrificio do altar é o centro da Religião, o ponto de ligação entre o céo e a terra. N'aquelle drama divino, entre o Creador e a creatura, renovam-se todos os mysterios da Encarnação e da Redempção; e quem bem o medita á luz da fé, avista ali o prodigio do amôr de Christo, e a salvação perpetua do mundo.

Tem a lithurgia, como a terra, dois movimentos : um, quotidiano, e o outro annual, que regularmente a collocam em identicos pontos do céo. Todos os dias gira sobre o seu eixo, que é o altar, e sanctifica todas as horas pelo sacrificio da Missa, e pelo officio que a acompanha. Todos os annos completa não menos a sua evolução em volta de Christo, seu centro e seu sol. Christo, immutavel na sua gloria, envia-nos do seio de seu divino Pái, com os raios dos seus infinitos merecimentos, as lembranças da sua existencia mortal. Esse circulo luminoso percorre-o a lithurgia; e, conforme as regiões que atravessa, conta os seus mezes e as suas estações, que vão renovando para a Igreja os anniversarios capitaes da sua historia. Tambem por ahi está o visivel revelando o invisivel; e a acção do sol no nosso planeta é imagem da acção de Christo em nossas almas. As estiradas noites dos mezes derradeiros do anno figuram a espectativa das nações, e o anciar dos fieis; e no Natal, á hora mesma em que o astro confortador da natureza se eleva no horisonte, é que Manuel desponta no seu bercinho. Decorre o seu obscuro viver entre as asperezas da invernia; e é necessario que a divina semente venha a morrer, para reflorescer na primavera. As tristezas da quaresma e as agonias da Paixão precedem os esplendores da paschoa florída. Sae do seu tumulo o frumento dos eleitos; e o fogo do Espirito Santo, á maneira dos ardores estivos, amadurece as mais opulentas searas. E quando o outomno ostentou os thesouros da sua fruta, então celebra a Igreja a festa de Todos os Santos, colheita madura, que o Pái de familias encelleirou nos seus graneis do céo.

Não se acha isolado no firmamento o Sol da justiça. Rodeiam-n'o e adoram-n'o astros numerosos; rutilam no cyclo lithurgico, com os seus clarões diversissimos. São os Santos na sua gloria, a Virgem Maria, que a todos sobreleva em brilho, os Apóstolos, os martyres, os confessores, as



Fig. 146. — A missa milagrosa de S. Gregorio. Magno (século VI) figurando a presença real de Christo na Eucharestia. — Miniaturo do século XV. Livr. do Sr. Ambr. Firmin-Didot.

virgens, que projectam para sobre a terra os seus suaves exemplos. E d'este modo, cada estação, cada mez, cada semana do anno encerra bellezas, flores, ornamentos; a Igreja no seu movimento rotatorio tende sempre para o seu centro, e de século para século se vai acercando mais do dia da eternidade.

A lithurgia pode dizer-se a vida, a inspiração, a norma, da arte christã. Os seus livros, o *Missal*, o *Breviario*, o *Ritual*, o *Pontifical*, devem ser os

guias, os manuaes do artista que intenta glorificar o Senhor. Ali é que elle encontra, não só a doutrina em toda a sua pureza, mas tambem o symbolismo em toda a sua perfeição. O symbolismo das religiões antigas influenciou as artes: e vimos quanto a arte grega deveu principalmente a sua superioridade ao symbolismo tomado da forma humana. E' de uma riqueza incomparavel o symbolismo da arte christã : toda a natureza e toda a historia lhe ministram imagens, não já para rebuçar a verdade, como usavam os mysterios pagãos, mas pelo contrario para a manifestar, e tornal-a accessivel ao povo.

E' o symbolismo o grande meio de evangelisar os pobres; e d'elle quiz Nosso Senhor servir-se para se revelar ao mundo. Deu-se todo a nós, como a luz que allumia os homens, o cordeiro que vae ser immolado, o pão baixado do céo, a vinha de que nós somos as varas, a pedra angular, o penedo inabalavel, o lavrador que semeia bom grão, o pái do filho prodigo, o verdadeiro pastor que dá a vida pelo seu rebanho. Não tem a Igreja necessidade de imaginar ficções para representar a Christo, porque elle a si proprio se pintou no Velho Testamento. Preexistira já nos Patriarchas e nos Prophetas, como continua ainda hoje a existir nos que lhes seguem as pisadas. E' elle o justo Abel, Noé na arca, Abrahão pae dos crentes, o verdadeiro Isaac, José entregue por seus irmãos, David victorioso, Salomão na sua sabedoria e gloria.

Trasbordam de symbolos a Biblia e o Evangelho; a lithurgia vae-os derramando em todas as orações, em todas as ceremonias, em todos os objectos que servem ao culto. Quem ler as bençãos e os ritos que a Deus consagram pessoas e coisas, ha de ver quanto a lithurgia, com a sua santa linguagem, espiritualisa e transfigura a natureza inteira. A agua, o fogo, o oleo, a cêra, as abelhas, as flôres, o veo das virgens, o leito nupcial, a espada do combate, o ferro do arado, a bandeira da patria, a sementeira do lavrador, o pó das campas, tudo aufere da lithurgia uma belleza sobrenatural. A lithurgia é a verdadeira arte christã, viva nos seus pontifices e ministros. E' ella a soberana senhora das outras artes. Traça á architectura o seu programma, os seus planos, as sua orientação. Guia-lhe as linhas, e dá-lhe as proporções; a todas as suas pedras presta um sentido; reveste de poesia as portas, as janellas, as abóbadas, os campanarios. Aos sinos attribue poderes divinos. Recebem d'ella não menos a escultura e a pintura a sua missão, os seus assumptos, as suas formas, a sua ornamentação,

o seu colorido. Torna-se a arte um componente do culto, e a vida da Igreja é que lhe dá vida.

Pela sua associação com a Igreja, gosa a arte christã dos seus thesouros, como se gosa um filho dos haveres de sua mãi. Conhece a verdade em toda a sua evidencia, e graças á infallibilidade pontificia tem a certeza da doutrina. O architecto edifica sobre rocha inatacavel; o escultor e o pintor expressam verdades que nunca teem de obliterar-se. A arte christã é catholica, como a Igreja; em toda a parte hão de ser comprehendidas as suas producções. Na mão dos missionarios hão de as imagens percorrer até aos confins da terra, acolhidas pela piedade e pela sympathia. Para a arte christâ não terão barreiras nem o tempo nem o espaço; e a perpetuidade é-lhe assegurada pela Religião. Concebe um artista o traçado de um edificio; mal chega para lhe cavar os alicerces; lá estão os seculos para operarios; lá virão pinceis e escopros amontoar maravilhas; e as gerações hão de umas apoz outras ir ajoelhar no templo que o artista quiz erguer ao Senhor. Quando alguma revolução, da natureza ou dos homens, o derruba por acaso, lá chega a archeologia a visitar-lhe algum dia as ruinas, e a restaurar-lhe os primores. Piedosas mãos hão de então arrancar d'entre os escombros alguma sagrada imagem, para repôl-a no sanctuario; e Deus ha de tornal-a celebre pelos milagres da sua misericordia. Aquelle pobre pintor, que nas catacumbas debuxava na loisa dos martyres symbolos de paz e ressurreição, nunca pensou, é bem certo, em alcançar posteridade remota; e hoje a sciencia archeologica estuda com amôr essas vetustas imagens, que dão a prova da perpetuidade dos dogmas da Igreja. Não se sabem os nomes d'aquelles avoengos da arte christã, cujas obras nos instruem, e ainda hoje nos commovem atravez das idades; algum dia os saberemos. O céo ha de ser um museu da arte christã. Chamavam os gregos á arte uma virtude, ἀρετή; pois um tal nome não quadra bem hoje á arte christã que adora, e ensina? Christo, o supremo juiz, que premeia tudo que por elle se faz, ha de glorificar aos que na sua formosura o glorificaram. E'certo havermos de ver algum dia rutilarem na fronte dos bemaventurados as virtudes por elles praticadas; porque não veriamos pois tambem na aureola dos artistas as obras da sua fé e do seu amor? Essas obras hão de apparecer-nos, não já com as imperfeicões da sua execução terrena, mas em todo o ideal dos anhelos santos dos que as conceberam.

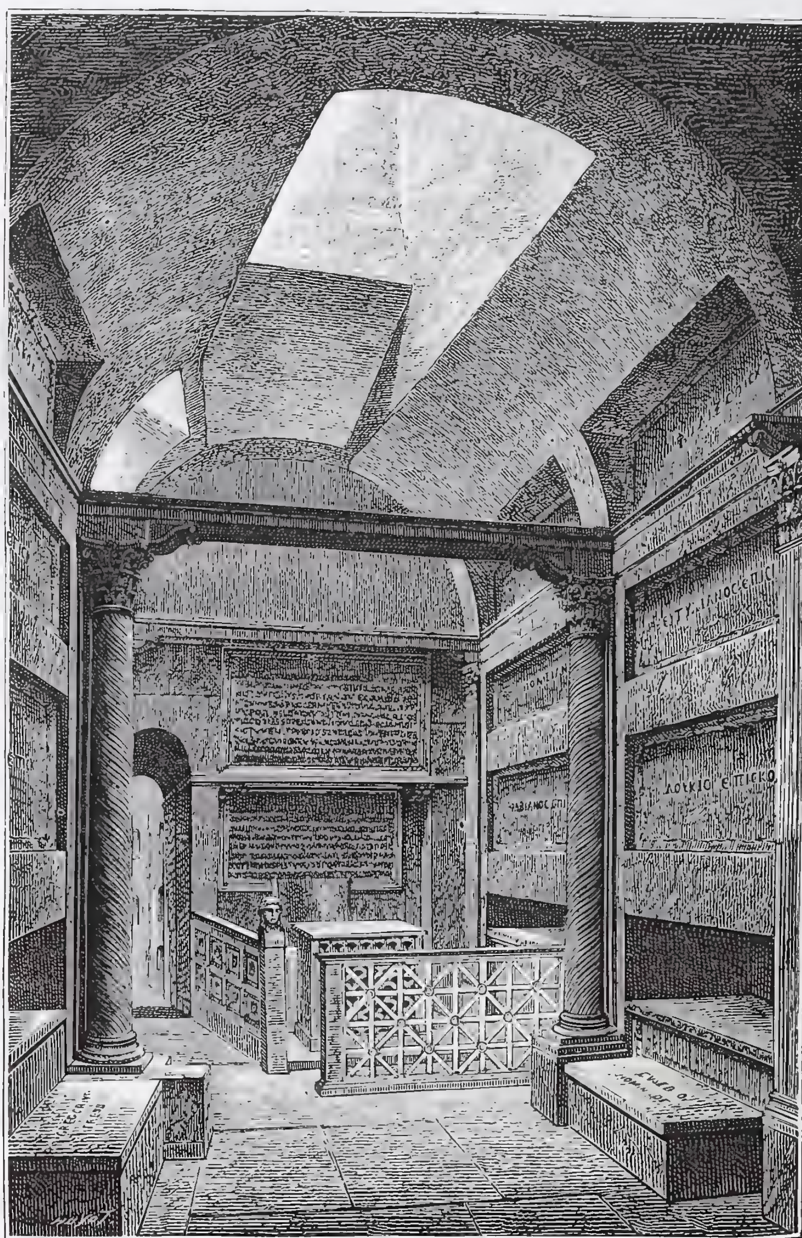


FIG. 147. — Interior da crypta de S. Callisto, tambem chamada *cripta dos papas* (catacumbas de Roma); restauração pelo Sr. Rossi. Século III. Esta crypta, reservada á familia Cecilia, tornou-se, pelos cuidados de S. Callisto, que a reformou, o sitio do enterramento dos papas durante o século III. Servia a um tempo de capella e de cemiteria. Sob um portico de columnas, dentro de uma balaustrada, foi erguido um altar no proprio logar onde jazia santa Cecilia; ao longo das paredes, recobertas de inscripções e pinturas estavam sobrepostas as campas (*loculi*) dos christãos.

ARCHITECTURA CHRISTÃ.

Seu poder, e sua unidade de acção. — A basilica. — O mosteiro. — Mobilia e vasos sagrados.

E' religiosa a origem da architectura; foi antes de mais nada para honrar a divindade, que ella procurou o bello nas linhas e nas proporções. Só entrou a adornar habitações humanas, depois de ter erguido os monumentos do seu culto; e esses monumentos tiraram o seu caracter e as suas dimensões das crenças que eram chamados a expressar. Teve pois o Christianismo, ao trazer a verdade ao mundo, de exercer influencia grande na architectura, e inspirar-lhe obras dignas da sublimidade dos seus dogmas.

Começou a architectura por acompanhar a Igreja ás catacumbas; ahi excavou profundas galerias, alinhou as campas dos martyres, dispôz os *cubicula* para a celebração dos mysterios, traçou e aderessou as abóbadas, e ahi arrastou ao longo de tresentos annos aquella vida que foi o seu triumpho.

Quando, depois da victoria de Constantino, lhe foi outorgada a liberdade, e a luz do sol, quiz a Igreja ter então edificios dignos dos seus dogmas e do seu culto. Não lhe convinham os templos antigos; purificou alguns, e consagrou-os como despojos opímos dos deuses vencidos, escolhendo porém para si a basilica romana; teve então a architectura de affeiçoal-a ao seu novo destino.

Era a basilica um monumento aberto ao publico pela auctoridade soberana; ali é que esta promulgava a sua justiça. Todos lá podiam entrar; um recinto central e duas naves lateraes permittiam a circulação, sem confusões. Ao topo se rasgava o espaço destinado aos juizes; ali permittia a lei se fisessem transacções, e se castigassem os delinquentes. Era pois aquelle edificio o centro da vida social; pela sua nova destinação ficou sendo centro da vida religiosa. Foi na basilica transformada, que o Rei dos reis collocou a séde da sua justiça e misericordia.

Ora é curioso estudar as transformações da basilica, e a sua adaptação ao culto, desde Constantino até á Renascença. A de S. Paulo fora dos muros ficou sendo, por seu tamanho e sua vetustez, o typo mais notavel

das basilicas. A de S. Clemente é o seu mais exacto modelo. Logo a Igreja organisa a sua lithurgia, e a cada pessôa e a cada objecto estabelece motivadamente o seu logar.

Todo o visivel figura o invisivel. A Igreja material representa a Igreja espiritual de Christo, edificada pelo plano da Cruz; e pedras vivas são as almas. As columnas são os Apóstolos que a sustentam; as portas, são as divinas Pessoas, em cujo nome ali entrâmos; a luz das janellas, os dons do Espirito Santo, que procedem do alto. De modo que tudo é ensino e symbolo. Mas basta; não é nosso fito escrever aqui um curso de archeologia sagrada, nem dar uma traducção do *Rational* de Guilherme Durand; apenas queremos comparar, ao correr da penna, a architectura christã com a antiga.

Quem dá a medida de uma qualquer obra artistica é o effeito que ella produz. Certo é que os monumentos religiosos da antiguidade nos não deixam ficar indifferentes, com serem tão avêssas ás nossas as crenças que elles representam. Admiramos as moles imponentes dos templos da India e do Egypto. A architectura grega, resumo e aperfeiçoamento da architectura oriental, encanta-nos pela pureza das suas linhas, e pela elegancia das suas proporções. Porém todo esse bello é externo; quando nos embrenhamos nos monumentos do pantheismo indico, e desembocamos ao longo de interminaveis renques de esphynges collossaes, nas enormes salas de Isambul ou de Karnac, sentimos no seio d'aquelle mundo de figuras symbolicas, uma especie de vertigem, causada pela baralha das ideias, e pelo mysterioso das iniciações. Sympathia para com aquelles deuses desthronados, nenhuma. Tambem a estreita *cella* do templo grego não consegue seduzir-nos. Deixamos de boa mente ficar a estatua no seu ermo, e preferimos ir respirar o ar livre no vão do portico, á sombra das suas formosas columnas, e do seu entablamento.

Ora com a architectura christã é bem outro o effeito. Nunca ella pôz mira em erguer um monumento, que apenas servisse de compôr a paizagem. Sem descurar as formas exteriores, o que antes de mais nada intenta é crear um mundo interior, um meio onde o homem se encontre isolado das coisas terrenas, e se veja na presença do Infinito. Ha de, á imitação de Deus, dispôr tudo com conta, pezo, e medida; combinar as linhas e proporções, regular a perspectiva, distribuir a luz, por forma que em todas as partes do conjuncto reine o que por si constitue a bel-

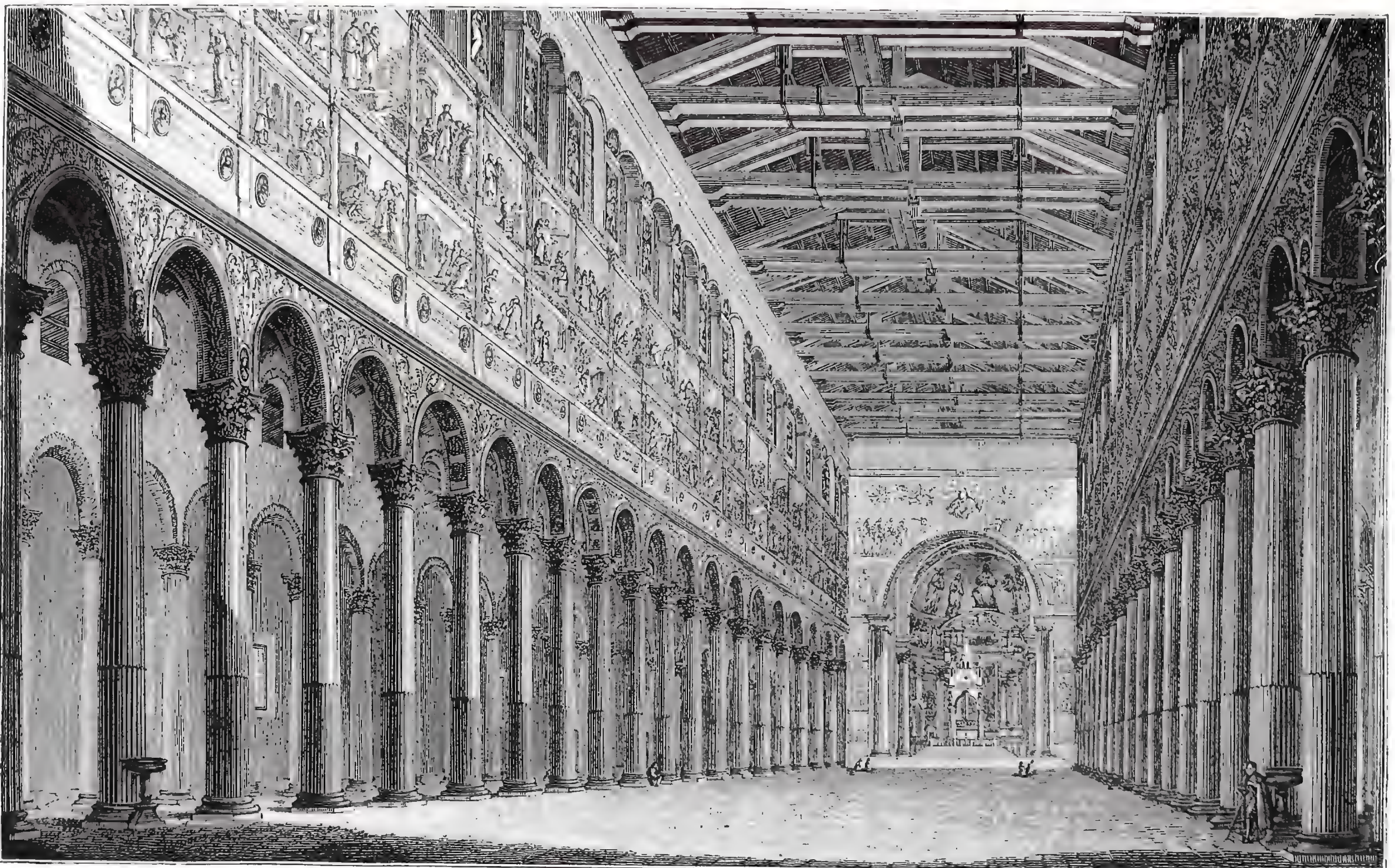


Fig. 148. — Basilica latina. Interior da basilica de S. Paulo fora dos muros, em Roma, construida pelos Imperadores Theodosio, Arcadio, e Honorio (385-423) e destruida no incendio de 1823. Segundo Panini. Ornavam esta basilica pinturas do século quinto, e a collecção dos retratos dos summos pontifices, começada por S. Leão Magno em 641, e continuada até aos nossos tempos.

leza : a unidade, a ordem, a decencia, a harmonia, a paz, a variedade, a clareza. E tanto á propria se houve no seu empenho, que ninguem pode entrar nas nossas cathedraes sem lá achar o que quer que seja de grandeza e affecto, que arrebata o coração fiel, e até ao indifferente logra seduzir. Bem o disse Montaigne por estas palavras : « Que alma tão rebelde haverá ahi, que se não sinta penetrar de veneração ao considerar na vastidão das nossas Igrejas, na diversidade dos seus ornamentos, no devotissimo cantar dos nossos orgãos, e nas repoisadas harmonias, tão religiosas, do nosso cantochão ! ? »

Com quanto adoptasse o Christianismo como typo dos seus edificios religiosos a basilica romana, não julgou que devesse rejeitar por systema forma alguma. Purificou e aproveitou os monumentos pagãos, de construcção aliás differentissima, e consentiu que todos os póvos, por elle chamados á verdade, edificassem as suas casas de oração conforme a sua indole, o seu clima, e os materiaes que possuissem. D'ahi provem a grande variedade de estylos architectonicos na Italia, na França, na Allemanha, na Hespanha, na Inglaterra, e no Oriente. Bem se reconhece um ponto commum de partida, unidade de doutrina e de inspiração, tudo irradiado de Roma; porém tambem se vê que em toda a parte a mão do homem gravou com liberdade na face dos seus monumentos o vestigio do seu século e da sua nacionalidade.

Pela data, e pela influencia exercida nas nossas regiões, merece primasia a architectura bysantina. É comtudo mister não exagerar tal influencia. Santa Sophia, de Constantinopla, é um edificio celebre tão elogiado, e ha tanto tempo, que não ousamos applicar-lhe a critica ; certo é, no emtanto, que n'essa obra de decadencia mais notaveis são as suas dimensões do que as suas bellezas; com a architectura dos gregos antigos nenhuma relação lhe vemos, e achamol-a inferior ás basilicas levantadas pelo imperador Constantino. Imitou Justiniano as thermas de Roma, e os paços imperiaes ; venceu difficuldades, ergueu moles collossaes, desbancou as dimensões dos edificios conhecidos; sim; e apesar d'isso reputamos Santa Sophia mais um prodigio de construcção, do que uma obra prima de arte.

Os caracteres principaes d'aquelle typo da architectura bysantina são a cruz grega, e a cupola. A cruz grega é menos propicia do que a latina para os ceremoniaes do culto, e para a unidade do monumento; mas foi

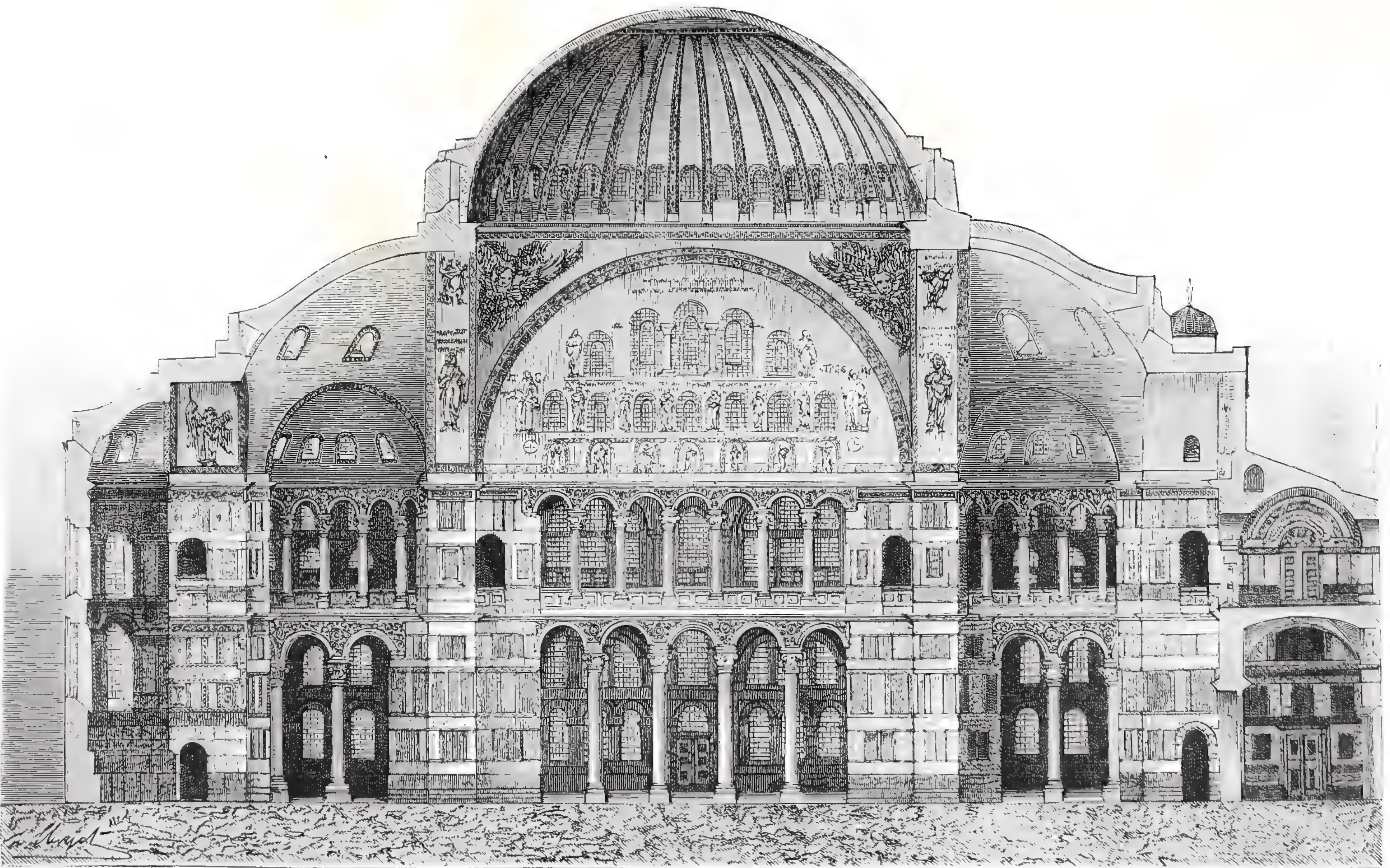


Fig. 149. — Architectura de cupolas. Secção da igreja de Santa Sophia, de Constantinopla. Seculo VI. Segundo os Monumentos antigos de Constantinopla publicados por W. Salzenberg.

exigida pela cupola, que é o seu centro, e o seu remate. A cupola deve ser avistada de todas as partes do edificio; e isso comprehendeu-o bem Miguel Angelo no plano primitivo de S. Pedro de Roma. Tem a cupola uma valia esthetica e symbolica, reconhecida pelos architectos romanos, porque é de saber que não é de origem bysantina. Receberam-n'a os christãos da mão dos antigos, e com muito bom resultado a empregaram nos seus baptisterios e nas suas igrejas. Os artistas gregos chamados para a Italia, para a França, e para a Allemanha, construiram n'essas terras muitas cupolas; mas guiaram-se mais pelos modelos já existentes em Roma, do que pelo de Santa Sophia. S. Vital de Ravena, por exemplo, e a igreja de Carlos Magno em Aix-la-Chapelle recordam muito mais Santo Estevam da Rotunda, e a *Minerva medica,* do que o agigantado edificio de Justiniano. Nas nossas basilicas latinas pode ter-se a cupola como excepção, e não erra quem disser que o effeito interior é nullo. Interrompe a perspectiva das naves, e muita vez escurece-lhes o trecho mais importante. Mencionaremos Santa-Maria das Flôres, onde o zimborio de Brunelleschi impede ao formoso sol de Florença o caír sobre o altar mór.

Já lá em cima o dissemos: a basilica romana é o typo da igreja por excellencia; e séculos empregou esse typo a cidade eterna dos Pontifices; propaga-se elle depois, e aperfeiçoa-se em toda a Europa, até receber da architectura ogival a sua mais completa forma, a mais expressiva, a mais christã.

Denominamos *architectura ogival* aquella em que o arco mixto é o caracteristico; e muito de industria lhe não chamamos *gothica.* Essa palavra é um insulto, uma falsidade archeologica e historica. Nunca os godos possuiram architectura sua peculiar; empregaram as que já encontraram nas regiões avassaladas; e largo tempo decorrêra desde o desapparecimento d'elles, quando os architectos adoptaram nos seus monumentos o systema da ogiva.

Trabalharam na investigação da origem da ogiva a imaginação e a sciencia. Os theoricos, para quem a arte não é mais que a imitação do bello da natureza, tiveram para si que o sombrio entrecrusado das ramarias nas florestas suggerira a ideia primordial. Quiseram alguns archeologos encontral-a em certos arcos das construcções egypcias. Outros houveram-n'a por importação oriental, provinda pelas crusadas, ou pelos arabes de Hespanha. Pode ser que accidentalmente exista entre os egyp-



FIG. 150. — Interior da igreja de S. Vital, em Ravenna, construida por Justiniano. Seculo VI.

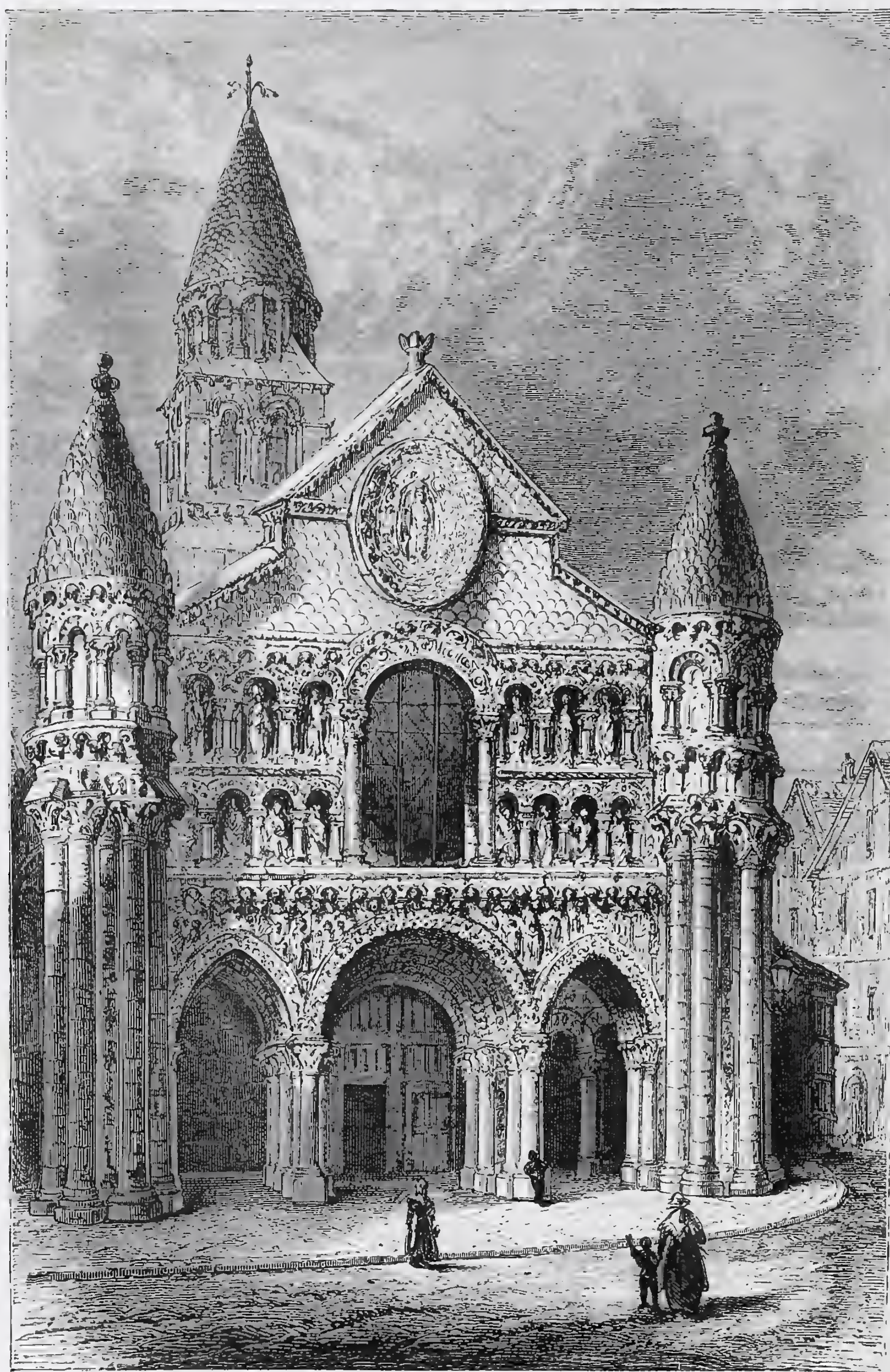


Fig. 151. — Architectura Romanaca : Fachada de Nossa Senhora a Grande, igreja de Poitiers. Século XII.

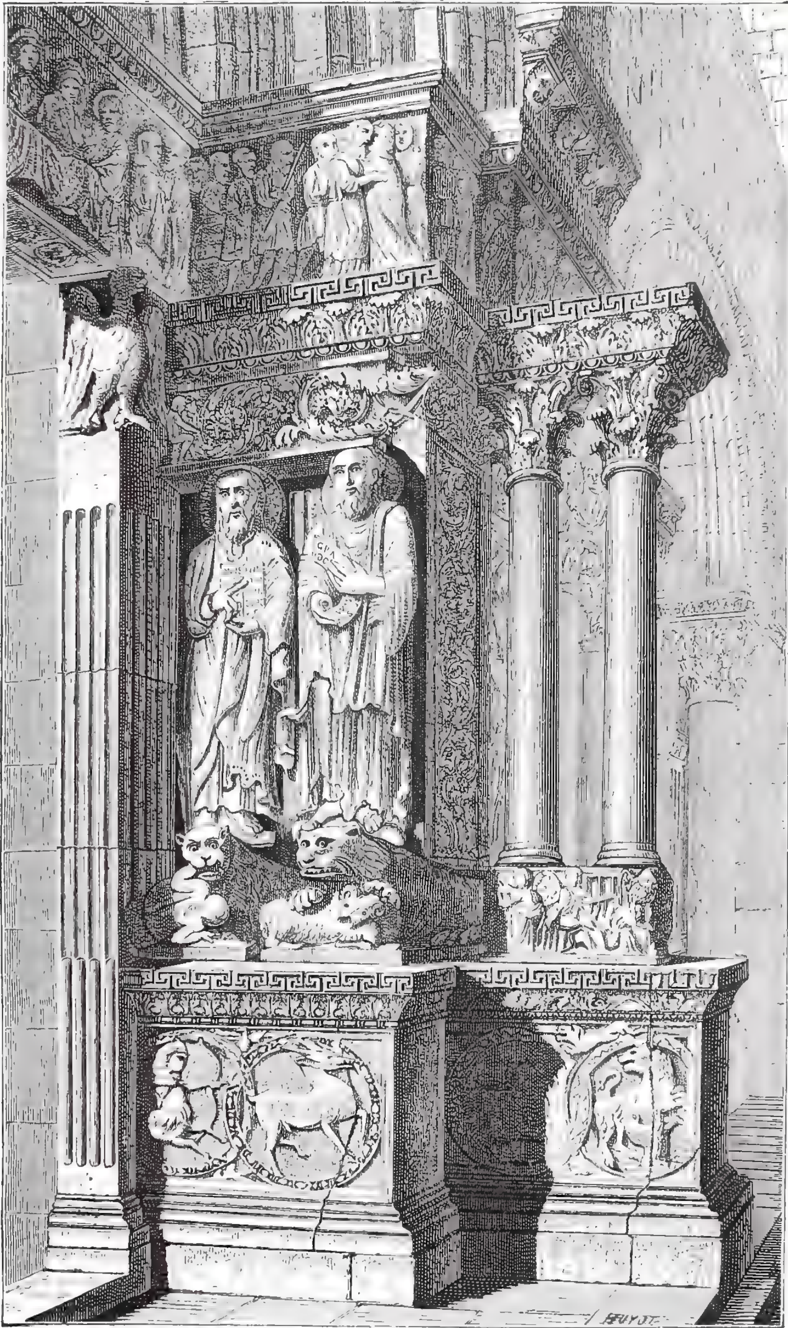


Fig. 152. — Architectura romanica : Vista da porta principal da igreja de S. Gil (Gard). Século xii. Segundo a *Architectura romanica do sul da França*, pelo Sr. H. Revoil.

cios, e só como forma geometrica, o arco mixto, lá onde a architectura é o mais avessa que é possivel ao estylo ogival, porque a sua linha dominante é a linha recta horisontal. Mais poderiam os Arabes allegar em seu favôr; mas está hoje provado, que nada tomámos d'elles, e que na propria Hespanha nenhuma influencia exerceram sobre as edificações christãs os soberbos monumentos moiriscos.

E' evidente, que o systema ogival nasceu nas nossas terras; e como não podiam nomear-lhe o inventor, quiseram attribuir-lhe a origem ás escolas seculares, que no seculo XII deram á architectura uma direcção nova e prodigiosa. Isso não passa de romance scientifico, geralmente havido por verdadeiro; é uma theoria que com essas escolas liga a emancipação das communas, o enfraquecimento do poder monastico, e a aurora das ideias modernas.

Na idade media, nem leiga nem monastica era a arte; era christã. As suas primeiras escolas foram necessariamente os mosteiros, por terem conservado os restos da civilisação antiga, e ensinado á Europa inteira lettras, sciencias, e industria. Cluny e Cister é que foram as grandes metrópoles d'aquelle ensino; os abbades construiram egrejas e claustros, como Luiz XIV fez os Invalidos e Versailles; sabiam comprehender um plano; sabiam escolher as aptidões. Até muitos d'elles foram architectos. A sua regra favorecia os bons engenhos, dava ensanchas ás industrias, e a todas as profissões que tinham que ver com a architectura; mas nunca os monges mantiveram os segredos d'ellas, ou as monopolisaram. A organisação theorica e pratica da architectura residia inteira nas associações de artifices, que remontam ás corporações da antiguidade. N'aquellas associações se conservavam em deposito as doutrinas e a tradição dos processos, por ellas aperfeiçoadas, e transmittidas de geração em geração. Achavam-se constituidas hierarchica e legalmente; possuiam privilegios, signaes de identidade, meios para aquilatar o merecimento do operario, e luctar com a concorrencia da mediocridade; mutuamente se auxiliavam, estabeleciam relações entre os centros grandes, divulgavam os melhores methodos, activavam e generalisavam tudo que era progresso na arte. Só com a religião eram aquellas associações possiveis; eram muito seculares, mas tambem muito clericaes; recebiam da Igreja as suas inspirações e os seus programmas, e nunca tiveram conflicto com os frades, que esses mandavam inscrever-se no rol dos associados.

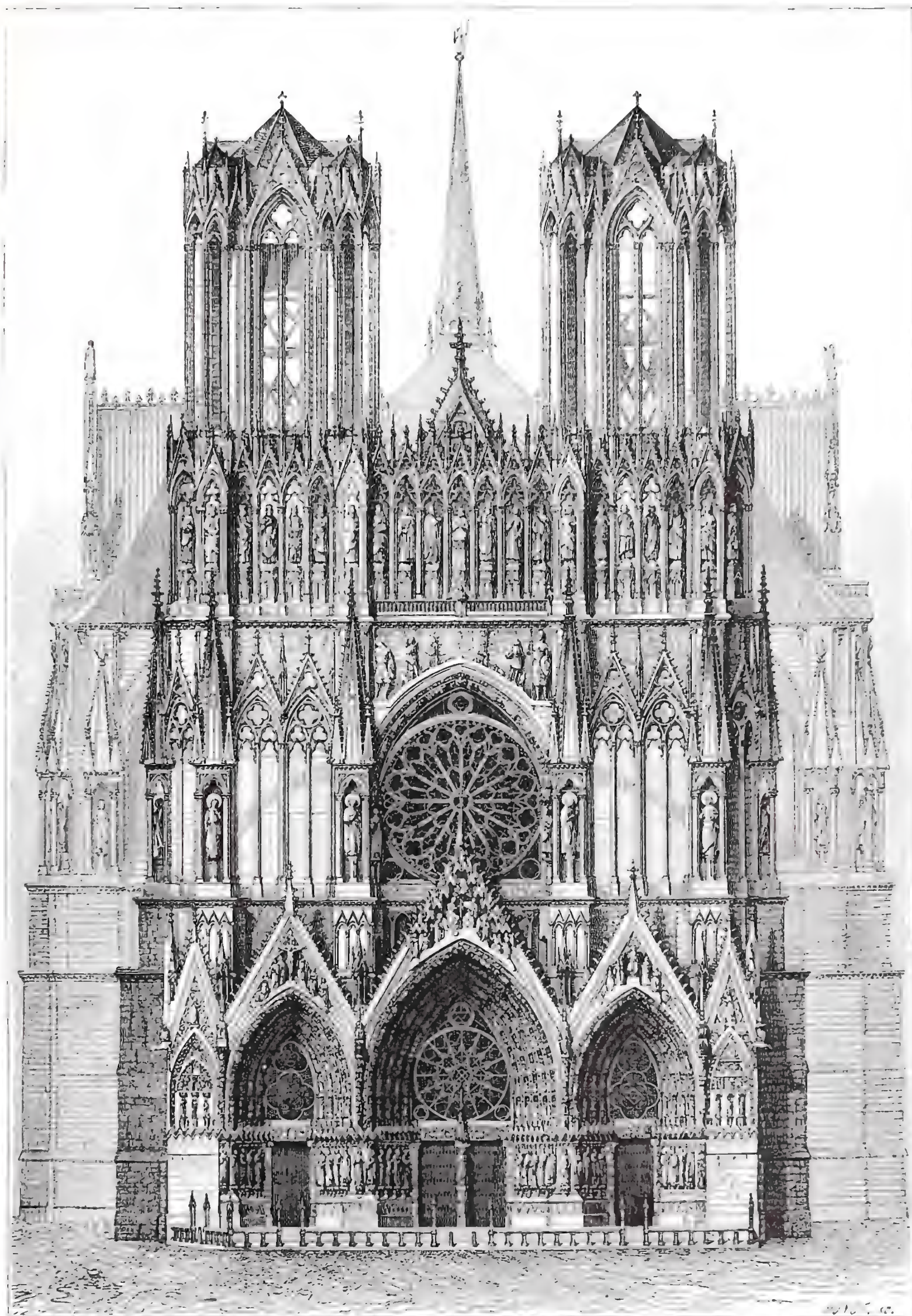


Fig. 153. — Architectura ogival : Fachada principal de Nossa Senhora de Reims. Século xii. Segundo a *Architectura dos séculos* v *a* xvii, por J. Gailhabaud.

Os frades é que foram os protectores da arte durante a idade media, porque a intelligencia e o trabalho os haviam tornado opulentos e poderosos; elles é que foram a causa principal do verdadeiro renascimento das artes nos seculos XI e XII. O impulso que elles incutiram augmentou-o a organisação das communas, e o desenvolvimento do poder real nos reinados de Filippe Augusto e S. Luiz. Deu-se então uma rivalidade nobre entre as cidades, para erigir cathedraes magnificas, mas não lavrou antagonismo entre a architectura secular e a monastica. A Pedro de Montereau commettia o abbade de S. Germain des Prés a construcção da sua capella da Virgem. Os discipulos de S. Francisco punham a concurso a igreja de Assiz, e davam preferencia a Thiago Lallemand. De Arnolfo di Lapo, o grande architecto florentino, eram alumnos os dominicanos frey Xisto, e frey Ristoro, que edificaram Santa-Maria-Novella, tão louvada por Miguel Angelo. Estavam unidos, fraternisavam, leigos e monges. Podia a architectura chamar-se monastica, se se attendesse ao caracter que lhe imprimiam o espirito e conveniencias especiaes da regra, mas em nada differia, como estylo, da architectura das cathedraes e dos monumentos civís. A arte era então inteiramente religiosa. Deixou de o ser no seculo XVI; fez-se então racionalista, e d'ahi lhe veio a decadencia.

A architectura ogival outra coisa não é senão o desenvolvimento progressivo e regular da architectura romanica; sae d'ella como uma flor de dentro do calice; é a um tempo meio de construcção, e forma do bello. O seu mesmo nome está explicando a sua origem; já o dissemos na *Vida de Fra Angelico*. Que coisa é um monumento, uma obra architectural? é um conjuncto de linhas rectas ou curvas, perpendiculares ou horisontaes, combinadas com o intuito de produzirem no homem uma dada impressão; para uma igreja, sobre tudo, é um meio, um effeito optico creado pelo artista. A ogiva e o arco de volta inteira produzem effeitos diversos, mas nós disemos que o effeito da ogiva foi inspirado pelo do estylo romanico ou de volta perfeita.

Ao construirem as suas igrejas de volta perfeita, empregavam os architectos arcos de pedra para aguentarem as arestas das suas abóbadas. Esses supportes chamavam-se então *ogivas;* e as curvas d'essas ogivas, ao cortarem-se em angulo recto dão em geometria e em perspectiva todas as variedades do arco *en tiers-point*. Quem se collocar sob as abobadas de

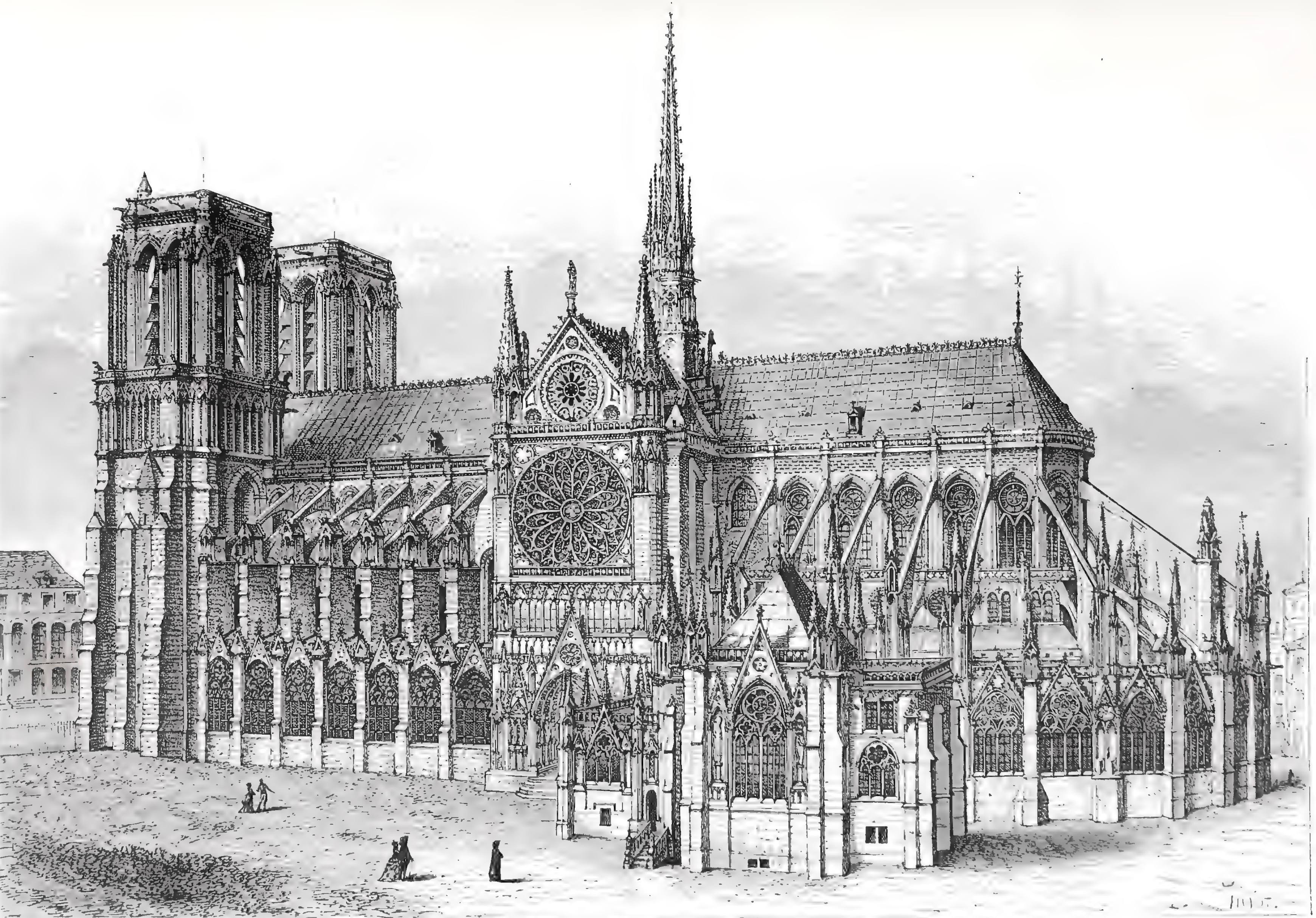


Fig. 154. — Architectura ogival. Vista lateral de Nossa Senhora de Pariz. Seculo XIII. Segundo uma heliogravura de Baldus.

uma igreja de volta inteira, do seculo XII, ha de ver o mesmo effeito de optica observado sob as abóbadas de uma igreja ogival. A unica linha que ha de interromper o movimento ascencional das grandes linhas é o arco dobrado, que separa as pilastras. Esse arco, de volta inteira, quebra-se a pouco e pouco, primeiramente no arco triumphal do cruseiro, depois nos arcos da nave principal, já como meio de construcção para diminuir o repucho das abóbadas, já como meio de harmonia e unidade, por isso que o arco partido se liga melhor com os angulos da intersecção da aresta das ogivas. O arco mixto é tambem sobreposto ao de volta perfeita, que separa a nave principal das lateraes, assim como se collocava no mesmo monumento a ordem jonica por sobre a dorica, visto como a parte que sustenta deve ser mais singela e robusta do que a parte sustentada. Essas duas formas tão diversas não destroem a unidade; o que fazem é dar aos olhos, pela diminuação do módulo das columnas, uma sensação de elevação muito maior.

O arco ogival, chegou pois a instituir-se como systema architectonico, e produziu aquelle estylo novo, aquelle conjuncto de linhas ascendentes, que sobem para o céo como a oração, augmentam o espaço, e engendram perspectivas de maravilhoso effeito. Por toda a parte se reproduz a ogiva : nos cordões das portas, no vão das janellas, e até nos minimos pormenores da ornamentação, variando sempre os seus feitios, e adaptando-se ao gosto dos povos com grande flexibilidade.

Nosso Senhor Jesu-Christo alcançou, á maneira do patriarcha Jacob, peculiares bençãos para todos os póvos que lhe deu a Igreja. No quinhão que distribuiu a cada qual, obteve a Italia o sceptro na alta pintura; á França coube o da architectura christã. Foi-lhe contestada a gloria do estylo ogival; mas a archeologia acabou com todas as presumpções dos rivaes, e com as provas em punho logrou assegurar-nos anterioridade e superioridade incontestaveis.

Disputara a Hespanha em nome dos seus monumentos arabes; está averiguado hoje em dia que elles vieram inspirar-se com os nossos no seculo XIII, e que nada influiram na architectura do sul da França, fiel ás tradições da arte antiga, que lhe legara modelos notaveis.

Houve sabios inglezes, que allegaram a intersecção dos arcos em alguns dos seus antigos monumentos; porém na idade media foi a Inglaterra conquistada pelas nossas artes, ao passo que o era pelas armas normandas, e



Fig. 155. — Architectura ogival : Interior da cathedral de Amiens. Século xiii.

foram architectos forasteiros os reconstructores das suas mais formosas igrejas.

Mais séria é a argumentação adduzida pela Allemanha; mas documentos authenticos e datas irrecusaveis vieram demonstrar a importação do estylo ogival pelo norte da França; na Allemanha se conservou mais tempo que em França o estylo romanico, de que ainda hoje possue os mais acabados especimens; o que porém hoje se sabe é que a celebre cathedral de Colonia foi inspirada pela nossa de Amiens. N'esse tempo ministravamos architectos á Allemanha, e Villard de Honnecourt era chamado para construir igrejas na Hungria.

A Italia acceitou forçada o estylo ogival; foi uma innovação forasteira, contra a qual se rebellou o genio nacional, que fez triumphar o arco de volta inteira na Renascença. Na Italia é a ogiva principalmente um meio de construcção; separa e aguenta as grandes massas, mas não possue o impeto, a liberdade, o calor, a variedade, que dão unidade a um estylo. Em Florença, em Senna, em Lucca, em Orvieto, embate-se a ogiva com linhas horisontaes, com quadrados, com triangulos, que lhe prejudicam o effeito. Com melhor exito que os architectos, a empregaram os pintores da escola de Giotto, como accessorio aos seus quadros de figura. A volta inteira é que é a forma nacional, e bem avisado andou Brunelleschi ao tornar-se a ella.

E' franceza a architectura ogival; em França é que ella desponta, no seculo XII, brota, e se desenvolve com admiravel presteza. Os dominios reaes são-lhe o verdadeiro berço. Pariz, Amiens, Chartres, Beauvais, Reims, Bourges, Troyes, apresentam as suas mais formosas creações; lá se vê a basilica primitiva augmentada, aperfeiçoada, transfigurada. Completa-se na planta o symbolismo; accentua-se a cruz entre o corpo da igreja e a ábside; isola-se o côro, o santuario; as capellas irradiam em volta da ábside, e coroam a fronte de Christo; a travez das suas vidraças multicores jorram as janellas abundante luz; tudo respira paz, harmonia; tudo convida á adoração.

Que mais alta missão podia caber á architectura christã, do que a de embellezar o mosteiro, que lhe fôra escola e berço! Não só edificou para os monges magnificos templos; adornou-lhes as moradas com as suas mais admiraveis creações; ás habitações romanas furtou o *atrium,* para o transformar no claustro monacal, cujas linhas singelas,

cujas arcadas regularissimas, e cujo retiro cheio de paz, symbolisa tanto á propria o viver religioso. De roda do claustro correm a igreja, as salas

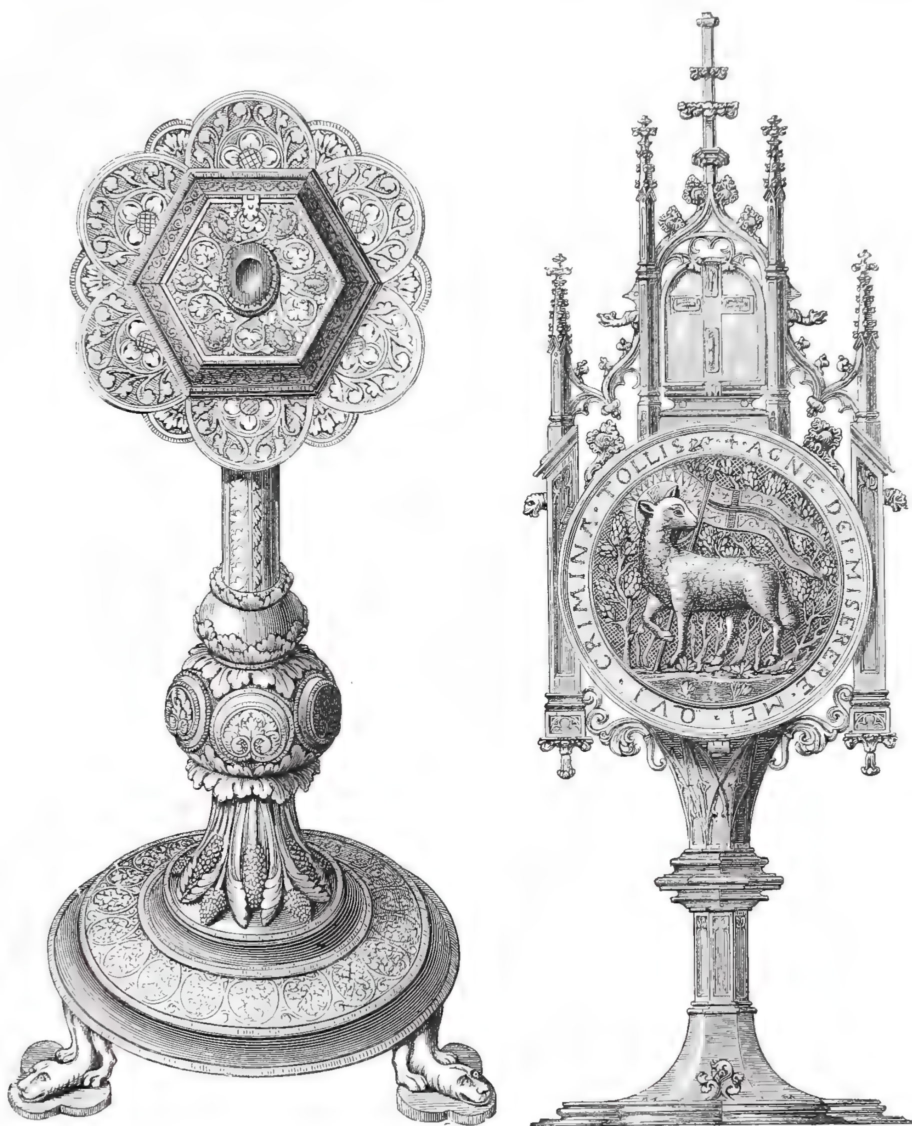


Fig. 156. — Custodia de oiro do principio do século xiii. Thesouro da cathedral de Reims. Fig. 157. — Custodia de prata dourada, do século xv. Thesouro da cathedral de Aix-la-Chapelle.
Segundo as *Miscellaneas acheologicas* dos PP. Cahier e Martin.

communs, o capitulo, o refeitorio, e no andar de cima as acanhadas cellas e os longos dormitorios. Ali reina a pobreza, e a ordem; o espaço, e a luz. Ali moram, aguardando o céo, os que, apesar de serem tantos, só teem entre todos um só coração, e uma alma só. O padre Lacordaire, que para

a ordem de S. Domingos, em França, renovou aquelles sagrados albergues, descreveu-os com esmero. « Ao tanger da campa, diz elle, abriam-se de manso todas as portas; e a um tempo despontavam nos corredores, e sumidos no mesmo borel, anciãos encanecidos e serenos, adultos precocemente alquebrados, adolescentes em cuja fronte irradiava a penitencia uma formosura desconhecida ao mundo, todas as idades finalmente. Oh! que doces e amoraveis habitações aquellas! admiraveis palacios se teem edificado; sublimes mausoleos se teem erigido; alçaram-se templos, quasi divinos; porém nunca chegaram tanto avante a arte e o coração do homem, como na creação do mosteiro. »

Nos mesmissimos principios que tinham dirigido a architectura para a construcção de igrejas e mosteiros, continuou ella a inspirar-se para tudo quanto respeitava ao culto e á vida christã. Os altares, as cadeiras de côro, os pulpitos, as pias baptismaes, os cruseiros das estradas, os moimentos mediévicos, ostentam primores variadissimos. A arte das linhas e das proporções applica-se igualmente ás joias do sanctuario. D'elle se inspira o ourives, ao compôr e cinzelar os vasos sagrados, os candelabros, os thuribulos, os relicarios. Só quem examina os thesouros d'Aix-la-Chapelle e de Colonia, é que pode avaliar até que ponto se casa a ourivezaria com a architectura.

Finalmente a maior gloria da architectura christã na idade média consiste em ter mantido a unidade da arte, e em lhe segurar por essa forma o progresso e o poder; como estreitamente se consociou com a escultura e a pintura, todas ellas tres renderam preito á verdade, e glorificaram a Christo na Igreja.

A ESCULTURA BAPTISADA.

Sua união com a architectura. — Seus poemas nos portaes das igrejas. — Retabulos. Mausoleos. — Marfins. — Sellos e moedas.

Quem mais carecia de Christo era a escultura; era mistér a agua santa do Baptismo para lhe lavar as máculas.

Inspirado pelos derradeiros clarões da revelação primitiva, tinha o genio de Phydias representado sob formas humanas alguns dos attributos do poder creador. Tinha posto na fronte do seu Jupiter Olympico um raio da grande força, um lampejo da paz eterna e impertubavel. Creára



CABEÇA DE CHRISTO

Desenhado segundo o original, que existe em poder do Sr. Capranesi, antiquario Romano.
Terra-cotta chamada das Catatumbas.

o typo virginal de Minerva, representação da divina intelligencia, e tinha-o legado á sua patria como principio de vida e gloria; conseguira mostrar a propria Venus na dignidade do amôr conjugal, e não teve que a desvestir. Não tardou porém que de tão altos pincaros viesse a escultura a descer logo. Aquella philosophia de Socrates e Platão era incapaz de

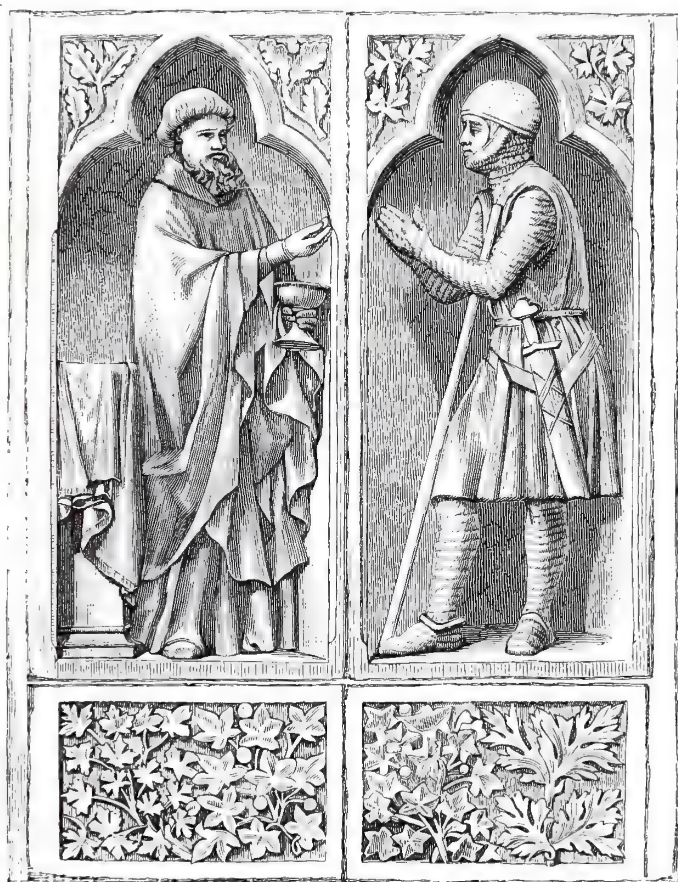


Fig. 158. — Cavalleiro commungando. Cathedral de Reims. Século XIII. Segundo o livro *Architectura do século quinto ao decimo septimo,* por J. Gailhabaud.

enfrear as paixões humanas. Entraram os poetas a mofar dos seus deuses, e pelas suas fabulas os tornaram complices nos seus vicios. De Jupiter e dos seus amorios riram os palcos scenicos; e a deusa padroeira de Athenas não logrou precaver o seu pôvo da embriaguez do triumpho, e das opulencias arrancadas aos Persas. Já o ideal divino e o amôr patrio deixaram de ser o alto empenho da arte. Esta corrompeu-se, como o oiro de Filippe

corrompeu a Demosthenes, e entrou a ser assoldadada por Alexandre, que lhe ordenou lhe pintasse as amantes, e lh'as concedeu como estipendio da tarefa.

Pelas sagradas desnudezes da flagellação e do Calvario, expiou Christo aquelles opprobrios da idolatria. A sua Paixão restituiu ao mundo o sentimento do pudor, e do seu divino sangue brotaram virgens, que souberam, como Ignez entre os tractos do seu martyrio, entoar este novo cantico : « Amo a Jesus, e sua esposa hei de ser. No seu amôr me sinto casta. Nos labios d'elle provei leite e mel, e, por mercê de tão celeste alimento, uniu-se com o meu sangue o sangue de Jesus, e o sangue d'elle vem tingir-me o rosto. De uma Virgem nasceu Jesus, engendrado espiritualmente pelo Padre. Noiva sou eu d'aquelle a quem os anjos servem, d'aquelle cuja formosura é a admiração do sol e da lua. »

O Esposo, que assim vestia as virgens de innocencia e luz, restituiu á escultura o antigo pejo, e com manto real envolveu a sua nudez de escravo. Não se pense que esse trajar empecesse a formosura d'elle. Uma das ideias mais falsas que da Renascença nos ficaram é esta : que o nu é a forma verdadeira do bello. Os proprios Gregos não pensavam assim. Phydias sempre panejou as suas estatuas; e quando Praxiteles offereceu aos habitantes de Cos duas Venus de merecimento igual, uma vestida, e a outra não, a que mais estimaram foi a vestida.

Logo que a escultura renunciou os deuses para se fazer christã, não teve já que personificar os phenomenos da natureza. Foi seu ideal a belleza moral e divina, e no rosto humano é que houve de a expressar. A propria esthetica a obrigava desde então a reassumir o trajo que Deus doára á humanidade caída. Velando o corpo humano, mais rutilava no rosto a claridade da alma; assim tambem o artista encobre com velaturas de sombra os accessorios todos, para obrigar os olhos a fitar-se mais facilmente no rosto que a arte pretende immortalisar.

Ao ficar mais casta, ficou bem mais linda a escultura christã; a sua castidade fel-a mais fecunda, e mais digna dos seus elevadissimos destinos. Ao revestil-a Christo com a tunica nupcial, introduziu-a á Igreja, e entregou-lhe por companheira a architectura.

Ministrou a architectura christã á escultura muitas superficies que ornamentar; inventou motivos, para lhe moldurar e realçar as composições. São talvez as cathedraes as creações mais originaes da arte christã; a ar-



FIG. 159. — As Virgens loucas do Evangelho. Esculptura do seculo XIII na cathedral de Strasburgo.

chitectura e a escultura lá apparecem de mãos dadas, como irmãs. A' architectura prodigalisa a escultura toda a opulencia dos seus adornos, ao passo que se empenha a architectura em fazer brilhar a escultura. Que ha por ventura mais imaginoso do que são aquellas sabidas portadas, com as suas faces lateraes inclinadas, onde numeros recortes apresentam á vista uma perspectiva profunda, e ostentam sem confusão todos os assumptos que ali foram circumscritos? Que ha mais rico do que os taes porticos, as mísulas que sustentam estatuetas, os baldaquinos que as sobreguardam? Todo aquelle enchamear de figurinhas lá está postado como um exercito em batalha, sem quebrar as linhas do perfil do monumento; cada assumpto ficou restricto ás proporções do seu plano e da sua importancia. Quer sejam collossaes, quer pequeninas, todas as estatuas ali conservam o seu logar, e attestam uma intelligencia, digna de ser admirada pelos mestres de Athenas.

Não admira tambem pouco a fecundidade da escultura christã. Aos milhares é que se numeram as estatuas das nossas cathedraes. Só á sua parte a fachada de Nossa Senhora de Pariz tem cerca de oitocentas. Mil seiscentas e oitenta conta Santo Estevão de Bourges; Amiens e Reims para muito mais; em Chartres são innumeraveis; tudo estatuas feitas em poucos annos. A primeira metade do seculo XIII empregou legiões de escultores, que alastraram por toda a França as suas obras primas, e produziram mais, do que todos os seus successores, da Renascenca em diante.

Está por fazer a historia da escultura christã em França; e as admiraveis photographias que hoje se publicam hão de dar auxilio grande a quem se encarregar da tarefa. Ver-se-ha como nos séculos XII, XIII, e XIV se desenvolveram no norte e no sul escolas poderosas, e reinaram nas mais nobres cathedraes. Pariz, Amiens, Reims, Strasburgo, Chartres, Bourges, Arles, Tolosa, são outros tantos centros, cujo estylo irradia para todas as regiões circumjacentes. Trabalham lá centenas de artistas; ha entre elles variedade, desigualdade até, mas ha unidade na direcção, e harmonia no conjuncto; e logo que toda aquella cantaria esculpida na officina se foi enfileirando na fachada do edificio, bem se vê que todos os que a afeiçoaram eram irmãos na inspiração, como o eram pela fé e pelo baptismo.

Tambem prima na ornamentação a escultura christã. A architectura entregou-lhe os seus capiteis e os seus artesoados; e ella enfeita-os com

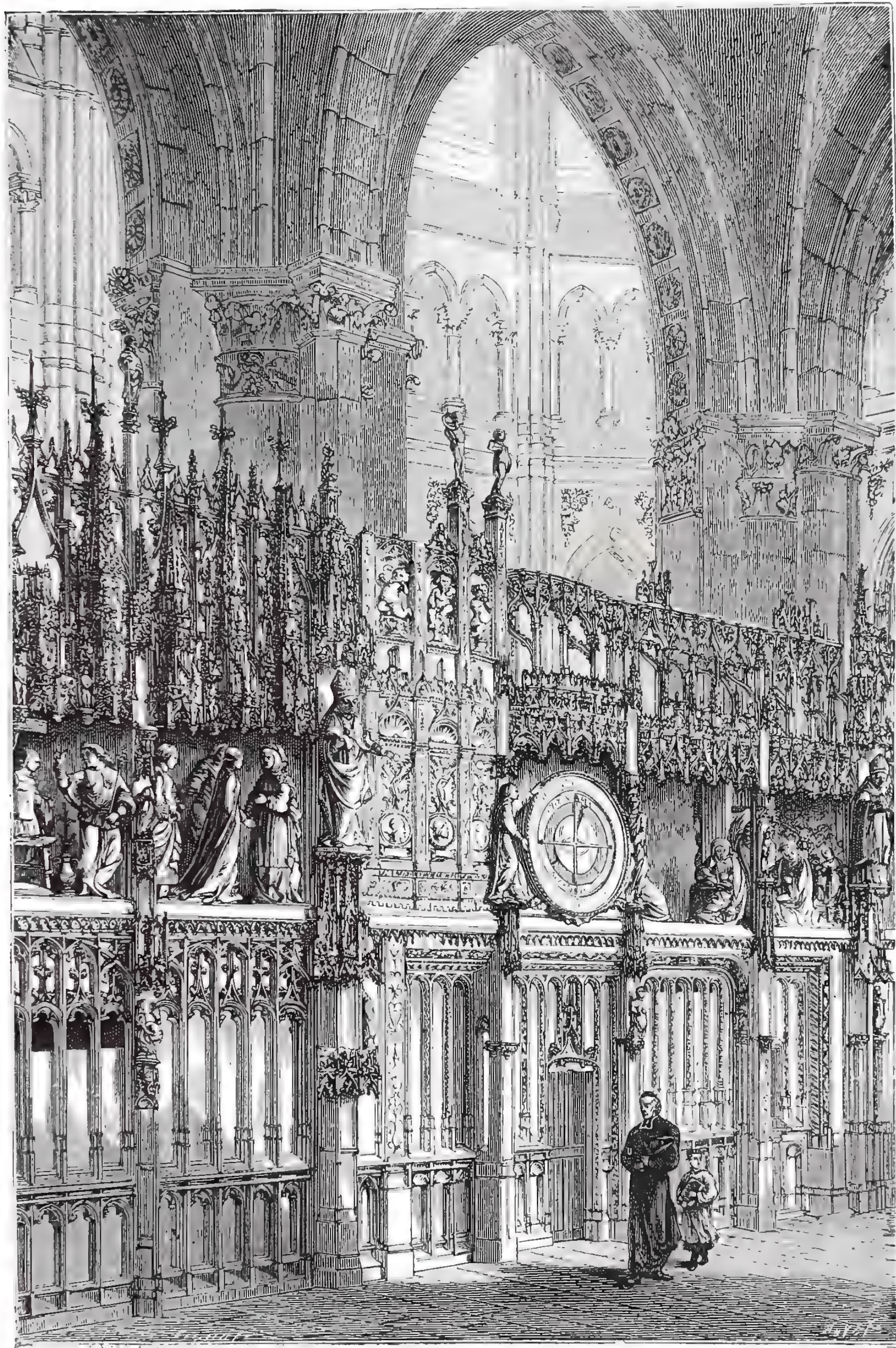


Fig. 160. — Alliança da escultura com a architectura no estylo ogival. Côro de Nossa Senhora de Chartres Século xv.

uma graça e intelligencia inimitaveis. Já os Egypcios e os Gregos tinham entrançado alguma rara folhagem nos seus monumentos. Os artistas da idade media prodigalisam-n'a nas suas igrejas, e empregam a natureza toda em louvar o Senhor. Do seculo XII em diante põem de parte a ornamentação romana e bysantina, e pedem aos bosques e campos motivos de uma variedade inexaurivel. Desamparam a orgulhosa folha do acantho, e exaltam as plantas mais humildes; parece que preferem, d'entre todas, as flores pequeninas, que, a despeito da sua ephemera existencia, ostentam uma energia de forma, e uma certeza de linhas, que facilmente se irmanam com a architectura. E' curioso observar o quanto as estudaram os esculptores, e o como as aclimaram nos edificios; e isso, não já pelo servilismo de imitação, que é o encanto das eras de decadencia, mas por uma certa ideia de as ennobrecer com o monumento, fasendo-as lá mesmo reconhecer. Cada terra empresta folhas e flores para adorno dos capiteis e columnellos do templo. Os fetos, a chelidonia, o geranio, a hera, a vinha, a rosa silvestre, ahi se ostentam n'uma singeleza e verdade, que não consegue perturbar os lineamentos geraes da architectura.

Tambem foi a escultura buscar aos outros reinos da natureza os assumptos ornamentaes; pediu aos *Bestiarios* a sua fauna symbolica, e pôz, aqui, ali, entre o folhedo o ensino, muita vez satyrico, do conto popular. Compôz emfim uns certos monstros hybridos, que figuravam vicios e demonios, uns dragões calcados a pés pelos Santos, umas gárgulas grotescas, condemnadas a expulsar para longe da parede as aguas do telhado.

A pouco e pouco é que a escultura foi admittida a adornar o interior das igrejas. Lá devia a estatuaria ter menos predominio que nos templos pagãos, onde já recebera o incenso dos sacrificios. A pintura, como lembrava menos o culto dos ídolos, e se casava mais facilmente com as linhas architectonicas, recebeu em primeira mão o apostolado da arte. Ao cessarem as perseguições, com a victoria de Constantino, a escultura ouriçou de baixos relevos os tumulos dos christãos e dos martyres. Reproduziu n'esses moimentos as composições das catacumbas, tambem esculpidas nas caixas de marfim dos pães eucharisticos. Não menos se collocavam nos altares os dypticos offerecidos para recommendarem ás orações dos fieis o poder dos principes, e a memoria dos defunctos. Lá se viam passos do Velho e do Novo Testamento, ou casos da vida dos Santos. A'quelles dypticos rastreia-se muita vez a data, pelo nome dos consules e imperadores;



FIG. 161. — Christo na gloria, adorado pelos anjos. Escultura da Cartuxa de Pavia. Seculo XVI.

explicam elles a historia da arte nos séculos primeiros, e documentam o estylo vario das escolas grega e italiana.

Tomou tambem a escultura para si a ornamentação da mobilia ecclesiastica : pias baptismaes, pulpitos, andores, tudo se cobriu de baixos relevos e estatuetas; cerrou-se o côro, como o *sancta sanctorum*. Ahi desenvolveram os artistas o talento que já haviam manifestado na frontaria das cathedraes. Os tapumes do côro de Nossa Senhora de Pariz, de Amiens, e de Chartres, rivalisam com as magnificencias dos seus áditos. Tambem os assentos do côro deram azo á expansão do estro francez, sempre imaginoso, nos baixos relevos dos braços, espaldares, e estantes.

Uma das creações mais bellas com que se ufana a escultura christã, foi a dos tumulos erigidos nas igrejas medievaes. Os vivos não se temiam dos mortos, e não procuravam afastar-lhes para longe a ossada, nem apagar-lhes a saudade. Cada qual desejava ardentemente descançar sob as lageas ou cerca dos paredes da sua Igreja baptismal, e esperar na paz do Senhor a hora da ressurreição. Aquellas campas não tinham a tristeza arida dos sarcophagos antigos, nem a soberba vã dos moimentos da Renascença; ali iam os christãos reclinar-se de mãos postas, adormecidos n'um somno todo elle esperanças. Tinham anjos a suster-lhes a cabeça, e a sobraçar-lhes os brasões de armas; e os pés poisavam-lhes em leões ou cães, emblemas de valentia e fidelidade. Ali se ficavam, prestes á primeira evocação do Juiz Supremo, vestidos com as insignias dos cargos de que haviam de ir prestar contas algum dia. Os Pontifices e monarchas esperavam o premio das suas boas obras em favor da Igreja; e sobre o peito do cavalleiro descançava o seu valoroso montante das crusadas. As donas conservaram nas mãos os rosarios, como aquella suave e santa Roberta de Poncher, cuja estatua é no museu do Louvre uma tão boa representante da escultura christã.

Nas artes que dependem da escultura, produsiram os artistas da idade media obras encantadoras : cinzelaram nos metaes de maior preço vazos sagrados, candelabros, relicarios; modelaram estatuetas, retabulos de batente para as capellas particulares; e com essas creações satisfiseram em cheio a ancia da devoção popular.

Na cunhagem das moedas é que não poderam hombrear com os antigos; o systema monetario deparava-lhes campo mesquinho, em que elles

mal podiam gravar symbolos e formulas da sua crença. Uma cruz, um cordeiro, o nome de algum santo, e as legendas : *Sit nomen Domini benedictum. Xhristus vincit. X. regnat. X. imperat.* Porém d'esse aperto angustioso bem á farta os vingou a fabricação dos sellos, com os quaes, como os gregos com as medalhas, poderam escrever uma historia da arte, distinguindo-se cada periodo e cada escola. Ali estão compendiadas a architectura e a escultura em pequeninas obras primas, que ostentam o estylo e os predicados da arte monumental; e não havia que admirar, porque as mãos que esculpiam os sellos eram as que traçavam as frontarias das cathedraes. A prova é o sello da congregação de Nossa Senhora de Pariz, que bem demonstra que a Virgem nasceu da mesma inspiração que brotou as Virtudes, que lá campeiam na portada principal.

PINTURA CHRISTÃ.

O apostolado da pintura. — Pinturas das Catacumbas. — Mosaicos. — Vidraças. Manuscritos. — Gravuras.

Foi a pintura quem primeiro se converteu ao Evangelho. Baixou ás catacumbas para confessar a fé, e honrar a campa dos martyres. Valeu-lhe uma benção muito especial aquella sua primogenitura. Confiou d'ella Nosso Senhor Jesu-Christo um verdadeiro apostolado, e para o exercer deu-lhe meios novos.

Que interessante não é, á luz da arte e da doutrina, o estudo das pinturas das catacumbas! Lá se vê a regeneração da arte antiga, e a adaptação dos seus symbolos aos dogmas christãos. E' aquillo o grão a desfazer-se na terra, para se reproduzir centuplicadamente, e fazer brotar, quando houver passado já o inverno das perseguições, as messes mais opulentas. O pintor das crenças verdadeiras sabia a grammatica da lingua que fallava; eram-lhe familiares as regras da pintura decorativa; e traçava com facilidade um certo numero de figuras, cujas linhas e proporções se achavam já consagradas por longa tradição. Quando baixava ás catacumbas para lá pintar, á luz de archotes, as suas composições, quasi sempre interrompidas pelo carrasco, não creava typos novos. Utilisava os que de seus mestres recebera, assim como tambem a Igreja empregava palavras gregas e latinas para expressar pensamentos christãos. Não lhe repugnava o pedir á mythologia as suas ficções poeticas, e sob as feições de Orpheu

pintar Jesus, attraíndo a si a creação toda; ou pintar com a figura de Psyche a alma fiel nas suas relações com o Amor divino. Não era aquillo consagrar ao culto da Verdade os vasos preciosos furtados aos Egypcios?

Havia além de tudo mais um motivo para empregar taes symbolos e figuras. A religião, que assim sumida ia buscar uma tal ou qual liberdade junto ao tumulo dos seus martyres, não podia haver-se ali por inteiramente immune de olhos profanos, e livre da policia dos seus perseguidores. O segredo da sua doutrina, escondia-o então sob a forma de composições muito singelas, cujos personagens, isolados ou raros, davam muito a lembrar as estatuas e pinturas dos edificios publicos. O bom Pastor com a ovelhinda aos hombros parecia querer ser o ovelheiro que personificava a primavera. Os *Orantes* tinham a posição dos genios supplicantes. Os festins da caridade bem poderam ser tomados por funebres banquetes, e o carro de Elias pelo de qualquer triumphador. Palmas e corôas diziam bem com todas as victorias; e os christãos repetiam affoitamente a forma da cruz nos seus tectos, por isso que tambem se encontravam cruzes nas abobadas das sepulturas pagãs. Essas semelhanças enganavam quaesquer suspeitas. E de mais, quem havia de reconhecer n'aquellas galerias, onde tudo fallava de paz e ventura intima, a morada dos perseguidos do odio? Só o christãos é que entendiam aquellas pinturas; e a Igreja, que as havia inspirado, commentava-as aos que vinham áquelles abrigos da oração aprender a viver e a morrer. Parecia um cathecismo figurado, em que as proprias creanças conseguiam ler. Já o sabio autor do livro *Santa Cecilia e a sociedade romana nos dois primeiros séculos* nos tinha esboçado brilhantemente aquellas doutrinações; se tivesse vivido uns annos a mais, completaria D. Guéranger aquella sua obra, e haveria compendiado os descobrimentos maravilhosos do Commendador de Rossi.

Cada uma d'aquellas pinturas das Catacumbas tem por assumpto a Christo; a sua vida, a sua doutrina, os seus milagres, a sua paixão, a sua morte, a sua ressurreição, a sua Igreja, as suas promessas, tudo lá se acha representado por symbolos e figuras do Velho Testamento. E' Christo o novo Adão, que ha de resgatar na arvore da cruz o peccado original; é o verdadeiro Isaac offerecido em sacrificio; o Moisés da lei do amôr; a pedra d'onde jorra a agua da vida eterna; o homem doloroso, como Job; o vencedor de Golias, como David; o peixe de Tobias expulsando demo-

nios e dando vista aos cegos; Jonathas atirado ao mar para salvação de todos, e restituido á vida tres dias depois; Elias subindo ao céo, e legando a Pedro, seu discipulo, o manto do seu poder, e a infallibilidade da sua doutrina. Essa doutrina attrae os póvos, assim como os cantos de Orpheu arroubam a creação. E' Jesus o bom Pastor, que reconduz ao aprisco a

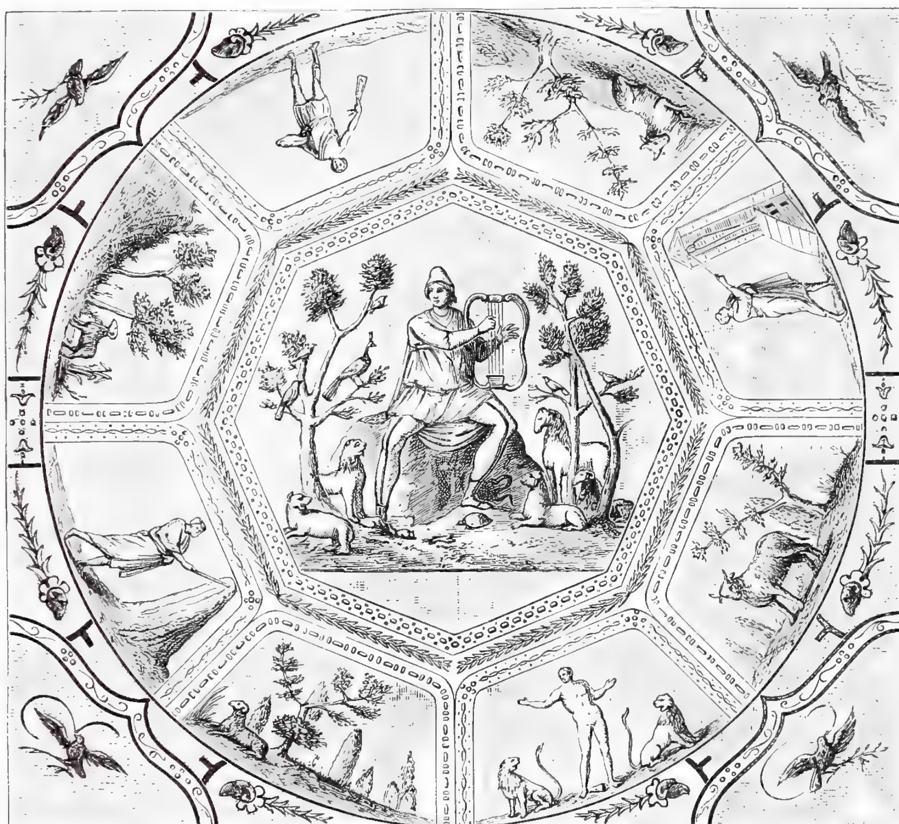


Fig. 162. — Symbolismo das Catacumbas, Orpheu; forma pagã com significação christã. « Jesus cantor maravilhoso, diz Clemente de Alexandria, ama o genero humano. Só elle domestica o homem, que é de todos os animaes o ferocissimo. » Pintura das Catacumbas.

ovelha desgarrada, e apaga os peccados pela graça do baptismo e da confissão. Sára o paralytico, e ressuscita Lazaro; é elle a fonte onde bebe a Samaritana; o Pão celeste, que elle proprio multiplicára para alimento dos póvos; a Vinha cujo balsamo faz germinar as virgindades. Funda a Igreja, como Noé funda a arca de salvação no tempo do diluvio. Encerra-se n'ella com os seus, a quem ha de guardar e sanctificar até ao dia em que a pomba da ressurreição chegar com o ramo de oliveira, e annunciar

as alegrias eternas aos que houverem sido salvos, como os meninos da fornalha, ou como Daniel na cova dos leões.

Os symbolos de Christo ficam sendo os dos christãos, para quem é Christo a luz da vida; porque o Cordeiro immolado desde todo o principio transmuda em cordeiros os proprios lobos. O divino Peixe serve de pasto aos peixes que os Apóstolos pescarem; e as almas fieis tomam azas de pomba para seguir a Pomba que vae levando o raminho do resgate.

Por esta forma tudo é doutrina, ensinamento, glorificação de Christo. Fazem-se as catacumbas escola da pintura christã. A Igreja dirige-a, aconselha-a nas suas primeiras composições; e os novos peregrinos, que visitam a campa dos martyres, espalham por toda a parte os seus typos e symbolos. Quem comparar essas pinturas com as que pelo mesmo tempo foram executadas nos edificios publicos e no paço dos Cesares, verá que em merecimento artistico lhes não são inferiores. Teem o mesmo systema, e a mesma simplicidade de linhas, e composição, que tanto se admiram nos frescos de Herculano e Pompeia. Com uma figura, ou duas, fica representada uma acção; a postura, o gesto, caracterisam um personagem, como acontece no reverso das medalhas romanas. Aquella correlação ainda mais claramente se apresenta, quando comparamos as sepulturas christãs com as sepulturas pagãs, o tumulo dos Nações, por exemplo, com uma das camaras sepulchraes do cemiterio de Flavia Domitilla. Parecem obras executadas pelos mesmos artistas; e não é impossivel que o fôssem.

Porque não se teriam aquelles artistas convertido, como o fizeram as familias patricias que os empregavam? Como é que ao buscarem o bello não encontraram o verdadeiro? como não attingiram a posse do bem por excellencia, á luz do Evangelho, e com a graça do baptismo?

Logo que a victoria de Constantino acabou com as perseguições, saíu o artista christão da escuridão das catacumbas, e continuou o seu apostolado á luz do dia nas basilicas. D'ahi em diante, já não tem segredos que manter; o que ha de expressar não são já as consolações da esperança, são as alegrias do triumpho. Venceu Christo, reina, impera. Lá nos apparece sob as abóbadas da ábside, rodeado dos Apóstolos que evangelisaram as nações; e as suas ovelhinhas fieis todas o reconhecem como pastor. Tem a Cruz por sceptro do seu poder, e essa Cruz resplandece de flôres, pedras finas, e luzes.

O Cordeiro vencedor domina o mundo; correm a seus pés os quatro

rios de paraizo terrestre; e nas aguas evangelicas veem os veados dessedentar-se. A' Virgem Mãe tributam-se todas as honras que se lhe devem. Alça nos braços o filhinho para ser adorado dos reis da terra; e o Filho põe-lhe na fronte o diadema de soberana de anjos e homens. Saem das campas os martyres; rodeiam a Christo, e tomam parte no seu triumpho.

Empregou então a pintura um systema bem digno dos seus novos destinos. Tinha a arte antiga alastrado, ás plantas dos poderosos, ricos tapetes de mosaico, e adornado com figuras o chão dos templos e palacios. Viu a Igreja n'aquella arte secundaria um meio efficaz de perpetuar as suas doutrinas. Tornou-se o mosaico a sua pintura preferida.

Nos mosaicos das basilicas antigas continuam-se as pinturas das catacumbas; explicam-se e completam-se. N'elles se desenvolve a iconographia christã. Já os dogmas se não rebuçam nos symbolos; tornam-se mais exactos, e servem de escudo contra as heresias que assaltam a Igreja. Não busca o pintor os seus typos na arte pagã. Cria novos, e a pouco e pouco os vae aperfeiçoando. Representa as grandes figuras do Testamento Velho, Isaac, Jacob, Moisés, Josué, a vida de Nosso Senhor e a da Virgem, n'uma serie de composições, onde sentimentos e ideias saem expressos com muita naturalidade e clareza. Até escreve a historia contemporanea; e no triclinio de S. Leão, defronte de Nosso Senhor, que entrega a S. Pedro as chaves, e o lábaro a Constantino, colloca o principe dos Apóstolos dando o pallio ao Papa, e o pendão a Carlos Magno.

Nos mosaicos pode-se estudar o progresso da arte, século por século, desde a sua libertação, reinando Constantino, até ao seu apogeu na escola do grande Giotto. Aquelle genero, tão dispendioso, tão demorado, não contribuiu pouco para os progressos da pintura. Precisava *cartões*, e esses cartões eram encommendados aos artistas de mais nomeada. As obras d'elles eram modelos, que se copiavam, e que o mosaico se esforçava por exceder. Ahi se distingue, por entre as influencias incontestaveis das escolas gregas, uma escola de todo o ponto latina, que, pela sobriedade do seu estylo, e pelo socego das suas linhas, se achega mais da arte antiga, do que o tinham conseguido os mestres bysantinos, tanto no galarim por toda a idade média.

E' o mosaico originariamente romano; da Cidade eterna é que elle partiu, para se ir triumphar nas abóbadas das basilicas, em Santa Sophia de Constantinopla, em S. Marcos de Veneza, em Ravenna, em Florença, na

Sicilia, e nas margens do Rheno, apoz Carlos Magno. A sua patria verdadeira é Roma; e lá é que elle amontoou obras primas. Protegeram-n'o sempre os Papas; e hoje, que já as nações deixaram de ser christãs, como se atreveriam ellas a usar aquella pintura que nunca esmorece, quando quizessem representar as suas ephemeras historias? Por isso é que o mosaico, á maneira de soberano desthronado, foi procurar azylo á sombra do throno pontificio; e agora mesmo o enche de beneficios aquelle augusto prisioneiro do Vaticano. Ainda o emprega na decoração dos altares, e na conservação, por copias immorredouras, das obras magistraes, que a Revolução ameaça já subverter.

Não podia o mosaico bastar á missão da pintura christã, que tinha de doutrinar o pôvo nas suas capellas modestissimas. Por isso é que o fresco foi o seu principal meio de apostolar, e para melhor usar d'elle estreitou-o com a architectura.

Tão incompletas são as nossas noções a respeito da arte, que alguns sabios chegaram a pôr em duvida a architectura polychroma. Aos monumentos antigos, attribuiamos a nudez dos nossos templos, nudez que nem sequer nas nossas habitações particulares toleramos; foi preciso que a archeologia nos viesse demonstrar a alliança universal da architectura com a pintura, não só nos templos da India e do Egypto, mas tambem nos celeberrimos edificios da Grecia. A' falta de outras provas, lá estavam para a attestar as igrejas da idade media, porque os artistas que as edificaram e ornamentaram, eram, bem mais que nós, herdeiros dos Gregos; possuiam as tradições da grande arte, a comprehendiam admiravelmente a sciencia da pintura decorativa, a significação intelligente da linha vertical e horisontal, em summa : a valia dos pormenores nas suas relações com a architectura. Além d'isso, possuiam a harmonia das côres, parte musical da arte, e que tanto impressiona a alma, e lhe transmitte o sentimento da paz, o da tristeza, ou o da victoria. A singeleza dos meios que empregavam aquelles pintores bem se pode comparar ás melodias do canto gregoriano; procedem por aguadas lisas, que deixam ao monumento toda a serena unidade das suas superficies; e com as tres cores primitivas, o amarello, o vermelho, e o azul, habilmente cortadas com branco, preto, e oiro, conseguem effeitos, que espantam. A sua ornamentação proporciona-se á importancia do edificio; um simples traço, um vivo apenas, lhes basta para vivificarem a pedra; e muita vez se nos de-

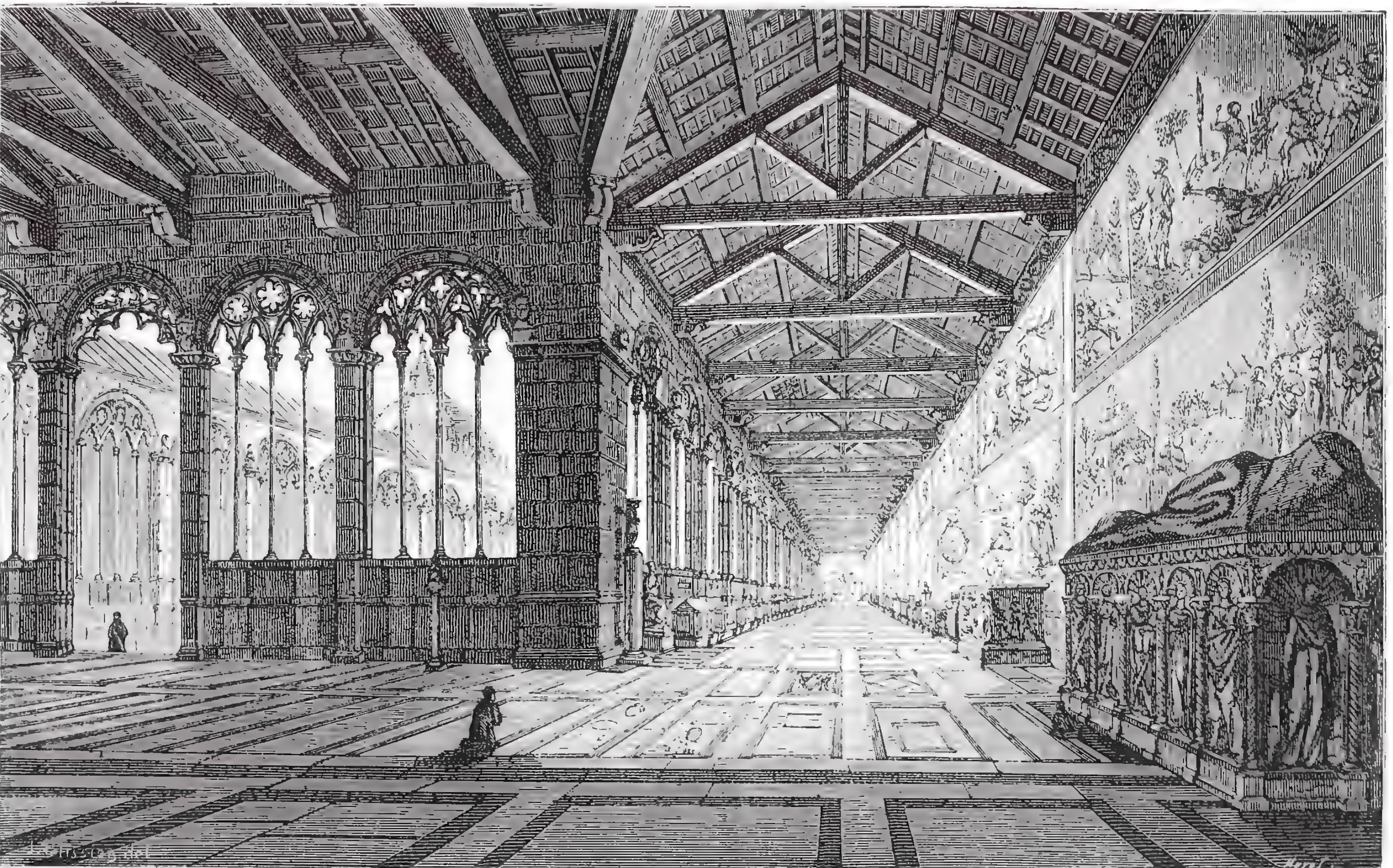


Fig. 163. — Claustro de Campo Santo de Pisa, celebre pelos admireveés rescos de Giotto, Simão Memni, Andre Orcagna, Benozzo Gozzoli, etc. Final do século XIII e principio do XIV.

para ahi n'alguma pobre igrejinha, que por milagre escapou ao desastre das revoluções, ou ás insolencias da caiadella, motivos decorativos cuja belleza faz extasiar os architectos mais sabidos.

Na idade media tambem os artistas ostentavam igual saber nos seus quadros; tambem os sujeitavam ás leis da architectura, evitando as perspectivas demasiado fundas, e o colorido demasiado severo. Os seus grupos mostram a disposição repoisada dos baixos relevos antigos; figuras pouco modeladas, gestos porém singelos e expressivos; tudo se abrange facilmente, sem que os olhos hajam de lidar muito para entender logo. Foi por aquella forma que a nobre escola de Giotto escreveu os seus admiraveis poemas nas paredes de S. Francisco de Assis, de Santa-Cruz de Florença, de Santa-Maria-Novella, e do Campo-Santo de Pisa. Tambem as nossas igrejas romanicas se adornavam de pinturas muraes, assim como provam textos de autores antigos; quasi todas porém desappareceram em França na prodigiosa renovação da architectura nos seculos XII e XIII. Já as populações não achavam as suas igrejas tão formosas e tão grandes, que traduzissem bem a sua fé; e os artistas, para occorrerem ao desejo publico, inauguraram o estylo ogival, que no rapido das suas linhas ascendentes dá a lembrar o impeto das crusadas. Augmentam-se as naves, elevam-se as abóbadas, as janellas assumem importancia, e arrojam para o recinto do templo ondas de luz. Logo a pintura christã quiz contribuir tambem para a grande obra, e ao coar a luz pelo variegado painel das suas vidraças, deu á architectura um meio de acção notavelmente efficaz.

A pintura em vidro foi uma arte nova muito distincta da pintura mural pelos seus principios e effeitos. A transparencia das suas cores tornou-a pintura viva, que animam os raios do sol; segue todas as horas do dia, e dissemina o variado das suas tintas por todos os recantos do edificio. Vai-lhe successivamente afagando todas as superficies, as columnas, as nervuras; todas as perspectivas ella enfeita; por toda a parte infunde um encanto mysterioso, uma harmonia comparavel aos cheios do orgão ressoando sob as abóbadas. Que feliz ideia aquella! fazer com que a luz do céo nos chegue a travez da vida dos Santos! Aquelles prophetas, aquelles apóstolos, aquelles martyres, aquellas virgens, que nos apparecem, não foram todos acaso encarregados de nos transmittirem, com o seu ensino e o seu exemplo, a luz divina, que Nosso-Senhor veio



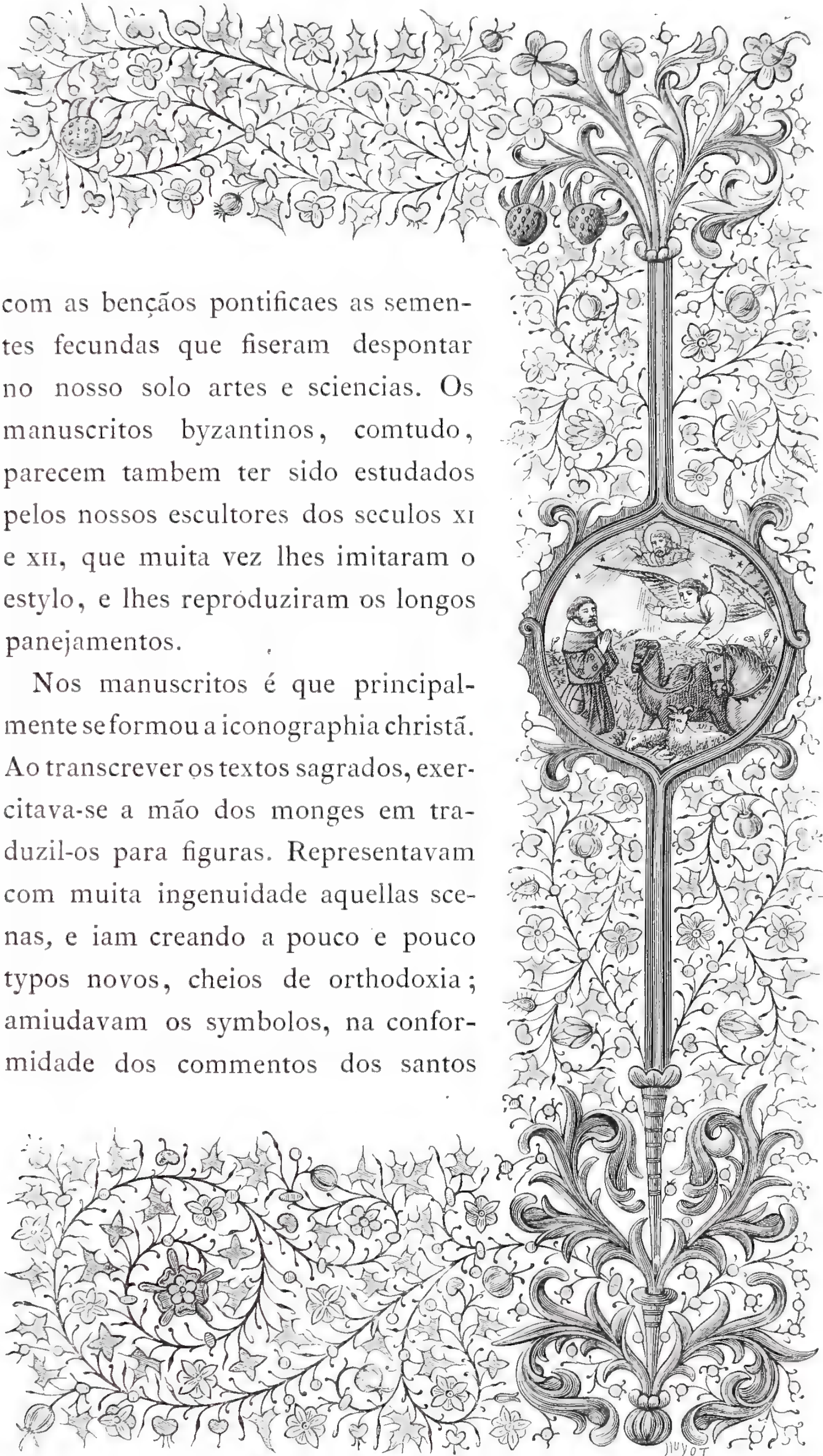
Fig. 164. — Ensino do Computo ecclesiastico baze de calendario christão para todas as festas do anno. Miniatura do *Rationale* de Guillaume Durand, ms. italiano do século xiv, na Livr. do Sr. A. F. Didot.

trazer ao mundo! As suas lendas lá as vemos debuxadas ao longo d'aquellas rosaças, onde vamos seguindo o sagrado assumpto desde o berço até á sepultura, sempre a caminho da patria verdadeira!

Para a pintura monumental está a miniatura assim como a familia está para a vida publica. Na miniatura vai o artista formando o seu talento, assim como o cidadão se vai formando, á sombra do lar domestico, em todas as virtudes que hão de tornal-o util á patria. O mosteiro, foi escola de miniaturistas. Os frades (quem poderia já hoje negal-o?) recolheram os padrões da civilisação antiga, e, além das maravilhas da litteratura grega e latina, conservaram-nos os processos e as tradições novissimas das artes em Roma e Athenas. Copiar manuscritos foi uma das principaes tarefas dos monges, e muita vez chegavam elles a illustrar os textos com desenhos e composições, não destituidas de valia. São bem curiosos, e dignos de estudo, sob esse ponto de vista, os celebres manuscritos de Virgilio e Terencio, que estão no Vaticano. Pode até muito bem ser que fossem copias de manuscritos anteriores. O Terencio, por exemplo, presta esclarecimentos archeologicos bem mais antigos que o seculo IX, acerca do scenario, trajos, e mascaras theatraes.

Com mais gosto se exercia o trabalho dos monges nos livros sagrados, como é natural. Os manuscritos constituiam a gloria e opulencia dos mosteiros; e os Evangelhos, onde se encerrava a palavra do Senhor, eram ornamentados e cinzelados como os vasos onde se continha o seu sagrado corpo e sangue. Nada se poupava com o fito de tornar dignos aquelles livros de figurarem no altar; a encadernação era toda baixos-relevos e pedras preciosas. Muita vez o velino era tinto em purpura, e o texto escrito a oiro; nas iniciaes e nas miniaturas rutilavam as mais vivas cores. Um manuscrito era donativo de principe ás igrejas, ou presente de mosteiro a bemfeitores.

Ainda são numerosos esses manuscritos, e quasi todos teem datas certas; o que os torna importantissimos para a historia da arte, e para o estudo da formação das escolas orientaes e occidentaes. Como os manuscritos gregos se espalharam muito por Italia, exerceram influencia grande na pintura italiana. Mas os manuscritos italianos conservaram o estylo das pinturas das catacumbas e dos mosaicos, e prepararam a escola de Giotto. Tambem teem parentesco com os nossos manuscritos francezes, nomeadamente do periodo carlovingiano. De Roma trouxe Carlos Magno,



com as bençãos pontificaes as sementes fecundas que fiseram despontar no nosso solo artes e sciencias. Os manuscritos byzantinos, comtudo, parecem tambem ter sido estudados pelos nossos esculptores dos seculos XI e XII, que muita vez lhes imitaram o estylo, e lhes reproduziram os longos panejamentos.

Nos manuscritos é que principalmente se formou a iconographia christã. Ao transcrever os textos sagrados, exercitava-se a mão dos monges em traduzil-os para figuras. Representavam com muita ingenuidade aquellas scenas, e iam creando a pouco e pouco typos novos, cheios de orthodoxia; amiudavam os symbolos, na conformidade dos commentos dos santos

Fig. 165. — Ornamentação de uma pagina de um *Livro de horas*, ms. do século XV na Livr. do Sr. Ambrosio Firman Didot. O Medalhas representa uma das scenas da historia de Job, quando elle recobra o se haver.

Padres; approximavam passos do Velho e do Novo Testamento, e expressavam figuradamente, junto a cada versículo, o seu sentido historico, tropologico, e anagogico, abarcando assim passado, presente, e futuro. Nada mais admiravel, a esse respeito, do que as Biblias moralisadas da idade media. Comprehendem algumas volumosos folios, com mais de vinte miniaturas por pagina. Em taes obras lidavam gerações successivas de artistas; e tarefas houve, cuja execução levou para mais de um século, a julgar pelos pormenores de trajos e architectura, diversissimos no principio, e no fim.

Tambem ao pôvo chegava o seu quinhão n'esses praseres artisticos. Acorrentados nas igrejas se viam manuscritos para uso popular; e os *luminadores* pintavam registos e quadrinhos sacros, que se vendiam á porta dos sanctuarios celebres, e que os peregrinos levavam como lembrança das graças obtidas. Mas a arte christã, que tem como especial missão evangelisar os pobres, melhor os poude evangelisar desde a invenção da gravura, que pôz ao alcance de todas as bolsas os desenhos dos manuscritos.

Disputam entre si a Italia e a Allemanha sobre qual das duas inventou a gravura; só se pode tratar da multiplicação das imagens pela impressão, porque o mister de gravador, esse em todos os povos se praticou. Gravava-se em relevo e em concavo entre Romanos e Gregos, entre Orientaes e Egypcios, e até se empregaram matrizes para imprensar, ou para marcar loiças, ou desenhar fasendas. Traçava o buril no cobre e no aço dos epelhos ornatos e figuras, que bem poderiam ter recebido a tinta de impressão, e ser facilmente reprodusidas em papel ou pergaminho. Ha de custar a dizer onde isso foi primeiro usado; mas o que ninguem ha de contestar é que a gravura, tal como hoje a empregamos, foi inspiração christã, e que antes de outro algum emprego, reproduziu imagens de Santos.

Quando a gravura em madeira se amestrou em publicar imagens devotas para o povo, metteu hombros á empreza de gravar livros, que eram muita vez a reproducção fiel dos antigos manuscritos, e que se podem reputar a origem certa da typographia, visto como aquelle invento, memoravel na historia, consistiu apenas em substituir por lettras moveis os caracteres fixos das taboas xylographicas. O estudo attento dos primeiros livros gravados prova terem elles sido destinados a ensinar a religião

FIG. 166. — Fac-simile das gravuras em madeira da *Biblia pauperem* ou dos pobres, livro popular do seculo XV. Vê-se no meio a crucifixão de Jesu-Christo; á direita e á esquerda factos do testamento velho, que são figura da cruxifixão; o sacrificio de Isaac, e a serpe de bronze em cima e em baixo David e Isaías. Job, e Abrahão, com textos relativos á Paixão.

por meio de figuras. Collocavam-se d'aquella forma a arte e a sciencia dos manuscritos ao alcance do pôvo, e ensinava-se ás proprias creancinhas o symbolismo christão. Aquelles cathecismos, aquelles abecedarios, que todos liam com facilidade, apresentam hoje altos segredos aos archeologos mais sagazes, que são obrigados a decifrar os textos para perceber as figuras e suas relações (fig. 166 e 167).

PROGRESSO E GRANDEZA DA ARTE CHRISTÃ.

Carlos Magno. — S. Luiz. — Nicolau V.

Uma verdade capital se ha de forçosamente reconhecer na historia da arte christã; a saber : que o seu centro e a sua fonte é Roma, como o é tambem da orthodoxia. Enviou Roma os seus artistas e missionarios a todas as regiões da Europa; as obras-primas, e os santos que elles por lá produsiram, devem numerar-se entre as glorias da Igreja mãe. E não venham collocar Constantinopla em comparação com a velha Roma; o estudo consciencioso da arte bysantina demonstra não ter sido tão grande como se julga a sua influencia no Occidente; e ainda mais : que nunca tal arte se professou nas escolas latinas. E' innegavel, desde o primeiro aspecto, a sua origem romana.

Logo que o imperador Constantino desamparou providencialmente ao successor de Pedro a Cidade eterna, não achou nas margens do Bosphoro os artistas que haviam de construir e adornar a sua capital; levou-os de Italia, e foram identicos os architectos que edificaram as basilicas de Latrão, S. Paulo, e S. Lourenço, e as de Santa Sophia, Santa Iréne, e dos Doze Apóstolos. O poderio e opulencia dos imperadores do Oriente foram multiplicando os monumentos, e deram ás artes grande actividade, sem comtudo as aperfeiçoarem; o seu luxo descommedido e barbaro causou, pelo contrario, prompta decadencia.

A architectura bysantina em nada recorda as obras magistraes athenienses. Esculturas raras, e fracas. Só a pintura dos Gregos se tornou notavel pelas suas formas hieraticas, e pelas suas linhas severas; mas nos seus mosaicos e quadros tambem avultam os defeitos que respondem á

facundia dos seus rhetoricos, e á exuberancia da sua lithurgia. Os seus manuscritos conteem deveras muito que estudar, sob o aspecto da iconographia christã; mas certo é que a purpura do velino, o oiro das lettras, ou a magnificencia das encadernações, não constituem arte. Que fizeram os Gregos de Bysancio, senão obras ricas, em vez de obras bellas? isso mesmo reprehendeu, alguem a um antepassado d'elles.



Fig. 167. — Jesu-Christo conduz a alma, sua esposa ao recintho na vida religiosa. Estão la uns monges á ceifa cegando a messe, enfaixando-a e batenda-a. Empregãm-se outros em pizar hervas aromaticas para extrahir d'ellas succo e escencias. Vêem os vasos que as conteem n'um edificíozinho que representa a Igreja. Gravura do *Cantico dos Canticos.* Século xv.

A maior gloria da arte bysantina consiste nos seus martyres. O furor dos iconoclastas tornou sagradas aquellas imagens, ante as quaes derramaram pintores christãos o sangue em prol da fé. Quando as mutiladas mãos dos artistas fugitivos as transportaram para Italia, com bom direito fôram aquellas imagens collocadas como reliquias nos altares, e ahi fôram profundamente veneradas. D'esse tempo é que são muitas das pinturas gregas attribuidas a S. Lucas, Evangelista e medico, e que provavelmente fôram obra de algum S. Lucas, pintor, martyrisado pelos iconoclastas.

Exerceu influencia na arte da Europa a arte bysantina. Encontrâmos vestigios d'isso na nossa ornamentação, e nas nossas esculturas romanicas; mas essa influencia nunca preponderou muito; e faltaria á verdade, quem n'ella visse a origem da pintura italiana. Os gregos que ensinaram a Cimabue não são provas d'aquella these; trabalharam com elle em Assis, e pelo estylo demonstram que eram bem inferiores aos artistas da antiga escola italiana que os hospedava.

Ao passo que a arte bysantina se ia enfraquecendo com o luxo barbaro do baixo imperio, florescia em Roma uma arte, que se ia lentamente desenvolvendo entre os flagellos e as guerras que assolavam a Italia; e aquella arte conservara mais que outra alguma as tradições antigas. Protegera-a a Igreja ao saír das Catacumbas, e commettera-lhe a construcção e o adorno das basilicas; mas velava mais que tudo pela sua educação, e preparava-lhe os seus altissimos destinos; ensinava-lhe doutrina, lithurgia, e exercia-a em ir civilisando os Lombardos. Quando a achou prompta, foi Carlos Magno buscal-a aos tumulos dos Apóstolos para a fazer reinar junto de si por sobre a Europa inteira.

A verdadeira renascença da arte nos tempos modernos começa com a coroação de Carlos Magno. Historia e monumentos nol-o mostram a receber da Santa Sé mestres de sciencias e artes, que espalhava por todos os seus Estados, albergando no seu proprio paço a escola central. Fez-se elle proprio alumno de taes professores, chegando a ser consumado lithurgista, e por consequencia grande artista; compôz o *Veni, creator spiritus,* para assim consagrar a era nóva, em que a arte christã havia de desenvolver-se em cheio. Estude-se a era carlovingiana, e ver-se-ha que tudo ficou devendo a Roma : a sua lithurgia, a sua arte musical, a sua architectura, as suas pinturas, os seus manuscritos, e até mesmo as suas moedas.

De Constantinopla recebeu o grande imperador operarios e presentes; mas nas basilicas por elle erguidas ás margens do Rheno, ninguem o viu copiar Santa-Sophia. A sua igreja de Aix-la-Chapelle inspirou-se nos monumentos de Roma; e essa mesma influencia é que fez germinar aquella formosa architectura romanica, que nunca as maravilhas da nossa architectura ogival devem deixar esquecer. Parece-nos que a sé de Colonia tem de ufanar-se bem mais de Santa-Maria *in Campidoglio,* que da sua portentosa cupola. O andor dos Reis-Magos é talvez a obra mais acabada,



Fig. 168. — Pia de agoa benta, de Marfim, conservada na cathedral d'Aix-la-Chapelle. Século x. Chammam-lhe pia d'agoa benta do imperador, porque, segundo uma tradição, servia no acto da coroação dos imperadores da Alemanha. Na parte superior Jesu-Christo com uma das mãos abençôa, e com a outra sustenta um livro fechado. O personagem que lhe está á direita ergue a mão em signal de adoração. Em baixo estão de pé uns guerreiros cada qual a uma porta aberta, e lembram o versiculo do psalmo : « Principes abri as portas; portas eternas abri-vos e entrará o Rei da Gloria. »

de quantas produziu a ourivesaria christã, já como architectura, já como estatuaria, já como ornamentação.

Podera a Allemanha ter mantido o sceptro da arte christã, que lhe legara Carlos Magno; perdeu-o porém nas suas luctas contra a Santa Sé; e quem lhe lançou a mão foi a França. No correr dos trabalhados annos da invasão normanda, tinham os mosteiros salvo os elementos da civilisação, e preparado pela lithurgia o estudo das sciencias, a renascença da arte. Os reis da terceira raça reassumiram a si a obra de Carlos Magno; Roberto, o Piedoso, apaixonou-se como Carlos, pelos officios da Igreja; e n'uma peregrinação que no anno 1020 fez até Roma, offereceu como dadiva realenga, para a missa do Pontifice, um Responsorio composto e notado por elle em louvor de S. Pedro; adoptaram-n'o, e ficou-se cantando na Igreja (D. Guéranger, *Inst. lit.*, t. I, pag. 300). Por toda a parte auxiliavam os Bispos aquelle movimento : Fulberto de Chartres, e Mauricio de Sully, de Pariz, edificavam as suas cathedraes, ao passo que iam compondo admiraveis melodias. Renovavam-se os milagres da musica antiga; erguiam-se monumentos ao som do canto gregoriano, e um pôvo de estatuetas brotava sob o escopro dos escultores.

Ia chegar á França o seu século grande. Escolhia Deus n'um dos seus mosteiros o homem de genio a quem tinha de caber a gloria da libertação da Igreja. Depois de ter lutado, de accordo com os Papas por elle proprio designados, contra as usurpações imperiaes, subiu o proprio Hildebrando ao throno pontifical, e pugnou denodado em favor da justiça. S. Gregorio VII falleceu no exilio; mas do seu tumulo saíu triumphante a Igreja; dominou a civilisação; e o primeiro emprego que fez do seu poder foi conciliar os povos christãos, e oppol-os ao recrescer dos vagalhões do Islamismo. A' voz de Urbano II, Pontifice francez, e á de S. Bernardo, armaram-se os principes todos para libertar a Terra-Santa. Desfraldaram-se os seus pendões victoriosos sobre os muros de Jerusalem; não tardou porem que as rivalidades, e tambem a perfidia dos Gregos, fisessem abortar aquella notavel empreza.

Sem tratarmos aqui do modo como acabaram as crusadas, é mister reconhecer que para a Europa, e principalmente para a França, deixaram ellas admiraveis resultados. Ao commercio e á navegação incutiram as crusadas extraordinario impulso, doaram á sciencia manuscritos conservados pelos Gregos, e tradusidos pelos Arabes, e finalmente imprimiram a todas as artes incrivel actividade.

Dir-se-hia que uma vida nova animava a christandade, tal era o impeto

com que arrancava para o futuro, por todos os caminhos do progresso; Deus quiz encaminhal-a, e deu-lhe um sem numero de homens notaveis e grandes santos. Innocencio III coroou a obra de Gregorio VII; e a sua auctoridade, reconhecida por todos os principes, protegeu das prepotencias as leis da moral e liberdade dos póvos. S. Domingos e S. Francisco,

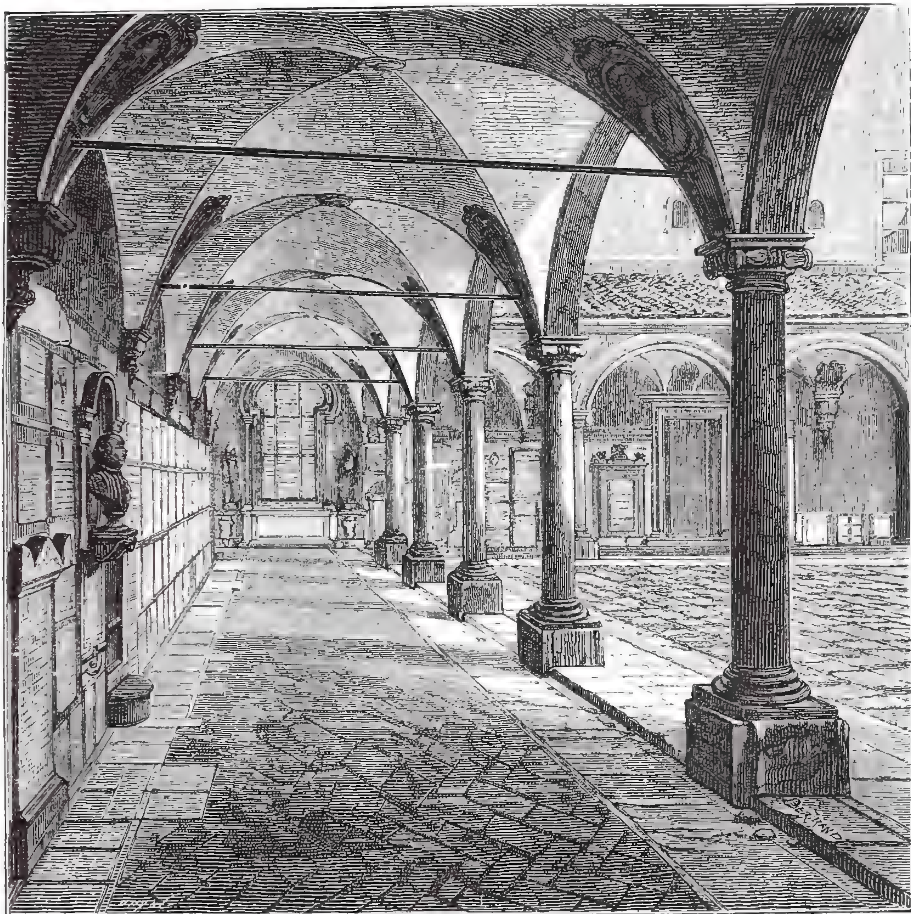


Fig. 169. — Claustro de convento de S. Marcos (século xv) celebre pelos frescos, de Fra Angelico e de Fra Bartolommeo della Porta, assim como pelas prégacões de Savonarola; hoje séde de Academia Italiana della Crusca.

apóstolos da verdade, crearam legiões para combaterem o vicio e os erros. S. Thomaz de Aquino e S. Boaventura compendiaram, em syntheses admiraveis, todos os conhecimentos humanos e divinos. Finalmente S. Luiz irradiou do alto do throno todas as virtudes e todas as glorias; ninguem o desbancou em prudencia, justiça, lealdade e valor. Foi a um tempo o

mais humano e o mais altivo christão do seu século; e nem sabemos onde mais deve ser admirado : se na ponte de Taillebourg, se aos pés do carvalho de Vincennes; se entre as magnificencias da côrte, se vencido, prisioneiro, e moribundo em plagas africanas.

Aquelle principe, que só descalço pegava na corôa de espinhos, que era servo dos pobres, que sepultava os empestados, brilhava tanto nos conselhos, como á frente dos exercitos. Tomavam-n'o reis e póvos para arbitro, e graças a elle, subiu a França ao galarim das nações. Nunca exerceu influencia mais nobre e maior do que no reinado de S. Luiz. Deveu-lhe a arte christã, com muita especialidade, o seu desenvolvimento. Attingiu a architectura, pela sua elegancia, as raias da perfeição, assim como pela pureza das suas formas, e pela sciencia prodigiosa das suas construcções; por esse lado, levou as lampas aos antigos.

Declinou no reinado dos successores de S. Luiz aquella realeza artistica da França. O seculo XIV dissipou em veleidades e enfeites as riquezas accumuladas. Mais se accentuou a decadencia, quando a filha primogenita da Igreja faltou ao que devia ao Pontifice, e intentou retel-o captivo nas margens do Rhodano. Conquistou então a Italia o logar primeiro, e deu á arte christã, por intermedio da pintura, a sua corôa mais brilhante.

Quem pode consagrar á pintura italiana apenas poucas linhas, quando para a dar a conhecer seriam necessarios muitos volumes? Felizmente, podemos recommendar aos estudiosos a bella obra do Sr. Rio, com quanto lastimemos que não tratasse com mais unidade o seu assumpto. Em vez de separar as escolas, apresentando-nos a brilhante monographia de cada uma, podera elle (que para isso lhe sobrava o talento e a sciencia historica) referil-as todas aos successos contemporaneos, e mostrar-nos nas suas mesmas rivalidades a sua influencia reciproca, e a sua confraternisação. As escolas só se differençam notavelmente na Renascença, quando os artistas se põem a seguir um mestre, para lhe imitar a maneira, o desenho, e o colorido; na idade media, porém, ha na arte a unidade que lhe imprime a Igreja; a arte só tem um fito, singelamente expresso por Buffalmaco : « Nós só queremos pintar nos nossos frescos e paineis Santos e Santas, para afugentarem os demonios, e melhorarem a humanidade. » E todos á uma se empenhavam e esforçavam para o conseguirem.

Já vimos como a pintura saíu das catacumbas, e veio ornamentar as

basilicas christãs com aquelles mosaicos, que tão apropriadamente chamava Ghirlandajo *a verdadeira pintura eterna*. Não se desenvolveu rapidamente essa arte, no fervor das desgraças que assolaram a Italia durante

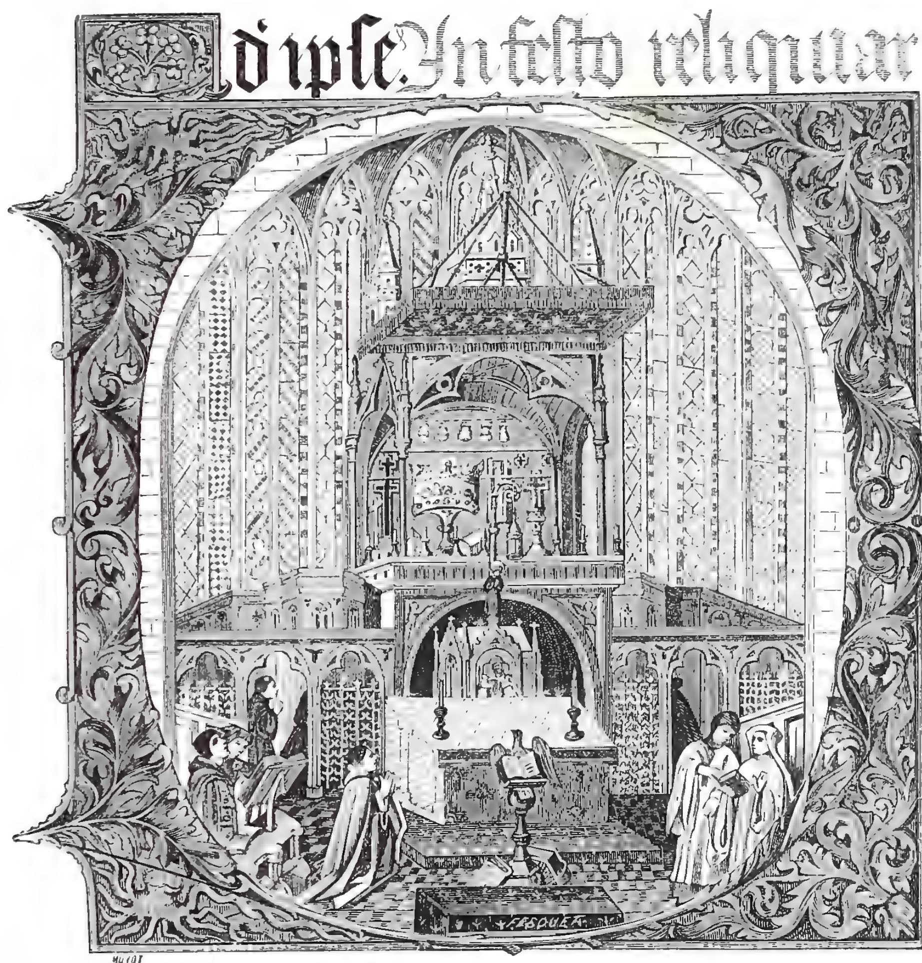


Fig. 170. — Altar mór da Santa Capella de Pariz durante a exposição das insignes reliquias da Paixão de Nosso Senhor. Miniatura das *Horas de Juvenal des Ursins*, manuscritos do século xv, cedido pelo Sr. Ambr. Firmin-Didot á cidade de Pariz, e queimado em 1871, no incendio do palacio municipal. (*Pariz e os seus historiadores.*)

a invasão dos Lombardos, e as luctas do sacerdocio com o Imperio; comtudo lá lhe vamos seguindo o rasto de século para século, quer nos monumentos, quer nos manuscritos; e é facil distinguir já um estylo muito independente da arte bysantina, e já mais proximo do que ella da arte antiga, pela simplicidade das linhas e nobreza da composição. A sua desenvolução começa principalmente com a formação das republicas ita-

lianas protegidas pelos Papas contra a oppressão allemã ou feudal. Florença, Pisa, Senna, Genova, Veneza, pelo seu commercio e pela sua organisação popular, attingem muito depressa a uma prosperidade, que mal se crê. Dá-se entre essas cidades emulação, que produz notaveis monumentos; todas rivalisaram em possuir a cathedral mais magnifica, e nada pouparam para conseguirem o fim proposto. Traçavam aos seus artistas programmas semelhantes ao que traçou o pôvo de Florença, quando se tratava de reconstruir Nossa-Senhora-das-Flores : « Ordenamos a Arnolfo, architecto da nossa Communa, que apresente o projecto de reconstrucção, traçado com tal grandeza e magnificencia, que fique sendo impossivel á arte e ao poder humano devanear coisa mais bella e maior. »

O progresso da pintura começou na Italia, como n'outras partes, pelo da escultura. A escola de Pisa aperfeiçoou-se na forma pelo estudo do antigo, e pela observação da natureza. As primeiras producções de Nicolau de Pisa outra coisa não foram senão imitações evidentes de antigos baixos relevos, cujas disposições e figuras se estão mesmo a reconhecer; mas nas encommendas que depois executou em Napoles, e em Bolonha, já se rastreia a influencia incontestavel da arte franceza, que invadira a Italia, pelo norte e pelo sul, com os artistas allemães ou os principes da Normandia e do Anjou. Os seus discipulos, e nomeadamente André de Pisa, contribuiram muito para arrancar a escola velha italiana ao seu trilho já secular.

Giotto inaugurou para a pintura uma era nova na Italia; e a S. Francisco de Assis é que deveu essa gloria. A lenda franciscana que elle pintou no tumulo do Santo emancipou a arte das suas composições hieraticas. Era mister, para representar assumptos contemporaneos, estudar a verdade historica, a fidelidade dos trajos, e a variedade das expressões. Giotto realisou isso, com incomparavel talento; do seu exemplo recebeu a pintura prodigiosa impulsão; discorria Giotto como conquistador pela Italia toda; por toda a parte deixava obras primas e alumnos, e fundava centros artísticos, onde gerações de pintores se iam succedendo umas apoz outras, pintando poemas sublimes em honra de Nosso-Senhor e dos seus Santos; aquelles centros foram Assiz, Florença, Pádua, Napoles, e o Campo Santo, cujas maravilhas ainda hoje nos apresentam a arte christã na sua unidade, e variedade. Para esse notavel movimento contri-

buiram todas as escolas. Simão Memmi, Buffalmaco, Taddeo Gaddi, Lorenzetti, Giottino, e o grande Orcagna, que foi architecto, escultor, e pintor, como Miguel Angelo, mas foi tambem artista muito mais christão



Fig. 171. — S. Francisco de Assiz, acompanhado de outro religioso préga aos passaros que o escutam : « Passarinhos, irmãos meus, com rasão cantaes os louvores de Deus; admirae comigo tudo quanto para bem vosso realisou... » Fragmento do quadro de Giotto, S. Francisco recebendo os estigmas. Século xiv. Museu do Louvre.

do que elle; todos elles augmentam a perfeição da arte, e preparam a época formosissima, que foi a verdadeira Renascença da Italia.

Quem a promoveu foi um Pontifice, que, bem mais que Leão X, mereceu a honra de dar o seu nome ao seu século. Depois do concilio de

Florença, em que a Igreja pacificada recebeu preito do Oriente, quiz Nicolau V erguer a cidade de Roma á cathegoria de capital das sciencias e artes. Para lá convocou sabios, artístas, e Santos; e bem digno era um tal Pontifice, por seus talentos e virtudes, de presidir a tão lusido congresso. Elevara-o a sciencia á dignidade summa; e n'ella viu sempre este Papa o mais seguro auxiliar da Religião. A sua tarefa mais querida era a formação de bibliothecas; a do Vaticano deve-lhe as suas primeiras opulencias; a peso de oiro comprava manuscritos; e nunca se temeu do estudo da antiguidade profana, por saber de raiz, que nunca a historia pode prejudicar a verdade.

Protegeu as artes, restaurou os monumentos de Roma, adornou os templos, e manteve o culto com grande magnificencia até nos ultimos pormenores. Imaginou para o Vaticano um plano agigantado : queria tornal-o o Capitolio do mundo christão; a morte porem veio ter mão em taes projectos; e elle apenas chegou a cavar o alicerce da basilica de S. Pedro. Na hora de comparecer ante o Juiz Supremo, agradeceu-lhe publicamente as aptidões que d'Elle recebera, e que todas consagrára á maior gloria de Deus. Ninguem mais capaz do que Nicolau V para encaminhar o seu século na estrada do progresso, e levar a bom porto o baixel da Renascença.

Todo aquelle movimento intellectual personifica-se em tres artistas, que bem lhe explicam as vantagens e os perigos. Brunelleschi, pelo seu profundo estudo dos monumentos antigos, restituiu á architectura italiana o seu caracter nacional. A ogiva apenas fôra uma importação estrangeira; e apesar do talento dos eminentes architectos que a tinham empregado durante os seculos XIII e XIV, nunca produsira edificios comparaveis ás nossas cathedraes de França. Brunelleschi rehabilitou o arco de volta inteira, cuja origem era etrusca e romana. Reconstruiu a antiga basilica de Constantino, e prestou-lhe um lampejo da elegancia e disposição das igrejas da idade media. San-Spirito é já um progresso sobre Santa-Maria-das-Flores, que elle se encarregara de concluir.

A influencia de Ghiberti foi menos felix na escultura, se bem que elle se erguesse á verdadeira perfeição. Emancipou-a demasiadamente das linhas da architectura, e até a deixou confundir-se embrenhada nos dominios da pintura, por causa do relevo e movimento das figuras, pelo esbatido dos planos, e pelos fundos de paisagem que lhe annexava. As

portas principaes do baptisterio de Florença podem diser-se primorosas como composição, e como execução; temos para nós, porém, que os Gregos haviam de preferir-lhes a simplicidade e nobreza dos baixos relevos de André de Pisa, que o Ghiberti forcejou por desbancar.

Nas mesmas pinturas de Masaccio se reconhece o movimento da Renascença. Ao chegar a Roma, pintou o juvenil artista na capella de S. Clemente aquella sabida historia de Santa Catharina, que tem toda a pureza, todas as bellezas, da antiga historia christã; mas o que o deslumbrou foram as maravilhas da antiguidade, restituidas pelo solo fecundo da Cidade eterna; e ao tornar-se para Florença, continuou a capella *del Carmine,* onde o pensamento religioso principia já a esfriar, por entre as preoccupações da forma, e as presumpções do naturalismo. Masaccio foi o precursor, se não o mestre, de Raphael. A sua composição de S. Pedro pagando o tributo a Cesar é uma das que mais admirou, certamente, e estudou, o alumno do Perugino.





Fig. 172. — A Esperança. Fig. 173. — A Força.
Baixos relevos em bronze na porta do baptisterio de Florença por André de Pisa. Século XIV.

Aquelles tres artistas da Renascença, Brunelleschi, Ghiberti, e Masaccio, tiveram como contemporaneo e amigo um santo monge, que nada lhes devia, pelo talento, mas soube manter-se mais fiel do que elles ás tradições da arte christã. Frey Angelico de Fiesole aproveitou-se de todos os progressos que em Florença e Roma tinham conseguido a architectura, a

escultura, e a pintura, na primeira metade do século xv. Quem lhe estuda as producções vê-lhe o talento a desenvolver-se de continuo; mas o seu ideal é que é sempre o mesmo, e nunca as ideias se lhe extraviam por devaneios de vâ gloria. Nada pode separal-o de Christo; nunca a sua pintura deixa de ser um ensinamento, um extase. E' Frey Angelico o modelo, o typo acabado do artista christão.

A RENASCENÇA. — DECADENCIA DA ARTE CHRISTÃ.

Ao affirmarmos que é a Renascença o periodo decadente da arte christã, vamos de encontro a um dos preconceitos mais arraigados na historia. Cita-se o seculo xvi como uma das glorias da Igreja. Deu-lhe nome um Papa; e pareceria obra de impiedade contestar o merecimento religioso das obras de Raphael e Miguel Angelo. Pôr-nos-hiamos porém em contradicção manifesta com todos os principios que formulámos, se não apontassemos para as doutrinas da Renascença como para causas de decadencia artistica.

E antes de mais : que significa esta palavra : Renascença ? Que podia renascer depois do nascimento de Christo ? a verdade ? a justiça ? a moral ? as sciencias ? as artes ? Tinham alguma coisa que invejar os póvos aos tempos antigos ? Pois não tinha o Christianismo allumiado as intelligencias, purificado os costumes, melhorado a legislação, protegido o direito contra a força, e patrocinado a liberdade ? Tinham as sciencias humanas crescido ao calor da sciencia divina; e os mosteiros hombreavam bem com as famigeradas escolas de Athenas e Roma. Tinham reinado Carlos Magno e S. Luiz. Architectura, escultura, e pintura, haviam caminhado muito, até aos fins do seculo xv. Todos os grandes artistas da Renascença eram alumnos dos mestres que os precederam.

Que vem pois a ser essa Renascença, a que Florença deu berço, e os Medicis protecção ? vem a ser o nascimento do paganismo nos usos, na litteratura, e nas artes. Apaixonara-se o espirito humano pelos modelos maravilhosos da antiguidade; e no orgulho que lhe incutiram os seus descobrimentos e progressos, furtou-se a reconhecer a auctoridade da

Igreja. Declarou-se independente, e julgador de tudo. O proprio Christo foi submettido ao livre exame; e, como Platão precedêra o Evangelho, pareceu que era de sabios o preferir Platão.

Foi Christo expulso das leis, da politica, do Estado, da familia, e principalmente do coração do homem, que só quiz ficar senhor absoluto dos seus actos. A doutrina verdadeira da Renascença consiste na independencia da rasão humana, isto é na rebellião contra Deus e a sua Igreja, o que é a heresia mais completa que se pode imaginar, pois resume e auctorisa todos os erros. Essa doutrina produziu, em religião a Reforma, e em politica a Revolução; a sua formula novissima é o racionalismo, tanto em voga hoje em dia.

Com desligar a Igreja e a arte, fez a Renascença com que a arte perdesse as vantagens sem conto, que achara na Igreja. Deixou de ter aquella unidade de crenças, aquella fraternidade de esforços, aquella communidade de typos e symbolos, que eram fiadores do seu poder e do seu progresso. Isolados seguiram os artistas as suas inspirações pessoaes; e como armavam antes de mais nada aos haveres e á gloria, serviram os principes que lhes podiam dar gloria e oiro. Era então consideravel a corrupção dos costumes; e a protecção dos Medicis, e dos devassos florentinos, tinha de arrastar os artistas a um pendor fatal; por isso levaram elles a pontos de idolatria a sua paixão da antiguidade pagã.

Houve um grande homem, um santo monge, que intentou oppôr-se ao mal, e arcar com a Renascença; sustou-lhe por um pouco os impetos, graças a victorias portentosas; mas a final succumbiu, e coube-lhe a gloria de ser martyr da arte christã. Ainda a historia não fez inteira justiça ao monge Savonarola; ainda o não vingou das honras que lhe quiseram tributar os protestantes, erigindo-lhe estatua como precursor de Luthero. Ninguem foi mais puro do que elle na sua doutrina; ninguem, pela austeridade do seu viver e da sua moral, se oppoz mais efficazmente aos principios da Reforma. Combateu por todos os meios o relaxamento dos costumes, e a influencia fatal dos Medicis. Foi prodigiosa a sua acção sobre Florença. Durante annos foi elle o seu apóstolo, e o seu senhor; fez lá reinar Jesu-Christo, e para gloria d'elle organisou as mais bellas festas artisticas.

Percorra o meu leitor, na obra do Sr. Rio, as paginas admiraveis, em que o autor narra o drama sublime do pobre Dominíco, a sua estreia

tão poetica no convento de S. Marcos, as suas prédicas em Santa-Maria-das-Flores, as suas theorias estheticas, as suas reformas em litteratura, musica, e artes, os canticos e procissões que organisou de creanças e donzellas, e os triumphos que alcançou do paganismo em nome do genio christão. Viu a praça publica da virtuosa Florença accenderem-se fogueiras, cujas chammas consumiram, ao som do *Te Deum*, as obras impuras dos poetas da Renascença, os estudos do nu, os idolos ressuscitados, e os atavios das devassidões. Poderá alguem acoimar de vandalismo a Savonarola quando tinha por amigos e admiradores os mais formosos genios, e os maiores artistas do seu seculo, taes como Pico de la Mirandola, Angelo Policiano, Guicciardini, o architecto Cronaca, os escultores della Robbia, Boticelli, Lourenço di Credi, Ghirlandajo, o Perugino, Miguel Angelo, e Baccio della Porta, que se fez depois Frey Bartholomeo, para ir prantear, no claustro onde o conhecera, o celebre Dominicano?

A fogueira de Savonarola, accendeu-a a vingança dos devassos e argentarios de Florença, cujos vicios e usuras elle condemnara. Derribados os diques, seguiu a torrente o seu caminho natural. A direcção da arte pertenceu aos Medicis; continuou a haver artistas christãos, mas deixou de haver arte christã. A Renascença foi sentar-se no throno pontificio, com Leão X; e a Curia romana tomou-lhe o gosto e a linguagem (Cesar Cantu, disc. IX). A propria lithurgia se ressentiu de tudo isso. Foi certamente essa uma das mais duras provações da Igreja, e mais para temer que a perseguição; foi nova demonstração da efficacia das divinas promessas, porque em nada alterou a pureza e santidade da doutrina, e antes serviu de pretexto á chamada *Reforma*, e falsificou para longos séculos os principios verdadeiros da arte.

A esthetica da Renascença ainda hoje é a nossa. Do verdadeiro e do bom separamos o bello, quando o bello só deve ser a forma do bom; e seja qual fôr o assumpto, nós só exigimos do artista perfeição no desenho e graça no colorido. Quando applica esses predicados a algum assumpto religioso, chamam-lhe logo artista christão; e muita vez elle deixou-se ficar de todo estranho aos pensamentos sãos que devia expressar. Os erroneos juizos, acerca dos artistas da Renascença, é que são o maior dos obstaculos á renovação da arte christã. Por isso, ousaremos contestar os juizos geralmente assentes pela opinião acerca de Raphael e Miguel Angelo.

Quanto a nós, é Raphael o genio da pintura humanado, o artista de

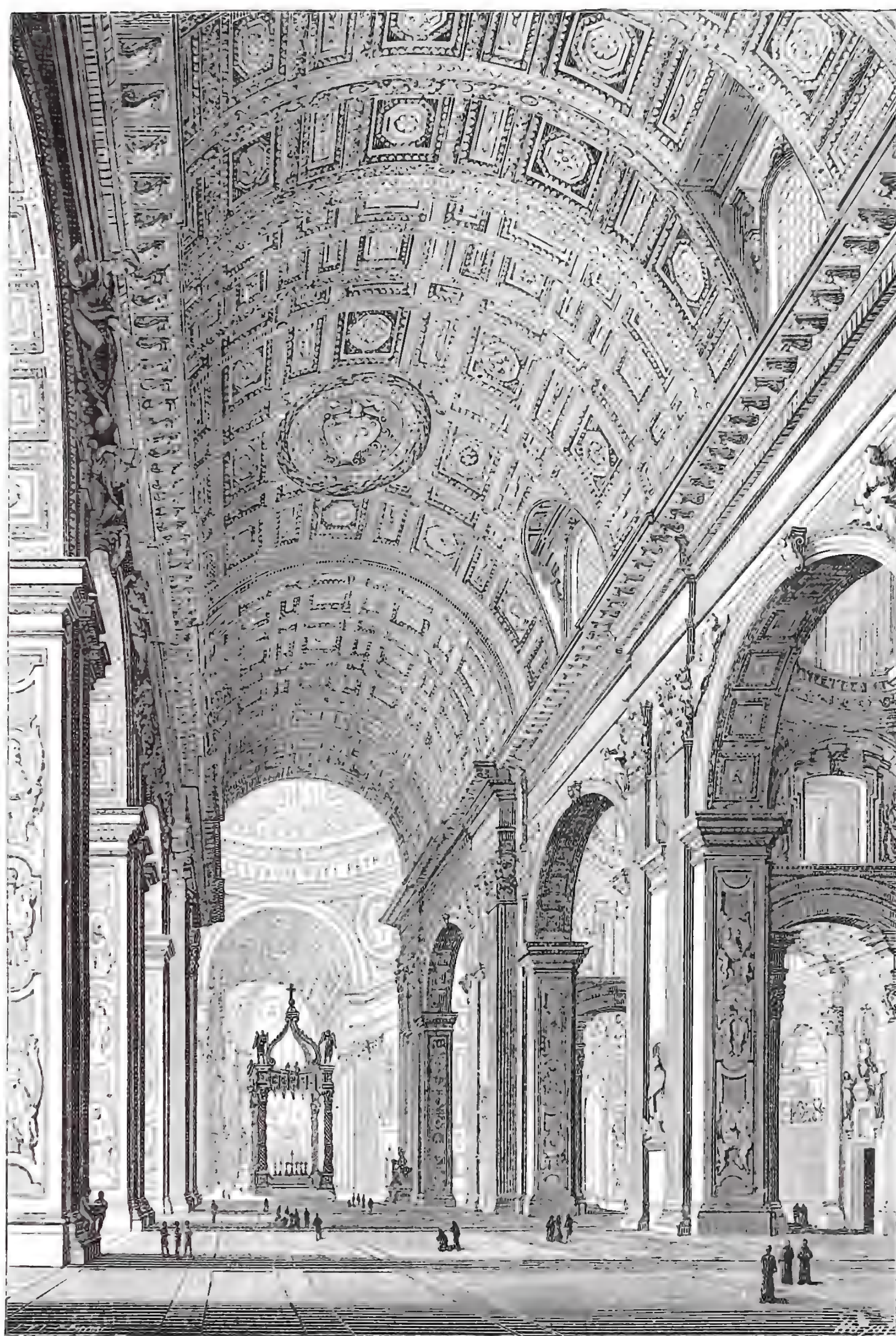


Fig. [illegible] — Architectura da Renascença. Interior da basilica de S. Pedro em Roma. Seculo XVI.

mais admiraveis dotes que talvez nunca existisse. A sua intelligencia, summamente delicada, abrange logo a belleza de todas as coisas, e assimila em si o que nos outros vê. Raphael estuda o Perugino, Leonardo de Vinci, Frey Bartolomeo, e Miguel Angelo, para os exceder a todos pela pureza do desenho, pela sciencia do colorido, e pela nobreza da composição. Ninguem melhor do que elle se compenetrou da arte antiga, e lhe tomou a sobriedade, o commedimento; por forma que é impossivel dizer que predicado faltou a Raphael. E comtudo, se na sua vida, tão curta e tão fecunda, o seguimos com a vista, nunca vemos que reuna em si as condições essenciaes ao artista christão.

De uma tal asserção hão de discordar, é certo, os que teem a escola umbriense pela escola mystica por excellencia. Para o provar, teem-se escrito paginas poeticas, mas pouco justas. O que é em pintura o mysticismo? é a expressão das ligações sobrenaturaes da alma com Deus, o irradiamento do amôr que infundem em nós as meditações da oração, o que quer que seja finalmente do ideal supremo avistado nos arroubos do extase. Pode haver pinturas mysticas na antiga escola, em Senna por exemplo, e nas cellas do convento de S. Marcos; na escola umbriense é que não.

Escassa, e pouco homogenea é a escola umbriense. O Perugino, seu mais illustre representante, formou-se em Florença na officina de André Verocchio; e o seu condiscipulo Leonardo de Vinci é que lhe insinuou a graciosa suavidade do seu talento. Recebeu a tradição da antiga escola, mas amesquinhou-a nas suas composições, com a sabida elegancia academica de posturas, e um requebrado nos pormenores, que lembram as côrtes de Urbino e Mantua. Não se limitou a assumptos religiosos; deixou-se arrastar até ao campo das fabulas, e ás nudezes mythologicas, como attesta o seu singular quadro do Louvre : *Peleja do amor com a castidade.*

A melhor maneira de aquilatar um artista christão, é estudar-lhe as Madonnas, pois que a Virgem e o Menino Jesus devem ser os typos mais completos do divino ideal. As Madonnas do Perugino são encantadoras; mas produsem em nós mais meditação, que oração; aquelles lindos rostos, aquelles olhos rasgados, prendem-nos ao Menino, que já mostra os graciosos meneios de sua mãe. Os Anjos e Santos que andam de roda, tambem pertencem á familia; aquillo já não são as Madonnas majestosas da primitiva escola, nem as pudibundas Virgens da escola mystica de Senna.

Mais formosas ainda que as do Perugino são as Madonnas de Raphael, porém menos christãs. Para vencer ao mestre despede o alumno os motivos tradicionaes, e busca pelo variado das suas composições expressar todas as graciosidades e lindezas de que se compõem uma mãe juvenil, e uma creança. Não vemos a Mãi de Deus a adorar o Filho, e a offerecel-o ás adorações humanas; é a simples mãe, radiante de ventura e paz, a contemplar o seu menino, e a velar por elle cheia de ternura. As Virgens de Raphael são, não ha duvidal-o, o seu maior titulo de gloria; não vejamos n'ellas porém o pensamento piedoso, que esse não o teve o artista; o seu fito foi a formosura, mas nunca a santidade, que é a belleza sobrenatural.

Raphael será religioso nos seus grandes poemas do Vatícano? Ahi encontraram tambem os escriptores, que fallam da arte sem a comprehenderem, altas inspirações piedosas, e incomparavel saber theologico. Para a composição das *Stanze* recebeu certamente o pintor conselhos dos doutos da curia romana, e d'elles se utilisou com admiravel pericia. Ha n'aquellas paginas historicas, não só engenhosas allusões aos successos contemporaneos, senão até nobilissimos conceitos christãos; mas a theologia de Raphael parece-se muito com a figura que elle representou no tecto da sala primeira: é mais poetica, do que profunda; e a scena em que ella campeia não revela um conhecimento muito entranhado dos divinos assumptos. *Divinarum rerum notitia.*

Ha quem tenha querido fazer da *Contenda do Santissimo Sacramento* a summa theologica da pintura. O artista só seguiu com a maior liberdade o programma que lhe fôra traçado. A parte superior é a mais bella, por se aproximar muito mais das tradições da escola antiga. Entre a Virgem e S. João Baptista, aquelle Christo, medianeiro e pontifice, já se encontra nos quadros dos antigos mestres, e nos tympanos das nossas cathedraes; mas é preciso muito engenho para justificar a escolha dos Santos que avultam no céo, os seus logares, as suas posturas, as suas expressões. Os grupos da parte inferior do quadro são dispostos com muito acerto; comtudo é evidente que o alvo principal do artista foi a belleza das linhas de composição, e que se não preoccupou muito com o assumpto. Temos para nós que muito melhor se saíu Raphael na sua *Escola de Athenas*, e no seu *Parnaso*, onde não eram indispensaveis as inspirações religiosas. As *loggie* são admiraveis improvisos sobre a Biblia; o Testamento Ve-

lho acha-se ahi muito mais bem tratado do que o Evangelho, por offerecer scenas mais variadas e pittorescas. Porque molduraria Raphael aquellas composições com os devaneios mais pagãos que é dado conceber? Os Amores, Venus, os Satyros, e as Nymphas, estão ali a representar a invasão da Renascença.

Quererá alguem encontrar o artista christão na Farnesina, no autor do *Festim dos deuses,* e do *Triumpho de Galathêa*? Certo é que apparecem n'essas pinturas qualidades plasticas novas; mas tambem se pode descobrir n'ellas real decadencia no conjuncto d'aquelle talento; decadencia, que, a nosso ver, mais apparece na *Transfiguração,* que a morte do autor impediu se concluisse. Tres séculos ha, que todos repetem ser este quadro a obra capital de Raphael, o seu canto do cysne. Pois nós aventuramonos, talvez com o risco de nos vermos sós, a dizer que é defeituosa a composição, e atrairia criticas severas se fôsse de outro qualquer artista: faltalhe a unidade, a verdade historica, e na parte superior até o estylo e a magestade. Pelo que respeita á parte inferior, ha n'ella uma confusão e mistura de pessoas, que em nada se justifica. Pôz o autor mira em pintar bellos episodios, e panejamentos largos. Vê-se a arte possessa do demonio da Renascença, e só Christo a pode exorcismar.

Todos os requisitos para erguer ao auge da perfeição a arte christã, possuia-os Raphael; mas faltou-lhe a grande tradição de Giotto, e a pureza do pintor de Fiesole. Deixou-se arrastar pela corrente do seu século, enlevado na idolatria da forma e no culto da antiguidade pagã. O seu talento incomparavel consagrou com obras primaciaes a ausencia das inspirações religiosas. Seguiram-n'o os seus discipulos n'aquella fatal vereda, e ninguem dirá que fôsse isso um progresso para a arte.

Miguel Angelo, esse em nada se parece com Raphael; ficou unico em toda a historia da arte. Aquelle genio solitario e silvestre era, como demonstram a sua vida e os seus versos, um christão convicto; e comtudo, não ha relações verdadeiras entre as suas crenças e as suas obras. Comprehendia e admirava a escola de Giotto e de Orcagna, mas ninguem lhe fugiu mais do que elle. O seu talento criou-se no jardim dos Medicis, onde estudou as estatuas antigas; o que porém mais o enlevou foi a anatomia. Appareceu-lhe o bello no corpo humano, e o seu ideal foi o nu agigantado. Só tratou assumptos religiosos, mas deu musculos athleticos aos anjos, aos demonios, ao mesmo Christo.

A sua obra de mais cunho, o *Juizo final*, da capella Sixtina, chegou a parecer mal ao Aretino, que todo se rebella contra uma tal profanação de um logar sagrado, e pede ao Summo Pontifice acabe com ella. « Pois será possivel, escrevia o Aretino, que vós, ó grande Miguel Angelo, tivesseis querido ostentar tamanha impiedade religiosa casada com tal perfeição artistica ? Será possivel que vós, tão superior aos homens, que até os não quereis frequentar, produzisseis obras d'aquellas no templo de Deus, no altar de Jesus, na capella mais illustre do mundo, em sitio onde os Cardeaes da Igreja, onde os sacerdotes mais veneraveis, onde o proprio Vigario de Christo, confessam, contemplam, e adoram o corpo divino, o sangue e a carne de Deus ? Melhor cabia isso n'uma sala de banhos, do que perante assemblêa tão augusta. Pois as nossas almas não estão mais sequiosas do sentimento da piedade, de que de difficuldades de desenho ? Digne-se Deus de inspirar pois a Santidade de Paulo, do modo como inspirou a Beatitude de Gregorio, o qual preferiu privar a grande Roma das suas soberbas estatuas antigas, ao perigo de ir diminuir, por causa do bem acabado d'ellas, o respeito dos fieis ás humildes imagens dos Santos (CESAR CANTU). »

Foi desastrada a influencia de Miguel Angelo; e não prejudicou tão somente a arte christã; prejudicou tambem a arte da Renascença. O que mais a corrompeu foi elle, pelas suas excentricidades inimitaveis, tanto em pintura e escultura, como em architectura. Aquella sua capella Sixtina é um prodigio de atrevimento e um assombro de desenho. Principalmente a abóbada é de um effeito inconcebivel; conseguiram os Titães escalar o céo. Mas aquelles prophetas, aquellas sybillas, aquellas figuras nuas, de todas as idades, e em todas as attitudes, vão de encontro, a despeito do seu merecimento, a todas as leis do bom gosto. Tudo foi sacrificado áquelles impetos do genio : dimensões do edificio, linhas perspecticas, e até os formosos frescos dos pintores de Florença e Peruggia, ultimos arrancos da escola christã na Italia. Igual exageração apresentou Miguel Angelo na escultura. Que bellezas não se esquadrinharam no seu *Moisés*, que é mais o transumpto do autor, do que o do chefe do pôvo de Deus ? ! Que louvores se não prodigalisaram ás suas estatuas tumulares, destinadas a templos, mas que nem sequer em sepulturas pagãs diriam bem ! Na architectura tambem foi Miguel Angelo causa de decadencia pela sua preoccupação do collossal, pelos seus arcos abatidos, e os seus

pormenores demasiado visiveis. Arrastou os artistas de toda a parte, e inutilisou os que intentaram imital-o.

A Renascença não só sequestrou a arte ás inspirações e tradições religiosas; fez mais : tirou-lhe a unidade e o poder. Na idade media, como nas eras de Phydias, foi o artista ao mesmo tempo architecto, escultor, e pintor, pois trabalhava, á sombra do templo, n'uma obra completa. Era tanto mais perito em cada um dos ramos da arte, quanto mais a fundo conhecia os restantes. Os grandes artistas da Renascença saíram das officinas christãs do século xv; mas depois d'elles deixaram de existir as officinas. Cada qual escolheu para si uma especialidade, e seguiu as suas inclinações e o que mais rendesse. Dividiu-se a arte; nunca mais a architectura ensinou á escultura a nobreza das linhas e a belleza das proporções, nem a escultura ministrou á pintura a sciencia e o sentimento da forma.

Como já o artista não trabalhava para a Igreja procurou Mecenas entre opulentos e poderosos. O architecto ergueu castellos, em vez de cathedraes; e o escultor substituiu por bustos de principes a multidão de estatuas sagradas, com que adornava a fachada das igrejas. Quem mais teve que fazer, ainda assim, foi o pintor. Teve muitas encommendas de quadros, mas não já quadros devotos, visto que a mythologia vencera o christianismo. O que mais agradava era um paganismo sem ideal; esse dava aso á pintura das nudezes; o nu foi a paixão da Renascença. Os mais sensatos limitaram-se ao estudo da natureza, e ás realidades da vida domestica. As obras d'elles tiveram, quando menos, um encanto verdadeiro, e sem risco. Uma bella paizagem de Claudio Lorreno, ou uma boa scena flamenga, são bem preferiveis ás divindades de Rubens, ou ás bacchanaes de Jordaens.

E' bem curioso ir observando seguidamente a invasão da Renascença italiana na Europa, e os seus diversos resultados. Foi menos desastrosa em França, do que n'outras partes. Soube o nosso genio nacional aproveitar-se dos progressos da arte italiana, sem perder as suas qualidades naturaes. Corrigiu os contras da architectura do século xv, conservando porém sempre a graça e delicadeza da sua ornamentação. Creou os admiraveis solares de Gaillon, Chambord, e Chenonceaux, glorias artisticas da França; mas fraquejou na architectura religiosa. A igreja de Santo Eustachio é um triste especimen da Renascença. O plano e as proporções, tomadas do nosso estylo ogival, desfiguram-se por mil pormenores clas-

sicos, sem relação com o todo. Tambem os escultores trazidos de Italia em 1495 por el-rei Carlos VIII influiram na arte franceza. Os irmãos Juste substituiram no real valimento a Miguel Colombe e seus sobrinhos, que mantiveram a nossa ultima officina christã (fig. 175). Os alumnos igualaram os mestres (se os não excederam), e as estatuas do escopro de João Goujon ou Germano Pilon, poderam rivalisar com as de Benvenuto Cellini.

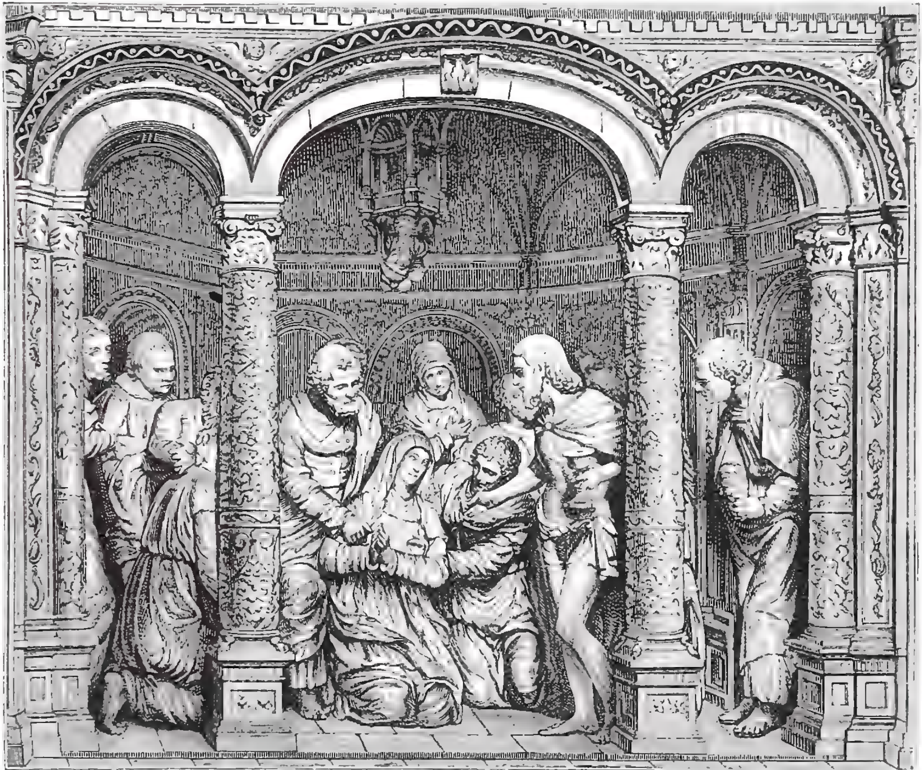


Fig. 175. — Morte da Virgem. Jesu-Christo ministra a communhão a sua mãi. Grupo de pedra na abbadia de Solesme Sarthe). Século xvi.

Aquelle paço de Fontainebleau deu a nossa escola de pintura. Foi paulatino o progresso, mas poude a França ufanar-se, por fim, com dois artistas de nomeada, superiores, sob o ponto de vista artistico, aos pintores da Renascença. Pela sua muita sciencia, e severidade de estylo, excedeu, Nicolau Poussin aos Carraches, ao Dominiquino, e ao Guido, seus contemporaneos. Occuparam-n'o, nas suas composições, mais as regras de arte, do que os sentimentos de piedade; mas tratou sempre os assumptos religiosos com verdadeira intelligencia, e perfeito tacto. Todos os seus quadros foram meditados, e profundamente pensados.

Le Sueur é que é um artista christão, em quem toda a admiração é bem cabida. Ninguem na escola franceza se lhe pode comparar. Com quanto nunca fôsse a Roma, soube assimilar, melhor que ninguem, as qualidades dos mestres italianos, que estudou em quadros e em gravuras. Se nem sempre tem a pureza de desenho de Raphael, e a energia da sua pintura, hombreia com elle em muitos quadros, na *Pregação de S. Paulo em Epheso*, por exemplo, no *Martyrio de S. Gervasio e S. Protasio*, e vai-lhe muito alêm no sentimento religioso. Não é necessario citar a sua *Santa Veronica* e a sua *Descida da Cruz*, que estão no museu; basta mencionar a sua *Vida de S. Bruno*, cujo estylo nobre e sincero o emparelha com Giotto, e com o proprio Frey Angelico de Fiesole, nas suas lendas de S. Domingos e de S. Francisco.

Fallando-se na arte christã, quem esquecerá por ventura a antiga escola flamenga, uma das glorias mais puras, e uma das victimas tambem, da Renascença? Nascera á sombra da cathedral de Colonia, no século xv. Exercitara-se-lhe a infancia no velino dos manuscritos. Mestre Wilhelm e mestre Stephano desenvolveram as qualidades primorosas do seu caracter nacional. Não é já a grande arte da tradição, nem as pesquisas de ideal; é o sentimento christão em toda a sua singeleza, é mais a oração feita em familia, do que a lythurgia ecclesiastica. O artista encontra os seus modelos no seu intimo, e empenha-se todo em que as virtudes dos Santos raiem no rosto da sua mulher e dos seus filhos. Não receia attribuir á Virgem e ao Menino Jesus as scenas de ingenuo bemquerer que no seu mundosinho de casa o acompanham; mas ao menos aquelle seu naturalismo é todo innocencias e pureza. No fundo dos seus quadros alastra-se uma indisivel ventura e paz. Céo todo luz; horisonte transparente; abundancia de pormenores : arvoredo, flores, passaros, a natureza inteira, como que trasida em homenagem ao Creador. Essa escola estende-se nas Flandres, em Gandia, em Bruges, em Antuerpia, que todas então rivalisavam, por seu poderio e opulencia, com as republicas italianas. Pintam os irmãos Van-Eyck as suas obras primas : *A fonte da vida*, e *o Cordeiro triumphante;* Rogerio de Bruxellas os Sete *Sacramentos;* e Memling os quadros do hospital de S. João, e o poema encantador intitulado *o Andor de Santa Ursula*, cujo colorido ainda hoje conserva todo o frescor.

Durante o seculo xv, manteve-se genuina a escola de Bruges, entre as

guerras e o desenfreado luxo dos duques de Borgonha. Os seus pintores iam peregrinar até Roma, mas não se deixavam desvairar, e logravam resistir á paixão do antigo e da mythologia. Só no principio do século XVI é que chegou a Gossart de Maubeuge a influencia fatal da Renascença; augmentou a olhos no reinado tão pouco catholico de Carlos V, e a pintura flamenga renegou então o seu passado, para toda se entregar á servil



Fig. 176. — Banquete servido pelos anjos. Predella da *Corôação da Virgem*, por Fra Angelico, no museu do Louvre. Século XV. — Era tão grande a confiança que S. Domingos tinha na Providencia, diz a legenda, que sentava seus discipulos á meza quanto não tinha nada para lhes dar, e que os Anjos lhes traziam abundantemente o sutento que elles careciam.

imitação da Italia. Francisco Floris, mais que todos, endoideceu por Miguel Angelo, e arrastou os seus patricios na senda nova. D'entre os seus numerosos discipulos, alguns houve que o excederam. Os Porbus, Martim de Vos, e Otto Venius possuiram qualidades notaveis, e trataram com muita mestria assumptos religiosos; não conseguiram comtudo sustar a decadencia que veio a fazer baquear o talento de Rubens.

Todo aquelle, que em Rubens admirar mais dotes que a opulencia da sua palheta, o seu toque firme, e a sua prodigiosa facilidade, pode considerar-se incapaz de comprehender, não dizemos já a arte christã, mas apenas a arte da Renascença. Aquelle fingido fidalgo, que tanto queria á

arte como ao fausto e ás honras, permaneceu muito tempo em Italia, e estudou-lhe os mestres. Julgou imital-os, mas só conseguiu fazer-lhes a parodia. O tumultuoso rutilar do seu colorido em nada relembra a arte, a harmonia, do colorido venesiano. O seu desenho fogoso e tumido é o mais avesso que é possivel á nobreza de Raphael, e ao saber de Miguel Angelo. Intelligencia do bello, nunca a possuiu; o seu ideal foi a exuberancia da carne, e a riqueza das fasendas. Nos seus panejamentos ha toda a flaccidez e nutrição das suas musculaturas; e só nos retratos é que elle sabe furtar-se á trivialidade. Não discutiremos os merecimentos das suas composições profanas, da sua historia mythologica de Maria de Medicis, das suas *kermesses,* e das suas bacchanaes; mas protestaremos sempre contra os quadros religiosos de Rubens. Já presenceámos a admiração ficticia dos viajantes perante as suas obras-primas de Anvers; não podémos participar de tal pasmo, e lamentámos sinceramente os elogios malbaratados a quem assim abusou de tamanho talento. A vulgaridade das figuras chega a tocar as raias da inconveniencia; e tanto o scenario, como as attitudes, a nullidade da expressão, e a singularidade dos trajos, tudo se nos figura verdadeira profanação da arte christã. Foi Rubens o artista que mais falseou o gosto publico da Europa; e se as suas nudezes não conteem perigo para os costumes, é só pela repugnancia que nos causa tão grosseiro materialismo.

A Hespanha, onde Rubens esteve como embaixador, padeceu-lhe a influencia; e sob alguns pontos de vista Murillo é da escola d'elle. Conta-se que certo pintor hespanhol, já de dias, chegando a artigos de morte, tirara do thuribulo apagado de um menino do côro um pedaço de carvão, e com elle desenhara na parede uma cabeça de Christo, como acto da sua fé, e oração derradeira. Aquelle menino do côro foi Murillo, que ali recebia a sua primeira lição de desenho; lição que lhe foi de optimos auspicios. Parece que nas suas primeiras tentativas seguiu as tradições puras da escola christã, e só pintava no principio quadrinhos e pendões para o pôvo e suas confrarias. O encontro que teve com um discipulo de Van Dick fel-o almejar por uma viajata á Italia e a Flandres. Produsiu muitos quadros piedosos, vendeu-os pelas feiras, e expediu-os para a America afim de alcançar para as despesas da jornada. Quando abalou, tinha vinte e cinco annos; mas tendo chegado a Madrid, onde a protecção do seu patricio Velasques lhe abriu as galerias e palacios, em que se colleccionavam os primores da Renascença, encontrou lá, junto ás telas do Ticiano e de

Paulo Veronez, quadros de Rubens e Van Dick. Bastou isso, e ficou determinada a sua sorte. Permaneceu em Hespanha, e veio a ser o grande colorista Murillo.

Pelo estro, pela facilidade da execução, e pela sua assombrosa fecundidade, assemelha-se Murillo a Rubens; mas é-lhe superior pelo encanto do colorido, e pelo emprego christão do talento. Como homem, era sinceramente religioso; nem a fé hespanhola haveria acceitado de boa mente as devassidões pagãs do pintor flamengo. O pincel de Murillo comprouve-se de preferencia nos assumptos banhados de luz. Os raios do sol foram o seu enlevo; ahi encontrou elle os cambiantes mais deliciosos, e os effeitos mais raros. Serve-se do sol para todos os assumptos: mendigos, aleijados, fidalgos, hespanholas nos seus balcões, monges na oração, paisagens, flores, animaes, tudo lhe serve para fazer rutilar o colorido. Até com as realidades mais vulgares encontra elle meio de ostentar o seu talento. Improvisa tambem, inundados de luz, um sem numero de quadros religiosos; e custa-lhe, apesar da sua facilidade incrivel, a contentar todas as igrejas e todos os mosteiros que lhe fazem encommendas.

A piedade de Murillo não é a do santo monge de Fiesole, que pintava de joelhos, e a chorar de amôr, os seus Christos e Virgens; é a piedade do hespanhol, que atavia as suas Madonnas á moderna, e vai bailar, todo devoto, nas procissões do Santissimo Sacramento. Ha tambem que notar uma coisa : as suas Virgens e os seus Santos são menos religiosos, que os personagens que lhes estão de roda. Não tem visões do céo, nem se atreve a pintar as figuras terrenas; mas expressa com energia a fé que anima o rosto dos que o rodeiam. Ás suas Virgens, principalmente, falta muita vez certa pureza e nobreza de expressão, attitude, e trajo. Os seus anjos grandes recordam os da Renascença; e os cherubins infantis com que povôa as nuvens, dão a lembrar, por causa das azas, os Amores do Albano. E no emtanto, é Murillo bem mais religioso que Rubens. Não ha nos seus quadros sacros, é bem certo, os contrasensos commettidos pelos pintores da Renascença; mas tambem buscarieis n'elles em vão grandes raptos de estylo, ou os modelos do ideal christão. A luz que os allumia nada tem de sobrenatural; e quem visse na sua aliás harmoniosa transparencia os mysticos reflexos do extase, podia acreditar que elle se achava sob a influencia de illuminação interior, como Santa Cecilia, que, ao ouvir melodias profanas, entrava a cantar cheia de piedade no fundo do coração.

A Renascença não prejudicou somente a arte christã, por lhe arrancar as suas crenças e tradições; fez-se, alem de tudo, perseguidora d'ella pela Reforma e pela Revolução, consequencias logicas da sua doutrina, d'onde proveio a rebellião absoluta da rasão humana. Viu o século XVI renascer a furia dos iconoclastas. Não se limitaram os protestantes a espedaçar as imagens; derrubaram monumentos. Quem podera contar os destroços causados por elles na Allemanha, as maravilhas que aniquilaram nas Flandres? W. Cobbett, cujo testemunho nada tem de suspeito, narrou o saque das abbadias e bibliothecas, na Inglaterra, e o que ficaram devendo as sciencias e artes a Henrique VIII, o cynico algoz, e á sua digna filha, a *rainha virgem* Izabel. Os huguenotes, em quanto duraram as guerras civís que elles em França fomentaram, saquearam templos, queimaram reliquias, e mutilaram estatuas; taes proezas fôram porém muito excedidas pelos revolucionarios de 93, em quanto reinaram o atheismo e a deusa Rasão. Que de igrejas arrasadas! que de castellos incendiados! que de obras-primas aniquiladas! Nunca houve invasão de barbaros, que tanta assolação causasse; pois essas assolações são obra da Renascença, visto serem a consequencia do seu principio, que é a negação da auctoridade de Deus e da Igreja.

E a arte christã? dar-se-ha que perecesse entre os escombros? é mister que nos limitemos a admiral-a no passado, sem esperança de a vermos renascer lá para o porvir? Não queremos crer em tal; e desde já podemos addusir provas da sua vitalidade.

Com effeito, que vem a ser este movimento universal do espirito publico, ha quarenta annos empenhado em recondusir os estudos para os monumentos e as tradições da idade media, que pareciam aniquilados pelo sinistro espirito damninho do século passado? Não será isso já a acção divina subjugando a historia e a sciencia, e obrigando-as a prestarem testemunho contra si proprias, a proclamarem a verdade, e a refutarem os embustes propalados em nome d'ellas? E' de certo; e por isso podemos dizer que a archeologia está para a arte, assim como a philosophia está para a religião: o *pouco* afasta d'ellas; o *muito* aproxima.

Vão as nações catholicas e as protestantes arrastadas na mesma corrente. Pois os pintores que illustraram a nova escola allemã, não partiram acaso de Lubeck e Franckfort para Roma? e não foi nas basilicas e nos claustros que receberam as noções da grande arte, e os clarões da fé catholica? Pois

não veio a Inglaterra, por sua vez, estudar e reconquistar, na Normandia e na Ilha de França, a mesma architectura christã, que outr'ora de nós recebera, e que hoje torna a florescer n'aquelle solo tanto tempo inculto? Na ordem theorica, litteraria, e scientifica, estão na brecha amigos e inimigos, tudo a pesquisar as ruinas do passado, a interrogar os tombos, a recolher os minimos resquicios escapados á rapina, ao fogo, e ao camartello das revoluções. Hoje em dia todos esses fragmentos são disputados, comprados a peso de oiro; dir-se-hia que o progresso moderno anda cioso de desbancar o enthusiasmo dos artistas e magnates do século XVI.

A arte da idade media, tão descomprehendida e ludibriada no século XVII, aquella arte cujos vestigios ultimos o século XVIII timbrava em obliterar, aquella arte tão profundamente christã, foi no nosso tempo glorificada e preconisada pelos proprios que menos comprehendiam o mysterio da sua belleza immortal. Voltaire, enumerando os monumentos da cidade de Pariz na sua historia do século de Luiz XIV, supprimira Nossa Senhora. Os seus discipulos, pelo contrario, fôram os que primeiros emprehenderam a monographia de tão notavel cathedral, e os que mais concorreram para a sua restauração. Bem se pode affirmar, que os sabios da Renascença não apresentaram mais zelo em conservar as obras da antiguidade idólatra, do que os archeologos contemporaneos nossos em rehabilitar os monumentos da civilisação christã.

Aquelle immenso lidar não devia ficar infructifero; por isso tambem vimos em poucos annos germinar e reflorir, no solo devastado da França e da Inglaterra, e na propria America, e até nos confins da Asia, uma vasta vegetação artistica, que entre os vendavaes da Revolução e da Reforma se tinha como que mirrado. Onde parecia desraizado o tronco, surgem rebentos novos; a seiva torna a subir, e a assegurar ás gerações novas os beneficios da sua fecundidade inexhaurivel.

Sem sairmos d'aquella Roma, que foi berço da arte christã, perguntaremos se deve ser tido em pouco o descobrimento do *Emporium*, que franqueou a Pio IX os marmores que os ultimos Cesares tinham accumulado, e destinavam a templos e palacios, que Deus não quiz se construissem? Porque tinham escapado aquellas pedreiras a todas as pesquisas anteriores? Aquelles padrões derradeiros da civilisação pagã jasiam, comtudo, quasi á flôr do solo ás abas do Aventino. Aguardavam o dia e a hora predestinados ao seu mysterioso emprego. Hoje são tributarias de S. Pe-

dro. Pio IX, o glorioso captivo do Vaticano, possue os marmores do Emporium; e aquelles marmores transformados parecem multiplicar-se-lhe entre as mãos. Distribue-os pelos bispos, pelos missionarios, pelos peregrinos do antigo e do novo mundo; e aquellas pedras, gravadas com o sello pontificio, vão lá ao longe adornar altares, e formar o envasamento de innumeraveis sanctuarios. Aquella consagração, renovada desde os tempos primitivos, não será um como presagio de renascimento para a arte christã? não poderá reputar-se um como symbolo da perpetuidade da missão divina?

Sim; vae chegando ao seu termo a era das pelejas e incertezas. Já a sciencia reconstituiu o fio das tradições; as suas buscas profundissimas cavaram um alveo, por onde o grande rio da existencia tem de encaminhar outra vez o seu curso. Já a crença arraigada dos póvos subministra á arte inspirações novas. Não paga de restaurar, acrescentar, e multiplicar igrejas, a renascente piedade exige á architectura novos monumentos. Na campa de muitos santos e martyres, que viu o nosso século; nas montanhas onde apparições celestes espertaram a fé nas almas pias; hão de á porfia a escultura e a pintura debuxar e glorificar, não só a vida de Christo, desde o humilde presepio de Belem, até ao cume do Calvario, mas tambem as suas conquistas, e os seus beneficios, desde as maravilhas de Pentecostes, até ás orações que a Igreja dirige ao Sagrado coração de Jesus para obter a salvação de Roma, e da França.

E. Cartier.



Fig. 177. — Segundo uma miniatura d'um Apocalypse do século xiii. Biblioth. do Sr Ambr. Firmin-Didot.

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO



JESU-CHRISTO é Filho unico de Deus. E' elle o poder, a sabedoria, o esplendor increado do Increado. E' Deus da terra e do Céo, Rei eterno, poderoso como seu Pái, e consubstancial com elle na indivisivel Trindade. Por um mysterio, que excede todo o entendimento, mas satisfaz a rasão, concedeu-o Deus ao mundo, e ao concedel-o, offereceu-se tambem elle proprio. Esse Jesus assim outorgado é Filho do Homem, e Filho de Deus; Homem, e Deus a um tempo : Homem, nascido sob o jugo da Lei; Deus, para consummar e cumprir a Lei; Homem, para servir; Deus, para emancipar; Homem, para vergar ao peso da carga; Deus, para vencer; Homem, para morrer; Deus, para triumphar da morte. E é tal aquella maravilha, que os olhos do nosso espirito conseguem ver a divindade atravez da humanidade; o poder creador do mundo e vencedor do inferno, a travez d'aquella debil entidade que a nequicia humana pregou na cruz. E' Jesus um ser divino composto de duas bem diversas naturezas : divina, e humana; uma, increada; a outra, creada; uma, eterna; a outra, temporal. Graças a tal obra, a tal milagre, vive Deus no homem, e o homem subsiste em Deus; e em Jesu-Christo se encontram sempre Deus, e o homem.

Nasceu, porém de uma virgem. Não é mais que um pobre menino desvalido, n'um bercinho que nem é seu; sim; mas quem o annuncia é uma estrella; saudam-n'o os Anjos n'um cantico onde se encerra toda a sabedoria; bemdisem-n'o os Santos; os próceres da sciencia correm a adoral-o; e estremecem os tyrannos. Põe-se em fuga, mas acompahando de custodios invisiveis. Vive humilde, porém soberano senhor de tudo; vive enfermo, porem basta-lhe a palavra para sarar enfermos, ressuscitar mortos, expulsar demonios, supitar a seiva das plantas, e dar ordens aos elementos. Paga o tributo, mas é tornando o mar seu feudatario. Padece na cruz, mas á hora prevista, e do modo como elle mesmo determinou. Expira, mas o centurião vem a reconhecel-o no madeiro infamante onde fallece, como tambem já os pastores e Magos o haviam reconhecido no presepio onde nascera. Sepultam-n'o, e elle proprio arreda a lagea que o encobre, e sae vivo.

E' elle Deus? é elle homem? Em tamanhas humilhações, em tamanho padecer, em tamanhas miserias, onde está Deus? e em tamanhas maravilhas onde está o homem? Em parte nenhuma se acham isoladas, nem a parte divina, nem a humana. Tão acertadamente ligou Jesus a ambas ellas, que o separal-as é tornal-o a elle inexplicavel. A não ser Deus, não passa de um impostor; a não ser homem, ficou inconcebivel a obra divina, e a propria divindade desapparece. Só Deus explica o homem; só o homem explica a Deus; e o que avulta é o Homem-Deus. No Homem-Deus tudo é logico, tudo é o que deve ser, tudo é divindade. Elle em tudo excede os limites da rasão humana; em parte nenhuma porém os transgrediu; fal-a pasmar, porém não lhe põe medo.

Compendiando a doutrina de S. Leão, Papa, deu o Papa Santo Hormisdas a certo imperador esta formosa explicação do mysterio das duas naturezas de Jesu-Christo:

« Deus é Trindade, isto é Padre, Filho, e Espirito Santo; e comtudo Deus é Uno. *Fica sabendo, Israël: o Senhor teu Deus é o Deus Uno.* Qualquer outra doutrina tem um dos seguintes resultados: ou dividir a divindade, e admittir a louca impiedade pagã da pluralidade dos deuses; ou attribuir o padecimento á essencia mesma da Trindade, e logo suppôr susceptivel de dôr a impassivel natureza divina.

« A Santissima Trindade é um Deus só, que se não multiplica numericamente, não augmenta por forma alguma, e não pode padecer secção.

O mysterio da eterna substancia, inaccessivel á mais elevada das naturezas invisiveis, não forcejemos submettel-o a leis humanas. Adoremos a incomprehensivel e ineffavel substancia da Trindade, Padre, Filho, e Espi-

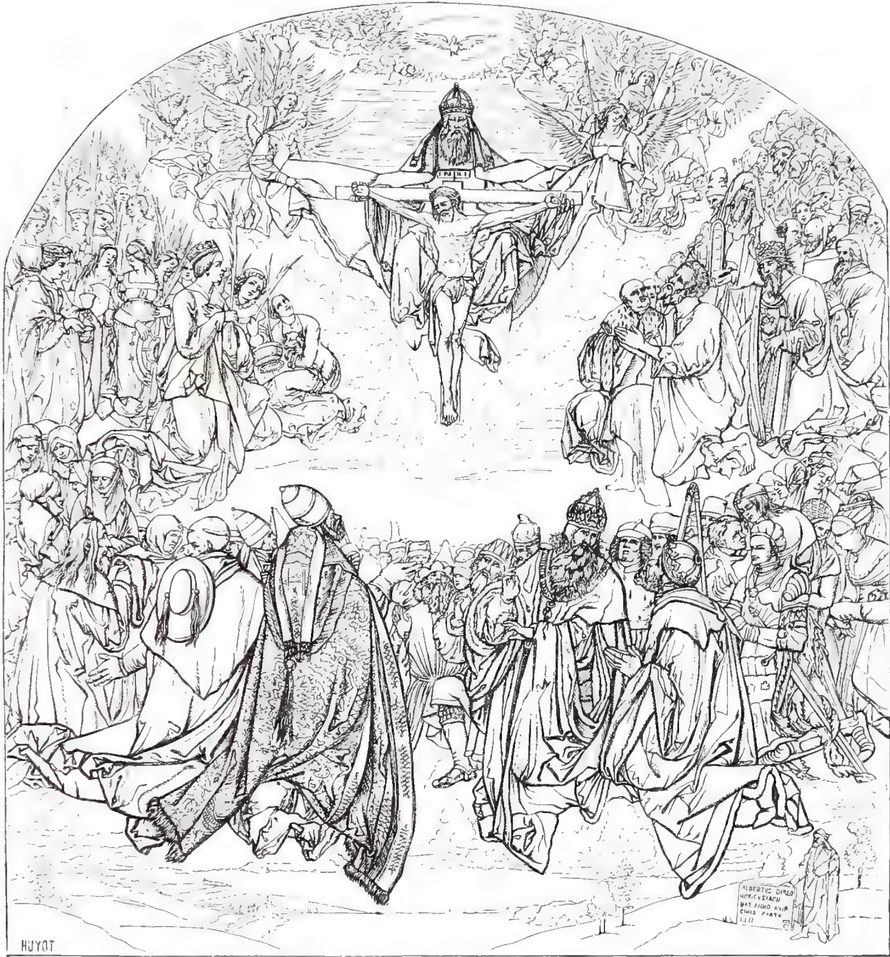


Fig. 178. — A Trindade. Em tôrno do Pái, do Filho, e do Espirito-Santo se aglomeram os Anjos orando prostrados, ou trazendo as insignias da paixão, com a multidão dos Martyres, e dos santos da Antiga e da Nova Lei. Mais em baixo vê-se á direita o Imperador, o Rei o cavalleiro, todos os membros da sociedade secular, até ao mercenario; á esquerda o poder espiritual tem por representantes o papa, o cardeal, o bispo, o abbade, os frades e as freiras. — Quadro de Albert Dürer (1511), no museu imperial de Vienna.

rito Santo, onde a distincção subsiste na indivisibilidade, onde a Unidade impede toda a divisão da essencia, com quanto as pessoas impliquem numero; e façamos por conceder a cada pessoa o que a individualisa, sem tirar a alguma d'ellas a divindade, e sem referir á Essencia o que só é peculiar de uma ou outra.

« Deus Padre, Deus Filho, Deus Espirito Santo! Trindade indivisivel; incomprehensivel mysterio! Comtudo sabemos que o Padre gera o Filho; que o Filho de Deus nasce do Padre, e é seu igual; que o Espirito Santo procede do Padre e do Filho na unidade de uma substancia identica. Aquillo que diz o Evangelista, *o Verbo fez-se carne, e habitou comnosco* é tambem attributo do Filho de Deus. Assim pois, nas entranhas da Santissima Virgem Maria, virgem e Mãi de Deus, achavam-se unidas sem confusão as duas naturezas. Aquelle que desde todo sempre era já Filho de Deus, tornava-se ali filho do homem. Nascia em praso proprio, de uma mãi como tiveram os outros homens, mas sem rasgar o seio de sua mãi, e deixando-lhe intacto o sêllo da sua sacratissima e perfeitissima virgindade; mysterio bem de veras digno do nascimento de um Deus! Pois não havia de nascer immune de toda a macula humana, Aquelle cuja concepção se dava sem intervenção terrena, Aquelle que tudo conservava quanto lhe provinha de seu Pái celestial, e offerecia aos homens quanto herdara de sua abençôada Mãi?

« Deitadinho no presepio, lá estava elle ao mesmo tempo no Céo; envolto nas faixas, adoravam-n'o as milicias celestiaes. Ainda menino, ensinava uma doutrina sobrehumana, e manifestava o seu poder por mil prodigios divinos. Deus e homem, tudo a um tempo, não por adjuncção, mas por ser elle proprio Filho de Deus. Deus, e homem; isto é: força, e fraqueza; humildade e magestade; vendido, e redemptor; crucificado, e senhor do reino dos céos; vestido da nossa enfermidade até ao ponto de padecer morte, e tão cheio do divino poder, que lhe foi dado ressuscitar. Por ter querido nascer homem, foi sepultado; por ter permanecido semelhante a seu Pái, ressurgiu. Com ser elle um dos mortos, conseguiu reanimar os que jasiam feitos pó nas suas campas; não largou o seio de seu Pái, e desceu aos infernos; expirou conforme a lei commum a todos os homens, e reassumiu a alma pela sua essencia de Deus.

« Que isto assim é, ensina-o, e attesta-o o proprio que o executou. Não querendo Elle que o vermol-o padecer nos induzisse a duvidar da sua divindade, e não querendo tambem que o esplendor dos seus milagres nos levasse a reputal-o Deus unicamente, e não homem, fez com que nos servisse de ensinamento o comportamento diverso de dois Apóstolos. Pedro com a sua fé comprova-nos que Jesu-Christo é Deus; e as duvidas de Thomaz dão-nos a crer que é homem. Quando pergunta aos Discipulos o

que d'elle julgam os homens, qual é o seu fim, senão provocar a resposta de Pedro : *Sois vós Christo, filho do Deus vivo.* E o louvor que lhe merece essa phrase, inspirada por Deus Padre, acorda em nós a maior fé nas verdades que nos ella vem revelar. Assim tambem, quando, depois da ressurreição, apparece Jesus aos Apóstolos, porque ha de dar-se a ausencia, e logo a duvida de Thomaz ? para que o mundo creia o que o Disci-



Fig. 179. — Jesu-Christo, sob a figura da aguia trazendo a aureola crucifera retira a alma fiel das seducções do mundo; com uma inscripção latina que significa « Qual é aquella que se eleva do deserto, embriagada de delicias e amparada pelo seu bem-amado. (Cant. 5). » Facsimile redusido d'uma gravura do *Cantico dos Canticos*. Século xv.

pulo incredulo verificou, e para que todos os fieis possam reconhecer o que era Jesus, pelo claro testemunho d'aquelle mesmo, cujas mãos lhe tocaram. Não foi para confusão do seu Apóstolo, que o Salvador evidenciou por aquella forma a incredulidade de Thomaz; foi para instrucção de vindouros. Tambem com esse fito, é que o Senhor se acercou dos dois Discipulos que se iam a caminho de Emmaüs, e lá se foi praticando com elles. A ressurreição, já elles a tinham sabido pela narrativa das santas donas ; e comtudo, ainda duvidavam. Para que a incredulidade d'elles servisse de robustecer a fé dos séculos futuros, Jesus, interpretando a Moisés e a todos os prophetas, lhes disse quanto fôra mister padecesse Christo para

penetrar na gloria; e assentou, pelo repetido testemunho dos Livros sagrados, que n'elle se encontram a um tempo as duas naturezas, a natureza humana, attestada pela Paixão, e a natureza divina revelada pela Gloria. »

Nos designios de Jesu-Christo acerca do mundo, identico mysterio se manifesta pela mesma opposição apparente entre o que elle planeia, e os meios que emprega para cumprir o seu querer.

O seu querer é fundar um imperio n'este mundo que dominam as violencias. Nas mãos tem Christo a força, e espedaça-a. Intenta attraír o mundo para si; escolhe para si tudo que os homens rejeitam; é, e chama-se, o Crucificado. A doze ignorantes lega de herança unica uma cruz, e incumbe-lhes que a apresentem ao genero humano; elles obedecem lhe, e triumpham; e isso cumpriu-se em menos tempo do que leva o mais poderoso imperio a aniquilar a nacionalidade de uma povoa qualquer. Caem os idolos; ergue-se a humanidade nova; para um tal milagre bastou a palavra de Jesus. Aquella palavra que elle transmittira aos Apóstolos, e que elles não tinham comprehendido, aquella mesma palavra que escandalisou os Judeus, e escandalisa o primeiro instincto de todo o homem, é, não obstante, como hoje a denominam os Apóstolos, a palavra *da reconciliação,* que tudo concilia e pacifica, o homem com Deus, o homem com o homem, o homem comsigo mesmo. Tudo ella altera na sociedade, nos espiritos, nos corações; todas as trevas allumia; todas as esterilidades logra fecundar. Graças a ella, penetra o Judeu atonito o sentido das Escripturas, cujo mysterio desconsolava os entendimentos; e o Pagão consegue desenredar-se do labyrintho onde os sophismas lhe devoravam a rasão.

Que vida, que luz, que alegria, transluzem no rosto dos primeiros christãos! De ora avante, já o homem sabe para onde vae; já senhoreia o seu caminho e o seu alvo. A palavra do Creador só fizera do homem um homem; o Verbo fez do homem um Deus, e fel-o « participante da divina natureza ». S. Pedro é quem proferiu essa phrase incommensuravel; e o homem acredita-o, e entende-o, o mesmo homem que adorava fetiches e imperadores! E n'essas alturas a que se remonta, torna-se humilde e suave; e a faculdade sublime da adoração, até áquelles dias tão deploravelmente prostituida, desenvolve-se conforme a sua verdadeira natureza, e corôa a terra com a radiosa florescencia dos Santos.



TRIUMPHO DE JESU-CHRISTO NA HUMANIDADE.

(Jesu-Christo, empunhando o sceptro real, esta sentado sobre o globo do mundo. O seu carro é puchado pelos animaes symbolicos dos quatro evangelistas, e pelos quatro doutores da Igreja. S. Gregorio o Grande. S. Jeroymo, Sto Agostinho, e Sto Ambrosio ;
O seu cortejo e formado pelos santos do Velho Testamento, que o precedem, e pelos santos do Novo Testamento que o seguem.
Gravura italiana do seculo decimo sexto reprodusindo uma composição atribuida ao Ticiano. Bibliotheca do Sr Ambroise Firmin-Didot — Esta gravura resume o pensamento de toda a obra, e d'ella é a conclusão.



Adão, Eva e Abel. | OS PATRIARCHAS. Noé. Moysés. Josué. Isaac e Abrahão. David. | AS SIBYLLAS E OS PROPHETAS. | OS SANTOS INNOCENTES. | OS QUATRO EVANGELISTAS. | NOSSO SENHO

OS QUATRO DO

TRIUMPHO DE JESU-CHRISTO NA HUMA

(Jesu-Christo, empunhando o sceptro real, esta sentado sobre o globo do mundo. O seu carro é puchado pelos animaes symbolicos dos quatro evangelistas, e pelos q

O seu cortejo é formado pelos santos do Velho Testamento, que o precedem, e pelos santos do Nov

Gravura italiana do século decimo sexto, reproduzindo uma composição atribuida ao Ticiano. Bibliotheca do Sr Ambroise Firmin-Didot. — Esta



R JESU-CHRISTO.
UTORES DA IGRÉJA.

S. JOÃO BAPTISTA E OS APÓSTOLOS.

OS MARTYRES.
S^to Estevão, S. Lourenço, &a.

OS CONFESSORES.
S. Christovam.

NIDADE.

atro doutores da Igreja. S. Gregorio o Grande, S. Jeroymo, S^to Agostinho, e S^to Ambrosio.)
o Testamento que o seguem.
ravura resume o pensamento de toda a obra, e d'ella é a conclusão.

Ha quem objecte, que, apesar de tanta lida, falta ainda muitissimo para converter. Ha quem aponte, cheio de jubilo homicida, para os muitos que se apartam do gremio da Igreja. Certo é que são muitos; e Deus não faz o que não quiz fazer. Subsiste o livre arbitrio. Aquelle que te creou sem te consultar, diz Santo Agostinho, não te ha de salvar sem tua intervenção. Se te não queres salvar, se porfias em desajudar a Jesu-Christo na obra da tua salvação, não tens de ser salvo; tens de morrer.

A adoração pode dar-se no céo, ou no inferno; o homem que escolha. N'isso é que consiste o livre arbitrio, do qual o orgulho e a estulticia humana não devem pensar que fazem uma dignidade divina, com chamar-lhe a liberdade. Liberdade, só Deus é que a possue; ao homem coube o livre arbitrio; e já é muito; mas não lhe é dado eximir-se a exercel-o. Pode escolher entre bem e mal, céo e inferno. Não ha possibilidade de abstenção; abster-se é já ter escolhido.

Essa livre escolha, sempre concedida ao individuo, é muita vez proposta á humanidade toda. Por um decreto de Deus vê-se ella constrangida a decidir entre Jesus e Barrabaz. A civilisação moderna, fundada na divindade de Jesu-Christo, padece uma temivel crise. Inclinou-se para Barrabaz, e dá ouvidos, de boa mente, aos que lhe intimam que expulse Jesu-Christo. E que ha de succeder, se Jesu-Christo fôr expulso?

Arrancar Jesu-Christo ao mundo é impossivel. O seu mesmo tumulo o guardou vivo. Defraudal-o do throno, tornal-o a pregar na cruz, isso pode elle permittil-o. Ora a mente que chega a meditar um tal crime contra Deus e o genero humano, não quer só arrebatar a corôa aos monarchas; quer conferir-lhes a thiara, o reinado das tres concupiscencias, a thiara de Satanaz. Quem vir Jesu-Christo no Calvario outra vez, ha de tornar a ver Tiberio em Capri, o deus Tiberio, consagrado nos seus templos.

Essa tal divindade porém só ha de durar uma hora; e até então ha de a Igreja erguer-se viva; e durante aquella hora, tambem a Igreja ha de viver, e ha de manter-se a ordem geral da Redempção. Os segredos da misericordia de Christo ficam insondaveis, como o é o seu poder. Tudo que houver de pertencer a Christo ha de chegar a pertencer-lhe. Até ás horas ultimas do mundo, ha de, por alguma forma, aproveitar ao bem do genero humano a sua Redempção. A Redempção lembra aquella corrente de fogo liquido, que sae lá das regiões da zona torrida, e atravessa as frias aguas do mar, na sua mais dilatada extensão. Não se aquenta o mar todo áquelle foco;

subsistem glaciaes vastissimas regiões. Porém, a não existir aquella torrente providencial, tudo gelava, tudo morria. O calor d'ella é que vae mantendo a vitalidade, por onde quer que ainda a vida se manifesta; e sempre que a vitalidade augmenta, que valentes não são as suas conquistas sobre a morte!

E regiões mortas não as ha, para onde não se arrojem animosos os habitantes das regiões da vida, os vivos que ainda entoam o *Credo* dos Discipulos do Senhor e Salvador Jesus.

LUIZ VEUILLOT.



FIG. 180. — A Barca mystica.
Miniatura d'uma *Biblia moralisada,* fonds fr. nº 9561,
na Bibl. nac. de Pariz. Século XIV.

INDICE DAS FIGURAS

I. INDICE ALPHABETICO.

CHROMOLYTHOGRAPHIAS.

GRAVURAS.

II. INDICE CHRONOLOGICA.

ARTE ANTIGA.

ANTIGUIDADES CHRISTÃS.

IDADE MEDIA.

RENASCENÇA E TEMPOS MODERNOS.



INDICE DOS ASSUMPTOS

PARTE PRIMEIRA.

JESU-CHRISTO ESPERADO.

PARTE SEGUNDA.

JESU-CHRISTO VIVO.

PARTE TERCEIRA.

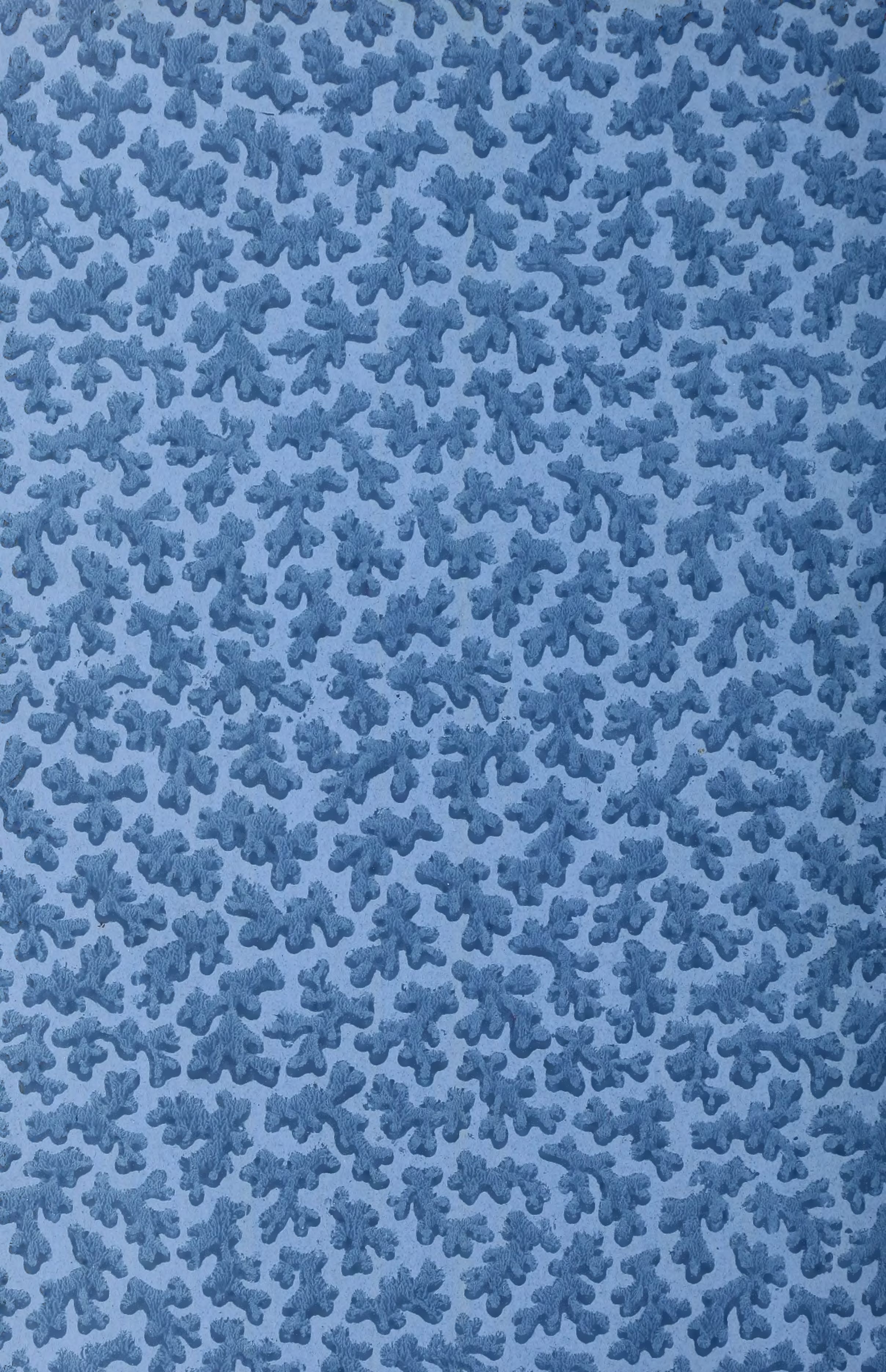
JESU-CHRISTO CONTINUADO NA IGREJA.

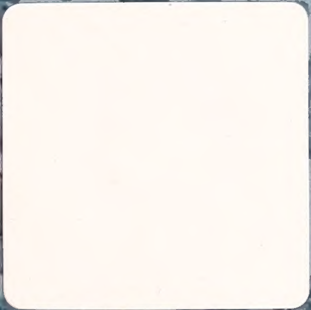
CONCLUSÃO.

INDICE DAS FIGURAS.



Paris. — Typ. de Firmin-Didot et Cie, 56, rue Jacob. — 11807.






GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00041 3316

